Santa Rita, Joaquim de

ACADEMIA
DOS
HUMILDES, E IGNORANTES.
DIALOGO

Entre hum Theologo, hum Filosofo, hum Ermitaõ, e hum Soldado,

No ſitio de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ.

OBRA UTILISSIMA

Para todas as peſſoas Eccleſiaſticas, e Seculares, que naõ tem Livrarias ſuas, nem tempo para ſe aproveitarem das publicas.

SUMMA EXCELLENTE

De toda a Theologia Moral, Filoſofia antiga, e moderna, Mathematica, Direito Civil, e Canonico, de todas as Sciencias, Artes Liberaes, e Mecanicas.

COMPENDIO BREVISSIMO

De todas as noticias do mundo, das ſuas partes, Imperios, Reynos, Cidades, Villas, Caſtellos, Fabricas notaveis, Coſtumes, Ritos, e Leys. Da vida de Chriſto Senhor noſſo, de ſua Mãy Santiſſima, de todos os Santos, Santas, e Veneraveis mais conhecidos. De todos os Summos Pontifices, Imperadores, Reys, Principes, deſde o principio do Mundo, até ao preſente tempo. De toda a Hiſtoria Sagrada, Eccleſiaſtica, e Secular. De todos os ſucceſſos admiraveis, e exquiſitos; e de todos os artefactos, e mecaniſmos antigos, e modernos.

POR

D. F. J. C. D. S. R. B. H.

TOMO III.

LISBOA: MDCCLXII.

Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.

Com todas as licenças neceſſarias.

Vende-ſe na meſma Officina a Santo Antonio da Mouraria á entrada da rua dos Cavalleiros, aonde ſe achará o Index géral dos ſeis Tomos da meſma Obra.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA I.

Recolheraõ-se os Castelhanos á Cidade com dezoito feridos; dos nossos morreraõ dous: assim o digo contra o que escreveo o Conde da Ericeira; porque meu avô foy hum dos que mais padeceo nesta funçaõ. Voltou a nossa Cavallaria para os quarteis; continuaraõ os aproches, e na seguinte noite se formaraõ nos dous quarteis baterias, que jugavaõ contra a muralha a tiro de pistola; no dia seguinte fizeraõ os sitiados outra sahida, em que os carregou D. Martinho da Ribeira, que estava de guarda, e os fez retirar para a Cidade com bastante perda. Anoiteceo; e havendo o Conde de Schomberg distribuido as ordens para o assalto do Forte de Santo Antonio, por ser este o tempo proprio na melhor opiniaõ dos Cabos, tomou o Exercito as armas em todos os quarteis, deo-se signal para o assalto com duas peças de artilharia, avançaraõ promptamente os que estavaõ nomeados, entraraõ o Forte com pouca resistencia, e alguns que intentaraõ fazer alguma, facilmente foraõ degollados; sahio ao rebate a Cavallaria da Praça, e D. Manoel de Attaide a obrigou logo a retirar-se. Havia no Forte trezentos Soldados, tres peças de artilharia, hum morteiro, armas, e muniçoens; e no Convento dos Capuchos estava prezo o Inquisidor Manoel Corte-Real, que os Castelhanos indecentemente tira-

raõ da Cidade, temendo fosse causa de algumas novidades; e por ser dotado de estimaveis virtudes, foy recebido no Exercito com o mayor jubilo. Naquella noite se adiantaraõ notavelmente os aproches, e baterias de sorte, que o General da Artilharia mandou fazer huma chamada, para o que cessaraõ as descargas; mas o Conde de Sertirana, Governador da Praça, só consentio que se admittisse hum papel, que levava hum Ajudante para dar no caso de o naõ quererem escutar; continha o papel só estas palavras de David: *Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam*; que em Portuguez vem a ser: *Se Deos naõ guardar a cidade, debalde vigia quem a guarda, ou defende.* Sem darem resposta, ordenaraõ os Castelhanos ao Ajudante que se retirasse; e o General da Artilharia, á vista do caso, mandou disparar contra a Cidade toda a artilharia das baterias, e mosqueteria dos aproches a hum tempo; e foy de tal qualidade o horror, e estrondo, que os moradores começaraõ a murmurar contra o Governador, e as muralhas tiveraõ huma notavel ruina. A vinte e tres de Junho estavaõ os aproches do General da Artilharia fortificados, os de S. Bartholomeo distantes cincoenta passos; o novo do Forte de Santo Antonio, que caminhava junto aos arcos da agua da Prata, taõ visinho da muralha, que se preparavaõ mantas para se fazerem minas; o de Pedro Jaques sessenta passos da barbacãa; e defronte da batería do quartel do General da Artilharia, brecha aberta, capaz de ser investida, de sorte que o Conde de Sertirana pelas duas horas da tarde fez a primeira chamada; e cessando as descargas, pedio em hum papel, que trouxe hum Trombeta, que mandassem pessoa, com quem ajustassem a entrega da Praça: foy nomeado o Sargento mór de Batalha Diogo Gomes de Figueiredo, que passou logo á Cidade, e veyo em refens para o Exercito hum Coronel Alemaõ. Nada resultou da conferencia, porque os Governadores que entregaõ Praças, sempre as querem vender caras. Continuaraõ as baterías; os Inglezes, que trabalhavaõ

lhavaõ nos aproches de Pedro Jaques, ganharaõ na noite seguinte huma meya Lua valorosamente, e se fortificáraõ na barbacãa; do aproche do General da Artilharia avançou o Sargento mór Manoel da Silva Dantas com duzentos Infantes á orla do fosso do baluarte de S.Bartholomeo; e depois de tres vezes rechaçado, e soccorrido, amanheceo fortificado no sitio, que pertendia. No aproche de Santo Antonio chegáraõ a pôr mantas, e começaraõ minas, a que acodiraõ os Castelhanos com bombas, granadas, barrís de polvora, e salchichas accezas, de que resultou arderem as mantas, e parte das faxinas, com que se continuavaõ os aproches; porém os Mestres de Campo Martim Corrêa, Roque da Costa, e Manoel de Sousa de Castro com incrivel valor apagaraõ o incendio, e perseveraraõ fortificados no mesmo sitio, sustentando o posto, que tinhaõ ganhado: morrêraõ no conflicto ointenta soldados, e passaraõ de trezentos os feridos, que logo foraõ curados, assistindo-lhes os Mestres de Campo com exemplar piedade Portugueza. Os sitiados na confusaõ dessa noite intentaraõ salvar a sua Cavallaria; porém o Tenente General D.Luiz da Costa, que estava preparado para evitar essa resoluçaõ, que todas as noites se esperava, os obrigou a recolherem-se á Praça. Na vespera de S. Joaõ quiz o nosso General mandar fazer outra chamada, porque todos os votos concordavaõ com elle, em que era melhor permittir que os Castelhanos sahissem com novecentos Cavallos livres, (que foy a causa de se naõ ajustar a entrega na primeira conferencia) do que dilatar o sitio, e os seus discommodos mais tempo; mas sendo chamado o General da Artilharia, Conde da Ericeira, foy de parecer contrario, mil vezes bem fundado, como sempre em tudo, dizendo que fazer chamada era mostrar o desejo de acabar o sitio, e dar animo aos sitiados para pedirem condições intoleraveis; que os novecentos Cavallos eraõ os bens, que podiamos adquirir desta empreza, e que se elles quando tomaraõ Evora nos déraõ a Cavallaria por perdida faltando

amfibologias á palavra dada, era justo nos satisfizessemos desta perda, e castigassemos aquella vilhacaria, e que sedo mostraria o tempo a verdade do seu voto; em que todos concordaraõ, e elle voltou para o aproche com tal felicidade, que apenas chegou, fez nelle segunda chamada o Governador da Praça, entregou hum Tambor hum papel, em que dizia o Conde de Sertirana que, permittindo-se passarem á Praça tres pessoas do Exercito com poderes para ajustarem as capitulações, mandaria tres em refens, e esperava se concluisse este negocio. Mandou o General Diogo Gomes de Figueiredo, o Mestre de Campo Antonio Soares da Costa, e Claran, Mestre de Campo de hum Terço de Italianos, que do Exercito Castelhano tinha passado para o nosso; sahiraõ da Praça o Mestre de Campo D. Pedro da Fonseca, e o Coronel D. Francisco Franque, e naõ veyo terceiro, porque os nossos tres se contentaraõ com este penhor dos dous. Durou a conferencia até a meya noite, procurando cada huma das partes adiantar as suas conveniencias; e ultimamente se ajustaraõ as condições seguintes: Que sahiria o Governador com toda a guarniçaõ, Officiaes, Soldados de todas as Nações salvas as vidas, e liberdade, e da mesma sorte todos os Officiaes de soldo da Védoria, e Artilharia, que a marcha seria pela brecha com todas as honras devidas aos rendidos de boa fé; que se lhes assignaria lugar onde assistirem até quinze de Outubro; que pudessem ficar em Portugal os Soldados, que nelle quizessem servir, e passar a Badajoz livremente os Officiaes, que naõ quizessem esperar o fim da Campanha; que dariamos passagem livre aos arrieiros, e vivandeiros; que sahiriaõ oito rebuçados livremente logo para Castella; que, havendo-se tirado algũa alfaya a morador da Praça, se lhe restituiria logo; que se lhe entregariaõ todos os cavallos, munições, petrechos, e mantimentos, que houvesse na Praça á ordem dos Védores geraes do Exercito, e Artilharia; que no dia seguinte pela manhãa se entregaria hũa porta da Cidade, para se lhe meter guarniçaõ, e a da

Cida-

Cidade ſahiria della a horas competentes. Foraõ aſſignadas as capitulaçõespor D.Sancho Manoel, Conde de Villa-flor, e por D.Francisco Gatinara, Conde de Sertirana.Na hora ſignalàda o Meſtre de Campo Lourenço deSouſa de Menezes, que eſtava de guarda na trincheira, foy tomar poſſe da porta do Rocio, diante da qual ſe formou o Exercito em batalha, e o Conde da Ericeira, D.Luiz de Menezes, General da Artilharia, pelo privilegio do ſeu poſto, entrou a tomar poſſe da Cidade, e deſocupalla da guarniçaõ Caſtelhana, levando comſigo os Officiaes da ſua repartiçaõ; os Védores geraes, e Officiaes da Fazenda, e grande numero de Fidalgos, e peſſoas particulares, que fizeraõ a funçaõ mais viſtoſa; receberaõ-o os moradores com o jubilo, e alegria, que ſe naõ explica, e com a meſma o acompanháraõ até a Sé, aonde foy dar graças a Deos, e fez aviſo ao Conde de Sertirana, que podia ſahir da Praça na fórma da capitulaçaõ; e mandou tomar poſſe dos Armazens, em que ſe acharaõ quantidades conſideraveis de munições, quaſi todas ainda das que tinhaõ ficado quando os Caſtelhanos tomaraõ a Cidade; do que ſe fez auto, para que nunca ſe diſſeſſe que, por falta de munições ſe entregara a Praça: della ſahiraõ tres mil e duzentos Infantes, e oitocentos e doze cavallos; o Conde de Villaflor os eſperava diante do Exercito na porta do Rocio, e apenas a guarniçaõ paſſou ſe tiraraõ aos Soldados os cavallos, e armas, e foraõ remetidos para varios lugares governados pelos Alferes. O Sol impedia mayores progreſſos, de que reſultou ordem para ſe aquartelar o Exercito; o Marquez de Marialva partio para Liſboa com a gente do ſoccorro, e neſſa manhãa pegou fogo na polvora, que eſtava no Caſtello de Arronches, mas ſó fez damno no meſmo Caſtello, ſendo tal a violencia, que deſpedio alguns canhões fóra da Praça, como ſe foſſem balas; intentou o noſſo General reſtauralla, mas como naõ cahiraõ os muros da Villa, e os Caſtelhanos acodiraõ a ſoccorrella com preſſa, ficou para melhor occaſiaõ eſſa honra, que elles meſmo nos déraõ

mantelando-a, depois de terem publicado que era Praça taõ consideravel como Elvas. Nos dias, que durou o cerco de Evora, intentou D. Joaõ de Austria ganhar Elvas por interpreza: para isto se valeo de alguns Officiaes, e trezentos Soldados, todos prisioneiros na batalha do Canal, os quaes estavaõ alojados no Castello, que fica na muralha, para a parte da porta de S. Vicente, com esperança de que elles em hũa noite o introduzissem pelo mesmo sitio: mas foy taõ mal ordenada a funçaõ, que lhe amanheceo hũa legua antes de chegar a Elvas. Descobertos os Castelhanos pelos Atalayas, tocaraõ á arma, acodio o Conde do Sabugal, Governador da Praça, a guarnecer as muralhas, e desenganou-se D. Joaõ de Austria de que naõ tinha fortunas contra Portugal. Partio logo para Madrid a solicitar do Rey seu pay meyos para satisfazer-se da offensa passada, e o Conde de Villa-flor veyo para Lisboa. Ficou governando o Alemtejo o Conde de Schomberg, que intentou ganhar a Cidade de Ayamonte, e certamente o conseguia; mas depois de lhe approvarem os do governo a idéa, lhe ordenaraõ deixasse a empreza, effeitos da inveja, que elle sabia dissimular com rara prudencia. Neste tempo o Conde da Ericeira com subtil idéa fez gravissimo damno ao Rey de Castella, diminuindo-lhe as Trópas extrangeiras, em cuja conducçaõ elle tinha feito hum gasto o mais consideravel; como estas por falta de alojamentos convenientes ordinariamente andavaõ por fóra das Praças, mandou o Conde General da Artilharia muitas partidas, que os prisionavaõ todas as horas, e tanto que chegavaõ a Elvas, lhes davaõ dinheiro, e passa-porte para Lisboa, onde acharaõ soccorro, e passagem commoda para os portos, que signalavaõ, deixando antes escriptos em muitos papeis as grandes utilidades, que achavaõ em passarem para Portugal, e estes papeis mandava o General da Artilharia lançar por pessoas fieis ás portas das Praças de Castella, de que resultou passarem os extrangeiros em grande numero, tendo custado ao Rey de Castella hum consideravel dispendio o condu-

zillos

zillos das suas terras para o seu Exercito: Rematou a campanha, para nós felicissima, com algũas entradas em Castella, de que resultou aos Cabos, e Soldados utilidade grande, porque se saquearaõ lugares riquissimos. Na Provincia do Minho começaraõ as acções memoraveis do Conde do Prado em Outubro, porque em toda a Primavera, e Estio lhe naõ deraõ licença para empreza alguma; agora intentou ganhar Gayaõ, e fortificar-se nas terras do inimigo, para lhe fazer mais sensivel o damno: para isto se ajustou o Conde de S. Joaõ, que governava a Provincia de Trás os montes, fazendo entrada pelo valle de Salas até Lorcos, que confina com Lindoso na Provincia do Minho; e voltando sobre o valle Limia destruîo como rayo cento e cincoenta Villas, e Lugares excellentes, com cujos bens enriqueceo os Officiaes, e Soldados; o mesmo fez ao valle de Monte Rey, por onde se retirou; fez alto em Chaves no sitio da Veiga, e deo principio a hum Forte em Villarinho, ou Villarelho, ultimo Lugar nosso naquella raya, e muito importante. Com estas hostilidades conseguio o Conde do Prado que se divertisse o inimigo, que era o seu empenho, e marchou a dezanove de Outubro com cinco mil Infantes, e quinhentos Cavallos com a frente em Monçaõ, para chamar os inimigos áquella parte; e para os enganar melhor, alojou-se de dia á vista de Monçaõ; fez marchar dous Terços antes de anoitecer a passar a ponte do Mouro, e logo que cerrou a noite, se tornaraõ a incorporar com o Exercito; e, levantadas as tendas, accezos os fogos, e as avenidas occupadas com Mosqueteiros, com silencio, e préssa marchou para Boega, que fica entre Villa-nóva, e Lanhellas, onde fez alto, e achou que o General da Artilharia Fernaõ de Sousa Coutinho estava em Villa-nova com tudo o necessario para a empreza. Na manhãa de vinte e cinco chegou ao Minho, e antes da primeira luz se embarcaraõ em batéis prevenidos quinhentos Infantes, mas com tal sussurro, que as sentinellas inimigas os sentiraõ, e tocaraõ á arma, e quando chegaraõ á terra acharaõ hum

Ter

Terço de Infantaria, e duas Companhias de Cavallos para lhe impedirem o desembarque com tal furia, que muitos cavallos ficaraõ atravessados nos ferros da picaria dos nossos Infantes, que unidos, e ajudados do Mestre de Campo Manoel Nunes Leitaõ, que chegou logo com mil e duzentos Soldados escolhidos, se retiraraõ os Gallegos. Chegou o resto do Exercito ao nascer do Sol, e avançaraõ todos o Forte de Gayaõ, que constava de quatro baluartes, hũa torre antiga, cinco peças, e duzentos Infantes da guarniçaõ, que valorosamente disputaraõ a entrada; porém os nossos desprezando as vidas se lançaraõ no fosso, que tinha trinta palmos de alto, e arrimando as escadas, que as maõpostas facilitaraõ, e se lhe lançaraõ da orla do fosso, subiraõ ao alto, sendo o primeiro o Capitaõ Francisco Pitta Malheiro, que sendo precipitado do alto, tornou a subir: em fim todos foraõ dignos de eterna fama neste conflicto, que durou até as oito horas: entretanto pôde o Conde do Prado passar livremente a Cavallaria; chegou, e venceo, rendeo-se o Forte, e mandou fabricar outro em hũa eminencia, correndo entretanto a Cavallaria todas as terras da visinhança, sem opposiçaõ algũa, antes com tanto medo, que todos os Lugares visinhos vieraõ jurar obediencia ao Rey de Portugal, homenagem, que o Conde acceitou alegre; ao mesmo tempo o Conde de S. Joaõ, para divertir o inimigo, passou o Minho, reconheceo Monte Rey, chegou até á Praça, tomou quantidade de cavallos de algũas partidas, que tomou o Pedro Cesar de Menezes General da Cavallaria Trasmontana, saqueou muitos Lugares, em que tinhaõ depositado os seus preciosos todos os outros, e foy tal o medo, e clamor dos pobres Gallegos, que o Arcebispo de S. Tiago juntou Exercito contra o Conde do Prado. A' noite me pertence contar o que se segue.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA II.

PErtence-me (disse o Soldado) contar-vos em poucas palavras as vidas de todos os Reys de Hespanha, desde que nella entraraõ os Mouros, até o Rey D. Fernando, que reina agora gravemente enfermo, como diz a Gazeta de Castella: e para o fazer com menos confusaõ, contarey primeiro as vidas dos Reys de Castella, e Leaõ, e depois as do Reys de Sobrarbe, e Aragaõ. Já dissemos na Conferencia centesima que, perdida a batalha de Guadelete, e nella D.Rodrigo ultimo Rey dos Godos, e todo o seu Imperio, fôra Galiza a arca, em que se salvou a Naçaõ Hespanhola do diluvio de Mouros, que conquistou toda Hespanha. No Promontorio das Asturias, hoje Principado dos filhos primogenitos dos Reys Catholicos, se recolheo D.Pelayo com todos os Ecclesiasticos, Nobreza, e pôvo, que pôde seguillo, e dalli começou com elles a restauraçaõ desta horrivel perda. Era D. Pelayo filho de D. Favila Fernandes, Duque de Cantabria, parente do Rey Egica, Godo pela parte materna, e Hespanhol Cántabro pela paterna, naceo na Corte de Toledo a cinco de Março de 680, foy sua mãy Dona Luz, descendente do sangue Real dos Godos. Quando naceo estava seu pay fugitivo em Cantabria, temeroso do Rey Egisa, ou Egica, (como lhe chamaõ outros) e o crime era ter casado com D. Luz, a quem o Rey, pela

ſua admiravel formoſura, deſejava para eſpoſa, ella temendo que o Rey uſaſſe com o filho o que naõ podia executar no pay, mandou meter o menino Pelayo em huma caixa de madeira com dinheiro, joyas, e hum pergaminho, em que dizia quem eraõ ſeus pays, e o nome, que lhe déraõ no baptiſmo, e pedindo, a quem o achaſſe, mimo, e cuidado com ſegredo na ſua criaçaõ, porque a ſeu tempo ſeria remunerada, mandou fechar a caixa, e tapar-lhe as juntas, e aberturas com eſtopa, e alcatraõ, e deſta ſorte, depois de o entregar a Deos, e a ſua Máy Santiſſima, mandou lançar no rio Tejo a arca. Começou o novo Moyſés Heſpanhol a navegar levado da corrente, em quanto a mãy apenas convaleſcida do parto, por entre montanhas, e brenhas, caminhava para Cantabria com perigo evidente de vida, ſe o Rey a colheſſe na jornada. Chegou a caixa nadando á praya da Villa, que entaõ era Alcantara, a tempo que hum tio de D. Luz, e do menino poderoſo, e illuſtriſſimo ſe divertia com os Soldados do ſeu Caſtello, e criados peſcando, reparou na caixa, e ouvio chorar Pelayo, mandou abrir, leo o pergaminho, conheceo, que era ſeu ſobrinho, admirou os altiſſimos juizos de Deos, a quem rendeo as graças com muitas lagrimas, e ſem revelar o ſegredo, recolheo o que vinha na caixa, e mandou criar Pelayo com todo cuidado. Creſceo, ſoube quem eraõ ſeus pays, a quem o tio fez aviſo apenas o achou, e acompanhado do tio, fingindo na jornada que era ſeu Soldado, entrou em Cantabria, onde foy recebido com a mayor alegria. Muitos que tem por vida, e capricho negar tudo, duvidaõ deſte caſo; mas para nós o crermos, baſta ſer certo que a caixa, em que elle veyo pelo rio abaixo, ſe guarda hoje com muita veneraçaõ em Alcantara na parede do Altar mór da Igreja da Ordem Militar de Alcantara, de que ſou teſtimunha de viſta; e álem da tradiçaõ conſtante naquella Igreja, e Villa, os melhores hiſtoriadores de Heſpanha o contaõ. Viveo D. Pelayó algum tempo em Tuy, e foy Capitaõ das guardas do Rey Vvitiſa, o qual, e como

Nero

Nero da Heſpanha, entre innumeraveis inſolencias mandou matar o pay de D. Pelayo, o qual temendo lhe ſuccedeſſe o meſmo, partio para Jeruſalem no anno de 709, donde veyo a tempo que ſe perdia a batalha de Guadalete, e a Heſpanha; retirou-ſe, como já diſſe, com Prelados, Nobreza, e povo para as montanhas de Cantabria, que ſe compoem de Biſcaya, e Aſturias, onde viveraõ cheyos de temores alguns dias, ouvindo, dos que chegavaõ fugindo, as tyrannias, que uſavaõ os Mouros com os Catholicos, de ſorte, que desfallecidos intentaraõ offerecerem-ſe com algum partido, antes que elles os vieſſem degollar naquelles montes; a iſto ſe oppôs D. Pelayo, eſtranhando a todos em hũa prática a falta de fé em Deos, e valor; de que perſuadidos o elegêraõ por ſeu Rey no anno de 716, ou no de 718, como querem outros; foy eſta eleiçaõ em Covadonga, montanha de Auſeva, ſobre o valle de Cangas, junto do lugar de Riera em Aſturias de Oviedo. No meſmo anno tomaraõ os Mouros a Cidade de Toledo por traiçaõ de huns Judeos, e a de Leaõ por armas; e logo caminharaõ contra Covadonga a extipar as reliquias da Chriſtandade; eraõ guias do Exercito Mahometano o Conde D. Juliaõ, e o Arcebiſpo D. Opas, que alguns dizem tinha arrenegado da noſſa Santa Fé, e que o meſmo fora perſuadir a ſeu parente D. Pelayo, e elle o mandara lançar do mais alto rochedo, onde morrêra deſpedaçado; o certo he que em Covadonga morreo juſtiçado. Chegou o numeroſo Exercito uſano, e D. Pelayo depois de implorar o auxilio Divino com lagrimas, e preces a Deos, e a Maria Santiſſima, ſahio da ſua cova com a pouca gente, que tinha, e quaſi deſarmada; e favorecida milagroſamente derrotou o Exercito dos Mouros, matou hum grande numero, e os que fugíraõ morrêraõ logo, porque hum monte de Auſeva prodigioſamente cahio ſobre a mayor parte; o reſto morreo de peſte, de ſorte que os Mouros julgaraõ ſer eſta diſgraça traiçaõ dos filhos do Rey Vvitiſa, e do infame Conde D. Juliaõ, a quem para caſtigo prenderaõ em Loarte,

 e

e depois o degollaraõ com os filhos de Vvitisa, apedrejáraõ sua mulher, e despenháraõ a hum filho; digno castigo de traidores. Esta foy a primeira victoria do Rey D. Pelayo; em tudo milagrosa, a qual infundio tal animo nos Catholicos, e tal fé no Rey, que todos os dias sahiaõ daquellas brenhas a desafiar os Mouros, que sempre deixáraõ vencidos, e com a noticia das suas fortunas, e riquezas, adquirida nas pazes, chegava grande numero de Catholicos fugidos todos os dias, trazendo comsigo corpos de Santos, e Reliquias notaveis, para que os Mouros as naõ profanassem nas terras, que desamparavaõ. D. Pelayo vendo-se com tanta gente, determinou conquistar a Cidade de Leaõ, formou Exercito, ja todo armado, com o que tinha ganhado aos Mouros na primeira batalha, e em diversos encontros cada dia; e chegando á Cidade, mandou dizer ao Alcaide della Mahometo Itriz, se entregasse com honradas capitulações, que elle naõ aceitou; deo-se logo o primeiro assalto, em que morreraõ trezentos Catholicos, sem vencerem os Mouros; mas dando-lhe segundo assalto no dia seguinte, pedio o Mouro treguas para capitular: sahio em fim com honras Militares, mas no caminho lhe mandou cortar a cabeça o Rey de Toledo Aben-Ramin, porque se naõ defendêra mais tempo, sabendo que elle com oito mil Infantes hia soccorrello. Chegou a Leaõ quando já D. Pelayo, deixando a Cidade com Milicias, e víveres necessarios, e por Governador ao Capitaõ Orminso, tinha sahido a convocar mais gente para destruir os Mouros, o qual logo que vio a Praça, lhe pôs cerco, mas julgando os Catholicos tímidos, deixou para outro dia o assalto, e elles valendo-se do descuido, em quanto víraõ os Mouros, sahiraõ da Cidade, matáraõ mil, e perdêraõ quinhentos, fugio o Rey de Toledo com os outros, e refazendo logo o Exercito, veyo segunda vez sobre Leaõ, a quem deo furiosos assaltos; mas em fim rebatidos valerosamente em todos, levantou o sitio, e D. Pelayo riscando do seu escudo as armas dos Godos,

dos, pôs daqui por diante hum Leaõ rapante encarnado em campo de prata, e hũa Cruz de prata em campo azul, em memoria da Cruz, que dizem vio no Ceo quando venceo a batalha primeira em Covadonga; reparou a Cidade, dahi por diante se chamou Rey de Leaõ, tendo-se intitulado até esse tempo Rey de Oviedo. Em acçaõ de graças por estas fortunas fundou em Covadonga a Igreja de Santa Maria, e em Cangas a de Santa Eulalia. Casou D. Pelayo com D. Gaudiosa Fernandes, filha de Trassamundo Fernandes, Conde dos Patrimonios de Galliza, que he o mesmo, que hoje Presidente da Mesa da Fazenda, outros lhe daõ pay differente; porém a verdade he esta, que escreveo o Bispo D. Servando, que foy Confessor, e Cronista destes dous Reys, dos quaes naceo D. Favila, que quer dizer Centelha, e succedeo na Coroa, e duas filhas, primeira D. Hermesenda, que casou com D. Affonso, filho de Pedro, Duque de Cantabria, neto de Recaredo, e a segunda D. Falquila, que casou com Esviarianhes Mesia, Capitaõ General do Rey seu pay, e Senhor de sessenta e sete lugares nos Reinos de Leaõ, e Galliza; estes fundaraõ o Convento de S. Clemente, junto a Melgar da Ordem de S. Bento no anno de 731, e foraõ tronco das familias de Mesia, Ovalle, Parada, e Taboada. Em quanto D. Pelayo perseguia os Mouros, elles tomaraõ Valença, Denia, Alicante, Huesca Lipula, Saragoça, e Tarragona, e edificaraõ a ponte de Cordova para dar passo ás suas Trópas; de que afflictos os Aragonezes, e Navarros, se retiráraõ para as montanhas de Jaca, e na cova de S. Joaõ da Penha á imitaçaõ dos Asturianos, elegeraõ por seu Rey para defendellos a D. Garcia Ximenes, que se intitulou Rey de Sobrarbe no anno de 724, oito annos depois da eleiçaõ do Rey D. Pelayo em Cantabria. Morreo D. Pelayo em Cangas huma sexta feira 18 de Septembro de 737, tendo reinado dezanove annos; deixou fama de santo bem merecida pelo seu milagroso successo no Tejo apenas nacido, e pelas exemplares virtudes, que exercitou. No seu tempo se escon-

de

deo a Imagem de N. Senhora, que S. Gregorio Magno tinha mandado a S. Leandro, Arcebispo de Sevilha, e os Catholicos a occultaraõ nas margens do rio Guadalupe; foy trasladado o corpo de S. Ildefonso para Samóra, e a casula, que lhe deo N. Senhora, para Oviedo. Foy sepultado o Rey D. Pelayo em Cangas na Igreja de S. Eulalia com sua esposa D. Gaudiosa, e depois fôraõ ambos trasladados para a Igreja de Covadonga. Os Historiadores lhe chamaõ santo, porque morreo com essa opiniaõ bem merecida entre os naturaes, estranhos, e infieis. Succedeo nos Reinos de Oviedo, e Leaõ D. Favila, filho de D. Pelayo, e foy o primeiro Rey, que reinou por successaõ, cousa, que neste tempo se naõ usava; casou com D. Froiliuba, que he o mesmo, que Froila Lopes, senhora em tudo rara. Reinou só dous annos, nos quaes naõ fez acçaõ alguma digna de memoria, porque a sua occupaçaõ foy só cassar, e na cassa o matou hum urso miseravelmente, disgraças que mais vezes lamentou a Europa, porque o Infante D. Sancho, filho do Rey D. Fernando morreo na cassa ás mãos de outro urso, Filippe formoso de França ás de hum porco montez, D. Joaõ I. de Aragaõ ás dos lobos. Teve filhos, que se naõ lograraõ; foy sepultado na Igreja de Santa Cruz, junto a Onha, e naõ em Cangas, como disseraõ outros, porque em Santa Cruz está bem patente o seu sepulcro, e epitafio. Morreo no mez de Mayo de 739, conservou no escudo as armas de seu pay, foy universalmente sentida a sua morte, porque naõ deixava successor á Coroa, e até os Mouros a sentiraõ, porque no seu Reinado descançaraõ. Tinha D. Favila hũa irmaã, chamada D. Hermesenda, casada com D. Affonso filho de D. Pedro, Duque de Cantabria, neto de Recaredo, Duque de Cantabria, e bisneto do santo Rey Recaredo; esta senhora succedeo nos Reinos de Oviedo, e Leaõ, e por ella seu marido D. Affonso, nome, que na lingua Gotica significa o Fiel, o Amado, e o Favorecido; havia só hum anno, que estavaõ casados, *quando herdaraõ* estes Reinos. Foy D. Affonso I. muito

justo,

justo, grande Capitaõ, e guerreiro, como quem se tinha criado nas mayores campanhas do seu tempo. Tanto que se vio com a dignidade Real, que he o mesmo, que Vigario de Deos no temporal, cabeça dos Vassallos, e alma da República, accrescentou o Culto Divino em ambos os Reinos, reformou os costumes de todos, e ao mesmo tempo perseguio de sorte os Mouros, que lhes conquistou em Portugal o que ja dissemos, Lugo, Tuy, Braga, Viseo, Chaves, Ledesma, Numancia, Avila, Astorga, Simancas, em Navarra Pamplona, e outras muitas povoações; em fim venceo os Mouros em trinta e quatro batalhas campaes, por cujos triunfos, e acções religiosas lhe deo em premio o Papa S. Zacharias I. o titulo de Rey Catholico no anno de 745, cincoenta e seis annos antes que a Carlos Magno, como Rey de França, se concedesse o titulo de Christianissimo, se bem este titulo, de que gozaõ hoje os Reys de Hespanha, he o mais antigo nella, porque S. Gregorio Magno o deo ao Rey Recaredo I. dos Godos. Teve o Rey D. Affonso dous filhos, D. Fruela, que lhe succedeo na Coroa, e D. Vimaramo, mancebo muito virtuoso, e esforçado que foy pay de D. Bermudo o I., chamado o Diacono; D. Fruela foy o primeiro Caim dos Hespanhoes, porque motou seu irmaõ Vimaramo, movido de inveja, porque pelas suas virtudes, e intrepidez era muito amado do povo, que á vista deste horrendo fratricidio concebeo odio mortal a D. Fruela. Morreo o Rey D. Affonso I. em Cangas no anno de 757, aos sessena e quatro de sua idade, e dezoito de Reinado, no qual deixou a Coroa augmentada com tudo aquillo que hoje se chama Castella a velha. Foy a sua morte sentida com o mayor extremo, e nella acclamado por santo naõ só pelos homens, mas pelos Anjos; porque no seu enterro se ouviraõ vozes do Ceo, que diziaõ: *Ecce quomodo tollitur justus, & nemo considerat*, isto he: *Eisaqui como Deos leva para si hum justo, e ninguem o considera.* Caso verdadeiro referido com as mayores *asseverações pelo* Veneravel Sampiro, Bispo de Salamanca;

lamanca; cessaraõ os Anjos de cantar, e foy seu corpo terrado em Santa Maria de Covadonga, onde tambem sua esposa D. Hermesenda. D. Fruela succedeo na Cor e a primeira acçaõ foy prohibir os casamentos dos Clerig que desde o tempo do Rey Vvitisa estavaõ na posse de ceberem mais este Sacramento. Esta ley foy causa de se ai tinarem os Vassallos; e o Rey, para os divertir deste ho vel precipicio, sahio a campo contra os Mouros, os qu venceo em muitas batalhas notaveis, ajudado de seu irn o Infante Vimaramo, Eudon, Duque de Guiena, e Al seu filho, parentes muito proximos do Rey de Navar motivo, porque casou D. Fruela com D. Menina, ou M nia Dona, filha do Duque Eudon, segundo senhor de l caya; outros lhe chamaõ D. Munia Fernandes de Hespan e lhe daõ por pay D. Garcia Ximenes primeiro Rey de N varra. Deste matrimonio naceo D. Affonso o Casto, e Ximena, que casou claudestinamente com D. Sancho D Conde de Saldanha, dos quaes naceo em Leaõ no anno 794 o célebre Bernardo del Carpio, Capitaõ famoso, c casou em França com Madama Galinda, filha do Coı Arados, de que descendem as familias dos Bernardos, Qı rozes, e Saldanhas, como diz Mendes da Sylva no Cat logo Real Genealogico de Hespanha. Para outra Coı rencia sedo vos convida o gosto da Historia.

FIM DA SEGUNDA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 17

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA III.

TEve D. Fruela (disse o Soldado) mais outro filho, a que huns chamaõ Ramaõ, outros Veremundo, do qual diz o Mendes procedem nobilissimas familias em Hespanha, e Portugal. No anno de 762 deo D. Fruela huma batalha aos Mouros, em que lhes matou cincoenta e quatro mil. No mesmo anno começou em Hespanha o privilegio de comer miudos de animaes no Sabbado; porque reprehendendo o Papa Paulo I. aos Hespanhoes de comerem carne naquelle dia, foy tal a reconvençaõ, que lhes concedeo os miudos, attendendo á necessidade, e penuria de peixe. Conquistou D. Fruela todo o Reino de Galliza, de que antes só gozava o que temos dito: e nessas batalhas he que concebeo a infernal inveja a seu irmaõ Vimarano, e o matou; D. Aurelio, irmaõ do Rey, e do Infante morto, sentio mais que todos este escandalo, e aindaque os Vassallos o intentavaõ vingar, elle primeiro se quiz satisfazer, e com effeito estando o Rey D. Fruela em Cangas o matou violentamente seu irmaõ D. Aurelio, sem tençaõ alguma de lhe succeder no Reino, mas só de vingar a cruel morte, que elle déra por inveja a seu irmaõ Vimarano; acçaõ, que alguns de balde intentaõ desculpar em D. Aurelio por este principio, mas na verdade tyranna, aleivosa, sacrilega, infame, e digna pelas Leys Divinas, e

humanas do mayor castigo, de que nos dá o primeiro; e mayor exemplo o Texto sagrado, que diz ferira o santo Rey David o coraçaõ, e fizera penitencia por ter cortado huma migalha da orla do vestido do Rey Saul, para lhe mostrar depois que o naõ quizera matar, sendo certo que Saul andava buscando a David para o matar, e era tyranno publico, porque tinha morto oitenta e cinco Sacerdotes, vestidos com os ornamentos sagrados, e tinha degollado todos os homens, mulheres, meninos, e animaes da Cidade de Nobe, invejoso do amor, com que veneravaõ a David seu genro, e porque passando elle por aquella Cidade lhe deraõ de comer, e a espada de Golias, dizendo elle, que hia a hum negocio do serviço do Rey. Tyranno era Nabuco, (disse o Theologo) que destruio o Templo de Jerusalem, levou o povo de Deos captivo para Babilonia, e se mandou adorar por Deos na estatua de ouro; e o Proféta Jeremias escrevendo aos Hebreos seus captivos, os admoestou, para que pedissem a Deos huma dilatada vida para Nabuco; e o Profeta Ezequiel accusou ao Rey Sedecias de Jerusálem por faltar á lealdade ao Rey Nabuco, dizendo que merecia morte por esse crime: em fim o Apostolo S. Paulo escrevendo a seu discipulo Timotheo lhe diz mande a todos os Fieis que peçaõ a Deos com orações publicas, vida, saude, e todos os bens para os Reys, e Senhores Soberanos, que naquelles tempos eraõ os mayores inimigos de Christo Senhor nosso, e da sua santissima Ley, e dos sequazes della, matando milhões de Catholicos cada dia; o mesmo ensinaraõ os Santos Padres, Concilios, e Authores, de que nunca houve a menor suspeita de heresia, porque a opiniaõ contraria, que seguio D. Aurelio, e os que o intentaõ desculpar, he heresia certa, escandalosa dos Hussitas, condemnada no Concilio de Constancia, justamenre com a opiniaõ diabolica de Joaõ Petit, Theologo de Pariz, que pertendia desculpar a morte, que Joaõ de Borgundia deo na mesma Cidade a Ludovico Aurelianense; e se ha homens taõ possuidos do espirito diabolico

lico de contradicçaõ, e maldade, que dizem naõ approvára o Papa Martinho os Decretos do Concilio de Constancia; sabei que mentem; porque o Papa os approvou todos, e só usou da palavra *Conciliarmente*, para excluir hum Decreto da quarta sessaõ, feito quando ainda naõ havia na verdade Concilio, por faltarem os que seguiaõ as partes de Gregorio, e Benedicto, como vos contarey, quando der noticia dos Concilios: desorte que D. Aurelio obrou infame, fratricida contra as Leys de Deos, natural, e dos homens; e aindaque D. Fruela fosse o mayor tyranno, que tivesse visto o mundo, e intentasse por todos os meyos matar a D. Aurelio, e a todos os Vassallos, depois de os martyrizar, e tirar a honra a todos, nunca era, nem podia ser licito a vassallo algum, nem a seu irmaõ D. Aurelio, desejar-lhe a morte, e muito menos intentar matallo, ou tirar-lhe a vida, porque isso só pertence a Deos, e naõ ha caso algum, em que possa ser licito aos homens, cuja obrigaçaõ he pedir a Deos vida, e todo o bem para os Reys. Morreo D. Fruela no anno de 768, undecimo do seu governo, que só teve a mancha do fraticidio; foy enterrado na Igreja mayor de Oviedo, que elle tinha feito Cathedral no anno de 759, no qual foy trasladado pelos Catholicos de Valença o corpo de S. Vicente da dita Cidade para o Promontorio sacro, hoje chamado Cabo de S. Vicente, como diremos quando contarmos a vida deste Santo. Morto, e sepultado D. Fruela (continuou o Soldado) naõ quizeraõ os Asturianos dar a Coroa a seu filho D. Affonso, por ser muito menino, e necessitar a Monarquia naquelles tempos taõ calamitosos hum Rey homem crescido, e experimentado na guerra contra os Mouros, pelo que acclamaraõ logo D. Aurelio, aindaque Morales sem razaõ o nega, como diz Mendes. O tempo mostrou que esta eleiçaõ fora péssima, e que em lugar de lhe porem a Coroa na cabeça, deviaõ cortar-lha, em castigo da morte, que deo a seu irmaõ Rey D. Fruela. Nada memoravel fez este fratricida em seis annos de governo,

morreo no anno de 774, tendo feito huma vergonhosa paz com os Mouros, de quem dizem muitos se fez tributario. No seu tempo tomáraõ armas os escravos Mouros contra seus senhores para se verem livres, e foraõ degollados em muitas partes. Padeceo martyrio em Ledesma hum mancebo Mouro de Naçaõ; chamado Nicoláo, filho de Armasan, e sobrinho legitimo de Galafre, Rey de Toledo, que depois de baptizado servia aos Catholicos de singular exemplo; paderéraõ com elle dous Sacerdotes Nicoláo, e Leonardo; os corpos de todos estaõ no Convento de S. Francisco de Ledesma. Tambem neste Reinado se celebrou em Roma o Concilio, em que se deo por nulla a eleiçaõ do Antipapa Constantino, e se mandáraõ queimar os seus decretos, e registros, como tambem as heresias, e constituições, que tinhaõ feito o Imperador Constantino VIII., e sua mulher Irene. Foy sepultado D. Aurelio em Cangas, e como naõ deixou filhos succedeo-lhe na Coroa seu cunhado D. Silo, casado com D. Adosinha, ou Usenda, irmaã de D. Aurelio, filha do Rey D. Affonso I., chamado o Catholico, e de Dona Hermesenda; era D. Silo do sangue Real dos Godos, muito valoroso, e pio, foy aeclamado com sua mulher em Oviedo, Leaõ, Pravia, onde ambos fundaraõ para seu enterro huma notavel Igreja; continuou valorosamente a guerra contra os Mouros, que venceo em muitas batalhas memoraveis; porèm ou fosse por ser Godo, cousa pouco amada nesse tempo taõ proximo ao damno, que elles fizeraõ a Hespanha, ou porque D. Silo fiava muita parte do governo do Reino, e Exercito do Infante D. Affonso, filho de D. Fruela, e irmaõ de Dona Ximena, se levantaraõ contra o Rey os Gallegos, e para os castigar fez pazes com os Mouros, caminhou para Galliza com o Exercito composto de Vassallos leaes, e achando os Gallegos no monte Ciperio, que hoje se chama Cebreros, degollou muitos, venceo todos, e os deixou castigados, humildes, e sujeitos. Restituio-se á Cidade de Oviedo, aonde chegou logo hum men-

mensageiro do Arcebispo de Toledo, chamado Cixila, o qual mandava para o Templo de Pravia varias reliquias, e pedia o soccorresse contra as tyrannias, que elle, e todos os Catholicos padeciaõ; o que o Rey fez, escrevendo ao Rey de Toledo Zuleiman, pedindo-lhe tratasse bem aos Christãos Musarabes, e ao Arcebispo escreveo outra carta, remetendo-lhe hum vaso de prata dourada, ornado de pedras preciosas, em cuja tampa estavaõ gravadas as Armas Reaes, e as duas letras iniciaes do nome do Rey, e do Arcebispo; álèm disto hum jarro, e bacia de prata, e hum Calix, tudo para a Igreja de S. Tirso Martyr, que o dito Arcebispo tinha fundado em Toledo, (nunca a perseguiçaõ dos Mouros era muito grande) e pedia lhe mandasse hum hymno de S. Tirso, outro de S. Vicente, e Leto, que o Arcebispo tinha composto. Reinou D. Silo nove annos, morreo no de 783 em Oviedo: ha muitas, e diversas opiniões, a respeito do seu sepulchro, creyo a que diz está em S. Salvador de Oviedo, porque logo á entrada da dita Igreja está hum letreiro muito comprido, que tem duzentas e sessenta vezes o nome Silo, e debaixo delle cinco letras que dizem: *Aqui jaz Silo, seja-lhe a terra leve.* No primeiro anno do seu Reinado tiveraõ principio nas Asturias de Oviedo os Titulos, Honras, e Privilegios dos Ricos-homens, que eraõ o levar pendaõ, e caldeira nos Exercitos, e confirmar as doações, e privilegios, que os Reys concediaõ, juntamente com os Prelados; levavaõ hum pendaõ preto com huma caldeira pintada, ou bordada diante da sua familia, ou Soldados, que tinhaõ em casa, e immediato ao pendaõ huma caldeira, tudo signaes (naquella sinceridade illustre) de que tinhaõ com que cobrir, e sustentar a muitos, e este era o seu emprego, a sua vaidade, e honra, que teve principio no anno de 774, e finalizou no de 1516, em que o Rey de Castella D. Fernando V. lhes mudou os titulos de Ricos-homens nos de Grandes, sem o privilegio antigo de confirmarem as doações Reaes. Trasladou D. Silo o corpo de

Santa

Santa Eulalia da Cidade de Merida para a Igreja nova; que fundou em Pravia, dedicada a S. João Baptista, e a S. Pedro, e S. Paulo, para o que lhe mandou fazer huma arca de prata. Teve hum filho legitimo, chamado Aldegastro, o qual lhe naõ succedeo na Coroa por ser de Naçaõ Godo, como julgaõ muitos com o P. Alvares, ultimo Cronista deste Rey; casou Aldegastro com D. Brunilde Cantabria, e ambos fundáraõ para seu enterro o Mosteiro de Santa Maria de Obanha, da Ordem de S. Bento, no Concelho de Tineo no anno de 781. Por morte do Rey D. Silo succedeo na Coroa de Oviedo, e Leaõ D. Affonso II, chamado o Casto, filho do Rey D. Fruela, e sobrinho da Rainha Dona Adosinda, mulher do Rey D. Silo. Este D. Affonso he o que tinhaõ rejeitado os Asturianos, por ser muito menino quando seu pay morreo ás mãos de D. Aurelio; naceo no anno de 758, tomou posse do Reino com alegria, porém durou-lhe pouco, porque Mauregato, filho bastardo do Rey D. Affonso I., chamado o Magno, e de huma escrava Moura, chamada Sisaldia, juntando outros taes como elle por nacimento, genio, e loucura, se levantou contra o Rey D. Affonso, que tinha vinte e cinco annos nesse tempo, e vendo-se desamparado, fugio para Biscaya, onde tinha muitos parentes, amigos, e Vassalos honrados, illustres verdadeiramente sem mistura ruim nas geraçoens, e por isso Vassallos leaes seus, e de Eudon, de quem elle descendia pela parte materna; estes o recebêraõ com lealdade, filha do seu puro, e illustre sangue, e Mauregato ficou gozando o Reino, que o miseravel D. Affonso só gozou seis mezes. Foy Mauregato o mais detestavel Rey, que teve a Christandade, indigno de se fazer memoria delle, porque fez pazes com os Mouros (como ja em outra Conferencia vos disse) temendo se lhe levantassem os Vassallos; e como conhecia que os Reys Sarracenos tem por vida a luxuria, se obrigou a pagar todos os annos ao Rey de Cordova, por tributo infame, cem donzellas, das quaes cincoenta seriaõ das familias nobres, e as outras cincoenta das communs, e

por

por cada huma, que faltasse, daria quinhentos soldos de ouro, que valia cada hum quatrocentos reis; infamia que eu vos naõ contára, se naõ estivesse estampada nos livros de todos os Cronistas de Hespanha. Affectos os Hespanhoes com o infame tributo, que toleraraõ cinco annos do seu pessimo Reinado, recorreraõ a Fr. Bermudo, Monge de S. Bento, no Mosteiro de S. Joaõ de Corias, junto a Tineo, e Diacono, a quem pediraõ quizesse tomar a Coroa de Hespanha, e ser seu Capitaõ, para a tirarem a Mauregato. Saõ innumeveis as opinioens dos authores, a respeito dos pays de Fr. Bermudo, e eu creyo ao Conde D. Pedro nosso Portuguez, a quem seguem a mayor parte dos Hespanhoes, e diz que era filho do Infante Vimarano, a quem matou seu irmaõ o Rey D. Fruela. Este acceitou a offerta, deixou o habito, e cingindo a espada tirou com ella a Mauregato a Coroa, huns dizem que o matara, outros que lhe fugira para Pravia, onde morrera no anno de 788, em que Abderramen acabou a Mesquita admiravel de Cordova, que hoje he Cathedral, e a melhor fabrica de Hespanha pela arquitectura, e pelas formosas columnas, em que se sustenta a sua monstruosa abobada. Casou Bermudo com a Rainha Emilona, ou Uricnda, como lhe chamaõ outros, da qual teve dous filhos, e duas filhas, o primeiro D. Ramiro, segundo D. Garcia, Dona Christina, e Dona Thereza Bermudes, que casou com Gonsalo Obeques Messias, ou Messia, que foy tronco dos Messias verdadeiros; teve outro filho bastardo, chamado Nuno, de quem descende a familia dos bastardos em Castella. Os dous legitimos foraõ ambos Reys depois do segundo Reinado de D. Affonso o Casto, em quem renunciou D. Bermudo; começou este o governo com a acçaõ mais gloriosa, que só na Religiaõ se podia aprender, porque só nas Religiões se costuma ensinar, e se pratica, que he ter companheiro no governo; isto fez D. Bermudo, porque mandou vir logo logo D. Affonso o Casto, a quem Mauregato tinha usurpado o Reino, e deo-lhe todo o poder para governar,

vernar, determinando ambos as cousas taõ unidos; como se fosse hum so; e para coroar esta acçaõ com outra mayor, no anno de 791 deixou a D. Affonso a Coroa, deixou mulher, e filhos, e recolheo-se outra vez ao seu Mosteiro, que já disse, tomou novamente o habito, viveo, e morreo santamente no anno de 795, e ahi está sepultado com sua mulher. Negou o infame tributo das donzellas ao Rey de Cordova, e preparou-se para se defender da vingança, que elle havia de tomar; o que naõ succedeo no tempo do seu Reinado; mas sim no de D. Affonso seu successor, a quem muitos quizeraõ dar a gloria de ser o primeiro, que negara o tributo das donzellas; porèm enganaõ-se certamente. Dizem que deixara D. Bermudo a Coroa, porque era nullo o seu matrimonio, por ser Monge de S. Bento professo, e ser Diacono, materia, em que o Papa naõ dispensara; eu creyo os que dizem casara dispensado pelo Summo Pontifice, e deixara a Coroa, mulher, e filhos, porque conheceo a brevidade da sua vida, e quiz na solidaõ celestial do Mosteiro preparar-se cinco annos incompletos para a morte, exercitando as virtudes, que nelle aprendêra; nem he possivel fosse outro o motivo, que obrigasse a asta acçaõ notavel D. Bermudo, sendo tal a sua virtude, que apenas subio ao Throno, chamou para elle o Senhor legitimo, a quem servio de amigo, companheiro, parente, e amparo, para depois sem tumultos novos lhe deixar inteiramente o Reino: acçaõ, que só póde obrar quem, vivendo no seculo, tem a alma na Religiaõ, e taõ escrupuloso, que admitte no Reinar companheiro.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto, Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA IV.

SEgunda vez (disse o Soldado) subio D. Affonso II., o Casto por appellido vulgar, e bem merecido pela sua pureza, ao Trono de Hespanha pela heroica renuncia de D. Bermudo Mónge, e Diacono; tomou posse a 21 de Julho de 791, foy ungido a 14 de Septembro do mesmo anno, tendo de idade trinta e tres: era filho de D. Fruela, e da Rainha D. Munia: casou com D. Berta, ou Britinalda, filha de Pepino, Rey dos Francos, e irmãa do veneravel Imperador Carlos Magno, entaõ Rey de França, com a qual viveo como irmaõ, e naõ como marido, por consentimento della; castos, e puros como nacêraõ, morrêraõ ambos: naõ se quiz intitular Rey de Leaõ, mas só de Oviedo, para onde mudou logo a Corte: foy exemplar de piedade, e Religiaõ, fundando Igrejas, e dotando outras com liberalidade Real todos os dias; foy excellente General, e rectissimo na justiça, de que se seguio ser amado de todos. No terceiro anno veyo Aliathaõ, Rey de Cordova vingar-se do aggravo, que padecia desde o tempo de D. Bermudo, em lhe naõ pagarem as donzellas, nem o dinheiro, que ajustou Mauregato: penetrou o Exercito o Reino por diversas partes, até chegar a Asturias; sahio-lhe D. Affonso ao encontro, e no sitio chamado Ledos se deo a batalha hũa das mais sanguinolentas daquelles seculos, nos-

la morrêraõ setenta mil Mouros, fugíraõ todos os mais gravemente feridos, de que depois morrêraõ muitos; e para maior castigo, os começou logo a perseguir o Rey de Navarra, e o de França Carlos Magno, de sorte que D. Affonso ficou desembaraçado para as fundações das Igrejas: outros dizem que o Rey Mouro se chamava Iscem, que para se despicar dos muitos damnos, que lhe faziaõ o Rey de Navarra, e Carlos Magno, mandára contra elles hum notavel exercito, governado por Abdelmelic, e conquistára Girona, e Narbona na entrada de França, donde trouxera os Christaõs carregados de materiaes para acabar a Mesquita notavel de Cordova. Neste anno de 794 naceo em Oviedo o grande, e memoravel Bernardo del Carpio para açoite de Mouros, e de todos os inimigos de Espanha: fôraõ seus pays, os que já dissemos, D. Sancho Dias, Conde de Saldanha, e D. Ximena, irmaã do Rey D. Affonso Casto, o qual em castigo de se casarem clandestinamente sem licença sua, crime de Lesa-Magestade, mandou cegar o Conde D. Sancho com fogo, pena muito usada naquelle tempo, e depois de cégo o prendeo no Castello de Luna, onde acabou miseravelmente a vida: esperou que parisse a irmãa D. Ximena, e logo a recolheo no Convento de Santa Anna de Oviedo, e o filho D. Bernardo mandou criar fóra da Côrte no Castello do Carpio entre Salamanca, e Alva de Tormes. O modo de cegar com fogo era chegar aos olhos do penitente huma barra de ferro grossa, e de hum palmo de largura em braza viva, e deixalla estar tanto tempo, até que o calor derretia os humores aqueo, e cristallino dos olhos, e ficavaõ cégos. A próva da innocencia com fogo muito usada neste tempo, especialmente para as mulheres provarem que naõ tinhaõ commettido adulterio, se fazia em hum tablado onde os Juizes examinavaõ as maõs da mulher, paraque naõ levasse algum oleo, ou defensivo nellas contra o fogo, e logo lhe punhaõ a barra em braza sobre as maõs ambas, e assim passeava os quatro angulos do tablado; o

que

que feito, lhe tiravaõ a barra, e lhe roçavaõ as palmas das maõs com cera amarella, e unindo huma com a outra, lhas atavaõ com huma fita, e lhes punhaõ o ſello da Juſtiça, e deſta ſorte eſtava vinte e quatro horas; outros dizem que tres dias com ſentinellas; no fim do prazo vinha ao tablado outra vez, e os Juizes tiravaõ o ſello, e fita, examinavaõ as palmas das maõs, e ſe eſtavaõ queimadas, mandavaõ logo queimar a mulher. No tempo deſte Rey caſtiſſimo ſe executou algumas vezes eſte caſtigo, e muitas mais ſe vio o milagre da innocencia. Foi bem tirada eſta ley (diſſe o Ermitaõ) naõ ſó porque era tentar a Deos para o milagre, mas porque o ſexo feminino he o mais fragil. Admiro-me (diſſe o Theologo) de que chameis fragil ao ſexo feminino, ſendo hum homem velho, que leo pelo livro do mundo, iſſo he ignorar o que quer dizer a palavra fragil em todas as linguas; a ſignificaçaõ deſta palavra naõ he ſó o que québra, porque lhe tocaõ, mas ſim o que he capaz de quebrar, aindaque ſe naõ quebre, porque lhe naõ tocaõ; o vidro he mais fragil, que o barro; o barro mais fragil, que o madeiro &c., porque o vidro he mais diſpoſto, e capaz de quebrar do que o barro duro, e ainda molle; e ainda quando ſe quebraſſem ao meſmo tempo, ſempre era mais fragil ſem comparaçaõ, porque ſe havia de dividir em mais partes do que o barro; ora agora ponde nos homens, e mulheres o exemplo: o vidro eſtalla ſem ninguem lhe tocar, eſtalla com o ar, eſtalla com o baſo de alho, eſtalla com os efluvios dos olhos de muitas peſſoas, do que ſou teſtimunha de viſta, e o ſaõ neſte Reyno muitas peſſoas vivas fidedignas, que conhecêraõ na India a D. Franciſco de Souto-mayor, que naõ ſó os vidros, mas a gente fazia eſtallar com os efluvios dos olhos ſendo bellos; o meſmo hum Religioſo de Santo Agoſtinho, e outras muitas peſſoas, e no termo de Féro vive huma mulher com o meſmo veneno, que ha poucos mezes experimentou hum Eſcrivaõ do Géral á viſta do Alcaide Jozé Pereira Cortez: pois (irmaõ) o vidro he o homem

mem, que para quebrar lhe ſubeja o bafo, e á viſta de qualquer mulher a qualquer hora; e a mulher he o barro, que ſó québra quando dá grande quéda, ou padece grave impulſo, e outro ſó com violencia; os homens buſcaõ as mulheres todos os inſtántes,ſem outro motivo mais,que o appetite; e as mulheres padecendo as mayores neceſſidades, e trabalhos, nem para remedear eſtes, nem por appetite buſcaõ os homens; e ſe algumas o fizeraõ, ou fazem, reſpondo que de mil milhoẽs ſerá huma, e ſe lhe tirarem as inquiriçoẽs no confeſſionario, certamente o naõ faria, ſe tiveſſe com que paſſar a vida; e as outras cahem, porque ſaõ mil vezes provocadas, e perſeguidas: e qual ſerá mais fragil, e quebradiço,quem québra tantas vezes, quantas ſolicíta, ou quem depois de mil ſolicitaçoẽs québra? Eſſa a razaõ, porque a Igreja celébra tanto os triunfos, que alguns Santos provocados de mulheres conſeguíraõ, porque naõ ha mayor prodigio neſte genero, do que hum homem naõ quebrar, ſendo provocado; ſendo certo que a cada inſtante obraõ naturalmente eſtes milagres as mulheres reſiſtindo dias, mezes, e annos ás inſtancias dos homens: tudo vereis com a mayor clareza no memoravel caſo, que refere o Boſquio nas Notas Moraes a Garibai, ſuccedido no Reinado do noſſo Rey D. Affonſo o Caſto. Em Pravia accuſou Garcia Fernandes ſua mulher de adultera, e ambos requerêraõ a próva de fogo; ſubio Gilona ao theatro, e antes que os Juizes lhe examinaſſem as maõs confeſſou o delicto, dizendo que certamente tinha offendido a ſeu marido, mas que pela hora, em que ſe conſiderava proxima a morrer queimada, jurava que ſó o fizera por vingança; que dez annos a perſeguíra, e ſolicitára com rogos, dadivas, e finezas Mem Mendes, caſado, e que nunca conſentíra, naõ obſtante a paixaõ,em que viveo todo eſſe tempo,ſabendo que ſeu marido andava amancebado com as eſcravas Mouras, que tinha, naõ lhe fazendo companhia no leito, e maltratando-lhe com pancadas todos os dias o corpo; porém

rèm que,vendo parir delle huma eſcrava no meſmo dia, em que ella feſtejava o nacimento de hum unico filho, que de ſeu marido tinha, fòra tal a ſua paixaõ, e cólera, que mandára chamar a Mem Mendes, que havia tantos annos a perſeguia, e ſem mais appetite,que a vingança, ſe lhe entregára para a culpa; déraõ os Juizes conta diſto ao Caſto Rey D. Affonſo, o qual ordenou que o marido Garcia Fernandes moſtraſſe com o fogo a innocencia contra o que a mulher dizia, ou morreſſe queimado juntamente com ella: leváraõ ao theatro ambos, e elle temendo o fogo da barra, e eſperando eſcapar da fogueira, confeſſou, que no diſcurſo daquelles dez annos nunca fizera vida conjugal com ſua mulher, porque ſó o movia o appetite para as Mouras captivas ſuas, e alheyas; mas que, ſolicitando em todo aquelle tempo innumeraveis já com mimos, já com ameaços, ſó tres conſeguíra gozar algumas poucas vezes, uſando para iſſo de ſumma violencia, e que o meſmo lhe ſuccedêra com as Catholicas, e ſó achára pouca reſiſtencia na mulher de Mem Mendes; porque ella lhe diſſera queria vingar-ſe de ſeu marido, que ſolicitava Gilona, e a deixava a ella; porèm que elle lhe naõ déra credito, e accuſára falſamente ſua mulher de adulterio, fiado em hum Mouro, que lhe promettêra com feitiços fazer que as maõs de Gilona pareceſſem queimadas;e o motivo, porque lhe ſolicitára a morte, era para caſar com Zarina eſcrava ſua, e a mais feya de todas, porque ſó com o partido de a receber por mulher, ſe lhe queria ſujeitar, e que a eſcrava parida nunca tivera com elle acceſſo, nem era ſeu o filho, porque nunca lhe fôra poſſivel vencella para iſſo; mas que déra a entender a ſua mulher Gilona,que delle paríra a eſcrava, paraque ella, movida de raiva, a mataſſe, e depois a Juſtiça mataſſe Gilona, por ter morto a eſcrava, porque aſſim ſe vingava dos deſprezos, que experimentára nella, e ficava deſembaraçado para o caſamento de Zarina, que ſem iſſo naõ podia gozar, por mais violencias, que lhe tinha feito; e eſcuſava os fei-

tiços, e accusação de adulterio falso. Mandárão os Juizes chamar a escrava, que parira, e Zarina: a primeira confessou o que o senhor tinha dito, e que o filho era de seu marido Mouro, que occultamente a vinha visitar todas as somanas: Zarina disse, que sempre morrêra de amores por seu senhor, mas que nunca se pudéra vencer para o servir no estado de amiga, nem tambem lhe dissera matasse sua senhora; o que tambem confessou Garcia: e o Rey D. Affonso ordenou que elle, sua mulher, a mulher de Mem Mendes, e elle fossem queimados, que todas as suas escravas ficassem livres, e tambem as escravas dos outros, que elle tinha solicitado, e tinhaõ resistido, o que se recompensaria a seus senhores da fazenda do dito Garcia Fernandes, e Gilona; e o que restasse dos bens de ambos se repartiria pelas escravas, que foraõ oitenta e duas por todas nomeadas por elle á vista da fogueira; e querendo nomear as outras pessoas, lho impedíraõ os Ministros da Justiça, sem ordem do Rey para o calar; mas supporido era esta a sua vontade, pelos damnos, que se podiaõ seguir; e nota o historiador que todas confessáraõ lhe queriaõ muito por ser muito gentil, valente, engraçado, moço, discreto, e rico, mas que temiaõ a deshonra, os partos, e os desprezos de serem chamadas meretrizes em qualquer tempo, que as outras sonhassem a sua quéda. Ora ponderai bem esta verdadeira, e notavel historia, e vede quem he mais quebradiço, e fragil; que o mais direi eu quando tratar das heroinas a seu tempo. Estabeleceo o Rey D. Affonso Casto (continuou o Soldado) huma nova ley, paraque os Reys podessem demandar os Vassallos em juizo, e os Vassallos aos Reys. Neste anno [illegible] de 795 foi achado em Compostella o corpo do Apostolo S. Tiago, outros dizem foi esta invenção no de [illegible] foi em 95, pelo meio que o P. [illegible] manifestou o Ceo este thesouro [illegible] estrellas sobre o sitio, em que estava, todas as noites, avisou disto o bispo Theodomiro ao Rey D. Affonso;

ſo, o qual logo partio de Oviedo com toda a Còrte, adorou o ſagrado corpo do Patraõ de Eſpanha com tal devoçaõ, que logo lhe deo tres milhas de terra em roda do ſepulcro, e a toda a preſſa fez levantar huma Igreja, que foi por iſſo de pedra, e barro; ſignalou Religioſos de S. Bento para lhe aſſiſtirem, os quaes tirou do Moſteiro de S. Juliaõ, ou Cebriaõ de Aroſa, fundaçaõ de S. Fructuoſo, o que feito ſe retirou para Oviedo a fundar a Igreja de S. Salvador, onde depoſitou as reliquias, que lhe tinhaõ vindo de Toledo, e recebeo do Ceo o favor de que vieſſem Anjos em figura, e trage de ourives fazer-lhe a precioſa Cruz de ouro, que ſe venéra na Igreja de Oviedo. Entretanto em Compoſtella ſe fundáraõ tantas caſas, que juntas com outras, que já alli havia, e ſe chamavaõ Burgo, como conſta da Bulla do Papa Paſchoal II., fizeraõ a cidade que hoje ſe chama Compoſtella, nome que tomou em memoria da primeira eſtrella, e maior, que appareceo ſobre o ſepulcro; e dahi veyo o chamar-ſe *Campus ſtellæ*, depois *Campo ſtellæ*, e com pouca corrupçaõ Compoſtella. No anno de 798 diz o P. Claudio Clemente ganhou o Rey D. Affonſo aos Mouros Lisboa, e dos deſpojos della offereceo a Carlos Magno huma barraca de campanha mouriſca, e muito precioſa, porque neſſe tempo eraõ amigos com exceſſo; mas, paſſado pouco tempo, foi tal a deſconfiança de ambos, que tomáraõ as armas, e em Ronces Valhes déraõ a celebrada batalha, em que morreo Roldaõ, ſobrinho de Carlos Magno; e heróe valoroſo; foi derrotado inteiramente o exercito, e ficou o noſſo Rey D. Affonſo victorioſo. Há varias opinioẽs ſobre o anno, em que ſe deo eſta memoravel batalha, porèm a mais certa julgo ſer a que diz a vencemos no anno de 801. Quando havia o Rey deſcançar, e gozar-ſe do triunfo, fòraõ taes os levantamentos, e alteraçoẽs dos Vaſſallos, que o veneravel Rey ſe vio neceſſitado a recolher-ſe no Moſteiro Abelienſe, que entaõ era no lugar mais aſpero, e inexpugnavel de Galliza: entre tanto Thevaldo, homem

homem poderozo,e principal fuccegou o motim,e fez com que o pôvo foffe bufcar o Rey D. Affonfo ao dito Mofteiro com feftas, e alegrias notaveis, que refere Mariana, emendado por Medrano. Efte mefmo diz que o motivo de fe quebrar a grande amizade, que tinhaõ entre fi Carlos Magno, e o Rey D. Affonfo, e dos levantamentos do Reyno depois da batalha de Ronces Valhes, fòra, porque o Rey D. Affonfo tinha ajuftado com Carlos Magno,que o ajudaffe a lançar os Mouros todos fóra de Hefpanha,e que elle o adoptaria por filho, e lhe deixaria por fua morte o Reyno todo:ifto defcobrio Bernardo del Carpio aos Hefpanhóes, e os pôs em armas, tomando os paffos dos Pyreneos, ajudados dos Navarros, e Mouros de Aragaõ, porque todos eraõ intereffados, de forte, que a batalha fe deo em fitio taõ eftreito, que nem fe pôde formar o exercito Francez, que era numerofiffimo, como quem vinha conquiftar hum tal Reyno,nem a cavallaría Franceza pôde nunca pelejar,e por iffo ganháraõ os Hefpanhóes a victoria, depois da qual fe levantáraõ, paraque naõ adoptaffe Carlos Magno, nem lhe deixaffe o Reyno. O melhor logo.

F I M
DA QUARTA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA V.

SOcegados os motins, e reſtituido o Rey D. Affonſo o Caſto ao ſeu throno (diſſe o Soldado) ſahio logo a campo contra os Mouros, que venceo em dezaſeis campanhas com gloria, e utilidade ſumma dos Cabos, Soldados, e Monarquia. Ao meſmo tempo acabou a Igreja de S. Salvador de Oviedo, a qual ſagrárão ſete Biſpos no anno de 802, edificou logo outra a N. Senhora, e junto a ella hum clauſtro para ſe enterrarem os Reys, porque naquelle tempo não ſe enterravão os corpos nas Igrejas, ſó os oſſos de peſſoas grandes ſe admittião depois de ſeccos em alguns jazigos; edificou outra Igreja a S. Tyrſo, martyr, e outra a S. Julião; dotou todas as que tinha fundado, com groſſas rendas, e mandou fazer o Palacio de Oviedo o primeiro naquella Côrte, e o melhor que até então ſe tinha viſto. Não cuideis que eſtas Igrejas erão Ermidas, porque eu vi todas, e paſmei, notando a grandeza, magnificencia, arquitectura, e liberalidade do dote, effeitos das heroicas virtudes deſte veneravel Rey, tão ſanto, que ſempre o ſeu veſtido foi toſco, como o peyor do menor vaſſallo, e pouco, ſem regalo algum, o ſuſtento, para diſtribuir com Deos, e com os Santos, o que lhe rendião os Reynos, e os theſouros, que adquiria nas victorias dos Mouros. Enobreceo com ruas novas, e varios edificios a

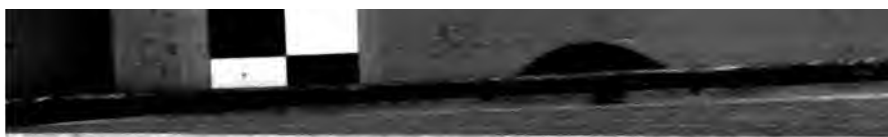
Côrte de Oviedo, fuſtentava todos os pobres della, e Soldados inválidos com mulheres, e filhos: mandava ás outras cidades, villas, e lugares dinheiro todos os mezes para ſe repartir pelos meſmos, viſitava os enfermos, aſſiſtia com amor, e extremos de pay á cura dos Soldados feridos nas batalhas com os Mouros, dotava innumeraveis donzellas todos os annos, e em fim (como D. Joaõ II. de Portugal) tinha livro dos merecimentos dos vaſſallos, para lhes dar premios, antes que elles tiveſſem o trabalho de pedillos. No pouco tempo, que deſcançáraõ as armas, creſceo com a ocioſidade entre os Mouros a ambiçaõ de ſorte, que em quaſi todas as cidades houve motins, e levantamentos, procurando todos dilatar os ſeus dominios já com exercitos, já com interpezas, e furtos, de ſorte que o Rey D. Affonſo, valendo-ſe da ſua diſgraça, e ruina, teve tempo para diſpôr melhor as forças de Heſpanha; para o q̃ fez tróca de varias terras ſuas com outras de D. Rodrigo Frolaz, ou Froylaz, filho de D. Fruela, Duque de Cantabria, e tio do Rey D. Affonſo II., eſte deo ao Rey as terras que tinha em Cantabria, e por ellas lhe deo o Rey as que tinha conquiſtado em Caſtella com o titulo de Conde deſta Provincia, e nelle tiveraõ principio os Condes de Caſtella; duas conveniencias grandes intereſſou o Rey neſta tróca, a primeira obrigar aos Condes que defendeſſem Caſtella dos Mouros, para conſervarem os ſeus Eſtados, o que naõ fariaõ vivendo nos outros que lhe déraõ, e a ſegunda ter as ſuas forças, e terras unidas todas, e continuadas, alicerſe o mayor das Monarquias; do contrario ſe ſeguem os irreparaveis damnos, que lamentamos nas Conquiſtas da India, onde perdemos hum dos grandes Imperios do mundo, porque todo elle eſtava dividido; o que nunca ſuccederia, ſe eſtiveſſe continuado, e junto. Os lucros do commercio nos alucináraõ, e fizemos huma conquiſta em cada Reyno, taõ diſtantes humas das outras, e com tantos mares, golfos perigoſos, e inimigos de permeyo, que nos primeiros annos foi neceſſaria a vida de milhoẽs de valo-

valorosos Cabos, e Soldados, que a perdêraõ para sustentar as Conquistas entre sustos continuos, e incriveis trabalhos; e depois que faltou esta multidaõ para morrer cada dia na defeza, perdemos miseravelmente tudo; o que certamente naõ succederia em tempo algum, se quando nos estabelecemos em Cochim, fossemos conquistando tudo para o Nórte, e Oriente de sorte, que nos communicassemos por terra, como hoje as Provincias deste Reyno, e os de Hespanha, e França: e melhor; porque na India podiamos fundar hum Imperio mayor que Hespanha, França, Italia, e Alemanha, sem ter inimigos, que nos inquietassem por terra, nem termos necessidade de navios, nem cousa alguma da Europa; e se entaõ lá fossem os Olandezes (como foraõ), nem hum palmo de terra nos tomariaõ; porque com a mesma facilidade, com q as Milicias de Lisboa podem acodir a Peniche por terra, as do Minho ao Porto, as do Alem-Tejo aos portos do Algarve; da mesma sorte o fariamos nós na India, e melhor; porque as costas saõ inexpugnaveis por causa dos rochedos, e furia dos mares, e nenhum inimigo da Europa era louco que fosse envestir as cidades maritimas, sabendo que estavaõ fortificadas, e unidas com tantas, donde em poucas horas lhe podiaõ chegar todas as Milicias. Socegados os Mouros sahíraõ contra nós unidos em dous formidaveis exercitos no anno de 810: mas sahindo a campo o Rey D. Affonso os venceo, e derrotou; o General Mouro Ores foi cercar Benavente; e Alcamá, Governador de Badajoz, foi cercar Merida, ambos levantáraõ vergonhosamente os sitios, tanto que sentíraõ sobre si a espada de D. Affonso, deixando nos campos innumeraveis mortos, e despojos ricos; porque os Mouros sempre tiveraõ a politica de levarem todos os seus bens, quando vaõ á campanha: e naõ he fóra de razaõ esta idéa; porque como tem mais que perder nas batalhas, forçosamente haõ de vender caras as vidas, com o fim de defenderem mulheres, filhos, e alfayas. Neste tempo hum Mouro illustre, ou fosse para nos destruir, ou por medo ver-

dadeiro do Rey de Cordova, fugio para Oviedo, pedindo ao Rey D. Affonso lhe valesse; o que elle fez com rara generosidade, signalando-lhe huma villa em Galliza, onde vivesse sem receyo, o que elle gozou oito annos; e para dar agradecimento de Mouro, no fim delles se apoderou de huma villa chamada Santa Christina, para o que o ajudáraõ muitos Mouros armados, que elle tinha conciliado para esta ingratidaõ infame nos oito annos de ocio; acodio D. Affonso a este damno, e teve para o remedear hum trabalho excessivo, porq a povoaçaõ estava mil vezes bem fortificada, tinha dentro quasi seis mil Mouros valentes, e tudo o necessario para hum dilatado sitio, que lhe pôs D. Affonso; e aindaque depois de muitos assaltos, e escaramuças a conquistou, foi com grande fadiga, e muito tempo esteve duvidosa a victoria, que em fim conseguio com morte de sinco mil Mouros, hum dos quaes foi o infame ingrato, chamado Mahomad, que deixou o Rey, e todos os seus successores advertidos para nunca mais favorecerem Mouros. No anno seguinte entráraõ os Mouros pelas terras de Castella, e o nosso Conde, ajudado de D. Bernardo del Carpio, sobrinho do Rey, e terror dos Infieis, os derrotou; mas como esta vil canalha propaga como as formigas, e moscas, apenas em Castella vencidos, apparecêraõ sobre Leaõ, e Oviedo com dous exercitos; aqui foi onde o Rey D. Affonso mostrou os quilates do seu valor, e seu sobrinho D. Bernardo matou só com as suas maõs tantos mil Mouros, que, acabadas as batalhas, e derrotados os dous exercitos, pedio ao Rey seu tio que em remuneraçaõ dos seus serviços concedesse liberdade a seu miseravel pay cégo, prezo, e afflicto, pelo que já vos disse; porèm como naõ ha homem sem defeito, este foi o que teve o Rey D. Affonso, porque naõ foi possivel soltar o cunhado, e premear com esta consolaçaõ hum sobrinho, que lhe tinha sustentado a Corôa na cabeça, e era o mayor General da Europa. A experiencia mostrou que fôra delirio, falta de justiça, e prudencia, porque D. Bernardo

nardo lhe pedio licença para se retirar para o seu Condado de Saldanha; seguio-o muita Nobreza do Reyno descontente por este motivo, de que se seguírao disturbios notaveis, que diminuírao os Estados do Rey, e a vida, aquelles com a guerra civil de D. Bernardo, esta com o disgosto de o nao poder castigar. Neste tempo os Mouros mudárao as emprezas, querendo antes adquirir conquistas distantes, seguras, do que tolerar o rigor das armas Catholicas; e a primeira foi a ilha de Candia, de que se fizerao senhores no anno de 830, no qual dizem se fundára a Universidade de Tolèdo, para a qual mandárao buscar os Catholicos os Mestres mais famigerados em Filosofia, Medicina, e Astrologia. Tambem nestes annos floreciao na Hespanha muitas pessoas veneraveis; S. Theodorico Abbade, que padeceo martyrio em Cordova no anno de 851; Alvaro, e Isidoro, irmãos de S. Eugolio, martyr; Theodomiro, Monge de S. Bento, e Bispo de Calahorra; Alvaro, varao insigne do sangue Real dos Godos, condiscipulo de S. Eulogio; Claudio chamado o Batalhador; Leandro Abbade Agaliense, que dizem escrevêra contra Claudio, Bispo de Tarento, herege; se bem outros querem que o Escriptor fosse o Abbade Theodomiro, e que por isso fôra martyrizado. Gastava o Rey D. Affonso os ultimas dias de vida em obras de piedade, e religiao, quando lhe deo a ultima enfermidade, de que falleceo a 24 de Abril de 843: conheceo que morria muito tempo antes; e como nao tinha filhos, e havia de nomear successor ao Reyno, para obrar com summa rectidao em tudo, privou da Corôa a seu sobrinho Bernardo del Carpio em castigo da sublevaçao, que tinha feito, pena muito pequena para tao grande culpa, e nomeou por seu successor a D. Ramiro, filho do Rey D. Bermudo, Monge Diacono, que sendo Rey o chamou para o governo, e lhe deixou a Corôa, que podia sem escrupulo deixar a seu filho Ramiro a quem agora a restituio D. Affonso, usando elle a mesma lealdade, que em seu pay tinh[illegible]rimentado. Foi sepul-

tado

tado em Santa Maria de Oviedo entre lagrimas, e ternos ſuſpiros de todo o Reyno,que nelle perdeo o melhor Rey, e amante pay; viveo oitenta e ſinco annos, reinou ſincoenta e dous, ſinco mezes, e tres dias. Achava-ſe auſente D. Ramiro,quando falleceo D.Affonſo, e valendo-ſe da occaſiaõ o Conde Nepociano,homem rico,e de genio terco,ſenhoreou o Principado de Aſturias, e ſe intitulou Rey ſeguido de todos os do ſeu genio, e amigos de novidades na Républica. Juntou D.Ramiro todos os que o quizeraõ ſeguir, entrou no Reyno de Galliza,e encontrou-ſe com Nepociano nas margens do rio Narceya, onde lhe preſentou batalha, na qual favorecido da juſtiça, que lhe aſſiſtia, derrotou inteiramente o exercito do traidor Nepociano, o qual fugio disfarçado, mas ſeguido de dous Cavalheiros valoroſos Somna,e Scipiaõ; foi prezo na Comarca de Premaria, e conduzido ao Rey D. Ramiro, que o mandou cegar com fogo, e prender para ſempre em hum Moſteiro, onde acabou miſeravelmente a vida. Depois ſe levantou contra elle o Conde de Aldieto, e ſete filhos ſeus, porèm, ſahindo contra elles D. Ramiro a campo, os degollou todos. Foi duas vezes caſado, a primeira com D. Paterna, de quem naceo D. Ordonho, que lhe ſuccedeo na Corôa; achava-ſe viuvo deſta ſenhora quando ſubio ao trono, tendo mais de ſincoenta annos de idade; porque ſincoenta juſtos tinhaõ paſſado depois da morte de ſeu pay D. Bermudo. Caſou ſegunda vez em Caſtella com D.Urraca, ſenhora da principal Nobreza,da qual naceo o Infante D.Garcia, D. Ildonicia, e D. Hermeſenda, a primeira naceo céga, e a ſegunda caſou com Gurba, Duque, ou Rey, (como alguns querem) de Bertanha menor,de quem diz Mendes da Sylva, que no anno de 834 viera a Heſpanha, e que eſtes Principes ſaõ os primogenitores da grande caſa de Guſmaõ, que outros fazem deſcendente do Rey Godo Gundimaro. Tambem Garibai diz que D. Ordonho nacêra de D. Urraca, e naõ de D. Paterna, outros dizem caſára D.
Ra-

Ramiro huma só vez, e que a mulher tinha dous nomes, Paterna, e Urraca; e eisaqui porque os Francezes fazem zombaria da historia de Hespanha, porq em nenhuma cousa se ajustaõ os authores della. Foi D. Ramiro prudente, e valoroso, grande perseguidor de feiticeiros (praza a Deos que o fossem todos) os quaes mandava queimar vivos, paraque já neste mundo começassem a padecer o Inferno; com igual severidade castigava os ladroẽs, tirando-lhes os olhos, e com elles a occasiaõ de cubiçarem os bens alheyos. Nisto se occupava quando Abderamen Rey de Cordova, ufano com as victorias, que tinha alcançado de seu tio Addalla, a quem tirou a cidade de Valença, de que elle se lhe tinha apoderado, mandou Embaixador ao Rey D. Ramiro dizendo que lhe pagasse o tributo das cem donzellas, que se naõ tinha pago desde que tomou o Sceptro D. Bermudo Monge, e Diacono, aliàs lhe faria guerra: ao que respondeo D. Ramiro que no campo com as armas lhe daria a resposta. Preparou o Rey Mouro hum formidavel exercito de Soldados veteranos, e bem armados, prendas, que faltavaõ nos Soldados Catholicos, porque eraõ seculares bisonhos, e ecclesiasticos nada perítos, e todos mal armados: junto á cidade de Logronho no sitio chamado Albeida, ou Albaida se encontráraõ os exercitos, durou a batalha furiosamente todo o dia, e separaraõ-se á noite sem se declarar a victoria por nenhum dos combatentes. Ficáraõ os Catholicos muito descahidos de animo, e cheyos de medo; o Rey como pay curou os feridos, e animou a todos; porèm vendo-os taõ mal armados, e tímidos contra tantos mil Mouros alentados, afflicto, e penalizado pegou no somno, no qual lhe appareceo o Apostolo S. Tiago, que o consolou dizendo-lhe publicasse logo ao seu exercito que elle lhe segurava a victoria no dia seguinte: acordou o Rey, contou o sonho, e visaõ do Apostolo, clamou em vivas alegres o exercito, e formado acõmettêraõ aos Mouros: apenas chegáraõ a bote de lança, viraõ todos na vanguarda do exer-

cito

cito hum luzido General em hum cavallo branco com huma bandeira branca em huma maõ, e nella huma Cruz roxa em outra huma eſpada, o qual ſó com a preſença tirava aos Mouros a vida; conhecêraõ que era S. Tiago, clamáraõ todos por elle, e foi a primeira vez, que começáraõ batalha invocando o Santo Apoſtolo; fugíraõ da ſua viſta os Mouros, e os Catholicos ſeguindo-os intrepidos matáraõ ſetenta mil, e conquiſtáraõ Clavijo, onde ſe tinha dado a batalha a 25 de Mayo de 844, tomáraõ depois Alverda, Calahorra, e outros lugares, e para agradecerem a S. Tiago o beneficio fizeraõ todos voto de lhe darem certa medida de trigo, e vinho cada anno para a ſua Igreja de Compoſtella, e que quando ſe repartiſſem pelos Soldados os deſpojos das batalhas, ſe déſſe a S. Tiago huma parte, como coubeſſe a hum Soldado de cavallo: eſte aditamente ao voto já ſe naõ uſa ha muitos annos, porèm o voto do paõ, e vinho, que o Rey confirmou, e depois o Papa, ainda ſe obſerva; naõ ſó em Eſpanha, mas na provincia de Entre Douro, e Minho neſte Reyno, porque ſe acháraõ na batalha, e em lugar de o darem a S. Tiago em Compoſtella, o daõ ao meſmo Santo na Sé Primacial de Braga. Logo direi o mais deſte notavel Rey.

FIM DA QUINTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VI.

NA Conferencia passada (disse o Soldado) vos contey o voto, que fez o Rey D. Ramiro com todos os seus vassallos a S. Tiago, em que entraraõ os póvos da Provincia do Minho, que sempre pagaraõ á Sé de Compostella, até que entre os Conegos della, e os de Braga houve huma concordata para evitar trabalhos, e discordias, em que cedêraõ os de Braga a Compostella todos os dizimos, pensoens, e utilidades, que tinhaõ em Galliza; e os de Compostella cedêraõ da mesma sorte tudo o que lhes pertencia no Arcebispado de Braga ao Cabido della: desde entaõ se paga o voto á Sé Primacial, e hoje he renda notavel, porque justissimamente obrigaraõ em foro contencioso a este pagamento innumeraveis pessoas, que delle se tinhaõ eximido, huns com o fundamento indevoto de que só tiveraõ essa obrigaçaõ os descendentes dos que prometteraõ; outros, porque gozavaõ bens, que se estabeleceraõ no que entaõ eraõ matos, ou baldios, como se qualquer delles havia de gozallos, se o Santo Apostolo nestas, e em tantas mil batalhas visivelmente lhes naõ desse as terras, e as vidas. Hoje chama a esta pensaõ o pôvo rude *Bodo*, enorme corrupçaõ do nome *voto*. Naõ parou só nisto o agradecimento do Rey D. Ramiro; mandou edificar huma Ermida no *sitio*, onde venceo a batalha, e appareceo

pareceo S. Tiago com a bandeira, e espada vencendo-a; fundou a Ordem Militar de S. Tiago na Igreja Matriz de Logronho, dedicada ao mesmo Santo, distante duas legoas da dita Ermida, a qual dedicou ao mesmo Santo, e ordenou que sempre assistisse nella hum Religioso desta notavel Ordem Militar, costume santo, que ainda hoje se observa, e a Ermida está notavelmente augmentada. Fundou-se esta Religiaõ em treze Cavalleiros em louvor de Christo Senhor nosso, e dos doze Apostolos, cujos nomes eraõ Velasco Arias Nogueirol, Gundimaro Fernandes Boaõ, Nuno Peres de Andrade, Guilhermo Gundimaro, neto do Rey D. Ramiro, Diogo Lopes de Lemos, Gonsalo Peres de Figueiroa, Nuno de Biedma, Rodrigo de Bolanhos, Fernando Sanches de Ulhoa, Pelayo de Ribadaneira, Odorio Ossores de Anaya, Adulfo Arias, e Hero de Taboada: naõ se sabe com que Regra, ou Estatutos começaraõ; mas he certo que, passados annos, se uniraõ aos Conegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Hoyo em Galliza, e elles lhe fizeraõ Constituiçoens, professaraõ dahi por diante a Regra do mesmo Santo Doutor, até que tendo a dita Ordem cento e quarenta e cinco annos de fundaçaõ, o Cardial D. Jacintho; Legado a Latere em Hespanha, levou comsigo a Roma o Mestre da dita Ordem D. Pedro Fernandes de Fuente Calada, e alguns Cavalleiros, e Conegos della, os quaes ouvidos benignamente pelo Papa Alexandre III. alcançaraõ delle a confirmaçaõ da Ordem, Constituiçoens, e Regra com muitas graças, e privilegios notaveis, que tudo consta da Bulla expedida a cinco de Julho de 1175 Alguns por capricho duvidaõ desta antiguidade, e outros quasi loucos, até duvidaõ da batalha de Clavijo, mas esta he a verdade pura, que o P. Fuente astabelece com os mayores fundamentos, e innumeraveis Authores. Tambem fundou o Rey D. Ramiro logo em acçaõ de graças nas faldas do monte Naurancio, meya legoa fóra de Oviedo, huma notavel Igreja dedicada a N. Senhora, e dalli a pouca distan-

cia outra dedicada a S. Miguel, de quem era devotissimo. A Rainha D. Urraca ornou essas Igrejas todas com preciosas alfayas, porque o seu cuidado era poupar na meza, e vestido para gastar nos Templos, especialmente no de Compostella, onde está o corpo de S. Tiago, cujos Cavalleiros neste tempo em observancia dos seus Estatutos andavaõ incessantemente pelas estradas, matando Mouros, e ladrões, e acompanhando os peregrinos, que hiaõ visitar o Santo Apostolo. Acabada a guerra dos Mouros, começou a dos Normandos, povos Septemtrionaes criados em Dacia, ou Novergia, impios, ferozes, e barbaros, os quaes capitaneados por Rholaõ, déstro Piloto, roubaraõ os navegantes do Mediterraneo, e Oceano, accommetteraõ as prayas de Pisa, depois destruiraõ toda França, vencêraõ o Duque de Anjou em huma batalha, fizeraõ assento na Provincia de Neustria, que hoje he Normandia, donde sahiraõ com grossas Armadas, que fabricáraõ nas costas de França, a roubar as de Hespanha, principalmente as de Galliza; sahiraõ a terra na Corunha, onde os venceo o Rey D. Ramiro I. em batalha campal, e depois em outra naval com tanta fortuna, que elles destroçados fugiraõ para Lisboa, que entaõ era dos Mouros, donde se recolheraõ a França, e no anno seguinte vieraõ roubar as costas de Andaluzia, e puzeraõ cerco a Sevilha, donde os lançaraõ os Mouros com destruiçaõ total. Neste tempo, que era o anno de 846, morreo em Oviedo o Infante D. Garcia, irmaõ do Rey, e seu amado companheiro em todo o governo da Monarquia: sentio o Rey muito a sua falta; e esta pena junta com as que lhe causou a destruiçaõ, que os Normandos fizeraõ nos Conventos, Igrejas, e fazendas de Betanços, Corunha, Cadiz, e Medina Sidonia lhe formou a ultima doença de que faleceo no primeiro de Fevereiro de 850, e foy sepultado na Sé de Oviedo ao lado esquerdo de seu pay com o epitafio seguinte, cuja Era de Cesar corresponde ao anno de 850 de Christo, como diz o P. Fuente: *No primeiro de Fevereiro da Era*

de 888 morreo o Rey D. Ramiro o I. Todos, os que isto lerem, não cessem de rogar por seu descanço perduravel. Succedeo-lhe na Coroa D. Ordonho, filho de sua primeira mulher D. Paterna, e casado com D. Munia; celebrou as exequias de seu pay com notavel pompa, e luto, e acabadas ellas tomou as insignias Reaes; era manso, pacifico, affavel, e valoroso, mas demasiadamente facil em crer, de que se seguio terem ousadia tres serventes da Igreja de Compostella, ou tres escravos, como querem outros, de lhe dizerem que o veneravel Arcebispo Athaulfo commettia com certos sujeitos o peccado nefando; sem mais informações mandou chamar para tirar-lhe a vida, sendo algoz hum touro bravissimo, que mandou lhe soltassem tanto que elle entrasse no patio do Palacio: o santo Bispo depois de celebrar Missa, e pedir nella a Deos descobrisse a sua innocencia, ornado com todas as vestimentas Pontificaes, entrou no patio; sahio o touro, e o santo Bispo fazendo o signal da Cruz, o esperou sem dar passo, chegou o bruto fazendo-lhe caricias pelo seu modo, e inclinando a cabeça lhe tocou com as pontas nas mãos, como quem lhas offerecia, e logo que nas o Bispo lhe pôs a maõ nellas se lhe despegaraõ como se viessem separadas da cabeça; pasmou o Rey, e os Palaciegos riqueiros, que estavaõ nas janellas para ver a morte do santo Bispo, convertêraõ em adorações as calumnias, pedindo perdaõ de lhe darem credito: huns dizem que o Bispo amaldiçoara os que lhe levantaraõ o testimunho, e que morreraõ logo, outros dizem que lhes perdoara, e que por fugir aos applausos da Corte fora logo para o seu Bispado; isto creyo, como tambem, que o intentou renunciar, e o Rey o naõ consentio, e lhe mandou seus filhos, para que lhos educasse. As pontas do touro se puzeraõ na Sé de Oviedo, onde se conservaraõ muitos annos. Continuou o Rey D. Ordonho a guerra contra os Mouros, aos quaes tomou as Cidades de Coria, e Salamanca, memoravel conquista do Rey D. Affonso I., como tambem o fora Avelda,

que

que depois tomou o Rey Mouro de Toledo, e recuperou D. Ordonho, matando dez mil Mouros, e os mais inſignes daquelle tempo, de ſorte, que ficaraõ ſendo ſeus vaſſallos os Reys de Toledo, Saragoça, e Hueſca: o primeiro vendo ſobre ſi o de Cordova com poderoſo Exercito, valeo-ſe do ſeu Monarca D. Ordonho, o qual lhe mandou trópas de Navarros, e Aſturianos, e por General ſeu irmaõ o Infante D. Garcia, que foy mal ſuccedido, porque o Rey de Cordova aſtuto formou o Exercito em hũa emboſcada junto ao rio Guadacelete, e mandou algumas trópas a provocar os de Toledo, que vendoa-as poucas, e mal ordenadas, ſahio tambem ſem ordem a degollallas: porém os Mouros com inveſtidas, e retiradas o fôraõ conduzindo até a emboſcada, donde ſahindo o Exercito formado perdeo o Rey de Toledo a batalha, e ficaraõ no campo doze mil Mouros, e oito mil Catholicos ſem vida; o Rey, e o Infante com os poucos, que reſtavaõ, abrindo caminho com as eſpadas, ſe recolheraõ a Toledo, que logo cercou o Rey de Cordova victorioſo; mas conhecendo a difficuldade da conquiſta, pela notavel fortaleza da praça, queimou, e deſtruîo campos, e edificios, e recolheo-ſe mais ufano, que rico. Os de Toledo intentaraõ vingar-ſe conquiſtando Talavera, porém o Governador Mouro ſe defendeo de ſorte, que ſe retiraraõ com infelicidade, e continuando as invaſões do Rey de Cordova, ſe lhe entregou Toledo no anno de 857. O Rey chamado Muça, por naõ viver ſujeito ao de Cordova, dizem ſe matara, outros que paſſara para Africa, onde acabara a vida ſem lhe poder evitar eſtes damnos D. Ordonho, porque o divertia o Rey de Cordova ao meſmo tempo fazendo-lhe entradas por Navarra na provincia de Alaba. Ceſſáraõ em fim as guerras, e occupou-ſe o Rey na reſtauraçaõ de Cidades arruinadas, que foraõ Tuy, Aſtorga, Leaõ, Amaya, e outras; iſto o divertio, e occupou de ſorte, que ſe naõ aproveitou das guerras civîs, que no meſmo tempo houve entre os Mouros, como o fez Vyifredo o Vello-

ſo,

lo, Conde em França, que vendo-os divididos lhes tomou Catalunha, a qual lhe deo Luiz V. em premio de lhe vencer huma memoravel batalha contra os Normandos no anno de 858. Foy o primeiro Conde deste Principado excellente, e tomou por armas cinco barras, ou páos vermelhos em campo de ouro. Teve D. Ordonho quatro filhos de sua esposa D. Munia, e huma filha; o primeiro foy D. Affonso, que lhe succedeo na Coroa, o segundo D. Bermudo, a quem seu irmaõ mandou tirar os olhos, por suspeitas de que intentava conjurar-se contra elle, o terceiro D. Nuno Fernandes, o quarto D. Oduario; Mendes da Sylva diz que tivera quinto, e se chamava D. Fruella, e que a todos cinco tirara os olhos o Rey D. Affonso. Todos estes se criaraõ em Compostella em casa do santo Arcebispo Athaulfo; a quem o Rey D. Ordonho amava com o mayor extremo, desde que vio o prodigio do touro, e agradecido pela excellente educaçaõ de seus filhos, naõ só confirmou a mercê, que o Rey D. Affonso o Casto fizera áquella Igreja, mas novamente lhe deo outras tres milhas de terra em obsequio de S. Tiago, para sustento do Prelado, e para que o encommendasse a Deos, como consta da mesma doaçaõ. Padecia gota o Rey D. Ordonho; e para que naõ faltasse a justiça, e bom governo do Reino, por estar impedido com este achaque penoso, que o impossibilitava para sahir de Oviedo, mandou seu filho primogenito D. Affonso governar Galliza, e celebrar Cortes, nas quaes confirmou o privilegio, que seu pay tinha concedido á Igreja de S. Tiago no anno de 862. Morreo o santo Arcebispo Athaulfo a trez de Abril de 864; e o Rey D. Ordonho, aggravando-se-lhe a gota, faleceo a 27 de Mayo de 866 com doze annos de governo coroados de triunfos, victorias, e virtudes heroicas, foy sepultado em Santa Maria de Oviedo, onde tambem jaz sua esposa D. Munia. Neste mez, e anno em Toledo acharaõ os Mouros huma fabrica, que descripta nas notas de Garibai tem muita similhança com o que ja vos contei

tey havia em Lisboa nas casas, que foraõ do P. Jozé Pinto, defronte da porta de Alfofa: cavaraõ os Mouros em huma herdade fóra da Cidade para fazerem hum grande celeiro, ou, como outros julgaõ, para fundarem huma torre, ou atalaya; o certo he que, tendo a cova cinco braças de altura, retinio o pavimento, signal de que batiaõ em abobeda de pedra, cresceo-lhes a curiosidade com avareza, e esta com a esperança, que ainda hoje reina, de acharem algum notavel thesouro escondido alli pelos Catholicos, ou por outros mais antigos; romperaõ a abobeda com tanta infelicidade, que ao mesmo tempo com as pedras cahiraõ embaixo dous Mouros, e sahio pelo buraco hum tal halito, que os outros perdêraõ os sentidos; acodiraõ os que estavaõ presentes, e conduzidos a casa se restituiraõ; porém como houve este incidente rompeo-se o segredo, e mandou o Rey pôr guardas no sitio, passados oito dias, que julgou tempo bastante para se extinguir aquelle maligno vapor; foy pessoalmente examinar a fabrica, acompanhado de todos os instrumentos para isso. Lançaraõ abaixo hum candieiro de ferro com muitas luzes prezo a huma corda, e depois de largarem trinta braças della, apenas descobriraõ columnas de monstruosa grossura, e muita agoa, que se movia; attonitos á vista desta notavel fabrica, multiplicaraõ as luzes, e viraõ perfeitamente que era hum templo excellentemente fabricado; e sondando a altura da agoa com hum prumo, acharaõ que só tinha duas braças menos hum palmo, o que tudo os moveo a descerem os que melhor sabiaõ nadar; e o Rey para mayor segurança mandou abrir muito mais a abobeda, e lançar abaixo primeiro huma jangada de madeira, na qual podessem com menos perigo conservar as luzes, e especular tudo; fizeraõ differentes votos a Mafoma, e descêraõ os exploradores da fábrica entre sustos horriveis de todos, porque o eco de qualquer palavra era summamente medonho, e quanto mais desciaõ, mais horrendo era o eco; em fim seguros na jangada navegaraõ por entre columnas

sem-

ſempre ſem deſcobrirem mais porta, que a donde vin
torrente de agoá, a qual viraõ ſe ſumia em hum canto,
de naõ quizeraõ chegar temendo os ſorveſſe; affli
com o frio, e medo inveſtiraõ a porta unica, e viraõ h
caſa quadrada grande, aberta toda em rocha viva, ond
dêraõ andar com agua pelo joelho, porque ficava mais
entraraõ dous a nado rompendo a violencia, com q
agua ſahia, e viraõ dentro hum tumulo de vinte e dous
mos de comprimento, e doze de largo, no tampo vario
racteres, que nem eſtes, nem os mais ſabios, que lá f
poderaõ lêr, ſobre o tumulo hum cavallo de pedra ſepa
da obra, de eſtatura commua, e ſobre elle huma mulh
pedra tambem ſeparada com a maõ eſquerda nas crine
cavallo, e apontando para o Occidente com o dedo i
da maõ direita; nos dous angulos correſpondentes á c
ceira, e pés do tumulo acharaõ duas portas, e de
huma caſa da meſma largura, mas toſca, e com mais, e
nos comprimento em varias partes, tudo rochas, que
çavaõ agua; com eſta noticia ſubiraõ, e deſceraõ muitos
inſtrumentos para abrir o tumulo, ou quebrallo o que
ca poderaõ conſeguir mais, que em hum canto, pelo
deſcobriraõ muitos oſſos, que cheiravaõ ſuavemente,
que em diverſas jangadas ſondaraõ a monſtruoſa caſa d
ra, acharaõ que junto a cada columna eſtavaõ quatr
pulcros muito grandes nos quatro angulos della, de ſ
que paſſavaõ de mil e duzentos os tumulos; julgaraõ ſ
brica edificada antes do diluvio; e vendo que todos o
lá deſciaõ acabavaõ a vida conſtipados de frio, o Re
Cordova, e Toledo mandou tapar tudo.

FIM DA SEXTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA VII.

JA vos contei(disse o Ermitaõ)como o Conde do Prado conquistou valorosamente Gayaõ no anno de 1663, e mandou edificar perto hum novo forte,a tempo que D. Balthasar Pantoja conduzia o exercito do Arcebispo de Compostella. Para se vingar desta affronta, intentou huma diversaõ pelo mar, e hum furacaõ lha frustrou; atacaraõ varias escaramuças por terra, e em todas se retiraraõ maltratados sem mais lucro, que vermos continuar a obra do forte, que se acabou com incrivel brevidade, formado com sinco baluartes muito capazes de alojarem hum numeroso presidio. Em opposiçaõ levantou D. Balthasar outro forte no monte chamado *dos medos*. E o Conde do Prado desejoso de mayores triunfos nesta campanha,mandou interprender Lindoso, praça, que os inimigos nos tinhaõ conquistado havia hum anno, e a tinhaõ melhorado com sinco baluartes, que cercavaõ o Castello.Era de grande utilidade a empreza,porque Lindoso fica perto de Braga;nomeou para Cabo da conquista o Tenente de Mestre de Campo General Joaõ Rebello Leite, deo-lhe trezentos Infantes pagos, quatro companhias de cavallo,governadas pelo Capitaõ Joaõ Corrêa Carneiro,e ordem para conduzir todas as Ordenanças vizinhas; executou Joaõ Rebello as ordens com o mayor segredo, e chegou á vista da praça ao amanhecer,investio a nossa Infantaría a barbacãa, porque a nova fortificaçaõ naõ estava de todo perfeita; e passadas algumas horas,em que foi taõ bem atacada, como defendida, cederaõ os defensores, deixando

fincoenta mortos,e quarenta prizioneiros;ficou João Rebello fenhor da barbacãa,mas com duas feridas taes.que lhe impediraõ continuar a empreza ; entregou o governo a João Corrêa Carneiro,o qual defejando completar a obra,mandou arrimar as mantas,fazer fornilhos,atacar minas fem refpeitar as nuvens de balas,e inftrumentos de fogo,que os Caftelhanos lançavaõ no foffo , de que muitos dos noffos efcaparaõ feridos ; em fim ja determinava defmontar a cavallaria para dar o affalto,quando chegou o Meftre de Campo Vafco de Azevedo Coutinho com quinhentos Infantes de foccorro ; o que vifto pelos Gallegos , entregaraõ o forte. Acharaõ-fe nelle feis peças de artilharía , grande quantidade de munições,e conftava a guarniçaõ de quinhentos Soldados;ficou-o governando o feu Alcaide mór Manoel de Soufa de Menezes, que foi hum dos que valorofamente o reftauraraõ; deixou-lhe João Rebello quinhentos Infantes,retirou-fe para a villa da Barca a curar-fe,e a mais gente para o exercito,que trabalhava ainda na fábrica do forte,que o Conde do Prado entregou ao Meftre de Campo Manoel Nunes Leitaõ com mil Infantes, duzentos de cavallo, oito peças,e tudo o mais neceffario para fuftentar hum rigorofo fitio,q̃ devia temer.O Conde de S.Joaõ fe retirou para Trás os montes,porque D. Balthafar aquartelou o exercito,e acabou o governo,porque o Rey nomeou Vice-Rey de Galliza D.Luiz Poderico,que tinha fido Meftre de Campo General de D.Joaõ de Auftria, a quem hofpedou o Conde do Prado,mandando o Tenente General da Cavallaría Joaõ da Cunha Sotto-mayor entrar em Galliza por Chaõ de Crafto,o que elle fez valorofamente; e depois de faquear,e queimar muitos lugares abertos,fe retirou fem oppofiçaõ. O Conde de S. Joaõ tinha augmentado a Cavallaría da fua provincia a hum notavel numero,e luzimento,e com taõ pouca defpeza,que parecia incrivel pudeffe vencer tantos impoffiveis a induftria ; mas concorriaõ para eftes gaftos os póvos de tres Reynos Leaõ , Galliza , e Caftella,que fe lhes fizeraõ tributarios depois de faqueados

os

os mais ricos, de que resultaraõ taes conveniencias aos Soldados,e paizanos,que para todas as emprezas concorriaõ gostosos; e o Conde,que os tinha sempre occupados, sabendo que nos lugares de Souto, Chaõ, Berrande, e Arçoa estava alojado o Terço do Mestre de Campo D. Diogo de Ense,e outras Companhias de Infantaría,que tinhaõ assistido no exercito de D.Balthasar Pantoja Entre Douro,e Minho;sahio a degollallos com tal fortuna, e destreza, que ao romper da manhãa entrou nos alojamentos sem o sentirem,e só escaparaõ de prizioneiros os que ficaraõ mortos.Na Beira intentou o Duque de Ossuna remedear as infelicidades de D. Joaõ de Austria na Extremadura, tomando-nos a importante praça de Almeida; o que sabido pelo General da artilharía Diogo Gomes de Figueiredo,segurou a praça com a sua presença, e com todas as Milicias,que lhe foi possivel ajuntar,que naõ passavaõ de setecentos homens.A 2 de Julho,duas horas antes da manhãa,appareceo o Duque com sinco mil Infantes, e seiscentos de cavallo, investiraõ a praça por sinco partes, tres para empenho, e duas para diversaõ;pelo chafariz,e baluarte de S.Francisco se conheceo o mayor impulso,porque arrimando muitas escadas subiraõ os Castelhanos ao alto da muralha, favorecidos de mampostas, bombas, e granadas; quasi ao mesmo tempo arrimaraõ hum petardo á porta do Barro,o qual matou todos os que estavaõ presentes,e só abrio na porta hum pequeno buraco,por onde com muito trabalho podia entrar hum homem; mas os Castelhanos peleijavaõ com tal ardor,que muitos Officiaes valorosamente perderaõ a vida,intentando a entrada pelo buraco da porta; o Duque animava a todos,e Diogo Gomes acodia a todas as partes,até que vendo passar tantas horas de combate sem melhora,juntou a gente, que foi possivel,e investio os Castelhanos, que estavaõ no baluarte de S.Francisco;e encontrando na frente de todos o Mestre de Campo,que era o Cabo do assalto com a summa destreza, que tinha no jogar das armas, lhe correo huma estocada,e passando-o por baixo de hum braço,o precipitou

cipitou da muralha; á viſta do que começaraõ huns a cahir, outros a deſcer,e a artilharía,e moſquetaría da praça teve occaſiaõ para jogar ſobre o exercito inimigo,que tinha diante a peito deſcoberto;e o Duque de Oſſuna deſenganado mandou tocar a recolher,deixando no foſſo mortos quatrocentos Infantes.na praça morreraõ ſincoenta,e ficaraõ outros tantos feridos.Brevemente chegou o Governador da provincia Pedro Jaques de Magalhães, que o Rey nomeou Governador deſte partido , e deo o de Penamacor ao valeroſo Affonſo Furtado de Mendonça;e como eraõ amigos fizeraõ com bom ſucceſſo varias entradas nos lugares abertos:de que ſentido o Duque ſahio com ſinco mil Infantes,novecentos de cavallo,ſeis peças de artilharía,e mais petrechos,e a 4 de Dezembro amanheceo ſobre o forte de Val de la mula,diſtante hũa legoa de Almeida,fábrica de pedra,e barro, governado pelo Capitaõ Joſeph de Abrunhoſa, com 60 Auxiliares, com os quaes ſoffreo muitas horas as baterias,até vêr no chaõ as muralhas todas; em cujos termos entregou o forte,capitulando que ſahiriaõ os Soldados com as armas , e paſſariaõ á praça de Almeida com a ſua roupa:aſſim lho prometteo o Duque; e apenas ſahiraõ com eterno labeo de vileza , faltou á palavra,e mandou que lhes tomaſſem todo o fato.Demos graças a Deos,que nunca Portuguezes obraraõ ſimilhantes vilanías. Sentio Pedro Jaques eſta acçaõ indigna, avizou á Côrte,ſegurou como pode a provincia,e mandou o Meſtre de Campo Manoel Ferreira Rebello, que foſſe interprender a villa de Guinaldo com mil Infantes,e cem de cavallo;marchou elle veſpera da Conceiçaõ de N.Senhora,e chegou depois de nacer o Sol de ſorte,que os Officiaes duvidaraõ executar a ordem; porém elle cheyo de fé viva no orago do dia,os animou á empreza;com valor avançaraõ todos a villa,e Manoel de Faria,que em todas as campanhas tinha grangeado fama, e opiniaõ de intrepido,foi o primeiro que entrou pela porta, e deteve com a eſpada a furia dos Caſtelhanos,que acodiaõ a fechalla; e eſta acçaõ feliz, e valoroſa os debilitou de tal

modo ,

nodo,que a villa foi entrada ao mesmo tempo por muitas par-
es com pouca resistencia,e o castello da mesma forte: ficou o
Governador prizioneiro, e alguns Soldados;os nossos saquea-
aõ a villa,em que acharaõ hum despojo riquissimo:o que feito,
ançaraõ fogo a tudo,e sem opposiçaõ se retiraraõ com huma
otavel preza de gado , que dobrou muitas vezes os avanços
esta bem succedida empreza,que o Duque de Ossuna sentio
a alma;e para despicar-se mandou saquear a Aldêa de Mido,
achando-a sem gente,nem fato,lançou fogo ás choupanas va-
ias,e passaraõ os Castelhanos ao lugar de Regada,ou Reiga-
a,duas legoas distante de Almeida,o qual defenderaõ valoro-
mente duas Companhias de Auxiliares de Trás os montes,á
sta de muitas vidas de Castelhanos.Neste tempo cresciaõ as
esordens na Côrte com tal excesso,que se fez avizo á Raínha
Mãy,para que sahisse brevemente do Paço;o que ella fez,antes
que passasse a mais o que indicava o recado;sahio com effeito
véspera de Ramos em hum coche preto,que só neste dia teve
xercicio;o Rey,e o Infante a acompanháraõ desde a anteca-
ara até a portinhola,e depois em outro coche até ás casas da
Quinta,em que se fundava o Convento das Agostinhas descal-
s,onde o Rey a deixou sem lhe fazer reverencia alguma.En-
e paredes negras,e sobre taboas mal assentadas,ficou sepulta-
a a mais notavel Heroîna, que gozou Portugal, e o espirito
ais heroico,e regio, que vio o mundo sem mais companhia,
ue as suas lagrimas, D. Isabel de Castro, algumas Damas da
amera,e poucas criadas inferiores;recolheo-se o Rey muito
tisfeito,e o Infante D.Pedro chorando,tudo sinaes funestos
ara quem sabia contemplallos;foraõ degradados,e prezos al-
uns Fidalgos,porque imitavaõ o Conde da Ericeira D. Luiz
e Menezes, General da artilharía, que se achava doente em
isboa; mataraõ os facinorosos,que acompanhavaõ o Rey de
oite,a Pedro Severim de Noronha Secretario das mercês, e
xpediente,porque naõ conhecendo a liteira do Rey,que elles
ercavaõ,pedio lhe dessem passagem para o cavallo,em que vi-
a;chegaraõ da Bahia Antonio de Conte,e Joaõ de Conte Se-
ber-

bem estes conhecendo a disgraça,que os ameaçava no governo,se contentáraõ com mercês para viverem ricos,e livres de sustos fóra da Côrte; e na casa do Infante começava a desordem a introduzir-se pelo ciume,que todos os Gentis homens conceberaõ da notavel assistencia,que lhe fez em huma doença Simaõ de Vasconcellos, irmaõ do Conde de Castello-melhor. Entretanto a Raínha de Inglaterra,por carta,e pelo seu Enviado, sollicitava em Roma a favor de Portugal as attençoẽs do Papa,lembrando-lhe o escandalo dos herejes,vendo a injustiça,que Portugal tolerava,o perigo de se lhe pagar a desobediencia Anglicana, e o remedio para a conversaõ de Inglaterra; o Rey seu marido escreveo a muitos Cardiaes, ella a todos,e pedio o Capello para Milord de Aubign,seu Capellaõ-mór,mercê que o Papa lhe prometteo fazer na primeira creaçaõ,se na Graõ Bretanha tivessem os Catholicos Romanos alguma fortuna.Em França patrocinava as nossas conveniencias com tal amor,e efficacia o sempre memoravel General,e invicto heróe Marichal de França,que o nosso Embaixador conseguio licença do Rey para levantarmos gente,a que se oppôs o Embaixador de Castella,e Luiz XIV. lhe respondeo subtilmente que os Soldados os fazia o Rey da Graõ Bretanha, como ajustaraõ na venda de Dumquerque,e remetteo ao mesmo tempo cem mil cruzados a Inglaterra para nosso soccorro. Mayores finezas obrou o mesmo Rey de França para casar o nosso Rey D. Affonso,por lhe constar que elle naõ queria casar sem a sua approvaçaõ,fineza rara,e de que só pode fazer o appreço, que merecia o incomparavel juizo do mayor Rey Luiz XIV.;chegou a ter em dissimulada prisaõ Madamoyselle la de Orleans para este effeito,e frustrando-se todo o seu empenho,em cousas mayores o mostrou depois.Na Primavera de 1664 fez o Conde de Villa-flor deixaçaõ do governo das armas do Alemtejo,novidade,a que o obrigaraõ disgostos,e falta de remuneraçaõ de serviços; foi nomeado logo o Marquez de Marialva,porém o Conde de Schomberg,tanto que o soube, quiz deixar o exercito, porque ja esta era a terceira vez

que

he faltavaõ ao ajuste celebrado em França,de que nunca
eceria mais que ao Conde de Attouguia;e deixando este
verno,seria elle o Capitaõ General;com a mesma descon-
aõ estava Diniz de Mello e Castro, porque o Marquez
ia levar por seu Mestre de Campo General a Gil Vás Lo-
em fim o Conde de Schomberg por intervençaõ de seu
le amigo D. Joaõ da Sylva,cedeo, ficando com o titulo
overnador das armas Portuguezas, e Extrangeiras, e Di-
e Mello com alguns despachos. Depois de muitos,e di-
s pareceres,sahio o Marquez de Marialva em campanha
e Junho; constava o exercito de 12 mil Infantes Portu-
es,3U300 Extrangeiros,5U300 de cavallo,em que entra-
500 Extrangeiros:a 8 de Junho ficou alojado entre Cava,
yola; e como este era o dia anniversario da victoria do
l, celebrou o exercito a sua memoria com as mais visto-
ílas, plumas, luminarias, e descargas, o que tudo viaõ os
lhanos de Badajoz;depois de varios alojamentos,avistá-
13 o castello de Mayorga,que logo entregou hum Alfe-
le o governava com dez Soldados,e o Marquez lhe man-
ogo fazer muitos fornilhos,que o fizeraõ voar;no dia se-
e em S. Vicente ganharaõ os mantimentos,que D. Joaõ
ustria alli guardava para Arronches, e no outro chegou
ça de Valença de Alcantara o exercito; gastou o dia em
parelhar,e de noite mandou o General da artilharia fazer
plataforma, da qual ao amanhecer começáraõ a jogar
meyos canhões contra a muralha,e 4 peças de 12 contra
fezas della:na mesma noite se deo principio a hum apro-
o dia seguinte,que eraõ 15 de Junho,jogáraõ de sorte as
as,que se arruináraõ as muralhas;dirigiraõ-se os tiros pa-
ro lanço opposto ao castello, deo-se principio a outro
he, e em ambos se deo ordem para arrimarem mantas, e
fazirem mineiros na manhãa seguinte,o que se executou
pouca felicidade por causa do terreno;e naõ podendo os
dos tolerar os fógos artificiaes,que lançavaõ os defenso-
bre as mantas, nem ajustar estas de sorte, que os cobris-
sem

fem,mandou o General que fe retiraffem aos aproches,e o m
mo ordenou aos Meftres de Campo,que a todo o rifco int
tavaõ hir bufcar duas mantas , que ficáraõ junto á murall
morreo nelta funçaõ Dofim,Tenente Coronel do Regim
to Francez,e ficáraõ feridos alguns cabos; de tarde appare
raõ á vifta do quartel 5 mil cavallos Caftelhanos,governa
por D.Diogo Correya,Tenente General da Cavallaría,o c
fem mais operaçaõ, que vêr de longe o noffo quartel, fe r
rou;e tornando a apparecer,fez o mefmo, de que refultou
flicçaõ nos fitiados,que pouco antes alegres tinhaõ pofto nas m
lhas as bandeiras,que depreffa lhes fez enrolar a noffa artilhar
qual laborou com tanto impeto neffa tarde,que fe defmantelou l
torreaõ, e outro grande lanço de muralha; e notando o Genera
artilharia que entre as balas de mofquete vinhaõ algumas de e
nho , fe fez huma chamada para advertir aos fitiados o perig
vida, a que fe expunhaõ, quando a praça foffe entrada; nefta ce
de armas pediraõ elles peffoa para capitular,para o que foi non
do o Sargento mór de batalha Diogo Gomes de Figueiredo ;
fendo huma das condições que haviaõ de efperar quatro dias |
foccorro de D. Joaõ de Auftria,ordenou o Marquez de Marial
continuaffem fortemente as baterías,e na noite feguinte fe inve
fe a brecha,contra o parecer do Conde da Ericeira,General da
lharía, que fempre bem fundado , abominava todas as acções M
tares feitas de noite. Bem claro o moftrou nefta a experiencia;
que, fe bem foi a brecha inveftida valorofamente pelos Inglez
Portuguezes,e os primeiros arvoraraõ as fuas bandeiras na brec
outros entraraõ na praça , foraõ taõ vigorofamente rebatidos ,
fe retiraraõ com perda de 300 Inglezes, e 70 Portuguezes, em
entráraõ Officiaes de grande eftimaçaõ, e duas bandeiras Ingle
o que naõ fuccederia, fe pela manhãa inveftiffem a brecha· na
fó efta a defordem , porque antes de avançada intentámos div
com hum affalto os fitiados;porém elles puzeraõ nas muralhas
tos candieiros, e lançáraõ tantos artificios de fogo,que fe atea
faxinas dos aproches , e cuftou inexplicavel trabalho o dar lh
medio. Continuaraõ as baterías, cahio na praça huma bomba
a polvora , que tinhaõ no caftello , de que fe feguiraõ morte
ruínas , que os obrigáraõ a capitular a entrega , como direi n
tra Conferencia.

FIM DA SETIMA PARTE.

Lisboa. Na Officina de [illegible] Nogueira Xisto.1760.Com todas as licenças neceff

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA VIII.

O Commissario géral Antonio Coelho de Gces (continuou o Ermitaõ) em duas horas, que houve de suspensaõ de armas para enterrar os mortos, ajustou as capitulaçoẽs da entrega, que tambem mostraraõ a imprudencia da avançada nocturna; porque agora depois de se perderem taõ estimaveis vidas, se lhe concedêraõ os quatro dias, que antes da envestida da brecha se lhe tinhaõ negado; e além disso, que podesse mandar hum Soldado a D. Joaõ de Austria com aviso do aperto, em que se achava, que sendo soccorrido com exercito, e entrando-lhe soccorro Real ficaria desobrigado da entrega; mas pelo contrario, se lhe entrasse furtivamente algum menor soccorro; e que chegando o quarto dia sem a praça estar soccorrida com rompimento do nosso exercito, pelas sete horas da manhãa se entregariaõ as portas, e o castello, onde se aceitaria só a guarniçaõ Portugueza; que o Governador sahiria com huma peça do calibre, que escolhesse; os Religiosos, e Religiosas ficariaõ, se quizessem; e aos paizanos se fariaõ as cõmedidades costumadas. Assignadas as capitulaçoẽs pelo Marquez de Marialva, dispôs o Conde de Schomberg o nosso exercito de tal modo, que nenhum susto nos podia causar o mayor soccorro, que D. Joaõ de Austria quizesse introduzir: e com effeito tinhamos noticia, que na ribeira de Solor estavaõ tres mil In-

fantes, e ſinco mil de cavallo, ſolicitando anciofament
meyos para ſoccorrer os ſitiados, empreza a que nun
atrevêraõ. Nos quatro dias do prazo vieraõ ao noſſo ex
to os moradores de tres lugares vizinhos populoſos, e
menos eſtimaveis a dar obediencia ao noſſo Rey nas
do Marquez de Marialva, o qual lha aceitou, e mandou
far-lhes ſalvos conductos. Amanheceo o quarto dia
para o Marquez por ſer terça feira, e para o Reyno p
dia de S. Joaõ, em que fazia hum anno tinhamos ent
glorioſamente em Evora; entrou na praça o General da
lharía a tomar poſſe della, e do trem, e tirar a guarniçaõ
ſtelhana; e ſuccedeo que hum dos Meſtres de Campo e
Joaõ de la Carrera, que tambem tinha ſido dos rendido
Evora no dia de S. Joaõ do anno antecedente; e ſucced
encontrar-ſe logo á entrada da porta com o General
tilharía, que já o era na reſtauraçaõ de Evora, e lá o de
jára, lhe diſſe com a coſtumada agudeza da Naçaõ Caſt
na, que lhe pedia, por ſe livrar de cuidados, lhe apont
parte para onde havia mudar o ſeu fato o S. Joaõ ſegu
viſto o havello duas vezes deſacõmodado. Saõ palavra
maes, que eſcreveo o meſmo Conde da Ericeira, a que
Joaõ as diſſe. Conſtava a guarniçaõ de oitocentos Infa
quarenta de cavallo, e grande numero de paizanos. O
quez, logo que entrou na praça, mandou Simaõ de Va
cellos ao Rey com a noticia, que foi applaudida em Li
e depois em todo o Reyno como merecia, e o Con
Caſtello-melhor foi da parte do Rey dar os parabens á
queza de Marialva, ſingularidade bem merecida deſt
da patria. No dia ſeguinte deſenháraõ os Engenheiros
tificaçaõ, que pareceo neceſſaria para melhor defeza d
ça, que ficou governando o Meſtre de Campo D. M
Henriques de Almeida com tres Terços de Infantaría
tro companhias de cavallo, muniçoẽs, e víveres. Reed
da a muralha, ſe retirou o exercito, que ſe dividio a
Jun

Junho, e continuando as differenças entre o Conde de Schomberg, e Gil Vaz Lobo, de que se seguio outra com o General da artilharîa, que fez desistencia do posto, ficou a provincia no peyor estado, e disposta para todos os infortunios, se Deos com estas victorias naõ tivesse preoccupados de medo os inimigos, os quaes entráraõ em Castello de Vide, onde nos matáraõ vinte e dous Soldados valorosos, e com tal medo se retiráraõ os Castelhanos, que escapou de ser prisioneiro o seu valoroso Governador Manoel de Siqueira Perdigaõ; succedeo esta disgraça, porque o Cómissario geral Antonio de Siqueira Pestana, que estava em Monfórte havendo felizmente tomado hum comboi, que seguravaõ cem de cavallo; com o gosto deste bom successo lhe esqueceo deixar partidas sobre Arronches, como se lhe tinha ordenado. Brevemente cessou esta má vizinhança, porque os Castelhanos conhecendo que Arronches lhe naõ servia mais, que de gastos, e trabalhos excessivos, desmantelláraõ as muralhas, e atacáraõ minas para destruir as obras interiores, que sempre ficáraõ quasi inteiras, leváraõ a artilharîa, e Gil Vaz Lobo fez retirar o fato dos moradores para os lugares seguros, em quanto se naõ fortificava a praça. Nisto veyo a parar a encarecida conquista primeira de D. Joaõ de Austria, a que hum Portuguez, indigno desse nobre titulo, chamou praça notavel igual a Elvas. Na provincia de Entre Douro, e Minho intentou D. Luiz Poderico, novo General do Reyno de Galiza, tomar por interpreza o novo fórte, que já vos disse fizera o anno passado o Conde do Prado, depois de conquistar Gayaõ, mas foi convidado com tantas balas, que sem mais operaçaõ, que vêr a resistencia, se retirou com bastante melancolia; e para lha accrescentar, ordenou o Conde do Prado, que Antonio Gomes de Abreu com quatrocentos de cavallo, e trezentos Infantes se emboscassem em huns giestaes vizinhos ao fórte de S. Luiz, porque Manoel de Barbeira, Governador de

Valença, o avifára, que a guarniçaõ do dito fórte fahia
le fem cautella: para fenha de que a guarniçaõ eftava
difparáraõ duas peças em Valença, e fahindo Antonio
mes da embofcada, tomou as portas do fórte, degollou
tos Soldados, e com alguns prifioneiros, e fincoenta c
los fe retirou fem a menor perda para Valença. Na pr
cia de Trás os montes padecêraõ algum damno os lu
abertos, em quanto o feu General Conde de S. Joaõ e
no Alemtejo; mas tanto que elle fe reftituio ao gov
della, tomou rigorofa vingança das hoftilidades feitas n
aufencia, tomou a villa de Boz naõ fó rica, mas depofit
todas as riquezas dos lugares abertos, ou pouco forti
dos; o mefmo fez á de Rios, e a todos os lugares aber
que havia no terreno de feis legoas, a tempo que o Ger
da cavallarîa obrava outro tanto: fujeitou-fe-lhe a vill
Mandim, e pela parte de Bragança mandou entrar nos
pos de Frieiras em Caftella a Velha, onde fôraõ feque
finco lugares, finalifando todas as acçoẽs defte anno
outra entrada no valle de Sallas, onde queimou feis lug
grandes, e com os defpojos, e contribuiçoẽs recolheo as
pas ricas aos quarteis, ficando o feu nome fervindo de
ror. Na Beira continuava o Duque de Offuna a fábric
novo fórte junto á Aldêa do Bifpo, cuja fábrica fe inter
impedir, mas depois de hum perigofo chóque, em qu
Caftelhanos perdêraõ muitas vidas, nos retiramos felizn
te; tomou pouco depois Gomes Freire hum notavel c
boi, degollando todos os que o conduziaõ; e o Duqu
Offuna, acabado o fórte, desfez a ponte de Ribacoa,
facilitava o provimento de Almeida, a qual logo reedifi
Pedro Jaques, e junto della fez novamente huma atala
que de balde intentou deftruir o Duque, porque Pedr
ques a defendeo com mil Infantes, e quatrocentos de
vallo, com que fahio a provocar o Duque para batalha
fadado de acçoẽs taõ repetidas, e pouco gloriofas; tal
a

a ancia de Pedro Jaques, que achando os Caſtelhanos amparados da artilharîa do fórte de Val de la mula, ſem attender ao perigo, mandou avançar com tal felicidade, que a cavallaria fugio, e a Infantarîa foi degollada, e priſioneira; o Duque magoado deſabafou em tyrannias a ſua pena, queimando barbaramente as ſementeiras, e Pedro Jaques mandou queimar a villa de Sobradilho, cujo Caſtello ſe naõ rendeo, porque huma grande trovoada impedio no rio Agueda a conducçaõ de hum petardo: o Duque com nove peças de artilharîa, quatro mil Infantes, e ſetecentos de cavallo municoẽs, e inſtrumentos de expugnaçaõ, amanheceo a tres de Julho ſobre a noſſa praça de Caſtello Rodrigo, que álem do bom ſitio para a defeza, naõ tinha outra mais que huma muralha antiga;era Governador della Antonio Ferreira Ferraõ, de valor conhecido, mas acompanhado ſó de cento e ſincoenta Soldados para defender huma praça, de que pendia a ſegurança da provincia da Beira. O Duque, antes que chegaſſem do Alemtejo o Conde S. Joaõ, e Affonſo Furtado, apertou notavelmente o ſitio com aproches, e aſſaltos, fiando da brevidade o bom ſucceſſo; e Pedro Jaques juntando os ſoccorros de toda a provincia, ſahio com dous mil Infantes, quinhentos de cavallo, e duas peças de artilharîa a ſoccorrer a praça com tal préſſa, que naõ chegou o paõ de muniçaõ para aquelle dia,e foi neceſſario valerem-ſe de meyo paõ, que empreſtáraõ os Soldados do Terço de Manoel Ferreira Rebello para ſoccorrerem as Ordenanças. Com eſta temeridade nunca viſta paſſou Pedro Jaques a ſerra de Maroſa a ſeis de Julho, ſem o ſentirem as guardas avançadas, e aviſtou a praça, que na manhãa antecedente tinha reſiſtido a hum furioſo aſſalto, em que a troco de muitas vidas ganháraõ os Caſtelhanos a barbacãa; e Pedro Jaques conſiderando-os cançados, os inveſtio com o mayor valor; o Duque, que naõ receava eſte infortunio, julgou que tinhaõ chegado o Conde de S. Joaõ, e Affonſo

Fur-

Furtado, e cego com efta imaginaçaõ mandou dar fo
taxinas dos aproches, e trincheiras, e como tudo era
posto de trigos fegados,ardêraõ valorofamente, e cau
nos Caftelhanos tal pavor, e confufaõ, que fó lhes
brou fugir: e Pedro Jaques conhecendo o efpecial fa
que Deos lhe fazia, aprelfou a marcha,fez adiantar os
queteiros,e determinou tudo com tal felicidade,que o
ftelhanos fó déraõ huma defcarga de caravinas, depois
pafláraõ a Ribeira de N.Senhora de Aguiar, e com taõ
fuccelfo, que nos naõ fizeraõ o menor damno, e pod
paflar a ribeira, e derrotallos: o Duque com poucos d
vallo em trage defconhecido, paffou o Rio Agueda
grande trabalho, e perigo, recolheo-fe em S. Felices,
de paffou para Ciudad Rodrigo, onde na murmuraçaõ
verfal achou o caftigo da fua tyrannia. Ficou no ca
para emprego das noffas efpadas, e defpojo dos Solda
toda a Infantaría Caftelhana, artilharía, bandeiras, n
çoẽs, bagagens, e a mayor parte da Cavallaría, mor
1200 Infantes, e os mais todos vieraõ prifioneiros, en
do nelles o Tenente General da Cavallaría D. Anton
faci, e 56 Officiaes de todos os póftos até Alferes, ent
mortos ficáraõ 4 Meftres de Campo, outros muitos
ciaes, e D. Joaõ Giron, filho illegitimo do Duque d
funa, ficáraõ 9 peças de artilharía, 4 petardos, 500 car
de muniçoẽs, e mantimentos, e a Secretaría do Duq
Offuna, com todos os fegredos mais intimos da fua oc
çaõ, todo o feu fato preciofo, e de todos os Cabos; da
fa parte naõ houve perda alguma, coufa que affás próv
milagre evidente efta victoria, cuja noticia veyo dar a
boa Henrique Jaques, filho do vencedor, que na ida
15 annos imitava o valor heroico de feu pay: foi gran
applaufo com que feftejou a Côrte efte bom fucceffo,
dro Jaques victoriofo, e animado com foccorros, que
gáraõ de Alemtejo, acompanhado do Duque do Cad

que ja vos disse estava desterrado da Côrte, sahio de Almeida a 3 de Agosto com 7 mil Infantes, e 7 centos de cavallo, a queimar a villa de Serralvo em Castella a Velha 7 legoas distante de Almeida. Achou a villa mais fortificada do que julgava, e o gado em huma estacada, que se naõ podia destruir, por faltarem os instrumentos de expugnaçaõ; mas essa falta supprio o valor do Mestre de Campo Manoel Ferreira Rebello, o qual com o seu Terço se offereceo a entrar a estacada por entre nuvens de balas, e á custa de algumas vidas; entráraõ, saqueou-se a villa, e retiraraõ-se sem opposiçaõ com a preza. O Duque de Ossuna foi chamado a Madrid, e por madrugar escapou de ser prizioneiro nosso pelas maõs de Paulo Homem, que mandou o Conde do Prado sahir-lhe ao caminho com tres batalhoes. No dia seguinte tornou a entrar Pedro Jaques nas terras do inimigo, governando o Duque do Cadaval as Trópas do lado direito; embarcou-se felizmente junto a Ciudad Rodrigo, carregou vigorosamente as guardas, e Trópas, que vieraõ soccorrellas, que deixáraõ no campo vidas, e honras, virando costas. Descançáraõ as Trópas até 18 de Outubro, e entaõ prevenido de mantimentos de expugnaçaõ, interprendeo o Conde a villa de Freineda, cujo Governador se portou valorosamente na defeza, rejeitando todos os partidos, que lhe offerecemos; o que visto, se arrimárao mantas, abríraõ fornilhos, segurou-se hum petardo, e dando fogo a tudo, ficou o forte com sufficiente brecha para ser investido; recolheraõ-se todos á Igreja, a cuja porta se arrimou segundo petardo, e feita a brecha, acodíraõ de dentro os Sacerdores vestidos com os ornamentos sagrados, pedindo misericordia pa a todos: Pedro Jaques, o Duque do Cadaval, e o Conde da Vidigueira detiveraõ a furia dos Soldados, e separado o sagrado do profano, ficou a Ley venerada, e a avareza satisfeita. Naõ custou a acçaõ mais, que algumas feridas; viraõ-se aqui as acçoes mais heroicas no Duque, no Conde, em Pedro Jaques, e em todos. Retiraraõ-se alegres, e no caminho fizeraõ voar huma atalaya, que tinhaõ os Castelhanos sobre o rio Agueda, no porto de S. Martinho; e elles conhecendo que naõ podiaõ sustentar o forte de Fiel de Val de la mula, o fizeraõ voar com minas taõ mal preparadas, e tal

prestla,

préſſa, que acodindo lá Pedro Jaques, e o Conde da Vidigueira, acharaõ grande quantidade de muniçoẽs, e mantimentos, porque ſó a artilharia tinhaõ levado os Caſtelhanos. No partido de Penamacor naõ houve acçaõ neſte anno, em quanto eſteve Affonſo Furtado no Alemtejo; mas logo que chegou D. Guilherme Mallacan com mil Infantes, e 500 cavallos, veyo interprender o forte da villa de Roſmaninhal, que governava André Urſino, Napolitano, com a ſua companhia, e os paizanos; inveſtiraõ os Caſtelhanos o fórte, mas foraõ rechaçados com perda de 60 vidas, á viſta do que cheyos de pavor deixáraõ as eſcadas na muralha, e fugíraõ. Na Côrte creſciaõ as differençoẽs entre os Grandes com a ambiçaõ do governo, paraque o Rey cada inſtante moſtrava menos capacidade. Permittio que o Conde de Soure, degradado em Loulé, vieſſe curar-ſe a Almada, e depois em Liſboa, onde acabou a vida de paixoẽs de alma aquelle ſempre memoravel heróe, a quem tanto deveo a Monarquia, e de quem ſempre ſerá pregoeira a de França, que lhe conheceo as virtudes, e rara intelligencia. Foi o Rey a Santarem com o Infante lançar a primeira pedra na Igreja de N. Senhora da Piedade, a quem ſe attribuio a victoria do Canal, pelos raros movimentos ſobrenaturaes que eſta Soberana Imagem de barro fez na veſpera da batalha, á viſta de todo o pôvo daquella villa. Paſſou a Côrte a Salvaterra, e deſcobrio-ſe a conjuraçaõ de Pedro de Frecur contra a vida do Rey; era Francez, tinha ſervido de Tenente de cavallos em Caſtella, donde veyo com cartas para varias peſſoas, que naõ chegou a communicar; hoſpedou-ſe em caſa de Joaõ Beclier, tambem Francez, trombeta do Infante, a primeira peſſoa, a quem revelou o ſegredo o entregou logo. Deſtas conjuraçoẽs (diz o Conde da Ericeira) houve muitas no governo da Rainha; e do Rey D. Affonſo, diſcredito eterno dos noſſos inimigos, todas deſcobrio Pedro Fernandes Monteiro, que tinha em Caſtelha peſſoas fieis, que o aviſavaõ deſtas vilezas. Neſta houve 10 condemnados á morte, alguns deſnaturalizados, e degradados outros. Em França ſe offereciaõ varias Princezas para Rainhas de Portugal, e para Eſpoſas do Infante D. Pedro, que naõ queria caſar; e depois de largas conſideraçoẽs neſta materia, de que tanto pendia a noſſa aliança com aquella Monarquia, ſahio della o Marquez de Sande para Inglaterra, ſem ajuſtar couſa alguma.

FIM DA OITAVA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenç. neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA IX.

CHegou o feliz anno de 1665 (disse o Ermitaõ) sempre memoravel para a nossa Monarquia, porque nelle decidíraõ as nossas armas a contenda, que vinte e sinco annos durava entre as duas Corôas. Alexandre Farnezio, irmaõ do Principe de Parma, General da Cavallarîa, abrio a campanha animado a interprender Valença com dous mil Infantes, e tres mil e quinhentos de cavallo, com que sahio de Albuquerque, fiado em que alguns Castelhanos que ficáraõ em Valença, lhe haviaõ de dar entrada. Chegou no quarto da Alva; e faltando-lhe os sinaes do ajuste, deteve-se a esperallos mais perto do que devia; e o Mestre de Campo Domingos de Mattos, Governador da praça, que muito antes estava avizado da interpreza, tinha a artilharía prompta, e toda a Infantaría na muralha. Apenas houve crepusculo, com que se podêraõ descobrir as Trópas de Castella, foi tal a nuvem de balas, que despedio a praça sobre ellas, que Alexandre Farnezio, primeiro á redea solta, e depois com marcha apressada se recolheo a Membrilho, deixando o campo bastantemente semiado de cadaveres. O contrario succedeo ao Tenente General D. Luiz da Costa, que felizmente saqueou o lugar de S. Sylvestre, de que recebêraõ os Soldados notavel utilidade. O Rey de Castella neste anno tinha a mayor commodidade para formar hum notavel exercito; porque a

paz, que ajustára com o Rey de França, e a que o Imperador fizera com o Turco, lhe deixáraõ o campo livre para se prover de todas as Milicias, que necessitasse de Italia, Flandres, e Alemanha, donde mandou vir embarcados até Cadiz dez mil homens, em cuja conducçaõ dispendeo hum thesouro; e considerando que D. Luiz de Haro seu valído, D. Joaõ de Austria seu filho, e taõ grande General, ambos tinhaõ experimentado em Portugal a disgraça de vencidos, sem poderem livrar mais que os corpos, nomeou para General do exercito este anno o Marquez de Caracena, que se achava em Flandres, e veyo logo por França, onde disse lhe naõ dava cuidado a conquista deste Reyno (certamente nunca tinha lido a Historia Portugueza), porque o emprego do exercito devia de ser Lisboa, e naõ as praças da Fronteira, como fizera D. Luiz, e D. Joaõ de Austria. Isto mesmo disse ao Rey, que lhe ordenou o communicasse ao Duque de Aveiro, que deste Reyno tinha fugido, o qual approvou a idéa; mas com a condiçaõ de que ao mesmo tempo, que chegasse o exercito a Lisboa, havia de entrar-lhe pela barra a mais numerosa Armada Castelhana, da qual o Rey o nomeou logo General, para que em Cadiz a preparasse logo; acçaõ indigna, que elle obrou com tal ancia, e desinteresse, que admirou Hespanha. No principio de Mayo chegou a Badajoz o Marquez de Caracena; porém informando-se do Paiz, Trópas, Cabos, e mais circunstancias do nosso exercito, mudou o conceito arrogante, que expressára em França, e na sua Côrte; e ouvi dizer a meus avós se arrependêra tanto do que tinha dito, que hum seu confidente lhe ouvíra, quizera antes naõ ter nascido, do que vêr-se com tal posto. Entre tanto o Marquez de Marialva recolhia os soccorros das provincias numerosos, luzidos, alegres, e gostosos com as experiencias de tantos bons successos. No primeiro de Junho sahio o exercito de Castella em campo: era Capitaõ General D. Luiz de Benavides, Marquez de Caracena, Mestre de Campo General D. Diogo Cavalhero, General da Cavallaría D. Diogo Corrêa, da Extrangeira Alexandre

Far-

Farnezio, irmaõ do Principe de Parma, General da artilharía D. Luiz Ferrer, todos os mais Cabos valorosos, illustres, e experimentados; constava o exercito de quinze mil Infantes, sete mil e seiscentos de cavallo, quatorze peças de artilharía, dous morteiros, todos os instrumentos de expugnaçaõ. e notavel quantidade de muniçoẽs, e mantimentos em boas carruagens. Este numeroso enterro, que no conceito antigo do Marquez General vinha acompanhar á sepultura a Naçaõ Portugueza, e por vaidosa imprudencia do mesmo foi sepultado em Montes Claros, marchou a sitiar Villa-Viçosa: mas para nos confundir a suspeita, tomou diversos alojamentos, de que se seguio prepararem-se para a defeza as praças de Portalegre, Valença, e Monforte. D. Joaõ de Austria estava retirado em Consuegra: e como toda a Europa estava em paz, todas as Monarquias tinhaõ os olhos nesta campanha, em que sa havia de decidir a nossa causa. Em Castella eraõ terriveis as parcialidades; porque os apaixonados de D. Joaõ de Austria conhecendo o seu valor, e sciencia iguaes á sua disgraça, desejavaõ a infelicidade do Marquez de Caracena; e os amigos deste o contrario, para criminarem mais D. Joaõ. Na manhãa de 9 de Junho se descobrio o intento do Marquez de Caracena, caminhando o exercito para Villa-Viçosa, occupando antes com tres Regimentos, e hum troço de Cavallaría a villa de Borba, que estava despovoada, e dista meya legoa de Villa-Viçosa. O Marquez de Marialva tinha preparado o Castello com todo o necessario para a defeza: porém elle, e a Estrella saõ cousa taõ pequena, que se julgava impossivel a defeza por muitos dias: o General Castelhano quando chegou á villa ficou pouco satisfeito da situaçaõ; e o Governador do Castello Christovaõ de Brito, digno de eterna memoria, mandou occupar o Paço, e as ruinas do fórte de S. Bento, determinou se occupassem varios póstos na Villa-Velha, para dilatar mais tempo o provimento da agua, porque no Castello só havia pouca em huma cisterna; e tanto que chegou a vanguarda do exercito inimigo pelas sinco da tarde, a investiraõ valorosamente

mente as Milicias deftes póftos: e aindaque fôraõ rechaçados, e ficáraõ alguns mortos, muitos mais perdêraõ os Caftelhanos, fegundo me contáraõ os que ja diffe, e fôraõ dos feridos neste recebimento do enterro. O Marquez de Marialva, conhecido o intento de Caracena, avizou a Lisboa, apreffou os preparos para a campanha, e foccorro de Villa-Viçofa, como fe affentou no concelho do exercito, e no de guerra na Côrte, onde fe preparava Armada para fe oppôr á de Caftella, cuja expediçaõ tardava muito contra vontade do Duque de Aveiro. No dia feguinte chegou o réfto do exercito, que fe aquartelou com pouca regularidade, porque o fitio naõ permittia outra coufa. O Marquez de Caracena efcolheo para feu quartel o Paço; porém a artilharía do Caftello o fez mudar de cafa em breviffimo tempo: mandou occupar as eminencias por onde temeo entraffem foccorros na praça, e foi o primeiro agoiro a fua falta de religiaõ, e caridade, permitindo foffem vexados os Religiofos, Eccefiafticos, feculares, e paizanos. No dia 12 atacáraõ alguns Terços a meya lua, que cobria a porta de N. Senhora dos Remedios; e achando-a impenetravel, arrimáraõ hum petardo, e efcada á muralha, fem mais fructo, que perderem muitas vidas, e conhecerem o valor, com que defendiamos aquelle lugar perigofo. A primeira batería, que começou a jogar, foi a do oiteiro da forca, e a fegunda do terreiro dos Jefuitas; e como ambas eraõ diftantes, pouco damno recebiaõ os fitiados ao mefmo tempo, que a noffa artilharía da Cidadela, que deftriffimamente fazia jogar o Commiffario Eftevaõ Maná, caufava nos Caftelhanos grande perda: as bombas he que nos faziaõ grave damno; fuppofta a pequenhez do fitio, e huma dellas rompeo o telhado, e abobeda da nave do meyo da Igreja de N. Senhora da Conceiçaõ Padroeira do Reyno nefta Soberana Imagem; porém todo o damno, que fez naquelle augufto Templo, fervio para os Soldados de feliz annuncio, porque viraõ o fingular prodigio, com que fe ficou fuftentando aquella alta abobeda aberta a largura de hum palmo defde a Capella mór, até o fron-

ſpicio; milagre ainda hoje permanente. No meſmo dia
çáraõ os aproches nas caſas da Villa-Velha , da Came-
Convento das Religioſas da Eſperança, tudo partes taõ
ıas da muralha,que breviſſimamente chegariaõ a ella os
ımaes, ſe o Governador, e todos os do preſidio os naõ
liſſem de dia, e de noite:e o Marquez de Caracena,que
:vidade fundava as eſperanças da conquiſta , mandou
huma mina contra a meſma muralha da Villa-Velha ,
uſtou incrivel trabalho , e dias por cauſa do ſitio; e pa-
ıis penas ſentir foi tudo obrado por taõ ignorantes en-
eiros, que quando lhe déraõ fogo, arrebentou contra os
lhanos , e matou hum Capitaõ , e tres Soldados , além
ıitos feridos.Naquella noite entrou na praça o Capitaõ
:iſco Carneiro de Moraes, com cartas do Marquez de
ılva, e do Conde de S.Joaõ para o Governador, exhor-
-o á defeza;e pelo meſmo ſitio ſahio hum Soldado com
oſta, em que todos lhe promettiaõ a mayor conſtancia,
e o noſſo General , e Cabos recebêraõ notavel alegria.
ze,e quatorze continuáraõ os aproches, e de huma bre-
ue abríraõ na muralha da Villa-Velha, offendiaõ muito
oſſos Soldados, que hiaõ buſcar agua ao poço, mas naõ
npediaõ o levalla:e o Caracena impaciente mandou dar
furioſo aſſalto á eſtrada encoberta pela meya noite taõ
ſuccedido como todos, os que ſe daõ a eſtas horas : fô-
es vezes rechaçados com grave perda, e a noſſa mayor
deo do prodigioſo valor , e intrepidez dos noſſos Sol-
; que ancioſos de mayores perigos lançavaõ nos Caſte-
s as meſmas granadas,com que elles lhe atiravaõ;de que
ou arrebentarem quaſi todas entre elles : mas outros ,
inhaõ ja menos tempo,deixáraõ ſem mãos a muitos Sol-
noſſos mais empenhados neſte brinco. Antes deſte aſ-
, tinha entrado na praça Joaõ Pereira, Sargento mór do
ɔ de Franciſco de Moraes, que chegando de Lisboa, e
do que o ſeu Terço eſtava ſitiado , o foi buſcar com
ɔſo exemplo, e ſervio de muito a ſua preſença , e valor

do

no aſſalto. O Governador, e os Meſtres de Campo ficáraõ
ridos, e derramando ſangue aſſiſtíraõ até o fim do confl
ſem quererem retirar-ſe. No dia quinze intentáraõ os Ca
lhanos queimar a eſtacada, mas fòraõ valoroſamente rech
dos, deixando no campo entre os mortos os inſtrumentos
quella operaçaõ. Na meſma noite déraõ outro aſſalto, e
pois de valoróſa reſiſtencia conſeguíraõ dous alojamentos
hum angulo de eſtrada encoberta, ficando os ſitiados em hu
cortadura, e cuſtando-lhe a defeza as vidas de dous Capit
e as feridas de trezentos Soldados. Diſto teve logo aviz
Marquez de Marialva, e aſſentou que tambem ſe teria pe
do hum ſoccorro de ſeſſenta Soldados, e Officiaes, que ell
nha mandado para Villa-Viçoſa; e creſceo em todos o rec
de q ſe perdeſſe a praça. No Concelho eraõ muitos, e di
ſos os pareceres, e naõ menos as difficuldades; porque o te
no embaraçado todo com tapadas, vinhas, olivaes, e valla
era o peyor, e mais perigoſo para marchar o exercito; á
de que os Caſtelhanos tinhaõ fabricado dous fórtes, hum
oiteiro da Mina, e outro no de Lavra de noite: mas em
vencidas pela intrepidez Portugueza eſtas conſideraçoẽs
aſſentou que o exercito ſe puzeſſe em marcha a dezaſet
Junho, e que ſe occupaſſem os póſtos da Serra de Vigari
de Barradas na noite antecedente, por ſerem ambos emine
ao oiteiro da Mina, e diſtantes hum do outro hum tiro d
ſtolla; que ſe alojaſſe o exercito no ſitio de Montes-Cla
em q aſſim Eſtremoz, como Villa-Viçoſa lhe ficavaõ em i
diſtancia, e ambos huma legoa. Dous dias antes de ſahi
campanha o noſſo exercito, foi o Conde de Schomberg
vernador das armas com os Generaes obſervar o terren
marcha; e como os ſegurava quaſi toda a Cavallaría, carr
raõ os batalhoẽs das guardas dos Caſtelhanos até dent
Borba, e ficou aſſentado q todos elles eſcolheriaõ os ſitios
ſiveis para vantagem. Ao romper da manhãa de 17 de Ju
deſtribuidas as ordens, e ſignalados os póſtos, ſahio de E
moz o exercito, q conſtava de 15 mil Infantes, 5 mil e quin

tos de cavallo, vinte peças de artilharía,munições, bagagens, e ferramentas para demolir vallados, e outros impedimentos, os quaes levavaõ quinhentos Infantes auxiliares na vanguarda. Sahio o exercito com feliz prognostico,porque todos os Cabos, Officiaes, e Soldados Catholicos se confessáraõ, e commungáraõ nos dias antecedentes; recommendou-se-lhes que no conflicto invocassem todos N.Senhora da Conceiçaõ, cuja milagrosa Imagem, escolhida pelo Rey D. Joaõ o IV. para Padroeira do Reyno,estava sitiada no Castello de Villa-Viçosa,e padecendo nelle o detrimento das bombas a sua notavel Igreja. Tinhaõ discorrido os Cabos principaes do nosso exercito que o Marquez de Caracena só no primeiro dia de marcha nos podia offerecer batalha, se, contra as regras melhores da guerra,quizesse offerecella, porque no segundo dia era incapaz o terreno para isso: e o que naõ passou de discurso do Conde da Ericeira com os de S.Joaõ,e de Schomberg, se verificou apenas começáraõ a marchar;porque acháraõ occupada a Serra da Vigaria pelas guardas do Marquez de Caracena, e víraõ que detrás della vinha o exercito a presentar batalha. Formou-se com brevidade o nosso exercito,e começou a jogar a artilharía sem damno dos inimigos ao principio; mas com grande utilidade nossa,porque,sendo impossivel neste incidente distribuirem-se todas as ordens,apenas os Soldados ouvíraõ o estrondo da artilharía,acudíraõ aos seus póstos com destreza rara,e concebêraõ novos animos, julgando que ja os inimigos padeciaõ o damno, que sempre lhes causou a nossa artilharía nas nossas batalhas. No breve tempo que se gastou nestas disposiçoẽs, se formou de todo o exercito de Castella com toda a Infantaría em duas linhas no lado direito,e toda a cavallaría em quatro no esquerdo; e porque o direito era impedido com vinhas,e por força haviaõ de marchar formados,foi grande a tardança com felicidade nossa;porque toda a imprudencia do Marquez de Caracena consistia em nos querer investir na marcha;e para a conseguir mais depressa, e como o seu ardente espirito o ideava, separou a cavallaría da Infan-

Infantaría, certo em que aquella por ser mais ligeira no
cançaria primeiro sem fórma. Deo-se principio á batalha
furiosas descargas de artilharía de huma, e outra parte, da
lugar as pauzas do estrondo ás consonancias dos clarins, e
xas. O Conde da Ericeira, e o de S. Joaõ, assentáraõ que a n
artilharía do exercito, que hia carregada com sacos de b
miudas, naõ desse fogo, senaõ quando os inimigos estive
na distancia de 50 passos; idéa taõ feliz, que os batalhoẽ
lado direito, vendo o gravissimo damno, que tinhaõ rec
do, e temendo outro, intentáraõ fugir; o que os nossos Sc
dos lhe lançáraõ em rosto com fórtes alaridos: mas elles
nando a compôr-se, investíraõ valorosamente a Infantar
cavallaría nossa, que tinhaõ defronte, e rompendo-a cheg
até á vanguarda da segunda linha da Infantaría, e da ter
da cavallaría. Acodio Diniz de Mello a este damno com n
batalhoẽs, sem mudar fórma, nem perder terreno: a m
constancia tiveraõ tres Terços; porém, aindaque repetíra
cessantes descargas, entráraõ mais de mil cavallos pelo cla
huns Terços, em que estava o General da artilharía, e o
de de S. Joaõ atropellando algumas mangas da guarniça
lado direito, onde feríraõ hum Mestre de Campo, e ma
30 Officiaes, e Soldados: mas o Terço, que inadvertidam
tinha avançado a esperar o choque, tornou com grande
do a occupar o posto, de que havia sahido, deixando os i
gos clausurados; e o Conde de S. Joaõ, depois de peleija
go espaço, unido ao General da artilharía, puxou por do
talhoẽs para defeza daquelle lugar, e ao mesmo tempo a
raõ varias companhias, q̃ tirou o General do lado direit
soccorro. Mas naõ bastando toda esta resistencia para co
a furia dos inimigos, conseguíraõ estes o formarem-se na
guarda da segunda linha, onde estava o nosso General o
quez de Marialva, o qual animando os Terços com a v
presença, fizeraõ taõ vivo fogo, que padecêraõ os inimi
goroso castigo da sua temeridade. Vinde logo ouvir o m

FIM DA NONA PARTE.

LISB. Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças nec

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA X.

O Conde de Schomberg(disse o Ermitaõ)vendo que nesta parte era mais vigoroso o conflicto, acodio ao perigo com tal honra, e valor, que lhe foi necessario romper pelos esquadroẽs inimigos para chegar ao posto,em que estava o Marquez de Marialva,recebendo o cavallo do Conde de Schomberg tantas feridas, que, a naõ acodirem os tres valorosos filhos do Conde com os seus batalhoẽs,o Conde de Roraõ com a sua companhia, o Conde de Maré com o seu Regimento, de sorte, que o Conde pôde montar em outro cavallo,certamente perderia a vida, ou a liberdade. Chegou em fim aos Terços da vanguarda da segunda linha; e os inimigos perplexos intentáraõ romper os batalhoẽs do seu lado esquerdo: porèm achando notavel resistencia, intentáraõ sahir por onde tinhaõ entrado; porque já viaõ grande numero de Officiaes, e Saldados mortos.Porèm o Conde de S. Joaõ, e o da Ericéira, General da artilharía, tinhaõ ordenado as tres linhas com as caras á retaguarda, callada a picaría, e promptas as bocas de fogo de sorte, que apenas voltou caras o inimigo, disparáraõ felicissimamente; e elles vendo-se fechados em quatro angulos impenetraveis,investíraõ com desesperaçaõ o claro, em que assistiaõ os dous Generaes, e onde elles ja tinhaõ recebido grave damno; e foi tal o impeto, que le-

váraõ entre ſi largo eſpaço o General da artilharía,que
corrido pôde reſtaurar o ſeu poſto. Eſte intervallo dec
gar ao General da cavallaría para compôr os batalhoẽs
baratados, ſendo o que recebeo a mayor força do prim
ataque o de D. Miguel da Sylveira, irmaõ do Conde de
zedas, Capitaõ de Couraças das guardas do Conde d
Joaõ, que eſtava formado no lado eſquerdo; e ſem deſ
o ſeu batalhaõ, rompeo os eſquadroẽs inimigos, recebe
muitas feridas com tal valor,e impeto,que com as ſuas n
ferio o Principe de Xalé. Deo-lhe grande calor Manoe
checo com o ſeu Terço,que diſparava ſem ceſſar,nem
der tiro,e naõ menos o de Mathias da Cunha, formadc
huma horta. No tempo que a cavallaría inimiga inveſt
noſſo exercito pelo lado direito, a Infantaría fez o me
pelo noſſo lado eſquerdo com notavel impeto, e valc
reſoluçaõ, derribando pedras, rompendo tapadas, ſa
ſanjas, ſuperando vallados; fizeraõ logo retirar algu
mangas de moſqueteiros, que por ordem do Conde
Schomberg ſe achavaõ em hum ſitio ſeguro; e vieraõ
carregando hum Terço de Inglezes, que ſem ordei
adiantou a peleijar; porèm acodindo Pedro Jaques de M
lhaẽs com os Sargentos móres de batalha, fizeraõ alt
que ſe retiravaõ, e reforçando os inimigos o combate
os mais Terços, degolláraõ parte da Infantaría ſolta,
que marchava o Meſtre de Campo de Auxiliares Ant
de Saldanha na vanguarda do exercito,perdendo elle
roſamente a vida;acodio Joaõ da Sylva de Souſa com os
xiliares de Evora,que tambem foraõ desbaratados,e o
ſtre de Campo prizioneiro;em fim o primeiro Terço fo
do, que ſuſtentou o impeto dos Caſtelhanos, foi o do
ſtre de Campo Sebaſtiaõ da Veiga Cabral,porque os
gou a fazer alto,e ganhou a primeira bandeira;o Conc
Schomberg,que aſſiſtia a todos os conflictos,os intrcd
a peleijar,e obrigáraõ os Caſtelhanos a perder todo o t

lo, que tinhaõ ganhado; neste tempo se vinha retirando o Coronel Xeveri desbaratado; porèm o General da artilharía, vendo o perigo, correo á segunda linha,e fez marchar o Terço de Ayres de Sousa, que summamente lhe agradeceo esta mercê,e sobindo ao monte, que descia Xeveri,lhe compuzeraõ o Terço, acodindo com o seu Ayres de Saldanha já ferido em hum braço: e desta sorte perdêraõ os Castelhanos o terreno, que tinhaõ ganhado, e todo o mais até as vinhas, donde tinhaõ sahido; e o General da artilharía, deixando este lugar seguro, foi desembaraçar a artilharía, que os inimigos tinhaõ investido; e fazendo laborar com summo vigor sobre os esquadroẽs inimigos, que se retiraraõ,veyo buscar o Conde de S.Joaõ,que se conservava no primeiro posto;e vendo que hiaõ faltando as muniçoẽs,porque as cargas, que haviaõ sido repartidas pelos Terços, fugíraõ,mandou a Estremoz taõ repetidas ordens, que antes de se conhecer a falta, chegáraõ muitas cargas, e no tempo que se dilatavaõ mandava pedillas á retaguarda, sem dizer que faltavaõ. Os inimigos no nosso lado direito neste tempo ordenáraõ os batalhoẽs,e investíraõ valorosamente pela mesma parte segunda vez;mas como os Terços estavaõ prevenidos,e déstros do primeiro combate,continuáraõ a mesma constancia, e os inimigos se retiráraõ pelas mesmas picadas com gravissima perda, porque foraõ horriveis as descargas dos nossos Terços da vanguarda;e passando este corpo de mil e quinhentos cavallos,sempre que investio andou entre elle o Conde de S. Joaõ, obrando taes proezas, que as desta batalha sobejáraõ para dar-lhe o titulo de heróe; e sendo assim elle como o da Ericeira,que os Castelhanos depois desta segunda retirada se detinhaõ largo espaço, sem operaçaõ alguma,presumíraõ que a cavallaría esperava Terços de Infantaría para reforçar o combate com mais vigor: animáraõ os Terços, e elles respondêraõ lançando os chapéos para o ar,que nem feitos em pedaços perderiaõ teve-

no;entre tanto reforçáraõ o claro,por onde os inimigos haviaõ entrado,e o General da cavallarîa foi engrossando com outros batalhoẽs de forte o lado esquerdo,que resolvendose os inimigos outras vezes a investir, naõ passáraõ da vanguárda da primeira linha, e naõ foraõ soccorridos das suas, que governava D. Diogo Corrêa, porque temêraõ (ignorando o terreno) os batalhoẽs do lado direito, que governavaõ Simaõ de Vasconcellos,e D.Joaõ da Sylva,tendo por infallivel que haviaõ de atacallos sem resistencia pelo costado. Ao mesmo tempo no lado esquerdo do nosso exercito, onde estava Pedro Jaques de Magalhaẽs,era o combate mais vigoroso;e dous Mestres de Campo nossos vendo que os Castelhanos intentavaõ desalojar os nossos mosqueteiros,que guarneciaõ huns paredoẽs continuados com huma eminencia utilissima,á custa de muito sangue foraõ occupalla;e neste tempo a Infantaría inimiga,novamente unida,intentou romper valorosamente a nossa,e o conseguiria a naõ acodir pessoalmente o Marquez de Marialva com huma parte dos Terços da segunda linha, com que os obrigou a suspender o impeto. Eraõ ja tres horas da tarde, e sete da peleija, sem que o nosso exercito tivesse mudado o sitio, em que a começou: e os Castelhanos vendo a nossa feliz constancia começáraõ a dar-nos a victoria, preparando a cavallarîa para retirada; o que logo percebeo o notavel juizo do Tenente General D. Joaõ da Sylva, e pessoalmente fez avizo disso a Diniz de Mello,que estava no lado esquerdo, e ambos concordáraõ em investilla, para o que veyo D. Joaõ da Sylva preparar a sua;mas vendo que a de Diniz de Mello tardava em mover-se, foi saber a causa, e achou que fòra a necessidade de acodir á Infantaria do seu lado, deixando ordem a Roque da Costa que os batalhoẽs se naõ movessem,em quanto elle naõ voltasse;porèm D.Joaõ vendo que os Castelhanos hiaõ conseguindo o fim,que pertendiaõ,persuadio a Roque da Costa marchasse com a cavallarîa,

orque,se o General Diniz de Mello alli estivesse,assim terminaria; e elle, que summamente o desejava,sahio a ›o que o General chegou, e approvando o intento,co- árаõ a marchar os batalhoẽs com grande ordem. O que › pelo Conde de S. Joaõ, e pelo General da artilharîa, aõ marchar ao mesmo tempo os Terços da vanguarda segurar com este reforço o empenho da cavallarîa, se › os Castelhanos (como deviaõ suppôr) tivessem persi- ›ia. O Conde de Schomberg approvando a resoluçaõ dou dous Terços a occupar huma columna, na qual fi- ›õ cortando a retirada á cavallarîa inimiga, que ainda ›ntava a peleija, mas taõ frouxamente, que deo lugar a Pedro Jaques de Magalhaẽs, tendo-a por vencida, pu- › pelos sinco batalhoẽs, que haviaõ ficado daquella e, governados por Jeremias Jovete, e marchasse a es- ar com elles o combate da cavallarîa. Ao mesmo tempo aõ de Vasconcellos, e D. Joaõ da Sylva tinhaõ desem- çado o terreno, em que estavaõ os batalhoẽs do lado ito; e desta sorte quasi todo o exercito Portuguez em lha investio a cavallarîa inimiga, que, naõ podendo resi- a taõ furioso impulso, voltou as costas desordenada em ›omposta fugida; e Officiaes, e Soldados, vendo perdida ›iniaõ, pertendêraõ salvar as vidas, e liberdades na ligei- › dos cavallos. Foraõ seguidos dos nossos até perto de omenha, deixando-nos muitos prizioneiros no cami- , alguns mortos, e muitos feridos, porque esta foi a pri- ra, e ultima occasiaõ (diziaõ os velhos, que serviraõ na ›llarîa nesta batalha, e eu conheci) em que servíraõ as inas, e pistolas, porque as primeiras só servem para im- ir o braço da espada. Algumas horas antes tinha chega- a Geromenha o Marquez de Caracena, o qual livre de o o perigo estava na Serra da Vigaria com hum notavel lo observando todo o fervor do conflicto; e bem mo- u as suas grandes experiencias em conhecer muito se-

do

do que perdia a batalha, e em retirar-se antes de a vêr totalmente perdida;acompanhou-o o Duque de Ossuna,e outras pessoas de qualidade, que como particulares vieraõ assistir neste exercito,objecto de todos os discursos politicos da Europa. O Marquez de Marialva,vendo que a Infantaría ainda persistia na peleija, marchou com os Terços da segunda linha,e reserva,e investindo todos com os inimigos, acabáraõ totalmente de desbaratallos, retirando-se só quatro Terços formados para a Serra, que depois se rendêraõ; e o Marquez conhecendo abatida toda a opiniaõ dos Castelhanos, victorioso, e triunfante marchou com o exercito para Villa-viçosa; rendendo-se-lhe antes de chegar á praça hum grande corpo de Infantaría, que se tinha retirado para Borba. Em quanto se deo a batalha os valorosos sitiados sahíraõ do Castello, degolláraõ a mayor parte dos Castelhanos, que guarneciaõ as trincheiras,que eraõ mil e oitocentos, fizeraõ-se senhores da artilharía grossa,e de hum morteiro; mas o tiro mais bem empregado neste dia foi o de hum Soldado em Nicoláo de Langres, que ficou governando os ataques; e apenas começou a batalha, fez huma chamada,e com grande efficacia persuadia ao valorosissimo Governador Christovaõ de Brito, que se entregasse; para este sermaõ ser mais plausivel, descobrio todo o corpo na estacada dos aproches; requereraõ-lhe que se retirasse, e naõ quiz, levou huma bala pelo peito, de que morreo no dia seguinte, prizioneiro em Estremoz para exemplo de ingratos; era Francez, servio neste Reyno, aonde foi summamente attendido, e premiado,e o agradecimento foi passar-se a servir o Rey de Castella. Chegou o Marquez de Marialva a Villa-viçosa,entrou na cidadella,rendeo a Deos, e a sua Máy SS. as graças;louvou,e agradeceo a Christovaõ de Brito, e aos mais a valorosa defeza; achou que se naõ perdêra o ultimo soccorro,que mandára; cortejou com singulares elogios os Cabos, e Officiaes do exercito, e passa-

das

as poucas horas de defcanço, mandou Simaõ de Vafcon-
ellos a Lisboa com a noticia da victoria, chegou no dia fe-
uinte ás fete horas da tarde, foi a alegria igual á felicida-
e, defcêraõ á Capella Real o Rey, e o Infante a dar graças
Deos, e depois de huma elegante oraçaõ, que recitou o
P.M.Fr. Domingos de S. Thomaz, fahíraõ acompanhando
SS. Sacramento até á Sé levado pelo Bifpo de Targa: re-
olheo-fe o Rey ao Paço entre vivas, e o Conde de Caftel-
o melhor defpachou hum correyo ao Marquez de Marial-
a com carta do Rey, em que lhe agradecia, e a todos os
Cabos, e Officiaes mayores o valor, e acerto; e ordenava
ontinuaffem os progreffos, como julgaffem mais conve-
iente. Efta foi a ultima de feis batalhas, que ganhamos
os Caftelhanos depois da acclamaçaõ do Rey D. Joaõ
V., e a vigefima primeira contando as de outros feculos,
em fallar em innumeraveis encontros, que fe podiaõ cha-
nar batalhas campaes fem encarecimento, ou lifonja. Mor-
êraõ mais de quatro mil Caftelhanos nefta batalha, e fica-
aõ mais de feis mil prifioneiros, tomaraõ-fe tres mil e qui-
hentos cavallos, quatorze peças de artilharía, dous mor-
eiros, muitas balas, todas as armas da Infantaría, porque
toda, a que fe achou na batalha, ficou em Portugal, oiten-
ta e feis bandeiras de Infantaría, dezoito de Cavallaría, os
timbales do Marquez de Caracena, e do Principe de Par-
ma, todos os fornos de ferro, inftrumentos de expugnaçaõ,
e ferramentas, que trazia o exercito. Dos noffos morrêraõ
fetecentos, e ficáraõ feridos dous mil, entre elles Henrique
Jaques de Magalhaẽs, que de quinze annos de idade affiftio
na batalha do Canal; e agora nefta recebeo huma bala pe-
lo rofto, pelo que o mandáraõ para Eftremoz com dous
Soldados, que elle no caminho mandou para o exercito, di-
zendo que mais falta haviaõ de fazer nelle. Morrêraõ-nos
tres Capitaẽs de cavallo, tres de Infantaría, tres Tenentes,
e outros poucos Officiaes menores, coufa que a todos pa-

receo

receceo milagrosa. Entre os Castelhanos pelo contrario, por que nos ficáraõ prisioneiros D.Diogo Corrêa, General d Cavallaría, D. Gaspar de Haro, filho do Conde de Castri lho (entaõ valído do Rey D.Filippe, e genro do Marquez de Caracena), o qual morreo em Estremoz, e dous Sargen tos móres de batalha, ficáraõ dous Tenentes Generaes, dous Commissarios géraes da Cavallaría, dous Coroneis, e hum delles foi o Principe de Xalê, outros muitos Cabos menores, quatro Capitaẽs de cavallo, sincoenta e sete de Infantaría vivos, e reformados, cento e sessenta e seis Officiaes menores, e os Administradores géraes do exercito e Hospital. O Marquez de Caracena, juntando as poucas Trópas, que escapáraõ do conflicto, as repartio pelas praças mais importantes, que deviaõ temer as armas do nosso exercito victorioso, e deo conta ao Rey da infelicidade que tivera, dizendo que confórme as leys da guerra atacára a batalha, que se disputára vigorosamente, mas que fôra derrotado, e vencido com tanta perda do exercito de Portugal, que brevemente esperava entrar neste Reyno, e facilmente conquistallo, para o que necessitava gente, e dinheiro; mandou esta carta por hum confidente seu com ordem para a entregar na maõ do Rey, o qual tanto que lêo *fôra derrotado*, a deixou cahir no chaõ, dizendo: *Parece que lo quiere Dios*. Recolheo-se tristissimo, e começou a murmuraçaõ mais horrivel contra o Marquez de Caracena, naõ só em Hespanha toda, mas em toda a Europa pela suberba idéa de atacar a batalha sem fórma, só pelo fundamento imaginario de que o nosso exercito a naõ podia tomar sabendo vinha em marcha, e querendo com huma desordem infallivel vencer outra desordem duvidosa.

FIM DA DECIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XI.

EM Galliza (disse o Soldado) se achava o Rey D. Affonso o Magno, filho do Rey D. Ordonho, cuja vida acabei de referir na Conferencia 5 deste Tomo; e constando-lhe que seu pay tinha falecido, veyo a Oviedo tomar posse da Corôa, tendo só quatorze annos de idade, mas com tal corpulencia, taõ grande talento, e raras virtudes, que seu pay muito antes o fez Governador de Galliza, Presidente de Côrtes, e agora com o Reyno lhe entregou o domînio, que a outros em mayor idade tinha negado; porèm desta sorte premeya Deos os Principes todos seus como este, o mais cuidadoso do Culto Divino, e pay dos pobres, com os quaes dispendeo logo todo o thesouro, que lhe deixou seu pay, e depois tudo o que adquirio; mandou demolir o antigo Templo de Sant-Iago, que era de taipa, fazer hum de pedra de cantaría com columnas della, cousa naquelles seculos rara; ornou os mais Templos, que fundáraõ os seus antecessores, com vasos sagrados primorosos, e ornamentos; e tinha especial cuidado em assistir aos Officios Divinos. Nesta paz, e celestial occupaçaõ vivia querido dos Grandes, e povo, quando D. Fruela, filho do Rey D. Bermudo, Conde de Galliza, juntando alguns Fidalgos pobres por seus

aliados, teve a ousadia de chamar-se Rey de Galliza, dizendo que naõ devia governar Hespanha hum menino, havendo nella hum velho de sangue Real, como elle, que naõ devia obedecer a crianças. Tinha o Rey D. Affonso valor para castigar este infame, porèm achava-se sem armas, nem gente, como quem naõ herdára guerras, nem as procurava; e para adquirir o necessario para o castigo, retirou-se para Biscaya, chamada entaõ a provincia de Alaba, e mais extensa do que hoje se conserva; o traidor sabendo que o Rey deixára a Còrte de Oviedo, entrou nella, e foi obedecido, porèm foraõ taes os tributos, extorçoẽs, e desprezos, com que tratou os chamados vassallos, que se levantáraõ contra elle, e o matáraõ: estimou o Rey D. Affonso summamente a noticia, porque evitava a guerra civil; entrou em Oviedo, onde foi recebido com excessiva alegria do pôvo, castigou os culpados, confórme as Leys, e premiou os vassallos leaes; mas quando segunda vez intentou descançar, soube que em Alaba se levantára outro infame traidor. He certo que a guerra he castigo de Deos, e mal grande do corpo da Républica, porque nelle padece a vida, honra, e fazenda, mas com elle se evitaõ infinitos males, que produz a ociosidade nos Reynos; he a guerra a gotta das Monarquias, quem tem gotta naõ padece outro achaque mais, que este terrivel; quem tem guerra, naõ tem outro mal álèm deste mayor. Naquelle tempo os Reys de Oviedo, e Leaõ dominavaõ na provincia de Alaba a parte chamada Biscaya, e a outra parte era de Zenon, ou Zeno, Principe descendente de Eudon, q̃ foi Duque de Aquitania, e hum Cavalheiro parente do dito Zeno, chamado Eylo, governava por elle a parte de Alaba, que lhe pertencia; e confiado nas Trópas de Zeno, e nas revoluçoẽs de Oviedo, intentou ser Rey de Biscaya; porèm o Rey D. Affonso, juntando exercito, entrou na provin-

cia,

cia, ſocegou o motim ſem derramar ſangue, prendeo a Eylo, e a Zeno, e ambos miſeravelmente morrêraõ na Côrte de Oviedo em hum carcere; deo o governo da provincia toda a D. Vigila, ou Vela, e acabáraõ os trabalhos domeſticos do ſeu primeiro anno de Reynado. O ſegundo, que foi o de 863, naõ foi menos penoſo, porque Imundato, e Alcama, valoroſos Capitaẽs Mouros, puzeraõ ſitio á cidade de Leaõ com formidavel exercito; ao que ſe oppôs felizmente D. Affonſo com outro, e os obrigou a levantar o cerco, e retirar-ſe com precipitada marcha, em que álèm dos muitos, que morrêraõ na batalha, perdêraõ muitos mais a vida. Sendo priſioneiro na campanha paſſada, eſtive alguns dias em huma Aldêa, que dizem ſe fundára em memoria deſta fugida, e do valor de hum Soldado Leonez, que nella matou muitos mil Mouros com hum engano, e foi o caſo: Seguia o exercito Catholico vencedor unido ao Mahometano derrotado; e como a cada paſſo matavaõ muitos, os que vinhaõ em cavallos mais ligeiros, tanto que víraõ os Catholicos mais occupados, e o Sol poſto, tiraraõ-ſe da eſtrada, e ſubíraõ huma ſerra, donde era natural o Soldado Leonez, o qual deſejoſo de obrar huma façanha memoravel para honra da ſua patria, a toda a préſſa os foi ſeguindo, e gritando na lingua Mouriſca, que fugiſſem, porque os Catholicos vinhaõ ſobre elles, porque ſobre os outros eſtava novo exercito, que ſahíra de huma emboſcada; e para fazer mais crivel o engano, parava muitas vezes, e fingindo muitas, e diverſas vozes em lingua Caſtelhana dizia: *Mata; aqui voõ perto; marcha*, e outras palavras proprias de quem vai ſeguindo o inimigo, de ſorte, que os Mouros cheyos de medo julgáraõ vinha atraz delles o exercito, que elle logo em lingua Mouriſca lhe dizia que vinha á desfilada; deſte modo os obrigou a ſubir violentamente a ſerra pelo

 mais

mais fragoſo della, caminhando elle pelas veredas, que ſabia, como natural, até o alto, aonde chegou muito antes que elles; e tanto que percebeo queriaõ deſcer ao valle, começou a gritar da parte direita, dizendo em lingua Mouriſca, que fugiſſem para a eſquerda, porque da outra era o perigo: depois gritava como quem já levava cutiladas dos Catholicos, de tal modo, que os Mouros afflictos ſem verem caminho, e intentando fazello pelo meyo da montanha, huns ſe precipitáraõ juntamente com os cavallos em hum lameiro, que tomava hum quarto de legua quaſi do valle, e outros quando deſceraõ entráraõ nelle; o que lhes naõ ſuccederia certamente, ſe deſceſſem a ſerra no ſitio, que intentavaõ, quando elle lhes gritou que tomaſſem para a eſquerda; apeou-ſe o Leonez, e deſceo atraz delles gritando-lhes na ſua lingua, fingindo exercito; e logo na Mouriſca dizendo naõ tiveſſem medo, que a lama occupava pouco eſpaço, e que a pé haviaõ de eſcapar melhor aſſim elles, como os cavallos; em fim o lameiro eſtava cheyo de tabúas, juncos, e outras hervas de ſorte, que todos os Mouros, e cavallos morrêraõ nelle eſſa noite, e toda ella paſſou o Leonez atirando-lhe pedradas, e fingindo diverſas vozes do exercito, que os eſperava nas margens do lameiro, e o eco do valle fazia horrorofiſſimo, juntando-ſe as ſuas vozes com as dos Mouros, que ſe affogavaõ, e faziaõ huma infernal confuſaõ, que ouvíraõ os paſtores, e outras peſſoas, que depois da victoria caminhavaõ pela ſerra da outra parte a buſcar as caſas, que tinhaõ deſamparado no tempo do ſitio; todos eſtes vieraõ pela manhãa ſaber o que tinha ſuccedido, e achâraõ a flor do exercito Mahometano affogada no lameiro, e o Leonez da outra parte rindo; cuidáraõ no modo, com que poderiaõ aproveitar-ſe da roupa, armas, e arreyos: e como os pobres ſempre fôraõ ingenheiros, taes jangadas armáraõ

com

com troncos de arvores, e taes invectivas usáraõ nesse dia, que naõ ficáraõ no lameiro mais, que os cadaveres: fôraõ lavar tudo em hum pequeno ribeiro, que no Inverno cresce, e faz a tal lama no valle, e considerando-se já ricos com este nada immundo, que tinhaõ, edificáraõ cabanas no mesmo sitio, como quem esperava nelle outra igual fortuna; e porque nestas fadigas naõ cessáraõ de fallar nas tabúas, que foraõ a causa de se embaraçarem totalmente os Mouros, e os cavallos, e morrerem naquelle labirinto, chamáraõ á dita aldêa Atabúa, e hoje Ataba. O Rey D. Affonso premiou grandemente o Soldado, que se chamava Mendo, fez augmentar a nova aldêa, e fabricou huma ponte rustica no lameiro, por onde pudessem passar tres cavalleiros sem perigo, preparando o sitio deste modo para huma excellente emboscada em qualquer tempo; mas o sitio he taõ doentío, e melancolico, que para o conservar povoado fôraõ necessarios todos os privilegios mayores, que gozaõ os seus poucos habitadores, que quasi sempre estaõ doentes, e gastaõ em curar terçans o que haviaõ de pagar de tributos ao Rey. Tambem me mostráraõ dahi a hum tiro de espingarda huma cova horrenda, coberta de humas hervas muito miudas, que dizem tem especial virtude para moderar as dores de gotta, e no fim della hum poço cavado na mesma rocha, mas secco, e nelle muitos cadaveres de homens, e mulheres mirrados, que dizem serem de Catholicos, que allî se escondêraõ quando se perdeo Hespanha; mas como naõ consta, e podem ser de Inficis, alli os deixaõ estar, mas tem observado que só pombos bravos habitaõ a cova, e o poço; motivo porque muitos annos se naõ atreveo pessoa alguma a entrar neste sitio, porque o rolar dos pombos, e movimento das azas faziaõ hum susurro medonho: e como a gente rustica de Hespanha he taõ credula em Mouros, e Mouras

encan-

encantadas, como os Portuguezes da mesma qualidade, naõ tem numero as novelas, que se contaõ desta cova, e muitas mais da outra, que está no alto da serra, que verdadeiramente parece huma fornalha feita de tres lages, cada huma taõ grande como a terça parte do rocio de Lisboa, e taõ separadas, como se as collocassem alli forças humanas; dentro está hum grande tumulo de pedra negra, aberto com tres buracos do tamanho, e feitio de hum tambor cada hum; de noite (dizem) que apparecem junto a elles tres luzes, e que andaõ bailando donzellas formosas á roda do tumulo, cantando suavemente, mas em tom sentido; e nisto assentaõ com tal fé por tradiçaõ de seus avós, que o Cura da aldêa, que me acompanhava para se rir sem perigo, lhe foi necessario fingir comigo negocio de segredo; he porèm fábrica digna de vêr-se, e pena naõ estar em sitio capaz de se edificar nella hum templo, mas nem para recolher o gado tem prestimo, porque só gatos lá podem ir sem perigo, e só se vê o que alli está quando se chega perto. O Rey D. Affonso, vencidos os Mouros, cuidou em fortificar, e guarnecer as praças, e ao mesmo tempo em juntar Milicias para castigar a ousadia dos Mouros; e para ser a guerra mais segura, e proveitosa fez liga com os Navarros, e Francezes, e para mayor vinculo desta, casou com huma senhora da casa Real de França, chamada entaõ Amelina, e depois de casada D. Ximena, da qual teve quatro filhos D. Ordonho, D. Garcia, D. Fruela, e D. Gonsalo, que foi Arcediago de Oviedo. Naõ faltavaõ discordias entre os Mouros neste tempo, porque os de Toledo naõ podendo tolerar as tyrannias do Rey de Cordova, a quem estavaõ sujeitos, elegêraõ por seu Capitaõ contra elle a hum valoroso Mouro, chamado Abenloge, que dizem era neto de Muçá, porèm mal succedido na campanha, porque o venceo, e os Toledanos ao Rey de

Cor-

Cordova, e lhe foi necessario buscar o amparo do Rey D. Affonso, que o recebeo com summa benignidade. Chegou o anno de 864; e preparado o exercito Catholico, que se compunha de Biscainhos, Francezes, e Navarros todos escolhidos, e veteranos, sahio o Rey a campo, destruio duzentos lugares ricos dos Mouros, sem que elles pudessem salvar cousa alguma do que tinhaõ, destruio-lhe os bosques, pomares, e sementeiras, derribou-lhe as mesquitas, queimou-lhe as casas, e recolheo-se riquissimo assim elle, como todos os do exercito; os Mouros de Toledo foraõ os primeiros que intentáraõ a vingança para lisongearem ao Rey de Cordova, que depois da sublevaçaõ passada os opprimia com mayor excesso; entráraõ com numeroso exercito até o Douro; aonde lhe sahio ao encontro o Rey D. Affonso taõ bem afortunado, que matou doze mil Mouros em hum campo junto ao lugar de Pulveraria: teve disto noticia o Rey de Cordova; e depois de fazer especiaes devoçoẽs, e votos pelo bom successo da campanha, em que promettia extirpar de huma vez os Catholicos, juntou hum formidavel exercito, e com elle veyo buscar o Rey D. Affonso, apenas elle acabava de vencer o de Toledo: mas naõ diminuio as forças dos Soldados Catholicos o trabalho passado, antes mais vigorosos investíraõ os Mouros, antes de serem investidos, e matáraõ quasi todos; alegres festejáraõ a victoria, e despiaõ os que ficáraõ no campo mortos, quando appareceo huma emboscada nunca até entaõ vista, que foraõ dez mil Mouros vivos, fingindo-se mortos, e misturados com elles, para depois se levantarem a degollar os Catholicos, quando estivessem mais descuidados: mas descoberta felizmente a idéa, morrêraõ todos. Nisto se occupavaõ quando vinha soccorrer os fingidos mortos Almudar, filho do Rey de Cordova com Joengonimo, Capitaõ Mouro entaõ mui cele-

brado;

brado; mas ſabendo no caminho que os Catholicos os tinhaõ obrigado a morrer de véras, e que D. Affonſo o eſperava em Sublancia; fugio de noite para Cordova á desfilada, e o noſſo ingenhoſo Mendo coſtumado a lavrar neſtas retiradas a ſua fortuna, ſàhio com cento e doze companheiros com veſtidos, e cavallos ajaeſados a mouriſca, e por differente caminho ſe foi pôr na *eſtrada*, que havia de ſeguir de noite Almudar na retirada; e apenas ſentíraõ o tropel ſahiraõ-lhe ao encontro dizendo em lingua mouriſca, paraque fugiaõ, pois elles vinhaõ ſoccorrellos, e atraz vinhaõ outros: o Infante, que vinha na vanguarda, e ſó appetecia naquella hora vêr-ſe ſeguro dentro nos muros de Cordova, reſpondeo que voltaſſem, e correſſem; o que elles fizeraõ unidos até verem que o Infante, e os ſeus vinhaõ ſem fórma, entaõ viráraõ de repente, e gritando por S. Tiago, enveſtíraõ o desbaratado exercito com tal fortuna, que ſem fugirem perdêraõ todos a vida, porque na retaguarda conſideravaõ o Rey D. Affonſo, na frente achavaõ hum naõ eſperado exercito, cujo numero ignoravaõ, como tambem ſe nos lados havia outros: eſcapou o Infante Almudar, o Capitaõ Joengonimo, e mais vinte e dous, que com o eſcuro da noite, e medo caminháraõ para traz deſamparando o Infante, e Capitaõ, que ſe occultáraõ no matto até pela manhãa, como conſtou depois: Mendo, e os cento e doze companheiros carregados dos deſpojos vieraõ alto dia para o exercito, e encontráraõ os vinte e dous, que, conhecido o erro, buſcavaõ o caminho, e acháraõ a morte na eſpada de Mendo, e ſeus companheiros.

FIM DA UNDECIMA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xiſto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XII.

FOi muito feſtejada no noſſo exercito (continuou o Soldado), e muito ſentida em Cordova a bem ſuccedida idéa do Capitaõ Mendo; e como eſta era a ſegunda, e o Infante Almudar o que padecia a affronta, jurou que ſe havia de deſpicar della, e que daria hum collar, ou cordaõ de ouro precioſo a quem na campanha, ou fóra della lhe preſentaſſe a cabeça de Mendo; mas elle, a quem os beneficios da fortuna, ja duas vezes experimentados, animavaõ para couſas mayores, convocando os meſmos que o tinhaõ acompanhado, entrou pelas aldeyas dos Mouros com tanto valor, como ſe foſſe hum numeroſo exercito; e como fazia as prezas de noite, ou na madrugada, recolhendo-ſe aos matos de dia com a preza, huns diziaõ em Cordova que elle trazia comſigo vinte mil homens, outros que ſó vinte mil tinha em huma emboſcada, porque ninguem julgava poſſivel que ſe atreveſſe homem algum a fazer hoſtilidades taõ perto de Cordova com taõ pequena Milicia. Iſto ſoube Mendo muitas vezes dos captivos, e que Almudar com numeroſas Trópas o vinha buſcar nos matos, campos, e eſtradas, empenhados os Capitaẽs, e Soldados em tirar-lhe a cabeça para ganhar o premio: deſmayaraõ os companheiros de Mendo com *eſta noticia*; e temendo prudentemente perder as vi-

das com elle naquella temeridade, se despediraõ delle carregando cada hum no seu cavallo o que tinha adquirido nas funçoẽs passadas; e elle, que tinha assentado comsigo o modo com que só lhe era mais glorioso o vencer, naõ só lhes persuadio a retirada, permittindo-a, mas repartio por elles todo o fato precioso, e ordinario, que nos saques lhe tinha competido; e só pedio que por elle lhe dessem todos os capacetes, ou turbantes dos Mouros, o que elles fizeraõ, e se foraõ. Ficou o ardiloso Mendo no mato, e apenas começou o crepusculo do dia, em cada moita pôs hum turbante, ou capacete, e elle sahio á estrada montado no cavallo sem lança, arma indispensavel naquelle tempo; tinha caminhado pouco, quando appareceraõ numerosas Trópas do Infante, e elle na frente; deo elle tempo para ser conhecido, e vendo que depois disso naõ apressava a marcha o exercito Mahometano, parou, e com acenos o convidava, mostrando-lhe os braços sem arma alguma; causou esta acçaõ tal receyo em todos, que fizeraõ alto, deo elle mais huns passos a diante, e fez o mesmo; mas vendo que se naõ moviaõ, virou-se para os matos, onde estavaõ os turbantes, e capacetes Mouriscos nas moitas, e tocou huma corneta com força, e virando o cavallo para o exercito, gritou por Sant-Iago, tirou a espada, e partio de galope direito ao Infante; este, e os mais que naõ tinhaõ visto os turbantes nas moitas, senaõ quando elle tocou a corneta virado para ellas, julgaraõ naõ só que tudo eraõ Catholicos vestidos á Mourisca, mas lembrando-lhe o conceito, que sempre antes faziaõ do exercito de Mendo, duzentos turbantes (que nem tantos eraõ) com a pouca luz das brenhas lhes pareceraõ duzentos mil, porque estavaõ em huma só fileira, e muito separados huns dos outros de sorte, que nos claros, e por detrás desta dilatada linha julgaraõ innumeravel Infantaria occulta, e cada moita hum Catholico vestido á Mourisca para os chamar á emboscada; em fim, vendo que hum só homem sem lança, naõ só

os

os convidava, mas os enveſtio á desfilada, aſſentaraõ que vinha confiado, e ſeguido dos milhares de Soldados, que chamara com a corneta, e elles ſuppunhaõ na emboſcada; fundados no que viaõ nas moitas, e poſſuidos deſte prudente receyo viraraõ os cavallos, e fugiraõ para Cordova com taõ deſordenada marcha, que Mendo os ſeguio até o lugar, onde hoje eſtá huma Cruz em memoria, porque alli lhe cahio o cavallo, arrebentou a ſilha meſtra, de que ſó uſava, ficou-lhe debaixo a perna direita, e levantou-ſe ſem lezaõ alguma por milagre de N. Senhora, de quem era devotiſſimo, e a quem invocou neſte aperto: o ſeu intento era chegar até as portas de Cordova, mas quiz Deos evitar-lhe a perda da vida, porque antes diſſo, ou lá conheceriaõ que hia ſó; muitos da rectaguarda o viraõ cahido, e caminhar depois a pé para o ſitio onde os enveſtio, e provocou, mas era tal o medo, que tinhaõ das ſuas idéas, que até iſto, que foi diſgraça, julgaraõ que era fingimento, e eſtratagema, paraque vieſſem ſobre elle, e cahiſſem nas lanças do ſeu numeroſiſſimo imaginado exercito. Reparou a ſilha, e partio logo deixando no campo ſetenta e dous Mouros degollados, porque todos os de cavallo menos ligeiros padeciaõ os golpes da ſua eſpada no breve tempo, em que os ſeguio neſta deſcompoſta retirada: ficaraõ nas moitas os turbantes, e capacetes, e elle tocando a corneta de quando em quando, que era remedio infallivel para fugirem das aldêas os Mouros, que ſabiaõ como a tocava, quando os hia ſaquear com os ſeus companheiros, entrou em Oviedo ſem oppoſiçaõ alguma, foi recebido do Rey D. Affonſo com mimo, e eſtimaçaõ rara, e do pôvo com taes jubilos, e alegria, como foi o ſanto Rey David depois de matar o Philiſteo; porque os companheiros, que o deſampararaõ, tinhaõ publicado que certamente ja eſtaria morto, e reduzido a nada pelo exercito. Succedeo iſto a tempo que de Oviedo ſahia para Cordova (deixando refens ſeguros) *Aboalit*, Capitaõ notavel dos Mouros, que

nas guerras passadas ficara prisioneiro; e supposta a debilidade, em que se achavaõ as forças Mahometanas, promettêra ao Rey D. Affonso ajustar com o de Cordova treguas, que difficilmente conseguio por tres annos, porque os escarnios, que delle fizera Mendo, o tinhaõ summamente irritado. Este Aboalit, quando chegou a Cordova, referio como Mendo entrara em Oviedo, e tudo o mais, que tenho contado, e achou os Mouros com tal medo do imaginado exercito, que só depois de elle o segurar com juramento, se atrevêraõ a ir ao sitio muitos, e os mais valorosos, que, examinada a força, desejaráõ morrer antes, que padecer tal vergonha; porém o Infante Almudar com Real grandeza, depois de vêr como se enganara, respondeo que antes queria a cabeça, e coraçaõ de Mendo, que o Imperio de todo o mundo, porque com tal cabeça, e valor poderia conquistallo, que era mayor gloria do que possuillo; e por Abraõ, filho de Aboalith, mandou a Mendo o cordaõ, ou collar de ouro, que tinha promettido pela sua cabeça, e com elle o melhor turbante, que tinha, dizendo lho mandava, porque lhe naõ podia mandar a cabeça para o venerar, nem era justo o gozasse mais que a sua, mas que lhe pedia quizesse ser em Cordova seu hospede, fiado na sua amizade; o que elle fez caminhando só, e entrando na cidade sem armas, que deixou aos guardas da porta, que nem o esperavaõ taõ sedo, nem queriaõ aceitar o deposito. Foi recebido com as mayores honras, hospedado com ellas, e com raras finezas, despedido com dadivas riquissimas, só naõ aceitou que o acompanhassem Trópas; quando chegou a Oviedo achou o Rey com semblante melancolico, porque a inveja, que naceo com o mundo, fez que os Generaes, e Capitães emulos de Mendo, naõ podendo tolerar a sua grandeza, valimento, e applauso tantas vezes bem merecido, persuadissem ao Rey que o seu trato com Almudar era perigoso, e esta jornada a Cordova prejudicial ao Reyno; e se bem lhes naõ deo credi-

to

to o Rey D. Affonſo,naõ deixou de ſe entriſtecer por iſſo; e Mendo, a cujo coraçaõ, ſó faltava emprehender na victoria do mundo, diabo, e carne a mayor façanha, repartio com os templos, e pobres tudo o que tinha, que era muito, e muito precioſo, edificou huma Ermida a N. Senhora nas montanhas de Biſcaya em memoria do prodigio, que nelle obrara,quando ſeguia os Mouros,e nella ſe recolheo veſtido como coſtumavaõ ir para o ſupplicio os réos naquelle tempo; alli morreo, e foi ſepultado com opiniaõ de ſanto, e ainda hoje he venerado o ſeu ſepulcro, e a Ermida com o nome de Santa Maria de Mendo, e elle com o de Beato Mendo de Santa Maria. Naõ vos admireis (diſſe o Ermitaõ), porque hum moço da eſtalagem dos Pégões nos noſſos dias, ſem ter mais que doze annos de idade, com o que pedia aos paſſageiros em remuneraçaõ de os ſervir, comprou muitas carapuças, que poſtas nas moitas, pareciaõ muitos homens, e elle na eſtrada muito humilde, dizia a todos os que paſſavaõ, que aquelles ſenhores, que alli eſtavaõ, pediaõ para a borracha; todos lhe davaõ com medo do que viaõ, até que ſe deſcobrio a vilhacaria, e morreo enforcado ſem lhe valerem os poucos annos. Em Elvas na guerra paſſada (continuou o Soldado) tive hum camerada, que nunca ſahio fóra que naõ foſſe priſioneiro, nem o foi nunca mais de vinte e quatro horas, de ſorte que nunca lhe déraõ baixa no mantimento, eſte tratava o cavallo taõ mal, que nem andar podia, de ſorte que ſahia antes de todos, dizendo por galhofa, que lá nos eſperava, e nunca ſe recolhia com as Trópas; ſahio comigo em huma occaſiaõ, e a poucos paſſos encontramos as guardas de Badajoz taõ reforçadas, que nos retiramos com preſſa; ficou elle em hum valle, e como o cavallo naõ podia ſubir o monte, e nelle era vida o ſer priſioneiro, apeou-ſe a tempo que a cavallaria Caſtelhana deſcia outro monte, e vendo-o apeado fez alto; chamou-os elle com o lenço, e naõ ſe buliraõ, abrio a caixa, e tomou tabaco, dando primei-

ro

ro hum grande efcarro, viraraõ os Caftelhanos coftas, fugiraõ á desfilada, e elle entrou em Elvas com o cavallo pela redea ao fechar das portas; depois foubemos que os Caftelhanos vendo o feu defaffogo, julgaraõ que detrás do monte, que elle naõ podia fubir, e por onde a noffa Cavallaria fe retirou, eftava emboscado algum numerofo corpo de Trópas, a que elles naõ poderiaõ offender, nem refiftir. Eftas faõ as utilidades de hum animo alegre, e que naõ admitte confideraçoẽs de perigos, de que fe contaõ cafos raros, que ouvireis a feu tempo. Acabou a tregua do Rey de Cordova no anno de 867, no qual dizem que por hum cafamento fe uniraõ os Reynos de Sobrarbe, e Navarra ao de Aragaõ, ficando affim mais vigorofos os Catholicos contra os Mouros; e o Rey D. Affonfo, que nos tres annos de focego cuidara fó em preparar-fe, entrou com notavel exercito pelas terras dos Infieis, das quaes tirou excellentes defpojos fem a menor oppofiçaõ, acompanhando-o neftas funçoẽs o memoravel Bernardo del Carpio, o qual, depois de fe recolher o Rey á Côrte de Oviedo, pedio fegunda vez em remuneraçaõ de feus ferviços a liberdade de feu pay, como ja tinha pedido a feu tio o Rey D. Affonfo o Cafto; e aindaque agora D. Affonfo III. o Magno fe inclinava a dar-lhe effe bem merecido premio; os Grandes fe oppuzeraõ ou por inveja de D. Bernardo, ou por zelo das Leys, e fentença dada em crime de Lefa-Mageftade, que foi o cafar com a Infante D. Ximena, fem licença do Rey feu irmaõ. Foffe hum, ou outro o motivo de fe oppôrem, o certo he que o Rey lhe negou o que pedia, e D. Bernardo fentido fez o mefmo, e peyor do que fizera no tempo de feu tio D. Affonfo Cafto, em vingança de lhe negar o mefmo: edificou hum Caftello, chamado del Carpio, no fitio onde agora eftá a villa de Alva, donde fahia a faquear, e deftruir as terras, e vaffallos do feu Rey, excitando os Mouros a fazerem o mefmo, vingança por todos os principios a mais infame; porém o Rey com exceffo prudente juntou

os

os Grandes do Reyno em balanças, e mudaraõ todos de parecer, julgando mandasse soltar-lhe o pay com a condiçaõ de que primeiro havia de entregar o Castello; o que elle fez logo, e caminhando com a sua gente a buscar o pay, no caminho soube que tinha fallecido, huns dizem que de alegria, outros que de pena com a primeira noticia. Tambem differem no fim, que teve D. Bermudo depois desta disgraça; porque huns dizem sahira do Reyno, e peregrinando em Navarra, e França, possuido de horrivel tristeza acabara a vida: outros, que tolerara este lance da fortuna com admiravel paciencia, e acabara no serviço do Rey D. Affonso, a quem devera na vida, e morte o mais raro extremo, e fôra sepultado em Aguilar del Campo. Tudo póde ser, mas só nos consta de hum sepulchro nessa terra com o seu nome na campa. Neste anno, que era o de 870, se levantou com o Senhor de Biscaya D. Zuria, que o Rey D. Affonso nelle tinha posto por Governador; e por hum casamento unio a si no mesmo anno o Senhorío de Durango, com que ficou mais poderoso. Seguio-se o anno de 871, no qual os Mouros entraraõ pelas terras de Burgos, queimando os póvos, e campos com nunca vista tyrannia, especialmente no Convento de S. Pedro de Cardenha da Ordem de S. Bento, no qual martyrizaraõ duzentos Monges, que hoje dizem os PP. Fuente, e Claudio Clemente estaõ canonizados na classe dos Martyres; sahio-lhe ao encontro o Rey D. Affonso, e dizem convocara com rogos pessoalmente para o acompanhar ao Beato Mendo de Santa Maria, ao que elle respondera que melhor o podia elle ajudar na sua Ermida; assim parece o fez com efficazes oraçoẽs, porque apenas o Rey chegou venceo; escaparaõ poucos para levarem a Cordova a noticia, e recolheo-se o Rey com toda a riqueza, com que elles sahiraõ á campanha, e todas as que adquiriraõ nos roubos, e saques no discurso della, porque tudo com muitos mil mortos ficou no campo *da batalha*. Em acçaõ de graças fez o Rey D. Affonso

ſo grandes doaçoẽs á Igreja de Sant-Iago, e á de Lugo. Continuou logo a guerra contra os Mouros, reſtaurou o Moſteiro inſigne dos Santos Martyres Facundo, e Primitivo, o qual deo aos Eremitas de Santo Agoſtinho, que de Cordova tinhaõ fugido para Oviedo com ſeu Prior Walabonoſo, naõ podendo tolerar as perſeguiçoẽs, e inſolencias do tyranno Rey Mouro. No anno de 875 reſtaurou o Rey D. Affonſo o Moſteiro de S. Miguel da Eſcala, ſeis legoas diſtante da cidade de Leaõ, e fez outra Cruz de ouro ſimilhante á que fizeraõ os Anjos no tempo de D. Affonſo Caſto, a qual pôs na Camera Santa de Oviedo; augmentou a Igreja de Sant-Iago, fundou na cidade de Conſtantinopla o Convento de S. Martinho para os Monges de S. Bento, e hum Collegio de Sacerdotes para Miniſtros da Sé, dedicado a S. Felix. Taõ ſantamente occupado recebeo a noticia de que ſeu irmaõ D. Fruela ſe conjurara contra elle, mettendo na conjuraçaõ os outros irmaõs, que eraõ D. Nuno, D. Bermudo, e D. Odoario, os quaes mandou prender, e cegar, de que reſultaraõ no Reyno graves alteraçoẽs, que vos direi logo.

FIM

DA DUODECIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XIII.

DIvidio-ſe a Côrte (diſſe o Soldado) em varias parcialidades, vendo cegos, e prezos os Infantes: eſtes meſmos havia pouco tempo regateavaõ a liberdade do pay de D. Bernardo, zelando a obſervancia das Leys nos crimes de Leſa-Mageſtade; e agora ſendo eſte mais enorme, e o caſtigo leve, tiveraõ ouſadia para murmurar do ſagrado da Mageſtade de ſorte, que D. Bermudo com o auxilio deſtes fugio da prizaõ, e ſeguido dos meſmos, ſe apoderou de Aſtorga, onde ſe defendeo valoroſamente das armas do Rey ſeu irmaõ, que logo o ſitiou. Mas em fim vendo os ſeus parciaes que era impoſſivel perſiſtirem, fugiraõ com elle para os Mouros, contra os quaes concebeo nova ira o Rey D. Affonſo por eſte motivo, e deſtruio todos os campos, e lugares abertos de Toledo, até que elles, á cuſta de muitos rogos, alcançaraõ delle treguas por tres annos, tempo, em que o Rey deſoccupado determinou ſe celebraſſe hum Concilio de todos os Biſpos de Eſpanha; para o que mandou Embaixadores ao Papa Joaõ VIII., a quem pedio fizeſſe Metropolitana a Igreja de Sant-Iago, o que elle lhe concedeo, e mandou por ſeu Legado a Reynaldo com cartas muito honradas para o Rey, e ordem, para que elle com os mais Biſpos do Reyno ſagraſſem a Igreja de Sant-Iago, e ce-

e celebrassem o Concilio; o que tudo executaraõ dezasete Bispos, muitos delles sem ovelhas, por estarem em poder dos Mouros as suas Diecesses; e estes, se ordenou no Concilio, servissem ao Arcebispo Metropolitano de Compostella de Vigarios, e este repartisse o trabalho por todos; e o Rey lhes signalou para seu sustento doze Igrejas de Oviedo, a que chamaraõ Decanias, e daqui nasceo chamarem-se Cidade dos Bispos, pelos muitos que gozavaõ os seus frutos, e habitavaõ nella todas as vezes que os Mouros os perseguiaõ. No anno de 877 fez o Rey Cathedral a Igreja de Mondonhedo; no anno de 882 houve hum terremoto horrivel em tòda Espanha, que arruinou muitos edificios, morreraõ muitas pessoas, e logo depois houve huma tempestade furiosa, que obrigou até os Mouros a buscar remedio com devoçoẽs nas Mesquitas; na excellente de Cordova estava o Rey Mouro, quando lhe cahio hum rayo, e lhe matou dous Fidalgos, que tinha junto a si, sem lhe fazer damno mayor do que o susto. No mesmo anno Abdala Mouro, que já dissemos tinha fugido de Cordova com Abuhalit, e se tinhaõ valido do amparo do Rey D. Affonso, esquecido dos notaveis beneficios, que do Rey tinha recebido, pois até lhe entregou seu filho D. Ordonho, para que o ensinasse a montar á gineta, e fazer as destrezas, em que os Mouros saõ insignes, ajustou-se com o Rey de Cordova, sahio de Galliza, e com hum exercito de Mouros, entrou pelas terras dos Catholicos, destruindo Templos, casas, campos, e gados com intento de tomar em Portugal algumas praças fortes; porém o Rey D. Affonso, que o veyo seguindo logo, o venceo junto a Celorico, e o fez retirar para Cordova pelos matos deste Reyno, deixando quanto tinha roubado; e para mayor próva da piedade, e benevolencia do Rey vencedor, mandou entregar ao Mouro Abuhalit hum filho, que tinha deixado em refens. O ingrato Abdala moveo as armas contra os Zimaeles Mouros levantados de *Toledo seus parentes*, e os prendeo no Castello de Becaria;

con-

conquistou logo Saragoça, e nella se fortificou com tal destreza, que resistio ao cerco, que lhe pôs o Infante Almudar, que seu pay Rey Mouro de Toledo mandou com o Capitaõ Abuhalit a destruillo; mas retirando-se sem effeito, entráraõ pelas terras de Biscaya, e Castella, destruindo tudo. Sahiraõ a offendellos os Condes de Castella a tempo, que o Rey D. Affonso marchava para o mesmo de Sublancia; mas elles temendo as armas tantas vezes vencedoras, fugiraõ sem fazer mais damno consideravel, que a destruiçaõ do Mosteiro de Sahagum: Abuhalit mandou pedir ao Rey D. *Affonso* pazes, que ajustou Dulcidio, Presbytero de Toledo, donde por consentimento dos Catholicos Muzarabes conduzio para Oviedo os corpos de Santo Eulogio, e *Santa Lucrecia*, que o Rey veyo esperar ao caminho com excellente pompa, e collocou no Altar de Santa Leocadia. Publicaraõ-se treguas por seis annos: morreo o Rey Mouro de Cordova, que deixou trinta filhos, e vinte filhas, e por successor *Almudar*, Principe manso, liberal, e fiel, que só reynou dous annos, e lhe succedeo Abdala, seu irmaõ. Neste tempo povoou o Rey D. Affonso Samara, que estava sem habitadores, e edificios desde que a tomou D. Affonso I., chamado o Catholico, no anno de 748; o mesmo fez a Braga, Porto, Viseo, Chaves, Oca, Toro, Coimbra, *Simancas*, e Duenhas; reparou o Convento de Sahagum, que deo segunda vez aos Monges de S. Bento, de quem tinha sido, e sempre o melhor de Espanha; D. Diogo Porcelos, Conde de Castella, e Nuno Velchides seu genro povoou Burgos: acabadas as treguas recuperou Valhadolid, e toda a sua Comarca, matou nella a Ulid, Mouro valeroso, que a dominava; aperfeiçoou os edificios de Sublancia, e Cea, que tinha reedificado no principio do seu governo; levantou o castello de Guazon, e finalmente distribuio com os Templos hum grande thesouro. Nunca sahio a campo, que naõ fosse vencedor, naõ houve acçaõ pia, em que naõ fosse raro exemplo, pelo que lhe renovou o Papa o titulo de Catholico,

e a Espanha lhe deo o de Magno. Porém como nenhuma grandeza do mundo he firme, na velhice experimentou o Rey D. Affonso a ingratidaõ mayor em sua mulher, a qual moveo ao Principe D. Garcia a que fizesse guerra a seu pay, e lhe tirasse a Corôa; loucura que o Rey depressa remediou, vencendo-o em huma batalha, e prendendo-o em Galliza; porém a mãy douda, ou desesperada, excitou os outros filhos para livrarem á força de armas da prizaõ D. Garcia; e o pay, conhecendo o escandalo, que receberiaõ os Mouros desta guerra, e a perda dos Catholicos taõ necessarios para extirpar os Infieis, assentou coroar todas as suas virtudes, e façanhas com a mayor de todas; chamou os póvos a Côrtes, soltou, e fez vir a ellas seu filho D. Garcia, renunciou nelle com todas as solemnidades a Corôa, e em seu filho D. Ordonho o Senhorío de Galliza; pedio logo a seu filho Milicias, e com ellas foi visitar Sant-Iago, onde se deteve, preparando-se para a morte; e para acabar como principiara, na volta entrou pelas terras dos Mouros, destruindo-lhe villas, castellos, e campos; recolheo-se cheyo de triunfos, e annos, faleceo no de 912, segundo depois da renuncia do Reyno, e 48 do seu Reynado; o seu corpo, e o de sua mulher foraõ sepultados em Astorga, e depois trasladados para Oviedo. D. Garcia, que ja disse reynava em vida de seu pay D. Affonso, naõ pôde dominar os animos dos vassallos leaes, que sempre o aborreceraõ pela aleivozia, com que tomou as armas contra seu pay, e lhe tirou a Corôa. Intentou elle remediar isto, imitando o pay na guerra contra os Mouros, o q̃ executou felizmente em varias entradas pelas suas terras, até que lhe sahio ao encontro hum Capitaõ Mouro, chamado Ayola, que elle venceo, e cativou; porém no caminho para Samôra lhe fugio. Dous annos reinou em vida de seu pay, e hum anno só depois que elle morreo. Acabou a vida com morte apressada na cidade de Samóra no anno de 913, tendo de idade 33, que he a flor da vida, castigo *tudo (parece)* da falta de piedade, que usou com o pay, co-

mo

mo tambem naõ ter filhos, tendo aliàs casado com D. Nuna, filha de D. Nuno Fernandes de Amaya, Conde de Castella: está sepultado na Sé de Oviedo com seus antecessores; foi muito gentil, e de engraçada presença, e isso quer dizer Garcia na lingua Gotica. Succedeo no Reyno D. Ordonho, filho segundo do Rey D. Affonso, e Senhor das Asturias, donde veyo a Oviedo tomar posse do Reyno, tanto que lhe constou que seu irmaõ era falecido. Casou tres vezes, a primeira com D. Elvira, ou Munia Fluira, como lhe chamaõ outros, filha de D. Bermudo Gatonez, filho do Conde Gaton, ou Gataõ, povoador de Astorga, e desta lhe naceraõ D. Sancho, que morreo moço, D. Affonso, e D. Ramiro, que reinaraõ; D. Garcia, e D. Ximena, casou segunda vez com D. Argonta, a qual repudiou sem causa, sendo Senhora principal de Galliza; casou terceira vez com Santiva, ou D. Sancha, filha dos Reys de Navarra. Apenas subio ao Throno quiz mostrar o valor, que herdara do pay; entrou pelas terras dos Mouros do Reyno de Toledo, até chegar a Talavera, villa principal, situada nas margens do Téjo, fortissima pelo sitio, e muralhas de cantaría, e soccorros promptos do Rey de Cordova, a pezar dos quaes foi entrada pelo exercito de D. Ordonho; destruidos os muros, saqueadas, e queimadas as casas todas, por ser impraticavel a sua conservaçaõ entre tantas povoaçoẽs de Mouros. O Rey de Cordova afflicto com esta noticia, com grandes submissões pedio soccorro ao Rey de Mauritania, que lho mandou logo; e juntos em Cordova os dous exercitos, governados ambos pelo notavel Capitaõ Avolalpaz, entraraõ pelas terras dos Catholicos, até as margens do Douro, onde encontraraõ D. Ordonho com formidavel exercito em Santo Estevaõ de Gormaz, onde deraõ a batalha, que foi das memoraveis de Espanha, e muitas horas se naõ pôde conhecer a quem favorecia a Providencia; até q̃, mortos os melhores Capitães dos Mouros, e grande numero delles, fugiraõ os outros para este nosso Reyno, seguidos valorosamente do Rey D. Ordonho,

nho,e ſeu exercito até o Guadiana,de ſorte que todas as povoaçoẽs de Mouros deſte diſtricto vieraõ comprar as vidas por dinheiro; e D.Ordonho rico, vencedor, e acreditado, foi recebido com triunfo na cidade de Leaõ,que elle já antes eſcolhera para Côrte,e agora cuidou em a fazer mayor, e viſtoſa com admiraveis edificios,dos quaes o primeiro foi trasladar para dentro do ſeu Palacio o Templo de S.Pedro, e S.Paulo,que era a Sé, e ficava fóra dos muros,expoſto ás invaſoẽs dos inimigos.Era o Palacio obra antiga dos Mouros de eſpecial arquitectura,e mageſtade,feito para recreyo, eſpecialmente de banhos; nelle ſe dedicou o novo Templo a Santa Maria Virgem,e os dous Altares principaes hum ao Salvador, outro a S.Joaõ Baptiſta; mandou vir Monges de S.Bento para o ſerviço da Igreja,e Côro,e nella foi coroado por Cixila,Biſpo da dita cidade; depois dotou a Igreja com 24 lugares daquelle termo, e a ornou toda com armaçoẽs de ſeda, e ouro, excellentes vaſos ſagrados, ornamentos, e livros. Da ſua coroaçaõ, e aſſiſtencia neſta cidade, reſultou creſcer ella em tudo,e perder-ſe totalmente Oviedo, porque a deſamparou a Nobreza; o Prelado perdeo o titulo de Arcebiſpo, e finalmente ſe reduzio a taõ miſeravel eſtado, que hoje naõ tem voto em Côrtes: pelo contrario Leaõ ſe intitulou cidade Real, e D. Ordonho ſó Rey de Leaõ. Succedia iſto no anno de 918, quando Abderraman Almanzor, Rey de Cordova, deſejando vingar-ſe do que o Rey de Leaõ lhe tinha feito, juntas as Milicias veteranas com as reliquias dos Auxiliares Africanos,fez caminho pela noſſa Luſitania,e entrou em Galliza,onde lhe ſahio ao encontro D.Ordonho no lugar de Rondonia,ou Miudonia,em que deraõ a batalha,que durou todo hum dia,ſem ficar a nenhum dos combatentes a victoria porque ambos igualmente temeroſos ſe retiraraõ tanto que fechou a noite, e ambos ſe jactavaõ de vencedores;os Mouros,porq̃ os tinhaõ peleijado até á noſſa retirada; os Catholicos, porque tinhaõ lançado *fóra de Galliza*;porém o Rey de Cordova,julgando-ſe vencido,

), juntou novos ſoccorros, e entrou pelas terras de Na-
a, e Biſcaya, até os campos da Junqueira, onde achou D.
lonho com exercito compoſto de Navarros, e Leonezes,
que D. Sancho Garcia Abarca, Rey de Navarra, como
go, e intereſſado, lhe mandou ſoccorro com pouca for-
a, porque perderaõ os Catholicos eſta batalha; e além dos
os illuſtriſſimos, que morreraõ nella, ficaraõ os Mouros
iores daquella parte de Biſcaya, que hoje ſe chama Ala-
e foraõ captivos dous Biſpos Hermogio de Tuy, e Dul-
o de Salamanca; eſte em poucos dias ajuſtou o reſgate,
tando em penhor hum ſobrinho ſeu, chamado Pelayo (e
Portuguez commummente abbreviado Payo) de doze
os de idade com os dotes da mayor fortuna, e modéſtia;
que arrebatado laſcivamente o Rey de Cordova, o ſoli-
u com dadivas, e carinhos para o peccado nefando; e
do a reſiſtencia, e virtuoſa conſtancia do menino, inten-
conſeguillo por força, e elle animado pela Divina gra-
erio o Rey na cara com huma faca; converteo-ſe o amor
odio, e mandou atenazallo com tal crueldade, q̃ nas pon-
las torquezes vinhaõ carne, nervos, e veyas em carvaõ;
rou com a mayor alegria o martyrio, em q̃ ditoſamente
ou a vida; os Catholicos recolhêraõ as ſuas reliquias, e
epultáraõ em S. Gens de Cordova, e a cabeça no ceme-
o de S. Cypriano; ſinco annos depois rezou delle a Igreja
oda a Eſpanha. Era notavel neſte tempo o concurſo dos
os a viſitar o Apoſtolo Sant-Iago pelos continuos mila-
, q̃ nelle experimentavaõ os neceſſitados, para o q con-
ia muito a fama das grandes virtudes de Siſnando, Ar-
ſpo de Compoſtella, de ſorte que o Papa Joaõ X. lhe eſ-
eo, pedindo-lhe o encõmendaſſe a Deos, ao que elle reſ-
deo com ſólida humildade, e mandou com a carta hum
bytero douto, chamado Zanelo, o qual levou tambem
a do Rey D. Ordonho; foi em Roma recebido com ap-
ſo; e paſſado hum anno, veyo com poderes de Nuncio
ſtolico, e *hum preſente* de livros para o Arcebiſpo. De-

ſejava

sejava o Papa vêr os Missaes, e mais livros Ecclesiasticos Goticos, porque receava que a Fé de Espanha, e Ritos differissem dos Romanos; e com effeito lhe mandaraõ todos os livros: e examinados por homens doutos na Curia com singular contentamento do Papa, assentaraõ que estavaõ purissimos os Ritos, e Fé de Espanha; e só, para mayor coherencia, ordenaraõ se mudassem algumas palavras da Consagraçaõ, que naõ estavaõ viciadas na substancia, mas sim na collocaçaõ, e fórma; e esta foi a segunda approvaçaõ do Missal Muzarabe, e seus Ritos. O Rey D. Ordonho querendo despicar-se da infeliz batalha da Junqueira, se ajustou com o Rey de Navarra, e ambos entraraõ com exercito grande pelas terras dos Mouros, que destruiraõ sem opposiçaõ; e ricos com os despojos se recolheraõ. Morreo logo a Rainha D. Elvira, ou D. Munia Fluira: casou o Rey com D. Argonte, que repudiou, dizem huns que sem causa, outros que justamente; e terceira vez casou com Santiva, ou Sancha, filha do Rey de Navarra, matrimonio feliz para Espanha, porque delle resultou unirem os dous Reys as forças, e exercitos, com que entraraõ pelas terras dos Mouros, e conquistaraõ a cidade de Naxera, e a notavel povoaçaõ chamada Vicaria, que no tempo dos Godos teve Chancellarîa. Na expugnaçaõ desta importante praça se conta que hum valoroso Soldado Leonez, chamado Rodrigo, foi o primeiro que subio a murallia, e abraçando-se furioso com hum Mouro de estatura disforme lhe descarregou o alfange sobre a cabeça, lhe segurou a garganta com os dentes; o Mouro suffocado lhe cravou hum punhal pelas virilhas; porém o Leonez com a ancia da morte o mordeo mais dentro, e o apertou nos braços de tal modo, que ambos unidos cahiraõ da muralha abaixo para dentro da praça; e querendo depois separallos, para enterrar o Leonez em sagrado, foi necessario tirar-lhe dos braços, e da boca o Mouro em pedaços; tal foi a cólera, com que expirou o Leonez valoroso. O mais logo.

FIM DA DECIMATERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenç. necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XIV.

Ontinuou o Soldado a vida do Rey D. Ordonho, triste, dizendo: Nada conheço mais digno de lamentar-se do que huma acçaõ aleivosa, que destróe todas as acçoens heroicas de hum sujeito nde: este foy em tudo o Rey D. Ordonho II., mas as as proezas, e virtudes, que delle tendes ouvido, ou dos livros da fama a aleivosia, com que chamou a rtes os Condes de Castella, e prezos tanto que chega-, lhes tirou a vida sem elles terem a menor culpa; coçaraõ em Hespanha os Condes depois que a senhorearaõ Mouros, ao mesmo tempo, em que tiveraõ principio Reys. Os Ricos homens, de que já demos noticia, ofdiaõ as suas terras, e acompanhavaõ com as suas Milis os Reys nas campanhas, de que se originou chamars o povo Condes, que quer dizer companheiros dos ys, titulos, que os Reys permittiraõ, porque com isso s pagavaõ. Tambem chamaraõ Condes aos Governadodas Praças, e especialmente aos que eraõ perpetuos, squaes houve nos Reinos de Asturias, Oviedo, e Leaõ uns, e no de Castella muitos; mas os principaes eraõ D. ogo Porcellos, D. Nuno Fernandes, D. Fernando An-es, Almondar Branco, e seu filho Diogo Almondares. uno Fernandes era casado com huma filha do Rey D. Gar-

cia, anteceſſor do Rey D. Ordonho, e os mais todos eraõ illuſtriſſimos, e leaes vaſſallos; razaõ, porque ſe alteraraõ os póvos de todos os Reinos, e o Rey temendo o caſtigo do ſeu peccado, juntava hum copioſo Exercito para defender-ſe, mas tudo lhe atalhou a morte no meſmo anno de 92[illegible]: foy enterrado em Santa Maria de Leaõ, fundada por elle para ſeu jazigo; ſuccedeo-lhe na Coroa ſeu irmaõ D. Fruela, porque ſeus filhos eſtavaõ igualmente aborrecidos do povo: reinou nove annos e meyó, viveo quarenta. Os Caſtelhanos naõ ſe quizeraõ ſujeitar a Reys, e para o ſeu governo elegêraõ dous Juizes, que foraõ Nuno Nunes Raſura para o civil, e politico, e Lain Calvo, ſeu genro para o Militar; o que tudo durou até o anno de 934, em que outra vez teve Caſtella Condes. Tomou D. Fruela poſſe do Reino iniquamente, porque ſe bem Mariana, e outros querem diſculpallo, dizendo que os filhos de D. Ordonho eraõ menores, e incapazes para governar Exercitos, acçaõ naquelle tempo a mais neceſſaria, e indiſpenſavel nos Reys de Heſpanha; o certo he que ſó o odio do povo pela aleivoſia, e a ambiçaõ rara de D. Fruela foraõ a cauſa deſta deſordem, de que ſe ſeguiraõ innumeraveis, porque D. Fruela era tyranno, torpe, e cobarde, começou o governo matando os filhos de D. Olmundo, Cavalheiro illuſtriſſimo, e deſterrando do Biſpado de Leaõ o ſeu Veneravel Prelado Frumino, por ſer tio dos dous mortos: quiz obrigar os Caſtelhanos a que vieſſem correr os pleitos em Leaõ, mas elles com os ſeus dous Juizes ſe lhe oppuzeraõ de ſorte, que ſe accommodou ſempre. Nuno Nunes Raſura era homem de ſingular talento, e adminiſtrava juſtiça recta em Burgos, Medina del Campo, e em outro lugar diſtante duas legoas, chamado Birudico, onde ha veſtigios de hum Tribunal velho, no qual he tradiçaõ conſtante, que os Juizes de Caſtella decidiaõ os pleitos, e publicavaõ as Leys. Governaraõ-ſe por hum livro antiquiſſimo de Leys de Caſtella taõ veneradas, que durou até o Reinado de D.

Affonſo

Affonſo X., chamado o Sabio, a ſua rigida obſervancia; porém eſte as derogou, fez, e mandou obſervar as da partida. Caſou D.Fruela com D.Munia, ou Munila, da qual teve D.Ordonho, D.Affonſo, e D.Ramiro: fóra do matrimonio teve D.Fruela, pay de D. Pelayo o Diacono, com quem caſou D. Aldonça, neta do Rey D. Bermudo o Gotoſo, dos quaes deſcendem caſas illuſtriſſimas de Heſpanha. Nada bom fez eſte Rey mais, que nomear para Biſpo de Compoſtella Hermenegildo, Monge de S. Bento, virtuoſo, e douto; tudo o mais da ſua vida foraõ torpezas, e tyrannias: foy deſprezado dos Mouros por cobarde; em fim morreo de lepra, e eu creyo que de mal Francez: foy ſepultado na Sé de Leaõ no anno de 924 tendo reinado quatorze annos. Dizem que déra á Igreja de Santiago ſeis milhas de terra, como conſta de hum privilegio da dita Sé; naõ foy pequeno milagre do Santo Apoſtolo, nem penhor pequeno da ſua ſalvaçaõ. Aſſim como elle iniquamente privou do Reino a ſeus ſobrinhos, aſſim agora hum ſobrinho ſeu privou do Reino a ſeus filhos, porque lhe ſuccedeo na Coroa D. Affonſo IV. filho de D. Ordonho II. e de ſua primeira mulher Dona Elvira, caſado com Dona Ximena Garcez, filha de D. Sancho Garcez Abarca Ceſſon Rey de Navarra, ſegundo deſte nome. Teve dous filhos D. Ordonho, e D. Affonſo, que morreo menino, foy pouco menos máo que ſeu tio, torpe, e frouxo, reinou ſete annos, no fim dos quaes lhe morreo ſua mulher, e elle affectando deſengano, e falta de ſaude, renunciou o Reino em ſeu irmaõ D. Ramiro, e tomou o habito de S.Bento no Moſteiro de Sahagum; o tempo moſtr[illegible] era tudo fingimento, ou medo dos vaſſallos, porque depois deſpio o ſagrado habito para tirar ao irmaõ o Reino, que lhe déra voluntario. No ſeu tempo reſuſcitou o Condado de Caſtella em Fernando Gonſalves, filho de D. Gonſalo Nunes Raſura, Juiz de Caſtella, Heróe digno de memoria, e Atlante da Chriſtandade no tempo deſtes dous Reys, de cuja [illegible]

xidaõ ſe valeo para tomar o nome de Conde, ao que elles ſe naõ oppuzeraõ; entrou pelas terras dos Mouros como rayo, e no coraçaõ do Inverno eſcalou a fortiſſima Cidade de Segovia, que deixou fortificada, e entregue a ſeu irmaõ Gonſalo Felix. Nella edificou as Freguezias de S. Millaõ, Santa Colома, S. Joaõ, S. Mamede, que hoje ſe chama Santa Luzia. Daqui paſſou a Sepulveda, Praça fortiſſima, e defendida por dous valoroſos Mouros Abubad, e Abiſmen, os quaes apenas viraõ o Exercito Catholico, mandaraõ dizer ao Conde por hum Mouro valente que ſe retiraſſe, ſe naõ queria ſer deſtruido; ao que elle reſpondeo, diſſeſſe a ſeus ſenhores, que depreſſa os enſinaria a cumprir a ſua obrigaçaõ: de que indignado o Mouro deſcarregou ſobre o Conde hum taõ horrivel golpe com o alfange, que, ſe naõ deſviaſſe o cavallo deſtramente, ſem duvida o matava; acodiraõ os Soldados, prendêraõ o Mouro; porém o Conde taõ valente, como generoſo, mandou que o ſoltaſſem, dizendo que antes queria ſoubeſſem os Mouros o pouco caſo, que fazia delles, do que dizerem caſtigara hum louco. Determinou o cerco, ſahiraõ da Praça os dous Capitães Abubad, e Abiſmen com os melhores Soldados, e o Conde buſcando Abiſmen corpo a corpo lhe tirou a vida; deſafiou depois Abubad, e tambem o matou; e naõ querendo a Praça render-ſe, a eſcalou ſem perdoar a vida a Mouro algum. No tempo, que durou o cerco, ſuccedêraõ dous caſos memoraveis, hum pela galantaria, outro pelo valor: huma Moura chamada Agamela, viuva, e formoſiſſima vendo das ameyas o valor, com que pelejava em huma ſahida hum Soldado Caſtelhano, chamado Echigi Gonſalves, ſe namorou delle com tal exceſſo, que o mandou convidar; e elle como ſe a Praça foſſe de Catholicos, e amigos, ſubio os muros, ajudado da namorada, e com ella paſſou dous dias, e noites com todo o deſcanço; ſuccedeo na manhãa ſeguinte dar o Conde o ultimo aſſalto á Praça, acordou elle ao ſom da gritaria, e ſem mais armas brancas, que

aeſ-

:ſpada , ſem o deterem as ſupplicas , e lagrimas da ſua da-
a , ſubio á muralha , e como vinha da parte de dentro , e
Mouros eſtavaõ abſortos no conflicto , julgaraõ que era
utro Mouro , a quem o valor , e afecto movia a ſoccorrel-
s deſcompoſto ; mas depréſſa ſe deſenganaraõ , vendo que
itava Mouros , e abria o caminho aos Soldados Catholi-
s , que ſubiaõ pelas eſcadas ; elles que o ſuppunhaõ fugi-
dous dias antes , e agora o viaõ em camiza peleijando
m tanto deſafogo , depois de tomada a Praça , e degolla-
s os Mouros todos della , lhe perguntáraõ onde eſtivera ;
que elle reſpondeo com chiſte Heſpanhol : *Eſtive fazendo*
nitencia de Soldado ; e já he falta de politica obrigar a levantar-ſe
lo hum noivo O que dito , foy deſcançar do trabalho ; no
a ſeguinte ſe baptizou a Moura , e a recebeo por mulher.
ſegundo foy o deſafio célebre de Aludid , Mouro valo-
ſo , que ficando em huma ſahida ferido , e conhecendo
e o ſeu contendor fora hum Rodrigo Nunes Leonez ,
oço de vinte annos , nobre , e deſtemido , tanto que con-
eſceo o deſafiou da muralha , e elle alcançada a licença
Conde , á viſta do Exercito ſahio ao campo , envеſti-
o-ſe ambos com tal esforço , que o Leonez quebrou a lan-
no eſcudo do Mouro , e o Mouro a ſua no peito de Ro-
go , de ſorte que eſte cahio do cavallo . naõ ferido , por-
e o livráraõ as armas , mas obrigado do impulſo , e ſen-
o da pancada ; mas como as forças eraõ grandes , levan-
u-ſe a tempo que o Mouro já tinha o cavallo , e eſpada
re elle ; com deſtreza ſumma ſe metteo debaixo do ca-
lo do Mouro , e apertou os genitaes do bruto com tal
lencia , que cahio com o Mouro em terra ſobre o braço
eſpada , ſaltou ſobre elle Rodrgo , ſegurou-lhe os bra-
; ambos atrás das coſtas entre os ſeus joelhos , cruzando
pernas , ficando o Mouro ſentado , e virando-lhe o ro-
para o Ceo lhe puxava pelas barbas , e queixo debaixo,
tando lhe trouxeſſem toucinho para dar de merendar
uelle Mouro ; a eſtas vozes , e injuria , ſahiraõ os Mou-

ros

ros todos da Praça contra as leys do desafio naquelle tempo; acodio o Exercito do Conde, e Rodrigo para ostentar as suas forças, e magnanimidade, tomou a espada, e rodella, e com o Mouro prezo entre as pernas vivo, sem se mover do sitio, em que estava, se defendeo de todos os que desesperados o vieraõ buscar para se vingarem da injuria; matou alguns, ferio a muitos, e assim esteve até que o Exercito do Conde os fez retirar; e depois de os ver nas ameyas alargou os joelhos, mandou levantar o Mouro, e tomar as armas; perguntou-lhe entaõ se se dava por vencido, e respondendo-lhe o Mouro, que naõ, porque vencido fôra o seu cavallo, deo-lhe hum taõ vigoroso murro no rosto, que lhe saltou hum olho fóra, e se lhe deslocaraõ os queixos, e logo hum pontapé nas partes naturaes, de que cahio sem sentidos: assim o deixou, os Mouros o recolhêraõ, e no dia seguinte morreo do damno, que o pontapé lhe causou; depois do que, trazia no escudo hum pé direito de ferro, e dizia que era para matar Mouros quando lhe faltassem os de carne; este foy o que na escala desta Praça, subindo até á muralha, segurou o braço do alfange a hum Mouro, que lhe impedia o subir; e vindo muitos a defendello, lhe segurou o esquerdo, e para onde descarregavaõ os alfangês, offerecia elle o corpo do Mouro em lugar do escudo, e entretanto os companheiros, que estavaõ no mesmo degráo, degollavaõ os Mouros, até que feito em pedaços o largou, e subio. Mais do que isso (disse o Ermitaõ) fazia hum Portuguez de forças agigantadas nas guerras da India, segurava pelo cinto hum Mouro pelas costas, e esse era o escudo, em que esperava as cutiladas, o Mouro para as naõ levar se defendia com a rodella, e espada, e o Portuguez entretanto hia aproveitando os golpes da sua, trazendo na maõ esquerda o Mouro com a mesma destreza, como podera manear hum escudo de cortiça, até que despedaçado aquelle pelos outros Mouros, *prendia outro* da mesma sorte para o mesmo effeito; porém

já

ja se naõ conhecem homens destas forças; naõ diga tal, irmaõ, (disse o Soldado) e se quizer experimentar forças mayores do que estas, vá á Cidade de Faro no Reino do Algarve, e nella achará hum Fidalgo, chamado Manoel Mascarenhas, filho de Diogo Mascarenhas, Guarda mór da Saude, de vinte e dous annos de idade, que antes de ter vinte segurava huma sege á boléa, pegando com a maõ direita só na taboa entre as rodas ao mesmo tempo, em que o boleeiro com duas esporas, e hum azorrague impellia dous valentissimos machos, que nunca foy possivel darem hum só passo, nem o Cavalheiro mover o corpo; isto he que saõ forças, e caso certo publico em todo o Algarve. Neste anno, que foy o de 931; se descobrio nas Asturias hum monumento prodigioso. Para facilitar hum caminho estreito romperaõ hum penhasco, e como naquelles seculos de ouro naõ havia a maldita invençaõ da polvora, tudo se fazia á força de braço, e hum, que presumia de mais forçoso, bateo com tal violencia, que estalou grande parte da penha viva, e começou a correr hũa fonte de azeite, licor bem pouco conhecido entaõ na Hespanha, e só abundante na Palestina: concorreraõ muitos a recolhello em vasilhas, cuidando que era de azeitonas, mas depressa conhecêraõ que era mais precioso pelo singular cheiro, que exhalava; isto moveo mais a curiosidade de ver o que a pedra escondia; e acabado de recolher o oleo, intentaraõ em quebrallo, e acharaõ hum sepulcro de marmore finissimo no interior della roto pela cabeceira com o golpe, de que resultou sahir o oleo; na campa estavaõ esculpidas varias figuras de animaes, e aves primorosamente feitas, dentro tudo era oleo fragrantissimo, no fundo hum cadaver de mulher com vestidos preciosos, que tudo julgaraõ inteiro, e incorrupto; mas tocando-lhe para tirallo, viraõ se resolvia, e manchava o oleo, subindo á superficie delle huma poeira subtilissima: a rocha mostrava serem duas unidas; a rusticidade dos inventores fez que só aproveitassem o

oleo,

oleo, e quebrassem o tumulo: julgou-se ser jazigo de Princeza antes do diluvio, porque em similhante oleo se achou inteira, seculos depois de morta em Roma, Tulliola, filha de Cicero, e esta, por ser mais antiga, só conservava a apparencia.

F I M

DA DECIMA QUATA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XV.

NEste mesmo anno de novecentos trinta e hum (continuou o Soldado) em que renunciou a Coroa o Rey D. Affonso IV., entrou na Corte Arnulfo Goçoy, que huns dizem era ...cez de Naçaõ, outros fundados no appellido, que ...amente tiveraõ alguns descendentes da nobilissima ...a de Sousa, julgaraõ ser Asturiano, ou Navarro; ...impossivel hoje averiguar-se a patria, e pays deste ...e, porque o seu Chronista, que imprimio ha mais ...duzentos annos, o naõ pode saber. Era mancebo de ...e e tres annos, summamente gentil, discreto; fal... peregrinamente a lingua Latina, Franceza, e Ita...a, era notavel Astrologo, e insigne Medico, pren...que sobre todas o fez mais estimado, applicou-se á ...ua Arabica, em que sahio perito, e militou no Ex...to do Conde de Castella nas Conquistas, que vos ...i na Conferencia passada; acabadas ellas, se reco... com os Leonezes a tempo que o Rey Mouro de ...edo estava gravemente enfermo, e constando-lhe a ...ia de Arnulfo, mandou offerecer-lhe o mayor pre..., se quizesse curallo, persuadio-se, e fez jornada

com os Mouros, ſem o poderem vencer os concelhos dos companheiros Leonezes, e a muitos, que lhe perſuadiaõ que naõ foſſe ſem ao menos pedir licença para iſſo ao Rey Dom Ramino, que tinha ſuccedido a ſeu irmaõ Dom Affonſo. O fervor da mocidade, ou avareza, o perſuadio a ir; foy recebido em Toledo com o mayor jubilo, aſſim dos Mouros, como dos Catholicos, porque ſe perſuadiraõ certamente que ſe havia de baptizar o Rey Mouro, ſe o livraſſe da morte eſte inſigne Medico; grave fundamento havia para iſto, porque o Rey permittira a viſita do Arcebiſpo de Toledo muitas vezes, fallara em particular com elle muito tempo, e na deſpedida lhe beijara a maõ, ſignaes todos certos, que juntos com o empenho de que ſó o havia de curar hum Catholico, perſuadiaõ a fortuna da ſua converſaõ. Começou Arnulfo a cura com feliz ſucceſſo, e o Mouro com tal amor o começou a tratar, que o fazia comer, e dormir na ſua meſma camera para o gozar, e ter prompto a toda a hora. Tinha o Rey huma filha de vinte annos, ajuſtada para caſar com o Rey de Marrocos, chamada Zamelila de extraordinaria formoſura, a qual levada da curioſidade innata do ſeu mobil ſexo vio a primeira vez Arnulfo, e eſta baſtou para lhe dar trabalhos toda a vida; accendeo-ſe-lhe a paixaõ amoroſa com tal exceſſo, que ſem reparar na vida, honra, e fazenda, na noite ſeguinte ſe foy metter na cama com Arnulfo, que eſtava dormindo, e fóra de todo o cuidado na camera do Rey, que tambem dormia, e com luz acceza; e para ter o pay ſeguro miſturou opio nor emedio, que elle tomou, quando ſe recolheo para dormir; acordou Arnulfo, porque ella o aballou, e cheyo de medo lhe pedio com a mayor efficacia o naõ quizeſſe perder a elle, e a ſi;

porém

ı mulher perdido o freyo do pejo, qual outra
r de Putifar, lhe fez o mesmo protesto, e que
la presente loucura, havia de ser sua toda a vida;
› Arnulfo os alentos ouvindo isto, e álem de lhe
o intento, lhe prometteo ser marido, se rece-
› baptismo, com tanto que o deixasse agora, por-
se o Rey acordasse, ambos perdiaõ a vida; en-
ıe confessou ella que tinha misturado opio na be-
e entaõ foy mayor o susto de Arnulfo, porque
aque do Mouro era suor quasi continuo, e o opio
aforetico; levanta-se Arnulfo como estava, vay
ıa do Rey, querendo antes perder a vida do que
ra, acha o Mouro em hum suor copiosissimo, buss-
: o pulso, e vê que estava expirando, volta pa-
Moura, e diz-lhe o que fizera; responde-lhe ella
›ida que a seguisse. Levou-o ao quarto onde tinha
is precioso, e com mais pressa que advertencia
ıas trouxas, com que podiaõ ambos, e sem lhe
'ar mantimento, nem agua sahiraõ pela porta do
›, subiraõ á muralha, da qual desceraõ por hu-
›rda, que ficou pendurada para testimunha. Nota-
›ela manhãa o silencio da camera do Rey até alto
entraraõ para dar-lhe de comer, acharaõ-o mor-
motinou-se o Paço, Alboad, filho mais velho fez
a Cavallaria toda para prender Arnulfo, e a In-
, que logo acharaõ menos, e presumiraõ ser os
lices daquella morte, prendêraõ o Arcebispo,
gos, e quasi todos os Catholicos Muzarabes, e
todos sentenceados á morte; porém Dulcidonio,
›ytero da Sé de Toledo, homem santo, e douto,
›rque lhe foy revelado, ou porque a virtude para
dá animo, pedio instantemente por terceiras pes-
ao novo Rey naõ enterrasse seu pay sem elle o ver,
 ex-

e examinar, temendo naõ fosse isto agua de esparto, ou opio, como deraõ ao santo Rey Wamba; quiz Deos que se persuadiraõ dos seus discursos, soltaraõ Dulcidonio, pedio elle a todos os Catholicos prezos oraçoens, entrou na camera do Rey, e logo no semblante notou que naõ era de cadaver, e gritou, dizendo que estava ainda vivo; naõ lhe achou pulso, mas sim calor remisso, pedio licença para lhe applicar remedios, e por mais que os Medicos Mouros persuadiaõ serem todos escusados, o Principe Alboad (rara fineza) disse lhe fizesse todos; porque antes queria a vida de seu pay, que a Coroa de todo o mundo. O pobre Dulcidonio, que nunca fôra Medico, naõ lhe lembrou outro remedio mais que vinho, e como o mayor perigo era o monstruoso suor, foy-lhe lançando colheres de vinho pela boca, dizendo, que era hum excellentissimo Cordial, (e disse bem, que pelo mayor de todos o canoniza Ettmulero) e por fóra o foy lavando incessantemente com vinagre rosado; fosse acaso, ou fosse prodigio, em menos de hum quarto mostrou que estava vivo, e antes de huma hora estava naõ só comendo, mas limpo de febre, e lançou inferiormente hum apostema nessa tarde. Converteo-se em alegrias a tristeza passada, e o Rey com prudencia summa clamava que lhe buscassem a filha, porque só ella tinha a culpa desta disgraça, porque era impossivel succeder sem paixaõ sua desordenada; mandou soltar o Arcebispo, e os Catholicos, premeou Dulcidonio com liberalidade Real, deo privilegios aos Sacerdotes, e seculares Musarabes, sendo o mayor de todos publicarem as procissoens dous dias antes, e recolherem-se os Mouros de sorte nas horas dellas, que nenhum as visse; levantou meyo tributo da fanga da Fé, que era pagar cada

da Catholico o valor de huma fanga de trigo para o deixarem viver livre na sua Religiaõ. Entretanto Arnulfo, e sua dama, caminharaõ toda a noite até hum valle, que dista de Toledo legoa e meya: dizem que Arnulfo naõ só levara a sua trouxa, e a de Zamelila todo o caminho, mas que tambem a levára a ella, porque era muito pequena de corpo, e taõ delicada, que logo no principio do caminho cahira sem alento, tendo-o de sobejo para dizer a Arnulfo que naõ temia ficar alli, e morrer só por ter a consolaçaõ de que se suspeitasse que só elle a merecera, fineza que o obrigou a mayores extremos, sendo hum, e grande o de a levar ao collo tanta distancia. Ainda hoje se chama o valle Zalila, abbreviatura de Zamelila; aqui pararaõ, e conheceraõ a desordem com que sahiraõ sem alimento, nem agua; e fatigados se deitaraõ debaixo de huma penha, que tem o nome do valle, onde nasce muito pouca agua, e bem ruim, e começa a subir o monte dos enamorados, titulo, que estes dous lhe deraõ. Acordáraõ com o tropel da Cavallaria, que passava pelo valle, a qual os naõ vio, porque os encobria a dita penha, alli com sustos passaraõ a noite, e depois no outro dia subiraõ o monte, onde acharaõ huma pequena cova, que tres annos viraõ sempre tapada com hervas quasi até o meyo: alli viveraõ dous mezes em afflicçaõ continua, sustentando-se de hervas crúas, e fructos do mato; até que hum dia depois de nascer o Sol andando Arnulfo colhendo as hervas, descobrio hum vulto a cavallo, que lhe pareceo Dulcidonio, e subindo-se a huma arvore o conheceo, que hia levar o Santo Viatico a hum Catholico; banhado em lagrimas o chamou, e elle pasmado acodio, e depois de huma breve relaçaõ do estado, em que vivia, foy dar o Sacramento ao enfermo, e veyo

pela

pela sua cova onde baptizou Zamelila, e os ficou sustentando até que morreo, sahindo de dias em dias com os signaes de que hia ministrar Sacramentos, e na realidade a visitallos, e levar-lhes sustento, e vestido. Aqui lhe valeo mais que nunca a sciencia da Medicina, porque Zamelila de hum sobreparto esteve quasi morta sem appaiecer Dulcidonio para confessalla, ou trazer remedios, que o marido julgasse necessarios para a cura, até que sahindo este hum dia quasi desesperado a buscar-lhe remedio a todo o risco, encontrou huma Moura com favos de mel em hum alguidar; o primeiro intento foy matalla, e tomar-lhe os favos; mas receando a culpa a levou comsigo até á cova, era a Moura de hum arrabalde da Cidade de Toledo, avó de huma criada mimosa de Zamelila, esta a conheceo primeiro, e contando-lhe o seu trabalho, foy tal o amor da velha, e, o que mais he, prodigioso o segredo, que deixou o mel, avizou Dulcidonio do perigo, veyo elle confessalla, e depois mandou os medicamentos pela velha taõ fiel, que nunca disse á neta que tinha achado a Infante, sabendo aliàs o amor de criaçaõ, que ella lhe tinha, receando por isso mesmo o segredo; rara fortuna lhe resultou desta fidelidade, porque se converteo, e baptizou illustrada por Zamelila, e Arnulfo na Fé. Morreo Dulcidonio neste tempo, e o Rey de Toledo velho, e elles temendo cada vez mais a ira dos Mouros, que nunca cessaraõ de fazer diligencias para os prender, se passaraõ com a velha a Portugal, onde viveraõ na serra da Estrella até o anno de mil e sette, em que reinando em Toledo Obeidala, souberaõ que o Rey D. Affonso V. casava com elle sua irmãa Dona Theresa, e persuadidos de que deste casamento infame lhes podia resultar o perdaõ, porque os Mouros publi-

publicavaõ com efcandalo que o Rey de Toledo, fegundo fobrinho de Zamelila promettêra fazer-fe Catholico para cafar com a Infante Dona Therefa, paffaraõ para as vifinhanças de Toledo, veftidos á Mourifca tidos, e havidos por pobres; porém como aquelle infeliz cafamento teve o fim, que fedo vos contarey, tiveraõ modo, e meyo, com que avizar o Arcebifpo Geroncio, o qual os introduzio na Cidade, e teve em fua cafa occultos dous annos; mas naõ podendo tolerar a prizaõ, fahiraõ, deixando-lhe tres filhos, e huma filha todos de tenra idade, para que os baptizaffe, e criaffe, dos quaes defcendem hoje familias illuftriffimas em Toledo, e elles perigrinando por montes, e valles temendo ainda fer conhecidos em Leaõ, bufcaraõ as *Afturias*; e confeffando-fe ao Bifpo de Oviedo, efte que era auftero, e timido os foccorreo pouco, mas elles fiados em Deos fe recolheraõ aos matos, donde Arnulfo fahia a pedir efmóla como Ermitaõ, e como nas povoaçoens vifinhas achava muitos enfermos no Outono, e os curava facilmente, foy grangeando credito; e adoecendo o Bifpo, foy chamado para curallo; depois do que ajudado delle, e de muitos bemfeitores, edificou a Ermida de Santa Maria de Zila, corrupçaõ da palavra Zamelila, que defde o baptifmo fe chamou Maria, edificio grande para Ermida naquelle tempo; alli viveo dez annos com menos difcommodos, excepto os muitos filhos, porque cada nove mezes tinha hum: morreo Maria Zamelila de fobreparto do decimoquarto, e foy enterrada na mefma Ermida; dahi a feis annos, que gaftou em afpera penitencia, morreo Arnulfo com fama de fanto, e abrindo-fe a terra para fepultallo em Oviedo, onde faleceo em cafa do Bifpo, fe achou huma arca de ferro cheya de joyas de

ouro,

ouro, e algumas baxellas de prata do tempo dos Godos, com hum pergaminho quasi incapaz de se ler, que examinado dizia, que distribuisse pelos pobres quem achasse aquelle thesouro, passados cem annos; e o Bispo julgando mysteriosa a invençaõ, muita parte applicou em suffragios por Arnulfo, e sua mulher, favor, que elle tinha pedido na hora da morte, contando a sua vida a todos os presentes.

FIM

DA DECIMAQUINTA PARTE.

LISBOA.
Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVI.

HA' muito tempo (disse o Ermitaõ) que vos faltaõ as noticias do nosso Reyno no felicissimo governo do Rey D. Affonso VI. Na ultima Conferencia vos dei conta da notavel batalha Montes-claros; agora vos direi os successos memorais depois della, dos quaes o primeiro tirou a vida ao arquez de Caracena. Passou a Lisboa o Marquez de arialva a lograr os bem merecidos applausos da victo-, ficou o Conde de Schomberg governando as armas do o Estio; e na entrada de Outono, constando-lhe que s ribeiras do Gudiana duas leguas distante de Badajoz sitio das Charcas pastavaõ as mullas da artilharîa, e alns cavallos, com mil e duzentos sahio apenas cerrou a ite acompanhado do General da artilharîa, o da cavalrîa, Sargentos móres, e Officiaes de ordens, fez alto nos atos dos Sagrajes, e o seu intento era cortar a cavallarîa Badajoz, que havia de guardar as mullas do seu trem; quando esperava executar a idéa ouvio o estrondo da tilharîa de Elvas, e conheceo que os Castelhanos andaõ perto da dita praça, e foi o caso, que o irmaõ do Prinpe de Parma sahio na mesma noite com oitocentos callos a prizionar o gado de Elvas, que naõ achou fóra,

porque naõ havia cavallarîa na praça para o guardar; João Leite de Oliveira para avizar o Conde mandou disparar a artilharîa: conhecido o ſignal, ſuccedeo encontrarem as guardas hum Religioſo, o qual diſſe que o partido Caſtelhano conſtava de tres mil cavallos; e o Conde de Schomberg prudentiſſimo á viſta deſta informaçaõ reſolveo retirar-ſe a Campo-mayor: e ao meſmo tempo o irmaõ do Principe de Parma ſabendo dos payzanos, que a cavallaria de Elves eſtava fóra, e julgando que toda ella, e a de Campo-mayor naõ podia ſer mais que ſetecentos cavallos, mandou pedir ao Marquez de Caracena a Infantaria, e as mais companhias de cavallo, que havia em Badajoz, o que elle fez remettendo-lhe ſeiſcentos Infantes, e trezentos cavallos, que ſe lhe incorporaraõ junto ao rio Xevora, e havendo caminhado pouco mais de huma legoa pela ſua margem aſſima, ſe encontraraõ os batedores de hum, e outro partido: ignoravaõ os Caſtelhanos que o Conde de Schomberg, e os Generaes governavaõ o noſſo, e que elle era taõ numeroſo; e o Conde, que marchava com grande cautella, tinha ordenado a ſinco batalhões avançados, que carregaſſem fortemente todos os inimigos, e elles o fizeraõ com tal actividade, que os Caſtelhanos conhecendo era muito mayor o numero dos noſſos do que elles imaginavaõ, ſe reſolveraõ a fugir, e o Conde conhecendo a diſgraçada reſoluçaõ apreſſou a marcha, e os inimigos concebendo mayor pavor, deſampararaõ a Infantarîa, que logo rendeo as armas, e á deſfilada ſó pararaõ dentro em Badajoz; os noſſos Generaes os ſeguiraõ até aviſtar a praça, e o Marquez de Caracena que no alto do outeiro de Santa Engracia obſervava a diſgraça daquelle dia, e accendendo-ſe-lhe fortiſſimamente a cólera com eſta pena teve principio a doença, que lhe tirou a vida. Perderaõ os Caſtelhanos na retirada muitos cavallos, e perderiaõ todos, ſe a ordem, com que marchamos, e os ſeguimo

naõ

ó refreara a cubiça,e resolução: voltaraõ para Elvas os eneraes com os seiscentos Infantes prisioneiros, e den- o em poucos dias chegou ao Conde de Schomberg or- em do Rey,paraque passasse á provincia de entre Douro, Minho, o Conde de Schomberg com tres Regimentos Infantes, hum de Alemães, dous de Inglezes, e hum Cavallaria Franceza a reforçar o exercito do Conde Prado: ficou governando a provincia Diniz de Mello; o Marquez de Caracena sabendo que o Conde se tinha isentado, sahio de Badajoz com dous mil de cavallo, e ous mil Infantes, queimou as poucas casas da villa de eiros,fez o mesmo damno em Fronteira, e voltou apres- damente para Badajoz sem preza alguma, nem honra, orque similhantes hostilidades nunca as fizeraõ os Capi- es Generaes, mas sim os cabos muito inferiores. Diniz Mello mandou o Tenente General da Cavallaria D. oaõ da Costa com seiscentos cavallos, e outros tantos In- ntes a despicar este insulto, e elle queimou o lugar de Bartholomeu,que era rico, Castelejo villa de seiscentos gos, e mayor riqueza, que todos os da Comarca, e taõ rto de Sevilha, que de lá viraõ o incendio, e temeraõ ual damno; recolheo-se sem opposiçaõ com todos os idos, e os Soldados ricos, e no caminho degollou tres ompanhias de Infantaria Castelhana, que marchavaõ a ccorrer Gibraleaõ. Assim continuavaõ as hostilidades n ambos os Reynos sem haver successo digno de me- oria mais que hum;sahio de Campo-mayor o Alferes Al- ro Fernandes, por alcunha o Marraõ, encontrou hum enente Castelhano com trinta Soldados conduzindo ma preza,e naõ obstante o levar elle só vinte,e ser o fim mar lingua, investio os trinta valorosamente com pouca rtuna, porque mal ferido só escapou com doze; tanto e chegou a lugar seguro considerou que perdera a re- itaçaõ, e pedio aos doze Soldados quizessem acompa-

 nhallo

nhallo para a reſtaurar; o que elles lhe p. ometterai
dar as vidas; buſcaraõ outra vez os Caſtelhanos,que :
raõ ja longe dos lugares da raya, e ſem attender aos
gos deſta temeridade os enveſtiraõ com tal valor,que
mentaraõ treze, que vieraõ priſioneiros, ſizeraõ retir
outros feridos, e recolheraõ-ſe com a preza, mas o
res com taes feridas, que dellas glorioſamente falle
O Marquez de Caracena deſejando dar ſatisfaçaõ ao
do da ſua diſgraça em Montes-claros, occupava-ſ
queimar as caſas do pequeno arrabalde de Barbacena
ſe atrever a conquiſtar-lhe o forte, e fazendo huma
junto a Monçaraz, a largaraõ cheyos de medo, po
lhes diſſe hum Soldado noſſo,que Diniz de Mello os
dava cortar pelo Commiſſario Geral Joaõ do Crato
rém eſtas pequenas,e innuteis hoſtilidades ſahiraõ n
zeta de Caſtella ſummamente avultadas chamando
de á villa de Barbacena, e outros diſpropoſitos, e m
ras,que ſerviaõ de galhoſa nas converſações dos ſeus
mos naturaes,e dos extrangeiros, com quem ſe comn
cavaõ os que mil vezes tinhaõ viſto na campanha pa
as aldêas, que ellas fingiaõ cidades populoſas. O Inv
prohibio as entradas de huma, e outra parte; e o C
de Schomberg, acabada a campanha do Minho, ſe
tuio ao Alemtejo, e deſejando ſaber noticias de Ca
para ajuſtar o juizo que fazia da ſua diſgraça, porqu
dos os inſtantes creſciaõ as deſconfianças com Fran
as miſerias na Monarquia, hum Soldado de cavallo
ral de Ourique, moço bem inſtruido que dos eſtud
Filoſofia em Evora tinha paſſado a ſervir voluntari
guerra paſſada,chamado Jeronimo Guerreiro,ſe offer
a ir ſó dentro a Caſtella tomar lingua,e com effeito
de Elvas a pé com duas muletas, e todos os trajes C
lhanos fingindo-ſe coxo pobriſſimo, e tartamudo co
deſtreſa, que foi a Madrid, e veyo reputado em tod

pa

por Castelhano, mendigo; e como fingia ter na lin-
mesmo achaque, que tinha nos pés, e pernas, por
ue por acções, e vozes naõ significativas dizia don-
, e donde vinha, ninguem lhe percebia cousa al-
e parava a inquiriçaõ em dar-lhe esmola; nas por-
dos Conventos ouvia tudo, o que discorriaõ os Re-
s, e lhes tinhaõ ouvido os comensaes, como tam-
que os mais pobres tinhaõ ouvido, porque nem
versações destes tinhaõ nesse tempo outro assum-
nos patios dos Fidalgos adquiria noticias de todos,
satisfeito, e instruido, veyo coxeando para El-
parecendo-lhe mal naõ trazer de Castella com que
ecer da jornada, dilatou-se dous dias em hum lugar
a para vêr onde se guardava o gado de noite, e no
sitio pedio agazalho, taõ feliz, que lho déraõ, en-
ndando-lhe que vigiasse em quanto elles dormiaõ,
ue lhe dariaõ, e déraõ logo, bem de comer, e beber
omessa de dinheiro, e vestido, se os quizesse acom-
muito tempo com obrigaçaõ de vigiar o gado, e
um tambor se sentisse tropel; aceitou por acenos
ato, e na terceira noite rompeo o tambor, montou
hor egua, e com hum pampilho na maõ entrou em
al com o gado quasi todo, com o qual chegou a
vespera de Natal de 1665 servindo a todos de go-
gular a sua vinda pela força, e ingenhosa destresa,
se queixaraõ, e queimaraõ os Castelhanos toda a
rque as noticias, que adquirio fòraõ muitas, e del-
os seguiraõ utilidades gravissimas. Os guardas do
cordaraõ ao nascer do Sol, acharaõ-se roubados pe-
mudo, que lhes deixou as muletas em penhor do
codiraõ ao tambor para convocar gente, e seguil-
naraõ-o roto, em fim quando sahiraõ a campo al-
yzanos já as nossas guardas naõ só o tinhaõ á vi-
as alguns batedores com préssa caminhavaõ a se-

gurar

gurar alguns touros, e vacas, que se tinhaõ separado do rebanho com o escuro da noite. Era este Soldado caçador insigne, e com o mimo do Conde de Schomberg, que o estimava muito, e igualmente os outros Cabos, e Officiaes, tinha licença todos os dias para o seu divertimento. Todos lhe prognosticavaõ que algum dia o haviaõ prisionar os Castelhanos, e pagar-se do fingimento com que os lograra; porém elle fiado na sua astucia, segurava que tinha prompta a defesa, e toda ella consistia em huma cabana no mato, junto a huma herdade de Joaõ Dias Valladas, onde muitas vezes passava as noites, e no veraõ as horas de mayor calma, e a esta choupana chamava elle nova Olivença, e a sua praça de armas; souberaõ em Badajoz tudo isto, e vespera da Purificaçaõ do seguinte anno, o vieraõ buscar as guardas de Badajoz a tempo, que elle andava cassando, e taõ elevado que quando vio os Castelhanos já os tinha muito perto, picou fortemente a egua, e á dessfilada veyo buscar a choupana gritando atraz delle os inimigos *al zorro, al zorro*, que no nosso idioma quer dizer: *ao raposo*, alludindo á sua astucia na funçaõ passada: chegou em fim á cabana, que nem porta tinha, apeou-se, soltou a egua, que veyo parar em Elvas com as redeas quebradas, chegaraõ os primeiros Castelhanos, e naõ querendo cada hum levar os primeiros tiros, que esperavaõ certos, cercaraõ a cabana dizendo: *Salga el zorro*; e como o seu empenho naõ era matallo, mas prendello, esperaraõ que chegassem todos, porque a funçaõ era galhofa, e naõ guerra, e o prisioneiro estava certo; chegaraõ com effeito, e com summa alegria, huns chamando-lhe cuelho, outros raposo, começaraõ a furar as paredes com as espadas, a tempo que tres apeados entraraõ na choupana, e gritaraõ que era feiticeiro, porque naõ estava alli nem apparecia signal delle; apenas tinhaõ dito isto, arrebentou huma mina, naõ só de polvora, mas de materia taõ excessivamente fedoren-

a, que os Castelhanos assentaraõ firmemente que
o do Inferno, e á desfilada correraõ para Badajoz,
hegaraõ com summa desordem, porque qualquer
maginava, que o seguiaõ todos os demonios; morre-
tres que estavaõ dentro, e doze dos que estavaõ fó-
e elles hum Coronel, e dous Capitães que estavaõ
rto, estes logo, os outros a poucos passos, queima-
amuscados, e feridos quasi todos, e elle sem lesaõ
entrou em Elvas pelas tres horas da tarde, tempo
todos o lamentavaõ morto, vendo que a egua sem
ra buscar a casa; contou elle com summa galantaria
rtuna, e as proezas que obrara na defesa da sua no-
vença, e foi o caso, que dentro na cabana tinha elle
do fazer duas covas bastantemente fundas, huma
porta, e outra no fim da casa, communicadas por
raco, em huma metteo dous barris de polvora de
que desemcaminhou na guerra da Primavera do
ntecedente, sobre elles dous alguidares cubertos
de huns pós, que lhe fez o Boticario de Elvas, e
do tudo com seixos, e pedaços de tijolos sem cal-
n apertar cousa alguma destas, como se faz nas mi-
gurou o pavimento ultimamente com cortiças, e
do-lhe terra por sima, ficou a chamada mina occul-
o rastilho para a outra cova, que naõ tinha cousa
, e estava tapada com huns páos atravessados, na
ortiça, e terra em sima; tanto que se apeou, metteo-
ova, e tapou-se com a cortiça, deo fogo a huma pi-
n bala, nem buxa antes disso, e accendeo murraõ;
ue os sentio juntos ao pé da casa, e os tres dentro
go ao rastilho, e como a mina naõ estava atacada,
polvora opprimida, nem muito enterrada, abrazou
ente de toda a circumferencia, e por todo elle em
espedio os seixos, tijolos, e os pós fedorentissimos,
zer o menor impulso na terra, que medeava entre

huma

huma, e outra cóva; isto contou elle ao Conde de Schomberg, e ao General da Cavallaria; os quaes lhe ordenaraõ que guardasse inviolavel segredo, e restaurasse logo a cabana do mesmo feitio em tudo, accrescentando-lhe paredes de pedra, e barro, porta, e telhado coberto com pedras; para o que lhe déraõ tudo o necessario, e em premio destas duas acções o fizeraõ despachar Capitaõ Ingenheiro, sciencia a que se tinha applicado desde que assentou praça: os Castelhanos lhe chamavaõ: *O Capitaõ feiticeiro*, e nesse conceito estiveraõ até que se publicaraõ as pazes, e elle revelou o segredo tirando da cabana a segunda mina para aproveitar a polvora; foi o terror dos Castelhanos daqui por diante, e a cabana taõ respeitada, que nem os Portuguezes queriaõ passar junto della, e só elle sem sustos a gozava para o seu divertimento, de sorte que nem os seus criados queriaõ entrar nella, nem elle os obrigava, paraque se naõ perdesse o conceito de que tinha cousa sobrenatural escondida. O mesmo succedeo muitas vezes encontrando-se no campo com partidas dos Castelhanos, e governando elle parte das nossas, porque apenas o Commandante por conselho delle dirigia a marcha para o sitio da cabana, aindaque ella ficasse distante duas leguas, ja os Castelhanos gritavaõ: *Ao Inferno nos levaõ*, e em lugar de nos seguirem se retiravaõ logo, e ordinariamente com perda, de que resultava dizer o Conde de Schomberg, que se Jeronymo Guerreiro tivesse militado com as suas destrezas no principio da guerra, talvez naõ seria taõ dilatada: o acabar-se ella lhe cortou a fortuna, mas sempre morreo Tenente Coronel Ingenheiro no anno de 1680. Inventou muitas, e diversas maquinas, e novas idéas excellentissimas para expugnaçaõ, e defesa das praças, de que deixou hum notavel livro, que por disgraça da Naçaõ se naõ imprimio.

FIM DA DECIMASEXTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças necess.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.
CONFERENCIA XVII.

EM huma Conferencia passada (disse o Filoso-fo) se fallou no Officio, e Missa Musarabe, que ainda hoje se usa na Sé de Toledo, e naõ he justo fiquemos sem noticia clara desta antigui-
ade santa, e queira o senhor Theologo informar-nos
ella. O Officio, e Missa Musarabe (respondeo elle) foi
omposto por Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha,
outor excellentissimo, e como tal festejado pela Igreja
oda. Conservou-se este Officio, e Missa em letra Goti-
a, até o tempo em que o Eminentissimo Cardial D. Fr.
rancisco Ximenes de Cisneros, Arcebispo de Toledo
fez imprimir com letras Latinas, e dotou huma Ca-
ella na Sé com doze Beneficiados, e hum Prior mór
ara o celebrarem perpetuamente. A causa porém de
he chamarem Musarabe, foi porque quando os Mouros
onquistaraõ toda a Espanha, os Catholicos de Toledo
ntregaraõ a cidade, e fortalezas della com a condiçaõ
e que os deixariaõ alli viver livremente na Ley de
hristo; o que os Mouros fizeraõ; e os Catholicos ti-
haõ seis, ou sete Igrejas, que ainda hoje existem, as
uaes nesse tempo eraõ as principaes Freguezias, mas
oje, ainda que todas tem Curas, e Beneficiados, só
uma he Paroquia dos Christãos Musarabes. Saõ as

Igrejas, S. Marcos, S. Lucas, S. Sebaſtiaõ, S. Torcato, Santa Juſta, Santa Eulalia de Merida, e os que dizem eraõ ſete contaõ por huma dellas a do Convento do Carmo. A eſtes Catholicos, que ficaraõ em Toledo entre os Mouros, chamavaõ os outros Catholicos: *Mixtiarabes*, que quer dizer: *Miſturados com Arabes*, nome commum dos Mouros neſſe tempo, depois corromperaõ o vocabulo, e em lugar de Mixtiarabes lhe chamaraõ Muſarabes, e como eſtes Catholicos, aſſim chamados, uſaraõ ſempre nas ſobreditas Igrejas o Officio, e Miſſa de Santo Iſidoro, chamaraõ á Miſſa, e Officio o meſmo nome que chamavaõ aos Catholicos, e depois conſervou ſempre o appellido de Officio, e Miſſa Muſarabe, porque os deſcendentes daquelles antigos Catholicos, aſſim chamados, ſempre conſervaraõ o meſmo nome até agora: os Reys lhes concederaõ muitos privilegios, que actualmente gozaõ, e todos ſaõ Freguezes de huma das ſete Igrejas Muſarabes, que ja vos nomeei. Depois que o Eminentiſſimo Cardial Ciſneros dotou a dita Capella dentro na Sé de Toledo, para nella ſe celebrar perpetuamente o tal Officio, e Miſſa, ſe juntaõ nella os ſeis Curas das taes Igrejas com os ſeus Beneficiados, e Prior mór, ou Capellaõ mór, e pela manhãa todos os dias rezaõ em tom baixo Prima, Terça, Sexta, Miſſa, e Noa, e de tarde Veſperas, Completas, e Matinas. Muitos, que ſuperficialmente conſideraõ as couſas, diſſeraõ que eſte Officio, e Miſſa padecera notavel mudança quando por ordem do Eminentiſſimo Ciſneros o trasladou com letras Latinas, e fez imprimir o doutiſſimo Affonſo Ortiz, Conego da meſma Sé: e o fundamento, que tiveraõ para eſte erro, foi verem que o dito Conego accreſcentara no Breviario, e Miſſal Muſarabe as Rezas, e Miſſas, que uſou a Igreja Romana depois da morte de Santo Iſidoro, como tambem as dos Santos de Heſpanha, ſem repararem que o tal accreſcenta-

nto foi em tudo, e por tudo confórme as rubri-
remonial Musarabe, e só servio de ornar o Bre-
Missal, que antes só tinhaõ os Santos de quem
a no tempo de Santo Isidoro, que o compoz; de
seguia rezarem quasi sempre de feria. As vesti-
Sacerdotaes saõ o mesmo que as Romanas em
só a casula he differente, e do feitio das primei-
usou a Igreja Romana, e Grega, que he o mes-
tem as sobrepellizes Portuguezas rodondas sem
, e bem compridas. No Convento de N. Senho-
raça de Lisboa se conserva hum pedaço de ca-
Santo Agostinho, enxerido na parte anterior de
asula do feitio da que usava o mesmo Santo, e
Igreja Romana no anno de quatrocentos e trin-
acimento de Christo, em que o Santo passou da
vida para o Ceo, he do feitio sobredito, e se
nuitas vezes sobre os hombros do Sacerdote pa-
carem os braços livres. Em D. Caietano Maria
, o melhor Mestre de Ceremonias, que tem co-
a Igreja, achareis que a casula antiga foi sem-
no a sobrepelliz antiga Portugueza, que chegava
rtelhos, como ainda hoje as uzaõ na India os Re-
nas festas solemnes. O Altar Musarabe he como
ummo Pontifice em S. Pedro de Roma, e antiga-
quasi todos eraõ assim, na verdade os melhores
velhos, e achacados, porque nelles fica o Sa-
entre o retabulo, e o Altar com o rosto virado
pôvo sempre, e por isso naõ se vira para dizer
vobiscum, nem *Orate fratres*, nem ao lançar a
; e especialmente nas Náos todos os Altares
ser deste feitio, porque naõ he crivel o trabalho
a ao Sacerdote o virar-se tantas vezes com peri-
ente de cahir, ou succeder alguma cousa ao Ca-
ostia preparados para o Sacrificio, em quanto lhes
ostas, e cessa a incommodidade para lhe acodir

 com

com as mãos quando os balanços da náo obrigaõ a isso. Fallo como experimentado, sendo aliàs taõ veloz, e intrepido como vós conheceis; e o mais calo. A este Altar, como tenhõ dito, chega o Sacerdote Musarabe, e feita profunda reverencia, faz a Confissaõ, diz o Introito, a que chamaõ Officio, porque na verdade o he, e logo sem dizer os Kyrios, diz *Gloria in excelsis*, que, sendo cantada a Missa, o coro prosegue, e elle reza; porém quando canta este hymno Angelico diz só a primeira palavra: *Gloria*, depois do hymno diz huma só Oraçaõ, logo huma profecia, e huma Epistola, passa o livro para o lado do Evangelho, e o diz, ou canta, e logo o Alleluia, offerece a Hostia, e o Calix, que ja vem preparados da sacristia, e diz: *Adjuvate me fratres*, lava as mãos. Tem dous livros hum de cada parte, o do Evangelho se muda confórme a festa, o da parte da Epistola he ordinario, e por isso sempre o mesmo; diz quatro Orações no do Evangelho, e logo outras quatro no ordinario, nas quaes se invoca Maria Santissima, e muitos Santos repetidas vezes, álem dos Apôstolos, e alguns Santos de Hespanha, dá a paz, e segue-se logo o Prefacio, que cada dia he differente, porque nelle se diz o mysterio, que se celebra, por extenso, se he festa de Christo, ou de N. Senhora, ou a vida, e martyrio do Santo da reza daquelle dia, de sorte que he mais liçaõ do que prefacio; e nisto se parece esta Missa com a que compoz Santo Ambrosio, Arcebispo de Milaõ para a sua Igreja, e nella se conserva: diz: *Sanctus*, e logo huma Oraçaõ com sua correspondente no ordinario; consagra com a fórma que usa a Igreja Romana, antigamente usavaõ da que traz S. Paulo na Epistola aos de Corinto contando este mysterio, porém hum Legado que o Papa Joaõ VIII. mandou a Hespanha, determinou que usassem da fórma commua da Igreja; mostra a Hostia, e Calix ao pôvo, mas o Calix cuberto; diz logo

outras

outras duas Orações, levanta segunda vez a Hostia, e diz o *Credo* tendo o Sacramento nas mãos, parte logo a Hostia em nove particulas, e as pôem sobre a patena em fórma de cruz, faz o memento dos vivos, e depois diz huma Oraçaõ que remata com o Padre nosso, respondendo a cada petiçaõ delle o coro *Amen*; e quando diz: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*, responde o coro: *Quia Deus es*, e o celebrante lança no Calix huma particula, e logo diz huma Oraçaõ a que chamaõ bençaõ, em que pede a Deos conceda ao seu pôvo graça para commungar dignamente; e se haõ de commungar algumas pessoas, chegaõ neste tempo, e depois de adorarem o Sacramento se abraçaõ, e commungaõ sem o celebrante dizer cousa alguma; e se naõ há quem commungue, toma nas mãos huma particula, e faz o memento dos defuntos, tendo perante si as outras sete particulas em fórma de cruz sobre a patena; acabado o memento, as communga todas, e logo o sangue, e virando o livro para a parte da Epistola diz huma só Oraçaõ, com que conclue a Missa, e dá a bençaõ ao pôvo, e logo se despede do Altar. He a Missa mais dilatada do que a Romana, porém o Officio he mais breve, tendo aliás mais huma hora quando se reza da feria, e lhe chamaõ Aurora, porque se reza antes de Prima, esta he a hora mayor de todo o Officio Musarabe, porque tem quatro Psalmos repartidos em sete, tem Responsorio, Profecia, Epistola, Hymno, e o hymno *Te Deum laudamus*, e depois delle *Gloria in excelsis*, *Credo*, *Pater noster*, e bençaõ com que finaliza. As mais horas saõ de tres, ou quatro Psalmos, Profecia, Epistola, Responsorio, hymno *Pater noster*, e bençaõ. As Vesperas saõ quatro antifonas por modo de Responsorios, as duas ultimas com *Gloria Patri*, hymno, outra antifona, Oraçaõ com *Pater noster* e logo outra Oraçaõ, com que acabaõ. As Completas saõ dous Psalmos breves, e

dous

dous Hymnos, o Pſalmo ordinario que começa: *Qui habitat &c.* Oraçaõ com *Pater noſter*, e bençaõ. As Matinas ſaõ o Pſalmo: *Miſerere mei Deus*, e quatro Reſponſorios com quatro Orações. As Laudes conſtaõ do cantico: *Benedicite omnia opera Domini*, abbreviado: *Laudate Dominum de cælis*, huma profecia, Oraçaõ, com *Pater noſter*, e bençaõ. He devotiſſimo eſte Officio, e Miſſa; e aindaque aſſentaõ foi Santo Iſidoro quem o ampliou, e reſtabeleceo, a tradiçaõ conſtante he que o methodo delle o enſinaraõ S. Pedro, e S. Paulo a S. Torcato, e aos outros Santos Biſpos, que mandaraõ a Heſpanha, e que o formou todo S. Tiago menor: foi approvado pelo Papa Joaõ VIII., e por outros, como tambem por varios Concilios, e ultimamente por milagres; porque caſando-ſe o Rey D. Affonſo, de quem já ouviſte a vida, com huma filha do Rey de França, eſta inſiſtio ſe uſaſſe o Officio, e Miſſal Romano; e como toda Heſpanha o contradizia, primeiro ſe deſafiaraõ dous Cavalheiros corpo a corpo, e venceo o que defendia o Officio Muſarabe: ultimamente a rogos da Rainha ſe lançaraõ os dous Miſſaes Romano, e Muſarabe em huma fogueira, o Romano ſaltou logo fóra do fogo, e o Muſarabe eſteve nelle até ſe apagar a fogueira, e tirado das cinzas ſe achou ſem lezaõ alguma; pelo que clamou todo o pôvo de Heſpanha pelo ſeu Officio, e Rito antiquiſſimo; mas o Rey com afagos, e ameaços venceo os Biſpos, e apenas ficou em Toledo eſta Capella, e ſeis Igrejas deſte rito, de que ficais baſtantemente informados. O Imperador Carlos V., e D. Filippe II. fôraõ grandes veneradores, e patronos delle, e muitas vezes, eſtando em Toledo, fôraõ ouvir o Officio, e Miſſa Muſarabe cantada, e fizeraõ varias doações á ſua notavel Capella, e o meſmo fizeraõ a ſenhora D. Anna de Auſtria, e ſuas filhas. Santo Iſidoro morreo no anno de ſeiſcentos e trinta e ſinco do nacimen-

to

e Christo, de sorte que sem contarmos os annos, este Officio teve de uso desde os discipulos de S. ro, e S. Paulo, que delles o aprenderaõ, nem o que na vida de Santo Isidoro, que o reduzio a mayor feiçaõ, desde a sua morte até hoje tem mil cento e e e quatro annos de antiguidade. *Assaz estamos in-* idos nesta materia (disseraõ todos), e como ja te- ouvintes de mais curiosidade, he justo que a pri- ra ley desta Academia se observe, e o senhor Filo- seja o primeiro, por estar mais descançado, e nos melhor, e mais breve instrucçaõ clara de Filosofia derna, de sorte que até os menos entendidos, e de acidade mais rasteira a percebaõ perfeitamente. Naõ ho dúvida, mas antes de começar a instruir-vos nel- disse o Filosofo) julgo necessario advertir-vos que ndais, e naõ questioneis com os chamados Filoso- antigos, nem com pessoa alguma teimosa a verdade ossa Filosofia; e a razaõ he porque o primeiro Me- della, que eu tive em Italia, foi hum Religioso sabio, depois veyo para este Reyno, e sendo lá o melhor nte della, e o mais acerrimo defensor (clamando que os lhe naõ levasse em conta nos dias da vida os que tara em estudar, defender, e ensinar as quimeras da ga, chamado de Aristoteles, sendo certo, que a de stoteles foi a chamada moderna, na verdade anti- ssima) em Portugal o vi fazer satyras aos que a ensi- aõ, e defendiaõ; e perguntando-lhe a razaõ desta aridade, me respondeo: *Em Italia domina outro pla-, goza-se outro clima, ouve-se a verdade sem paixaõ, por- a atomosfera, alimentos, e trato das gentes naõ criaõ hu- s adustos, colericos; em Portugal o contrario. Impugno a ade, mas he porque despi o genio que lá tinha, e vesti nova- e o que lá deixei: lembrado estareis, que em Portugal me s defender conclusões de mil pontos; e todos, os que vieraõ mentar, me vinhaõ descompor; em Hespanha já as defendi* de

de dez pontos, e, para dizer a verdade, de dous; porque nellas dizia o ponto, em que só se havia de argumentar de tarde, e o em que só de manhãa no outro dia, e todos me mandaraõ os meyos termos dous dias antes, o mesmo fiz, e fazem todos em Italia, e Alemanha, sem passarem os argumentos do terceiro Sylogismo. Calo o mais da conversaçaõ, e vinde logo com animo desoccupado de paixões geniaes, que eu vos farei Filosofos consummados em breves dias, sem ter as fabricas necessarias para o ensino.

F I M

DA DECIMASETIMA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XVIII.

COmo o ſenhor Filoſofo foi á hoſpedaria; e dilatar a inſtrucçaõ da Filoſofia natural (diſſe o Theologo) he couſa penoſa para a voſſa expectaçaõ, antes que elle venha vos hirei advertindo o que devo como Theologo explicar a reſpeito deſta Filoſofia, chamada moderna, ſendo na verdade antiquiſſima, e a meſma que enſinou Ariſtoteles, como evidentiſſimamente moſtrou já ao mundo o Reverendiſſimo P. Joaõ Baptiſta da exemplar Congregaçaõ do Oratorio, no ſeu notavel livro, chamado em Portuguez: *Filoſofia de Ariſtoteles reſtituida.* E porque muitos ignorantes, e cégos de paixões, outros teimoſos, chegaraõ a dizer que eſta Filoſofia era heretica, e que nella ſe enſinavaõ couſas contra a noſſa Santa Fé Catholica Romana, advirto-vos que iſto he falſiſſimo teſtimunho; antes pelo contrario a mayor, e melhor parte da Igreja Catholica Romana enſina hoje, e ſegue a Filoſofia moderna; e o Santiſſimo Padre Benedicto XIV., por ſer doutiſſimo, e zeloſo paſtor das ovelhas de Chriſto, obrigado a vigiar que naõ ſejaõ apaſcentadas com erros, mandou que na ſua Univerſidade de Bolonha ſe leſſe, e enſinaſſe ſó a Filoſofia moderna. E ſabendo iſto o Chriſtianiſſimo Rey de França, lhe mandou hum pre-

ſente magnifico de todas as maquinas, que ſaõ precisas para explicar eſta nobiliſſima ſciencia, todas precioſas na materia, e artificio, e eu as vi em Bolonha nas ſalas, em que ſe guardaõ as precioſidades da Univerſidade, e vi nos Geraes fazer com ellas as experiencias. Em França todas as Religioẽs, e Clero a enſinaõ, e ſeguem; o meſmo ſuccede na Italia, e Alemanha, donde ja nos tem vindo excellentes livros della; em Eſpanha quaſi todos, em Portugal os Padres da Congregaçaõ do Oratorio, os Clerigos Regulares, os Conegos Regrantes, os Inglezes no ſeu Collegio, e cada dia ſe vai propagando. E para ſe perceber bem eſta curioſiſſima, e deleitavel ſciencia, o Fideliſſimo Rey D. Joaõ o grande, que Deos tem, mandou vir de França, e de Inglaterra as mais precioſas maquinas para inſtrucçaõ da Côrte, e as deo ao Collegio de N. Senhora das Neceſſidades de Lisboa, aonde concorrem a Fidalguia, Nobreza, e todas as peſſoas curioſas, e bem inſtruidas todas as ſemanas muitas vezes a aprender, e recrear-ſe no incomparavel divertimento, e admiravel enſino, que ſe colhe dos repetidos experimentos, que o ſenhor Filoſofo vos contará logo. Em fim eſta notavel ſciencia fez ſabios, eruditos, noticioſos, e em certo modo admiraveis os Extrangeiros de todas as Noções da Europa a tempo, que os Eſpanhóes, e nós viviamos cegos, e taõ falſos de noticias do que he objecto dos noſſos ſentidos, que hum Embaixador de Eſpanha em França (como refere o doutiſſimo Feijoó incomparavel Filoſofo moderno) julgou por loucos huns doutiſſimos Francezes ſocios da Academia Real das ſciencias, que por ordem della hiaõ ao Pico das Canarias examinar o pezo do ar, e para iſſo fôraõ pedir cartas ao Embaixador para o Governador da dita Ilha os favorecer com o neceſſario para eſſe exame, pagando elles tudo com grandeza por conta da Academia. O Embaixador quando ouvio dizer que

hiaõ

;ó pezar o ar, os julgou loucos, porque era taõ falto noticias, que ainda ignorava que o ar tinha peze, e pezava; e assim o pioterio por disgraça no palacio do ey de França, dizendo que dous orates o tinhaõ mo- tado naquelle dia com a petiçaõ das cartas de ter; s Francezes o ficaraõ tendo a elle por firmamente iorante, e com chascos, e risadas o obrigaraõ a ca- em si, e buscar quem lhe ensinasse a admiravel scien- , que elle totalmente ignorava, porque ainda naõ ti- a amanhecido em Espanha. Se fores a França, como fui, naõ achareis Principe, nem Princeza, Grande, dalgo, nobre, mecanico, plebeo, mulher, nem ncebo de qualquer estado, que naõ seja bom Filoso- ; o mesmo quasi achareis em Inglaterra, muito disto Italia, e Alemanha; em Espanha ja achareis muito to, em Portugal só na Côrte, fóra della só por espe- l fortuna, como nós temos neste Ermo, onde quiz os com o terremoto trazer-nos este insigne Filosofo, e aprendeo em França, Italia, e ultimamente, por oc- par bem o tempo, na Congregaçaõ do Oratorio de sboa, onde (diz elle) ouvira a melhor Filosofia mo- rna Sceptica, (isto he) que só busca a verdade sem ixaõ por author, nem systema algum, nem ainda pelo e diz, se contra isso, que diz, apparecer mayor razaõ adrinhada de novas experiencias; porque o fim unico sta admiravel sciencia he conhecer todas as cousas turaes, e a verdade das suas causas, e effeitos, exe- tando experiencias para conhecer tudo isso, sem ape- , e adhesaõ mais que á verdade, promptos para ce- r da sua opiniaõ todas as vezes, que os homens inven- em novas maquinas, e instrumentos, com que melhor descubra conheça, e sensivelmente conste a verdade, e os nossos primeiros pays no Paraiso souberaõ de eos, e depois ensinaraõ aos seus descendentes, até e, enfraquecendo a memoria dos homens, e principal-

S 2 mente

mente perdendo-se no diluvio as pedras, bronzes, e tabuas, em que nossos avós tinhaõ escrito o principal de todas as sciencias para instrucçaõ dos seus netos, ficamos todos ás escuras, e he necessario trabalharmos toda a vida com o juizo para adquirirmos muito pouco do muito, e muito que nossos avós souberaõ, e nos deixavaõ escrito, como tambem o que Noé, seus filhos, e netos escreveraõ para ensinar-nos; razaõ porque na Asia se conservaraõ as sciencias, e nas outras tres partes do mundo se perderaõ de todo, porque como Noé lá desembarcou da Arca, e lá teve os primeiros milhões de netos, esses fòraõ os mais bem instruidos, e os que passaraõ a povoar as outras partes do mundo; os mais eraõ lavradores, e homens do campo, e com effeito a Espanha trouxe Tubal esta, e todas as sciencias, e deixou os mais necessarios principios dellas escritos em columnas, mas foi elle só o que as trouxe, e era impossivel ensinar tantos ignorantes occupados no excessivo trabalho de cortar matos de arvoredos altissimos, romper terra com arados, semear, colher, e fazer todos os instrumentos. Noé veyo já caduco visitar os netos: as columnas de Tubal, e de Hercules perderaõ-se, como ja vos disse; o mesmo succedeo nas mais partes, e fòraõ necessarios novos, e incriveis trabalhos, contemplações, e disvelos de Francezes, Flandrinos, Olandezes, Alemães, Inglezes, e Italianos doutissimos para descobrir as causas, e effeitos naturaes, as maquinas, e instrumentos para os perceber experimentalmente, e para abrirmos os olhos, que tantos seculos tivemos fechados sem sabermos que cousas eraõ as que viamos, ouviamos, cheiravamos, palpavamos, e gostavamos, nem o de que constavaõ todas estas cousas, e porque assim obravaõ; ou deixavaõ de obrar, e menos o que da sua intensaõ, ou extensaõ se podia seguir. A causa, porque em França todos os homens, mulheres, e meninos de todas as je-

rar-

juias sabem Filosofia, e o mesmo quasi se vê em In-
:erra, Olanda, Italia, e Alemanha, he porque há
itos annos, que em todas as cidades, e villas houve
itos curiosos que fôraõ, ou mandáraõ seus filhos
ender esta admiravel sciencia á Côrte, e a outras ci-
es fóra della, onde se ensinava, e havia máquinas
a sua explicaçaõ; e como tudo isto se fazia na lin-
Franceza, até os lavradores, e officiaes mecanicos,
m fim todos mandáraõ seus filhos, em quanto naõ
iaõ idade para aprender os officios de seus pays, nem
alhar nos campos; estes em hum anno, ou dous
aõ para casa bons Filosofos, e ensinaraõ seus pays,
ys, irmãos, e irmãas. E como esta notavel sciencia
sa gosto, e admiraçaõ em se ensinar, e aprender, em
icos annos todos fôraõ bons Filosofos, porque de
, e de noite homens, mulheres, e meninos naõ fal-
õ, nem fallaõ em outra materia, nem lhes impor-
outras noticias da Côrte mais, que a saude do Rey,
na Academia Real se descobrio mais algum segre-
da natureza, e com que maquina, ou instrumento
nostra, e o que delle póde inferir-se para o conhe-
ento de outras cousas naturaes: e como as casas de
tvei façaõ em França saõ verdadeiramente Aulas, em
se ensinaõ, e adiantaõ as sciencias, e naõ Infernos
nurmuraçaõ, como nas Espanhas, dellas sahem to-
os dias, e noites mais sábios os Nobres em todas as
ides, villas, e aldêas, porque o que dá casa de
versaçaõ sempre he o sujeito mais sábio, que há na
oaçaõ, aindaque por nacimento seja o mais vil. por-
em França só se estimaõ os juizos, e qualquer Prin-
traz a sua carroça cheya, e admitte á sua mensa, e
versaçaõ todos os homens de baixa esféra, com
o que sejaõ doutos, agudos, e applicados. Por isso
o Duque Espanhol (diz o senhor Aucurt Padilha
eu excellente livro, que fez da sua jornada a Fran-
ça)

ça) contemplando esta humanidade dos Principes, e Grandes Francezes dizia: *He possivel que tivesse eu em Espanha a casa cheya de brutos, e acompanhasse com elles, por serem illustres, podendo aproveitar-me da companhia de homens doutos, que me ensinassem?* Naõ sei em que termos está hoje a Nobreza Espanhóla; mas a Portugueza, graças a Deos, no presente tempo está douta, perita, mil vezes bem instruida, e applicada ás sciencias, como se vê em tantas Academias particulares, de sorte que a Franceza ja nos naõ excede na humanidade com os Doutos, e applicaçaõ dos sugeitos, muito sim na multiplicidade das notaveis livrarias publicas, e particulares, e na facilidade de adquirir as maquinas, e laboratorios para novas experiencias, na multiplicidade de bons Mestres até nas aldêas, e amor natural ás sciencias em todos, porque em França nem o lacaio, nem o sapateiro, vizinho &c. tem pejo de hir a casa do Nobre, Fidalgo, ou Principe, que está na sua villa, ou aldêa a pedir-lhe lhe explique esta, ou aquella questaõ nova em tal, ou tal sciencia, nem o Principe, Fidalgo, ou Nobre tem hora de mais gosto, do que aquella, em que ensina o mecanico vizinho, ou o seu criado, ou criada. Basta de digressaõ, e noticia. Advirto-vos que esta Filosofia está seguida, e abraçada pela Igreja Catholica Romana, e nunca padeceo os trabalhos que teve a de Aristoteles; porque álem de lhe negarem o author ainda hoje homens doutissimos, foi condemnada a Fisica, e Metafisica de Aristoteles primeiramente no anno de 1210 em hum Concilio Provincial, celebrado em Pariz, e fôraõ nelle queimados os livros de Aristoteles, e prohibida a sua liçaõ com excommunhões: no anno de 1215, em que se abrio o Concilio Lateranense, foi condemnada a Fisica, e Metafisica de Aristoteles em outro Concilio, em que presidio como Legado do Papa o Cardial de Santo Estevaõ, e só foi entaõ permitti-

da

da a liçaõ da Logica; e esta mesma prohibiçaõ confirmou o Papa Gregorio IX. no anno de 1231, e no de 1249 escrevêraõ sobre os livros de Aristoteles S. Thomaz, e o Beato Alberto Magno, e entaõ he que os Papas permittiraõ se ensinasse nas escólas a Fisica, e Metafisica Aristotelica, que hoje só em Portugal, e em algumas terras de Espanha se ensinaõ, que nos mais Reynos nem ouvir fallar em taes livros querem, porque a experiencia lhes abrio os olhos, e conheceraõ o precioso tempo, que gastaraõ os antigos nesse estudo sem o menor fructo, nem conhecimento das cousas naturaes. Tambem vos advirto que ser Filosofo moderno naõ he ser Carthesiano: Renato Descartes foi hum grande Filosofo moderno, porém disse, e escreveo muitas cousas, que nem pelo pensamento nos passa seguillas: os modernos naõ seguem author, nem escóla alguma; veneraõ a todas, e a todos, e em todos, e todas vaõ buscar a verdade se lá a achaõ, e instrumentos, ou graves demonstraçoẽs, com que a mostrar, de sorte que o Filosofo moderno he Aristotelico, he Carthesiano, he Neutonista &c., he Thomista, Scotista, Egidiano, Medio, e nada disto he, porque a nenhum destes defende, nem segue. Advirto-vos que agora no principio naõ haveis de achar tanto gosto no que ouvireis, porque, aindaque sejaõ cousas palpaveis, e claras, saõ principios, sobre os quaes assentaõ depois as mais gostosas, divertidas, e pasmosas experiencias, e noticias; por isso vos recommendo tomeis com gosto grande as primeiras liçoẽs, porque todas depois vos haõ de servir para entenderes bem o que toda a vida vos hade alegrar o coraçaõ, de sorte que sempre confessareis que nunca empregastes o tempo em cousa taõ util, gostosa, divertida, e summamente necessaria; em fim direis que vivestes sempre cegos, e que só este ensino vos abrio os olhos do corpo, e do entendimento. E he cousa pasmosa que da Filoso-

fia

fia antiga tem paſſado innumeraveis para a moderna, é differaõ o meſmo; e da moderna nenhum paſſou, nem hade paſſar para a antiga. Ahi vem o ſenhor Filoſofo. Venha embora, ſenhor, que aſſàs tenho trabalhado no ſeu officio, pois agora com mais fructo começarei eu o enſino, e eſtejaõ Vm. certos, que me naõ heide deſviar (diſſe o Filoſofo) hum apice da doutrina, que enſinaõ os PP. da Congregaçaõ do Oratorio neſte Reyno com taõ admiravel fructo, e applauſo.

FIM

DA DECIMAOITAVA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.
CONFERENCIA XIX.

Fisica, ou Filosofia natural (disse o Filosofo) he huma sciencia, que trata de todas as cousas naturaes, dando a razaõ, e apontando a causa de todos os effeitos ordinarios, e extraordinarios, que vemos com os nossos olhos. Trata dos Ceos, dos Astros, e dos Meteoros, declara qual seja a causa das chuvas, e dos ventos, a origem das marés, e das fontes. Trata de cada hum dos elementos, e das suas propriedades; em fim tudo quanto temos na terra he objecto desta curiosissima, e admiravel sciencia, merecendo-lhe especial attençaõ as plantas, os brutos, e o homem com tudo o que serve aos seus sentidos, como saõ a luz, que nos allumia, as cores, que nos alegraõ, os sons, que nos divertem, o cheiro, e sabores, que nos recreaõ, e o movimento de muitas cousas, que nos admiraõ. Isto supposto, para se reconhecer qualquer cousa o melhor meyo he examinar, e conhecer as partes de que consta: todas as cousas constaõ de duas partes, a que os Filosofos chamaõ *Principios*, que vem a ser *Materia*, e *Fórma*: deixai me usar de huma comparaçaõ clarissima de que usa Aristoteles; qualquer obra de ourives consta de duas cousas, materia, que he o ouro, ou prata, e fórma, que he o feitio, de sorte que a prata, e ouro saõ ma-

materia indifferente para ser prato, fivela, castiçal, pucaro &c. porém a fórma, ou feitio, que lhe dá o ourives, he que a determina humas vezes para ser prato, outras para ser caixa, outras para ser pucaro &c., e isto que vos digo dos compostos artificiaes dos ourives, applicamos aos compostos naturaes, em que naõ entra a arte, e engenho dos homens, como saõ as pedras, arvores, fogo, terra, agua &c. Todos estes compostos tem sua materia, e sua fórma dada pela natureza, e por isso se chamaõ compostos naturaes; e materia he huma massa commua, e universal de si capaz, e indifferente para qualquer composto, de sorte que humas com a fórma de terra se constitue terra, com a fórma de páo he páo &c. Esta massa universal, de que tudo se compõem, e indifferente para ser esta, ou aquella cousa, chamaõ os Filosofos *materia prima*: naõ se póde negar que há esta materia, porque nós vemos que da terra, e juntamente da agua nasce a arvore, e esta arvore tomou a sua substancia da agua, e mais da terra, a qual substancia antes era terra, e era agua, e agora he arvore, he páo, folhas, flores, fructos, cascas &c. ja percebeis que a terra, e agua passaraõ a ser arvore, e a ser fructo: agora supponde que o fructo o comeo huma ovelha, ja passou a ser corpo da ovelha, e se hum lobo comer a tal ovelha, passa a ser lobo: mataraõ o lobo os caens, passou a ser caõ, mataraõ os caens, apodreceraõ, e converteraõ-se em terra, eis-aqui torna a materia a ser terra como era antes de ser arvore, fruta, ovelha, lobo, e caõ: e ja ficais percebendo como a mesma materia variando as fórmas, ora he terra com a fórma de terra, ora he arvore com a fórma de arvore, ora he fruta com a fórma de fruta, ora he ovelha com a fórma de ovelha &c. Logo ja temos huma cousa que de si he indifferente para ser varios compostos, e esta he a materia. A fórma naõ he outra cousa, senaõ a q determina a materia para ser humas vezes

; plantas, outras vezes terra, outras fogo &c. assim co-
, nos compostos artificiaes, a fórma de estatua he que
ermina a pedra para ser estatua, a prata para ser cai-
, ou pucaro, o barro para ser prato, ou tigéla. Isto
ihecido, segue-se saber que esta materia, de que to-
as coufas constaõ, e se compôem, he hum aggre-
lo, hum ajuntamento de partes, que tem corpo, po-
1 taõ pequeninas, que he incrivel, e inexplicavel a
pequenhez, de tal sorte que cada huma dellas sepa-
a das outras iguaes a naõ poderia perceber a vista,
n ainda ajudada dos notaveis vidros, a que chamaõ
:roscopios, que representaõ aos olhos hum graõ mi-
1o de arêa do tamanho de huma noz; de sorte, que
r mais que forceje a imaginaçaõ, he impossivel formar
:a do muito que saõ pequenas as partes da materia;
que se podem dividir os corpos. Hum graõ de arêa
oóde dividir em mais de mil partes; hum cruzado no-
em ouro, que apenas se sente na maõ, póde dividir-se
mais de duas mil e quinhentas partes de ouro sensi-
, visivel, e palpavel: e paraque naõ duvideis, fazei-
: vós a conta; hum cruzado novo de paens de ouro
ra doirar saõ quarenta e oito paens de ouro quadra-
s, e esses quarenta e oito paens he certo que naõ tem
m cruzado novo de pezo, nem de valor, porque o of-
ial hade tirar o lucro do seu grande trabalho, lucro
ra pelles de cordeiro, vinho, malhos, officina &c. por
ito podemos suppôr sem o menor escrupulo, que o
izado novo que vós deres pelos paens de ouro, se fos-
todo batido, certissimamente dava ao menos sincoen-
paens de ouro; ora cobri huma folha destas de ouro
tido de cruzados novos em ouro, e vereis que sobre
a cabem quarenta e nove cruzados novos, porque ca-
m sete fileiras delles, e cada huma de sete, que saõ qua-
ita e nove; e como elles saõ redondos, e por isso naõ
dem ficar juntos, e unidos de sorte que naõ fiquem

 mui-

muitos eſpaços por cobrir, neſtes taes eſpaços, ſe eſtiveſſem juntos, certiſſimamente cabia hum cruzado novo, que junto com os quarenta e nove faz o numero de ſincoenta, e eis-ahi tendes já certiſſimo que huma folha de ouro batido he taõ larga, e extenſa, como ſincoenta cruzados novos em ouro: e como hum cruzado novo em ouro dá certamente ſincoenta folhas de ouro batido, he certo que hum cruzado novo em ouro ſe póde extender ao tamanho, e grandeza de dous mil e quinhentos cruzados novos de ouro, que ſe podem vêr, e palpar: e como todas aquellas folhas ſahiraõ do cruzado novo, que vós deſtes para ſe bater, e extender, ſegue-ſe que a groſſura das ditas folhas he 2500 vezes menor que o cruzado novo, e eſte 2500 vezes mayor. Logo em huma groſſura de hum cruzado novo há 2500 groſſuras menores, e palpaveis; logo em huma groſſura de dous cruzados novos há ſinco mil groſſuras, e daqui accreſcentai, ou diminui á proporçaõ, advertindo que, ſe os artifices deſtes ſeculos o naõ podem extender mais, talvez que os futuros o poſſaõ fazer, e os Anjos bons, e máos certamente o podem extender muito, e muito mais ſem comparaçaõ. Ainda há outro exemplo mais claro no modo com que trabalhaõ os que tiraõ ouro, e prata á fieira para ſe tecerem os galões, e franjas de ouro: tomaõ huma barra de prata da groſſura de huma bengala, e do comprimento de hum covado pouco mais ou menos, cobrem-a de folhas de ouro, o qual com o calor do fogo, e com o pulimento, e burnidura de huma pedra, a que no noſſo Portugal chamaõ pedra de rayo, fica pegado á prata inſeparavelmente, iſto feito paſſaõ eſta barra de prata doirada por huma fieira de aço cheya de buracos, que começaõ largos, e acabaõ muito eſtreitos, pelos quaes ſe vai diminuindo a barra de prata doirada, e extendendo ſempre com a côr de ouro, aindaque frouxa, e ſe fórma huma linha de prata doirada do

com-

omprimento de cem legoas com huma barra de prata, e quarenta e finco marcos de pezo, dourada com huma nça de ouro; do que tudo fe fez experiencia na Acaemia Real das fciencias em Pariz no anno de 1713, e onfta das memorias da dita Academia na pag. 201: ra confiderai quanto fe adelgaçou o ouro na fuperficie a prata, que huma onça de ouro occupou cem legoas e comprimento reduzido a linha. No noffo Portugal ouraõ fete marcos de prata com huma onça de ouro, ias iffo he para ficar a côr do ouro bem viva; e o que os diffe agora fe faz fó para moftrar quanto fe póde xtender a materia por arte humana, porque a barra de uarenta e finco marcos dourada com huma onça de uro, e extendida pela fieira ao comprimento de cem egoas, defde ao principio até o fim he a linha prata ourada, mas a côr do ouro naõ he muito viva por caufa lo muito que obrigaõ a extender as fuas partes. Outro xemplo temos nos animaes. Todos forçofamente haõ e ter fangue feja vermelho, ou branco, pardo, ou preo &c. haõ de ter vêas, cerebro, arterias, ventriculo, coaçaõ, mufculos, e todas as mais partes neceffarias para nutriçaõ, e movimento; confiderai agora como fejaõ equenas as partes de alguns animalejos, que apenas a ifta os defcobre, e outros que fó com microfcopios efecialiffimos fe podem vêr. Hum curiofo tinha hum taõ xcellente, que reprefentava hum graõ de arêa miuda omo huma noz, e hum dia eftando com elle vendo arêa efcobrio entre os feus grãos, que pareciaõ nozes, hum ichinho, que parecia hum graõ de arêa: contemplai gora qual feria a pequenhez defte bichinho, e das fuas artes, mufculos, vêas &c. Muitos Filofofos antigos, e iodernos com graves fundamentos, e razões dizem ue efta materia confta de partes taõ pequenas, que he npoffivel dividir-fe em outras mais pequeninas, e a ftes chamaõ atomos, e aos que feguem efta opiniaõ

Ato-

Atomiſtas: outros dizem que eſſes atomos ainda podem ſer divididos pelos Anjos em muitas, e innumeraveis partes infinitamente; porém os Filoſofos modernos naõ ſe embaraçaõ com iſſo; dizemos que a materia conſta de partes tenuiſſimas, ſejaõ, ou naõ ſejaõ diviſiveis pelos Anjos, porque iſto nos ſubeja para explicarmos, e conhecermos os effeitos naturaes. Explicada aſſim a materia, ſegue-ſe dizer o que he fórma: os antigos diziaõ que era huma couſa que em ſi tem ſer verdadeiro, e ſubſtancial, realmente diſtincta da materia, e que eſta entidade tem por officio determinar a materia para ſer pedra, ou páo; em fim dizem que naõ he eſpirito, nem corpo, porque naõ conſta de materia. Nós pelo contrario dizemos que a fórma naõ he alguma couſa, que em ſi tenha ſer, nem ſubſtancia, naõ he entidade diſtincta da materia, he ſómente o modo com que eſtá diſpoſta a materia. Vamos á explicaçaõ da fórma. Em huma vara torta podemos conſiderar a ſubſtancia da vara, e a ſua tortura, a vara em ſi he a unica entidade, e ſubſtancia que alli há, a tortura porém he o modo com que eſtá a vara, de ſorte que a tortura em ſi naõ he ſubſtancia, quantidade diſtincta da vara; por iſſo ou a vara eſteja torta, ou eſteja direita, naõ há alli entidade de novo, ſómente há hum diverſo modo com que a vara eſtá; eſtava antes de hum modo, agora eſtá de outro modo, de ſorte que a vara em ſi naõ he tortura, nem a tortura he vara; por iſſo quando a vara ſe endireita, perde-ſe a tortura, e fica a meſma vara, que ſó perdeo o modo com que eſtava até agora; e por conſeguinte o modo, com que eſtá direita, he realmente diſtincto do modo, com que eſtava torta. Iſto he facilimo de perceber; mas para mayor clareza, que he o noſſo empenho, adverti que entre os Filoſofos ha duas diſtincções; huma a que chamaõ real, e eſta ſe dá entre duas entidades realmente diſtinctas, como ſaõ o ferro,

e o

›arro, o homem, e o cavallo &c. porque saõ duas
às que tem ser (e isso quer dizer entidade), e na
dade se distinguem huma da outra, porque huma
he a outra, nem depende da outra para existir : a
a distinçaõ chama-se modal, e naõ se distingue do
to, assim como a tortura da vara naõ se distingue
ara torta; Pedro sentado, Pedro em pé, Pedro dei-
, Pedro fallando, e Pedro dormindo saõ diversos
os, e diversas distinções modaes de Pedro, porque
o sentado naõ he o mesmo modo que he Pedro
ıindo; porém he o mesmo Pedro, e só tem distin-
nodal, e differença modal quando está sentado, ou
pé, comendo, ou fallando &c., porque tudo isto
liversos modos, com que vemos a Pedro, e existe
o : em fim dizemos que a fórma, que juntamente
a materia faz, e constitue os compostos, naõ he
que o modo, com que estaõ dispostas, e tecidas
rtes da materia; explico-me com exemplos, e pa-
s formaes de Aristoteles no livro setimo de Me-
ca capitulo terceiro : *Digo que a materia he como*
o bronze; a fórma he a figura, que se dá ao dito bron-
o composto, que resulta desta materia, e fórma, he huma
ıa de bronze, ou outra peça delle. O Angelico Dou-
Santo Thomaz commentando este livro de Ari-
les diz no Capitulo setimo : *Deve saber-se que assim*
o agente naõ faz a materia que verbi gratia he bronze,
lhe naõ dá mais que a fórma para ser huma esfera.
claro : Dizei-me, huma renda de linhas, huma
de panno, e hum cordaõ de linhas naõ saõ cou-
em differentes? he certo que sim; pois a fórma do
o naõ consiste mais que no modo de tecer as li-
metendo humas por entre as outras; estas mesmas
s tecidas de outro modo fazem huma renda; e se
erem de outro modo fazem hum cordaõ &c: logo
a diversidade de fórmas de panno, renda, ou cor-
daõ

daõ eſtá nos diverſos modos com que as linhas ſe tecem, de ſeda ſe faz veludo, tafetá, gorgoraõ, damaſco, melania, tudo da meſma ſeda, da meſma materia, mas como ſaõ diverſos compoſtos tem diverſas fórmas; mas bem vedes que a diverſidade deſſas fórmas naõ eſtá mais, que no modo com que ſe tecem os fios da ſeda que ſaõ as partes da materia deſtes compoſtos, tafetá, gorgoraõ, melania &c. Nas letras do A, B, C, temos outro exemplo mais claro: ellas ſaõ vinte e tres, e ſó pelo diverſo modo, com que ſe pôem, formaõ innumeraveis palavras differentes, ſó com eſtas quatro, a, o, m, r, ſe formaõ nomes diverſiſſimos ſó pelas trocarmos, como ſaõ Roma, amor, ramo, roam, armo, mora, omar, orma, oram, maro, e mais algumas quatorze differentes anagramas perfeitos, e puros: logo por ſe trocarem as partes da materia reſultaõ compoſtos diverſiſſimos, e aſſim combinando, e tecendo as partes da materia de hum modo ſahirá huma pedra, tecendo-as de outro ſahirá hum páo, e tecendo-as de outro ſahirá hum pedaço de ferro. Que couſas mais differentes entre ſi do que hervas, arêa, e ſal? porém tudo iſto pizado, amaſſado, e cozido em forno he o vidro, que he totalmente diverſo de tudo iſto de que ſe faz: logo eſta diverſidade de fórmas veyo da diverſa combinaçaõ das partes da materia. Vinde logo ouvir couſas de bom goſto, e noticia.

FIM

DA DECIMANONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XX.

ASsás me parece (disse o Filosofo) vos tenho explicado o que he a materia, e fórma de todos os compostos naturaes, e artificiaes. Resta advertir-vos que esta doutrina naõ milita, nem se entende do composto humano, que he o homem, porque só este tem fórma substancial distincta realmente da materia, a qual fórma he a alma racional puro espirito creada por Deos; e a materia he o corpo. E paraque naõ padeçais confusaõ alguma, eu vos explico ja o que he fórma dos compostos brutaes, que saõ os caens, gatos, cavallos, e todos os brutos, e bichos. He certo que todos estes tem corpo, que he a sua materia; e todos tem alma, que he a sua fórma: esta alma brutal dizem os Filosofos antigos, que he huma cousa, huma entidade material distincta de toda a materia, que vivifica, aviventa todos os membros do bruto, e que governa todas as suas acçoens com aquella ordem, e industria, que nos faz admirar. Porèm nós os Filosofos modernos dizemos, que a alma dos brutos consiste nos espiritos animaes, que discorrendo pelos membros do bruto, o animaõ, e governaõ: estes espiritos saõ huma parte do sangue, a mais subtil, pura, e espirituosa, a qual se fabrica no cerebro, que he huma parte da cabeça, a que commummente chamamos os miolos; isto he expresso da Sagrada Escritura, primeiramen-

te no capitulo 17. do Levitico diz Deos: *Quem caſſar alguma ave daquellas, que he licito comer, em todo o caſo derrame, e lance fóra o ſangue, porque a alma de todos os brutos eſtá no ſangue.* No meſmo capitulo mais abaixo diz: *Naõ comas o ſangue de toda a carne, porque a ſua alma eſtá no ſangue.* No capítulo 12 do Deuteronomio diz: *Iſto ſó acautela que naõ comas o ſangue, porque o ſangue deſtes eſta em lugar da ſua alma.* Em todos eſtes lugares falla dos brutos, e por iſſo S. Baſilio na homilia oitava diſſe que *nenhum Chriſtaõ podia ignorar o que era a alma dos brutos, dizendo a Eſcriptura, que naõ he outra mais que o ſangue.* Santo Agoſtinho na queſtaõ 57 ſobre o Levitico diz: *Por ventura ſe diſſermos que a alma dos brutos eſtá no ſangue, por iſſo havemos tambem dizer, que no ſangue eſtá a alma do homem? por nenhum modo.* E no livro da conſideraçaõ da verdadeira vida diz: *A vida dos brutos animaes he hum eſpirito vital, que conſta de ar, e ſangue dos animaes.* Iſto ſuppoſto, he certo que os bogios, os caens, e todos os outros animaes fazem acções, em que moſtraõ claramente que vem, ouvem, goſtaõ, cheiraõ, apalpaõ, e diſcorrem. A eſtas ſinco acçoẽs de vêr, ouvir, cheirar, goſtar, e apalpar, chamaõ os antigos, e modernos ſenſaçoẽs, que quer dizer ſentimentos, iſto he couſas que ſe percebem pelos ſinco ſentidos, e niſto ſomos nós como os brutos, porque todas as noſſas ſenſaçoẽs ſe communicaõ ao cerebro pelos nervos, e nelles ſuccede o meſmo, por iſſo entopida, prevertida, e impedida a communicaçaõ dos eſpiritos com o cerebro, como ſuccede na apoplexia, ou artificioſamente como ſe faz com o opio, e outros narcoticos, naõ ſente o homem o corte de hum braço, perna, nem de todo o corpo, porque todo eſſe ſentimento, ſenſaçaõ, e dôr ſe fórma no cerebro, com a communicaçaõ dos eſpiritos pelas vêas, e nervos, e faltando eſta, pára, e ceſſa o ſentimento todo; advertindo que quanto mais mimoſo he o cerebro, mayor, e mais viva he a ſenſaçaõ; e quanto mais duro, menor, e menos activa, por

iſſo

isso hum menino se queixa apenas lhe tocaõ, porque a sua sensaçaõ he mais molle, os seus espiritos mais tenues, e por isso se communicaõ ao cerebro mais de pressa; pelo contrario no homem robusto hum igual toque he para elle cousa taõ leve, que quasi o naõ sente, porque a dureza dos nervos, e vêas, a mayor grandeza, e pezo dos espiritos, faz que a communicaçaõ com o cerebro seja muito pouca com taõ pequena pancada, e será necessario huma mil vezes mayor para fazer nelle tanta sensaçaõ, como a leve fez no menino. Tudo o que nos homens, e nos brutos recebe o cerebro por estas sensaçoẽs, fórma nelle humas como pinturas de tudo o que pelos sentidos se percebe: eu me explico com huma comparaçaõ bem palpavel. No Reyno de Arracaõ se fazem humas chitas grossas para compostura das mulheres mais barbaras do Paiz, deste modo, accendem huma fogueira, espalhaõ as brazas, e pôem sobre ellas huma como grelha de ferro, a qual tem muitos buracos cada hum de seu feitio, hum de huma flor, outro de hum passaro, outro de hum Tigre, outro de hum pomo, lançaõ por estes buracos os pós de certas hervas seccas, os quaes apenas tocaõ no fogo levantaõ muito fumo, pegaõ logo no panno de algodaõ branco, e o assentaõ sobre a tal grelha, e no mesmo instante, em que o assentaõ, o tiraõ fóra, e pôem outro, logo outro &c. em quanto dura o fumo, e todos sahem pintados de roxo com pomos, tigres, passaros, e flores do feitio dos buracos da grelha, por onde sahio o fumo, que dando no panno lhe deixou impressa a pintura, a qual lavando-se muitas vezes quasi se extingue, e o remedio para a conservar sempre viva he quando se lava o panno, depois de secco ao Sol, aquentando-o ao fogo sem fumo. Ora reparai: o fumo que vai pelo buraco da feição de flor, deixa huma flor pintada no panno; o que vai pelo que tem feitio de tigre, deixa no panno pintado hum tigre &c. pois assim a sensaçaõ, que vai ao cerebro pelos nervos dos olhos,

deixa no cerebro pintado com espiritos o que os olhos viraõ;a sensaçaõ que vai pelos nervos dos ouvidos deixa no cerebro com o fumo subtilissimo dos espiritos pintado o que se ouvio,e assim os mais sentidos:o cerebro he o panno branco de algodaõ,o fumo das hervas saõ os espiritos,os buracos da grelha saõ os nervos,e vêas por onde se communica o fumo;agora reparai:Esse panno assim pintado com os espiritos subtilissimos daquellas hervas seccas, que se lhe imprimiraõ com a evaporaçaõ do fumo,e fogo, he o cerebro dos homens, e dos brutos com as representaçoẽs impressas de tudo,o que percebem pelos sentidos, formadas de espiritos subtilissimos; e este panno assim pintado, este cerebro assim cheyo de pinturas taõ differentes quantas saõ as que percebemos por todos os sinco sentidos a todos os instantes, chama-se memoria material, memoria brutal, porque a tem os homens,e os brutos,chama-se fantazia,imaginativa,cogitativa,memoria sensitiva, sentido commum. Nella conservaõ os homens, e os brutos, como em huma sala cheya de pinturas,representando ao vivo tudo o que viraõ,ouviraõ,cheiraraõ, gostaraõ, e apalparaõ, naõ sendo outra cousa mais, que os espiritos animaes dispostos em tal,ou tal feitio embebidos nos miolos, as quaes figuras com o tempo se desmanchaõ,ou vaõ ficando menos vivas as suas pinturas,porque os espiritos,que eraõ a tinta,se foraõ enfraquecendo,gastando, dissipando; e o remedio para avivar estas pinturas he ou fazellas de novo,tornando a vêr, ouvir,cheirar,gostar,apalpar o que ja se apalpou, gostou, cheirou, ouvio, ou vio, ou chamando muitos espiritos á cabeça , os quaes pegando-se ás figuras antigas as renovaõ, e avivaõ, como no principio,e isto he o que se chama lembrar,lembrança do passado,isto he o que faz o fogo na chita , que tem a côr quasi perdida com as lavagens, introduz novos espiritos nos poucos, que ja estaõ pegados no panno,estes com o calor movem-se,espalhaõ-

se,

gaõ-se, occupaõ mais espaços do penno, e fica re-
a pintura; por isso os homens, quando se querem
de huma cousa, que lhe esqueceo, se affligem, e
aõ a cabeça para lhe lembrar, e só assim se lembraõ,
puxaõ ao cerebro muitos espiritos com a afflicçaõ,
iteraçaõ, e estes avivaõ, renovaõ a pintura, que por
espiritos estava já (deixai-me explicar assim) bran-
o sido preta, ou vermelha, quando era nova; por is-
do hum está forcejando para lhe lembrar alguma
e outra pessoa lhe apontou a primeira letra do no-
: naõ lembra, ou qualquer outro signal, logo o es-
) lembra, porque aquelle signal, ou palavra, que tu-
) mesmo, por hum, ou por muitos sentidos fez cõ-
r ao cerebro espiritos novos; por isso os que tem
itos muito volateis, muito finos, muito ligeiros tu-
)raõ muito depressa, e tudo muito depressa lhes es-
: os que saõ tardos em decorar, tarde lhes esquecem
is: os primeiros escrevem em papel branco com
fonte, secou-se o papel, naõ ficou signal algum das
s segundos escreveraõ no mesmo papel, mas a agua
e escreveraõ foi misturada com summo de limaõ
seccou-se o papel, e apparecem nodoas, chegaraõ-
)r do fogo, apparecem as letras perfeitamente; os de
:moria pintaõ, e escrevem com espiritos taõ sub-
em hum instante sobem ao cerebro innumeraveis,
a figura perfeita, mas tambem em outro instante
do cerebro para as outras partes, ou lá se dissipaõ,
mem, e perdeo-se a figura de todo, foi-se a ima-
lembrança do que estudou; pelo contrario os ou-
i espiritos mais grossos, menos leves, tardaõ em su-
laõ em se ajuntar, compor, e fazer a representaçaõ,
i fica taõ grossa, taõ farta de espiritos, taõ farta de
iõ impressa, e funda na massa dos miolos, que dahi a
ta annos naõ tem ametade gasta, por isso conservaõ
stes annos a lembrança viva; e se acaso os muitos

cui-

cuidados, e paixoẽs lhe dissiparaõ muitos espiritos, apenas se quiz lembrar, logo se lembra, porque o cerebro ficou taõ cavado dos primeiros, que lá assistiraõ, que os outros, que chegaõ, se pegaõ nos lugares dos outros. Mais claro para todos: Já vistes fazer materia secca para hum menino escrever; elle mete a penna pelo risco que o Mestre fez no papel, e faz a letra com muito pouca tinta de sorte, que apenas fica o papel negro; vai logo tomar mais tinta para fazer a letra mais viva, e apenas toca com ella cheya no principio da letra, corre a tinta por toda a letra, sem elle mover a penna, e por todos os riscos della; e a razaõ he, porque a letra toda está cavada no papel, e todos os riscos estaõ humidos, todos conservaõ corpos tenuissimos da mesma tinta, aos quaes se unem os corpos da outra tinta logo; e isto naõ succederia, se o papel naõ estivesse cavado, e molhado: pois assim no cerebro, este he molle, e por isso habil para receber toda a impressaõ melhor que o papel, cera, sebo, e pó, os espiritos saõ humidos, e por poucos que achem em lugar cavado fazem o que o calor do fogo no papel que foi molhado com summo de limaõ azedo, que ficou ruido, e atenuado com o acido, e o que faz a tinta nos riscos, que estaõ cavados, e cobertos de corpos tenuissimos seus irmãos: isto basta para conheceres o modo, com que os homens, e os brutos conhecem pelos sentidos. Mas adverti que entre os homens, e os brutos há esta notavel differença, que nos homens a todos os sentimentos, sensaçoẽs, movimentos de espiritos, impressoẽs de imagens, renovaçoẽs dellas &c. assiste a alma racional, porque a tudo está unida, e em tudo, e para tudo concorre: nos brutos porém só os espiritos animaes movidos pelas [illegible] em tudo. Explico-me mais claro: [illegible] hum homem, e outra em hum caõ; [illegible] mortificou a pelle a que cha- [illegible] a que chamaõ cuticula, que [illegible] pellezinha, huma que tudo cobre, e

[illegible]

outra que he coberta: mortificou, iſto he, opprimio, tirou do ſeu tom, e tempero natural as fibras, as linhas de ſua cu-te, cutis la, da carne, vêas, nervos e com iſto em todas eſtas fibras ou linhas, e no ſangue, e cerebro que eſtá dentro de todos os nervos movendo os eſpiritos, e mortificou tambem a alma racional, que eſtá unida intimamente a todas eſtas couſas, mas nos brutos ſó mortifica, e tira do tom, e tempero fibras, ſangue, eſpiritos, por iſſo o homem naõ ſó ſente a pancada como animal, que certamente he, mas como racional, que he certiſſimamente, e por iſſo ſente, conhece quem lhe deo, o motivo porque lhe deo, que foi huma divida que lhe naõ paga ha muitos annos, e que lhe deo á traiçaõ por ſer fraco &c. porém os brutos ſó conhecem que lhe deraõ; e ſe conhecem materialmente a cauſa, he porque lhe daõ á viſta della, como o jumento quando cahe, e quebra as quartas do aguadeiro, o caõ, o gato, porque furtaraõ o comer &c. do meſmo modo conhecem os brutos o bemfeitor, e o inimigo, porque tem nos miolos pintado com eſpiritos animaes o beneficio, e o damno que qualquer delles lhe fez, e porque o que lhe falta no juizo, porque Deos lho naõ deo, lhe ſobeja nos ſentidos, porque Deos niſſo lho commutou, por iſſo o javali ouve mais que todos, o lince he o que mais vê, o bogio o que tem o goſto mais vivo, o abutre o que tem melhor olfato, e a aranha o melhor tacto. Eſtes excedem nos ſentidos, e ſenſaçoẽs aos homens, e brutos, e os brutos ordinariamente todos aos homens, porque as beſtas tem melhor viſta, os caens melhor olfato, os coelhos, e lebres, toupeiras &c. melhor ouvir, e aſſim outros, e entre os meſmos brutos huns excedem nos ſentidos, e ſenſaçoẽs aos da meſma eſpecie, porque os caens de agua no olfato excedem a todos, porque naõ ſó pelos efluvios (iſto he) pelos vapores, e exhalaçoẽs, que ſahem dos corpos, e de todos os compoſtos conhecem no ar, que nos cerca, ſeus donos, e todas as couſas, que chegaraõ a elles *para as buſcar*, mas, o que mais he, debaixo da

agua

agua percebem o meſmo, pois lançando-lhe huma pedra, que naõ viraõ, debaixo da agua a conhecem pelos effluvios, que nella deixou pegados a maõ do ſujeito que a lançou, os quaes tem elle bem vivos na ſua memoria material, e brutal, porque os percebeo pelo olfato fóra da agua antes que elle lançaſſe nella a pedra. Reſta-me explicar-vos com hum exemplo commum eſtes movimentos interiores dos brutos, e dos homens no que reſpeita aos eſpiritos, e aos ſonhos. Creyo que muitas vezes lançaſtes huma pedrinha em hum tanque, e eſta fez hum circulo pequenino, logo outro mayor, logo outro mayor, e tantos mayores que o primeiro, que hum ultimo cercou o tanque todo, aſſim he o movimento dos eſpiritos até chegar ao cerebro. Mais he o tom, ou tempero das fibras; nada temos no corpo que naõ conſte de linhas delgadiſſimas chamadas fibras, e por todas circulaõ eſpiritos, como deſcobrio o ſapientiſſimo George Baglivio; eſtas tem tom certo como as cordas dos inſtrumentos; e ſe perdem o tom, ou porque eſtaõ muito tezas, ou porque eſtaõ muito laxas, perdem a ſenſaçaõ, por iſſo os que tem eſtupor, parlaſia, que quer dizer parte leſa, naõ ſentem a parte offendida, e na apoplexia naõ ſentem em parte alguma; porque todas eſtaõ offendidas: o que ſuppoſto, ſabereis quando fôr tempo que o ar he cauſa das noſſas ſenſaçoẽs quaſi todas; agora baſta ſaber que tudo o que nos toca nas fibras que eſtaõ temperadas em tom, faz movimento como a pedra que toca nas partes da agua, e faz os circulos. Nos ſonhos andaõ os eſpiritos perturbados por cauſa da doença, ou de vapores, que nos ſaõs naõ enchem o cerebro todo, para os fazerem eſtar quietos, encontraõ deſordenadamente com as figuras, e impreſſoẽs de varios objectos, e huns excitaõ fortemente, outros naõ, confórme os eſpiritos muitos, ou poucos que nellas achaõ, e daqui naſce a viveza, com que parece vemos, ouvimos &c. Logo venho recrear-vos com o mais curioſo.

FIM DA VIGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças necess.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXI.

SUpposta a dilatada instrucçaõ, que vos dei na Conferencia passada (disse o Filosofo), estais instruidos nos movimentos, sentimentos, e acções dos brutos por virtude das causas exteriores; porém como estes tem tantas, e taes acções, que certamente em alguns parece que só lhes falta o fallarem, e na melhor, e certa opiniaõ certamente todos fallaõ, porque os gatos com humas vozes chamaõ os filhos, com outras os pays para a geraçaõ, os porcos da mesma sorte, os passaros mais, e melhor que todos, de sorte que hum curioso, de quem trata Feijoo, de forte lhes observou a lingua, que se jactava de entender o que elles diziaõ, e por experiencia em huma occasiaõ encontrando-se no ar dous bandos de passaros, e dilatando-se como quem conversava, e depois dividindo-se, disse que huns disseraõ aos outros, que em tal sitio estava muito trigo no chaõ sem vigia, o que na verdade assim era, porque hindo huma besta arrebentou hum sacco de trigo, que o arrieiro naõ pôde ahi concertar, e deixou o trigo todo na estrada, na qual o acharaõ os companheiros deste curioso, e os mesmos passaros, que elle dissera fôraõ avizados pelos que ja tinhaõ comido. O mesmo Feijoo conta de hum caõ, que fugia no Sabbado para a villa, ou aldêa onde hia no Domingo, sem falta seu dono, e o deixava todo o Domingo

fechado;hum macho de hum Convento que na Quarta fei-
ra quebrava as prizões, e fugia, porque havia muitos ve-
zes que na Quinta feira o carregavaõ para levar mantimen-
to a certa paragem:em fim assenta Feijoò com os melhores
que os brutos materialmente discorrem,e fazem taes quaes
argumentos; porque o caõ, que correo a lebre, ou coelho
e a perdeo de vista em hum campo,do qual sahem tres ca-
minhos, cheira o primeiro, e naõ acha rasto, isto he,
acha no ar effluvios, vapores do corpo da lebre,ou coelho
que por elle passasse,cheira o segundo caminho,e naõ acha
isto; ja naõ cheira o terceiro, mas sim como hum fo-
corre por elle, como quem diz, por este naõ foi, nem por
este,logo foi por aquelle;e isto innegavelmente he disc-
rer, porque he inferir huma cousa de outra : porem
estas, e outras admiraveis obras, que fazem os brutos,
das saõ como as dos rologios, orgãos, e outras maquinas
que fizeraõ os homens, tudo saõ obras necessarias, e ma-
quinaes, como verbi gratia o rologio, que em tendo cor-
da necessariamente se hade mover, e o orgaõ em tendo
no someiro por força hade cantar, e hade cantar como
quizer o tocador, porque he huma maquina sem alma es-
ritual, sem entendimento, para se governar,e sem liberda-
de para obrar, ou naõ obrar; assim saõ os brutos, saõ huns
rologios, huns orgãos, humas maquinas, e Deos he
lhes deo, e dá os movimentos primeiros. Deixai-me ex-
car com mais clareza:Deos,que he immovel,e primeiro mo-
tor de tudo,isto he,o que move tudo,faz nos brutos,depois
de os criar,o mesmo que nós fazemos nos rologios quando
lhes damos corda,e nos orgãos hydraulicos,e em outros c
ar, que em lhes levantando os folles, e mettendo ar no so-
meiro,tocaõ hum minuete,que dura meya hora,por isso v
reis que os animaes de huma mesma especie todos fazem
mesmas acções,os bogios todos fazem as mesmas ridicul
rias,os galgos,podengos,caens de perdizes,e caens de agu
todos fazem as mesmas habilidades, huns na caça das l
bres

res, outros na das perdizes &c. de forte que todos os de ida cafta moftraõ claramente que tem diverfa compofiçaõ e orgãos interiores, e faõ diverfas maquinas, por iffo diz anto Thomaz, que as obras admiraveis dos brutos faõ a irtude de Deos, que lhes deo o movimento, e nelles eftá fplandecendo, e traz o exemplo da feta, que voa porque homem a impellio com a corda do arco, o relogio &c. acaba o Anjo das Efcolas 1. 2. *q.* 13. *art.* 2. dizendo que fim faõ os brutos, os quaes fe faõ aftutos, fagazes, e de acões pafmofas, naõ he porque tenhaõ razaõ, nem eleiçaõ, as fim porque Deos os criou com tal, ou tal artificio deerminado para taes, e taes acções, por iffo os dá mefma pecie fazem todos o mefmo. Moftra-fe evidentemente ta verdade com as admiraveis maquinas, que tem feito os omens, o célebre engenheiro Turiano para divertir o Imerador Carlos V. em S. Jufte fazia pombas, que voavaõ elas janellas fóra, davaõ no ar muitas voltas, e recolhiaõ-s'outra vez á mefma cafa donde tinhaõ fahido, tudo por irtude de corda de relogio, e rodas, que tinhaõ dentro do orpo; com o mefmo engenho fazia exercitos de cavalleiros, e Infantes, que fe enveftiaõ, acutilavaõ, e depois huns igiaõ, e outros ficavaõ no campo; da China vem náos erfeitas, que dando-lhes corda largaõ os marinheiros todas s vellas, e caminhaõ por qualquer cafa direita, viraõ nos antos, e quando fe vai acabando a corda paraõ, e colhem s vellas primeiro; mulheres, e homens, que bailaõ o que hes tocaõ conforme a parte onde lhe daõ a corda; bogios e papel que faltaõ, e fazem mil vifagens, fem mais engenho entro que humas rodas pequenas de faya, muitos fios de etroz, e muitos pezos de chumbo huns mayores, outros mais pequenos, e a corda que fe lhes dá he atirar com o bogio ao chaõ, elle fe endireita, falta, e faz vifagens, até fe defconcertar o engenho, ou até lhe meterem os dedos na boca, e prenderem hum arame, que faz parar a roda, e movimento dos pezos. Em Lisboa vi hum bofete coberto, de-

baixo delle rodas, e pezos, em sima huma casa de m
separada da parede, batia o dono da casa no bofete,a
se as portas da casa, apparecia huma figura, fazia a t
sua cortezia, dizia o dono da casa, que trouxesse ch
te, ou chá, ou qualquer outra cousa, fazia outra cort
figura, fechava as portas, e passado algum tempo tr
que lhe tinhaõ pedido, e entre tanto se ouviaõ as rod
faziaõ todos estes movimentos taõ bem regulados.
outra Conferencia ouvistes as fabricas admiraveis,
fazem com agua, e a mais admiravel de rodas que e
résta para vos contar, he a que se mostra no Colle
Luiz o grande em França feita por hum Inglez de pa
ingenho. Tem esta fabrica duas partes, em huma se
senta hum Orfeo tocando a sua Lira em huma flore
tre alguns animaes com tal artificio, que com a cabeç
acompanha o ar da cantiga, e os animaes parece que
trahidos pela suavidade de Musica, na outra parte se
senta terra, e mar em perspectiva, pelo mar vaõ di
náos á vella, dando muitas voltas, como que busca
to, e depois vaõ desapparecendo pouco, e pouco ao l
pela terra vaõ muitos cavalleiros dando voltas, bus
as estradas, subindo montes, e descendo aos valles, va
roças com gente dentro, que se move, e acena, e cam
pela estrada larga; e o que mais faz pasmar he hum
que vai fugindo pela agua mergulhando de quando
quando, e hum caõ a traz delle nadando, até que apa
pato, vez-se hum moinho de agua, e a espuma que e
na roda, vez-se hum cisne nadando, o qual se me
muitas vezes, sacode depois o pescoço, e o vira par
e concerta as pennas com o bico; finalmente ouve-s
coro de sereas, e rouxinóes, que eleva os sentidos
suavidade da musica: sabido o caso, para tudo isto
ver com esta admiravel proporçaõ, e representaçaõ, s
trabalho de metter huma chave de rologio em hum
armario, e dar corda a tudo, porque desta recebem

nto todas as maquinas, que neceſſitaõ mais, ou menos
rda, e todas as rodas entraõ logo em movimento, e por
nſeguinte todas as figuras,orgãos pequeninos &c. eu ti-
'.a fortuna de me deixarem vêr eſta maquina toda por
ixo, que toda he de bronze, excepto os folles, e artefa-
os da muſica das ſereas, e rouxinóes, e confeſſo-vos, que
ıuei abſorto, naõ ſó da miudeza, e multiplicidade de ro-
s, rodinhas, pezos,e contrapezos,mas da ſuavidade,pro-
ırçaõ,e ingenho,fazendo huma ſó roda andar tudo;humas
aquinas, como eraõ a do pato, caõ, ciſne, e moinho ſe
oviaõ de préſſa, e as outras de vagar ſem confuſaõ, nem
:rigo della. No Journal de Scavari ſe faz memoria de
uma eſtatua feita por hum prezo na cadêa de Marrocos,a
ıal por virtude de rodas,e corda ſahio da prizaõ; foi por
:verſas ruas até o Palacio com huma petiçaõ do prezo, e
rnou para a cadêa.Lede o Padre Kirker no tomo *de Ma-*
gte, e vereis em numeroſas eſtampas finas excellentes as
ıis paſmoſas maquinas feitas com pedra de cevar, humas
ı que figuras reſpondem por acenos a tudo o que ſe lhes
:rgunta em varias materias, outras,em que ſe admiraõ ef-
:tos ainda mayores, que, a naõ ſe vêr,e apalpar o modo,
m que ſuccedem, e a cauſa que os move, jurariaõ todos
ıe eraõ feitiçarias:bem perto tendes o rologio de Mafra,
ıe em figura grande moſtra o que occultaõ os pequenos
minuetes, e nelle vereis que hum tonel de madeira co-
rto de prégos de bronze ſem cabeça,dando volta faz can-
' os minuetes, porque os taes prégos entraõ, e ſahem de
ns anneis de arame,os quaes eſtaõ ligados nos ſinos ten-
cada hum ſeu fio prezo no badalo, ſeu pezo para ficar
)ximo á borda, e ſeu annel no fim para o mover o pré-
, quando o tonel ſe mover, e quando o pezo do rologio
leterminar.Baſta de exemplos,comparai agora as maqui-
ı feitas pelos homens com as maquinas feitas por Deos,e
correi aſſim ſem paixaõ.Os homens ſendo huns animaes,
m vil pó, huma miſeria ſumma, e hum nada, ſó porque
Deos

Deos lhes deo huma alma racional da massa dos Anjos(mas muito, e muito inferior a elles) com memoria, entendimento, e vontade, fizeraõ, e fazem maquinas, que fallaõ, cantaõ, voaõ, correm, peleijaõ, servem a gente, bailaõ, e fazem tudo o que fazem os homens, e os brutos: logo as maquinas, que Deos fez, que saõ os brutos, haõ de fazer cousas muito mais admiraveis, porque Deos seu author he infinitamente sabio, e poderoso. Bem, pois estas maquinas que fizeraõ, e fazem os homens para fallarem, cantarem, &c. só necessitaõ, que o seu author, que he o homem lhes dê o primeiro movimento com huma chave, ou tando hum gatilho: logo para as maquinas de Deos, saõ os brutos, fazerem tantas, e taõ admiraveis cousas, (como diz o Doutor Angelico) que Deos, que he primeiro mobil, primeiro motor de tudo, lhes dê o primeiro movimento. He de Fé que Deos está em tudo, vendo tudo conservando tudo, e movendo tudo: logo move os brutos logo os brutos saõ humas maquinas mais perfeitas, do que as que fazem os homens, sem mais differença para as acções, que ser Deos o que move as suas, que fez, e os homens os que movem as que fizeraõ; Deos move as suas que saõ muito, e muito mais perfeitas; por modo summamente mais perfeito dentro, e fóra das maquinas, que fez conserva, e move; o homem move as maquinas, que ajudado de Deos, e as move por modo muito menos perfeito, o qual he o movimento de rodas, molas, pezos, agua, pedra de cevar, fogo &c. a respeito do sangue, espiritos, nervos, vêas, musculos &c. de que consta o movimento das maquinas de Deos. Tal he o author, tal he a maquina, taes saõ os artefactos em que consistem os seus movimentos, tal a perfeiçaõ delles, e da maquina. Ainda havemos de fallar nesta materia quando vos explicar como nos entraõ pelos sentidos todas as cousas: agora acabo com hum exemplo, que me lembrou, e naõ quero escusar. Consta das sentenças do Santo Officio, que traz o Padre Delrio

e no-

oticias de outras, que allega o Bregnolo, que os demo-
s, com maquinas de ar formaõ corpos de mulheres for-
fissimas, com as quaes peccaõ os feiticeiros, e corpos de
ncebos gentîs, com os quaes peccaõ as feiticeiras, quan-
se juntaõ, e em cada corpo destes aereos, ou de terra,
do que for, tambem fingido, que em tudo parece ver-
deiro, está hum demonio conservando a maquina intei-
fazendo-a fallar, e mover &c. porém he cousa notavel
confissaõ dos feiticeiros, e feiticeiras, que nunca os de-
nios poderaõ fazer que estas maquinas tivessem calor
no o que tem os homens, e mulheres nos corpos, nem
 clara, e suave, mas sim pelo contrario a voz he opaca,
ssi rouca, e os taes corpos frios, ou tepidos. Agora per-
nto: poderá hum homem fazer huma maquina, como
 que faz o demonio? He certo, que naõ, porque o demo-
tem muito, e muito melhor entendimento, ingenho, for-
, actividade, poder, e habilidade do que o homem; e o
is, a que chega com tudo isto, he a fazer homens, e mu-
res de ar, ou terra, ou o que fôr, que em tudo, e por tudo
nem todos os sentidos, mas sem calor, ou muito remis-
e má voz, e isto confessaraõ elles aos feiticeiros, e feiti-
ras dizendo, que o naõ podiaõ fazer melhor, isto he, que
turalmente com tudo o que Deos lhe deo, e na sua no-
issima natureza ficou, naõ tinhaõ habilidades para faze-
n maquinas mais perfeitas, sendo aliàs estas, e as innu-
raveis, que elles podem fazer sem comparaçaõ mais per-
tas, do que as dos homens: ora agora vede se he certo tu-
o que vos tenho dito, que tal he o artifice, tal he a ma-
na, e a perfeiçaõ, e movimentos della: os homens podem
er huma mulher, que com rodas, molas, e corda baile,
e, ande, e diga algumas palavras, aponte algumas letras,
figuras, e acabada a corda acabou-se tudo; vista de per-
e apalpada, cheirada &c. he páo, panno, ferros, rodas;
lem fazer hum caõ que ladre, morda, ande, salte, mex-
he, huma pomba que voe &c., o demonio, que já he me-
lhor

lhor artifice, melhor engenheiro, póde fazer homens, e mulheres, que em tudo o pareçaõ sem mais differença para os sentidos do que na voz, e calor, póde fazer caens, gatos, pombos &c., que naõ só mordaõ, comaõ, andem, voem, mas tudo isso sem mollas, rodas, cordas &c., e que vistos palpados, cheirados, jurem livremente os homens que saõ verdadeiro; e Deos, que infinitamente excede na sabidoria aos Anjos, e homens, que na sua presença todos saõ nada, porque naõ faria humas maquinas infinitamente melhores, e mais perfeitas do que as dos Anjos, e homens? pois essas saõ os brutos, que constaõ de corpo, e espiritos, e Deos lhes dá os movimentos. Na Conferencia seguinte trataremos de outras cousas ja necessarias, e divertidas; e na outra o senhor Theologo do que lhe pertence, e vossas mercês da historia nas seguintes, porque tudo se deseja, e variado recrea o juizo.

FIM

DA VIGESIMAPRIMEIRA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXII.

DEpois de saberes o que he materia, e fórma de todos os compostos naturaes, e artificiaes (disse o Filosofo) resta dizer-vos o que saõ os acentes delles. Os antigos dizem que os accidentes humas cousas, sem as quaes hum sujeito póde pas, mas naõ passa sem ellas, como he o ser claro, ou negro, ser alto, ou ser pequeno, estar neste, ou naelle lugar, estar sentado, ou estar em pé: os moders dizemos o mesmo, porém com muita differença dos tigos; porque elles dizem que a alvura he huma couhuma entidade realmente distincta de Pedro, a qual gada a Pedro o faz branco; dizem que o ser Pedro ande, ou pequeno, he huma entidade realmente distincta de Pedro, que chamaõ quantidade, e faz a Pe grande &c. O movimento dizem que he outra enade distincta de Pedro, o estar neste ou naquelle lur outra entidade realmente distincta de Pedro, a que amaõ ubicaçaõ &c. Nós os modernos dizemos o conrio, que eu vos explicarei com a mayor clareza. Dimos que os accidentes naõ saõ cousa alguma distin dos compostos, mas sim, e só consistem no modo, m que a materia está disposta, depois de ter aquella iposiçaõ, em que já vos disse consistia a sua fórma

ſubſtancial. Vamos aos exemplos, e expliquemos primeiro o accidente, a que chamaõ quantidade: Eu fui muito magro, e aſſim me conheceſtes quando para aqui vim depois do terremoto; hoje ſou muito gordo, como vedes: pois eſta quantidade, que agora tenho, foi por ventura algum accidente, que de novo me veyo fazer mayor do que eu era? he certo que naõ, antes certamente, foi ſubſtancial de carne, peixe, paõ, e agua, que eu commutei em mim melhor neſte ſitio do que o fazia em Lisboa, creſceo mais a materia do corpo, ficou muito groſſo o que era muito magro, e delgado. Diſcorrei agora da meſma ſorte em tudo: eſta caixa de prata, que tenho, he mayor que a do ſenhor Theologo, e que a do ſenhor Soldado, porém he mayor do que a do ſenhor Theologo, porque a prata eſtá mais delgada, e extendida; e he mayor que a do ſenhor *Soldado*, porque tem mais prata do que a ſua, e por iſſo peza mais: pois aqui tendes o que he quantidade com toda a clareza; hum livro he mayor que outro, porque tem mais folhas de papel, e finalmente a quantidade he ter mais materia, ou mais extendida, porque niſſo he que conſiſte ſer mayor, ou mais pequeno, mais groſſo, ou mais delgado qualquer compoſto natural, ou artificial. A ubicaçaõ, que he outro accidente, conſiſte em os diverſos modos, com que eſtamos; ſe eſtamos aqui, pizamos eſte lugar, ſe vamos para a Igreja vamos pizando muitos; o movimento conſiſte em irmos ſucceſſivamente, pondo o noſſo corpo em lugares differentes, em cada paſſo eſtamos em diverſo lugar todos, e eſta ſucceſſaõ he o movimento. O ſer gentil, ou ſer formoſo, ou ſeyo conſiſte na diverſa proporçaõ das partes; o ſer alvo, ou pardo (como melhor direi a ſeu tempo) conſiſte em eſtar a pelle bem liza de ſorte, que as ſuas partes, que os ſentidos naõ podem perceber, reflectem, lançaõ, expalhaõ a luz para fóra, ou a recebem para

den-

tro : bem gentil conheci eu o ſenhor Soldado, e
e com as cutilladas, que recebeo na batalha de ſete
Mayo o vejo feyo, e coxo, era bem claro quando
gordo, e eu moreno quando era magro; hoje elle
mais que moreno, porque a pelle ſe enrugou quan-
emagreceo, e as partes inſenſiveis della ficaraõ fa-
do covas, que naõ reflectem para fóra a luz; e eu
ndo engordei extendi a pele, virei para fóra as par-
que faziaõ covas para dentro, no que reflecte a
, e eſtou claro; quantas mulheres conheceſtes vós
as quando eraõ moças, e hoje negras porque eſtaõ
ias enrugadas? Quando tratarmos das cores, e da
ſabereis iſto melhor com experiencias notaveis.
nos ao pezo dos compoſtos, e cauſa do ſeu movi-
nto. O pezar huma couſa mais do que outra conſi-
em ter mais, ou menos materia unida toda: huma
oba de chumbo, ferro, barro, páo, ouro, azoi gue
aõ certamente mais do que huma arroba de lãa, de
a, de eſtopa, de linho. Parece couſa de rizo o que
digo, mas he certo. Poſtas na balança ficaõ iguaes,
Tim ſe vendem, mas quem compra o linho, eſtopa,
a, algodaõ, ou lãa leva muitos, e muitos arrateis de
nos, porque o pezo de ferro tem os póros muito fe-
idos, e por iſſo tem pouco ar em ſi, e a lãa, algo-
õ, ſeda, eſtopa &c. tem as ſuas partes muito ſepara-
, e póros abertos todos cheyos de ar, e os meyos
ibem, de ſorte que muita parte de pezo he ar, e naõ
ho, lãa, ou algodaõ: he facil a experiencia que eu
iitas vezes vi fazer, pezai hum arratel de lãa, ou eſto-
bem ſolta, bem eſcarpiada, tirai-a da balança, e pe-
huma corda de viola, e depois apertai muito bem a
opa, ou lãa com a corda de viola, e pezai tudo, e
iareis menos pezo ainda ſem abateres o pezo da cor-
, e abatido elle vereis que falta muito pezo na eſto-
, ou lãa; e a razaõ he, porque no apertar ſe unem as

 partes

partes da materia , e lançaraõ de ſi muita parte do ar, que eſtava entre humas, e outras, o qual todo antes pezava na balança o que agora falta, por iſſo o páo do Braſil ſanto, Angelim, Sipipira, e outros ſaõ mais pezados que a faya, e outras madeiras; hum pedaço de Sipipira peza tanto como vinte pedaços de faya do meſmo tamanho, porque a Sipipira tem os póros muito fechados, e por iſſo pouco ar dentro, e a faya pelo contrario. Os metaes mais pezados ſaõ azougue, ouro, e chumbo, porque tem menos ar, por iſſo huma migalha de azougue peza tanto como vinte bocados de cobre, ou ferro do ſeu tamanho, em fim iſſo baſta para ſaberes que o pezar muito ou pouco vai ou de ter mais, ou menos materia, ou de eſta em ſi eſtar mais unida: e naõ vos eſqueça para mayor clareza o que hontem viſtes na caſa da balança de N. Senhora; eu ſendo gordo pezei menos que o ſenhor Ermitaõ, que faz menos vulto, porque a ſua carne he dura, e a minha he molle, a ſua he muito unida, e a minha naõ, faço mais vulto, e tenho menos materia, e mais ar; elle pezou mais que o ſenhor Soldado, tendo aliàs ambos a carne bem unida, e ſucada, porque o ſenhor Ermitaõ he mais alto, e o ſenhor Soldado muito mais pequeno. Vamos ao movimento dos corpos, e compoſtos, couſa, que entre os Filoſofos antigos, e modernos tem dado mais trabalho do que tudo. Os antigos dizem que a pedra deſce para baixo, porque huma certa couſa, huma entidade poſta nella a faz deſcer: os modernos, cujo fim he eſpecular com os olhos a verdade das couſas, dividiraõ-ſe neſte ponto todos: e eu que ſempre aborreci teimas, e argumentos apaixonados, direi o que me enſinaraõ em França com experimentos. He certo que todas as couſas leves ſobem, porque as outras mais pezadas lhe carregaõ em ſima, e as tiraõ do lugar em que eſtaõ para as pôrem ſobre ſi; deitar azeite em hum cópo, eſtá

quie-

quieto, ora deitai lhe em sima agua, vinho, vinagre, ou azergue, vereis subir para sima logo o azeite, porque o outro corpo mais pezado, porque mais unido, o fez separar, e o fez subir; porém se lançares no azeite do copo agua ardente, a que chamaõ no Minho e Douro, de prova de azeite, hade ficar a agua ardente em sima, e o azeite em baixo, porque he mais pezado, e unido do que a tal agua ardente, ou espirito; o mesmo faz o azougue a tudo, que sempre vai ao fundo, e lança para fóra tudo o que lá acha: logo o subir, e descer consiste em ter, ou naõ ter as partes muito unidas, e por isso muito, ou pouco pezadas. Porém isto naõ querem muitos applicar sem paixaõ ás outras cousas pezadas solidas, e maciças; sendo evidente que só assim se percebe melhor. Toda a dificuldade de antigos, e modernos consiste em explicar a causa, porque esta pedra, que eu lanço agora para o ar, vem logo para baixo, e quanto mais perto vem do chaõ mais de pressa vem. Ora logo diremos porque vem no fim da queda com mais pressa; vamos ao motivo, porque cahe: e sem vos contar as muitas, e innumeraveis opiniões dos Cartesianos, Neutonistas, e Gassendistas, que a li, e ouvi explicar em França, e Italia, nem outra excellente opiniaõ em Lisboa, digo a primeira que aprendi em Pariz, e sempre me agradou. A pedra subio, porque a força do meu braço a fez romper o ar com violencia, assim como huma seta o faz, e assim como nós o rompemos, quando andamos, e melhor quando nos empurraõ, e cahe a pedra logo, porque o ar he corpo muito dividido em partes, muito fluido, e a naõ póde sustentar em si, e a pedra pelo contrario he corpo sólido com as partes unidas, e por isso mais pezado, que o ar, rompe, separa, divide as partes do ar, vem para baixo para o ar ficar em sima, assim como a agua desce para o azeite ficar em sima; e esta mesma he a causa,

porque

porque esta pedra, em que estou sentado, hade custar muito a levantar, e se a levantarmos hade logo cahir: custará a levantar, porque tem muita materia unida; e hade cahir, porque naõ tem debaixo corpo tanto, ou mais solido que a sustente. No campo do Dique, ou canal de Pariz em huma tarde de recreyo nos fez o Mestre a experiencia, que melhor o explica: subiraõ tres a huma torre, e hum atirou-lhes com huma bola de barro cozido, que logo cahio, atirou segunda, e pegaraõ-lhe os que estavaõ em sima, e logo em hum almofariz a fizeraõ em pó subtil como tabaco, gritou logo o Mestre que lançassem a bola para baixo, e elles rindo lançaraõ o pó da bola em hum papel, e dandolhe hum sopro nem o pó verdadeiramente se vio, entaõ virando-se para nós disse: *A bola subio porque levava as partes unidas, e por unidas poderaõ romper o ar; naõ desceo porque aquelles meninos lhe separeraõ as partes, e qualquer dellas ficou sendo mais leve do que as do ar, que toma este ambiente até a torre, e por isso o naõ romperaõ, nem desceraõ; o que naõ succederia, se lançassem o pó da primeira janella da torre, porque lhe ficava menos ar, que romper; e ainda para romper esse pouco, havia de descer de vagar, como desce a agua para o azeite subir.* E para mayor clareza mandou moer segunda bola, e lançalla em pó subtil da janella baixa, e vimos ser verdade o que dizia. A outra experiencia foi com vinte arrates de azougue posto sobre hum bezerro: intentaraõ dous meninos levantar huma cousa, e outra, e naõ puderaõ, tirou-se o azougue, e cada hum de nós mortificou huma parte delle com saliva, de sorte que ficou como polme, e com isto fomos levemente molhando o bezerro até que se gastou o azougue todo, pegaraõ logo os meninos no bezerro, como antes o tinhaõ feito, e rindo o levantaraõ porque a que pezava já era muito pouco; pendurou-se o couro, secceu-se a saliva, cahio o azogue em huma bacia dentro em vinte

e qua-

quatro horas, achou-se o mesmo pezo, e já os mes-
os meninos o naõ puderaõ levantar no bezerro.
uma barra de aço, de arrate de pezo, mettida em
m canudo, por mais que soprem, o naõ póde lançar
ra o ar o homem de mayor folgo, porem desfeito
e mesmo aço em pó subtil, que tenha o mesmo pe-
, e mettido o pó em hum canudo com hum bura-
inho, soprando qualquer por elle faz saltar todo o
para sima: donde se colhe que todo o pezo consiste
uniaõ das partes, e aqui se funda a notavel, clara, e
ndamental razaõ, que eu ouvi na Congregaçaõ do
atorio. Dando eu estas, que tenho dito, me pergun-
raõ qual era a causa, porque todas as cousas unidas,
por isso pezadas, vinhaõ para baixo buscar uniaõ
m as outras: e depois de eu responder quanto sabia,
respondeo o doutissimo P. Mestre com summa fa-
dade em poucas palavras: *Deos criou todos os compostos
mundo, e pós ley, que estivessem unidos; porque, se se des-
ssem a cada passo, ja naõ havia mundo: se tudo o que sobe do
r, e da terra em vapores, e exhalações naõ tornasse a descer
s em chuva, outros em orvalho, e as outras em pó invisivel,
o certamente havia descer em alguma parte o pó subtil da
a de barro, que lançaraõ da torre, certamente ja naõ havia
ra, nem agua: porém Deos pós ley, paraque todas as cousas
nissem; e o executor desta ley he o mesmo Deos, porque as
ras, páos &c. naõ tem juizo para obedecerem a ley, porém
s, que está em tudo conservando tudo, que he o mesmo que
r sempre criando tudo, Deos, que está em tudo movendo tu-
executa a mesma ley que pós, paraque tudo se unisse: e mo-
udo, paraque se una, e se ajunte ao mesmo globo terraqueo,
de se desune de qualquer modo, por algum tempo, por movi-
to que lhe daõ as causas naturaes para a conservaçaõ, e
nosura do mundo, e as artificiaes para conhecimento, e uso
cousas. Deos he que moveo a bola de barro da torre para
o, e moveo o pó subtil de outra para cahir onde vós naõ sou-
bestes,*

que há noticia; porém, obstante convocar todos os dem
para lhe assistirem na batalha, e peleijar defendido de m
e serras admiraveis. Nino o venceo, e matou. Nesta g
achou Nino a formosa Semirame, e namorado das suas
das casou com ella; passados quatro annos morreo elle, e
a viuva governando o mayor imperio do mundo, sendo
meira mulher, que teve nelle dominio. Foi singular na
na guerra, venceo, e dominou por força de armas a M
Egypto, e Libia, edificou os muros de Babilonia mar.
do mundo, levantou o mais notavel Sepulcro em Nini
marido, fez admiraveis aqueductos, estradas, e fortaleza
dando montes, entalhando valles, rompendo penhascos
dizem escurecera tudo com a lascivia, e que matava os
tes, mandando cobrir-lhes com montes de pedras os ca
res, e que ultimamente solicitara seu filho Ninya para
isto, e que este a matara, e lhe succedera no Imperio no
de 2091 do mundo, no qual parece casou Abram com Sa
lustre, e formosissima, mas esteril. No anno de 2114 m
Deos a Abraõ que sahisse da sua terra, promettendo-lhe
lo pay de grande gente, e que na sua descendencia seriaõ
çoadas todas as gentes, que foi prometter-lhe a Encar
do Verbo em sua neta Maria Santissima: sahio Abraõ co
da a sua familia, e com seu sobrinho Lot, que tambem
co, foi parar na terra de Chanaan, que depois se chamo
ra de promissaõ depois que Deos a prometteo a Abraõ
os seus descendentes os Israelitas. Na primeira jornada l
Deos esta promessa, e elle agradecido lhe levantou hum
de pedras, parou depois entre Betel, e Hai, onde fez c
levantou altar, dahi caminhou mais para o Meyo dia, e
naquella Regiaõ havia fome universal nesse tempo, pa
Egypto, e disse a sua mulher Sara, que a todos dissesse q
sua irmãa, temendo que, se soubesse que ella era sua mu
o matassem para lha tirarem: com effeito apenas entr
Egypto gavaraõ todos ao Rey Farao a formosura de S
elle cuidando que era irmãa de Abraõ a mandou busca

sem mais condiçaõ que entregar-lhe os homens, e mulhe
porém Abraõ summamente generoso jurou que naõ qu
cousa alguma dos despojos, excepto o que comeraõ os
Soldados, e as partes, que pertenciaõ a Aner, Escol, e M
bre, que o tinhaõ acompanhado; paraque nunca o tal I
dicesse que o tinha feito rico. Ao mesmo tempo chegou M
chisedech, Rey de Salem Sacerdote de Deos, figura de C
sto, offerecendo por Abraõ paõ, e vinho, figura do Sacram
to da Eucaristia; ao qual, depois de recebidas as bençoes,
fereceo Abraõ dizimos de tudo. Depois disto confirmou D
a Abraõ as promessas, que lhe tinha feito, com palavras, e
sões, dando-lhe a conhecer o que haviaõ de tolerar no E
pto seus netos, o muito, que haviaõ de multiplicar, e out
futuros; porque Abraõ se lhe queixou de que naõ tinha filh
Neste tempo vendo Sarai que naõ concebia, deo a seu mar
huma escrava, chamada Agar, natural de Egypto, para
uzasse della, e lhe parisse no regaço, para chamar seus aos
lhos da escrava, costume licito naquelles seculos, em qu
propagaçaõ, e naõ o vicio era todo o objecto dos casados: c
cebeo Agar, e logo cheya de soberba com a sua fortuna, d
prezava sua senhora Sara, a qual se queixou ao marido, e
lhe disse que a tratasse como quizesse, de que se seguio n
tratalla Sarai, e fugir ella para o deserto, onde lhe appare
hum Anjo, e lhe disse que fosse para casa, e se humilhasse a
senhora Sarai; porque havia de parir hum filho, do qual h
de ter innumeravel descendencia, e puzesse o nome de Ism
succedeo isto junto a hum poço a quem ella pôs o nome
que vive, e me ve. O qual ainda existe entre Cades, e Barad
rio Agar hum filho, tendo Abraõ oitenta e seis annos, cha
se Ismael como ordenava o Anjo; e dahi a doze annos ent
do Abraõ nos noventa e nove, lhe ratificou Deos outra ve
promessas antigas, sendo a mayor de todas que havia de
hum filho, a quem havia de dar a sua bençaõ, pay de innu
raveis gentes, e Rey; mudou os nomes a Abraõ, e Sarai, c
mando que dahi por diante se chamasse Abrahaõ, e a mu
Sa

ı, e logo ſe circumcidaſſe elle, e todos os homens da ſua
ilia, e que todos os meninos ſe circumcidaſſem ao oitavo
depois do nacimento; fez Abrahaõ o que Deos lhe orde-
ı, e no anno de 2138 o viſitaraõ os Anjos, ſendo tres aão
hum a figura do Myſterio da SS. Trindade, prometteraõ-
que no anno ſeguinte lhe havia de parir Sara Iſaac, a qual
indo iſto ſe rio; porque ambos eraõ muito velhos, elle paſ-
ı de cem, e ella de noventa: reprehenderaõ-a os Anjos,
firmaraõ a promeſſa, revelaraõ a Abrahaõ que vinhaõ c:-
ar Sodoma, e Gomorra, com as cidades vizinhas, interce-
Abrahaõ, pedindo que, ſe naquelles póvos houveſſe ſin-
nta, ou quarenta, ou trinta, ou vinte, ou ao menos dez ju-
ʒ, ſuſpendeſſe o caſtigo, e Deos prompto para o fazer aſ-
; mas como naõ havia mais que quatro, que eraõ Lot, ſua
lher, e duas filhas, entraraõ os Anjos em Sodoma, hoſpe-
ı-os Lot em ſua caſa, e os Sodomitas, como já ouviſtes,
ȝ taõ peſſimos, que julgando ſerem homens os Anjos, cer-
ıõ a caſa de Lot todos, paraque lhos entregaſſe para o pec-
o nefando; caſtigaraõ os Anjos eſta barbaridade cegan-
os, e diſſeraõ a Lot avizaſſe a ſeus parentes para ſahirem
ı elle da cidade; porque nada podiaõ obrar em quanto a-
lli eſtiveſſe: avizou elle dous homens, que eſtavaõ para
ar com duas filhas, que ſó tinha, e elles cuidaraõ que zom-
ʼa, pela manhãa requeriaõ os Anjos que ſahiſſe elle com
as, e mulher, e fugiſſe para os montes, e vendo a tardança
uzeraõ na rua com a familia, recommendando-lhes que
olhaſſem para traz; porém a mulher de Lot quebrou o
ceito, e em caſtigo ſe converteo alli em eſtatua de Sal.
n fogo ſubmergio Deos logo Sodoma, e as mais cidades,
ı lugar dellas ficou o mar morto, aſſim chamado, porque
aõ move; vai nelle ao fundo tudo o que he leve, e nada
e tudo, o que he pezado. Salvou-ſe Lot nos montes com
lhas, as quaes julgando que o mundo ſe tinha acabado, le-
as ſó do deſejo de o reſtaurar, déraõ ao pay demaziado vi-
em duas noites, e conceberaõ delle ambas; huma pario

Moab-

Moab de quem descenderaõ os Moabitas; outra Amon qual os Amonitas. Peregrinou novamente Abrahaõ, e tou no sitio chamado Geraris; o que sabendo o Rey de ra Abimelec, e constando-lhe a formosura de Sara, a qu ia ser irmãa de Abrahaõ, como no Egypto dissera, a ma buscar para sua espoza; porém Deos naõ permittio qu cafe: appareceo ao Rey em sonhos nessa noite, diz lhe quem era Abrahaõ, e Sara, que lhe perdoava por cai ignorancia; porém que, se a naõ entregasse logo, morre toda a sua familia. Levantou-se logo Abimelec, mandou mar Abrahaõ, entregou-lhe Sara com hum mimo de ov boys, escravos, e escravas, offerecendo-lhe para habitaç das as suas terras, e mil dinheiros de prata para hum v cabeça para Sara. Naõ obstante a ignorancia de Abim sempre Deos tinha castigado toda a sua casa com ester de, que cessou fazendo Abrahaõ oraçaõ por elle. N Isaac, como Deos tinha promettido a Abrahaõ, e Sara no de 2139 do mundo, tendo seu pay cem annos, e a mãy de noventa; porque já os tinha antes de conceber. Ella o nos seus peitos, e por isso dizia Abrahaõ: *Quem havia d que Sara velha havia de ter leite.* No dia, em que se desma fez o pay hum notavel banquete; mas vendo Sara ne Ismael, filho da sua escrava, e de Abrahaõ, brincando c filho Isaac, disse ao marido que lançasse fóra a escrava, lho; porque naõ havia de ser herdeiro com o seu. Muit tio isto Abrahaõ, mas Deos nessa noite o consolou diz lhe fizesse o que lhe dizia Sara; porque em Isaac he que via de augmentar a sua geraçaõ, e que elle faria pay de gentes Ismael. Levantou-se Abrahaõ pela manhãa, e p hombros de Agar, mãy de Ismael, huns alforjes com hum odre de agua, entregou-lhe o filho, e mandou-a en Sahio Agar chorando pelo dezerto; e tanto que se lhe a a agua, lançou o menino debaixo de huma arvore, e f tar-se debaixo de outra, distante hum tiro de seta para *vêr expirar.* Alli chorava a sua disgraça, quando hum Ar

Abrahaõ comprou por 400 ſiclos de prata hum campo, em que havia hum Sepulcro com duas covas para ſepultalla;era o campo de Ephon Hetheo,homem poderoſo,e de muito brio, que de graça lho offerecia;nelle ſe vem ainda hoje ſeis ſepulturas de tres Patriarcas,e ſuas mulheres,Abrahaõ,e Sara,Iſaac, Rebeca,Jacob,e Lia.Já li que chamavaõ a eſte ſepulcro cova dobrada,como diz o texto;porque nelle ficava o corpo ſentado em huma cova, e com as pernas em outras; lá eſtive,e o que vi,e todos vem, he huma grande caſa, ou cova aberta em huma penha, e dentro outra onde eſtaõ os corpos, e á roda hum como alpendre; e iſto he que diz a Eſcripta nas palavras cova dobrada. Depois das exequias de Sara mandou Abrahaõ hum criado antigo juramentado a Meſopotamia buſcar para eſpoſa de Iſaac alguma de ſuas primas; o que elle fez; e para acertar na eſcolha pedio a Deos lha moſtraſſe com o ſignal de lhe offerecer agua para ſi,e para os ſeus camellos,pedindo-lha elle ſó para ſi, junto á fonte da cidade, aſſim ſuccedeo; porque de tarde quando as donzellas da povoaçaõ coſtumaõ vir buſcar agua, a primeira que veyo foi Rebecca, donzella formoſiſſima,filha de Batuel, neta de Nachor,irmaõ de Abrahaõ,e de Melcha ſua mulher,ſobrinha de Iſaac, primo de Batuel. Deixou-a encher a vazilha de agua, e quando ella a pôz á cabeça, e quiz voltar para caſa, pedio o criado de Abrahaõ que lhe deſſe agua,o que ella fez logo, e tanto que bebeo,diſſe que daria tambem agua aos camellos; o que logo executou: diſſe-lhe entaõ o criado com as arrecadas, e manilhas na maõ cheyo de guſto, e goſto: *De quem es filha? ha lugar em tua caſa para ficar?* Ella lhe contou a ſua genealogia, e chegando a caſa contou o que lhe ſuccedêra, fez que ſeu irmaõ vieſſe buſcar o criado de Abrahaõ,o qual ajuſtou o caſamento antes de comer, deo-lhe as prendas,e conduſio-a com a Ama que a criara, e outras moças de ſerviço; Iſaac a recebo na caſa de ſua mãy Sara defunta, e ella o conſolou na ſua falta.

FIM DA VIGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto. 1763.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIV.

DEpois dos desposorios de Isaac (disse o Theologo) casou Abrahaõ segunda vez com Cetura, da qual teve seis filhos, e morreo de cento e setenta e sinco annos, sepultaraõ-o na cova, que já vos disse, seus dous filhos Ismael, e Isaac; em vida separou de Isaac todos os filhos, que tinha de concubinas, aos quaes na morte deixou legados, e dadivas; porém a Isaac deixou tudo o que tinha. Naõ cuideis que estas concubinas eraõ mancebas, como vulgarmente vos explicais; na Ley natural era licito ter muitas mulheres, sendo huma a principal, para ter muitos filhos, e propagar o genero humano; e as mulheres em cessando de ter filhos, offereciaõ aos maridos as concubinas para ao menos os verem nacer dellas. Depois da morte de Abrahaõ, vendo Isaac que sua mulher Rebecca era esteril, rogou a Deos por ella, e concebeo dous meninos bem differentes em tudo; o primogenito era cabelludo por todo o corpo, e assim naceo, e se chamou Esaú; o segundo gentil, e se chamou Jacob. O primeiro era de genio feroz, caçador insigne, e muito amado do pay, porque lhe trazia caça para elle comer. O segundo era manso, pacifico, e amigo de estar em casa, por isso muito amado da máy; hum dia veyo Esaú da caça com grande fome, achou Jacob guizando humas lentilhas, pedio-lhe que lhas desse para se refazer, e Jacob disse que de boa vontade, com tanto que por ellas lhe vendesse a primogenitura, que consistia na especial benção, que os pays davaõ antes da morte ao primeiro filho, e Esaú apertado da fome fez a venda. Sobreveyo nova fome ao Paiz, em que

Isaac morava; disse-lhe Deos que naõ fosse para Egypto;p
que elle com a familia entrou na cidade de Gerara, onde l
succedeo quasi o mesmo que a seu pay Abrahaõ, quando p
evitar outra fome foi peregrino nella; era vivo o Rey Abin
... e Isaac temendo o matassem, para lhe tirarem sua mull
a formosa Rebecca, disse que ella era sua irmãa. O Rey, q
estava lembrado do que lhe succedera com Abrahaõ, passac
dias vigiou as acções de Isaac quando podia estar só c
Rebecca, e por ellas conheceo que era seu marido; chamou-
e depois de o reprehender pelo engano, mandou a todo o p
vo, sobpena de morte, que ninguem tocasse em Rebecca m
lher de Isaac, o qual com a bençaõ de Deos creceo em riqu
zas de tal sorte em Gerara, que o Rey o mandou sahir d
suas terras, e depois teve varias dissensões com os vassall
sobre o dominio dos poços, que lhe entupiraõ por inveja, r
zaõ porque se mudou para outros sitios, e abrio outros poç
Em Bersabee lhe appareceo Deos huma noite, e lhe conf
mou as promessas feitas a seu pay, e no mesmo sitio o ve
buscar o Rey Abimelec com o seu General, obrigados co
disseraõ, do conhecimento de que Deos era seu amigo, e
Bersabee ajustaraõ paz para sempre, e quando a estavaõ j
rando, chegaraõ os criados de Isaac com a noticia de que
nhaõ achado muita agua, razaõ porque chamou áquelle l
gar: *Abundancia*. Esaú sendo de quarenta annos casou com du
mulheres daquella Regiaõ, das quaes nunca gostaraõ se
pays, de sorte que Rebecca determinou logo casar o seu q
rido Jacob com alguma filha de seu irmaõ Labaõ, mora
em Mesopotamia. Achava-se Isaac já muito velho, e ceg
chamou hum dia a seu amado filho Esaú, e disse-lhe fosse c
çar, e lhe trouxesse guizado de seu gosto para lhe dar a be
çaõ de primogenito; ouvio isto Rebecca, chamou Jacob, ord
nou-lhe que fosse buscar os dous melhores cabritos, dos qu
faria para Isaac guizados gostozos, que elle lhe levaria, e ass
o pay lhe daria a bençaõ, que promettêra a Esaú. Repugn
va Jacob, porque, como naõ era cabelludo, e o pay era ceg

tem

que o apalpasse, e, conhecido o engano, lhe lançasse almaldiçaõ em lugar de bençaõ; mas a mãy ateimou dique tomava a maldiçaõ sobre si; vieraõ os cabritos, fez ados, vestio Jacob com os vestidos excellentes de Esaú. rios do primogenito, e para o disfarçar de todo lhe comãos, e pescoço com as pelles de cabrito. Preparado acob chegou ao pay com os guizados, e paõ; perguntac quem era, e respondeo que era seu filho primogeniú; porém o velho santo desconhecendo a voz mandou-o r, e apalpou-o; mas achando as pelles naõ conheceo o o, se bem disse logo, que a voz era de Jacob, mas que s eraõ de Esaú; tal, e tanto era o cabello, que elle tinha orpo, que se enganou o pay com pelles de cabrito. Cosaac, bebeo vinho, pedio ao filho hum osculo, e deo-lhe aõ de primogenito, constituindo-o senhor de seus irrico, abençoado de Deos, amaldiçoou todos os seus ini-, e abençoou todos os que lhe quizessem bem. Apenas acabou a bençaõ, e Jacob sahio da casa, em que a recentrou Esaú com a caça fez os guizados, e levou-os ao qual pafinou conhecendo o engano de Jacob: Esaú grie lhe desse a bençaõ, Isaac dizia que já a tinha dado a aõ; e que havia de ser bemdito; Esaú queria segunda; replicava que ja tinha feito a Jacob seu senhor. Em fim, do o chorar com excesso, lhe deo outra bençaõ, dizenentre as palavras os trabalhos da sua descendencia; a Jalha dito: *Deos te de orvalho do Ceo, e do succo da terra abunle paõ, e vinho, sirvaõ-te os povos, adorem-te as Tribus, sejas le teus irmãos, e ajoelhem diante de ti os filhos de tua may &c.* á disse: *No succo da terra, e orvalho do Ceo será a tua bençaõ; da espada, servirás a teu irmaõ; porém virá tempo, em que tirarás o pescoço o jugo.* Ficou daqui Esaú com odio a seu irmaõ e protestou o havia de matar no dia, em que morresse o que sabendo Rebecca, o disse ao filho, e lhe aconseue fosse para casa de seu tio Labaõ em Mesopotamia, lgr a cólera de Esaú, e disse ao marido que vivia desgos-

ſtoſa com as noras, mulheres de Eſaú, ſe ſeu filho Jacob caʒaſſe com mulher daquella terra, naõ queria viver. Iſaac, que ſummamente a amava, chamou Jacob, lançou-lhe a bençaõ, mandou-lhe que naõ caſaſſe com mulher daquella terra, mas ſim que foſſe para Meſopotamia para caſa de ſeu avô Batuel, e lá caſaſſe com alguma prima ſua, filha de ſeu tio Labaõ. Soube iſto Eſaú, e vendo que ſeus pays naõ goſtavaõ das mulheres, que elle tinha, por ſerem da terra de Chanaan, e que Jacob, por ſer obediente, hia bem aviado caſar na caſa de ſeu avô, e tio, quiz fazer o meſmo, e caſou com Maheleth, filha de Iſmael, irmãa de Iſaac ſua prima com irmaõ, e ficou tendo tres mulheres. Sahio Jacob de Berſabee, e tanto que anoiteceo fez cabeceira das pedras do campo, e dormio; em ſonhos vio logo huma eſcada que chegava do Ceo á terra; vio Deos encoſtado nella, huns julgaõ que no primeiro degráo junto á terra, outros que no ultimo junto ao Ceo; vio Anjos que ſubiaõ pela eſcada, e deſciaõ, e ouvio a voz de Deos que lhe confirmava as promeſſas feitas a ſeu avô, e pay; levantou-ſe admirado, dizendo que verdadeiramente Deos eſtava naquelle lugar terrivel, ſem elle o ſaber; levantou huma pedra da cabeceira para memoria, e lançando-lhe azeite a deixou ſignalada, proteſtando que, ſe Deos lhe deſſe de comer, e veſtir, e o trouxeſſe proſperamente para caſa de ſeu pay, álem do eſpecial culto, e adoraçaõ, aquella pedra ſe chamaria *Caſa de Deos*, a quem offereceria dizimos de tudo, o que foſſe ſervido dar-lhe. Caminhou daqui para o Oriente, e vio hum poço, e tres rebanhos de ovelhas deitadas junto a elle, porque era coſtume juntarem-ſe todos os rebanhos, que ſó tinhaõ agua daquelle poço para beberem; e quando eſtavaõ todos juntos os Paſtores unidos tiravaõ huma grande pedra, que o tapava, e tanto que bebia o gado o cobriaõ. Perguntou elle donde eraõ; e ſabendo que de Haran, inquirio ſe era vivo ſeu tio Labaõ, ao que reſpondêraõ que eſtava ſaõ, e que ſua filha Rachel já vinha com o ſeu rebanho; e arguindo-os porque naõ davaõ já agua ás ovelhas, diſſeraõ que naõ podiaõ levantar a
grande

pedra, sem se juntarem todos os pastores; neste tempo
í Rachel, e sabendo Jacob que era sua prima, elle só
io o poço, e depois que ella deo de beber ao seu re-
a beijou, chorando, e lhe disse que era seu primo, o
, depressa foi dizer ao pay, e elle veyo buscar o sobri-
n as demonstrações do mayor affecto; e depois de hum
hospedagem lhe disse naõ era justo o servisse de gra-
ser seu parente; offereceo-se logo generosamente Ja-
servillo sete annos por sua filha mais moça Rachel, ao
respondeo com rusticidade: *Melhor he que caze comtigo,*
om outro. Servio Jacob sete annos, que lhe pareceraõ
dias, e pedio que lhe dessem Rachel; porém o tio, e
dolatra, e rustico depois do festejo, e banquete lhe in-
io na cama a filha mais velha, chamada Lia, achacada
ios, engano, que só conheceo Jacob pela manhãa, e
ndo-se delle, lhe respondeo com falsidade, e avareza o
que naquelle Paiz naõ costumavaõ casar primeiro as
oças do que as mais velhas, que passasse com Lia aquel-
na, e lhe daria Rachel, pela qual o havia de servir ou-
e annos. Soffreo Jacob; passou-se a semana, recebeo Ra-
quem só amava, desgostou da primeira, que lhe déraõ
ça; porém Deos, que julga de outra sorte, fez Rachel
, e Lia fecunda de sorte, que successivamente pario qua-
os, primeiro Ruben, segundo Simeaõ, terceiro Levi,
Judas, e cessou de parir. Rachel afflicta porque naõ
lhos disse ao marido que lhos desse, álias que morria;
elle enfadado respondeo que naõ era Deos, que a ti-
vado do fructo do seu ventre; e ella para ao menos ter
he chamasse mãy, lhe pedio usasse de sua escrava Balâa
e parir no regaço; o que elle fez, e pario Nephtali; Lia
no tempo invejosa de que a irmãa tivesse filhos desto
pedio ao marido que usasse de Zelpha sua escrava, da
ceo Aser; ouvio depois Deos os rogos de Lia, e pario
no anno seguinte a Zabulon, e ultimamente huma filha
la Dina. Compadeceo-se Deos de Rachel, e pario Jo-
seph,

feph, e depois em Chanaan Bejamin, de cujo parto morre
No anno de 2199, em que nacèraõ Jacob, e Efaú, fundou In
cho a Monarquia dos Gregos, que tantos feculos floreceo e
Armas, e fciencias, e hoje, em caftigo da defobediencia ao Su
mo Pontifice, he a coufa mais vil, e ignorante da Europa. N
anno de 2258, quarenta e finco annos depois da morte d
Abrahaõ, houve huma inundaçaõ notavel em toda a provi
cia de Achaya, a que chamaraõ diluvio de Ogiges, Rey ne
fe tempo da principal cidade. Jacob, tanto que Rachel pari
Jofeph, quiz vir para cafa de feu pay com fuas mulheres, e fi
lhos; porém o fogro, e tio, que fó foi rico depois que lhe en
trou em cafa Jacob abençoado, para o reter aceitou o partid
que lhe fez. Separaraõ-fe todas as ovelhas, e cabras de diverfa
cores, e entregaraõ-fe a Jacob, as brancas, e pretas aos filho
de Labaõ, com o partido que affim eftas, que lhe entregara
como todas as mais, que nacessem com diverfas cores, feri
de Jacob, e as que nacessem todas brancas, ou todas negras fe
riaõ de Labaõ. Sahiraõ a paftar dahi por diante os rebanh
feparados, mas Jacob infpirado por Deos, de que na fua def
cendencia havia de incarnar, e verificava a cada inftante a ben
çaõ, que feu pay lhe déra, poz nos canaes da agua ao meyodia
humas varas verdes de diverfas arvores, e como as ovelhas de
pois de beberem cohabitavaõ, e concebiaõ tendo diante do
olhos as varas, que mettidas na corrente das aguas moftrava
diverfas cores, todos os filhos, e filhas, que concebiaõ ao mey
dia eraõ de Jacob; de tarde porém, quando era menos certo
conceberem, naõ lhe punha Jacob as varas, e fahiaõ as criaçõ
todas brancas, ou todas pretas, como os pays, e eftas eraõ
Labaõ; de forte que em pouco tempo foi Jacob riquiffimo
gados, e efcravos, camellos, e jumentos; o que vendo Laba
dez vezes mudou o ajufte, humas vezes querendo as branc
ou pretas, outras querendo as de diverfa côr, e pelo contrari
até que Deos diffe a Jacob que foffe para a fua terra, e elle d
pois de o communicar a fuas mulheres, fugio com ellas em
mellos, e com tudo, o que tinha, a tempo que o fogro efta
aufen

ente assistindo á tosquia das ovelhas; porém lá lhe chegou oticia do terceiro dia de jornada, e juntando os parentes canhou sete dias para o alcançar, exasperado, porque Rachel, n dizer cousa alguma ao marido, na despedida furtou os idos do pay, não para os adorar, porque cria no verdadeiro Deos, as para os desfazer, e para tirar ao pay a occasiaõ de idolar. Na noite antes de Labaõ alcançar Jacob, lhe fallou hum njo em nome de Deos, e lhe ordenou que naõ fallasse aspe a Jacob; o que elle fez; mas queixou-se de lhe naõ permittos ultimos abraços a filhas, e netos, e mais que tudo de lhe rtar os Deoses. Jacob que naõ sabia o que Rachel fizera, clamava dizendo que morresse perante todos os parentes aquelle, n cujo fato se achasse o furto, e que o buscasse elle em todas tendas, ou choupanas; o que fez: e sentindo Rachel que o y entravá na sua, para lhe dar busca, esconde o os idolos deixo de huma albarda de camello, e sentou-se sobre ella, enm o pay afflicto a buscar tudo, e ella sem se levantar lhe se: *Naõ se enfade, meu senhor, porque na sua presença me naõ levanto; porque me succedeo agora o que costuma succeder as mulheres.* Ao sto disto sahio o pay satisfeito, e Jacob ufano o reconveno do testimunho, e escrutinio do seu fato; em fim sobre hum nde monte de pedras, que todos levantaraõ, e sobre o qual dos comeraõ, se ajustaraõ as pazes, e se despediraõ na noite guinte, Labaõ para sua casa, e Jacob para Chanaan; no priiro dia de jornada encontrou huns Anjos, e chamou ao sitio rayal, mandou huma embaixada, e presente a seu irmaõ Esaú e vivia rico, e poderoso no monte Seir, terra de Edom, o al o veyo buscar com quatrocentos homens: o que sabendo cob temeo, e depois de pedir a Deos soccorro, dividio em vas esquadras a familia, as tres primeiras eraõ do prezente, deis as escravas concubinas com seus filhos, familia, e fato, deis Lia do mesmo modo, e ultimamente Rachel com Joseph, companhamento, fazendo juizo que, se Esaú se naõ aplacasse com o prezente, e lhe investisse as primeiras esquadras das ncubinas, entretanto se salvariaõ outras. Passaraõ todos for-

mados

mados o váo de Jacob, e ficou fó da outra parte Jacob;
noite lutou com elle hum homem fem poder vencello, e
o fazer lhe tocou o nervo da perna, que fe encolheo, e
Jacob coxo, pedio-lhe que o deixaffe, porque nacia a Au
ateimando Jacob que, fem lhe dar a bençaõ, o naõ faria;
abençoou no mefmo fitio, e diffe que, fe com Deos fôra
te, muito melhor feria vencedor de homens; mudou-lhe
me de Jacob em Ifrael, que quer dizer: *o que prevaleffe a*
Naõ quiz dizer-lhe o nome, e aufentou-fe; daqui veyo c
rem-fe Ifraelitas os defcendentes de Jacob, e naõ comerer
vo, porque fe encolheo, e murchou o da perna de feu av
pareceo logo Efaú com os 400 homens, pez Jacob em or
familia, e tomando a vanguarda adorou poftrado por terr
vezes a feu irmaõ, antes que elle chegaffe. Ceifou todo o
vendo as lagrimas de alegria, e ternura, com que Efaú o
beo nos braços com faudozos ofculos: foi neceffario gr
inftancias para lhe aceitar alguma coufa, e para o naõ acr
nhar; defpediraõ-fe com o mefmo affecto, mimo, e fauda
minhou Jacob para Soccoth, onde defcançou, e depois n
zinhanças de Sichem, cidade grande. Dina, filha de Jacob,
hum dia movida de curiofidade mulheril a vêr as mulhe
Sichem, vio-a o Principe Sichem, filho de Hemor, de que
a cidade, e foi tal o amor, que a levou furtada, e a violou.
logo ao pay lha deffe por mulher, o que elle fez offerece
Jacob, e feus filhos terra, dinheiros, cafamentos, e contrat
rém elles refpondendo que primeiro fe haviaõ de circun
todos os Sichemitas; o q logo fizeraõ por comprazer ao
cipe Hemor, e a feu filho; porém Simeaõ, e Levi irmãos
na entraraõ na cidade de Sichem no terceiro, em q as do
circumcifaõ chegaõ a intoleraveis, e mataraõ todos os h
com Hemor, e feu filho; acodiraõ os outros filhos de Jac
quearaõ a cidade, trouxeraõ captivos todos os meninos,
lheres com todos os gados, e reftituiraõ a Jacob fua filha
fó Jacob eftranhou o exceffo, temendo ficar no odio d
ções vizinhas. FIM DA VIGESIMAQUARTA PAR

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças nec

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E IGNORANTES.
CONFERENCIA XXV.

ORdenou Deos a Jacob (disse o Theologo) que mudasse a sua habitaçaõ para Betel, onde lhe appareceo quando fugia de Esaú para Mesopotamia. Jacob, para melhor edecer, mandou a toda a familia lhe entregasse os idolos, e tivessem, e os seus ornatos, o que tudo enterrou antes de rtir, e Deos atemorizou todos os vizinhos de sorte, que neum se atreveo a seguillo. Em Betel levantou novo altar, e ereceo Sacrificio a Deos, que naquelle lugar lhe tinha feitaõ grandes mercês: alli morreo Debora, ama de Rebecca: assando depois todos para Efrata, morreo Rebecca do parde Benjamin. Chegou finalmente Jacob á presença de seu Isaac com doze filhos de Lia, Ruben primogenito. Simaõ, Levi, Judas, Issachar, e Zabulon, de Rachel Joseph, e njamin, de Bala, escrava de Rachel, Dan, e Nephthali; de lpha, escrava de Lia, Gad, e Aser. Morreo Isaac no anno mundo 2318, tendo de idade cento e oitenta; foi sepultado r seus filhos Esaú, e Jacob na cova dobrada, de que já tens noticia. Amava Jacob com excesso a seu filho Joseph, por o primogenito da sua querida Rachel, e ser muito prendae prenda, que adquirira depois de velho. Por este mimo, e rque tinha accusado ao pay seus irmãos de hum crime pesno, lhe tinhaõ elles odio. Achava-se na idade de dezaseis nos quando sonhou que o Sol, a Lua, e as Estrellas o adoraõ; e outra noite, que estavaõ atando no campo paveas de trie que a sua se levantava, e era adorada das outras. Estes sos fôraõ causa de que os irmãos o aborrecessem mais; e o

pay, que nelles conhecia misterio, q̃ considerava callado, sem pre o reprehendeo em publico dizendo: *Por ventura eu, e tua mãi e irmãos te havemos de adorar nesta vida?* Guardavaõ os filhos de Jacob os gados em hum sitio distante; e o pay, (que a todos amava com extremo tal, que sabendo, e sentindo o pessimo crime de seu primogenito Ruben, que em Efrata dormio com Bala, até a hora da morte fez que o naõ sabia) mandou Joseph visitar, e saber noticias de seus irmãos; apenas elles o viraõ ao longe, disseraõ: *Lá vem o sonhador, matemolo, e veremos de que lhe aproveitaõ os sonhos; lancemolo em huma cisterna velha, e diremos que huma horrivel fera o comeo.* Ruben ouvindo isto, e desejando livrallo, e ao pay do disgosto, dizia que o lançassem na cisterna vivo, fazendo tençaõ de o tirar della logo, e mandallo para casa: assim o fizeraõ, despiraõ-o da tunica excellente, que o pay lhe tinha dado, lançaraõ-o por cordas na cisterna, e sentaraõ-se a comer: neste tempo passaraõ huns mercadores Medianitas com camellos carregados de aromas, e outras drogas para Egypto: e Judas, que ignorava a boa tençaõ de Ruben, que estava auzente, e desejava, como elle, livrar a Joseph da morte, persuadio aos irmãos que o vendessem aos Madianitas porque era melhor isso, do que deixallo morrer na cisterna de necessidade. Ajustaraõ a venda em vinte dinheiros de prata, e tirando-o da cisterna lho entregaraõ. Chegou Ruben pouco depois, e naõ o achando na cisterna, rasgou os vestidos com sentimento, os outros tingiraõ a tunica de Joseph com sangue de cabrito, mandaraõ mostralla a Jacob por hum mensageiro; e o santo velho conhecendo que era do seu querido Joseph, vendo o sangue assentou que alguma fera o tinha comido; rasgou os vestidos, vestio-se de cilicio, chorando muito tempo sem ser possivel consolar-se com a companhia, e conselhos de todos os outros filhos, antes protestando que havia de descer ao Limbo chorando o seu filho amado. Entretanto chegou a Egypto Joseph escravo dos Madianitas, aos quaes o comprou Putifar Egypcio, Principe do exercito de Faraó; o qual conhecendo que Deos ajudava a Joseph, lhe entregou toda a sua casa

ſa, e governo della, a qual nas mãos de Joſeph creſceo de ſorte, que Putifar em breve tempo ſe vio rico, quando aliàs antes de comprar Joſeph ſó tinha paõ para comer. Namorou-ſe de Joſeph a mulher de Putifar; e huma manhãa entrando elle na ſua camera a negocio preciſo para o governo da caſa, o ſolicitou; reſiſtio elle deteſtando a culpa, e aleivoſia; e ella mais tentada com o deſprezo, o ſegurou pela capa, a qual elle lhe largou nas mãos, e fugio. Converteo-ſe em odio o amor; e tanto que veyo Putifar para caſa, lhe diſſe a mulher, que o eſcravo Hebreo a tinha ſolicitado, e ella reſiſtira, em ſignal do que lhe ficara nas mãos a capa: ó marido cégo da cólera, ſem ouvir Joſeph, nem mais conſideraçaõ alguma, o mandou para a cadêa, onde Deos lhe deo tal graça com o carcereiro, que lhe entregou todos os prezos; dous delles eraõ o copeiro, e cozinheiro de Faraó, o primeiro ſonhou que tinha diante de ſi huma vide, da qual ſahiaõ tres varas, e depois tres cachos, os quaes eſpremia no copo de Faraó, e lho dava a beber; o ſegundo ſonhou q̃ tinha ſobre a cabeça tres canaſtras de farinha, e na mais alta todos os guizados q ſe faziaõ naquelle tempo, os quaes comiaõ as aves: ambos ſe intriſteceraõ; e Joſeph, para os conſolar, lhes perguntou o motivo, e interpretou os ſonhos dizendo ao copeiro q, paſſados tres dias ſignificados nas tres varas, e cachos, o mandaria o Rey ſoltar, e elle lhe levaria á meza o vinho para beber; ao cozinheiro pelo contrario diſſe q, paſſados tres dias ſignificados nas tres canaſtras, o mandaria Faraó crucificar, e as aves lhe comeriaõ as carnes do corpo. Pedio Joſeph ao copeiro q quando ſe viſſe no paço ſe lembraſſe delle, porq fora em Chanaan furtado, e eſtava prezo por hum teſtimunho falſo: em tres dias ſe verificou tudo, o que Joſeph tinha dito, porém o copeiro vendo-ſe reſtituido, naõ ſe lembrou mais de Joſeph, até q̃ huma noite ſonhou Faraó que via ſete vacas muito gordas, e depois ſete muito magras, as quaes comiaõ as gordas: acordou aſſuſtado, e tornando a dormir ſonhou q̃ via ſete eſpigas formoſas, e cheyas, mas logo via outras ſete vazias, e ferrugentas, as quaes engoliaõ as boas. Chamou todos os Sábios para lhe interpre-

pretarem os ſonhos, e nenhum delles lhe achou ſignific
lembrou-ſe entaõ de Joſeph o copeiro, contou a Faraó o q
elle lhe tinha ſuccedido, e mandou Faraó buſcallo logo. T
ta annos de idade tinha Joſeph quando foi ſolto, conto
Faraó os ſonhos, a que elle reſpondeo illuſtrado por Deos
ſete vacas gordas, e as ſete eſpigas cheyas ſignificavaõ ſet
nos de grande fertilidade em todo o Egypto, e as ſete v
ma[illegible]ras, e ſete eſpigas vazias ſignificavaõ ſete annos de fo
havia de padecer o Egypto com tal extremo, q havia de e
cer toda a fertilidade dos primeiros ſete annos: pelo q lh
recia elegeſſe o Rey hum varaõ ſabio para cuidar neſte n
cio, o qual pozeſſe em cada cidade hum Miniſtro, q nos ſe
nos de fertilidade grande recolheſſe em celeiros Reaes a q
ta parte do trigo, para depois acodir com elle á fome, q ſe h
de ſeguir. Agradou-ſe Faraó de Joſeph, e do ſeu conſelh
tal modo, que conheceo eſtava cheyo de eſpirito de Deos;
ſenhor da ſua caſa, e Vice-Rey do Egypto, deo-lhe o ſeu a
para o deſpacho, e mandou q no ſeu ſegundo coche foſſe
duzido por toda a cidade, clamando hum porteiro q todos
lhaſſem diante delle, e ſoubeſſem q governava todo o Eg
caſou-o Faraó com Aſeneth, filha de Putifare Sacerdote;
ſeph viſitando todo o Egypto nos annos da fertilidade
lheo nos celeiros Reaes das cidades tanto trigo, q ſe co
rava com a arêa do mar: vieraõ logo os ſete annos de fom
todas as terras, e tambem no Egypto; clamou a Faraó o
pedindo-lhe paõ, e elle os remetteo a Joſeph, o qual ab
os celeiros vendia o trigo aos Egypcios, e aos extrangeir
que ſabendo Jacob em Chanaan, mandou a Egypto ſeu
filhos a comprar trigo, deixando em caſa ſó Benjamim
ſua conſolaçaõ: chegaraõ á preſença de Joſeph, q logo o
nheceo, mas elles o naõ conheceraõ; fallou-lhes elle aſ
mente depois de o adorarem, e diſſe-lhes que certamente
exploradores, que vinhaõ obſervar os ſitios por onde o E
pto podia ſer conquiſtado; clamavaõ elles dizendo que t
eraõ filhos de hum homem, que morava em Chanaan, e q

ium irmaõ o mais moço ficara em casa com o pay:Joseph atei-
ıava que eraõ traidores;que fosse hum buscar o mais moço,e
s mais ficassem prezos , e com effeito foraõ para a cadêa to-
os, ao terceiro dia mandou soltallos,determinando q hum só
casse prezo,até chegar o irmaõ mais moço,e os outros fossem
om trigo a buscallo;ordenou ao ministro do celleiro,que lhe
nchesse os saccos,e na boca de cada sacco puzesse o dinhei-
o,q competia ao trigo,q levava:apenas deo a sentença prende-
ıõ a Simeaõ,e os irmãos todos vendo esta disgraça,e cuidan-
o q Joseph lhe naõ entendia a lingua (porque para disfarce
ıes fallou por interprete)á vista delle diziaõ huns aos outros:
*ustamente padecemos isto, porque peccamos contra nosso irmaõ Joseph,
m compaixaõ das afflicções da sua alma* : e Ruben que sempre o
uiz livrar,agora os affligia mais dizendo : *Bem vos dizia eu que
aõ lhe fizesseis damno ; eisaqui agora o seu sangue pede justiça sobre
ós*. Tudo isto ouvia Joseph,e lembrado dos sonhos antigos,
etirou-se, chorou, veyo depois com semblante severo,deo as
rdens ultimas,que vos disse, e com o necessario para o cami-
ho,se despediraõ tristes,ficando Simeaõ na cadêa. No fim da
rimeira jornada abriraõ hum saco para darem de comer a
um jumento, e pasmaraõ vendo o dinheiro, mais quando em
odos os saccos o viraõ:chegaraõ a Chanaan contaraõ a Jacob
ıdo, e aqui foi a dôr grande, e paixaõ do velho: *Tiraste-me os
eus os meus filhos; Joseph morto,Simeaõ prezo,e agora quereis tirar-
e Benjamim:naõ ha de ir comvosco o meu querido filho, porque, se lá
e succeder alguma disgraça, hirá a minha velhice cheya de dôr para o
imbo*. Ruben offerecia ao pay lhe matasse dous filhos, se elle
ıe naõ trouxesse Benjamin saõ,e salvo; como se Jacob havia
e matar os netos, ou a morte delles pudesse remedear a falta
e hum filho querido,gerado pela mulher mais amada,e na ve-
ıice:em fim venceo a fome o amor, e Jacob vendo perecer a
ıa familia, entregou Benjamin para vir mais trigo, e resgatar
imeaõ. Trouxeraõ hum presente para Joseph do melhor,que
avia naquelle paiz,e nos vizinhos,e o dinheiro, que acharaõ
os saccos, juntamente com o necessario para a nova compra
do.

do trigo.Soube Joseph que elles tinhaõ chegado,e disse ao dispenseiro que preparasse banquete para elle,e para os hosp
des: disto mesmo desconfiaraõ todos, naõ obstante verem
meaõ solto apenas chegaraõ;e julgando q isto se encaminh
a culpallos de ladrões pelo dinheiro, que acharaõ nos facc
fallaraõ com o dispenseiro nesta materia, o qual lhes soceg
os animos. Veyo Joseph á sala onde estavaõ todos;e elles,t
do cada hum nas mãos parte do presente, o adoraraõ pros
dos por terra:perguntou Joseph se estava saõ o pay;e vio l
seu irmaõ uterino Benjamin:retirou-se a chorar,e limpo o
sto, veyo segunda vez, mandou vir a cea,e comeo em me
parte na mesma sala,observando nisto o fingimento de ser E
pcio,porque naõ costumavaõ os Egypcios comer com os I
breos,e julgaõ torpeza similhante convite. Por ordem ante
dente de Joseph trouxeraõ a Benjamin huma raçaõ taõ g
de,que excedia a sinco das outras,no q repararaõ os outro
mãos,ignorando o motivo;comeraõ,e beberaõ com abund
cia,e tanto que se recolheraõ a dormir,ordenou Joseph ao
dispenseiro,q quando pela manhaã enchessem os saccos de
go para levarem,puzesse o dinheiro que importava o trig
cada sacco na boca delle, como ja tinha feito na primeira
casiaõ,e que na boca do sacco de Benjamin,q era o mais
ço,e irmaõ inteiro de Joseph,álem do dinheiro do trigo,
tesse hum copo de prata,por onde elle bebia.Sahiraõ da c
de contentes na manhãa seguinte , mas a poucos passos
della,viraõ que os seguia apressado,e colerico o dispenseir
Joseph, que elle mandou logo a prendellos; e tanto q che
os arguio de ingratos,e ladrões,porq levavaõ o copo de p
de seu senhor.Elles attonitos.e innocentes,depois de se j
ficarem,assentaraõ q se esquadrinhasse tudo o q levavaõ,e
morresse aquelle,entre cujas alfayas se achasse o copo,e o
tros ficassem escravos de Joseph.O dispenseiro bem instr
por elle no engano,começou o exame no fato do mais ve
e no de Benjamin mais moço achou o copo,q elle mesm
mettera no sacco.Rasgaraõ todos os vestidos(signal do m

ſentimento naquelles ſeculos, em que eraõ mais baratos, porque nada precioſos) carregaraõ os jumentos outra vez, entraraõ na cidade, e proſtrados aos pés de Joſeph, primeiro confeſſaraõ que todos eraõ ſeus eſcravos, porque Deos tinha deſcoberto o ſeu peccado; Judas mais perto, e com mais confiança, porque era o fiador de Benjamin para com o pay, allegou que eſte morreria, ſe elle naõ cumpria a fiança, porque dos mais amados morrera hum chamado Joſeph comido de huma féra, e eſte mais pequeno, filho da meſma mãy, era o que ſó para conſolaçaõ do pay reſtava, de ſorte que elle fiador queria ſer o eſcravo em lugar do menino Benjamin, porque naõ tinha coraçaõ para vêr a morte de ſeu pay, que certamente havia de acabar, ſe elles chegaſſem, e ficaſſe Benjamin; o contrario dizia Joſeph, porque ſó queria foſſe ſeu eſcravo aquelle, em cujo faſto ſe achou o furto: em fim já o coraçaõ de Joſeph naõ podia mais tolerar; mandou ſahir da ſala, em que eſtava, todos os Egypcios, e levantando a voz com pranto, e ſoluço, que ſe ouvio em todo o Palacio diſſe: *Eu ſou Joſeph, chegai-vos a mim, eu ſou Joſeph voſſo irmaõ, a quem vendeſtes aos Madianitas que vinhaõ para Egypto, aonde vim parar naõ por voſſo conſelho, mas por vontade de Deos, que me reſervou para vos ſuſtentar em ſinco annos de fóme que reſtaõ, e nos mais da minha vida. Ide dizer a meu pay toda a minha gloria, e que ſou quaſi pay de Faraó, ſenhor da ſua caſa, e de toda a monarquia.* Com oſculos, e abraços, lagrimas, e ſoluços recebeo a todos, e lhes tirou o paſmo, e medo que os tinha ſem alento ouvindo iſto. Alegrou-ſe Faraó com eſta noticia, e toda a ſua familia, e diſſe a Joſeph mandaſſe carros para conduzirem ſeu pay, e tudo o que tinhaõ em Chanaan, ſem deixar couſa alguma: o q elle executou logo, deo a cada irmaõ dous veſtidos, e a Benjamin ſinco precioſos, e trezentos dinheiros de prata, o meſmo mandou a Jacob ſeu pay com muitas cargas do melhor, que havia no Egypto. Chegaraõ a Chanaan os irmãos de Joſeph, e contaraõ eſte admiravel ſucceſſo ao veneravel pay, o qual o naõ podia crer, e lhe parecia ſonho, mas vendo o q lhe mandava o filho recobrou os eſpiritos dos primeiros annos com o goſto, e dizendo lhe baſtava vêr o ſeu Joſeph antes de acabar a vida, começou a jornada com tudo o que tinha, parou no poço do juramento, onde lhe appareceo Deos, e lhe diſſe foſſe ſem temor, porque elle o *havia de acompanhar*, Conſtava a geraçaõ de Jacob neſte tempo

po

po de ſetenta peſſoas que entraraõ em Egypto, donde (avizado Joſeph por ſeu irmaõ Judas, q o pay mandou diante) ſahio a recebello no ſeu coche, na terra de Geſſen, que lhe intentava dar, por ſer mais fertil para ovelhas. Quem hade dizer o goſto com que Joſeph abraçou o pay, e eſte a Joſeph, q tanto tempo lamentou deſpedaçado, e morto? tanto que as lagrimas o deixaraõ fallar, diſſe Jacob: *Ja morrerei alegre, porque te vi, e te deixo ſaõ, e ſalvo.* Introduzio Joſeph ſinco irmãos na preſença de Farao, e depois o pay, que diſſe ter de idade cento e trinta annos, e q todos eraõ paſtores de ovelhas, conſelho de Joſeph para lhes dar Geſſen, porq os Egypcios abominaõ eſte officio. Farao lhe mandou entregar os ſeus gados, e dar a terra de Rameſſes por ſer a melhor. Creſceo a fome, e faltando o dinheiro deraõ os Egypcios a Joſeph todos os ſeus animaes por trigo, e no anno ſeguinte, naõ tendo já que dar, venderaõ por trigo todas as terras a Faraó, as quaes lhes tornou a dar Joſeph com a condiçaõ de q pagariaõ para ſempre ao Rey a quinta parte de todos os fructos; ao meſmo tempo Jacob, ſeus filhos, e netos gozavaõ a melhor terra, e ſuſtento q lhes dava Joſeph de graça, ventura que ſó gozaraõ no Egypto os Sacerdotes neſſe tempo. No anno de 2345 da creaçaõ do mundo adoeceo Jacob; acodio-lhe logo Joſeph com ſeus filhos Manaſſes, e Efraim para os abençoar, o q elle fez trocando os braços para lhe ficar a maõ direita ſobre a cabeça do mais moço, q diſſe havia de ſer mais famoſo, a cada filho deo ſua bençaõ eſpiritual, e ao mais velho Ruben huma maldiçaõ pelo horrendo crime de dormir com Bala; e depois de profetizar a incarnaçaõ de Chriſto S.N., e muitos futuros precioſos, morreo. Joſeph o mandou embalſamar pelos Medicos da ſua caſa, e acompanhado dos grandes do Egypto com a mayor pompa o foi ſepultar na cova dobrada, como elle ordenara em vida, onde fôraõ tantas as lagrimas q paſmaraõ os póvos vizinhos, e ainda hoje chamaõ *Pranto do Egypto* áquelle ſitio. Tomou Joſeph poſſe da terra, que ſeu pay lhe deixara ganhada por guerra, veyo para Egypto, onde animou os irmãos que temiaõ ſe lembraſſe da offenſa paſſada, depois da morte do pay; e no anno de 2399 morreo, tendo cento e dez annos de idade: profetizou, que Deos havia de tirar do Egypto todos os deſcendentes de ſeu pay Jacob, e tomou juramento aos irmãos, e nelles a todos os futuros, de que lhe levariaõ os oſſos quando ſahiſſem de Egypto. Paſſados annos reinou outro Faraó que naõ conhecera Joſeph; e vendo a innumeravel multidaõ dos netos de Jacob, os começou a vexar, e quiz extinguir, como vos direi em *outra occaſiaõ.*

FIM DA VIGESIMAQUINTA PARTE.

L.S. Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças neceſſ

ACADEMIA
DOS
UMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVI.

[N]O anno de 2328 (disse o Theologo) em que Jacob entrou no Egypto, naceo em Hus povoação notavel nos confins de Idumea, e Arabia o santo Job, eiro neto do irmaõ de Jacob Esau, varaõ simples, recto, ente a Deos, e dito pelo mesmo Deos que naõ tinha o do no seu tempo outro similhante. Os seus bens eraõ mil ovelhas, tres mil camellos, quinhentas juntas de s, e outros tantos jumentos, álem da innumeravel famile criados, e escravos, que era necessaria para esta abe-sa. Tinha sete filhos, e tres filhas, e grandeza tal, que o a ser avaliado pelo maximo entre todos os habitadores Oriente. Para mayor merecimento, e corôa delle, e exemnosso permittio Deos ao demonio, que o persegu isse, e fizesse todo o damno, excepto na alma; e o inimigo do ero humano o executou desta sorte. Faziaõ os filhos Job convites nas suas casas, e convidavaõ para elles suas ans; e o pay pela manhãa muito cedo cada dia offerecia eos holocaustos por cada hum, para que naõ peccassem iendo, ou bebendo com demazia: o que feito cuidava no erno da sua grande casa. Tanto que o demonio teve liça para o perseguir, hum dia que seus filhos, e filhas tiõ hido comer, e beber em casa do primogenito, veyo a hum mensageiro dizendo, os boys laviavaõ, e as jutas pastavaõ junto delles, vieraõ os Sabeos levaraõ tu-

... e escapei eu só para vos dar e
... o caso, quando chegou ou
... do Ceo, e consumira as ovelha
... só para lho dizer: e ao mesmo
... dia tinhaõ vindo os Caldeos e
... levaraõ os camellos, mataraõ o
... elle só para lho dar a saber: e quan
... graça, veyo outro com a peyor not
... filhos, e filhas de Job estavaõ comend
... banquete, e viera da parte do deserto hum
... que fortissimamente combatera os quatro
... casa, a qual cahira sobre todos, e os matara lo
... mais que elle para lho dizer. Afflicto Job co
... desgraças cortou o cabello, rasgou os vestidos, e p
... na terra adorou os decretos da divina provider
dizendo: *Nú sahi do ventre de minha máy, e nú para lá hei*
Senhor o deo, o Senhor o tirou, assim lhe foi agradavel, assim
seja bendito o nome do Senhor. Quiz Deos accrescentar
merecimentos de Job, e permittio ao demonio que s
vez o perseguisse, e elle lhe fez em todo o corpo ta
gas, que sentado em hum monturo raspava com hum
a edionda materia, que tinhaõ: o que sabendo tres
seus, Elifaz, Themanites, Baldad, Suhites, e Sofar, N
thites ajustaraõ vizitallo; vendo-o de longe o naõ co
raõ, e chegando perto, choraraõ, rasgaraõ os vestid
çaraõ terra sobre as cabeças, e sete dias, e outras tan
tes estiveraõ sentados junto a elle, sem nenhum dize
vra, porque viaõ a vehemencia da sua dôr, e admi
sua paciencia, que especialmente tinha mostrado em
sua mulher, a qual antes de o vizitarem estes amigos
reprehendido, dizendo: *Ainda tu permaneces na tua sin*
de? louva a Deos, e morre. Ao que elle respondeo sant
as palavras, que todos nós deviamos trazer sempre
fas no coraçaõ: *Fallaste como huma mulher louca. Se recel*
maõ de Deos os bens, porque naõ havemos de receber os male

te dias, e noites fallou Job, e fallaraõ os amigos, re innocente, recto, e simples, porém os amigos rario, de sorte que hum Anjo fallou a Job em no-os para o consolar, e disse que estava irado contra igos, aos quaes ordenou que para aplacarem a sua m de todos a Job sete touros, e sete carneiros, do lhe offereceriaõ holocausto, e Job faria oraçaõ e assim alcançariaõ perdaõ do que tinhaõ dito; o executaraõ logo, e Deos compadecido de Job, stava orando pelos amigos, além da saude, lhe deo bens do que antes tivera, porque todos os seus irmans o vieraõ vizitar, consolar, e comer com elle, lhe deo huma ovelha, e huma arrecada de ouro, ençoou os bens de Job de tal sorte, que teve dante quatorze mil ovelhas, seis mil camellos, mil boys, e mil jumentas. Naceraõ-lhe sete filhos, e as mais formosas mulheres, que teve o mundo tempo. Viveo Job cento e quarenta annos nesta, vio felices seus filhos, e netos até á quarta gerarreo no anno de dous mil quinhentos e trinta e oide idade duzentos e dez annos, porque aos setenos seus trabalhos, e viveo cento e quarenta depois tiveraõ taõ venturozo fim. No anno de 2338 sete tes da morte de Jacob Esparto filho de Phoroneu o Pennopoleso a cidade de Esparta, na qual os Cie professavaõ a verdadeira Filosofia, o mostravaõ zo, e deixaçaõ dos appetites, e cousas terrenas, e eciaõ ser eleitos Imperadores de Grecia, preferintores aos mais o que constava ser mais virtuoso, mortificado, e dominador dos seus appetites até o eleiçaõ. Agora proseguirei a historia, em que fi- passada Conferencia. Reinou em Egypto hum e naõ conheceo Joseph, vio que eraõ innumera-escendentes de Jacob, temeo prudentemente que ntassem com a Monarquia, ou se juntassem a qual-

 quer

tregaraõ affim fechado a huma irmaã fua,para que o lan fe no rio, e ella compadecida o pôs fóra delle entre os greiros,e de longe eftava vendo o que lhe fuccedia, o fte fitio o puzeraõ os pays, e deixaraõ de vigia a irmãa, talvez fem lho mandarem, ficaffe obrigada fó do amor ...rnal, e efta irmãa fe chamava Maria, nome mifteriozo ... que depois fuccedeo. Nefte tempo fahio a filha do Faraó a lavar-fe no rio, e vendo o cefto na margem o ...ou a huma dama lho trouxeffe, aberto vio a formofur menino,e conheceo que era dos Hebreos,que feu pay o dava matar, e moftrou com extremos ter ... compai Maria, que os vio, chegou a offerecer-fe para lhe bu ama, que o criaffe,e como lhe aceitou a offerta, foi ella preffa bufcar a mãy de Moyfés, e fua, a quem a Prin ignorante do cafo entregou o menino,recommendando na fua criaçaõ o mayor difvelo, e promettendo-lhe agra cimento raro;defta forte foy Moyfés criado fem fuftos feus pays, que tantos tiveraõ para o gozarem affim. Cre Moyfés, e levaraõ-o ao Palacio, onde a filha de Faraó cebeo goftofa, e o adoptou por feu filho, chamando Moyfés, que quer dizer *tirado das aguas*. Deo-lhe Meft que como a filho feu lhe enfinaffem as fciencias do Eg e prefcin...do do que Filo, e Clemente Alexandrin nefte ponto, que Santo Agoftinho julga em parte fal Juftino Martyr diz que os Egypcios tinhaõ duas fal rias, huma que era para todos, conftava de Geometria methica, Aftrologia,e Mufica, e fegundo Diodoro Si Diogenes, Laercio, e Euzebio, eraõ tambem a Fif Theologia natural,ou Mithologia,que tratava da nat e variedade dos feus Deofes, e ceremonias da fua fup çaõ;a outra fabedoria era fagrada,e naõ de todos,a qu mavaõ Hieroglifica eftimada por coufa fingular,a qua Cornelio Tacito) naõ tinhaõ alcançado as outras Na e confiftia em reprefentar as coufas altas por fimbol enigmas, coufa que a antiguidade celebrou em Pyt

o dos adobes fez fahir os Ifraelitas Soldados temî-
com a fua vara fez transformaçoẽs notaveis melhor
Prometheo fingio o gentilifmo ; como tambem fu-
o Ceo, o que fe fingio de Atlante, fufpendendo a
de Deos tantas vezes contra o mefmo pôvo. Refta
efta fujeição que os Ifraelitas padecêraõ foi efcra-
erdadeira, ou fó oppreffaõ odiofa, porque Ariftote-
iv. 3. de Politica cap. 1., e 4. diz que nem os efcravos,
trangeiros faõ membros da Républica, porque a ha-
naõ faz cidadoẽs, mas fim a participaçaõ dos offi-
blicos, e do poder de julgar as caufas, e queftoẽs do
com o que corcorda S. Thomaz; mas aindaque os
parece infinuaõ o contrario dizendo que facodiraõ o
a efcravidaõ, e chamaõ ergaftulo, ou carcere (como
lé) ao lugar onde fe recolhiaõ os Hebreos, he certo
es naõ ferviaõ a peffoa particular, tinhaõ Juizes para
caufas, que Moyfés convocou para dizer-lhes o que
ordenava, e nada difto lhe tirou Faraó, de forte que
os affentar que o receyo do Rey bem fundado, e a
dos vaffallos como diz o texto: *O povo dos Hebreos he
mais forte do que nós*, foi a caufa de os vexarem iniqua-
em obras fuperfluas, como fôraõ as que diffe, e as pi-
es de Egypto na opiniaõ de Jofepho. Naceo em fim
s depois do ultimo, e mais tyranno decreto de lançar
inos no rio Nilo, no anno de 2464, que faõ 1589 an-
nacimento de Chrifto Senhor noffo, feu pay fe cha-
mraõ da Tribu de Levi, logo no nacimento lhe no-
er o mais formozo menino que até aquelle tempo ti-
cido, como o dá a entender S. Paulo; pelo que feus
m temor do horrivel decreto de Faraó, ou, como
epho, por efpecial revelaçaõ, o tiveraõ occulto tres
, no fim dos quaes confiderando a difficuldade de o
er, e a morte que Faraó lhes havia de dar, o metteraõ
na condeça, ou cefto breado por dentro, para impe-
ntrada da agua, e encommendando-o a Deos, o en-
tregaõ.

lentes as desviaraõ, querendo que os seus gados bebessem a agua, que ellas tiraraõ do poço para os seus; Moysés que nunca pôde tolerar injustiças, defendeo as donzellas, fez retirar os pastores, e ajudou-as a tirar toda a agua, que lhes faltava para os seus gados beberem; e ellas, depois de lhe renderem as graças, fôraõ depressa contar ao pay o que lhes succedera, e elle obrigado, e agradecido veyo logo confessar a Moysés que lhe estava devedor pelo que obrara com suas filhas; e Moysés igualmente obrigado da politica, e attençaõ do Sacerdote, jurou ficar com elle em sua casa, para a qual o conduzio logo Jetro, e o casou com huma filha sua chamada Sefora, da qual teve dous filhos, aos quaes nos nomes fez memoria dos mayores casos da sua vida, o primeiro se chamou Jersan, que quer dizer: *Peregrino fui na terra de Egypto*: e o segundo Eliezer que significa: *Deos me livrou do poder de Faraó*. Sefora naõ foi preta, como muitos julgaõ fundados em que o texto lhe chama Ethiopissa, mas sim formosa, e Madianita de Naçaõ, a que a Escriptura chama de Ethiopia, como se vê no capitulo 3. verso 7. do Profeta Abacuc: só esta mulher teve Moysés, e naõ duas, huma de Madian, e outra de Etiopia, como alguns disseraõ enganados com o que ja disse: e aindaque do texto parece se colhe que teve os dous filhos nos primeiros annos de casado, certamente passou mais de trinta annos sem filhos, porque quarenta annos esteve com o sogro, e quando no fim delles o mandou Deos ao Egypto, eraõ os filhos taõ pequenos, que, por naõ poderem andar, os levava o pay em hum jumento, e hum ainda naõ estava circumcidado, pelo que quiz matar o Anjo no caminho; e he certo que desde Abrahaõ se circumcidavaõ no oitavo dia. Vinde logo ouvir o mais gostoso, e digno de saber-se.

FIM DA VIGESIMASEXTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
IUMILDES,
E
IGNORANTES.

ONFERENCIA XXVII.

Onftou a vida de Moyfés (diffe o Theologo) de tres quarentenas de annos, numero mifteriofo, porque quarenta annos efteve no Egypto, quarenta em Madian com gro, e quarenta no deferto com o governo. Em cafa do o foi paftor do feu gado, e finalizados os quarenta annos rviço; e de vexaçaõ dos Hebreos no Egypto oitenta, eo o Faraó que os tinha opprimido, e elles clamaraõ a s que os livraffe daquelle inimigo, que fendo livres, e hofs extrangeiros, e quafi naturaes, porque tinhaõ Magiftraoroprios, os fez fervir oitenta annos como efcravos taõ dos, e afflictos, que diz S. Jeronymo, que nem tempo tió em tantos annos para clamar a Deos, e pedir-lhe reme-Com eltes annos de afflicções incriveis difpunha Deos a na dureza dos coraçoẽs dos Ifraelitas para receberem os es, que lhes havia de fazer, e tinha promettido a feus avós; nem as afflicções, nem os beneficios lhes moderaraõ a du-que até hoje confervaõ obftinados. Ouvio Deos as ora-, e clamores do feu pôvo, que livre das obras por morte ey teve tempo para orar; e hum dia que Moyfés guiou o rebanho mais para o interior do deferto, chegou ao monte eb, que, na opiniaõ de S. Jeronymo he o mefmo, em que is recebeo as taboas com a Ley. Nefte monte, diz Jofehavia excellentes paftos; porém os paftores rudes confer-entre fi a tradiçaõ de que no mais alto morava huma Di-

vindade,e nenhum se atrevia a subillo com o seu gado;
Moysés, ou inspirado por Deos, ou levado da curiosid
averiguar a causa da tradiçaõ (como querem Filo,e Jos
e reconhecer a bondade dos pastos, subio ao mais alto
suas ovelhas, e vio a notavel visaõ, que vinha a ser hu
ça,a que chamamos Espinheiro,ardendo sem se queima
reduzir a cinzas. Attonito Moysés á vista da novidade
tou comsigo ir vêr de perto a causa; porque o Espinhe
dia,e naõ se queimava;porque todas as sciencias, em
consummado no Egypto, lhe naõ manifestavaõ [illegible]
nhecer a possibilidade deste admiravel facto;mas apenas
çou curioso o caminho, ouvio huma voz que lhe disse:
*naõ cheguies mais perto. Tira os sapatos dos pés, porque he sant
ra, onde estás. Eu sou o Senhor que adorou teu pay, Deos de Ab
Isaac, e Jacob.* Ouvindo isto Moysés cobrio o rosto com
raõ, ou capa em signal do temor, e respeito, com que se
fundia; e Deos proseguio dizendo: *Tenho visto a afflicçaõ
povo: as suas queixas por causa da tyrannia dos superintenden
obras me movem a descer para os livrar: apparelha-te, que te
mandar a Faraó paraque dé liberdade aos meus, e quando a conce
os conduzires comtigo, lembre-te offereceres-me sacrificio neste
monte.* Eu hirei, Senhor (disse Moysés) a meus irmãos
raelitas, e lhes direi que mandais vós; porém se elles m
guntarem o vosso nome, dizei-me, vos peço, que hei
ponder: *Eu sou o que sou* (disse Deos), *e dir-lhe-hás que o
por nome o ser te manda a soccorrellos em seu trabalho.* Ainda
sés duvidou que o cressem; e Deos para esforçallo m
ordenou que arrojasse o cajado, que tinha na maõ, o
converteo logo em huma cobra taõ horrenda, que M
fugia della; mandou-lhe Deos que lhe pegasse pela cau
de repente se converteo em cajado:mandou-lhe metter
no seyo, e tirou-a leprosa; mandou que a tornasse a me
tirou-a sem mancha: *Se te naõ derem credito com o primeiro
gio, certamente o daraõ vendo o segundo: e se nem a hum, nem
derem credito, tira agua do rio, lança-a sobre a terra, e converte*

ue Naõ baſtaraõ todos eſtes ſignaes para Moyſés ſe re-
e aſſim replicou a Deos,dizendo que era tardo,e emba-
da lingua, e muito mais depois que lhe fallara: *Naõ re-
ſo* (diſſe Deos) ; *que eu ſou o que fiz os ſurdos, e mudos, et
as pallavras na boca, eu te direi o que hás de fallar.* Ainda iſt
ſtou para alentar Moyſés, e ainda repugnou dizend
r, *Senhor, mandeis quem fores ſervido, que eu para eſte off
no preſtimo.* Enfadou-ſe Deos vendo a repugnancia de
s, e diſſe-lhe : *Teu irmaõ Araõ tem a lingua deſembaraça-
eloquente, eu to dou por companheiro, elle fallará ao Rey, e tu
para com que hás de fazer os prodigios no Egypto: e naõ repug-
.* Chegou Moyſés a caſa do ſogro, e diſſe que queria
Egypto vêr ſe eraõ vivos ſeus irmãos : ſahio com a
r, e dous filhos, como já diſſemos, e animoſo, porque
m Madian lhe diſſe que eraõ mortos no Egypto todos
inimigos, e no caminho, que fizeſſe diante de Faraó
os prodigios, porque elle para mayor gloria ſua lhe ha-
ndurecer o coraçaõ. Neceſſito advertir vos que a Sa-
ſcriptura chama Deos, e Senhor a qualquer Anjo, que
ne de Deos falla aos homens, porque fez a ſua figura, e
o nome do meſmo Deos, dizendo *mando, quero prometto*
mo o diria o meſmo Deos, ſe fallaſſe ás taes peſſoas ;
Deos naõ he o que falla com ellas, he ſim o ſeu Anjo,
niſtro, ſeu ſervo, e ſeu Embaixador ; porque aquella
a Mageſtade de Deos naõ ſe communica com os ho-
eſta vida como muitos cuidaõ, porque tudo, o que lhe
az, he por miniſterio dos Anjos ; e o meſmo faz Chri-
hor noſſo, que ſó eſtá em quanto Homem no Ceo, e
iſſimo Sacramento, (e como elle diſſe a Santa Tereza,
conta) nunca cá veyo depois que ſubio á maõ direita
, e todas as viſões, e apparições aſſim delle como de ſua
ntiſſima, e dos Santos, ſaõ Anjos, que formando cor
ar, ou de outra materia nelles, ou fóra delles, e ſem el-
ō aos homens em nome de Chriſto Senhor noſſo, de-
y, e Santos, que repreſentaõ. Iſto ſuppoſto, na eſtala-

Dd 2 gem

gem o quiz hum Anjo matar, porque hum filho, que l
ainda naõ eſtava circumcidado; o que ſabendo a máy l
huma pedra agudiſſima, e o circumcidou logo; mas ve
enſanguentada, e o menino chorando, diſſe ao marido
verdade era eſpozo de ſangue; e afflicta voltou para o
Rey com os filhos, ſe já naõ he que o marido lhe o
que ſe foſſe para melhor curar o filho, ou para lhe naõ
no Egypto de embaraço. Por ordem de Deos lhe ſa
encontro Aaraõ, a quem Moyſés communicou tudo: e
do ambos no Egypto convocaraõ os mais velhos, cabe
Tribus, e Juizes do pôvo, aos quaes referiraõ tudo, o qu
tinha dito, e ordenado; e para o crerem, fez Moyſés
ſença delles todos os prodigios, aos quaes ſe ſeguio dar
inteiro credito, e poſtrados em terra louvarem a Deos,
mandava livrar de tantas oppreſſões. Daqui fôraõ os d
mãos Moyſés, e Aaraõ fallar a Faraó; a quem pediaõ
ſe ſahir o pôvo de Iſrael a ſacrificar no dezerto, porqu
lho mandava dizer Deos a elle: e o Rey como idolatr
reſpondeo que naõ conhecia tal ſenhor para lhe obe
inſtaraõ elles que o Deos dos Hebreos os tinha chama
ra irem caminho de tres dias fóra do Egypto ſacrifica
paraque os naõ caſtigaſſe com péſte, ou guerra. Mas o
endurecido cada vez mais, julgou que os dous Embaix
de Deos eraõ perturbadores do pôvo, e lho vinhaõ
das obras, em que o trazia occupado; como tambem qu
ta de afflicções, e trabalhos o moviaõ a excogitar eſta
çaõ, e novidade: ordenou-lhes que foſſem trabalhar,
dou aos ſuperintendentes das obras, que naõ deſſem o
deſcanço aos Hebreos, que os obrigaſſem a dar cada di
mero de adobes, que era coſtume, e nada menos, e pa
ſe fazerem lhes naõ deſſem palhas, como em outros ann
ſim que foſſem elles colher feno para iſſo, porque o p
raelitico era muito, e por eſtar ocioſo gritava que quer
crificar ao ſeu Deos. Executaraõ os ſuperintendentes
dem com tal inhumanidade, que açoitavaõ os Juizes d

r qualquer leve falta inculpavel, de que resultou irem
ixar-se ao Rey, que lhes respondeo o mesmo que ti-
aos seus Ministros; e elles afflictos, e desconsolados
otestar a Moysés, e Aaraõ que os tinhaõ feito de to-
ecido no Egypto; de que elles se queixaraõ a Deos,
onsolou dizendo-lhe que era Deos de Abrahaõ, Isaac,
que o seu nome, que elles ignoravaõ, era Adonai,
inha promettido a terra de Chanaan, em que fôraõ
es, e extrangeiros, que lançava de si leite, e mel (co-
es differa no monte Horeb) a qual agora lhes havia
elles seus netos em cumprimento da promessa; para o
ivia de tirar das oppressões do Egypto: e em fim os
ir outra vez fallar ao Rey. Oitenta annos, como já
, tinha Moysés neste tempo, e seu irmaõ oitenta e
edindo-lhe Faraó signaes do que lhe diziaõ para os
ojou Aaraõ a vara de Moysés, que se converteo em
orém o Rey chamou os Sábios, e feiticeiros de Egy-
eraõ o mesmo, com a differença porém que, lançando
haõ muitas varas, todas se converteraõ apparente-
cobras, e a cobra, em que se tinha convertido a va-
oysés, lançada por Aaraõ, comeo todas as outras dos
os; e Faraó indurecido naõ quiz deixar sahir o pôvo,
itretanto vivia summamente afflicto, porque, como
davaõ palha para aquentar os fornos, em que se co-
dobes, e os obrigavaõ a buscalla, e dar a mesma con-
eraõ lagrimas, castigos, e clamores ao Ceo. Mandou
Ioysés, e Aaraõ que sahissem ao encontro a Faraó na
do rio, e repetindo-lhe o mesmo recado, tocou Moy-
i vara as aguas do rio, as quaes se converteraõ em
de sorte que sete dias, e noites naõ tiveraõ os Egy-
ia para beber, senaõ a que tiravaõ de huns pocinhos,
, que faziaõ na arêa, que por vir coada por ella vinha
a; e os feiticeiros de Faraó para desacreditarem a
e persuadir ao Rey que isto naõ era prodigio, mas
idade natural, converteraõ em sangue a agua que se
tirava

tirava das ditas covas,e pocinhos, como o entende S. J
martyr, porque em Egypto naõ havia agua alguma, q
fosse sangue excepto esta. Faziaõ estes embustes: te
dous feiticeiros chamados (como diz S. Paulo) Jannes
e o outro Mambre: e he de notar, com Theodoreto, que
dous malditos sim convertiaõ as varas em cobras, e a ag
sangue, ou fosse apparentemente, como huns querem, o
do o demonio huma cobra em lugar da vara, e o sangue
gar da agua, tirando a agua, e a vara, sem os olhos o pe
rem; o que he mais certo: mas elles depois naõ podia
verter outra vez a cobra em vara, nem o sangue em ag
ra, como fazia Moysés, porque Deos negava ao dem
concurso para tirar o que puzera, e repor o que tirara, o
fazer a apparencia. Passados sete dias, fizeraõ novo reque
to; e tendo o mesmo despacho, tocou Aaraõ as aguas
vara, e sahiraõ dellas tantas rans, que nas ruas, casas, cama
tos do Rey, e de todos, se naõ via outra cousa, de for
afflicto Faraó pedio aos dous Embaixadores de Deos
zessem orações, paraque o livrasse, e ao seu pôvo daquell
rivel castigo, offerecendo que daria a licença deseja da
vo; mas tanto, que se vio livre da praga, naõ cumprio
messa: pelo que Aaraõ tocou o pó do Egypto com a va
hiraõ delle taes mosquitos, e atabões, e tantos, que intol
mente padeciaõ homens, e brutos: e intentando fazer
mo os feiticeiros, naõ lhes foi possivel, e conheceraõ
obra de Deos, porque (diz Filo), convertendo elles a
rans, e em sangue, e varas em cobras, naõ podiaõ conv
pó em hum animalzinho taõ pequeno; e o mesmo com
liano notaraõ S. Basilio, e Santo Agostinho, que com
creatura como hum mosquito confundira Deos os Ma
Egypto. Porém Faraó nem se confundio, nem abrandou
vendo Moysés ameaçou por ordem de Deos ao Rey co
ga de moscas, as quaes perseguiraõ os Egypcios tanto,
as rans, de sorte que o Rey os chamou, e lhes deo licen
raque sacrificassem sem sahirem fóra do Egypto; o que

naõ aceitou dizendo, que elles sacrificavaõ animaes, que os ypcios adoravaõ por Deoses, e se os matassem, e sacrificassi á vista delles, os matariaõ com pedras: convencido Faraó ta razaõ lhes deo a licença com tanto, que naõ fizessem vor jornada, que sahir do Egypto atè entrar no dezerto, e Moysés fizesse desapparecer as moscas: mas vendo-se livre las, faltou logo á palavra, e Deos para o confundir mandou le para todos os animaes do Egypto: e como nem isso obri- a Faraó a ceder da sua contumacia, ordenou Deos a Moy- que na presença do Rey espalhasse pelo ar dous punhados cinza de huma chaminé; e logo se sentiraõ feridos todos os ypcios, e os animaes que naõ tinhaõ morrido, de peste; nas- õ-lhes humas postemas, ou leicenços pequenos, que os obri- 'aõ a dar gritos: porém o Rey sempre obstinado. Pelo que 'enou Deos a Moysés levantasse a maõ para o Ceo, e veyo re Egypto a mais horrivel trovoada de agua, de pedra, tro- s, rayos, e curiscos, que nunca se vio, de sorte que homens, naes, arvores, e fructos padeceraõ ruina, e só alguns fructos s tardios escaparaõ. Moveo-se entaõ Faraó a penitencia, e hecendo a sua culpa chamou Moysés, e Aaraõ, pedio-lhes assem a Deos que cessasse a trovoada, e lhes daria licença no pediaõ. Assim o fez Moysés, e cessando o perigo, faltou alavra o Rey obstinado: pelo que ambos o foraõ reprehen- , protestando que fariaõ vir gafanhotos, que affligiriaõ o ypto, como as moscas, e rans, e os criados de Faraó mais ti- los, do que elle, lhe pediraõ naõ affligisse mais os seus vas- os, nem expuzesse a sua vida a mais perigos: pelo que elle ndou chamar Moysés, e Aaraõ, que se tinhaõ ido, e lhes dis- que fossem ao sacrificio, mas sem levarem mulheres, meni- , nem gados, e que logo sahissem da sua presença; o que el- fizeraõ: e tocando Moysés com a vara a terra do Egypto, evantou hum vento quente, que assoprou hum dia, e noite a força, e conduzio taõ grande quantidade de gafanhotos, naõ ficou fructa, nem herva, que naõ consomisse; o que do Faráo mandou chamar os dous Embaixadores de Deos,

e lhes

e lhes pedio, como antes, que o livrassem desta prag
suas orações;o que ambos fizeraõ:mas cessando a prag
oração de Moysés, e vendo-se livre dos gafanhotos,
vento Oeste lançou no mar roxo, ficou taõ duro con
levantou entaõ Moysés a maõ para o Ceo,e escurece
de forte, q tres dias em todo o Egypto naõ vio pesso
a outra, nem se moveo do seu lugar, porque estas tre
de outra casta,e até a memoria local,a que chamamos
deraõ com ellas os Egypcios;ou eraõ taõ grossas,que
va o ar;porém os Israelitas na terra de Gessen gozav
lentissima luz.Nenhuma destas pragas,que vos tenho
os affligio,porque Deos os exceptuava de todas;prod
bastava para convencer Faraó,o qual afflicto com a ob
sobrenatural, porque ninguem se movia,nem sabia o
fogo, nem fazer cousa alguma, chamou Moysés, e A
quaes entre as trévas gozavaõ luz,e lhes disse *fossem*
sacrificio,mas naõ levassem os gados:ao que responde
só no lugar,onde haviaõ de sacrificar,podiaõ saber qu
os animaes necessarios para o sacrificio,e desta sorte de
var todos. Enfadou-se Faraó, e mandou que sahissen
presença,e que lhe naõ apparecessem mais,sobpena de
Falta contar-vos o melhor;mas como he dilatado,ant
seguindo o methodo do Mestre Fr.Joaõ Marques n
Moysés,resta advertir-vos primeiro que Moysés,e A
ca mentiraõ,nem por sombras,nos tres dias que só p
ra o sacrificio,porque (como dizem o Tostado,e Ni
Lira) se Faraó concedesse os tres dias, que lhe pedi
dos elles,lhe pediriaõ mais,ou a liberdade para semp
Deos entaõ o determinasse:como tambem vos advirt
dendo Deos,sem recado algum,mover o Rey paraqu
se sahir livremente o seu pôvo; pelo contrario o ind
desamparou, ja para mostrar em tantos prodigios a s
potencia, ja paraque os Israelitas,gente durissima,sal
a memoria destes milagres, e beneficios mais branda
de Fé. Venho já. FIM DA VIGESIMA SEXTA F

LISBOA. Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto... [illegible]

ACADEMIA
DOS
[UMILDES.
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXVIII.

Ahio Moysés da presença de Faraó (disse o Theolo- go) a executar as ultimas ordens de Deos para a sahida do pôvo, e a preparallo para naõ padecerem com os ypcios o ultimo castigo. Ordenou-lhes da parte de Deos pedissem emprestado aos Egypcios todo o ouro, e pra- que elles tivessem: assim o fizeraõ sem ficar mulher He- a, que naõ pedisse ás suas amigas, e conhecidas as joias, 1 homem que naõ tirasse ao seu conhecido, ou amigo o o, bacia, e pucaro de prata, que tinha em casa, de sorte nenhum Egypcio lhes negou cousa alguma, porque os (como tinha dito) lhes deo especial graça, paraque los lhes emprestassem o que tinhaõ; e nisto obraraõ sem nmetter peccado de furto, porque, além de o fazerem n animo de o restituirem quando Deos o determinasse, os lho mandou fazer para elles se recompensarem do ito, e muito que os Egypcios lhes deviaõ pelo trabalho adobes. Tudo quanto succedeo a este pôvo ingrato no ypto, no deserto, e na terra de promissaõ, foraõ sombras, guras do que padeciaõ as almas antes da vinda de Chri- Senhor nosso, do que succedeo na sua vida, morte, e pai-), e dos Sacramentos, e sacerdocio da Ley da graça; e en- tantas a figura mais notavel he o que agora vos conta- . Ordenou Moysés que cada familia no dia quatorze da- elle mez, que dizem era Setembro, e ficou sendo para os

Hebreos o primeiro mez do anno dalli por diante, tomasse hum cordeiro, e o comesse assado, e nunca cosido, que lhe naõ quebrassem osso algum, tudo o que subejasse delle se reduzisse a cinza, que o comessem cingidos com bordões nas mãos, e com préssa, e com o sangue do dito cordeiro untassem, e pintassem as portas, e portaes das casas, e nenhum sahisse dellas até amanhecer, porque nessa noite havia de passar o Anjo, e matar todos os primogenitos do Egypto, e só naõ havia de fazer a execuçaõ nas casas, em que visse o sangue do cordeiro, figura de Christo nos portaes, e portas. Assim o fizeraõ: e as familias pequenas, que naõ podiaõ comer hum cordeiro todo por ordem de Deos se juntaraõ com outras iguaes, ou mayores. Pela meya noite veyo o Anjo, matou todos os primogenitos de Egypto desde o filho do Rey até o filho da mais vil escrava, ficando só vivos os dos Israelitas, porque o Anjo vio o sangue do cordeiro nas suas portas. Naõ he explicavel o labyrinto, confusaõ, e pranto dos Egypcios, quando pela manhãa todos acharaõ mortos os seus filhos primogenitos, ao mesmo tempo, em que viaõ os Hebreos alegres, e socegados: isto moveo a todos de sorte, que Faraó chamou Moysés, e Aaraõ, e lhes ordenou que logo logo sahissem todos os Israelitas com gados, e tudo. Sahio pois o pôvo de Deos da terra de Ramesses carregado com todas as riquezas do Egypto, que tinhaõ pedido emprestadas; e fez pasmar a multidaõ de homens, que sahiraõ: porque, sem contar os meninos, eraõ seiscentos mil homens capazes para tudo, álem destes, e suas mulheres, filhos, e filhas, sahiraõ outros muitos, que diz Philo, tinhaõ nacido de mulheres Egypcias, e pays Hebreos, e tambem muitos Egypcios, que vendo-os taõ favorecidos de Deos, os quizeraõ acompanhar, de sorte que era innumeravel o exercito, que sahio no mesmo dia, ou noite, em que se contavaõ quatrocentos e trinta annos justos que tinhaõ entrado no Egypto seus avós, que foraõ Jacob, seus filhos, e netos, como ja *vos contei*. A' proporçaõ da gente era o numero dos animaes de

de serviço,que levavaõ mantimento, camas, roupa,e tudo o mais das suas casas , o que tudo junto com os rebanhos de boys,vacas,ovelhas,cabras &c. fazia o mais numeroso exercito, que Moysés começou a guiar indo diante de todos, e diante delle hum Anjo em huma columna,que de dia parecia nuvem,e de noite fogo tal,que dava toda a luz necessar. a todo o exercito.Na mesma vanguarda do exercito hiaõ em huma tumba os ossos de Joseph,que elles a toda a pressa tiraraõ do sepulcro,e parece foi milagrosa a lembrança de os levar,porque os Egypcios temendo mais,e maiores castigos, se os Hebreos naõ sahissem logo,nem tempo lhe déraõ para fermentarem , nem cozerem paõ, de sorte que sahiraõ com pães azimos cozidos no borralho,como os que tinhaõ comido com o cordeiro. Nesta sahida estabeleceo Deos a Ley de que *se lhe* offerecesse todo o primogenito, e a solemnidade da Pascoa do cordeiro , o modo de contar o anno , e o dia mais célebre que teve,e tem por seus peccados,e obstinaçaõ ainda hoje o Hebraismo,sem conhecer que o cordeiro,e todas as ceremonias,com que o comiaõ,era figura da morte de Christo,e que este já veyo,e com a sua vinda,paixaõ,e morte acabaraõ todas as figuras , que em todos esses estados o representaraõ na Ley natural,e escripta.Caminhavaõ os Israelitas alegres pelo deserto,e os Egypcios chorando enterravaõ os seus primogenitos;e tanto que passaraõ os dias do luto,vendo que os Israelitas naõ vinhaõ,conheceraõ que ja naõ tornavaõ, e parecendo-lhes mal perder tantos mil officiaes,que como captivos,faziaõ muito a seu gosto as obras, em que se recreavaõ , como tambem sentindo cada hum a perda do ouro,e prata,que lhes tinha emprestado,clamaraõ todos,e com elles o Rey,que tinha sido ignorancia a licença passada,esquecidos, ja da préssa com que os obrigaraõ a sahir á vista dos cadaveres dos seus primogenitos,depois de taõ horrendos castigos. Mas como Deos ainda lhe queria dar o mayor de todos, deixou Faraó na maõ do seu conselho,e genio,o qual mais,que nunca,furioso,e obstinado pre-

parou feifcentos carros,ou coches armados, álem de outros muitos, e com todos os Egypcios capazes de peleijar fahio peffoalmente a degollar os Ifraelitas,e feguindo as pizadas, que deixava aquelle numerofo exercito, o veyo finalmente a defcobrir no fitio mais proprio para nem hum fó ficar vivo, fe Deos naõ foffe o feu protector, porque nos lados tinhaõ montanhas taõ altas,que fó páffaros poderiaõ fubillas, diante eftava o mar vermelho , e nas coftas o exercito de Egypto,que vendo o admiravel fitio, em que os alcançara, feftejou a fua fortuna: pelo contrario os Ifraelitas vendo-fe nefte aperto murmuraraõ de Moyfés dizendo:*Talvez naõ havia fepulturas no Egypto; por iffo nos trouxeffe a morrer no deferto.* Ouvio Moyfés o alarido com paciencia , diffe-lhes que de preffa fe veriaõ milagrofamente livres;e affim o experimentaraõ logo:porque o Anjo,que hia na vanguarda com a columna,fe mudou para a rectaguarda, e ficou entre hum exercito,e outro allumiando os Ifraelitas,como fe foffe dia, e fazendo denfas trévas,e total obfcuridaõ no exercito de Faraó; motivo,porque fez alto,e parou,porque naõ via o que, nem por onde havia de accommetter : entretanto Moyfés por ordem de Deos tocou as aguas do mar com a vara,e affoprou logo hum tal vento,que naõ fó as dividio para huma, e outra parte, mas feccou o váo para os Ifraelitas pallarem a pé enxuto , e logo o Anjo mudando-fe de fitio , em que eftava,paffou para a vanguarda, e o exercito de Deos o foi feguindo pelo meyo do mar fecco.Nefte tempo o exercito de Faraó,faltando-lhe o impedimento das trévas,que o Anjo lhes caufava,viraõ que os Ifraelitas fugiaõ,e fem conhecerem fe hiaõ pelo mar fecco por milagre, ou fe hiaõ pelo deferto ainda, caminharaõ a toda a preffa no feu alcance, e entrou o exercito Egypcio pelo mar fecco com marcha apreffada todo o réfto da noite: ao romper da alva o Anjo, que guiava o exercito na columna , começou a caftigar o atrevimento de Faraó , e dos Egypcios matando homens, defpedaçando carros,e abrindo-fe a terra,e tragando-os como

parece o dá a entender Moysés no seu cantico, e diz Agel- llegando o Nisseno: *Extendisti manum tuam, & devoravit eos* *i.* Conhecerao entaõ a sua loucura, e que tinhaõ a Deos tra si, e quizeraõ fugir pelo mesmo caminho do mar sec- por onde vieraõ; mas de balde, porque Moysés tocou se- lda vez as aguas as quaes de ambas as partes cahiraõ sobre xercito Egypcio, do qual naõ escapou com vida pessoa al- na para ir levar a noticia desta notavel disgraça. Tudo isto ió os Israelitas, que hiaõ caminhando pelo resto do mar en-) servindo-lhes as aguas fielmente de muros pela recta- 'da, e pelos lados. Tanto que todos passaraõ, e as aguas se aõ, fez Moysés dous córos hum de homens comsigo, e ou- das mulheres com sua irmãa Maria, e compondo elle a le- o som de todos os instrumentos musicos, que levavaõ, can- ó a *Deos* em acçaõ de graças por este admiravel beneficio ntico excellente, que refere o Exodo no capitulo 15. Co- ou logo o mar furioso a lançar nas prayas corpos dos Egy- s á vista dos Israelitas, e appareceraõ debaixo da agua os os despedaçados. O mais he, que ainda hoje se conservaõ, tem visto innumeraveis testimunhas fidedignas como af- a Gregorio Turonense no capitulo 10. do primeiro livro, doro Tarsense, Mestre de S. Joaõ Chrysostomo, Lipoma- e mais extenso, que todos, Paulo Orosio. Naõ digais em io dessa verdade mais (disse o Ermitaõ) eu sondei o mar melho, ao qual commummente chamaõ roxo, e tudo he que ao nacer, e pôr do Sol parece roxo, e no meyo dia, tres s antes, e tres depois vermelho, achei que tinha pouco fun- todo de arêa vermelha, de que procede a côr da agua, co- experimentei em companhia do grande cabo, e curiosissi- heróe Antonio de Brito Freire, e vindo depois de Goa pa- rusalem, movido de curiosidade pelo que tinha lido no tre Marques, que vós seguiz, duas vezes examinei com du- os e sete peregrinos o mar roxo, e todos os lugares, em pararaõ os Israelitas, os gyros que fizeraõ em quarenta an- e tudo o mais curioso, que tem o Egypto, desertos, e Pales-

tina,

ſtina, e duas vezes vi debaixo das aguas os ditos carros frefcos, como ſe hontem ſe quebraſſem chapeados todos ferro, e ſegundo o que ſe póde vêr, e conjecturar eraõ do tio de torres baixas com ſeteiras por onde deſpediaõ nuv de ſetas a ſeu ſalvo os muitos homens, que hiaõ dentro, e lo por ſima lançavaõ dardos, e pedras, e os que governavaõ os tos carros hiaõ fóra delles metidos em humas caſinhas co guritas, onde os coches coſtumaõ ter a almofada dos cabeç e por iſſo lhes chamavaõ coches, e cocheiros aos que gove navaõ. Tinhaõ quatro rodas muito grandes, e iguaes todas, era huma maquina taõ grande, forte, e pezada cada hum dell que mais ſe podiaõ chamar fortalezas andantes, do que carro ou coches, e por força haviaõ de ſer muitos os boys, cavallo ou camellos, que puxaſſem por elles. Naquelle tempo eraõ mais precioſo da guerra, e quem mais carros tinha era o ve cedor, porque os animaes hiaõ reſguardados para *os naõ fe* rem as ſetas, e dardos; e ſeiſcentos carros deſtes unidos, e pe poſta calcavaõ, e reduziaõ a cinza o mayor exercito, ſe o po diaõ cercar todo com outros, parte deſtes, ou cavallaria. De pois do uſo da polvora, e nos paizes montuoſos para nada ſe viriaõ. A hora melhor para vêr eſte horrivel deſtroço, que Deos conſerva para teſtemunho do ſeu poder, e confuſaõ d ingratos cegos, a quem favoreceo com eſte prodigioſo caſti go, e os fins, que ſó elle ſabe, he ao nacer, e pôr do Sol, eſtand as aguas ſocegadas. Hum peregrino Napolitano, e illuſtre, qu foi a principal cauſa deſtas jornadas, porque quaſi nos ſuſte tou a todos, era inſigne n dados, e curioſiſſimo, e contra o vo to de muitos mergulhou em dia de Santa Luzia duas vezes, chegou a examinar o que vos digo que fóra da agua ſe vê ſó confuſamente; e a cauſa deſte exame foi porque muitos juſta mente aſſentavaõ que as rodas, e mais pedaços, que eſtavamo vendo, naõ podiaõ na realidade ſer taõ grandes, porque a agu faz todas as couſas, que tem em ſi, mayores do que na verdad ſaõ; porém elle nos deſenganou, que apalpara rodas de do *palmos*, e mais de groſſura, e madeiramentos do alto dos c

.e mais de palmo e meyo,tudo chapeado de ferro,e como :enho dito,e que eraõ puxados por cadêas do mesmo fer-do mesmo,que eraõ os tirantes,eraõ as redeas,porém mais adas as cadêas, o que tudo palpou, e existia saõ como na na hora, em que se submergio,havendo aliàs tres mil du-os e quarenta e sete annos,que Deos tinha obrado o pro-),e castigo;porque há onze annos que eu o vi,e do anno, que succedeo,até entaõ passaraõ os que disse justos.Quem ra (continuou o Theologo) que depois deste predigio ra-avia ainda de ser incredulo, e murmurador aquelle pôvo, á vista delle avivou a Fé em Deos,e conheceo que Moy-ra o que elle escolhera para seu Governador! o contrario raõ desde entaõ até hoje.Caminharaõ tres dias sem achar :,e pararaõ no sitio chamado Mara, onde as havia, porém 'gosas, aqui foi a segunda murmuraçaõ contra Moysés, 'ecorreo a Deos, o qual lhe mandou lançar na agua cer-adeiro figura da Cruz de Christo, e ficaraõ doces: daqui raõ ao deserto de Elim, onde acharaõ muitas aguas, e se-ı palmas,entraraõ depois no de Sim terrivel pela aspereza, ue,como diz Philo,nem appareciaõ aves no ar, nem ani-;, ou arvores na terra, e a cada passo encontravaõ serpen-enenosas,já a fome era bastante,e começou o pôvo a lem-·se da abundancia de carne, que tinhaõ no Egypto, e a di-jue antes tivessem morrido nesse tempo, do que padecer me no deserto,em fim nova murmuraçaõ contra Moysés, . irmaõ, neste tempo a columna de nuvem passou para a : mais fragosa do deserto,e movido Moysés com a senha, io a ouvir o que Deos dizia, e da pratica rezultou pro-er-lhe que de tarde teriaõ carnes,e pela manhãa paõ:com :o choveraõ sobre os arrayaes innumeraveis codurnizes, outro dia pela manhãa appareceo o deserto cheyo de ıá, era branco do feitio de semente de coentro, e o gosto › farinha com mel, desfazia-se com o calor do Sol, se o lavaõ de hum dia para outro apodrecia,e gerava bichos, › sexto dia se colhia dobrado,que ficava para o Sabbado,

e naõ

e naõ fe corrompia,porque Deos no Sabbado o naõ dav
até nifto fantificar o dia fetimo,e evitar-lhe a occafiaõ de
lharem em colhello no Sabbado. Pafmaraõ os Ifraelitas
do o viraõ,e Moyfés lhes diffe que aquelle era o paõ que
lhes mandava para comerem,ordenou que tomaffem hun
ta medida para cada peffoa, e o naõ guardaffem para o
dia,huns colheraõ menos porções,outros mais,e depois
acharaõ os que tinhaõ colhido muito como os outros,e
barbaros,que o guardaraõ,e fe lhe corrompeo:ordenou c
fem dobrado no fexto dia,e o guardaffem para o Sabbad
que nelle o naõ haviaõ de achar,e houve peffoas,que n
bado pela manhãa o fôraõ de balde procurar;de que fe en
juftamente Moyfés.Remedeada a fome,começou a fed
tal o labyrinto de murmuraçaõ contra Moyfés,q temeo
drejaffem,fe lhes naõ dava remedio logo;o que Deos fez
nando-lhe tocaffe com a vara huma pedra,donde fahio c
fiffima agua, e ficou chamando-fe efte lugar *Tentaçaõ*,p
nelle tentou o pôvo a Deos com a fua defconfiança.Ve
eftas difficuldades,chegou o exercito a terra de Amale
ciofa, e povoada, donde fahio o Rey com exercito con
rael.Moyfés mandou a Jofué,que efcolheffe Soldados,e
deffe o pôvo:elle fubio a hum monte com a vara,e levai
mãos;porém tanto lhe pezavaõ,q defcahiaõ,e vencia A
e pelo contrario quando as levantava vencia Ifrael: pe
Aaraõ,e Hur o fentaraõ em huma pedra, e lhe fuftent
mãos fem defcahirem coufa alguma até fe pôr o Sol;dc
guio vencer Jofué e o exercito de Deos os Amalecitas
dou logo Deos efcrever efta victoria, e refervou o cafti
Amalecitas para outro tempo. He de notar q os Ifraelit
raõ do Egypto fem armas,e aqui as tinhaõ: porém diz
doreto q as adquiriraõ nas prayas do mar vermelho,pc
lançou fóra as dos Egypcios.Moyfés prometteo a Jof
monte o ajudaria com a vara,e naõ ufou della,mas leva
mãos, para enfinar ao pôvo que, fó orando fervorofa
podia vencer. FIM DA VIGESIMAOITAVA PA

LISBOA. Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXIX.

NOve annos depois do nacimento de Moyfés (diffe o Theologo) edificou Cecrope a cidade,e Reyno de Athenas, onde feculos floreceraõ as letras com ventagem conhecida fempre a todas as monarquias ›mundo, que lá mandavaõ os fujeitos mais capazes appren- ›r Filofofia,Leys, Etica,Aftrologia,Medicina, e outras: po- ›m como o fundador era natural do Egypto,onde a idolatria ›lava no feu auge neffe tempo, introduzio nos Gregos o ›efmo veneno, que depois os Poetas, e embufteiros foraõ ›crefcentando de forte, que corrompeo todo o mundo, por- ›e a Europa toda fe contaminou, a Afia, e Africa recebeo ›ais novelas do que cria, quando de lá veyo effa pefte; e na ›merica inda acharaõ os curiofos muitos veftigios de que fe ›e communicou toda, aindaque depois perdendo a lembran- ›a da primeira Mithologia, fizeraõ outra mais ridicula, e vil ›mo os da Afia, que ainda fielmente a confervaõ, e de que ›feu tempo vos darei noticia larga. Foi efta fundaçaõ no an- › 2498, que faõ 1581 antes da vinda de Chrifto,aindaque ou- ›os dizem fe fundára em muito diverfo anno, quando Moy- ›s tinha trinta e quatro annos; o que parece mais certo. No ›ino de 2530 fuccedeo a notavel inundaçaõ, a que os Gregos ›amaraõ Diluvio de Deucalionte, porque vendo toda a ›effalia deftruida, e coberta de aguas, julgaraõ falfamente ›ue todo o mundo padecera o mefmo. No anno de 2539 fe

fundou em Atenas aquelle admiravel Senado chamado págo, e os Senadores por isso Areopagitas, bem conhe em todo o mundo pela summa inteireza, e rectidaõ, c julgavaõ as causas, e estabeleciaõ as Leys. Foi consi este Senado como oraculo pelos mayores Principes, e radas as suas respostas como sagradas,e certissimas: nell gou o Apostolo S. Paulo, e achou o altar muitos annos dedicado ao Deos desconhecido, que elle lhe mostr Christo bem nosso: nelle converteo a S. Dionizio Arec ta, que era Senador, e aquelle que, vendo escurecer o quando morreo Christo, e conhecendo que naõ podia n turalmente,disse que ou o Deos da natureza padecia, qu quina do mundo cedo teria fim. No anno de 2544, em q hio o pôvo de Israel do Egypto, morreo o santo Job 217 de idade como já vos disse; e no anno de 2576 fu Dárdano na Frigia regiaõ célebre na Asia menor a cida Troya, que depois muitos seculos foi a patria dos ma fingimentos, e mentiras, de que principalmente se apro raõ os poetas, até que os Gregos a redusiraõ a cinzas no de 2871 depois de dez annos de cerco, em que morrer tenta mil Gregos; os quaes ainda a naõ conquistariaõ, tenor a naõ entregasse em huma noite abrindo-lhe a p para o que dizem concorreo Eneas, e que por isso esca da morte só estes dous, para Virgilio ter o mais dilatado po para mentir; e o que só he para admirar nesta horrivel ra he que toda ella se fez para recuperar huma mulher formosa, que hum Troyano furtou em Grecia, e condu ra Troya. Desde esta guerra he que há no mundo hist que mereça algum credito, porque antes só a sagrada verdadeira, e tudo o mais fabulas. Porém o senhor Er me contou ja hum notavel caso succedido na Persia n tempo, donde se colhe de algum modo que havia histori dadeira antes de Moysés escrever a sagrada. O caso foi o Ermitaõ) que eu me achava em Hispaan, a que o pôvo ma *Haspaõ*, Côrte da Persia,quando Thomaz Coulikan n

O

Ley Habas, ou o cegou, e depoz, como muitos differaõ na ropa, e Asia, sendo só certo que ninguem o vio mais vivo, n morto. Foi tal o motim na Côrte com a mudança de go- no, e ausencia que logo fez Thomaz Coulikan para as onteiras da Turquia, que os Abogones, de que já vos d. ticia, sahiraõ dos seus matos, e covas, e tivemos aviso certo que vinhaõ roubar Hispaan, o que fizeraõ com effeito. Estava eu hospede no Convento dos Padres Carmelitas descalços, omo todos fugiraõ para os matos, excepto hum velho, e queria ir para a Europa, fugi para Babilonia para dahi pa a Turquia, em quanto Thomaz Coulikan naõ quebrava a z, que o Rey seu antecessor fizera, e fôra causa da sua mor- Muita gente me fez companhia com o mesmo intento, e ramos em hum sitio, onde nos vieraõ pedir esmóla huns ırcos penitentes vagamundos, mas em todas as terras, em e se vive na Ley de Mafoma muito venerados, e entre elles iha hum natural de Babilonia muito velho, cuja penitencia de dia, e de noite estar sempre dando beliscões em si, de e resultava ter a pelle dura como de Elefante, e ja insensi- l, este hia para a sua terra, porque já lhe faltavaõ as forças a jornadas, e peregrinaçoes; e ou porque me vio mais affa- l, ou mais curioso, se fez meu especial companheiro, e em ıbilonia me hospedou na sua casa, que era juntamente de ım sobrinho seu casado, que alimentava com incrivel cari- de seu pay entrevado, tio do penitente. Depois da princi- cêa, conversámos com largueza nas antiguidades daquella tavel cidade, hoje hum monte de pedras no deserto, e di- ndo me elles com muita fé algumas cousas, de que certa- ente naõ há noticia em historia alguma, e muito proximas diluvio universal, disse eu o mesmo, que vós agora dissés- s, e o velho, que parecia estar dormindo, mas na verdade ava acordado, e sempre fallava muito pouco, ou por causa mal, que padecia, ou por costume, porque tambem era dos nitentes, olhou para o filho, e disse-lhe poucas palavras, e lou-se: eu como naõ entendi a lingua, porque nem era Tar-

ca,

ca, nem Persa, cuidei que me mandavaõ deitar, porém o filho levantou-se, e accendeo hum grande candieiro de ferro com quatro torcidas muito grossas, e logo se levantou o meu companheiro penitente, e me disse em lingua Persa, que os seguisse: entramos em hum pequeno claustro, como os que costumaõ ter em suas casas todos os Mouros, e donde lhes vem toda a luz, porque para a rua naõ tem janella alguma, e a porta sempre está fechada para lhe naõ verem as mulheres, nem ellas verem homens; passamos a hum corredor, que tinha sahida para hum quintal, onde vi hum vulto como huma mãy de agua, no fim do corredor levantaraõ hum alsapaõ, e descemos huma escada de pedra larga boa coberta de abobeda de cantaria, e toda por baixo da terra em varios lanços, nos quaes poderia ter oitenta degráos pouco mais ou menos, porque eu os naõ pude contar afflicto com medo de me vêr com tal gente em tal labyrinto, que me parecia o caminho do *inferno*, e muito mais quando o que levava as luzes bateo a huma porta, em que rematava a escada, e porque tardaraõ em abrir, mais rijo bateo, e gritou, e de dentro gritaraõ tambem: eu tinha perguntado na escada duas vezes ao penitente, onde me levavaõ; e elle como o seu officio era rezar, apenas me disse naõ tivesse medo: e agora perguntando eu ao sobrinho, que casa era aquella onde me queriaõ metter, respondeo surrindo-se: *He para saberes se há, ou naõ historia antiquissima desde o principio do mundo até o diluvio, e de então até agora.* Neste tempo abriraõ a porta, e appareceraõ dous homens vestidos de pelles de camellos, taõ magros, e negros, que pareciaõ demonios, os quaes nenhum caso fizeraõ do que levava a luz, nem de mim; porém do meu companheiro penitente fizeraõ tanto apreço, que se puzeraõ de joelhos diante delle com as mãos no cachaço rezando, e elle pondo a maõ direita ora sobre a cabeça de hum, ora sobre a do outro, esteve rezando em voz mais alta, e depois deo hum grito, e se levantaraõ ambos, abraçaraõ-o, e beijaraõ-o com grande ternura, e fomos caminhando por huma grande casa de abobeda, onde no meyo estava

huma

huma pia de agua, em que todos lavaraõ os braços até os co-
ovellos. Nesta casa só havia lenha em grande quantidade, e
ssim o tecto, como o pavimento immundissimo; passamos a
utra casa, onde estava no meyo hum fogaõ quadrado com
ume, e alli me fizeraõ prometter que nunca diria a ninguem
 que vira, e onde estivera, porque se aquelles servos de Deos
fossem roubados, ou maltratados por amor de mim, neste, e no
outro mundo o havia de pagar: aqui estavaõ quatro velhos dei-
tados, e taes, que pareciaõ esqueletos, as camas eraõ de pelles
de camellos, e elles taõ debilitados, e cegos, que as apalpadel-
as festejaraõ meu companheiro penitente: daqui entramos em
outra casa, que ficava á maõ direita destas duas, e era tamanha
como ambas, quadrada, e formosissima com o pavimento lim-
po, mas as paredes, e tecto negro tudo com o fumo de hum
grande candieiro de ferro, que ardia com dez torcidas pendu-
rado no meyo de hum zimborio altissimo como as chaminés
do Palacio de Sintra, que era a tal mãy de agua, que eu tinha
visto no quintal. Nesta grande casa estavaõ dez sepulcros, isto
he, dez buracos do feitio de tumba, sinco em cada parede, e to-
dos de abobeda de cantaria sem ossos, nem cadaveres, nem cou-
sa alguma, aqui estiveraõ todos rezando, ou rosnando postra-
dos por terra, e gemendo de quando em quando, e eu pasmado:
em fim levantaraõ-se, estiveraõ fallando de joelhos, e ficando
assim os dous, o meu companheiro penitente me tomou pela
maõ, e conduzio para a primeira sala onde estava a lenha, e de-
pois de me encarecer os grandes segredos, que me havia de
mostrar, e o especialissimo favor, que elle, e aquelles servos de
Deos me faziaõ nisso, porque nem ao Graõ Turco certamente
o haviaõ de fazer se lá fosse, ou o Rey da Persia, me animou a
que naõ tivesse o menor susto, porque havia de ir com elle, mas
com os olhos tapados; eu que estava summamente afflicto, res-
pondi, e instei, que me queria recolher, e que no dia seguinte
me mostraria isso, com tençaõ de lá naõ tornar, porque sempre
alguei que lá ficava morto; porém naõ me valeo a escusa,
porque o barbaro desconfiou apenas percebeo que me temia

delle,

dellc,e dos mais;e começou a levantar a voz,e eu temen
fuccedeffe peyor, do que imaginava,o abracei,e confen
me tapaffe os olhos com huma pelle,e quando o fazia já
tros gritavaõ que foffemos;daqui por diante naõ fei por
fui, nem por onde andei, porque elle me levava pegan
com a fua maõ direita em ambas as minhas para eu naõ
par os olhos, elle rezava em voz alta, e os outros refpo
por modo de Ladainha,e affim defcemos outra efcada b
dorenta a bafio da terra,e,depois de muitas voltas,em hu
redor, ou cafa fenti abrir huma porta,e foaraõ dentro n
cafcaveis,fechou-fe a porta com o mefmo eftrondo,folt
as mãos,e tirou-me a venda dos olhos,e delles me come
logo a correr as lagrimas vendo o muito, que fazem os t
ros para fe falvarem, como a diabo os perfuade, e o nad
fazem os Catholicos tendo a falvaçaõ certa na penit
Eftavaõ dez homens poftrados no chaõ,coberta de *cadê*
ferro da cintura até os fovacos, os quaes gemendo fe lev
raõ,e poftos em pé com as mãos levantadas para o Ceo f
xavaõ cahir no chaõ,e alli eftavaõ chorando até fe levan
outra vez para fazerem o mefmo, eftavaõ outros em pé
feriaõ quatro de huma parte,e finco de outra, cada hum
diverfa penitencia,hum com huma grande pedra atada a
coço,e ao joelho direito de forte,que fó no pé efquerdo
ftentava, e a maõ direita levantada para o Ceo, outro
perna efquerda por fima do braço direito,e as mãos poft
tro,fuftentando o pé direito junto á cintura com a maõ e
da,e a direita levantada,outro com o corpo cheyo de fo
por entre a pelle,e carne,e fempre levantando os braços,
xando-os,outro com huma efpecie de horrivel freyo de
na boca,que lha fazia eftar aberta o mais,que podia fer,
que fempre fe eftava picando com hum ferro, outro ba
nos peitos com huma grande pedra, outro fuftentando
duas melletas com pés como os bancos de ferro das bar
forte que nunca tocava com os pés no chaõ,outro amar
hum madeiro cheyo de bicos de ferro, e hum ou dou

tando-se; de forte que eu os naõ pude bem contar, ainda-
o meu companheiro me mostrou cada hum por si e deva-
encarecendo-me os merecimentos, e virtudes de cada hum,
tos dos quaes eraõ seus parentes, e todos pareciaõ demo-
. Nesta casa, que era bem grande, e fedorenta, que para o
bastava o fedor, em que estavaõ os ditos penitentes como
r, e falta de ar bom, naõ havia candieiro, nem luz alguma
só a que vinha de outra casa, que naõ tinha porta, mas sim
a cortina de só preciosa, e junto a dita porta de cada parte
a pia de pedra grande com agua nativa, que vinha por ca-
abertos, e se sumia por dous ralos junto á parede, tudo ex-
entemente obrado, e com asseyo, como tambem o tinha to-
a casa dos penitentes, porque era de pedra branca bem el
limpa toda: aqui me obrigaraõ a lavar os pés em huma pia
as da parte esquerda, e os quatro se lavaraõ na outra, déraõ-
huma toalha muito grossa para os limpar, e vendo que eu
conhecia a roupa, me disse meu companheiro rindo, que va-
mais aq: ella toalha do que todas as dos Reys do mundo,
que eraõ de Amianto, pedra célebre de que se faz roupa,
se limpa lançando-a no fogo, e fazendo-a em braza, o que
i depois na galaria da Universidade de Belonha, e era o
mo panno certamente. Disseraõ-me que havia de entrar
calço, o que eu fiz, abrio hum a cortina, e postraraõ-se to-
mas eu fiquei em pé entre dous motivos para me admirar,
que dentro via huma excellente Igreja, e fóra os peniten-
davaõ taes pancadas com os corpos no chaõ, e taõ repeti-
com gemidos, e soluços, os que estavaõ em pé faziaõ o mes-
e davaõ bofetadas em si com tal força, que parecia fundir-
terra com o eco de tal estrondo nas abobedas. Entramos
im na dita Igreja objecto digno de mayor admiraçaõ, sem
o defeito mais que o ser pouco alta para a sua muita lar-
, tinha sinco naves, e todas mais compridas do que era a
ja de S. Domingos de Lisboa desde a porta até o altar
, naõ tinha cruzeiro, mas sim no topo de cada nave hum
com seu painel de obra Mosayca excellentissima, e nelles

a vida de Chriſto Senhor noſſo, paixaõ, e morte; na Capella mór eſtava o paſſo do Calvario, tudo aſſeado, e com ſumma perfeiçaõ, em cada arco das naves huma lampada de prata velhas todas, e cada huma de ſeu feitio, todas ſem luz, e ſó as dos altares dos topos das naves acceſas, os altares ſem toalhas, porém caſtiçaes de prata, e bronze tudo limpo, mas tudo confuſo ſem velas, nem numero certo, porque o altar mór tinha alguns quinze entre grandes, e pequenos huns de tràs dos outros, e o que mais he, que pelo meyo das naves em fileira eſtavaõ mais de duzentos caixões ſobre bofetes com ſeus letreiros, que eu naõ pude lêr, porque eſtavaõ na lingua Hebraica huns, e outros na Grega com caratheres proprios, porém meu companheiro me hia explicando os nomes dos defuntos, cujos oſſos alli eſtavaõ, a que eu naõ dei credito, porque me foi nomeando todos os filhos, e netos de Adam, excepto Cain, e Enoc, e dizendo-me que depois do diluvio tinhaõ ſido deſcobertos, e trasladados para a caſa onde eu tinha viſto os vinte ſepulcros nas paredes, em memoria do que ſe conſervava alli aquella luz, e que depois com medo de q̃ os deſcobriſſem, e furtaſſem, o traſladaraõ para aquella Igreja, quando o Turco começou a dominar a Aſia: nos outros me diſſe eſtavaõ oſſos dos Macabeos, e de alguns profetas, e ultimamente de muitos, e muitos ſantos Monges do Egypto, Scytis, Tebaiba &c. os quaes tinhaõ eſtado em outras caſas, que eu naõ vira, com toda a decencia. Eu já naõ tinha medo de que me mataſſem, mas ſim de adoecer por cauſa do cheiro activiſſimo, que lançava de ſi a madeira dos caixões, que quaſi todos, e os bofetes eraõ de cipreſte, cuja virtude he enthiſicar os homens, e ſeccar os cadaveres. Perguntei-lhe onde eſtava a hiſtoria; e elle, que parece goſtava do cheiro, foi continuando a explicaçaõ dos caixões, ſem me reſponder; e todo eſte tempo eſtavaõ os outros de joelhos rezando; e elle ſó comigo com o candieiro. Em fim acabou-ſe a lenda, e levou-me á ſacriſtia, que ſendo grande, e bem eſtava bem confuſa, cheya de caxões huns mayores, outros mais pequenos. Logo direi o melhor, que falta. FIM DA VIGESIMANONA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXX.

QUando entrámos na facriftia (diffe o Ermitaõ) chamou o meu companheiro os outros, e abriraõ os caixoẽs, e me moftraraõ ornamentos muitos diverfos dos ffos, e turbantes mais grandes para os Bifpos, turibulos muitos cafcaveis, multidaõ grande de livros, calices de rerfos feitios todos de prata, patenas tamanhas como os atos, a que chamamos flamengas, folheres grandes, e peenas para a Communhaõ em ambas as efpecies, fiftulas que) huns canudos de que fó ufa hoje o Papa para tomar mele do fangue nas fuas Miffas, e na folemne; em fim coufas, ie eu nunca tinha vifto, mas tudo affeado, e muita parte eciofo: abriraõ logo quatro armarios grandes em que eftaõ Relicarios de diverfos feitios, huns como livros, outros mo laminas, e fó hum como hum calix Romano, e den) pó roxo, que diziaõ fer de Abel, ifto he, terra mifturada m o feu fangue; todos os mais eraõ dos lugares Santos de rufalem, Belem &c., e offos dos Patriarcas, Profetas, e Sans Monges, que eftavaõ na Igreja. Aqui houve duvida em rir outra porta, e eu afflicto, ou foffe por caufa de naõ tar coftumado a refpirar com ar taõ groffo, ou por falta de mno, ou certamente por caufa do cheiro do cipreste, e ceo, de que eraõ todos os caixoẽs, me deo huma vertigem, e hi fem fentidos; quando tornei em mim achei-me molha) de vinho, e fedorento para muitos dias, porque me met-

teraõ na boca,e nariz ingo, a que chamaõ os droguiſtas *aſſa ſetida*,e *ſtercus diaboli*, e clamando já deſeſperado,que nos foſſemos,vi que me tinhaõ poſto em outra caſa,e hum dos dous abrio hum pequeno poſtigo,e diſſe que ja vinha nacendo o Sol,mas eu naõ vi luz ; obrigaraõ-me a comer hum pedaço de doce, que tinha ſimilhança com o que chamamos neſte Reyno alcomonia, porèm melhor;porque em lugar de farinha uſaõ de canella,cravo,e outros aromas unidos com mel, e depois ſoube era eſte o ſeu ſuſtento,e déraõ-me vinho excellente branco,e doce,com o que fiquei capaz de ſoffrer eſta lograçaõ,que hoje ſaberia eſtimar. Sentei-me em huma columna de bronze,ou cobre,que eſtava deitada no chaõ dentro de hum grande ſaco,e obrigaraõ-me a que me levantaſſe, porque fôra algum dia do ſanto cirio paſcoal:em fim ſentei-me no chaõ,porque os caixoẽs eraõ mais reverenciados do que ſe foſſem oſſos de Santos,e de huns,e outros começaraõ a tirar livros huns de cobre,outros de bronze,outros de pedra,cada couſa deſtas era huma ſó folha,e cada folha hum livro:paſmei de vêr a veneraçaõ, e reſpeito, com que os tiravaõ,beijavaõ,e quaſi tremendo liaõ.Aqui tendes (dizia meu companheiro) a vida de Adaõ, teve tantas filhas, e dizia os nomes de todas &c.o meſmo foi continuando até o diluvio; e eu que me deſejava dalli fóra mil leguas,apenas elle lia quatro palavras, ja lhe dizia,que baſtava; em quanto elle tirava outro, vinhaõ os dous companheiros ler-me os que tinhaõ nas maõs com tal affabilidade,e goſto,que eu naõ tinha mais remedio,que ſoffrellos, porque o ſeu empenho era moſtrarme que elles tinhaõ alli toda a hiſtoria deſde Adaõ até o anno de 1730,advertindo que a mais moderna,e proxima ao nacimento de Chriſto eſtava em pergaminhos atados,e de entaõ para cá em pergaminhos mayores,e ſoltos. Tambem me quizeraõ metter na cabeça que todos os livros da hiſtoria Sagrada,que os auctores dizem que ſe ſomiraõ,alli eſtavaõ, e com effeito os moſtraraõ,e lêraõ os titulos,e alguns caſos delles,que me naõ lembraõ,porque naõ tinha noticia da Eſcriptu-

criptura Sagrada,como hoje tenho,mas eraõ muitos,e grandes,e alguns de dous pergaminhos,mas soltos:em fim acabada a tarefa,e confessando eu,para me deixarem hir,q̃ tinhaõ a melhor livraria do mundo,me abraçaraõ,e me conduziraõ em agradecimento alegres ao *Sancta Sanctorum*, que era huma capellinha pequena por de tràs da Capella mór,mas sem serventia para ella, e muito alta,de sorte que se subiaõ dez degráos para a vêr por huma espessa grade de ferro, que tapava huma porta de cipreste, e a luz lhe vinha por hum oculo, que cahia sobre o painel da Capella mór , defronte da qual estava a lampada; eu naõ vi mais que a casa, e hum turibulo sem tampa com muitos cascaveis pendurado na abobeda; disseraõ-me que tinha hum altar rodondo,e sobre elle huma Cruz grega a que chamaõ Tau com o Santo Lenho, e outras reliquias da tunica de Christo, N. Senhora, S.Jozé, S. Joaquim,e Santa Anna,santo Rey David,e outros parentes chegados de Christo Senhor nosso; porèm eu, ou porque a luz era pouca,ou porque o somno era muito,nada vi,e disse que tinha visto:sahimos pela Igreja,e perguntando eu o motivo porque huns caixoẽs eraõ grandes,e outros mais pequenos, me disse meu companheiro que os grandes tinhaõ corpos inteiros incorruptos, mas que morria quem os via, porque naõ queria Deos similhantes curiosidades. Quando cheguei a casa dos penitentes,naõ vi hum só,e perguntando por elles me disseraõ que como ja era dia estavaõ dormindo,depois de cearem,e em lugar delles estavaõ os velhos q̃ ja vos disse estavaõ na cama quando eu entrei,e outros oito ou nove taõ fracos,e miseraveis,que nem rezavaõ,e cada hum estava prostrado sobre duas ou tres pelles com as cadêas da cintura até os sovacos: ahi me tornou a tapar os olhos,e guiou da mesma sorte até a casa da lenha , onde se despediraõ de mim os dous; e vendo que lhes dava dinheiro, foi tal a sua alegria, e no meu companheiro, e sobrinho, que cuidei me comiaõ, ou matavaõ com beijos, e abraços; dei a cada hum dos dous o valor de hum tostaõ em dinheiro da Persia, e ficaraõ

caraõ taõ contentes, como ſe lhe deſſe hum milhaõ, pedindo-me que ſem falta foſſe lá outra vez,e levaſſe em que trazer reliquias; eu prometti para os contentar, e apenas ſobimos a eſcada grande,conheci pelo Sol,e o meſmo meu companheiro,que eraõ oito horas do dia,levaraõ me para huma pequena caſa no quintal,em que havia huma ciſterna,e nella huma tampa de bronze com dous grandes cadeados, e junto a ella huma cama perſiana de duas cabeceiras, e dous traveſſeiros baſtantemente aſſeada,em que dormi até as duas horas da tarde. Acordei com hum teneſmo, ſegundo meu parecer cauſado do que comi, e bebi na livraria, onde me metteraõ quando eu eſtava ſem ſentidos, e ſentindo-me levantado me quizeraõ dar o jantar, mas dizendo-lhe como eſtava,me déraõ huma bebida,que tomei com medo,e á força de gritos de meu companheiro,e do tio; era amargoſa, e verde,creyo eraõ hervas pizadas,que receitou o velho,e fez logo o filho,e dentro em huma hora eſtive capaz de comer. Reparei que me davaõ carne de porco velha com carneiro excellente, e unindo iſto com o que me tinhaõ moſtrado nos termos, em que já os naõ temia, lhes pedi me diſſeſſem que Religiaõ era a ſua, em que ley viviaõ, e que Igreja era a que me moſtraraõ, e que penitentes os que tinhaõ quaſi de portas a dentro como eu ſuppunha: o velho diſſe ao filho que me levaſſe a vêr a terra com ſeu tio, que elle naõ podia fallar tanto, como eu neceſſitava ouvir, porque eſtava aſſás moleſto, que á noite,ſe pudeſſe,me diria muito: ſahiraõ ambos comigo a moſtrar-me os aliceſes da torre de Babilonia,e dos muros de Semiramis,e outras curioſidades, que ficaõ para ſeu tempo, e meu companheiro me foi contando que elles eraõ Monges de Santo Antaõ Abbade, porém reformados, como entre nós os Capuchos; e porque os Turcos lhes deſtruiraõ doze Moſteiros,vieraõ fugindo para diverſas terras; meus avós (diſſe o penitente meu companheiro) vieraõ para Babilonia, onde hum Patriarca ordenou alguns,e caſaraõ,o que fizeraõ os mais, que naõ eraõ

cleri-

clerigos, depois veyo outro Patriarca, que os obrigou a separarem-se das mulheres, o que elles naõ quizeraõ fazer, e se valêraõ dos Turcos, e Persas em diversas occasiões para lhes resistir, porèm sempre dedicaraõ alguns filhos para o estado monastico sem nunca reconhecerem outros superiores mais que os Bispos, e o Patriarca de Babilonia por Summo Pontifice. Os casados viviaõ em suas casas com grande oppressaõ, e os Monges em covas, comendo só hervas, e aromas, e recebendo com caridade os que vinhaõ de diversas partes, e especialmente de Armenia toda; estes, e outros que vinhaõ do Egypto, e Palestina trouxeraõ livros, ornamentos poucos, vazos, e alguns castiçaes, os de Grecia da mesma sorte; o que tudo se juntou em diversas covas nos Ermos vizinhos: porèm convertendo-se á Fé Catholica hum Mouro Persa muito rico, deo todo o necessario para o Patriarca, que o baptizou, fazer aquella grande Igreja, e quando se fizeraõ as escadas para ella, por onde foste, se acharaõ já feitas as casas, que viste da lenha, fogo, e sepulturas, e se acharaõ os corpos dos antigos Patriarcas, que segundo os livros de pedra que estavaõ nos seus sepulcros, nossos antigos avós depois do diluvio os trasladaraõ para este sitio por ser o mais alto, porque como temiaõ outro diluvio, só aqui os julgaraõ livres de outros perigos. Fabricou-se a Igreja debaixo do chaõ, porque a cada hora nos temiamos dos inimigos da Fé, e que nos profanassem os altares, e ossos dos Santos, que depois fôraõ mandando para ella os nossos Monges da Palestina, caminhando de noite muitas, e muitas leguas para os tirarem dos sepulcros, depois que os Turcos dominaraõ todo aquelle santo paiz. Os paineis de obra Mosaica tambem vieraõ da Palestina com outros mais que temos guardados em casas, que vos naõ pude mostrar, porque naõ determinamos até agora em que lugares se haõ de pôr. Em quanto foi vivo este Patriarca, que era muito santo, tudo fôraõ augmentos na Igreja, onde celebrava os officios, e Missa com os nossos Monges; mas depois que elle morreo, veyo outro avarento, e que todos aborreciaõ de sorte, que nunca o deixaraõ

entrar

entrar nesta Igreja; e constando-lhe que nos accusava de que tinhamos nella muita riqueza,e antiguidades,o matamos com veneno;e os que se seguiraõ,com medo de que lhe succederia outro tanto,nunca mais se metteraõ comnosco,nem nós com elles, de sorte, que além do excessivo medo, que de nós tem, naõ sabem já hoje que tal Igreja possuimos;e se o sabem,importa pouco ; porque a entrada para ella temos nós guardada com tal ingenho , e subtileza , que he impossivel que o saiba pessoa alguma sem lho dizerem, e nós juramos todos, os que sabemos por onde he a entrada que nossos antigos fizeraõ,de dar a vida pelo segredo della, por isso vos levei com os *olhos* tapados,para naõ quebrarmos o juramento.A fresta,que viste na casa dos livros, por onde conhecemos que vinha amanhecendo,he hum pequeno buraco aberto na rocha de hum poço das casas de outro irmaõ meu,que tambem pede para os Monges, que estaõ venerando os sepulcros dos santos *Patriarcas*, os quaes nós mostramos a todos, os que querem dar esmola,e vaõ vizitar a santa casa , onde elles estiveraõ , e vós vistes os sepulcros vazios;e para lá irem cobra meu irmaõ entrevado a esmola, e os hospeda, porque a nossa casa he a hospedaria deste Mosteiro,e com o que eu,e meu irmaõ tiramos de esmolas por diversas partes, com o que deixaõ os devotos , que morrem, e que nos mandaõ os outros Monges da Palestina, passamos muito bem , e o que mais nos avulta saõ as esmólas dos Persas , Turcos , Mouros , mulheres de todas as Naçoẽs especialmente pejadas , porque tem grande fé na terra dos sepulcros dos Profetas,que dizem saõ irmaõs de Mafoma,e nós lhes damos a terra do quintal que fica sobre a sua abobeda,que he o mesmo,porque como os lugares dos ossos saõ de pedra,*naõ* lhe podemos dar outra reliquia,nem terra.Os Monges,que viste fazendo penitencia,saõ por todos quarenta,e vem dos Mosteiros do Monte Sinai,e de toda a Palestina aqui acabar a vida,saõ homens já santos,e daqui naõ sahem mais, nem se admitte outro sem morrer primeiro algum,e os que vem de no*vo naõ passaõ* das casas que vistes antes de vos tapar os olhos,

e de

e de tres que tem grandes para cozinhar;e dormir,nem se lhes revela o segredo sem passarem muitos mezes, e serem approvados por todos,e elles jurarem de lá morrerem,e nunca sahirem fóra,todos saõ leigos,e naõ queremos cá Sacerdotes,nem sombras delles, porque hum unico,que cá tivemos, quiz depois sahir , e foi necessario prendello até morrer. Cada hum faz a penitencia que quer,e sempre hade ser de noite, o que conhecem pela luz que dá o zimborio da casa dos sepulcros; e para administraçaõ dos Sacramentos,chamamos hum Clerigo. Tudo isto me disse respondendo-me a diversas perguntas, que lhe fiz;e mostrando-me admirado do inexplicavel trabalho,que custaria a fazer debaixo da terra tantas,e taõ grandes fabricas,se rio,e me disse que pouco,ou nada custavaõ a fazer, e que na Palestina havia innumeraveis,livres assim dos tremores da terra,mais devotas,e capazes de occultar;e que o modo de as fazer era buscar sitio fundo em algum valle,ou fazer em algum plano huma grande cova, em que se pudesse fazer todo o edificio muito á vontade dos artifices, e depois entulhavaõ tudo de pedras,e terra,até ficar igual com a outra, e assim ficava o edificio enterrado debaixo do chaõ oito, e dez braças,como aquelle que estava servindo de pasmo aos que cuidavaõ se rompera a terra por modo de mina para o edificarem; e reparando eu em que as aguas naõ repassassem as abobedas,ao menos pelas juntas,me respondeo que as pedras estavaõ unidas com bitume, de que há poços notaveis alli perto, e pedreiras, que se descobriraõ seculos depois do diluvio, e que álem disso todas aquellas casas, e Igreja por fóra era do feitio de huma tenda ordinaria de campanha aguda em sima como huma navalha, de sorte que toda a humidade, que naquella regiaõ he pouca,descia a buscar a sapata do alicerse,e alli a recebiaõ varios poços,que tinhaõ feito logo no principio perto dos edificios: e perguntando-lhe eu porque andava misturado com os penitentes Mouros,me respondeo que elle, e todos os seus eraõ circumcidados, e se accommodavaõ ao modo de vida,e Ley daquelles,que lhes davaõ esmola, porque

nada

nada diſſo fazia mal á alma, com tanto, q̃ houveſſe no homem continua penitencia, e tanto que eſta o fazia ſanto, já ſe naõ podia condemnar, porq em toda a parte com todos, e com todas as Leys, e ritos tinha certo o Ceo. Alem diſto me diſſe mil loucuras, erros, e embuſtes; e eu, que naõ tinha letras para o convencer, me calei, e ſó lhe diſſe que eraõ martyres do demonio, e que infallivelmente ſe condemnavaõ, porque ſó na Fé Catholica Romana havia ſalvaçaõ; de q elle ſe rio, e ſem paixaõ me reſpondeo q fallava como quem tinha lido pouco; que foſſe á ſua livraria na noite ſeguinte, e que elle me moſtraria livros, que na antecedente me naõ moſtrara, eu lhe diſſe q̃ tal naõ queria, mas ſim dormir para na manhãa ſeguinte caminhar. Hoſpedaraõ-me bem eſſa noite, deſpediraõ-ſe de mim com muitas lagrimas, deixei-lhe a eſmola, q̃ pude; e quando depois fui a Monte Sinai, e vi os Moſteiros dos Religioſos de Santo Antaõ (que todos ſaõ Sciſmaticos Neſtorianos, e martyres do demonio, porq cada Convento he huma grande cerca de muralha altiſſima no deſerto ſem porta, nem janella alguma, de ſorte q̃ toda a vida alli fechados comendo ſó hervas q cultivaõ, ſó podem vêr a terra, que as produz, e o Ceo q as cobre, quem quer entrar grita bem alto, ſobe o Prelado á muralha, lança hum inſtrumento como hum ceſto de madeira, e por huma roldana o puxaõ os mais, e o hoſpede vai dentro, e aſſim recebem as eſmolas, e tudo, porq de outra ſorte os ladrões alarves os teriaõ morto todos) pergunte-lhe por eſtes de Babilonia, e todos ſe affligiraõ com a pergunta; porèm hum velho, q̃ me pedio lhe mandaſſe ás eſcondidas manteiga para ſe conſolar antes de morrer, me diſſe ás eſcondidas q os taes de Babilonia eraõ Atheiſtas, guloſos, hypocritas, e era pena terem em ſeu poder a melhor livraria do mundo, q tantos trabalhos cuſtara aos homens mais doutos, e zeloſos de toda a Aſia. Depois contando eu iſto a Gabriel Thimotheo Armenio bem conhecido em Veneza, me reſpondeo o meſmo na ſubſtancia, e que alli era o covil dos Apoſtatas da Paleſtina, Egypto, e toda a Aſia. Iſto he o q̃ unicamente ſei, e vi. FIM DA TRIGESIMA PARTE

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto. Anno 1760. Com todas as licenças neceſſ.

ACADEMIA
DOS
[UMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXI.

Gora percebo eu (disse o Theologo)como se faria com muita facilidade aquella admiravel fabrica digna de curiosidade, e pasmo de todo o mundo,que há em Lis- debaixo do Castello , em que já fallámos largamente em a Conferencia, e agora me persuado que o monte do Ca-) de Lisboa he muita parte,ou todo artefic ial,como já ou- zer;porque a monstruosa fabrica,que tem debaixo de si,a erradamente chamaõ cisterna, excede mil milhões de ve- a grandeza,altura,extensaõ,abobedas,e columnas essa que em Babilonia;e cousa taõ admiravel em tudo naõ se po- azer minando, mas sim como vos disseraõ se edificou essa o á vontade , e depois cobrindo-a de entulho toda altura vai do quintal das casas que fòraõ do P. Jozé Pinto,e faz te ao Collegio de S.Patricio,e seu quintal,até o pavimen-) Castello: ide a Mafra, e vereis debaixo daquella admira- greja, e debaixo do chaõ huma primorosa Igreja de tres s com excellentes columnas,e abobeda de cantaria. Debai- a cidade de Roma todos sabem que há outra cidade,a que aaõ as Catacumbas,onde os Pontifices,e Catholicos cele- aõ os officios divinos,em quanto duraraõ as persegu ições greja,e se enterraraõ os Santos martyres,e os Catholicos,e ousa taõ grande,q,se os curiosos,e devotos naõ levaõ bom ,lá ficaõ,e lá morrem naquelle labyrinto de ruas,casas,ora-)s,cemeterios, em fim huma cidade debaixo da terra com a por sima,e tal como Roma de sorte que há poucos annos erderaõ lá huns,que meu senhor S.Filippe Neri milagrosa-

mente pôs fóra, porque o invocaraõ com muitas lagrim
flicçaõ, e votos. No que respeita aos livros possivel he q
tos delles, ou todos sejaõ bons, verdadeiros, e os muito
faltaõ, e já faltaraõ no tempo de S. Jeronymo, que perc
por toda a Palestina, e communicou com os homens mai
tos, e peritos na lingua Hebraica, e Grega para fazer a tr
çaõ da Biblia; porém disto mesmo podemos inferir, que
falsos; porque se nem S. Jeronymo, nem os homens mai
tos da Palestina no seu tempo os descobriraõ, nem tiveraõ
noticia delles, que a dos seus titulos, materias, e perdiçaõ,
era possivel, que nos desertos se conservassem illezos em
Monges, e estes o naõ revelassem a S. Jeronymo Monge
elles, e taõ venerado, e consultado de todos? Se disserem q
conservaraõ os Anacoretas, esses nem vestido usavaõ, q
mais livros, nunca pessoa alguma os vio, nem communic
naõ huma vez (diz o Prado espiritual) hum Santo *Pad*
Ermo estando para commungar, e conhecendo que era
mayor santidade, porque vinhaõ nús, e só elle os vio, e
cerdote, que lhe ministrou o Sacramento, os foi esperar á
ta da Igreja, e lhes pedio o levassem comsigo, o que elles n
zeraõ, dizendo que naõ poderia tolerar o rigor da sua vi
sorte, que destes até hoje nem ossos, nem sepulturas, nem
gios se acharaõ, e só no dia do Juizo saberemos a gran
dos seus merecimentos, e as suas admiraveis vidas: só pode
zer que os Monges q tantas voltas déraõ á terra, e pedr
Palestina toda, para fazerem covas, cellas, Mosteiros de t
mil Religiosos, e Igrejas, os acharaõ depois da morte de
ronymo, e os naõ communicaraõ á Igreja Romana por fal
meyos, ou porque ja estavaõ inficionados de heresias, pés
ceberaõ os Monges da Palestina no tempo de Santo A
contemporaneo de S. Jeronymo, e o conta o mesmo Prac
piritual, e dessa sorte, aindaque os achassem verdadeiros, t
estavaõ contaminados; o q he mais facil de crer neste caso
que os livros certamente os houve, e alguns, que temos, c
que se acharaõ depois de estarem muitos annos escondid

h

canonicos:os Israelitas duas vezes fôraõ captivcs pa-
ınia,e Persia,por onde se espalharaõ,estes levariaõ os
,paraq se naõ perdessem com o tempo,os trasladariaõ
zes, cobre, e pedras, e paraque os idolatras, de quem
avos,os naõ extinguissem,ou profanassem,os escondе-
covas, poços &c., e como estiveraõ muitos,e muitos
ptivos,perder-se-hia entre filhos,e netos a lembrança
s,em que os esconderaõ seus avós,e depois da destrui-
abilonia,e de toda a Armenia,e Persia seriaõ achados
),ou por industria,como hoje saõ os chamados thesou-
da a Hespanha,naõ sendo mais que alfayas de ouro,e
re esconderaõ humas Nações, quando outras as con-
, e,perdida a memoria dos escondrijos,agora servem
ndustriosos,e afortunados,que tem sido muitos,e mui-
s fabulas,que o pôvo tem composto vendo-os repenti-
ricos. Em fim os tres Reys,que fôraõ a Babilonia ca-
Ianasses,Joakim,e Sedecias,ou os que os acompanha-
cialmente aos dous ultimos,q fôraõ innumeraveis, ou
varaõ captivos entre as notaveis riquezas do templo
reiro de Joakim, e Sedecias podiaõ levar os livros,
s se guardavaõ no thesouro do mesmo templo,e isto
erto,porq o sagrado texto no livro segundo dos Ma-
apitulo 2.n.13.diz que Nehemias fizera em Jerusalem
avel livraria dos livros sagrados, os quaes achou em
giões donde os mandou vir,o que tudo succedeo de-
egundo,e o mayor captiveiro;e Esdras naõ só os ajun-
õ,mas tambem os emendou com conselho, e parecer
ens mais doutos,e os trasladou todos novamente com
vas inventadas por elle, e só os Samaritanos ficaraõ
das letras antigas, com que Moysés os escreveo;o que
,e prova Sylveira nos seus Opusculos. Devei, pois sa-
testamento Novo se naõ perdeo livro algum,e do te-
o Velho se perderaõ vinte,os quaes se achaõ allegados
os q existem,o primeiro he o livro das guerras de Deos
o capitulo 21 dos Numeros numero 14., o segundo o

Hh 2

livro dos Justos de Josué citado no cap. 10. dos Numeros num. 13., e no segundo dos Reys cap. 1. num. 18. o terceiro he o livro das palavras, ou acções de Salamaõ, citado no terceiro dos Reys cap. 11. n. 14., o quarto he o livro das palavras dos Reys de Judá citado no terceiro dos Reys cap. 14. n. 29., o quinto he o livro das palavras dos Reys de Israel citado nos lugares supra, o sexto he o livro de Samuel Profeta citado no livro primeiro do Paralipomenon cap. ultimo n. 29., o setimo he outro livro do mesmo Samuel citado no primeiro dos Reys cap. 10. n. 25., o oitavo he o livro de Nathan profeta, citado no primeiro do Paralipomenon cap. ultimo n. 29., o nono he o livro de Gaad Profeta citado no primeiro do Paralipomenon cap. 29. n. 25., o decimo he o livro de Athias Silonitis citado no segundo do Paralipomenon cap. 9 n. 29., o undecimo he o livro de Adonis Profeta citado no mesmo lugar supra, o duodecimo he o livro de Jehu citado no segundo do Paralipomenon cap. 20. num. 25., o decimoterceiro he o livro de Hozai citado no segundo do Paralipomenon cap. 33. num. 19., o decimoquarto he o livro das tres mil parabolas de Salamaõ citado no terceiro dos Reys cap. 4. n. 32., o decimoquinto he o livro dos finco mil versos, ou canticos de Salamaõ citado nos mesmos lugares supra, o decimosexto he o livro de Enoc citado na Epistola do Apostolo S. Judas n. 14., o decimosetimo he a Epistola de Santo Elias para o Rey Joram citada no segundo do Paralipomenon cap. 21. n. 12., o decimooitavo saõ as descripções de Jeremias citadas no segundo dos Macabeos cap. 2. n. 1., o decimonono he o livro dos dias de Joaõ Hircano citado no primeiro dos Macabeos cap. ultimo n. 24., o vigesimo he o livro da historia de Ofias, Rey de Judá escripta pelo Profeta Isaias citada no segundo do Paralipomenon cap. 26. n. 22. Tambem faltaõ os livros de Eldab, e Medab, o testamento de Moysés, e o Psalmo extraordinario, álem dos cento e fincoenta. Tudo isto tras Sylveira no tomo dos Opusculos varios pag. 9., onde, com auctoridades dos Doutores da Igreja, Escriptores antigos, Concilios, e razões mostra a verdade desta falta, e segue que o moti-

) della foi castigo de Deos áquelle ingrato pôvo , que
por negligencia deixava perder os livros sagrados,mas
posito, e caso pensado os destruiaõ, e queimavaõ como
da Profecia de Jeremias cap. 36. n. 23., e esta razaõ he
verosimil , porque Moysés escreveo doze livros cada
om todo o Pentateuco,que em Grego significa volume
:o livros que saõ Genesis, Exodo,Levitico,Numeros, e
ronomio,dos quaes todos foi Moysés auctor,e antes de
r deo a cada Tribu hum volume com os taes sinco li-
depois escreveo decimoterceiro volume,que entregou
.vitas,que o guardaraõ com summa veneraçaõ no taber-
),e depois no templo,tudo com o fim de que se naõ per-
ı aquellas memorias sagradas, e tivessem a Ley sempre
dos olhos;porém elles os fecharaõ de sorte,que os dei-
perder, e no tempos do Rey Josias se achou, como por
e, o livro do Deuteronomio enterrado altamente no
);porém Esdras Doutor excellentissimo restaurou tudo,
luzio a outra fórma com letras novas assistido do Espi-
nto,e lhe accrescentou algumas palavras:*Naõ houve pro-
to Moyses*;e outras muitas em louvor do mesmo Moysés
passo,as quaes elle certamente naõ escreveo de si, por-
a santo,e naõ se havia de louvar a si nas suas obras, nas
só pôs o que succedera, e elle obrara. Santo Agostinho
sa que lhe he occulta a razaõ,porque Deos permittio q
vros se perdessem; porém esta do Sylveira he excellen-
sta para a fundamentar,sabermos de fé,q Deos mandou
emias esconder até agora a arca propiciatorio,e meza,e
naõ foi outro o motivo mais q vêr o pouco apreço,que
ıhaõ feito daquellas cousas sagradas,em castigo do que
ptivos para Babilonia:em fim talvez que assim como Es-
lepois os Macabeos,restauraraõ os livros,que existem,
ı restaurasse,ou achasse por acaso alguns dos que faltaõ,
itta Deos que estejaõ em poder desses, cismaticos, ou
:as, assim como permitte que todos os Lugares santos
salem,e Palestina estejaõ em poder dos Turcos por al-
usso-

tissimos juizos seus, e castigo dos nossos peccados; porém nenhum Catholico Romano, que os vir, os deve venerar, nem ter por livros sagrados, e muito menos crer, nem por sombras, cousa alguma delles, em quanto nossa Máy, Mestra, e Senhora a Santa Igreja Romana os naõ examinar, expurgar, e declarar q saõ canonicos. E para melhor perceberes o q me tendes ouvido, e o muito, que tenho, em que vos instruir, deveis saber que Escriptura Sagrada he aquella, de q Deos he auctor proximo, ou porque a escreveo, ou porque a mandou escrever, e dictou, inspirando as sentenças, e palavras; isto he commum de todos os Santos Padres, que chamaõ a Escriptura Sagrada huma carta de Deos para o homem; e ja vos disse q Deos tudo obrava pelos Anjos seus Ministros, e servos: chama-se Biblia no numero plurar, aindaq alguns o usaõ no singular, e sempre significa Livros, e naõ livro, porque saõ muitos; e aindaque muitos Santos Padres seguiraõ diversas opiniões no numero delles, o certo, e infallivel he o q nos ensina o Sagrado Concilio Tridentino, e saõ vinte e dous como as letras do alfabeto Hebraico, o que ja antes tinhaõ determinado muitos concilios: chama-se a Escriptura Sagrada testamento Velho, e Novo, q quer dizer ajuste, concerto, pacto, q isso significa a palavra Berioth: o testamento Velho he o que Deos fez com os homens por Moysés, e o testamento Novo he o ajuste, concerto, e pacto, q Deos fez com os homens por seu filho Jesu Christo nosso Senhor. Chamaõ-se estes livros canonicos por dous motivos, para o q sabei q a palavra Canon significa regra, ou norma de qualquer cousa, por isso chamamos Canon a regra geral da Missa, q serve sempre por isso se chamaõ Canonicos aos Conegos, porq foraõ os primeiros Regulares, e Religiosos que teve a Igreja de Deos fundados no monte Siaõ por S. Tiago menor, e viveraõ muitos annos em todo o mundo em commum com os Bispos, conforme a regra dos Apostolos; porém esta mesma palavra Grega Canon significa tambem numero certo, e catalogo, e por huma, e outra significaçaõ se chamaõ canonicos os livros Sagrados, porq saõ a nossa regra, e ja porq estaõ reduzidos a dous canones.

ous catalogos,e dous numeros certos;e daqui ficai adver-
,que o chamar-se a hum Santo canonizado,he porque naõ
ida pôr o Summo Pontifice no catalogo dos Santos,que
canon delles. Isto supposto, há canon da sinagoga, e ca-
a Igreja Catholica Romana: os livros Sagrados do pri-
Canon,primeiro testamento,concerto,e ajuste de Deos
s homens,saõ Genesis,Exodo,Levitico,Numeros,Deu-
omio de Josué, dos Juizes, de Ruth, quatro dos Reys,
io Paralipomenon,dous de Esdras,que chamaõ de Nehe-
o de Tobias,o de Judith, o de Esther,o de Job,o Psalte-
m cento e sincoenta Psalmos,o das Parabolas,o Ecclesia-
Cantico dos Canticos,o da Sabedoria,o do Ecclesiasti-
de Isaias,o de Baruc,o de Ezequiel,o de Daniel, e doze
rofetas menores q saõ Oseas, Joel, Amos, Abdias, Jonas,
eas, Nahum, Habacuch, Sophonias, Aggeu, Zacharias,
chias, e dous dos Macabeos. O testamento novo canon,
Cathalogo da Igreja Romana,saõ os quatro Evangelhos
Mattheus, S.Marcos, S.Lucas, e S. Joaõ, os Actos dos
olos escriptos por S.Lucas,quatorze Epistolas,que quer
cartas, de S. Paulo para os Romanos huma, para os de
tho duas, para os de Galacia huma, para os de Epheso
para os Filipenses, outra para o Colocenses outra, para
Tessalonica duas,para Thimotheo Bispo,e seu discipulo
para Tito huma, para Philemon outra, e para os Hebreos
Duas Epistolas de S. Pedro, tres de S. Joaõ Apostolo, e
elista, huma de S. Tiago, huma de S. Judas Apostolo, e
do Apocalipse de S. Joaõ Apostolo, e Evangelista. Sepa-
le todos estes livros, e fóra do seu Cathalogo, e Canon, tra-
Biblias dous livros mais, que saõ o terceiro, e quarto de Es-
ue a Igreja,e Sagrado Concilio naõ admittio por Canonicos,
tendendo a que muitos Santos Padres os citaõ,os mandou pôr
,e fora do Cathalogo,e serie dos outros,paraq senaõ creaõ,
condemnar cousa alguma do q nelles se contèm. Resta sabe-
ra quaes fôraõ os auctores que escreveraõ todos estes livros
os do testamento Velho, que do Novo já o disse quando no-
s livros delle: e primeiramente he questaõ debatida se Deos
o alguma cousa immediatamente,ou se foi tudo por ministe-
Anjos,como vos tenho dito, isto he, escrevendo elles alguma

cousa, e inspirando as outras aos auctores,ou dictando-lhes as p
vras. A primeira opiniaõ fundada em Santo Estevaõ no capitulo
timo dos Actos dos Apostolos,Santo Anselmo,e S.Thomàs,segu
do a S.Dionizio,e ainda em huma parte a Santo Agostinho no li
segundo da Trindade cap. 10.,e 11.,e no livro 3. cap.4., diz q t
Deos fizera,escrevera,e mandara,ensinara,e dissera por ministeri
Anjos, e de homens, e q̃ as taboas da Ley fôraõ escriptas por An
dadas por Anjo,e tudo o q diz o texto dissera,e ordenara Deos,
sera,e ordenara o Senhor,fôra dito,e ordenado por Anjo mand
por Deos, q̃ por vir em seu nome, e fazer a sua figura se lhe cha
humas vezes Senhor,outras Deos, e por isso diz o texto,q̃ as tab
eraõ escriptas com o dedo de Deos,sendo hum Anjo o que parec
escreveo, porque todos assentaõ que hum Anjo as entregou,e q
renta dias communicou Moyses, descendo com apparato de Deo
nuvens, trovões &c.,porque vinha por seu Lugartenente, Legad
Embaixador: outra opiniaõ diz que Deos só immediatamente
ministerio algum de Anjos escrevera nas primeiras taboas os
mandamentos da sua santissima Ley,e q̃ Moyses escrevera as seg
das, dictando-as Deos, he expressa de Santo Agostinho com os
dernos,e Sylveira: outros dizem q̃ só Deos escrevera as primeir
segundas. Elle sabe a verdade: no Ceo,que esperamos pelos mer
mentos de Christo Senhor nosso,a saberemos; que eu sempre me
clino que todas escreveo Anjo, porque Moysés quebrou as prin
ras, e parece-me q̃ Deos o naõ permittiria,se as tivesse escripto
mediatamente com a sua maõ, isto he com o seu poder, porq̃ D
naõ tem mãos,e he purissimo espirito. Isto vos disse,e vós ja lei,
o tendes ouvido mil vezes aos prégadores, allegando o Sylveir
especialmente o trata. He de fé,e o diz S. Pedro na segunda Epi
la cap. 1. num. 21., que os Profetas fallaraõ inspirados, e instrui
pelo Espirito Santo, por isso lhes chamavaõ boca de Deos, com
vê nas profecias de Isaias,e Zacharias,em S.Lucas,e nos Psalmos
Christo Senhor nosso diz S. Thomás que nada escreveo,except
arêa com o dedo,quando quiz livrar a adultera: porém Santo A
stinho, Santo Efrem, Theodoro Studita, Baronio, Lireu, e mu
mais, dizem que escrevera a Abagaro, Rey de Edessa a respost
huma carta, e com ella lhe mandara o seu retrato, q̃ além de
tos prodigios tem livrado aquella cidade dos Persas,e de incen
e Papa Gelasio a numerou entre as cousas apocrifas, isto he, co
cujo auctor se ignora. No q̃ respeita á Santissima Virgem nossa
nhora vos direi logo as opiniões com o mais, que muito neces
saber. FIM DA TRIGESIMA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de ... Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças necess.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXII.

DUas Epiſtolas (diſſe o Theologo) affirmaõ quatorze auctores citados por Sylveira nos Opuſculos, que a Virgem Santiſſima noſſa Senhora eſcrevera; huma ao S. Ignacio, outra aos Meſſanenſes; porém como nem eſtas duas, nem a de Chriſto para Abagaro eſtaõ no Catalogo do Concilio, naõ ſaõ Canonicas; e a cauſa he porque naõ conſta da ſua infallivel certeza, iſto he, aindaque conſte que as eſcreveraõ, naõ conſta que ſaõ eſſas as que eſcreveraõ, ou dictaraõ a quem as eſcreveo; aſſim como conſta que houve o Concilio Francofordienſe, e falta a certeza infallivel do ſeu exemplar: pelo que ſenaõ admittem os que tem apparecido com o nome, e titulo de Concilio de Francfort. Antes que tratemos dos auctores do teſtamento Velho, neceſſitais ſaber quem inventou as letras, e o modo de eſcrever. Huns com S. Cirilo julgaõ que foi Moyſés, e que o Pentateuco foi o primeiro livro, que houve no mundo; Philo, e outros dizem que fôra Abrahaõ o inventor das letras, e do modo de eſcrever: outros querem foſſe Henoc, ſetimo neto de Adaõ; porém daqui meſmo ſe infere a opiniaõ mais certa, que ſegue Sylveira, a qual he de Santo Agoſtinho, e dos mais, e melhores auctores, iſto he, que Adaõ teve todas as ſciencias infuſas, e ſoube eſcrever, e enſinou a ſeus netos o uſo das letras, e ſciencias, e por iſſo Henoc ſeu ſetimo neto eſcreveo eſſe admiravel livro, cuja perda lamentaõ os Santos Padres mais, que a dos

dos outros todos: de ſorte que Deos que lhe deo t
ſciencias, e o fez meſtre de todos os ſeus deſcendent
haviaõ de povoar todo o mundo: para elle as cõmun
auſentes, e futuros lhe deo ſciencia das letras, e do moc
dellas, que elle enſinou a filhos, e netos, e eſtes a todos.
meiros eſcreveraõ em folhas de arvores, como ainda h
zem os gentios da India, ſervindo-lhes de penna hum p
de ferro agudo, o qual ſeguraõ com toda a maõ fecha
zem conſervaõ em memoria de ſer o primeiro modo d
ver, q na Armenia enſinara Noé depois do diluvio; a
do que as folhas de palmeira brava aſſim eſcriptas, o
das duraõ ſeculos, e ſó o fogo lhes faz damno: depois
de cortiças, e taboas, a que ſe ſeguiraõ as laminas de cl
bronze, cobre, aço, ferro, e pedra: ultimamente uſaraõ
gaminhos com pennas de diverſos metaes, como ſe uſ
pre, (e ainda alguns hoje) para fazerem livros do Côr
da precioſa invençaõ da eſtampilha: hoje com o uſo d
pennas, e imprentas tudo ſe facilita; ſe bem me cuſta
crer que tudo o que agora gozamos neſta materia, e
tras, o naõ havia antes do diluvio, e logo nos primeiro
de Adaõ; porque elle he certo que tudo iſto ſoube faz
occupaçóes da agricultura naõ impediaõ a ſeus netos
car citharas, orgáos, e outros inſtrumentos muſicos, q
temos, e fazer obras de ferro, e bronze: logo tambem
papel, pergaminhos, imprentas, e tudo o mais que hoje
e muitas mais couſas, que nos faltaõ, e ignoramos; por
nhum de nós, nem os noſſos antigos tiveraõ hum meſt
parente ſapientiſſimo com ſciencia infuſa de tudo
aquelles antigos Patriarcas o tiveraõ, e gozaraõ em ſe
avò Adaõ, e com humas vidas dilatadiſſimas de muit
los, que por mais rudes, que alguns foſſem, (do que na
mos ſuppôr, porque a natureza ainda entaõ nada tinh
hido) tempo lhe ſubejava para aprenderem, uſarem, e
rem filhos, e netos no diſcurſo de tantos ſeculos de vi
boa ſaude, e muito poucos cuidados, porque o veſtic

ɔ alimento frutas, os palacios cabanas, as fazendas todo .o com paz. Isto supposto, o auctor dos finco livros, de compòem o Pentateuco, foi Moysés sem dûvida algu- que escreveo nelle álem do que vio, ou Deos lho reve- o trasladou de alguns livros antigos dos Patriarcas, ou ıdições constantes, sagradas, e verdadeiras: e algumas ɟue nelles se achaõ, que certamente naõ havia no tem- Ioysés, e só existiraõ muito depois, fôraõ accrescenta- de Esdras, que ja vos disse restaurou, e augmentou os agrados reduzindo-os á melhor fórma, e clareza: o livro ıé he sentença cómua que elle mesmo o escrevera, e se las palavras delle na versaõ Grega, e Hebraica: o livro ızes, o de Ruth, e os dous primeiros dos Reys assentaõ ; bem fundados que os compôs Samuel, e os outros Profeta Jeremias; o de Tobias dizem que elle mesmo ıuzera para satisfazer á recommendaçaõ, que lhe fez o o S. Rafael na despedida, dizendo que publicasse as .has, que Deos com elle obrara. O livro de Judith na opiniaõ foi composto pelo Sũmo Pontifice Joaquim; ther foi composto por Mardoqueo, o de Job por Moy- contemporaneo, os dous do Paralipomenon, que quer ccrescentamento, e isso na verdade saõ, fôraõ compo- r Esdras; o dos Psalmos pelo santo Rey David, dos de , e Nehemias ja lhe sabeis o auctor; os livros de Pro- ;, Ecclesiastes, Cantico dos Canticos, e Sabedoria na opiniaõ fôraõ todos, e inteiros compostos por Sala- do Ecclesiastico por Jesus Sirach; os livros dos Profe- :beis que cada hum compôs o seu: o primeiro livro dos ɔos dizem os mais bem fundados que o compôs Joaõ o Pontifice, e Profeta, e que o segundo o compuzera Esseno acompanhado para isso do senado Judaico: to- aõ compostos na lingua Hebraica, excepto o de To- ıe foi na Caldaica. Os Armenios se jactaõ de que a sua , e as suas letras saõ as Hebraicas verdadeiras, e tudo 'aõ desde que Noé, e sua familia desembarcou nas suas

 ter-

terras; e álem diſſo com pedras, e inſcripções antiquiſſ
moſtraõ que quando Deos confundio a lingua Hebraica
zendo della ſetenta para os homens deſiſtirem da loucu
fundaçaõ da torre de Babilonia,os que de repente ficaraõ
diverſas linguas,dividiraõ ſe por diverſas terras,e os que
raõ com a Hebraica antiga,e pura ficaraõ em Babilonia
menia,e Perſia. S.Jeronymo traduzio de Hebreu em La
teſtamento Velho todo,exceptos os Pſalmos,que dizem
vaõ ja em lingua Grega,aſſim como o teſtamento Nove
della traduzio na Latina o meſmo Santo;e eſta verſaõ de
ronymo,a que chamaõ a Vulgata,he a que o ſagrado C
lio julgou Canonica,e nos mandou crer: antes, e depois
houve muitas verſões,que a Igreja permitte ſe uſem;a ma
lebre he a dos ſetenta interpetres,q̃ dizem fôra feita mil
ſamente,porque no anno do mundo 3775, e 278 antes d
cimento de Chriſto Senhor noſſo,conforme a melhor Cr
logia,Ptolomeu Philadelfo,Rey de Egypto,e Alexandri
huma notavel livraria, para o que com trabalho grande,
pendio mandou conduzir de todas as partes todos os li
de que havia noticia até aquelle tempo;e conſtando-lhe
Judeos tinhaõ os mais excellentes,mandou huma Emba
ao Pontifice Eleazaro com hum grande preſente,ſendo
lhor delle o dar liberdade a cento e vinte mil Judeos,q
vaõ captivos no Egypto;e por eſte admiravel beneficio
mo pedia lhe quizeſſe mandar de cada Tribu ſeis h
doutos,que ſoubeſſem a lingua Grega,e Hebraica,e deſ
traduziſſem na Grega todo o teſtamento Velho: o Por
agradecido, e obrigado lhe mandou os ſetenta Doutore
o Rey pedia,e com elles hum tomo de pergaminho exc
te com todos os livros ſagrados na lingua Hebraica eſc
com letras de ouro;e o Rey mandou recolher cada hu

e lhes assistira a todos o Espirito Santo, e por influxo
l delle, estando separados escreveraõ todos setenta o
; porèm como Deos entregou o mundo ás disputas, e
juizos dos homens de sorte, que nada temos certo, se-
que elle disse, e a sua Igreja nos ensina, há muitas duvi-
speito deste prodigio, naõ obstante o contarem com ba-
clareza os auctores, principalmente Aristeas; porque S.
mo diz que he mentira dizer-se q cada hum estivera se-
em sua cella sem cõmunicaçaõ alguma, o mesmo dizem
modernos como Masio, Titelmano, Belarmino, e ou-
ndados em q o dito Aristeas naõ falla em taes cellas, e
menos Josepho; porém S. Justino, que floreceo no anno
hor de 150, que vinha a ser 4?? depois do prodigio de-
saõ, diz que vira com os seus olhos os vestigios das taes
perto da cidade de Alexandria, e achara nos velhos do
tradiçaõ do milagre: o mesmo parecer seguem Santo
, S. Cirillo, Santo Agostinho, Santo Hilario, Santo Isi-
outros muitos auctores, q respondem á notavel aucto-
de S. Jeronymo com a sua veneraçaõ, que se lhe deve,
lo, q o Santo Doutor Maximo assim o escrevera, porque
rmaraõ falsamente. Porém acabada esta difficuldade, ré-
tra grande, e vem a ser, como podiaõ setenta homens
dos, e sem cõmunicaçaõ alguma fazer setenta versões, e
los de tantos livros, sendo hum só o tomo delles, q man-
Rey o Pontifice Eleazaro? mas a isto se responde com
acilidade, dizendo q o tomo precioso foi presente, que
u o Pontifice ao Rey em agradecimento do q lhe man-
liberdade, que déra aos 120000 Judeos, e foi para ficar
aria no mesmo idioma Hebraico, e naõ para servir aos
etres na traducçaõ, porq para essa levou cada hum o seu
proprio de sua casa, e cada hum verteu pelo seu, e todos
ó o mesmo. Isto he certo porque estes setenta homens
outissimos, e Doutores da Ley escripta; e como haviaõ
Doutores da Ley, sem terem em suas casas todos os li-
ella em hum, ou muitos tomos para a estudarem, ensina-
rem,

rem, e explicarem ás Tribus,de que eraõ Meſtres,e cuj
vidas,e ignorancias eſtavaõ ſanando todas as horas?e qu
via de ſer o homem douto, e ainda naõ douto,que ſabe
mandavaõ a hum Reyno eſtranho a hum negocio de l
ſua,e da ſua Ley,e Naçaõ,e taõ impertinente como he
duzir em lingua eſtranha, que ſahiſſe de caſa ſem o liv
ceſſario para a traducçaõ,e iſto no tempo,em que Judea
va abundantiſſima de livros novos de compoſiçaõ de E
Ariſteas afflicto com eſta duvida rompeo na ſahida p
conſiderada,dizendo q̃ o tomo precioſo tinha ſetenta f
e que em Alexandria o deſenquadernaraõ, e cada *dia* d
huma folha a cada hum, e que por iſſo gaſtaraõ ſetenta
naõ creyo;e cada hum por ſi ſe julgue,ſe foſſe mandado
çaõ taõ grande.Eſta verſaõ teve ſempre a veneraçaõ,q̃
cia, e os Santos Apoſtolos a allegaõ; depois foi *muitas*
examinada com trabalhos incriveis de dous Cardiaes, e
verſidades, e ultimamente propoſta á Igreja por authe
pelo Sũmo Pontifice Xiſto V., cuja Bulla ſe vê no prin
da dita verſaõ no Vaticano. A ſegunda verſaõ he de A
homem douto,natural da cidade de Ponto,o qual vendo
lagres dos Apoſtolos, ſe baptizou; mas ſendo reprehe
por elles,porque continuava no eſtudo,e praxe da aſtro
Judicaria,que aprendera,e uſava ſendo gentio,ſe enfado
elles,e deixando a Fé,ſe fez Judeo,e circuncidou no an
Senhor 11-,no eſtado de Apoſtata traduzio o teſtament
lho de Hebreo em Grego com máo animo,e muita dep
çaõ,diz o doutiſſimo Sylveira na pag.72.dos Opuſculos.
ceira he de Simmacho Samaritano, depois ſegunda ve
cumcidado.e Judeo, logo Catholico,e pouco depois he
verteo o teſtamento Velho em Grego,calando com ſum
licia os lugares mais expreſſos da vinda de Chriſto. A q
he de Theodociaõ, q de herege Marcioniſta paſſou pa
deo;porem he de notar que Aquila traduzio palavra p
lavra,Simmacho ſentido por ſentido,e Theodociaõ par
lavra por palavra,parte ſentido por ſentido,todos de H

ego. A quinta he a Hierichuntina,porque se achou em
hunte no anno do Senhor 229,sendo Imperador Anto-
Caracala;foi achada em huns potes de barro,ou panelas,e
ma forte no anno seguinte foi achada a sexta versaõ na
de Nicopoli,donde se chamou Nicopolitana,e daqui se
q os antigos costumavaõ guardar os livros em vasos de
A setima versaõ he de Origenes,q se metteo a emendar
setenta,accrescentando,e diminuindo. A oitava he de S.
no presbitero,e martyr,he quasi o mesmo q a dos setenta,
os annos lhe déraõ esse titulo; he summamente venerada
regos;naõ pôde o Santo publicalla nos seus dias,e para a
der dos tyrannos a escondeo em huma parede em Nico-
, onde foi achada no anno de 310 do Senhor, reinando
antino Magno, vinte e sinco annos depois da morte , e
rio de seu auctor. A nona he a Hesichiana composta por
hio, Bispo de Egypto, q dizem fôra martyr,outros que-
ja feita por outro Hisichio Monge doutissimo. Adverti
q só a versaõ dos setenta está inteira, e de todas as mais
stem pedaços, que o Papa Xisto V. mandou pôr nas Bi-
Gregas impressas conforme a versaõ dos setenta,nas quaes
de cada capitulo estaõ os taes pedaços, q muitas vezes
aõ nos Santos Padres allegados com louvor,e só estes pe-
assim approvados pelo Papa nos he licito lêr,e usar,porq,
a de Hesichio,a de S. Luciano,a de Origenes,e Nicopo-
a Hiericunthina,e a de Theodociaõ saõ recebidas pela
,e os Santos Padres dizem q esta ultima excede a todas,
s, especialmente S. Jeronymo, usaraõ dellas, e saõ boas,
leiras , e utilissimas ; ás de Simmacho , e de Aquila naõ
deve dar fé alguma no q trazem a respeito de Christo Se-
osso,e dos mysterios da Fé pelas razões,q ja vos disse,e
só os pedaços impressos,e adjuntos por ordem do Papa
seguros,e bons,que nellas havia. Alem destas nove ver-
e Hebraico em Grego,houve,e há muitas do Hebraico
versas linguas,e muitas do Hebraico, e Grego na lingua
. A primeira he a Samaritana,assim chamada,porq,sepa-

rados

rados as onze Tribus por morte de Salomaõ , levantar
Rey de Ifrael a Jeroboaõ q tinha fido criado de Salama
via aufente,e criminofo,como diremos a feu tempo;efte
fucceffores fizeraõ Côrte de Ifrael a cidade de Samaria,
raõ fempre com odio mortal á Tribu de Juda, q unica
ficou obedecendo ao Rey Roboaõ,filho de Salamaõ,cuj
te era Jerufalem. Eftes pois,Samaritanos no nome tom
Côrte do feu Rey, e na verdade Ifraelitas como os da
de Juda, chamados por iffo Judeos, fôraõ deftes igual
aborrecidos,e avaliados juftamente por hereges, porq,
fe fepararaõ,fizeraõ idolos,bofques,e tudo o mais, q *faz*
gentios idolatras,e eu vos contarei,até q tiveraõ outro t
á imitaçaõ do que fez fem fegundo com prodigios o R
lamaõ;e,fegundo o que diz S.Epifanio,depois fôraõ obf
tiffimos da Ley de Deos.Eftes pois naõ admitti aõ *a no*
criptura,q depois do captiveiro de Babilonia fez o dout
Efdras efcripta,e accrefcentada com letras dos Affirios,
tinha vindo aquelle numerofiffimo pôvo,as quaes letras
biaõ melhor, e lhes agradavaõ mais, porq tinhaõ fido c
com ellas no captiveiro,de forte, que fó entre os Samai
ficou,e fe confervou o teftamento Velho com as mefma
Hebraicas.com q Moyfés o efcreveo,porém muito dim
porq fó tiveraõ os finco livros do Pentateuco, os quaes
o tempo de S.Jeronymo eftiveraõ fepultados,e totalm
naõ fabia delles, até que nefte feculo floreceo o fapien
Joaõ Morino, que os defcobrio, traduzio em Latim, e
prelo em Pariz.A fegunda verfaõ he a q fe fez na lingu
daica,por neceffidade.porque os Hebreos divididos ent
deos,e Gregos,depreffa perderaõ,ou corromperaõ a lin
tural, e foi neceffario traduzir-lhe nas linguas das terra
vros da Ley , porque ja nas finagogas naõ entendiaõ o
lia,Efta traducçaõ foi feita por varios Rabinos,ifto he,r
da Ley,e mais he expofiçaõ do que verfaõ,porque com
o texto. Vinde logo faber o q nefta materia he muito
[illegible]io. FIM DA TRIGESIMA SEGUNDA PAR
[illegible]

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIII.

CHamou-se (disse o Theologo) esta versaõ Caldaica *Targum*, que quer dizer naquella lingua *Commento, exposiçaõ*. Alguns Rabinos lhe accrescentaraõ muitos livros, que ja disse naõ tinhaõ em outro tempo os Samaritanos: e como os auctores ja estavaõ cheyos de erros do maldito Talmud (livro infame, ridiculo, dictado pelo demonio, como os mesmos Judeos confessaõ) viciaraõ com erros delle todos os livros, que verteraõ, e lhe accrescentaraõ: pelo que os Expurgatorios do Santo Officio, dizem que desta versaõ nem se póde fazer estimaçaõ, nem deduzir argumento firme, e em todas as suas partes convêm ser lida com muita cautella, e muitos se queixaõ de que ande esta versaõ na Biblia Regia. Houve álem desta a versaõ Siriaca, que tambem foi feita por necessidade, porque ja disse que os Hebreos no captiveiro perderaõ a lingua materna, e como naõ podiaõ bem pronunciar a Caldaica, fôraõ compondo huma terceira filha de ambas, a que ficaraõ chamando Siriaca, por ser quasi a que os Siros unicamente fallavaõ depois que padeceraõ estes infortunios: nesta pois trasladou o testamento Velho Moysés Barcesa Siro, e depois outros o Novo, porque de hum, e outro usaraõ nesta lingua as Igrejas do Oriente; e o doutissimo Gabriel Sinoita a traduzio em Latim, depois de se imprimir em Roma, e França, e a

mesmo beneficio fez á outra chamada Arabica, que principiou na lingua dos Arabes o Rabino Saadias; mas como só verteo o Pentateuco, alguns Catholicos, peritos naquella lingua taõ commua no Oriente, traduziraõ nella todo o testamento Novo, e o que faltava do velho. No anno do Senhor 1599 se imprimio na Officina Commelitana huma Biblia em tres linguas, Hebraica, Grega, e Latina com anotações de Francisco Vatablo, e ficou com o nome da Officina, chamando-se Biblia Commelitana, e só se póde lêr, e usar a que estiver emendada, e correcta pelo Santo Officio. Quando os Judeos estiveraõ na Persia, e se costumaraõ á lingua do Paiz, trasladaraõ os Rabinos o Pentatheuco na lingua Persiana, sendo o principal auctor Jacob Tusio da cidade de Tus, e desta usaraõ os Catholicos da Armenia até entrarem os Mouros, que destruiraõ os livros, e só ficaraõ huns pedaços, que tràs a Biblia maxima: porèm eu fallei com hum Religioso douto, que em Goa communicou muitos annos hum mercador Catholico Romano excellente, filho de hum Armenio Scismatico, e de huma Catholica Romana, o qual tinha todo o testamento Velho, e Novo impresso com letras Persianas, e estampas finas, e tinha sido examinado pelo Santo Officio, e naõ tinha erro algum, chamava-se N. Stephanus, e o pay Zacharias Stephanus mil vezes feliz, porque na hora da morte abjurou os erros, e acabou com signaes de predestinado, fortuna, que lhe vaticinavaõ Religiosos pios vendo que todos os annos com maõ larga dava o necessario para o sepulcro da Quinta feira Santa na Igreja de Santo Antonio de Goa, onde era Vigario hum Religioso de Santo Agostinho, natural da Armenia, que na hora da morte o convenceo (com pasmo dos homens doutissimos, que sem fructo se tinhaõ cançado) dizendo-lhe sentia no coraçaõ que, sendo ambos taõ amigos sempre, entaõ, e sempre houvessem de separar-se, indo elle Zacarias para o Inferno, e elle que lho dizia para o Ceo. Os Etiopes, dizem, fòraõ os primeiros que tiveraõ a Sagrada

da Efcriptura na fua lingua com licença dos Apoftolos, porque a Etiopia foi das primeiras Nações, que recebera ó a Fé de Chrifto, como o teftifica Alvares, que diz confervaó o teftamento Velho, e Novo na lingua Tegiana, porque Tegis he huma parte do Imperio do Abexim, e na mefma lingua tem a Miffa; chama-fe efta Biblia Etiopica, pelo que diffe; della temos impreffos em Roma fó os Pfalmos, e o Cantico dos Canticos: o teftamento Novo tem baftantes erros por culpa dos impreffores, porém ja o vi emendado em França; foi traduzida da Caldaica, e Grega, e por iffo muito extenfa, porque eu a vi toda nos caracteres proprios, e nacionaes em muitos volumes grandes. Falta-vos faber quaes faó as verfóes Latinas, que fahiraó a luz depois da antiga Canonica de S. Jeronymo, a que chamamos antiga, porque a Igreja lhe deo o bem merecido nome de Vulgata. Depois defta fahiraó muitas verfóes em Latim, que a Igreja admittio, e a primeira he a de *Sanctes Pagnino* da Sagrada Religiaó dos Prégadores, traduzio o teftamento Velho do texto Hebreo, e o Novo do Grego por ordem do Papa Leaó X., e acabou a obra no Reinado de Clemente VII., morreo o auctor em Leaó de França no anno de 1541. Tem efta verfaó as primeiras eftimaçóes de todos, depois da Vulgata de S. Jeronymo, e fe chama verfaó Pagnina. A fegunda he a Brixiana feita por Izidoro Claro Brixiano Monge, e depois Bifpo Fulginatenfe, o qual traduzio toda a Biblia do texto Hebreo, e acabou a vida, que nefta piiffima occupaçaó foi fanta, e laboriofa no anno de 1555 a 28 de Mayo. A terceira he de Vatablo, aindaque muitos lhe negaó effa gloria, e daó por auctores a diverfos Judeos. A quarta he a Tigurina, que muitos attribuem ao mefmo Vatablo, mas falfamente, hoje fe acha expurgada pelo Santo Officio, depois dos grandes trabalhos, que na fua emenda tiveraó os Salmaticenfes, que a déraó a luz em Salamanca no anno de 1584. Com ella fahiraó huns efcolios em nome do mefmo doutiffimo, e piiffimo Francifco

Vatablo, ſendo aliàs de alguns diſcipulos ſeus; pelo que o Tribunal do Santo Officio expurgou os ditos eſcolios, e depois o permittio: chama-ſe Tigurina, porque tomou o nome da cidade de Tiguri, onde foi impreſſa a primeira vez. A quinta he a Complutenſe, traduzida em lingua Caldaica por homens doutiſſimos nella, palavra por palavra, com grandes diſpezas do Eminentiſſimo Senhor D. Fr. Franciſco Ximenes de Ciſneiros da Ordem de S. Franciſco, Arcebiſpo de Toledo, Cardial da Santa Igreja Romana, e ſahio a luz com approvaçaõ do Papa Leaõ X. A ſexta he a Biblia Regia, que ſe fez á cuſta do Rey Catholico Filippe II. de Heſpanha, e I. de Portugal, chamado o prudente: o ſeu auctor foi Arias Montano, natural de Sevilha; e para iſſo ſe juntaraõ os livros Hebraicos, Caldaicos, Gregos, e Siriacos, que fòraõ emendados de muitos erros por homens doutiſſimos. Sahio toda a obra em oito tomos feita na impreſſaõ de Antuerpia nos annos de 1571, e 1573, com as letras de todas as linguas excellentemente obradas, e o texto em todas ellas, com approvaçaõ do Papa Gregorio XIII., e no ſeu Reinado. A ſetima he a Biblia Regia Pariſienſe, que mandou fazer o ſempre memoravel Rey de França Luiz XIV. com perfeitiſſimas letras das linguas Hebraica, Grega, Caldaica, Siriaca, e Arabica, com exquiſito trabalho de homens doutiſſimos em todas eſtas linguas; ſahio a luz no Reinado do Papa Urbano VIII. A oitava ſe chama Biblia Fanenſe, foi obra de Fr. Fortunato Fanenſe da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho com quatro verſões em algumas partes, em outras ſó com huma, imprimio-ſe no anno de 1509 em Veneza. Aſſás eſtais inſtruidos neſta materia; mas falta advertir-vos que todas eſtas Biblias com tantos nomes, em tantas linguas, e tantas vezes traduzidas em Latim, ja de todas as verſões antigas, ja ſó de algumas, naõ ſaõ diverſas Biblias, nem diverſas eſcripturas Sagradas, mas ſim huma ſó eſcriptura Sagrada, huma ſó Biblia, hum ſó teſtamento Velho, e hum ſó teſtamento Novo na ſubſtancia

cia

cia das hiſtorias, myſterios, profecias, e ſentidos, e ſem mais differença do que em algumas palavras, e modos de explicar das diverſas Nações, que as traduziraõ, e ſó podiaõ explicar-ſe deſte modo: e porque iſto importa muito que o ſaibais, eu me explico bem claro com exemplos. A lingua Caſtelhana he excellente, e abundantiſſima de palavras, porém falta-lhe huma para expreſſar, e dizer de huma vez aquella afflicçaõ, que padece huma peſſoa quando eſtá auſente de outra, a quem ama, o que no noſſo Portuguez ſe explica admiravelmente com a palavra *ſaudade*; ora ſupponde (como a cada paſſo ſuccede) que hum Heſpanhol quer traduzir na ſua lingua huma obra Portugueza, cujo titulo he verbi gratia *ſaudades de Lidia, e Armindo*; e como na ſua lingua naõ ha a palavra *ſaudades*, hade pôr muitas, que expliquem o que eſta quer dizer, e para bem ſe explicar dirá: *Affectos dos coraçoens de Lidia, e Armindo na auſencia de hum do outro, ou deſafogo dos coraçoens &c.*, ou outras excellentes, que expliquem em Caſtelhano *ſaudades*: pois o meſmo ſuccedeo á Sagrada Eſcriptura, quando ſe traduzio em tantas, e taõ diverſas linguas, todos dizem, e todos traſladaraõ ſubſtancialmente o meſmo, mas cada lingua ſe explicou com as palavras, que tinha, e com que podia expreſſar, e dizer o que o texto Hebraico tinha por outras. De-me licença (diſſe o Ermitaõ) que neſſa materia tenho que dizer o que a experiencia me enſinou. Todas as linguas do Oriente ſaõ filhas da Hebraica, Caldaica, e Grega, e aindaque nas terras menos polîdas eſtaõ differindo em muitas palavras naõ ſó as provincias, mas as cidades, e aldêas, como no noſſo Reyno os da Beira, Minho, Trás os Montes, e Algarve, que em muitas couſas cuſtaõ a entender na Extremadura, e eſpecialmente na Côrte, ſendo certo que todos fallaõ Portuguez; aſſim no Oriente há varias linguas fixas, por onde ſe emendaõ as corrupções das outras, que daquellas naceraõ, e os menos polîdos viciaraõ. A lingua Marathe he mãy de todas as da India, e criſol de todas, de forte que,

estando eu em Goa hum doutissimo Religioso de Santo Agostinho, natural de Mangalor, Reyno do Canará, peritissimo nesta lingua, foi advertir ao Santo Officio, e Ordinario varios erros, que os naturaes de Goa, e suas Ilhas diziaõ no Credo, e Padre nosso inculpavelmente, porque assim lhas traduziraõ na sua lingua Sacerdotes, e Cathequistas, muito doutos naturaes seus, mas pouco ou nada versados na lingua Marasthe. Esta, e todas as que della descendem naõ tem as palavras *amor*, *saudade*, *affecto*, e outras innumeraveis, que nós temos, naõ tem modo infinito em verbo algum, verbi gratia, *amar*, *ferir*, *matar*, *comer &c.*, e em lugar delles usaõ de outros com dissonancia grande, para dizerem: *vai comer*, *vai matar*, *vai dormir &c.*, usaõ de dous Imperativos, *vai come*, *vai mata*, *vai dorme*, faltaõ-lhe as particulas, que nas linguas da Europa regem os casos, e por isso para dizerem: *Pedro me disse*, *que seu pay tinha fallecido*, dizem *Pedro ja fallá*, *que seu pay ja morré*, carregando as syllabas ultimas, porque lhes custa muito a pronunciar, *lou*, *e reo*, e outras, que naõ tem a sua lingua, e por isso a vertem deste modo na nossa, naõ por corrupçaõ da nossa nas suas bocas, e pronunciações, como muitos imaginaraõ, mas sim (como ocularmente me desenganou este Religioso, e outros insignes mestres) porque a este Portuguez correspondem justamente as palavras da tal lingua. Em Bengala huma só palavra significa muitas cousas totalmente oppostas, e diversas, e cada significaçaõ consiste nos diversos modos de a pronunciar, e o mesmo succede em Goa, e toda a India; e consultando eu este mesmo Religioso no motivo, que teria S. Jeronymo para pôr na Vulgata a cada passo o verbo *dico* sem dativo, mas sim com a proposiçaõ *ad*, que vem a ser no nosso Portuguez *disse para elle*, *disse para mim*, e naõ *disse-me a mim*, *e disse a elle*, *ou disse-lhe*, me respondeo que o santo Doutor Maximo da Igreja, oraculo das linguas Latina, Hebraica, Grega, Caldaica, e de todas, para bem verter em Latim o texto Hebraico, e com o mesmo estilo, usara da-

quelle

quelle modo, e o mesmo havia de fazer qualquer, que quizesse traduzir huma historia da lingua Marasthe em Portuguez; porque, se quizesse expressar o texto á risca, havia de dizer: *Pedro ja fallá para Antonio, e Antonio já fallá para mim, eu ja falla para elle.* porque assim o havia de achar no texto, e por isso os naturaes de toda a Asia se explicavaõ em Portuguez desta sorte. Tenho percebido (disse o Theologo), e vós applicai agora o exemplo, e vereis claramente o motivo, porque, sendo a Escriptura Sagrada em todas as versões de taõ diversas linguas, a mesma na substancia, cada Naçaõ ao trasladar, e verter usou das palavras, que tinha para explicar na sua lingua o que trazia a Hebraica, Grega, Caldaica &c. Falta só explicar-vos os sentidos da Sagrada Escriptura, que nos pulpitos ouvis nomear cada dia, e o farei com a mayor clareza, dizendo o que só podem, e devem saber todos. O primeiro sentido he o litteral, e vem a ser as cousas da Historia Sagrada da mesma sorte, que ella as conta, como he a creaçaõ do mundo, as vidas dos Patriarchas, a jornada dos Israelitas, vidas dos Juizes, Reys &c., e este sentido se divide em dous, o primeiro que acabo de dizer, e o outro he litteral methaforico, para o que sabei que methafora he huma figura de Rhetorica, que faz com que huma cousa signifique outra, e do seu proprio significado a muda, e faz significar outro muito differente, e neste sentido he Christo Senhor nosso chamado nas Escripturas: *Estrella, Leaõ, Cordeiro, Vide, Pedra &c* O segundo sentido generico he espiritual, e mistico, o qual se divide em tres, que saõ Allegorico, Moral, ou Apologico, e Anagogico, porque na Escriptura Sagrada se trataõ para gloria de Deos, e proveito nosso as cousas de tres modos (notai) ou saõ mysterios de Fé, que devemos crer, e he o sentido allegorico, ou saõ cousas, que devemos esperar na outra vida, e nesta em estado superior de graça, virtude, e amizade com Deos, e he o sentido anagogico. Mais claro. As cousas, que tràs a Escriptura, ou pertencem á Igreja

militante, ou á triunfante, se saõ cousas de Fé, e que devemos obrar, pertencem aos dous sentidos allegorico, e moral, e se saõ cousas, que devemos esperar, pertencem ao anagogico. Ninguem me estranhe dizer que nesta vida se póde verificar o sentido anagogico, porque só o digo na opiniaõ dos que assentaõ, e defendem que Moysés, S. Paulo, Santo Agostinho &c., e primeiro, e mais que todos, a Virgem nossa Senhora viraõ a divindade; que se assim foi, assim se explica o ultimo sentido: e para melhor perceberes isto tudo, me explico com o exemplo commum dos Doutores, que he o mais claro. Jerusalem no sentido litteral he a cidade Santa, onde Christo Senhor nosso padeceo: no sentido allegorico he a Igreja militante, no moral Apologico, ou Thopologico he a alma de hum homem, ou mulher Catholicos; no anagogico he a bemaventurança, que esperamos. David matou o gigante, e cortou-lhe a cabeça com a espada, com que elle lhe desejava cortar a sua, eisaqui a historia, e o litteral sentido: no allegorico significa Christo vencendo o demonio com a mesma Cruz, que elle lhe apparelhou por meyo dos Judeos; no moral significa a batalha das tentações, que nos faz o demonio, e vencemos com a Cruz, Fé, Sacramentos &c. espada de Christo; no anagogico significa a victoria de Christo no dia do juizo. Por ultimo vos advirto que a Sagrada Escriptura está composta por hum tal modo, que nunca auctor algum póde imitar, de sorte, que para crermos que Deos foi o seu auctor, e termos verdadeira fé, parece bastava ter liçaõ della, e contemplar a sua excellencia, formosura, e altissimo modo de dizer. Basta, e sigaõ-se os mais.

FIM DA TRIGESIMATERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIV.

ANtes de continuar a historia dos Reys, e guerras (disse o Soldado) julgo muito preciso dizer-vos o que me succedeo no Principado de Barcelona no Mosteiro de N. Senhora de Monserrate, que me tem certificado homens doutissimos, e versados na historia de Hespanha, que nunca de tal acharaõ memoria, só o sapientissimo Feijó (a quem de caso pensado fui vêr no anno de 1750 para ouvir fallar aquelle Oraculo do nosso seculo, que, se escrevendo era optimo, fallando era incomparavel, e Oraculo) me disse podia livremente dar credito ao que ouvira, porque já lho tinha contado hum Monge seu de verdade notoria, natural de Granada já muito velho, quando elle era Noviço, e lhe certificara ser tradiçaõ constante entre os mais antigos daquelle Reyno, e q no Convento de S. Joaõ de Deos daquella Cidade diziaõ se conservava a dita historia com os poucos accidentes della, que eu ignorava. He o caso. Eu fui captivo de guerra na batalha de Almança com tres feridas, e taõ inhumanamente tratado dos Hespanhóes, que valendo-me de todo o dinheiro, que escapei em huma funda de ambas as vrilhas, sem ser quebrado, como hoje sou; fugi para Barcelona, onde achei hospedagem humana. Fui a Monserrate dar graças a N. Senhora do singular beneficio, que me fizera, hospedaraõ-me com singular mimo dous Religiosos Portuguezes, que lá estavaõ, e recolhendo-me á hospe-

hospedaria, como o amor causa similhantes effeitos, e a similhança he causa do amor, o Padre hospedeiro, e eu em menos de meya hora eramos amigos cordiaes; porque elle tinha huma grande cutilada no rosto, como a minha, e tinha militado com igual fortuna, ou peyor, contei-lhe a minha vida, e elle contou-me a sua, elle illustre, rico, por capricho Soldado, e Alferes, depois querendo vêr Malta com intento de tomar o habito, se lhe agradasse, foi captivo dos Mouros, e levado a Tripoli onde o comprou hum *Mouro* velho, grave, como entre nós senador, e notando a sua boa indole, depois que se curou totalmente a ferida, que recebeo na peleija naval, o applicou ao officio, que entre nós corresponde a pagem. Era a sua habitaçaõ em huma herdade excellente fóra da Cidade, o Mouro velho achacado de gotta, a mulher moça, formosa, o captivo vigia da sua *fidelidade*, e ella desconfiada do marido, porque fugia da *Cidade*, onde elle nacêra, e se criara, e tinha huma casa na tal quinta, onde só entrava elle, e os filhos de outras mulheres, que lhe tinhaõ morrido (porque nunca repudiou mulher, como fazem os Mouros cada dia, nem tinha filhos desta), e ultimamente entrava o captivo cada hora, e se fechava, e nunca fôra possivel saber ella o que havia na dita casa, nem porque se lhe escondia. A 15 de Agosto de 1703 (segundo elle me disse) padeceo o Mouro hum grande accidente de gotta, e porque oito filhos, que tinha, estavaõ na Cidade, me pedio chorando fosse á dita casa, para o que me deo a chave a primeira vez, e della lhe trouxesse hum cofre de prata, que estava sobre o altar. Pasmei quando ouvi fallar em altar (dizia o P. Fr. Rodrigo meu hospedeiro), e a toda a préssa fui vêr o segredo, que se occultava a minha senhora, cujas queixas nesta materia me tinhaõ provocado a curiosidade igual á sua, entrei, e vi huma casa pequena suja com muito pouca luz, e huma vazilha de cobre no meyo com azeite, e torcida, mas apagada, e no topo huma como guardaropa grande com as portas abertas, e nella hum tal

cha-

mado altar fem toalha, caftiçaes, nem vélas, mas fó o tal
e de prata liza pezado, e fobre elle huma Cruz de bron-
equena, capaz de trazer no peito, e huns livros de tràs
cofre, toda a cafa cheirofa, mas junto ao dito altar hum
ro grande de carneiro, que lá ferve de colchaõ, e hum
fumador apagado. Tirei o cofre de preffa, porque naõ
ia fe meu fenhor tinha alli dinheiro, e temia defconfiaffe
qualquer tardança, que eu fizeffe, entreguei-lhe o cofre,
chave da cafa, e a mulher, que fe eftava lavando, perce-
que de mim fe tinha fiado a chave, e fem pejo, nem ce-
ionia, coufa commua nas Africanas, me mandou chamar,
om toda a inftancia me pedio lhe diffeffe o que eftava na
à, onde fufpeitava que o marido tinha hum grande the-
ro, e que o deixaria fó aos filhos, que vos diffe, de quem
a a chave; eu neguei conftantemente ter vifto tal cafa, e
concebendo tal colera propria daquelle vingativo fexo,
ntou a voz ameaçando-me, quafi como a mulher de Pu-
r a Jozé, e eu conhecendo o perigo, fahi da cafa, e fui
tar a meu fenhor tudo; a que elle me refpondeo já ale-
, como quem eftava livre das dores: *Eu fou Chriftaõ, e ella Moura*. E dito ifto começou a chorar abraçado comigo, e
com elle chorando muito mais de alegria; e paffado tem-
baftante defta forte, me mandou fechar a cafa onde efta-
veftio-fe, e pofto de joelhos, e eu junto a elle abrio o co-
e moftrou-me huma caveira com efta admiravel fingu-
lade. Toda ella eftava encarnada, e feca com o crâneo
de ouro fofco mareado, porém tinha o queixo debaixo
lo, tinha as barbas venerabiliffimas todas brancas, tinha
os os beiços frefcos, e rubicundos groffos, e por elles
recia a lingua, e dentes limpos, como fe eftiveffe fallan-
Era muito grande, eftava envolta em hum panno de li-
groffo, e enfanguentado, nem elle, nem eu lhe toca-
, e para lhe levantar o envoltorio, e depois cobrillo, fe
o da chave do cofre para naõ tocar o panno, nem o fan-
delle, que parecia frefco derramado naquelle inftante.

Nem a beijou, nem me permittio que o fizeſſe, tal er
neraçaõ,com que a tratava; o que feito, a foi pôr no
gar, donde eu a tirei: e perguntando-lhe de quem e
por milagre eſtava ſaõ, mandou-me buſcar huma v
barreo elle ſó a caſa ſem conſentir que eu o fizeſſe,
ajudaſſe, mandou-me buſcar fogo, e depois de limpo
ceſo o vaſo, que ſervia de lampada, lançou o fogo
fumador, que era de feitio de hum caõ de bronze,
elle huns pós brancos,que lançaraõ agradavel fumo
a Cruz com muitos ſuſpiros,e tirando os livros que
de tràs do cofre,que eraõ tres,eſteve muito tempo f
do todos, ſentado no tal coiro de carneiro, e dand
ros de quando em quando,até que beijando-os me
que os puzeſſe no ſeu lugar, e depois de fechar a p
mandou buſcar o jantar,chamou a mulher,e houve
alegria na caſa, porque eſtava como ſe nunca tiveſſ
cido a menor moleſtia; porém reparando na meza q
lher naõ moſtrava toda a alegria, que era obrigada
tardando-lhe eu com hum paõ do borralho, que e
mimo, e os eſcravos entre as Mouras ſaõ as ayas, ſe
ra, o que nunca tinha feito por couſas de muito ma
cuido, lhe diſſe triſte: *Ou tratar Rodrigo como ſe o*
mim, ou para caſa de ſeu pay. Iſto naõ ouvi eu, mas
diſſe depois, e quando cheguei com o paõ, que nu
melhor, chorava desforte, que o naõ pôde comer,
marido deo hum grito, chamando-lhe cadela com
que ſe foſſe, e ella chorando foi para a caſa onde
mava deſcomer, e pela boca lançou o jantar com ta
cos, que elle me diſſe: *Vai vêr, filho, o que tem aquella*
Eſta foi a primeira vez, que me chamou filho, e eu
ſejava agradar-lhe em tudo, corri com toda a preſ
caſa, ſuſtentei-lhe a cabeça, e fiz todos os officios
até que ſe deitou tremendo com frio de ceſaõ. Hav
ſa hum eſcravo Portuguez, que tratava da horta, d
cuidavaõ no gado, outro, que nunca ſoubemos de

ção era, nem o quiz dizer nunca, homem velho muito estimado da senhora, mas herege ao que parecia. Este lhe veio acodir, e eu fui dar parte do que succedia a meu senhor, que mostrou naõ tinha o menor pezar; deitou-se, e eu junto a elle de joelhos lhe pedi me dissesse o que lhe tinha pedido, ao que respondeo o seguinte. = Ja sabes (filho meu) que nós dominamos toda a Hespanha, e por consequencia o Reyno que della se separou, e chamaõ Portugal. Fugiraõ para os lugares mais asperos, e escondidos os Christãos, quando nós entramos, e assim como na mayor parte de Hespanha se recolheraõ nas montanhas das Asturias, assim em Portugal se refugiaraõ na Serra da Estrella, e outras. Na da Estrella se escondêraõ huns Santões (queria dizer Religiosos, porque os dos Mouros se chamaõ assim), e em covas, mais cobertos de neve, do que de ar, viveraõ muitos annos, sem delles terem a menor noticia os nossos; hum dia porém de Veraõ subio áquella Serra hum General com seus filhos, e parentes, curiosamente para lhe vêr o que diziaõ tinha no mais alto, e vio hum Santaõ nú de joelhos, levantado no ar em huma pequena planicie; parece que a santidade o atemorisou, e naõ lhe fez mal, nem os outros se chegaraõ a elle; mas como viraõ hum, suspeitaraõ que havia mais, e esquadrinhando os altos da Serra, acharaõ vinte e dous em huma grande cova todos nús; e fallando-lhes em Hespanhól, porque naõ entendiaõ a lingua Mourisca, responderaõ que fizessem delles o que Deos quizesse; mas, protestando-lhe o General que os naõ queria matar, responderaõ o mesmo; perguntou-lhes que vida era a sua, e nesse tempo chegou o Prelado, que era o tal que tinhaõ visto no ar em oraçaõ, o qual lhes respondeo com grande affabilidade, e alegria, que entrassem na cova, e logo saberiaõ quem elles eraõ. Entraraõ, e pasmaraõ; porque álem do altar, imagens, e cousas do culto Divino, para si tinhaõ só feno secco para camas, e hervas para comerem, de sorte que passava ja muito de sincoenta annos, que alli estavaõ,

sem

ſem nunca deſcerem a ſerra, nem ſaberem ſe havia mais Catholicos do que elles, nem o que ſuccedia aos outros; ja tinhaõ morrido ſete, e hum ja ſe naõ podia mover. Todos taõ brancos, e cabeludos, mas taõ fórtes, e alegres, que o General movido por Deos, ouvindo como tinhaõ fugido do ſeu Convento, que era antigamente perto da Serra, e como viviaõ, e como ſe lhes gaſtaraõ os veſtidos, o que padeceraõ, o que Deos os ajudara, ſervindo-lhe a neve de porta da cova, e de agazalho muitos mezes, e muitos prodigios, que Deos nelles obrara, diſſe chorando: *Só a Ley dos Chriſtaõs he verdadeira*; entaõ o Prelado com grande alegria o inſtruio nos Myſterios da Fé, e a todos os companheiros, que eraõ quinze, e os baptizou, eſtiveraõ com elles huma noite, que lhes ſervio ſó para mais paſmarem vendo a admiravel penitencia, e oraçaõ, em que a paſſaraõ toda aquelles ſervos de Deos, com os quaes repartiraõ os veſtidos antes do baptiſmo, e prometteraõ no dia ſeguinte pela manhãa na deſpedida virem dahi a hum mez, e trazerem o neceſſario para a Miſſa, que havia tantos annos naõ ouviaõ, e roupa para ſe veſtirem. Cumpriraõ a palavra, e levaraõ filhos, mulheres, parentes, e amigos para ſerem inſtruidos, e baptizados; celebrou-ſe a primeira Miſſa, que foi cantada, naõ com vozes, mas com ſoluços, e gemidos de todos; depois houve mais tres Miſſas, porque ſó quatro eraõ Sacerdotes; receberaõ os veſtidos, que eraõ huns roupões, e todos os mezes hiaõ todos os convertidos, e levavaõ outros; de tarde prégavaõ os Sacerdotes, e em fim tal era o fervor, e devoçaõ de todos, que muitos ſe reſolveraõ a ficar na companhia daquelles ſervos de Deos, eſpecialmente hum chamado Joaõ, homem ja muito velho, mas forte, grande perſeguidor dos Chriſtãos antes de ſe converter, capitaõ entre os Mouros muito célebre, e muito eloquente. Eſte naõ ſó lá ficou, mas prégava, e enſinava aos outros quando lá hiaõ, e muitas vezes vinha com elles a catequiſar alguns, que lhe conſtava eraõ rebeldes; os filhos

deſte,

, e parentes, que todos eraõ Catholicos, encobriaõ a
ausencia como podiaõ, quando ella era dilatada; porém
maldito Mouro observou em muitos alguma novida-
desconfiou que eraõ Christãos, e que o veneravel ve-
era o Capitaõ delles; e para melhor os vender, esperou
elle viesse a casa, e fechando-se em hum gabinete, lhe
com lagrimas fingidas que queria ser Christaõ; o ve-
avel Joaõ o abraçou, e instruio, e passados dias o levou
sigo á cova, onde quizeraõ logo baptizallo; mas o caõ
obrindo o veneno, disse que queria vir buscar sua mu-
, e filhos para se baptizarem todos juntos. Queria o ve-
avel Joaõ acompanhallo, e naõ o consentio; e o santo
lado apenas o vio ir chamou a todos, e disse-lhe que se
parassem para morrer, porque aquelle os havia de entre-
; a nenhum lhe passou pelo pensamento ir matar o trai-
, que quasi caminhava á vista delles todos, mas sim, re-
hidos em oraçaõ logo, estiveraõ tres dias sem comer,
beber, confessando-se, e preparando-se; no quarto dia
mungaraõ todos, e hum dos convertidos, que parece
inhou o caso, porque lhes foi levar hum mimo de cou-
comestiveis, que servio para se refazerem de taõ largo
um. Este quiz logo descer a Serra, e avizar todos os Ca-
licos, paraque fossem defender os servos de Deos; po-
o santo Prelado o naõ consentio, senaõ dous dias de-
s, que era o sexto dia de preparaçaõ, e na despedida
disse, que havia de ser o seu Capitaõ. No caminho en-
trou este varios Catholicos, aos quaes contou tudo, e
les, que eraõ onze, desceraõ dous, que naõ levavaõ ar-
s, para todos tres avizarem a todos os Catholicos, e os
ve subiraõ. Apenas os tres se apartaraõ cousa de hum ti-
de bésta, descobriraõ huma grande multidaõ de Mou-
, e julgando o que seria, dous fugiraõ, e o que tinha
ado o mimo intrepido foi caminhando, porém o trai-
, que vinha por Capitaõ dos Mouros, o matou logo,
no viraõ, os que fugiaõ, que parece escaparaõ por mila-
gre,

gre, porque muitos os perseguiraõ. Quando chegaraõ suas casas acharaõ prezas as suas familias, e quasi todos Christãos huns prezos, outros justiçados, de sorte q cheyos de pavor, se foraõ esconder na Serra outra vez l vando o mantimento, que puderaõ adquirir, e passados d dias, foraõ caminhando de noite, até que chegaraõ á cov onde assistiaõ os servos de Deos, e naõ lhe acharaõ a entr da, esperaraõ a luz do dia, e desenganaraõ-se que esta fechada de tal sorte, que era tudo huma penha, louvar a Deos, e vieraõ pelo caminho até o sitio onde foi morto seu companheiro, e acharaõ só a cabeça, que he a que gozo, e me livra, e tem livrado de todos os males, de sort que em adoecendo, me abraço com ella, e fico logo saõ, a causa de a gozar, he porque os dous que escaparaõ er naturaes desta cidade, e para ella vieraõ logo, deixando tudo, e naõ querendo mais riqueza do que esta *reliquia*, lhe mataraõ mulheres, e filhos, e elles aqui casaraõ, e viv raõ nesta quinta hum, e outro na cidade, e eu sou neto filho de hum, e da filha do outro, e sempre fomos Cath licos occultos, e só essa maldita mulher, que ahi tenho, n he possivel converter-se. Naõ se soube o que succedeo a que mataraõ os servos de Deos, porque ninguem os v mais vivos, nem mortos, e de tudo isto conservo alli m morias naquelles livros, que desejo renovar, porque ja n se podem lêr. = Dahi a dous mezes (me disse o P. hosp deiro) chegou ordem para o meu resgate, meu senhor ac tou o dinheiro, mas todo mo deo em generos, que trou e com muitas lagrimas me pedio rogasse a Deos fize Christãa sua mulher, e lhe desse noticias minhas, o que até entrar no santo Noviciado deste Mosteiro. Este he caso notavel (disse o Soldado) que sempre desejei ave guar na dita Serra, e nunca tive occasiaõ para isso.

FIM DA TRIGESIMAQUARTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 176
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXV.

NO dia primeiro de Novembro se juntaraõ os Academicos, e disse o Ermitaõ ao Theologo: Antes que hoje se trate de cousa alguma, seja V.m. servido dizer-nos a causa, porque naõ quer fazer orcismos a huma pobre mulher casada, e honradissima, que á na casa da Ermitoa, e menos consente que seu filho esritual o P. seu companheiro lhos faça. Pergunto isto, pore as outras mulheres se queixaõ de vós chamando-vos credulo, e do P. vosso companheiro fazem conceito de e he pouco humilde. Se o caso fosse só comigo (disse o heologo) em poucas palavras vos respondia; porém como fendem hum Sacerdote taõ humilde, que se sujeita a esta creatura, devo instruir-vos nesta meteria: e queira Deos e todos se aproveitem da doutrina. Há trinta annos que u o mais indigno Sacerdote, e nestes naõ tem numero as ssoas de todas as qualidades, e jerarquias, que me rogaraõ ra lhes fazer exorcismos, ou a pessoas de sua casa; e até o i de hoje (permita Deos que sempre assim seja) ninguem nseguio de mim que lhe fizesse hum exorcismo só, e espeem Deos que meu companheiro nunca tal faça: porque n aprendido de mim, o que eu aprendi dos melhores Mes, e á custa dos mayores estudos. Esta gente me faz huma inde injuria em me chamar incredulo, e mayor a meu comheiro neste conceito, que delle fizeraõ, e só os póde livrar

da culpa o peſſimo coſtume, em que vivem de fallar c
conſideraçaõ tudo o que lhe occorre, ſem animo, nem t
alguma de offender o proximo, ſegundo me parece. C
raõ-me por ignorancia o que eu lhes poſſo chamar a
devo chamar com juſtiça; porque incredulo he o q
crê as verdades, que eſtá obrigado a crêr, e eſte defei
tenho eu; porque creyo que houve endemoninhados, e
trataõ as Sagradas letras, creyo que os póde haver, e
que Chriſto Senhor noſſo deixou na ſua Igreja poder i
vel para os curar; e neſta materia naõ tenho obrigaç
crêr mais nada: logo naõ ſou incredulo; vede agora clar
te que eſſas mulheres, e homens, que me chamaõ incre
ſaõ os mayores incredulos, que póde haver ſem negar
e merecem ſer caſtigados por incredulos. Notai. He q
de fé que devemos crêr tudo, o que Deos diſſe, e tudo
a Igreja Catholica Romana enſina, e ordena; e quem f
contrario, ou lhe chamai herege, ou incredulo, e a Ig
caſtigará. Agora adverti que a Igreja Catholica Ro
compôs os exorciſmos, e no Ritual Romano, que ma
obſervar, ordenou o que os Exorciſtas devem ſaber, e
devem obrar; e a primeira couſa que lhes ordena he q
creiaõ facilmente que algum homem, ou mulher he v
do demonio; mas ſim que ſaiba muito bem os ſignae
onde os endemoninhados ſe diſtinguem dos outros,
parecem, e na verdade ſaõ achacados de melancolia, e
decem outra doença; e diz logo que os ſignaes certos e
naõ he doença, mas ſim vexaçaõ do demonio, ſaõ tres
meiro he fallar muitas palavras em lingua, que nunca a
deo, ou entender o que nella ſe lhe diz; o ſegundo he
couſas occultas, ou ſuccedidas em lugares taõ diſtante
naõ pudeſſe ter dellas noticia; o terceiro moſtrar força
excedaõ as da ſua idade, e as da natureza. Eſtes ſaõ e
naes, que nos enſina, e propõem a Igreja; porém taõ ac
lada, como aſſiſtida do Eſpirito Santo, que me naõ m
crêr que he endemoninhado o que tiver hum ſignal ſ

s,nem dous, nem todos tres: porque ainda os que tem to-
s tres, podem ser fingidos, embusteiros, e achacados; e se
ó, vede. Vós todos conhecestes Estevaó Lerchenfed, que
n Lisboa abjurou o calvinismo, e foi bem conhecido em
do o Reyno, e sabeis juntamente que naó sabia lêr, nem
crever, era pobre mendigo, nunca andou nas aulas; porém
tendia tudo o que eu, e os outros lhe diziamos em Latim,
dizia em Latim tudo, o que nos queria communicar em se-
edo, o que tudo aprendeo em companhia de outros pobres
trangeiros bons Latinos. Em Lisboa conheci dous Portu-
uezes, que deixaraó o officio de sapateiro, e foraó peregri-
r, vieraó passados nove annos, fallando Latim, e entenden-
o Latim, fingindo-se Clerigos de ordens menores France-
s, fugidos por huma disgraça, e assim tiraraó grossas esmo-
s, com que casaraó huma irmãa, e o cunhado os descobrio
ó sei porque motivo, e fugiraó para Inglaterra no anno de
24; nenhum delles sabia lêr, nem escrever, e fallavaó Latim
forte, que fingiaó naó saber, nem entender outra lingua.
mesmo me succedeo em Torres-Vedras, e Béja com dous,
le se fingiaó Apostatas de duas Religiões, hum tinha sido
lesseiro em Aldagalega, e o outro guarda porcos em El-
s, e nenhum sabia lêr, nem vio nunca estudos. Calo innu-
eraveis casos destes, q me tem contado homens verdadei-
s, e basta saberes que assim como qualquer rustico do nosso
eyno, se estiver em França, ou Inglaterra hum anno, e me-
s, ha de vir fallando Francez, ou Inglez excellentemente
n saber lêr, nem estudar; assim o mesmo rustico, vivendo
m pobres bons Latinos, que vivem (como vós tendes visto
numeraveis vezes) de fallar Latim certamente hade apren-
r da lingua o q sobeja para depois enganar hum exorcista,
se quizer fingir endemoninhado: e se naó, dizei-me se os
us sapateiros, o porqueiro, e calesseiro se restituissem aos
s officios, patria, e conhecimento dos seus naturaes, e de-
is se fingissem endemoninhados, e começassem a fallar La-
n, e a dar signaes certos de que o entendiaó, que juizo faria

o Paroco,e todos os Exorciſtas,q̃ os tinhaõ conhecido meninos,e ſabiaõ certamente que nem lêr ſabiaõ,nem aprenderaõ?haviaõ de jurar que eraõ verdadeiros endemoninhados, ſendo na verdade embuſteiros;e eis-aqui porque o primeiro ſignal naõ he infallivel. No que reſpeita ás mulheres poucas falaraõ Latim ſendo Portuguezas, mas ſaõ taõ aſtutas, que,valendo-ſe da liçaõ dos livros de exorciſmos, que correm impreſſos em Portuguez,e do q imprudentemente lhes contaõ os Exorciſtas, e mais q̃ tudo, do clariſſimo *Latim* de que uſaõ, porque naõ ſabem outro,e quaſi ſempre acompanhando os preceitos com acções,que clara,e expreſſamente dizem o que ordenaõ, percebem tudo,e quando naõ percebem alguma couſa ſempre fazem acções, com que ficaem dûvida ſe perceberaõ.O ſegundo ſignal tambem falha,porque na India Gentios,e Catholicos ſabem o que ſuccede em Portugal,ſem ſerem endemoninhados;porque,*em pagando* bem aos feiticeiros,ja elles o perguntaõ aos demonios,e lho vem dizer:e o que lá ſuccede, tambem cá póde ſucceder; porque naõ ſaõ taõ poucas as feiticeiras,e feiticeiros verdadeiros, que o o Santo Officio tem poſto nos cadafalſos nos noſſos tempos.Huma mulher,que tem o marido nas Minas, conſulta huma feiticeira (iſto he caſo mil vezes ſuccedido talvez cada anno)a qual lhe moſtra,ou diz tudo o que o marido faz, deſeſpera a mulher, daõ-lhe accidentes uterinos, acodem as vizinhas, aſſentaõ que he diabo, e chamaõ logo hum official de exorciſmos:ora ſuponhamos que elle tem o Ritual Romano(o que naõ creyo)vê que a mulher naõ entende o Latim,ou que eſtá em dûvida ſe o entendeo,mas vê, que, em ſe lhe deſembaraçando a lingua, diz que o marido eſtá amancebado,e tem ſinco filhas de amiga &c., paſma o Exorciſta,aſſenta que tem diabo,continua o ſeu officio,chega a Fróta dahi a ſeis mezes,ſabe-ſe que he certo o q̃ a mulher dizia, e eis-alli o Exorciſta contentiſſimo,o pôvo todo capacitado de que he vexada do demonio,todos lhe daõ eſmola;porque ella diz que o demonio a naõ deixa trabalhar,

regala-

ala-se com bons bocados,engorda, (como vós vistes há
te annos aquella célebre, que veyo de Lisboa escandali-
eternamente o Santo Seminario de Varatojo,Torres-ve-
s,e seu termo,onde o seu inseparavel companheiro Exor-
a,que se sustentava das esmolas,que lhe davaõ para ella,
ninou huma casa para os gastos delle,e de mil golosos ca-
leiros,que-a serviaõ) e se algum homem douto sabe, ou
sume com grave fund.mento que isto he velhacaria,e diz
naõ tem diabo,succede-lhe o que a mim,e meu compa-
iro.O terceiro signal tambem falha;porque eu sou testi-
nha de vista,e em cada aldêa se acharaõ pessoas,que ex-
imentaraõ as notaveis forças de qualquer mulher,quando
i padecendo convulsões no utero,e por consenso em to-
os nervos do corpo;nos homens he o mesmo,e eu vi hum
ço de dezoito annos, que morreo convulso,ao qual naõ
liaõ subjugar vinte homens juntos por espaço de sinco
s,e sinco noites.A este signal pertencem todas as obras,
ções,que excederem as forças,e ordem da natureza,co-
he o voar,como huma Aguia,e melhor:porém naõ he in-
ivel;porque assim como póde ser verdadeiro endemoni-
do arrepticio,póde ser hum insigne feiticeiro: foi Deos
vido que as notaveis feiticeiras deste seculo, q vimos ca-
gadas,naõ voavaõ de sorte que as vissemos, porque assim
s convinha a ellas; porque só esse papel da ascensaõ nos
ava para vêr,depois do embuste da outra,que sem ser fei-
eira soube fingir que morrêra,e que resuscitara.O que só
ava para conhecermos os verdadeiros energumenos,eraõ
preceitos mentaes: porém tambem falhaõ a cada passo;
que há mulheres taõ astutas, q apenas entraõ na Igreja,
casa onde vivem,ou lhes fazem os exorcismos qualquer
clesiastico,ja presumem q mentalmente lhes mandaõ dar
ial; e como sabem que o demonio infallivelmente ha de
decer ao preceito probativo , daõ sincoenta , e sessenta
iaes,vaõ rebolando beijar-lhe os pés, e em fim tudo fica
duvida desta confusaõ,depois que ellas souberaõ o que

os

os Exorcistas diziaõ, e faziaõ, e o q deviaõ, e podiaõ fa
e dizer. E que diabrura haverá neste mundo, que huma
lher naõ possa fingir bem, depois de vermos ha dous
huma rapariga no Acto da Fé confessando que tres di
tres noites se fingira morta com todos os signaes diffe
certos, que Medicos, Cirurgiões, e homens doutissimos
raõ que morrera, e que resuscitara, e naõ podiaõ crer de
que ella o fingira sem óbra do demonio, nem o haviaõ
nunca, se ella os naõ convencera, e lhes mostrara como
turalmente o fizera, e fingira para a terem por santa. A Ig
nossa Mãy conhecendo q tudo póde ter fallencia nesta
teria, e tudo se póde equivocar com achaques, e enga
manda que naõ demos credito facilmente a nenhum e
moninhado; e ainda os mayores signaes, que aponta, os
obriga a crer; porque podem falhar: logo qual de nós
incredulo? eu, que obedeço ao que a Igreja me ensina, e
crevo com facilidade? ou esses, que mo chamaõ, e con
que a Igreja ensina, determina, com brutal facilidade e
crendo que saõ energumenos todos os homens, e mulh
que padecem convulsões uterinas, ou hipocondriacas, e
fingem endemoninhados, paraque os tenhaõ por virtu
eu por obedecer á Igreja naõ crevo, aindaque tenhaõ t
os tres signaes, e muitos outros, sem fazer mil exames ei
tissimos em todos elles, e consultar Theologos, q naõ v
deste officio de Exorcistas; e depois consulto Medicos, e
rurgiões anathomicos; e elles para desobedecerem á Ig
e serem incredulos no q ella ensina nesta materia, crem
saõ endemoninhados os que nem o mais leve signal tem,
tiveraõ dos que a Igreja ensina: porém todo este mal, q
hum dos mayores, se evitava prohibindo os Excellentiss
Reverendissimos Senhores Bispos os Exorcistas, e danc
licença para esse officio aos que tivessem os requisitos
determina a Igreja no Ritual Romano, que saõ piedade,
dencia, vida virtuosa, humildade conhecida, idade ma
gravidade de costumes, e acções, e Theologo bem-ver

uitos auctores,que efcreverão nefta difficil materia, e
ltofo em crer:e fe quereis faber o muito,em que deve
rfado,e douto o Exorcifta,pela boca dos melhores au-
o digo. Deve faber Animaftica, que he huma excel-
parte da Filofofia,para faber como o demonio obra na
ra,e o que póde obrar,e onde:deve fer bem Theolo-
eculativo, moral, Efcriturario, e Myftico: deve ter
noticia de Medicina,e Anathomia:porque rara vez
á ter comfigo Medico,ou Cirurgião anathomico dou-
em confultar;que dos ignorantes achará mil,que com
s acabaõ de crifpar,e irritar os hypocondrios dos ho-
, e uteros das mulheres, e naõ fabendo desfazer a af-
e damno,gritaõ que he diabo, e que venha logo hum
l de Exorcifta bem moço,bem alegre de vida,bem ig-
te, bem credulo,e bem gritador para metter medo ao
da crifpatura, ou convulfaõ, que, fe foffe diabo, era
menos mal.No Arcebifpado de Braga eraõ innumera-
s energumenos; porém tanto que o Sereniffimo Se-
D.Jozé o I.prohibio os Exorciftas,todos ficaraõ bons:
mo fuccedeo na Cravoeira,defde que para lá foi Prior
Caetano Ferreira:o mefmo fuccedeo em certa cida-
fte Reyno, onde huma parteira diffe que todas as en-
ninhadas eraõ mal procedidas;porque concebiaõ,e de-
omavaõ remedios fortiffimos venenofos para aborta-
le que refultavaõ horrendiffimas convulfões uterinas
ou mayores, do que lhes podiaõ fazer muitos diabos;
ou-fe a opiniaõ até pelos rapazes;nenhuma quiz mais
iftmos, com medo da infamia,todas ficaraõ boas quafi
ente : o mefmo fuccedeo nas terras, que vós fabeis,
lo houve nos dous Bifpados o efcandalo publico,e pef-
los Exorciftas,q vós fabeis fe denunciaraõ em Coim-
em Lisboa,de que he teftemunha o R.Prior de S.Pe-
Torres,a quem veyo a commiffaõ para a devaça. O
o fuccedeo em certa villa, onde por confelho meu,
ays de familias expulfaraõ os demonios de duas filhas
moças,

moças, que lhes roubavaõ as caſas para mandar aos Exo
ſtas, hum tirou o diabo com hum páo, outro com hum c
cote, e as outras temendo a nova agua benta todas ſara
logo, antes que os pays, e maridos uſaſſem della. Em fim
tem numero as que ſe tem curado com páo, e chicote
conſelho meu, e de outros mais doutos, do que eu; e m
menos ſe podem numerar as que elles, e eu temos curado
zendo-lhes, que: *Naõ ſomos ignorantes como os outros Exorci
que as intentaraõ curar, que ſabemos fazer o que elles ignoraõ,
mos conhecido, que he embuſte, fingimento, ou achaque (ſegundo
gamos), e que, ſe logo ſenaõ derem por ſans, e livres, havemo
aconſelhar o pào, e chicote a ſeus maridos, pays, ou irmãos.* To
ſaraõ logo, ainda as achacadas. Em fim acabo com palav
do ſapientiſſimo Feijó: Todos os idiotas morrem por ſe
Exorciſtas para aſſim os eſtimarem, todos os homens d
tos fogem diſſo; porque conhecem os embuſtes, e achaq
que ſe equivocaõ com as operações diabolicas. Elle ac
hum Convento de Freiras todas endemoninhadas fingi
(neſte Reyno houve outro que calo) o que conheceo, e
rou com verſos de Virgilio ditos em tom de preceito, a
ſe ſeguio ladrarem, uivarem &c., e da ſua parte a mais
rivel reprehenſaõ do fingimento: elle vio os ſeus diſcip
lerem o exorciſmo de Toledo contra os Ratos ſobre h
moço do ſeu Collegio, que ſe deſpedaçava em quan
liaõ; o que naõ faria, ſe foſſe Rato, e depois confeſſou em
dia que ſe devia deſpedaçar em quanto os Padres eſti
ſem lendo: elle conheceo o Exorciſta, que receitava
expelir o diabo agua de grama com ſummo de limaõ
do, e o que pedia purgas para a energumena, porque aſſ
diſſera o diabo; porém eu, vós, e muitos milhares de hom
maduros temos viſto (além do que ouvimos) couſas m
muito, e muito mayores neſta materia neſte Reyno.
mulher tem achaque uterino, pertence ao Medico, por
nem eu, nem meu companheiro a havemos de exorc

FIM DA TRIGESIMAQUINTA PARTE

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. Anno 1760. Com licenças as licenças necess

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVI.

NO dia dous de Novembro, convidados os Academicos da excellente temperie do ar, e Sol, antes da hora costumada, foraõ gozar-se de huma, e outra cousa no Fórte, donde descobriraõ tres navios com as bandeiras largas, e ao longe sinco: com hum oculo intentaraõ conhecer de que naçaõ eraõ, e seguio-se disputa sobre as bandeiras, que insensivelmente deo principio á Conferencia, dizendo o Soldado: Naõ há ignorancia mais intoleravel do que teimar sem fundamento, e noticia das cousas; vós ignorais as armas dos Principes, os nomes, as regras, e termos da Armaría, como haveis de conhecer a naçaõ pela bandeira, aindaque o vento a deixasse ver bem toda? Armenia, ou Armaría he hum signal da honra, e nobreza composto de certas cores, e certas figuras, que se representaõ nos escudos, nas bandeiras, ou sobre as cotas das armas para distinguir as familias, concedido pelos Soberanos em premio de expediçoes, e façanhas militares, ou de qualquer serviço consideravel feito ao Reyno, Estado, ou Republica; e vem a ser o mesmo que armas das familias nobres, e tudo o que lhes he concernente. Esta palavra *Armaria*, ou *Armas* vem de *Armatura*, porque antigamente se pintavaõ as armas nos escudos, elmos, e cotas para se distinguirem os Cavalleiros na guerra,

e para obſequiarem, e ſerem conhecidos das Damas
Torneyos. O Blazaõ he a arte, que enſina a explicar
cores, e figuras, ou as figuras eſculpidas nas armas, iſt
nos eſcudos, elmos &c. O Eſcudo he o campo, onde ſ
as peças, e móveis da Armarîa. Eſcudo he hum bro
mais comprido que largo, que antigamente traziaõ no
ço eſquerdo para rebater os botes das lanças, cutilada
dras, e flechas, defendendo de tudo o corpo, e cabeç
diante aſſim na guerra, como nos Torneyos, e Juſtas. A
ga he hum eſcudo de Anta muito grande, com o qu
guerra naõ ſó ſe defendia o cavalleiro, e o cavallo por
te, mas com eſpecialidade nas retiradas defendiaõ to
corpo, e as ancas, e pernas dos cavallos. Em huma,
tra couſa ſe pintavaõ as armas dos cavalleiros: e ſe q
rês vêr as melhores adargas, e da melhor Anta com
mas mil vezes bem bordadas, hide ao armamento da S
niſſima Caſa de Bragança no caſtello de Villa-Viçoſa.
viſa he o ſignal, que o homem nobre, Soldado, ou am
ou qualquer peſſoa tràs no eſcudo, ou veſtido para
nhecerem, ou diſtinguirem de outros. As primeiras
ſas foraõ as cotas de armas, e chamaraõ ás taes cotas
ſas, porque eraõ compoſtas de humas tiras, ou band
diverſas cores, divididas, e cozidas humas ás outras,
bre ellas ſe applicavaõ as armas do Cavalleiro bordad
ouro, e prata com chapas de eſtanho batido, e eſmal
Hoje uſaõ eſtas cotas no noſſo Reyno os Reys de ar
Arautos, e Paſſavantes nos actos de Côrtes, e acomp
mentos ſolemnes dos noſſos Monarcas. Rey de armas
to he o que tem cuidado de aſſentar em livros a Nol
de qualquer cidade: iſto he, a genealogia de cada N
Illuſtre, ou Grande, e juntamente as armas, que tev
accreſcentamentos dellas procedidos de heranças, ou
mentos, novas mercês, ou façanhas, e dar-lhas pin
com todas as cores, e metaes &c. Os Reys de armas P
vantes ſaõ os que tem eſte meſmo officio, e cuidad

breza das villas, huns, e outros usaõ das taes cotas an-
as com as armas da cidade, ou villa que lhe pertence,
ulpidas em metal sobre as cotas. Daqui naceo que, se-
ndo as regras da Armaría, naõ se póde assentar metal so-
e metal, nem côr sobre côr; se o escudo fôr de metal, a
visa hade ser de côr, como as Armas do Reyno de Leaõ,
s quaes o Escudo he de prata, e o Leaõ he vermelho; e
o escudo he de côr, a Divisa hade ser de metal, como se
nas Armas do Reyno de Castella, onde o escudo he
rmelho, e os castellos saõ de ouro; porém esta regra tem
is excepções, porque há casos privilegiados, em que
a ley se póde dispensar, sem que haja falsidade nas Ar-
arías. A primeira excepçaõ he quando as armas saõ In-
iirentes; isto he, que por força se hade inquirir o moti-
, porque se formaraõ com aquella novidade para virem
conhecimento de que foi premio de acçaõ singular;
emplo saõ as de Gotfredo de Bulhões, que em remune-
çaõ de conquistar a cidade Santa de Jerusalem, e Reyno
Palestina saõ as suas armas huma Cruz de ouro em cam-
de prata, acantonada de quatro cruzetas do mesmo. A
gunda excepçaõ he quando as chefes de côr se pôem em
mpo de côr, como nas Armas das cidades de França, e
taõ se chamaõ cabeças cozidas; o que se deve tambem
tender quando saõ de metal sobre campo de metal, co-
o nas armas da cidade de Leaõ de França, e as que disse
Rey de Jerusalem, e seus descendentes &c. A terceira
cepçaõ he quando se usa da purpura, arminhos, ou vei-
s, porque humas vezes servem de côres, e outras de me-
es, sendo na realidade côres. A quarta excepçaõ he nas
tremidades, e appendices dos animaes, como saõ unhas,
guas, bicos, garras, olhos, chavelhos, caudas, corôas,
llares, ou colleiras, que podem ser de côr sobre côr, ou
metal sobre metal. A quinta excepçaõ he nas divisões,
quebras das Armarías dos Principes do sangue, e das
incipaes familias de França, onde se achaõ metaes sobre

Nn 2 metaes,

metaes, e côres sobre côres: pelo que deveis advertir materia huma cousa muito essencial, em que neste R (onde saõ rarissimos os curiosos desta faculdade) há erro commum, e abominavel, porque quanto mais sões, e aquartelas tem as armas, mais illustres lhes p que saõ; e he o contrario certo, porque nas Leys d maria, o que trás menos, he o mais: exemplo. O p genito da familia trás as armas della puras, e sem di çaõ alguma; quando casa lhe accrescenta as da mul mas por isso naõ se chamaõ as suas Armas divididas quebradas, mas sim carregadas, ou partidas; já os filh gundos naõ tem este direito, e saõ obrigados a di qualquer peça: isto he, alterar a inteireza, e singele escudo da sua familia, ajuntando nelle alguma cous se distinguir do escudo do primogenito da *casa*, en estaõ as Armas plenas, e puras. As divisões, ou peç que se servem os filhos segundos ordinariamente par ferença dos primogenitos saõ Lambel, ou Faixa, Ba Cotica, Bordadura, Bastaõ em banda, Estrellas, Cru Rosas, Besantes, Torteas, Billetes, ou Plintos, e Mul que tudo vos explicarei por partes depois do mais ne rio. As primeiras Divisas saõ cifras, ou caracteres, e semeadas nas Orlas, ou bordas das cotas das Armas, e bandeiras, e assim os Reys de França, que tiveraõ o de Carlos, desde o quinto até o nono, traziaõ por Di letra K. Os Reys Godos de Hespanha tinhaõ por Di letras Gregas Alpha, e Omega, que querem dizer *pri e fim*, com huma Cruz vermelha. Os Romanos as q letras S. P. Q. R. que vedes nos pendões da Procis Passos, que devendo ser muito pequenos, porque er estandantes da Cavallaria Romana, os fazem como o cho de huma náo de Guerra para experimentar forç haver risos, e indecencias; significaõ as taes letras *Se Populusque Romanus*: e em Portuguez: *Senado, e póvo Ro* A mesma Divisa (dizem) traziaõ os Sabinos primeir

indes inimigos dos Romanos, e dizia em Latim : Salvo vulo qu's respint? em Portuguez : quem resistira ao p... ? A estes caracteres se seguiaõ corpos, como a Aguia, e foi a divisa dos Romanos, e hoje a usa o Imperador m duas cabeças, que significaõ a divisaõ do Imperio em ·iental, e Occidental, e na verdade há Aguias de duas beças, como largamente o prova o doutissimo Feijó. A era, chamada entaõ Esphera, foi divisa do Rey D. Mael, que lhe deixou seu primo o Rey D. Joaõ II. com o :yno, alludindo ao dominio do mundo. Houve tambem visas sem corpos, como a de Cesar Borja : *Aut Cæsar, nihil*; *ou Cesar, ou nada*. Algumas foraõ equivocas, como la Casa de Senesce, ou Senescai : *in virtute, & honore senece*, *envelhece em virtude, e honra*; outras se compunhaõ de pos, e letras com sentenças laconicas inteiras, como a Rey D. Joaõ II., que era o Pelicano tirando com o bio sangue do peito para alimentar os seus filhos com a ra : *Pela ley, e pela grey*. De quatro modos se devem tra·as Divisas. Primeiro do corpo vivo, e sensivel, como Portugal a Aguia dos Azevedos, e o Leaõ dos Sylvas; ;undo de corpo vivo vegatativo naõ sensivel, como o lheiro dos Matos, e as folhas de Figueira dos Figueiis; terceiro de corpo estante nem vivo, nem sensivel co· a Cruz dos Pereiras, e o Castellos dos Farias; quarto parte dos corpos, ou sejaõ vivos sensiveis, ou vivos insiveis, ou estantes nem vivos, nem sensiveis, como as ·eças de Serpes dos Freires, o pedaço da Torre dos ntos &c. Excluem-se os corpos humanos inteiros, e por · os deixaraõ alguns, que os tinhaõ nas suas armas por :m contra as regras, e leys da Armaria. Todas estas Dias se devem pintar, esculpir, ou forjar em sua natural ·porçaõ, ser, condiçaõ, postura, e essencia; os animaes :iros na sua mayor ligeiresa, os bravos na sua mayor vozidade, os domesticos na sua mayor mansidaõ: e assim los os mais que forem ardentes, correntes, estantes, &c.

prin-

preitantes, mortos, ou vivos, ou em qualquer o
e affecto. Todo o animal hade olhar para a parte
escudo, e de nenhum modo para a esquerda; o l
estar rompente, ou rapante, o cervo corrente,
vantante, e ameaçante, o Touro arremetente, o
andante, o Raposo espreitante, a Aguia volante
caçante, Javalí fugente &c.; e no escudo naõ o
mais que huma só Divisa. Hoje nos temos de
chama Divisa a divisaõ de algumas peças hon
escudo, quando *verbi gratia*, huma faixa tem a
da sua largura ordinaria, e chama-se Faixa em I
zonaõ-se os escudos expondo, pintando, e desc
peças, e figuras das Armas, e Blasaõ de huma c
lia, Reyno, ou Provincia em termos proprios da
dica, ou Heraldica, que assim se chama a arte de
. ou de Armaría. Antigamente traziaõ os escudos
ou inclinados, e começaraõ a usallos direitos,
lhes puzeraõ corôas em sima. O uso de ajuntar
o elmo para compôr as armas, e Armarías compl
tar, ou inclinar os escudos, e ligallos com cordõ
vê nas pinturas antigas, tudo teve principio nos
e Justas em obsequio das Damas, que cada hum
ja abrindo o elmo, ja pondo este signal no escu
servava em memoria da victoria, e premio, que
Antigamente em França eraõ os escudos triang
saõ quadrados, rodondos, ovados, sempre na pa
agudos; em Hespanha da mesma sorte, mas naõ
em Alemanha saõ cavados, e concavos, e de va
em Italia saõ ovados especialmente os dos Ec
As mulheres casadas os trazem partidos, e unid
de seus maridos; as donzellas os trazem em liso
huma figura de quatro angulos, e se fórma co
gulo para sima, e outro para baixo; e partida
angulo, fica composta para o lado de dous tria
parte esquerda pôem as armas proprias, ajustad

ıpacidade do campo, ficando em branco o da parte di-
:a, em que se mostra estar a donzella apparelhada para
ceber no seu escudo as armas, que tiver o marido, e o
smo costumaõ fazer as viuvas. Hoje no nosso uso do
ısaõ há tres fórmas de escudos. Escudo commum, de
e usaõ os Principes, os Titulos, e todas as pessoas secu-
:s; Escudo ovado, de que usaõ só os Ecclesiasticos; e
:udo em lisonja, de que usaõ as Infantes de Portugal
es de casarem. Começa-se pois a blazonar pelo campo
escudo, seguindo-se as figuras, as peças, a situaçaõ, o nu-
ro, o metal, e as côres. As figuras saõ as peças que se car-
;aõ, e descrevem nos escudos para distincçaõ das fami-
s, as quaes saõ simbolos, emblemas, geroglificos de ac-
:s heroicas dos fundadores das casas, e chefes das fami-
; algumas vezes se tomaõ por allusaõ aos nomes, porque
onservaçaõ delles bastavaõ para excitar lembrança das
iitas façanhas daquelles heróes, que as receberaõ do
incipe, como saõ carneiros, cabras, pinheiros &c.; ou-
s vezes em allusaõ ao valor com que peleijáraõ na guer-
, como saõ os Dragões, Serpes, Leões &c.; outras em
ısaõ ao bom successo, que tiveraõ em matar animaes,
e se lhe offerecêraõ, ou os investiraõ, como saõ os Ca-
ras, e Olivas &c.; as Torres, e Castellos significaõ que
chefes das Familias, ou os tomáraõ, ou os defenderaõ
n admiravel esforço; as Aspas significaõ batalhas con-
guidas felizmente em dia de Santo André, razaõ porque
puzeraõ nas armas os que se acháraõ na tomada de Bae-
As vieiras significaõ victorias conseguidas com o favor
Sant-Iago, ou no seu dia, como a batalha de Clavijo, e
tras; as Estrellas significaõ ter illustrado a patria; as Luas
ctorias alcançadas dos Mouros; as Bandas, Pallas, Faixas,
Barras, e as Asnas significaõ especiaes victorias em al-
mas batalhas. Os peixes, naós, ondas &c. representaõ fa-
ıhas, e victorias no mar, e nos rios. O estilo de pôr nas
nas Aguias, corvos, e outras aves começou nos Roma-

nos

nos; os Leões, Ursos, e Leopardos nos Hunnos, Saxonios, e Pannonios. As divisões dos escudos saõ seis: a primeira he cortado, e se faz com huma linha orizontal, isto he, de lado a lado, que corta o escudo em duas metades; a segunda he partido, e se faz com huma linha perpendicular, que corta o escudo de alto a baixo pelo meyo; a terceira he troncado, que se faz com huma linha diagonal, isto he, que parte o escudo desde o alto do angulo direito até a ponta baixa do angulo esquerdo; a quarta he talhado, e se faz com a mesma linha cortando do alto do angulo esquerdo até a ponta baixa do direito; a quinta he terçado, e se faz com duas linhas, que partem o escudo em tres partes iguaes, e assim há terçado em banda, terçado em faixa, terçado em barra, terçado em palla, tomando o sobrenome das pallas, bandas ou barras, que dividem o escudo, e fazem os terços; a sexta he esquartelado, e he de dous modos, esquartelado em Cruz, e esquartelado em Santor; em Cruz ja sabeis como he, e fica o escudo partido em quatro partes iguaes, e quadradas, formando no meyo delle huma Cruz com duas linhas; em Santor se faz formando no escudo huma aspa de Santo André com duas linhas diagonaes. Adverti que o lado direito do escudo he o que corresponde á maõ direita de quem olha para elle. As divisões por partes desiguaes saõ a direita, a esquerda, em sima, em baixo, e mosqueteado; há tambem outras divisões extraordinarias, que saõ Dominio, Aliança, Communidade, Concessaõ, Dignidade, Patronato, Successaõ, Pertençaõ, e Familias. Peço-vos venhais logo saber o grande proveito que vos hade resultar das noticias desta nobilissima arte.

FIM DA TRIGESIMASEXTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
[UMILDES,
E
IGNORANTES.
ONFERENCIA XXXVII.

Ntra hum Ruſtico (diſſe o Soldado) em caſa de hum
Cidadaõ, vê nas ſalas varios retratos de Princezas, e
pergunta que ſantinhas ſaõ aquellas: ao que todos de
eſpondem com rizadas, que toda a vida ſe repetem,
as vezes, que lembra a ſimplicidade do pobre ho-
, que aſſás tem deſculpa, naõ ſó porque vive entre bre-
, e com mais communicaçaõ com brutos, do que com
ens, mas porque como ſempre vio que os Portuguezes
navaõ as paredes das caſas com retratos de Santos, ig-
a novidade, que nos introduziraõ os extrangeiros.
s que ſe coſtumaõ rir toda a vida dos ruſticos, que ſa-
ſimilhantes perguntas, ordinariamente ſaõ objecto de
dos eſtudioſos, e applicados, porque nas Igrejas vem
aſſos da Eſcriptura Sagrada nos paineis, e aſulejos, nas
dos Principes as batalhas, e acçoẽs memoraveis dos
os nos pannos de raz; e nos Repoſteiros dos Grandes,
iſtres ſeculares, e eccleſiaſticos os eſcudos das ſuas ar-
e tanto ſabem elles diſto tudo, o que he, como foi, que
cipio teve, como ſe chama, e o que ſignifica, como o ru-
ſabe ſe o retrato he de Santa Genoveva, ou da Impe-
z: quem ignora a hiſtoria Sagrada, a do ſeu Reyno, o
cipal da dos extranhos, e a arte de Armaria naõ ſe quei-
e lhe chamarem ruſtico, porque vive ignorando o me-
, que vê a cada paſſo, e na meſma neceſſidade de ...

guntar, como ruſtico, que Luas, que Eſtrellas, e que Leoẽs ſaõ aquelles, e ſe ſe cala, he porque lhe ſobeja a ſuberba para naõ manifeſtar a ignorancia, e no ruſtico ſobeja a humildade, e ſingileza para receber a doutrina. Julgai agora a neceſſidade, que tendes de ſaber ao menos o principal deſta nobre arte, para naõ incorreres neſta cenſura. De Dominio pois ſaõ armas dos Soberanos, as quaes andaõ ſempre unidas as terras, e Reynos que poſſuem. De Aliança ſaõ as que tomaõ as familias por caſamentos unindo-as ás ſuas. De Communidade ſaõ as que uſaõ as Républicas, provincias, cidades, Academias, Igrejas, Cabidos, e Religioẽs. De Conceſſaõ as que os Soberanos daõ a eſpeciaes vaſſallos como o Rey D. Manoel ao Duque de Bragança D. Jaime tirando-lhe as antigas da ſua caſa, e dando-lhe as armas Reaes inteiras. De Patronato ſaõ as que cidades, ou peſſoas uſaõ em ſignal de obediencia, ſujeiçaõ, agradecimento, ou dependencia, aſſim os Cardiaes coſtumaõ trazer as armas do Papa, que lhes deo o capello, muitos Biſpos as das ſuas Diecefes, os Padroeiros as das terras, que poſſuem, e defendem &c. De ſucceſſaõ as que os herdeiros, e legatarios herdaõ dos inſtituidores de morgados, e Capellas com eſſa condiçaõ, e dos que ſuccedem em feudos. De pertençaõ as que algum Principe toma de algum Reyno, ou provincia, que lhe pertence, aindaque naõ eſteja de poſſe della, mas ſim em poder de Principe extranho, como o Rey de Sardenha, que tràs com as ſuas armas as do Reyno de Chipre, e as de Jeruſalem. De Familias ſaõ as que uſaõ os deſcendentes de qualquer heróe, ou Varaõ illuſtre, que as mereceo, e adquirio. Achando-ſe hum eſcudo no meyo da Cruzadura, como ſe vê nas armas antigas de Caſtella no tempo, em que os tres Reys Filippes dominaraõ eſte Reyno, ſe chama ſobre tudo. Para ſe contarem os quarteados differentes das eſquarteladuras, ou para blaſonar por ordem, ſe hade começar pelo angulo direito do alto do eſcudo, e continuar em linha horizontal, dizendo: Fulano

tràs

tràs no primeiro de Fulano que he de Fulano, no segundo de Fulano que he dos Sylvas, ou Soufas &c., e quando o primeiro, e o quarto tem o mefmo, diremos Fulano tràs no primeiro, e quarto os anneis (verbi gratia) que faõ dos Menezes, que he da Cafa de Marialva, ou do Marquez &c. Blafonando-fe as figuras, fe começa pelo principal, com tanto que ella naõ efteja enxerida em alguma peça. Há oito fortes de armas que faõ parlantes, arbitrarias, verdadeiras, e legitimas, falfas, e irregulares, puras, e plenas, bricas, carregadas, e defcarregadas, ou diffamadas. Perlantes faõ as que dizem o nome de feu dono, como as cabras dos Cabraes, os coelhos dos Coelhos, as folhas de figueira dos Figueiroas. Arbitrarias faõ as que alguns tomaõ por capricho, e brio quando os eleva a fortuna a riqueza extraordinaria, ou dignidade, e eftas naõ fignificaõ nobreza alguma, e fó fervem de diftinguir aquella familia (até entaõ humilde, e efcura) dalli por diante das outras, que naõ deveraõ á fortuna igual beneficio. Verdadeiras, e legitimas faõ as que fe compôem conforme as leys da Araldica. Falfas, e irregulares as que naõ obfervaõ as ditas leys; e deftas fe exceptuaõ as Enquerentes, ou de inquirir, que ja vos expliquei na Conferencia paffada. Puras, e plenas faõ as que tem todas as peças. Bricas faõ as que trazem differença das puras, e plenas, que trazem os Chefes das cafas, como por exemplo o Duque de Orleaẽs, que tem huma faixa de prata nas armas para as diftinguir das do Rey de França, e do Delfim; de forte que o Chefe de qualquer familia illuftre deve trazer fó as armas della puras, plenas, e verdadeiras fem miftura de outras algumas armas de fua mulher, nem de fua mãy &c., e fe he Chefe de muitas familias hade trazer em quarteis as armas de todas, e todas puras, plenas, verdadeiras, e fem miftura, ou outros irmaõs, e mais defcendentes da mefma familia troncos della &c. podem trazer as armas de Chefe, mas com differença por força de regra, ley, e ufo da Naçaõ, e affim podem trazer até quatro armas de avós, e mãy, e mulher, ou fó as da

 mãy

māy com as da Caſa, e Chefe, mas nunca as do Chef
differença, e miſtura. Os filhos baſtardos álem deſta dif
ça haõ de trazer nas armas a québra de baſtardia q
huma cotica, ou riſta, que atraveſſa o eſcudo todo en
da. A differença dos filhos ſegundos commua he
Eſtrella, ou huma Ave, que ſe pôem no canto do eſ
Armas carregadas ſaõ aquellas ás quaes ſe juntaraõ al
peças em memoria de alguma façanha, ou acçaõ he
As deſcarregadas, ou diffamadas ſaõ pelo contrario aq
as quaes em caſtigo de algum delicto ſe lhes tirou al
peça, ou ſe lhes mandou pôr algumas riſtas em ſignal
famia, como em França mandou S. Luiz a Joaõ Aven
trouxeſſe o Leaõ das armas ſem unhas, e ſem lingua e
ſtigo de injuriar ſua māy Margarita, Condeſſa de Fla
diante do meſmo Rey. As peças honorificas *ſaõ* de
das quaes as quatorze occupaõ a terceira parte do eſc
as duas ſó a quarta parte delle, a primeira he Chefe q
a parte ſuperior, e cabeça do eſcudo, e tudo o que a
pôem, e tem varios attributos, que ſaõ Chefe abaixad
he quando eſtá ſeparado da orla ſuperior do eſcudo
côr do campo que o ſepara, e reprime do terço da ſua
ra; e chefe levantado he quando eſta ſeparaçaõ he feit
outra côr differente da côr do campo do eſcudo. Che
bronado, Chefe palleado, Chefe banhado, ou banda
quando no lugar do Chefe há alguma cabra, palla, ou
&c., porque toma o ſobrenome da peça que nelle app
Chefe cozido he quando tem a peça, ou peças a meſm
do campo. Chefe quebrado, ou retrahido he quando ſe
menor do que a terceira parte do eſcudo. A ſegunda
honorifica he a Faxa, a qual he hum liſtaõ que corta o
do horiſontalmente de lado a lado, ſepara o Chefe da
ta do eſcudo. Póde o eſcudo ter muitas faxas até oito
diverſos eſmaltes, e entaõ ſe chama eſcudo faxado, p
ſe tem dez, ou doze faxas ſe chama Burellado, e ſe d
guem os burellados em Merlados, Creſmerlados, Dent

feitos a escacos. Quando todas as faixas tem dentes se cha-
ia faxado dentado, quando tem xadrês esquaquead, ou
ito a escacos, ou esquaques, ou mais procedem da muti-
licidade de cores em listas direitas, de sorte que quando o
cudo faxado está partido por huma linha pelo qual o es-
alte das faxas se muda, e fica a côr sendo opposta ao me-
l, se chama faxado contra faxado. Outros nomes tem as
ixas, que logo direi para evitar confusaõ. A terceira peça
e a Banda, que atravessa o escudo desde o alto do lado di-
ito do Chefe até o fundo do lado esquerdo do escudo.
uando a tal Banda naõ tem mais que os dous terços da sua
rgura ordinaria, que he a terça parte do escudo, se chama
otica; quando naõ tem mais que hum terço da sua largu-
 ordinaria, se chama Bastaõ, ou Banda em divisa, e tem tan-
s nomes como as faxas. A quarta peça he a Palla, que he
uma especie de pelle que cobre toda a altura do escudo, e
terça parte da sua largura. Ha pallas encostadas, e carre-
adas, commetteadas, e clameadas, que saõ as apontadas, e as
ndeadas, as primeiras saõ dos Chefes, e as segundas das
ontas dos escudos, e quando a palla he parte de metal, e
arte de pelle se chama escudo empallado, encostado se tem
uitas pallas, e carregado empallado se nas pallas há peças,
se a palla do Chefe he da mesma côr, e materia do résto
a ponta do escudo, mas esta partida, ou tem diversa côr on-
e o Chefe acaba, se chama contra pallado, e quando as
allas saõ muitas, e iguaes se chama paliisado em memoria
as palissas que se faziaõ para defesa das praças. Barra he
uma peça que corta diagonalmente o escudo desde o alto
o lado esquerdo até o baixo do lado direito, occupando a
rça parte do escudo, e tem tantos nomes como as faxas,
omados das côres, feitios, e peças. A sexta peça he Cabra,
vem a ser duas Costelas lavradas juntamente sem alguma
ivisaõ, que descem do Chefe ás extremidades do escudo
n fórma de hum compasso meyo aberto, ás vezes se carre-
õ as cabras de outra diversa do terço da sua largura, e

V

muitas fortes destas peças chamadas cabras, porque h
se chamaõ acompanhadas, outras apontadas, deitada
vididas &c. A fetima peça he a Cruz, que deve estar
occupar hum terço, e tem tantos sobrenomes como s
feitios dellas, e os ornatos. A oitava peça he o Santo
vem a ser huma aspa de Santo André, e quando a dit
naõ toca as bórdas do escudo, e está só, se chama ali
porém muda os sobrenomes conforme os feitios, orna
peças, com que o carregaõ. A nona peça he a Bord
que cerca todo o escudo como hum passame, e deve t
largura a sexta parte do escudo, há bordadura singela
he a distinçaõ dos filhos segundos, e há outras comp
cantonadas, dentadas &c., que servem para disting
terceiros, quartos, quintos filhos. A decima peça se c
Orla feita na figura de hum fio na borda do *escudo*, t
largura metade da bordadura, e pôem-se apartada da l
do escudo outro tanto campo, como ella tem de larg
sorte que, sendo muitas, occupaõ todo, porque a sua l
ra he a duodecima parte da do escudo. A undecima pe
Chefe em palla, quando abaixo do Chefe há alguma
sem estar separada por alguma linha, e saõ do mesm
malte. A duodecima he campo, que he o espaço a
do terço do escudo, que tambem se chama Plano. A
materceira he Igualdade, que se compôem de tres c
moventes de dous angulos do Chefe, e da ponta, co
Grego. A decimaquarta he o Escudete, com que se
ga outro mayor, e que está no meyo sobre outro escu
se chama escudete em abismo. A decimaquinta he c
tel, que, estando só, occupa a quarta parte do escudo.
cimasexta he o Giraõ, cuja figura he hum pedaço d
no de linho cortado em triangulo, com este nome
vaõ antigamente as mulheres no pescoço, e com o r
feitio, mas com o nome de lenço, o usaõ ellas agora
se muitos escudos carregados com oito giroẽs, que v
tar as pontas no abismo do escudo, e a sua ley he o

juarta parte do efcudo fómente. Alem deftas peças tran os autores outras muitas, a que chamaõ honorificas dinuidas, e honorificas multiplicadas, as primeiras faõ fummidade, ou cume, que he hum Chefe diminuto, verga que huma palla com menos métade, Divifis que he huma :a com menos hum terço, Triangulas que faõ as faxas em mero defigual, Bureladas, que faõ as faxas diminutas em mero igual, Dobradas que faõ as mefmas faxas que naõ n mais que a quinta parte da fua largura, Terçadas que as que tendo fó a quinta parte fe pôem de tres em tres, m como as Dobradas de duas em duas, Eftirado he huma uz diminuta em métade da fua largura, Filete em Cruz ando ella fó tem a quarta parte, Flaqueado he hum terço Santor, Apontado he cabra fó com a quarta parte da lar-'a, Ficira huma bordadura com menos tres terços, Cotica na Banda com menos métade, Baftaõ, Banda que fó tem erça parte, Baftaõ fluxo o que fe tira do abifmo do efcu-, Filete, Banda, que fó tem a quinta parte, Traveffa ou itra cotica he Barra reduzida a hum terço da fua largu-Angulo he o quartel diminuto a hum terço. As honoris multiplicadas faõ Pontes equipolados, que faõ nove idrados dos quaes finco faõ de hum efmalte, e quatro de tro entreffachados alternadamente, Efcaques he hum eflo como o Taboleiro de jogar Damas com huns quas de metal, outros de côr, tambem nos animaes fe admi1 efcaques, quando faõ compoftos de diverfas peças irteadas, e alternadas, e quando affim faõ os efcudos fe imaõ Efcaqueados, e quando faõ fó em xadrez de côres 1 metaes, nem peças em animaes, fe chamaõ Equipola-, e compoftos quando as peças do xadrez de côres fó diftaõ ao menos entre fi dous terços. Manchados fe maõ os efcudos, em que as peças tem tres angulos, e fe 'aõ, e prendem humas com as outras na fórma de Pirales. Defmanchados fe chamaõ quando conftaõ de cou, que fe defmanchaõ como martelos, fouces, machados.

Cinta

Cinta dobrada he huma trança,ou ória florida,que ſe
no lado do eſcudo. Fretados he hum tecto que ſe
ramos cruzados, que cobrem o eſcudo, e quando iſt
com baſtoēs ſe chama Tretado, pondo os baſtoēs e
tor,e deixando eſpacos vazios como liſonjas. Liſonj
maō a humas peças de quatro pontas, das quaes d
hum pouco eſtendidas mais que as outras. Fuſadas
ças que differem das liſonjas em ſerem mais eſtend
comprido do que ellas, acabando em ponta como o
Plinthos ſaō taboinhas quadradas altas como ſalami
las ſaō malhas de couraça, e tambem daō eſte nom
ſonjas abertas, ou ramos em liſonja. Ruſtres, ou R
ſaō ramos, que cercaō o eſcudo. Giros ſaō anneis p
huns pelos outros. Anneletas ſaō anneis muito pe
rodondos. Tortaos ſaō figuras de tortas ſempre d
Beſantes ſaō humas peças de ouro, ou de prata ro
ſem cunhos, que dizem ſer dinheiro de Conſtant
cujo nome latino he Biſantium, e o tomaraō nas a
cavalleiros, que fôraō á conquiſta da terra Santa;
nhaō outras, ou lhe quizeraō accreſcentar eſtas. M
ſaō faixas, e Pallas, e outras peças de diverſas côres.
quartel, he hum lugar de honra do lado direito ao
eſcudo hum pouco menos, que hum quartel eſcaqu
o que fôr menos, que vem a ſer a decimaſexta part
cudo, ſe chama Franco cartel. Todas as ſciencias,
beraes, e mecanicas, e o que mais he a Religiaō de
para a Armaría. As fabulas, e quimeras concorre
as artes, e os Soberanos inventaraō humas, e app
outras para ſimbolos das acçoēs heroicas dos vaſſal
ta o mais para vós poderes conhecer todas as Arm
logo direi.

FIM DA TRIGESIMASEPTIMA PAR

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXVIII.

OS auctores Francezes especiaes na Armaria (disse o Soldado) daõ classes diversas, e gráos de principaes ás peças honorificas; e assentaõ que todas estas côres, esmaltes, e multiplicidade de adornos tiveraõ origem nos Torneyos, que succederaõ aos antigos jogos do Circo com as mesmas côres, que os Imperadores lhes concederaõ, e das expedições da Cruzada para a conquista da terra Santa, nas quaes cada Principe, ou Capitaõ ornava o seu escudo em obsequio da sua Dama por quem se declarava com côres, de que ella usava, e destas fardava os da sua jurisdicçaõ : a nós só pertence o necessario para conhecer as armas; e para isso adverti que os metaes, de que elles se compôem, saõ só dous, ouro, e prata, e as côres sinco, Asul, ou Asur, Vermelho Sanguineo, ou Goles, Verde, ou Sinopla, Negro, ou Sable roxo, e Purpura. Alem destes esmaltes se usaõ Arminhos, e Veiros, a que chamaõ ferraduras, os arminhos saõ brancos, e negros, os Veiros brancos, e azuis, advertindo que o arminho he todo branco, e as manchas pretas lhe pôem os artifices com pedaços de pelles dos cordeiros pretos de Lombardia. Os Veiros saõ huma especie de Truta cuja pelle pela barriga he branca, e pelas costas cinzenta muito similhante ao azul, daqui nacem na Araldica os termos contra arminho, que he quando o campo he de sable, que quer dizer negro, contraveiro, quando o metal he opposto ao metal, e a côr á côr, veirado quando o veiro he de outro esmal-

que naõ he prata,e azul,ou he de ouro,e de goles,q̃ he v
lho fanguineo,veirado em ponta, quando huma peça te
oppofta á bafe,e a bafe á peça. Há outros termos do blaf
ceffarios para a intelligencia, como faõ Ameaçante o a
que parece no efcudo q̃ ameaça para morder, Andante q
rece vai andando, Armado o que tem unhas, dentes, lingu
velhos &c., e faõ eftas armações de diverfas cores, e m
Arruelas q̃ faõ humas figuras redondas de cor, q̃ dizem
ficaõ as mezas redondas dos Cavalleiros Inglezes dadas p
mas q̃ Jaiafiõ pelo Rey Arthur, outros dizem fignifica
zas redondas dos Pares de França em tempo de Carlos M.
e de Hugo Capeto, os noffos querem que fejaõ tortas, p
ou bolos. Aiña he quafi o mefmo que cabra, he huma
compofta de duas Bandas chatas, q̃ reprefentaõ hum co
fo meyo aberto, q̃ vai decendo, e alargando-fe contra os
lados do efcudo. Banco de pinchar he a divifa dos Inf
de Portugal, q̃ antigamente fe fentavaõ em bancos nas C
e mais actos publicos, e naõ em cadeiras, porque nellas fe
tavaõ fó o Rey, e o Principe, e como efte banco os fazia
riores a todos os demais que eftavaõ em pé, o tomaraõ p
vifa. O nome pinchar dizem que na noffa lingua antiga q
dizer lançar fóra com violencia, porém efta palavra aind
fe ufa em muitas provincias defte Reyno, e na gente men
lída da Côrte, e certamente fignificou, e fignifica dar, p
fequio, ou por mercê, ou por caftigo, e injuria, e na Ar
quer dizer banco que pinchou, ou pincharaõ os Reys a
fantes por mercê, e privilegio para fe fentarem diante dell
actos publicos. Efte banco têm tres pés de ouro, no Pri
herdeiro fe pôem na Orlas das armas Reaes, e nos Infan
pôem no lado direito, porque as armas da máy occupaõ
querdo. Batalhar-te he todo animal pofto no efcudo em a
de peleijar. Blao he a côr azul. Brica he o efpaço do efc
onde os filhos fegundos trazem a differença dos primoger
Bridado he o timbre de meyo cavallo com a brida em fim
armas.Brocha he huma fivela, q̃ fempre he redonda, e cor

Caibro he quasi como as Asnas. Carregado, e carregadas odas as peças sobre as quaes estaõ postas outras peças. Cese chama todo o animal, que tem outro, ou outros na bo-Chapeleta he a corôa de qualquer planta posta na cabeça gura, e humas vezes saõ as plantas representadas nas suas s, outras nas dos metaes. Chaveiraõ he o mesmo q̃ caibro, sna. Coronel he o ornato que se pôem sobre o escudo, e seu remate, e saõ humas contas grossas, que o coroaõ, que Titulos saõ perolas. Cubelos saõ humas torres, que antigate se usavaõ nas muralhas. Esteios, saõ o mesmo q̃ sustenes, que pôem nos lados de algumas armas, e sempre saõ fis de Anjos, homens, mulheres, ou animaes. Foteado he pernada com fota q̃ he hum véo fino de listas que os Mouros nos turbantes, e em Lisboa se vendeo algum dia com o no nome. Fretado, e Tritado he ter peças, q̃ parecem graou jolesi s. Labeo de bastardia he hum filete preto atraido da direita para a esquerda. Lambrequins saõ as plumas, ornaõ o Timbre, e se pôem fixos no elmo, e antigamente eraõ plumas, mas sim pedaços de panno, com q̃ o cavalleiro iardava da chuva o elmo, e o ser nas armas em retalhos, reentava, q̃ nas batalhas com as espadas lhes tinhaõ feito em hos os pannos inteiros, e de diversas cores, q̃ para resguar-: abrigo traziaõ, e com q̃ peleijavaõ. Mantel, ou Manteler quasi o mesmo que Asna humas vezes aguda, outras vezes a, como meyo arco de pipa no meyo do escudo. Mortas se naõ todas as peças, q̃ saõ cercadas, e cobertas por sima com ia, como as armas dos Eças que lhe cobria o cordaõ de S. icisco todos os escudetes das Quinas excepto hum, q̃ era o). Muleta he o mesmo que Estrella, e a differença está em io meyo hum orificio redondo, de sorte q̃ vem a ser huma ta de espora. Panela he a folha da herva Golfão, e em ouoccasiões significa os corações de que usaõ os Marroquins, sas, Corates, Salsedos, e Basurios familias nobilissimas em panha. Paquise he o mesmo q̃ Lambrequins. Pavilhaõ he a la de campanha, que cobre as armas. Pé de agua he a repre-

 senta-

ſentaçaõ della no eſcudo,aſſim como a das ondas ſe chama ondeado. Percuciente he o animal em acçaõ de dar com inſtrumento na maõ para iſſo. Perfil he hum fio das cores permittidas, q̃ ſe pôem na extremidade do eſcudo, ou cercando qualquer figura.Raſpante he o animal no eſcudo repreſentado como q raſpa,e obra com as unhas,e Rompente he a cabeça de tal como q vem ſahindo do lado do eſcudo, ou repreſentado em pé, mas he improprio.Roquete ſaõ peças poſtas em triangulo,duas em ſima,e huma em baixo. Roxo na Armaria he o meſmo que purpura ou pavonado. Tanchaõ,ou Tachaõ he o meſmo que bico,ferraõ,biqueiras,ou caſquilhos. Ter[illegible]do he o eſcudo dividido em tres partes como he o de Inglaterra.Trefolio, ou Trifolio he a folha do trevo. Troços ſaõ feixes, ou molhos.Vieiras ſaõ conchas.Timbre palavra Franceza,q ſignifica ſino ſem badalo, mas q recebe de fóra as pancadas do martello,antigamente era o Elmo,e hoje he o que ſe pôem ſobre elle,ſe bem Graſſalio chama Timbre a tudo o q̃ ſe pôem ſobre o eſcudo, mas deve entender-ſe ſó dos Principes Eccleſiaſticos,porq no Papa he Timbre a tiara,nos Cardiaes o chapeo,a que ſe chama capelo,nos Patriarcas,e Primaſes a Cruz dobrada,iſto he,de dous braços hum menor que o outro &c.Os ornatos das armas,e adornos dellas ſe reduzem a nove,o primeiro he Timbre,que humas vezes he o q ſe pôem ſobre o elmo, ou ſahindo da corôa,outras vezes he o elmo,corôa,ou corôas que cobrem o eſcudo,em fim he a ultima peça q cobre tudo. O ſegundo ſaõ os Lambrequins, ou penachos do Timbre, o terceiro ſaõ as inſignias das dignidades Eccleſiaſticas, Civis, e Militares;o quarto ſaõ os Eſteios,ou ſuſtentantes;o quinto as Diviſas;o ſexto os habitos das Ordens Militares;o ſeptimo as bandeiras;o oitavo os pavilhões;o nono os eſtendartes. Os Imperadores uſavaõ corôas de louro nas armas, Carlos Magno, e ſucceſſores a uſavaõ de pedras precioſas realçada com quatro florões,Carlos V. a fechou rematada com hum globo,Franciſco I. de França o imitou logo, e em Portugal o ſenhor D.Sebaſtiaõ foi o primeiro,que a uſou aſſim.Em França o Delfim a

uſa

a fechada desde o reinado de Luiz XIV., e as vergas saõ as udas de quatro Delfins, q a cercaõ, e no remate a flor de Liz. s Infantes a trazem aberta com pedraria, e oito Lizes, e mesmo o primeiro Principe do sangue, e os outros Principes iguaes m quatro lizes, e quatro florões. Os Duques trazem circulo ouro com perolas, e pedraria, e quatro florões semilhantes ás lhas de Apio, ou perrexil. As Marquezas trazem hum floraõ, dous meyos, o restante de perolas postas em ponta. Os Cons trazem a corôa toda de perolas sobre hum circulo de ouguarnecido de pedraria. Os Viscondes trazem o circulo da orôa de ouro, e nelle embrulhado hum braulete de aljofar, pom o Visconde de Villa-nova de Cerveira como he grande, a às como Conde. Os Viscondes nos outros reynos trazem só m circulo de ouro puro com quatro perolas grossas, separas por huma ou duas pequenas. Os Barões trazem a dos Visndes. O Mordomo mór alem da pedraria a tras realçada com atro cruzes abertas. Os Marechaes a trazem como os Dues, porém em cada floraõ, ou entre cada floraõ huma perola: tigamente era a corôa hum circulo de ouro esmaltado de dirsas cores donde se levantavaõ doze pontas os rayos iguaes, que hoje se usa ainda em Italia. Os Bonetes saõ communs em lemanha, os vermelhos com arminhos he dos Eleitores, e de itros Principes. As gorras em França saõ dos Parlamentarios, ssim o Chanceller, e os Presidentes em França as trazem nas mas como insignias de justiça, mas com differença, porque o hanceller a tràs de ouro embrulhada em arminho, o primeiro esidente mayor de veludo negro bordada de dous galões de iro, e os outros com hum só galaõ do mesmo. Os Elmos, ou pacetes saõ blasaõ, e insignia verdadeira de Cavallaria, e o incipal adorno dos escudos. Distinguem-se pela materia, pela rma, e pela situaçaõ. Os dos Reys saõ de ouro, os dos Princis, e grandes senhores de prata, os dos Gentis-homens de aço llido, os dos Reys saõ abertos, os dos Principes &c. hum uco abertos, os dos outros totalmente fechados. Os Soberas os trazem na frente totalmente abertos sem verga alg

os Duques no mesmo sitio mas com sete vergas,os Mar
com sinco vergas no mesmo lugar, e da mesma sorte c
des, mas estes o trazem meyo voltado para o lado dire
Barões com quatro vergas,e a mesma volta,o mesmo os
gos de Solar,os Escudeiros o trazem virado para o lad
to pouco aberto sem verga alguma,os bastardos sem ve
guma virado para o lado esquerdo, os Soberanos, Ti
Gentis-homens os trazem em perfil, os Viscondes, B
Cavalleiros hum pouco voltados de costas,q se chama
ço,e adverti q se nestas cousas há hoje alguma falta de
vancia,no tempo dos Reys passados se observou á *risc*
da hoje estaõ em seu vigor as penas contra os transgress
cimeira he huma peça que se pòem no alto do capacete
lugar verdadeiro do Timbre,ou em lugar delle por orn
Duques,Pares,e Officiaes da Casa em França cobrem a
com roupas,e ornaõ com insignias. O Chanceller com
massas, e roupas,os Presidentes com gorra, e roupa, o M
mo mór dous bastões em aspa ornados de lizes, coroa
hum extremo, armados no outro,o Camereiro mór du
ves,o Estribeiro mór duas espadas reaes com o pendal
peiro mór dous frascos, o Mantieiro mór a copa no c
escudo, o Monteiro mór duas pontas de veado, o M
mór dous feixes de varas,e a machadinha dos Romanos
rechaes os bastões, como disse, em Santor no fim do
com lizes &c.o Almeirante duas ancoras em aspa,o Ge
artilharia dous canhões sobre o capacete.o Condestav
mãos com duas espadas no canto do escudo.o General
lés huma ancora em palho,o General de Infantaria ban
General da Cavallaria estendartes.Os sustentantes,Est
suppores se pòem nos lados, as Divisas de cifras, car
nomes,sentenças,enigmas &c. se pòem ao rodor das ar
listrões,ou na cimeira,ou nos lados,ou embaixo.Vós d
he huma Divisa da Naçaõ, e devoçaõ Catholica para
os Soldados a pelejar com valor,e muitos a tomaraõ p
visa nas armas,em Hespanha he S. Tiago,em França

,em Inglaterra, e desde o Rey D. Joaõ I. até Filippe IV. Castella, e III. de Portugal S. Jorge, porém desde o Serenis- Rey D. Joaõ IV. he Nossa Senhora da Conceiçaõ. As zes, e insignias das Ordens Militares se põem de tras do es- mostrando só os extremos, porém o Tusaõ se põem cer- do o escudo; e debaixo do abismo, e fundo delle o cordei- omo se a cadêa de fuzis cingisse o pescoço, e peitos do ca- iro. Os pavilhões usaõ só os Reys, e constaõ de chapeo, he o cume agudo, como o de chapeo de Sol pouco aber- cortinas; os Principes soberanos, que naõ conhecem supe- mas naõ saõ Reys, e os Reys, que o saõ por eleiçaõ, como nia, usaõ só das cortinas sem o chapeo. As penas de Orde- õ do Reyno contra os que tratem o que lhe naõ pertence, erda de toda a fazenda ametade para captivos, e ametade o accusador, perda de honra, linhagem, e pessoa sendo da- or diante havido por plebeo. O que accrescenta, ou tira o de direito, e ley lhe naõ pertence, ou devia trazer, tem annos de degredo para Africa, e sincoenta cruzados para ey de Armas, ou quem o accusar. Segundo Garibai perde o lgo as armas, perdendo em batalha estandarte com as suas s sem ser morto, ou prezo, fugindo da batalha antes que o Rey, ou General, nos casos, em que pela Ordenaçaõ se le Nobreza, e Fidalguia, e quando nos desafios se aposta ler as armas, o que ficar vencido tambem perde as armas, e as deixa, tomando outras, álem de outras penas que tràs denaçaõ do Reyno. Agora que já percebeis os principaes os da Araldica, vos explicarei as armas de toda a Nobreza osso Reyno, e depois as de toda a Europa, e no fim vos di- omo haveis de conhecer as cores, e metaes nas pedras, e es, onde tudo tem huma côr. Os nossos Soberanos Fidelis- s, e seu Reyno tem por armas em campo de prata sinco es- s azuiz postos em cruz, e em cada escudo sinco Besantes rata em aspa que contados com os sinco escudos fazem os a dinheiros, porq Judas vendeo a Christo Senhor nosso, orla tem sete Castellos de prata em campo sanguineo que

ſaõ as armas do Algarve, Elmo de ouro recamado com Viſeira aberta coroado com corôa de ouro fechada, e por Timbre a Serpente alada de ouro, ſuſtentantes dous Dragões do meſmo cada hum com ſua bandeira. Nas vidas dos Reys vos diſſemos ja como eſtas armas começaraõ, e como chegaraõ a eſta perfeiçaõ, e formoſura, que he a mayor de todas as armas, que até hoje ſe tem viſto, como tambem o motivo, porque o Rey D. Joaõ I. tomou a Serpe de S. Jorge por Timbre no ſeu caſamento, e como D. Affonſo III. lhe accreſcentou o eſcudo do Reyno do Algarve, quando lho doou ſeu ſogro. A Sereniſſima Caſa de Bragança por ordem do Rey D. Manoel deixou as armas antigas, que eraõ huma Aſpa vermelha em campo de prata, e ſobre a Aſpa ſinco eſcudos das Quinas ſem orla dos Caſtellos, e tomou as armas reaes inteiras com Elmo aberto, corôa, e Timbre meya Serpente de ouro, uſou deſtas o Duque D. *Jaime* até que teve filhos, e entaõ lhe accreſcentou a corôa Ducal, e o Rey por Diviſa lhe deo o banco de pinchar de ouro atraveſſado pela orla vermelha em ſignal de grandeza, porq́ ſó aos Principes, e Infantes he concedido. Miſturou logo o Duque com as armas reaes as de Caſtella, que direi a ſeu tempo, e as de *Inglaterra*, e defronte as de Aragaõ em huma palla, em outra as de Sicilia franchadas com as de Aragaõ em Chefe, e no ſeu contrario, e nos lados huma Aguia eſtendida em campo de prata da ſenhora D. Iſabel, parenta deſtas caſas, de que já tratamos na genealogia dos Sereniſſimos Duques. As caſas do Duque de Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, do Marquez de Valença, Conde de Vimioſo, e dos Condes de Mira, e Fáro tomaraõ as armas da Caſa de Bragança antigas, que eraõ Aſpa vermelha em campo de prata, e nelle ſinco eſcudos com as Quinas ſem a orladura dos Caſtellos, Timbre meyo cavallo branco com tres lançadas no peſcoço em ſangue bridado de ouro com cabeçadas e redeas de vermelho, q́ era o antigo Timbre dos Pereiras em memoria do Conde D. Rodrigo Forjis, illuſtriſſimo aſcendente da Caſa de Bragança, q́ na batalha em q́ prendeo o Rey D. Sancho, irmaõ do Rey D. Garcia, elle morreo das feridas da batalha das Mavas, que já ouviſtes, e morreo de tres lançadas no peito o ſeu cavallo branco. Agora começa o utiliſſimo, divertido, e curioſo. FIM DA TRIGESIMAOITAVA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. [illegible]. Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XXXIX.

ACabámos a Conferencia paſſada (diſſe o Soldado) tratando das armas do Duque do Cadaval, Marquez de Valença, e Condes de Mira, e Fáro. Entaõ vos diſſe tinhaõ as armas antigas da Caſa de Bragança, e quaes eraõ. A eſtas pois accreſcentaraõ na meſma aſpa quatro cruzes de ouro floreadas, iſto he, cujas pontas acabaõ em flores de liz, e vaſias, que vem a ſer o meyo da haſte, e braços da côr da aſpa como ſe a cruz pelo meyo foſſe aberta toda. Os primeiros tomaraõ eſtas armas por deſcenderem do ſenhor D. Alvaro, filho do ſegundo Duque de Bragança D. Fernando. Os ſegundos por virem do ſenhor D. Affonſo, Marquez de Valença, filho do primeiro Duque de Bragança D. Affonſo, o qual foi o primeiro que tomou o appellido de Portugal, que ſe continua na dita caſa com as armas. Os terceiros por trazerem a ſua origem do ſenhor D. Affonſo, Conde de Fáro, e Mira, filho do ſegundo Duque de Bragança D. Fernando. O Duque de Lafões tem por armas as quinas eſquarteladas com quadernas de meias Luas, iſto he, as quinas em dous quarteis, primeiro, e quarto, e quatro meyas Luas poſtas em quadro no ſegundo, e terceiro quartel, Timbre hum Caſtello de ouro lavrado de preto; procede a ſua nobiliſſima, e antiquiſſima familia duas vezes da Caſa Real, e dos Souſas, de que há dous ramos,

hum tràs o efcudo efquartelado com as quinas, e as armas de Leaõ, Timbre hum Leaõ das armas com huma grinalda de prata florida de verde na cabeça, procedem de Martim Affonfo Chichorro, filho do Rey D. Diniz, que cafou com huma neta de Mem Garcia de Soufa, neto do Conde D. Mendo o Soufaõ, cujo Solar he a villa de Arrifana de Soufa, que fundou D. Tayaõ Soares, tronco defte appellido, e defta familia he o Marquez das Minas; o outro ramo procede de Affonfo Diniz, filho do mefmo Rey D. Diniz, cafado com huma irmãa da que cafou com Martim Affonfo Chichorro, que tem o mefmo Solar, e principio, e defte *faõ os* Marquezes de Arronches, Condes de Miranda, com cuja filha cafou o Principe de Ligne, de quem nacco a primeira Duqueza de Lafões, mulher do fenhor D. Miguel, pays do Duque que hoje vive. Agora para melhor digeftaõ *por* fórma de Abcedario vos direi as armas de todas as familias do Reyno de que tenho noticia. *Aboim* tem o efcudo efquartelado no primeiro, e quarto, enxaquetado de ouro, e azul de quatro peças em faxa, no fegundo, e terceiro tres pallas azuis em campo de ouro, Timbre dous braços veftidos de azul com hum taboleiro de xadrez leonado enxaquetado de ouro, e azul nas mãos. He o feu folar a Freguezia de Aboim no julgado de Nobrega, na provincia de Entre Douro e Minho, procedem de D. Joaõ de Aboim, Mordomo mór do Rey D. Affonfo III. *Albuquerque* tem o efcudo efquartelado, no primeiro as Quinas de Portugal com feu filete, e contrabanda coftumada, no fegundo em campo vermelho finco flores de liz de ouro em afpa, e da mefma forte os quarteis contrarios, Timbre huma aza de Aguia extendida, e fobre ella as finco flores das armas. Procedem de D. Affonfo Telles de Menezes, povoador de Albuquerque, villa de Caftella quafi na raya de Portugal. Ha outros defte appellido, que tem o efcudo partido em tres pallas, na primeira em vermelho huma torre de prata, e fobre ella huma Aguia negra volante, na fegunda em azul hum cru-

zeiro

zeiro com ſeu padeſtal de ouro,na terceira partida em faxa, primeira de ouro com ſinco grailhos da ſua côr em Santor, ſegunda em vermelho duas pallas de ouro; procedem de D. Joaõ de Albuquerque. *Alvinda.* Tem em campo de ouro huma banda azul com duas cruzes de ouro floridas, e vazias entre duas Aguias vermelhas extendidas,e armadas de preto, Timbre huma das Aguias extendida. Procedem de hum Capitaõ Inglez,que veyo a eſte Reyno no tempo do Rey D. Affonſo Henriques, e fez ſeu aſſento na villa de Almada. *Abranches.* Tem eſtas meſmas armas,porque procede deſta familia. *Abreu.* Tem em campo vermelho ſinco cotos de Aguia de ouro direitos em aſpa, Timbre hum dos cotos extendido. He ſeu Solar a Torre de Abreu, junto a Valença do Minho. Poſſuem a Caſa de Regalados. *Abul.* Tem o eſcudo partido em palla,no primeiro de ouro meya Aguia preta,no ſegundo de azul huma barra, ou faxa vermelha perfilada de ouro com meya Lua de prata,e no azul debaixo duas. *Aça.* Tem em campo de ouro huma cruz florida, e aberta entre quatro caldeirões negros faxados de tres faxas de ouro,orla de prata com vinte aſpas vermelhas, he ſeu Solar a villa de Aça em Caſtella. *Achaiuoli.* Tem em campo de prata hum Leaõ azul rompente, Timbre o meſmo Leaõ, procede de Simaõ Achaiuoli, povoador da Ilha da Madeira oriundo de Florença, onde eſta familia he nobiliſſima. *Aguilar.* Tem em campo de ouro huma Aguia vermelha com pernas, e bico negros, e ſobre o peito, e parte das azas, que eſtaõ extendidas, hum creſcente de Lua de prata,Timbre a meſma Aguia,procedem de Caſtella. *Alam.* Tem o eſcudo eſquartelado,dous primeiro,e quarto de xadrez vermelho,e amarelo,ſegundo,e terceiro brancos com ſinco flores de liz de ouro em Aſpa. *Alarcaõ.* Tem em campo de prata tres faxas negras eſquarteladas de ouro com orla jaquetada de ouro,e vermelho de duas peças em faxa, ſobre o eſcudo outro menor, e nelle huma cruz floreada de ouro,e vazia de campo, (que iſſo quer dizer vazia ſem

dizer de campo, como já vos adverti), o qual he Sanguineo, orla azul com oito aſpas de ouro. Procede de Fernaõ Ennes de Cevalhos,que ganhou Alarcaõ aos Mouros,cujo deſcendente D. Joaõ de Alárcaõ veyo de Caſtella para Portugal,onde foi tronco,e chefe deſta familia. *Aguiar.* Tem em campo de ouro huma Aguia vermelha extendida armada de preto, Timbre outra Aguia. Procedem de Pedro Mendes de Aguiar do tempo do Rey D. Affonſo Henriques. *Alardos.* Tem em campo vermelho tres flores de liz em triangulo, e entre ellas huma meya Lua de prata, Timbre hum meyo Leaõ armado de vermelho com *colleira do* meſmo. Procede de D. Alardo, Cavalleiro Francez, que veyo para eſte Reyno em tempo do Rey D. Affonſo Henriques. *Albernoz.* Tem em campo de ouro huma banda verde. Procedem de Caſtella. *Alcaçova.* Tem em campo azul huma fortaleza de prata com ſinco torres, a do meyo *mais* alta com portas, e freſtas lavradas de preto, a muralha de prata, Timbre a meſma fortaleza das armas. Procede de Pedro de Alcaçova, Secretario do Rey D. Joaõ o II. *Alcoforado.* Tem o eſcudo enxaquetado de prata, e azul com *ſete* peças em faxa, Timbre huma Aguia azul volante armada, e enxaquetada da banda direita ametade de prata. Procedem de Pedro Martins Alcoforado deſcendente de Pedro Mendes de Aguiar. *Alfaro.* Tem o eſcudo partido em palla, no primeiro em verde tres bandas de ouro, no ſegundo em azul huma meya Lua. *Alma.* Tem o campo faxado de ouro, e azul de tres faxas cada hum, Timbre duas tochas de azul com fogo de ouro. *Almança.* Tem o eſcudo partido em palla, no primeiro em campo de prata tres barras negras, no ſegundo em campo de prata ſinco Arminhos negros, e ſeis aſpas em campo de prata poſtas em chefe, no réſto do eſcudo em campo vermelho ſinco rodas de Santa Catharina. *Albernaz.* Tem o eſcudo eſquartelado de azul, e prata nos dous em campo azul hum ramo de Carapiteiro de prata, nos contrarios em campo de prata hum ramo azul do meſmo.

mo. Ja neste Reyno eraõ conhecidos no tempo do Rey D. Joaõ I. *Almeida*. Tem em campo vermelho tres Besantes de ouro entre huma cruz dobrada, isto he, de dous braços como a do Patriarca de Lisboa, bordadura do mesmo ouro, Timbre huma Aguia vermelha abesentada de ouro. Destas armas usaõ as casas de Abrantes, Avintes, e Assumar, hoje Marquezes de Alorna. *Alpoem*. Tèm em campo azul sinco flores de liz de ouro em aspa, outros tem em campo de prata huma Lua de purpura com bordadura de vermelho, Timbre huma Adem da sua còr com os pés, e bico de ouro. *Altamirano*. Tem treze Arruelas azuis em campo de ouro, quatro cabeças de Mouros, orla roxa, Timbre hum braço armado com huma cabeça de Mouro na maõ pendurada pelos cabellos. Procedem de Andaluzia de Gonsalo Fernandes Altamirano, que tambem tem o appellido de *Cabeça*, por lho dar o Rey D. Fernando III. de Castella, e Leaõ com parte das armas, que accrescentou ás treze Arruellas. *Aite*. Tem as armas dos Esparragosas, que logo diremos. *Altero*. Tem o escudo enxaquetado (ainda naõ percebemos bem este termo, disse o Ermitaõ) disso naõ tenho culpa (disse o Soldado) porque quando vos expliquei o que era xadrez vos disse, que esquaques, ou escaques, escaqueado, enxaquetado, enxadrexado, e empequetado tudo era o mesmo, e tudo xadrez. Tem pois a familia de Altero o escudo enxaquetado de ouro, e vermelho de quatro peças em faxa, Timbre meyo Leaõ vermelho enxaquetado em ouro. *Alvarenga*. Tem o escudo de veiros com tres fachas vermelhas sobre elles, Timbre meyo Leaõ rompente vestido de veiros. Procedem de Mem Viegas, filho de Egas Moniz. *Alvergaria*. Procede (segundo dizem) de hum Cavalheiro Aragonez, que entrou neste Reyno no tempo do Rey D. Manoel. Tem em campo de prata huma cruz vermelha vazia, e florída, e huma bordadura de prata cheya de escudinhos das armas do Reyno, Timbre hum Drago vermelho volante. *Alvim*. Tem o escudo esquartelado, nos dous xadrez

dez de vermelho, e amarelio, nos contrarios ſinco flores de liz de ouro em campo azul. *Alvo.* Tem em campo azul huma Leaõ de ouro, e huma banda vermelha, que atraveſſa o Leaõ, e o eſcudo, e nella tres flores de liz de prata, Timbre o Leaõ com huma flor de liz nas mãos, procede de Eſtevaõ Alvo. *Amado.* Tem o eſcudo eſquartelado, no primeiro em campo azul huma Aguia de ouro, extendida armada de preto, no ſegundo em campo verde huma banda de prata ſemeada de Arminhos, da meſma ſorte os contrarios, Timbre a Aguia: procedem de Gonſalo Mendes Amado, a quem deo eſtas armas o Rey D. Fernando, *aindaque* no tempo do Conde D. Henrique já havia neſte Reyno o tal appellido. *Amaral.* Tem em campo de ouro ſeis Luas azuis em duas pallas, Timbre hum Leaõ de ouro com huma faxa nas mãos, e cauda azul. O Solar he na *Comarca de* Viſeu no lugar do Amaral. *Amorim.* Tem em campo verme*lho* ſinco cabeças de Mouros em aſpa com toucas de prata, barbas de ouro, roſtos encarnados, procedem de Galliza. *Andrade.* Tem em campo verde huma banda vermelha, e coticada de ouro com duas cabeças de Serpes, Timbre dous peſcoços das Serpes de ouro com duas cabeças poſtas em fuga, iſto he, em acçaõ de fugirem, armadas de vermelho retorcidos batalhantes. Alguns pôem em campo de prata por orla Ave Maria de letras negras em memoria do eſtandarte dos Templarios, em que eſtava gravada a Ave Maria, que recobraraõ dos Mouros certos Cavalleiros deſta familia, a qual procede de Nuno Freire de Andrade, Meſtre da Ordem de Chriſto, que de Caſtella veyo para eſte Reyno no tempo do Rey de Caſtella D. Pedro o Cruel, e eſte foi hum dos que vieraõ com o Conde D. Mendo, e tem o ſeu Solar na villa de Andrade em Galliza. Outros procedem de Fernando Alvares de Andrade, e tem em campo de ouro huma banda vermelha, que ſahe das bocas de duas Serpes de prata picadas de verde entre duas caldeiras eſcaqueadas de prata, e vermelho com cintas, e azas de ou-

ro,

ro, e em cada remate das azas hũa cabeça de Serpe, Timbre o mesmo que dissemos dos primeiros. *Anhaya.* Tem em campo de ouro sinco barras azuis a travez. Procedem de Pedro Anhaya, que veyo de Castella para este Reyno no tempo do Rey D. Affonso V. *Antas.* Tem em campo vermelho seis lisonjas de prata em cruz, e quatro em palla, Timbre huma Anta da sua côr. Procedem de Mem Affonso de Antas, o seu Solar he o lugar de Antes no Concelho de Coura. *Aragaõ.* Tem quatro barras vermelhas em campo de ouro, procedem de D. Pedro de Aragaõ, irmaõ da Rainha Santa Isabel, que veyo para este Reyno. Houve outros, que passàraõ para este Reyno no tempo do Rey D. Sancho I., de que era Chefe D. Martim de Aragaõ. *Aranhas.* Tem em campo azul huma Asna de prata entre flores de liz de ouro, e sobre a cabeça della hum escudinho vermelho com huma banda de prata, e sobre a banda tres Aranhas pretas, Timbre o Chaveiraõ das armas, como está. *Araujo.* Tem em campo de prata huma aspa azul com sinco Besantes de ouro nella, Timbre hum meyo Mouro com braços vestido de azul com hum capello de caça de ouro. Procedem de Pedro Annes de Araujo, que passou de Castella a este Reyno no tempo do Rey D. Fernando, o qual era filho de Vasco Rodrigues de Araujo, senhor do Castello de Araujo em Galliza, mas os que lá ficaraõ tem outras armas. *Arca.* Tem o escudo esquartelado, no primeiro em ouro huma faxa, assim os contrarios, Timbre hum galgo preto pintado no elmo com huma colleira empequetada de ouro, e vermelho, o seu solar he val de Arca, junto a Montemór o novo. *Arco.* Tem em campo de ouro hum Sagitario de côr humana, a parte de cavallo negra com arco vermelho corda verde, setta de prata com pennas verdes, e o ferro da côr natural procedem de José Fernandes de Arco Fidalgo de Galliza, que veyo para este Reyno no tempo do Rey D. Affonso V. *Arelano.* Tem em campo de prata duas barras vermelhas, e na borda verde seis flores de liz. *Arrao.*

Tem

Tem em campo de prata feis Leões negros em duas pallas rompentes a feu direito, Timbre hum dos Leões, procedem de Guilherme de Arnao Inglez, que veyo para efte Reyno com a Rainha D. Filippa. *Arraes.* Tem o efcudo efquartelado, no primeiro em vermelho nove fôlhas de golfaõ de ouro em tres pallas, no fegundo partido em afpa de ouro, e verde hum *S* preto fobre ouro, e fobre o verde huma banda vermelha acoticada de ouro; affim os contrarios. Procedem de hum Cavalleiro que fervio de Arraes na barca notavel, em que o Rey D. Fernando fe foi vêr com o Rey D. Henrique de Caftella fobre *o Téjo.* Já fei que todos defejais faber as fignificações de todas eftas côres, efmaltes, frifos, riftas &c. nas armas de cada familia: focegai, que para evitar confufaõ, e repetiçaõ naõ explico já todas as armas: mas depois de dizer todas as do Reyno, vos enfinarei em poucas palavras a perceberes as acções heroicas, que fignificaõ em cada familia eftas coufas, de forte que, vendo vós quaefquer armas, conheçais tudo o que há digno de memoria naquella familia, e a caufa porque ufa de taes peças nas armas. Ifto he o tudo; mas deve fer no fim.

F I M

DA TRIGESIMANONA PARTE.

L I S B O A:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XL.

HA muito tempo (disse o Ermitaõ) que occupados em diversas noticias do nosso assumpto, deixámos de acabar a Historia do nosso feliz Rey D. *Affonso* VI., cuja ultima acçaõ, que referimos, foy a notavel Batalha de Montes Claros. Desde o memoravel dia 17. de Junho, em que a vencemos, até 28 de Outubro seguinte naõ houve acçaõ grande, porque as impedio todas o Estio, e antes delle nos Castelhanos o destroço, e miseria, em que ficaraõ, entre nós a falta de uniaõ nos votos da melhor empreza, e frouxidaõ do Rey nesta occasiaõ; porque ordenando primeiro ao Marquez de Marialva que o nosso Exercito vencedor se occupasse na empreza, que melhor parecesse, acentaraõ que a mais util era a Conquista de Merida: e sendo certo que em Castella naquelle tempo só lagrimas havia para defender Praças, e a Victoria passada nos segurava em qualquer acçaõ proxima outra: o Rey vendo o que votavaõ os Cabos do Exercito, o mandou aquartelar; o que se executou com summo disgosto. Chegou o Outono, e sabendo o Conde do Prado General de entre Douro, e Minho, que os Galegos se preparavaõ para sahirem em Campanha, avizou a Corte, e por ordem do Rey passou áquella Provincia o Conde de Escomberg com tropas Estrangeiras, e juntos todos os soccorros das Provincias no dia sobredito sahio a campo o Exercito, passou

o rio Minho junto ao Forte de Gayaõ,detevesse dous di[as] para aperfeiçoar a fórma da marcha, e passados elles a co[n]tinuou em tres linhas. O primeiro alojamento, que o Ex[ercito] teve em Galiza foi em Vel de Rosal, e depois de s[a]quear aquelle districto, passou asperissimas serras, e destru[io] os valles de Minhós, e Fragoso, e desbaratou a Villa de Go[n]domar. O Conde do Prado desejando seguir maior empre[]za intentou ganhar Bayona, mas foi tal a tempestade de chu[]va, e vento, que o Cabo da expediçaõ a naõ pode conseguir; e o Exercito se occupou em saquear Bouças, que fica sobre o mar junto a Vigo, villa rica de setecentos vizinhos, e de[]pois do saque a queimaraõ. Luiz Poderico Vice-Rey de Galiza com sinco mil Infantes, e oito centos Cavallos acom[]panhado de todos os Cabos, e Officiaes do Exercito occu[]pou o sitio de S. Colmado, por onde forçosamente havia de passar o nosso Exercito, querendo continuar a marcha. Alli se deteve valorosamente em quanto o nosso Exercito naõ appareceo, mas tanto que se viraõ os primeiros Batalhões marchou para Redondela com tudo, o que alli tinha, e com tal desacordo, que nós occupamos logo o sitio, e no dia se[]guinte queimamos a Villa de Porrinho, e nella todas as ex[]cellentes Fabricas de farinha, e biscouto, de que se alimen[]tava o Exercito de Galiza. Ainda que o Exercito caminha[]va rico dos despojos, e por isso contente, o inverno era já taõ aspero, e os caminhos por serras taõ inaccessiveis, que assás discommodo padeceraõ todos, mas vencidos todos os maiores obstaculos, tomou a Cavallaria postos sobre a Villa da Guarda, cuja defeza consistia em hum Fórte de quatro Baluartes com dez Peças de Artilharia: desampararaõ os moradores a povoaçaõ, e recolheraõ-se ao recinto do Fórte a doze de Novembro o cercou todo o Exercito, dividiraõ se os quarteis, levantaraõ-se plataformas, e começaraõ-se os aproches, o que tudo se adiantou com tal diligencia dos Mestres de Campo, que nos situados cresceo todos os ins[]tantes a desconfiança, principalmente vendo que Luiz Po[]deric

erico os naõ havia de ſoccorrer: mas animados de hum
lho veneravel,que com palavras,e exemplo,os fazia ſahir
petidas vezes fóra, todas com infelicidade, reſiſtiraõ oito
as á expugnaçaõ;e a varias chamadas, que ſe lhes fizeraõ.
hegaraõ os ataques á eſtrada coberta,e neſſa noite ſe lhe
u hum aſſalto, em que ficaraõ dous valoroſos Meſtres de
ampo feridos, hum Capitaõ de Infantaria, e oitenta Sol-
dos mortos; conſequencia triſtiſſima infallivel da infernal
ea de aſſaltar Fortalezas,e Praças de noite. Alojaraõ-ſe os
erços na eſtrada coberta,e principiaraõ a picar a muralha,
timo deſengano para os ſitiados, que fizeraõ chamada, e
omeçaraõ as Capitulaçoẽs no Sabbado, em que o Conde
e S. Joaõ, conforme o ajuſte, e alternativa, que praticara
eſta Campanha,e funçaõ com D. Franciſco de Azevedo,
evia largar o governo,e acabar a capitulaçaõ o outro Meſ-
e de Campo, a quem tocava a ſemana ſeguinte: porèm o
onde inſtou que lhe pertencia a acçaõ toda, por que lhe
era principio em dia ſeu;e reſolvendo o General a ſeu fa-
or, D. Franciſco largou o poſto,e ficou ſervindo de Solda-
o na Companhia de ſeu filho D. Manoel de Azevedo,até
ue o Rey lhe eſcreveo, e ordenou tornaſſe a ſervir, como
ntes, de Meſtre de Campo General. Ajuſtadas as capitula-
oẽs, ſahio do Forte o ſeu Governador Jorge Madureira
om ſeiſcentos Soldados pagos, e quinhentos Auxiliares,
evou cem feridos,morreraõ na defeza oitenta,levou huma
Peça de Artilharia, os cavallos; e tudo o mais,que havia na
Praça ſe entregou ao noſſo General da Artilharia Fernaõ de
Souſa Coutinho.Foi a Guarniçaõ comboyada até á Cidade
de Tui,permittindo o Conde do Prado que os Soldados le-
vaſſem as ſuas armas: ficou o Forte entregue ao Meſtre de
Campo Balthazar Fagundes com novecentos Infantes de
guarniçaõ,e retirou-ſe o Exercito,porque o inverno já naõ
dava licença para funçaõ alguma. Eſta ſempre foi utiliſſima,
porque,ſe bem o porto do mar era pequeno,cobria o Forte
da Conceiçaõ, e livrava de hoſtilidades o porto de Cami-

 nha

nha;mas naõ falta quem diga que menos havia de custar,e mais util certamente era a conquista de Tui, que o Conde do Prado desejava anciosamente, e lhe contradisseraõ os Cabos do Exercito. Luiz Poderico tendo seis mil Infantes, e seis mil de cavallo naõ fez outro algum movimento álem da que já disse; deixou perder a Guarda, e deixaria perder todo o Reyno de Galiza, se o inverno nos permittisse seguir a fortuna; porque as muitas infelicidades, que os Espanhoes tinhaõ experimentado os faziaõ aborrecer a Guerra, e desejar a paz. Em quanto isto succedia em entre Douro, e Minho, onde se achava o Conde de S. Joaõ, na sua *Provincia* de Trás os Montes obravaõ maravilhas os paizanos, porque intentando o Mestre de Campo Espanhol D. Jeronimo de Quinhones queimar o nosso lugar de Pitoens, situado na raya, e conduzindo para isso hum numeroso troço de Infantes, e de cavallo, se deffenderaõ os poucos paizanos do lugar com tal constancia, e valor, que os inimigos se retiraraõ com perda, e desordem. Chegou o Conde á Provincia, e ordenou a Domingos da Ponte Galego que entrasse pela parte de Bragança nos lugares de Villa-velha, Peredo, e Sadaes, o que elle fez, e depois do saque os queimou, porèm a muita neve lhe impedio o continuar. O mesmo damno fizeraõ no valle de Salas dous Capitaens de Infantaria, e depois mayor dous de cavallo, pelos quaes soube o Conde que no dito valle se guardava todo o paõ necessario para a Cavallaria Castelhana, que ahi se tinha augmentado em grande numero para se oppôr á nossa: e depois de receber segunda informaçaõ mais individual por D. Miguel da Sylveira Capitaõ de Coiraças das suas Guardas, marchou o Conde com toda a Cavallaria, e Infantaria paga, grande numero de Carruagens, e o mais necessario para a empreza com tal segredo, que chegou ao valle sem ser sentido, nem se lhe oppôr alguem, e com o mesmo socego fez conduzir para a nossa Praça de Chaves todo o paõ. Pedro Jaques de Magalhaens, *no partido* de Almeida, antes de hir para a Campanha de

Minho

Minho, deu vista á Cidade Rodrigo, e vendo que os inimigos naõ sahiaõ a Campanha, levou todos os gados, saqueou os lugares de Santo Espirito, Moras verdes, Aldea de Alva, e retirou-se. Affonso Furtado de Mendonça no outro partido teve mayor fortuna, porque no principio deste anno tomou huma notavel presa, e derrotou hum grande troço de Castelhanos. A 15. de Junho foi sitiar a Villa de Sarça Praça importante, e donde recebiaõ todo o damno os lugares daquelle partido, levou para esta expediçaõ sinco mil Infantes, e quinhentos de Cavallo, seis Peças de Artilharia, Carruagens, e muniçoẽs necessarias: era General da Artilharia Antonio Soares da Costa, e governava a Cavallaria o Tenente General Gomes Freire de Andrade. Constava a Praça de mil fogos, e algumas fortificaçoẽs modernas, tinhaõ emendado os erros, e ruinas das muralhas antigas, era governada por Martim Sanches Pardo, General da Artilharia *ad honorem*, e constava a guarniçaõ de duzentos Infantes pagos, grande numero de paixanos, e cem cavallos. Affonso Furtado conhecendo que os sitiados naõ podiaõ ser facilmente soccorridos, naõ cuidou na guarniçaõ da campanha mais do que o necessario para dar noticia, levantou plantafórmas, bateu a muralha, e tanto que cahio o primeiro lanço, investio a Infantaria a brecha, resistiraõ valorosamente os sitiados, mas temendo prudentemente o segundo impulso, fizeraõ chamada, e ajustaraõ que a Cavallaria sahisse desmontada, mas com as suas armas, o Capitaõ com dous cavallos, os Officiaes cada hum com o seu, os paizanos com a roupa do seu uzo, que pudessem levar ás costas, que sahiriaõ seis rebuçados sem serem reconhecidos. Foi comboyada a guarniçaõ até Alcantara, saqueou-se a Villa com grande utilidade das tropas, porque era riquissima, e deposito de lugares abertos visinhos, e ricos: depois do saque mandou Affonso Furtado queimar as cazas todas, e arrazar as muralhas, e tudo o mais desorte, que nunca pudessem os Castelhanos reedificalla. Recolheo-se Affonso Furtado a Castel-

los.

lo-branco, e a 23. de Junho mandou Gomes Freire com
cavallos, e ás suas ordens o Meftre de Campo Fernaõ
bral com feis centos Infantes, a queimar a Villa de Fer
domicilio dos mayores ladroẽs daquella Provincia,
quaes o Conde da Ericeira chama politicamente pilhar
entrou Gomes Freire a Villa, fez prifioneiras as tropas
ladroẽs, lançou fogo a todas as cafas, e fó naõ rendeo o
tello, por que naõ pode levar Artilharia; retirou-fe a
tello-branco fem oppofiçaõ, continuaraõ as entradas
Caftella com groffas prefas, e fucceffos felices, fendo o
digno de memoria a interprefa de Vinhel, que era a
ca da ferra da gata, o que confeguio entrando tambem
la-verde, e todo o paiz vifinho. O contrario experime
o Meftre de Campo Rui Pereira da Sylva, o qual vindo
mais de quatro centos Infantes, de que conftava o feu
ço, de Proença para Penamacor, onde tinha o quart
donde fahira a guarnecer as Praças de Salvaterra, e Se
impenfadamente encontrou mil e duzentos cavallos, qu
nhaõ fazer prefas nos campos de Idanha a nova; formo
e refiftio valorofamente com perda de muitos dos in
gos; em fim vencendo o numero, foi roto, degollada a
vor parte da gente Portugueza, e elle ferido, e prifion
De igual perigo, mas com feliz fucceffo livrou a G
Freire o feu valor, e fciencia militar na verdade a m
ainda que menos ditofo nos olhos do mundo nefte fe
de que fallamos. Governava quatro tropas de Idanha
va, tocou-fe á arma pela parte da Ribeira, e duas Co
nhias, que eftavaõ com as armas na maõ, fahiraõ ao r
antes de poder montar a Cavallaria, mandou Gomes
re hum Tenente com quarenta cavallos a recolher a I
taria, e achando-a defordenada, marchou com oiten
vallos a encorporar-fe com o Tenente, os Caftelhanos
fete centos cavallos tinhaõ fahido da emborcada, e d
tando-lhes Gomes Freire os primeiros Batalhoẽs, fez
char a Infantaria a valer-fe de hum cazaraõ, e retiro

Praça sempre com os inimigos, matando-lhes vinte e seis
soldados, hum Tenente, e outros Officiaes, só com perda
e hum Capitaõ de Infantaria, e onze Soldados, rendendo-
e a Infantaria a partido vilmente, porque Gomes Freire a
eixou em sitio capaz de se defender. A grande fortuna,
ue tivemos este anno na guerra, accrescentou as desgra-
as em Lisboa; porque ao mesmo tempo, em que mais cres-
ia o bem merecido applauzo do governo do Conde de
Castello-melhor, o descuido, e desordem nas acçoẽs do Rey
ra tal, que nem o Conde a podia remediar, nem a fidelida-
e de todos os vassallos encobrir. Augmentaraõ-se os des-
ostos com a vinda do Marquez de Sande de França, e pra-
ca do casamento do Infante D. Pedro com Madamoysela
e Bulhon, pratica a que se havia dado principio com invo-
ntario consentimento do Infante, que agora naõ queria
bsolutamente condescender com o muito, que o Marquez
e adiantara, tendo alias elle declarado que suspendesse es-
e negocio. Affligio-se o Conde de Castello-melhor com
sta resoluçaõ pelas conveniencias, que nos offerecia a ami-
ade, e valimento do Marechal de Turena; valeo-se do Rey,
ara que suavemente persuadisse o Infante; e elle o fez com
mayor aspereza na tribuna da Capella Real em Sexta fei-
a Santa, desorte, que disculpando-se o Infante com grande
ubmissaõ, e respeito, o Rey na presença de todos os Gran-
es, que lhe assistiaõ, (diz o Conde da Ericeira) o amea-
ou. No dia seguinte depois da Missa o mandou persuadir
or Simaõ de Vasconcellos, seu Gentil-homem, irmaõ do
Conde de Castello-melhor, por D. Rodrigo de Menezes,
pelo Secretario de Estado, com comminaçaõ de que, naõ
onseguindo do Infante o assenso, que desejava, se daria por
al servido. A resposta deste recado foi o ultimo desenga-
o, que o Infante mandou ao Rey; o Marquez de Sande
artio desgostoso para França, temendo justamente as quei-
as do Marechal, e muito mais o infeliz exito, que todos
rognosticavaõ teria o casamento do Rey, que elle deixára
ajusta-

ajuftado. Nefte tempo chegou a Lisboa a noticia da morte do Rey Filippe de Caftella, novidade, que accrefcentou a efperança bem fundada do focego, e paz defta Monarquia. Depois de graves moleftias, que padeceo feis annos, faleceo no de 1665. quinta feira fete de Setembro ás quatro horas da manhaã com feffenta annos, finco mezes, e nove dias de idade, e de Reinado em Caftella quarenta e quatro, finco mezes, e defafete dias, em Portugal defanove annos e fete mezes: Foi mais cortezaõ, do que Rey, porque era difcreto, affavel, cavalheiro, tirador, poeta: mas no governo da Monarquia omiffo, frouxo, defcuidado, irrefoluto, deixou governar-fe das induftrias do Conde Duque de Olivares, de D. Luiz de Haro, e ultimamente do Conde de Caftrilho; foi filho do Rey D. Filippe III. de Caftella II. de Portugal, e da Rainha D. Margarida de Auftria, cafou a primeira vez com a Princeza D. Izabel de Borbon, de que teve oito filhos, D. Balthafar, que morreo homem, a Princeza D. Maria, que cafou com o Rey de França Luiz XIV. os outros feis morreraõ meninos: cafou fegunda vez com a Princeza D. Mariana de Auftria, de que teve tres filhos, e huma filha, que foi D. Margarida de Auftria, primeira mulher do Imperador Leopoldo I. os outros morreraõ, e fó ficou D. Carlos herdeiro do Reyno, debaixo da tutella de fua mãy, a quem o Rey no teftamento deixou o governo, em que houve tantas, e taes difcordias entre a Rainha, e D. Joaõ de Auftria, que a ella lhe cuftaraõ a perda do governo, e a elle a da vida. Foy enterrado o Rey D. Filippe IV. de Efpanha, e III. de Portugal (até trinta de Novembro de 1640) no ofcurial: e começou toda Efpanha a clamar paz, e nós a defejar mais, que nunca, a guerra.

FIM DA QUADRAGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xifto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças neceffarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.
CONFERENCIA XLI.

NO fim de Outubro de 1665. (disse o Soldado) sahio de Lisboa o sempre memoravel politico Marquez de Sande, com poderes para ajustar o cazamento do Rey D. Affonso com Madamoysela de malle, e depois de huma horrivel peleija naval, que a gata Franceza, em que hia, e outras da mesma naçaõ tiaõ com sinco de Argel no Cabo de Finis terra, tempess, ventos contrarios, e molestias commuas da navega-, desembarcou em Nantes, passou incognito a Pariz, mpanhado do Marquez de Rouvigni, entregou ao Mahal de Turena a carta do Rey, e a do Conde Castellohor, e como elle attribuio a mudança do Infante D. Pe- a negociaçoẽs de Castella, teve aquelle grande Minis- tempo para respirar do susto, que tinha padecido desde sahio deste Reyno, e começáraõ a conferir o tratado paz entre Portugal, e Castella, que já nas duas Cortes ianozeava; porèm as conveniencias delle eraõ respecti- a França, e Inglaterra, a quem deviamos tantos soccor- e finezas, e agora se achavaõ desafiados; instava o Mahal, que o Marquez fosse a Londres compôr estes gran- interesses, e elle, que só tinha poderes para o ajuste do mento, e conducçaõ da Rainha, se disculpava com o tagio, que entaõ padecia Inglaterra, naõ se escusando nella diligencia, se elle cessasse, para servir ao Rey de nça, especialmente depois de entrar em Portugal a Rai-

nha; em fim neſtas grandes politicas, exames de inter
das Coroas, e ajuſte do cazamento paſſou o Marque
24. de Fevereiro de 1666. em que ſe firmou o contrat
cazamento, dote, e arras entre o noſſo Rey D. Affonſo
e a Sereniſſima Princeza Maria Franciſca Iſabel de Sab
Duqueza de Nemours, e de Aumalle, concluido pelo
quez de Sande, Conde da Ponte Franciſco de Mell
Torres como Procurador, e Embaixador extraordin
do noſſo Rey, e pelos Excellentiſſimos Senhores D
de Eſtrêe, Par, e primeiro Marechal de França, e Ceſa
Eſtrêe, Biſpo, Duque de Laon, Par de França, *como*
curadores da Princeza, e dos Princepes Duques de V
doſma, Madama de Vandoſma, tio, avô, e tutores da P
ceza o dote foi hum milhaõ; e oitocentas mil livras to
zas, que ſaõ ſeiſcentos mil eſcudos de moeda Franc
dos quaes já o Marquez de Sande tinha conduzido a
tugal cem mil no anno antecedente, e agora preſento
cibo delles paſſado pelo Conde de Caſtello-melhor. Ad
ti que cada eſcudo de França ſaõ quatro centos e oi
reis da noſſa moeda; e cada livra torneza na noſſa m
ſaõ oito vintens, e por iſſo tres livras, ou libras fazem
eſcudo. Entráraõ neſta ſomma as joyas, que ſe detrem
foſſem no valor de quarenta mil eſcudos; as arras foraõ
tendo filhos, todo o dote, e quinhentas mil livras t
zas com todas as joyas, e baixella; e tendo filhos, a
parte do dote, e a terça das quinhentas mil livras co
yas, &c. como tambem levar, ou teſtar de tudo o qu
coubeſſe por ſucceſſaõ, ou doaçaõ; e morrendo prin

os dos parentes a favor do Reyno. Em quanto isto suc-
lia fóra delle, e o grande heroe Marquez de Sande aca-
'a de gravar nos annaes da fama a lembrança eterna da
rarissima comprehensaó, politica, prudencia, e saga-
ade, o Conde de Schomberg, que no anno passado já
vernava a importantissima Provincia do Alemtejo, de-
s de vir da Campanha de Entre Douro, e Minho, dese-
do naó ter ociosas as Armas tantas vezes vencedoras,
rchou com dous mil de cavallo, e dous mil Infantes a cas-
ır a ingratidaó dos moradores do Condado de Niebla,
: havendo sido preservados das obstilidades em attençaó
estreito parentesco, que o nosso Rey tinha com o Duque
Medina Sidonia, de quem eraó vassallos, e as molestias
: este havia padecido por este motivo, esquecidos de tan-
obrigaçoẽs, e beneficios, tinhaó admittido quarteis, e
jamentos de Cavallaria, que tinha feito grave dano á nos-
ronteira toda, e sendo admoestados, e advertidos, se dis-
pavaó frivolamente. Marchou o Conde nove legoas sem
er alto: a 21. de Janeiro de 1666 chegou á villa de Alca-
de la Puebla sem ser sentido, attacou hum forte, que lhe
ıia de segurança, e se rendeu com pouca resistencia; foy
ueada a villa, e desmantelado o forte, passou a Paymogo
leada de trincheiras, e defendida de hum forte com qua-
baluartes, o que tudo lhe entregou o Governador delle
a huma Companhia de cavallos sem a menor resistencia,
ndo o Conde de Schomberg a temia desesperada, e justa.
ixou o forte guarnecido com quatro Companhias de In-
:aria para segurar as contribuiçoẽs de muitos lugares a-
tos, voltou para Serpa com os Soldados ricos de despo-
Em quanto o Conde se occupava nisto, quinze Bata-
ẽs da Cavallaria de Badajós, carregaraó as guardas do
npo-maior, intentando derrotallas, e levar o gado; po-
ı ellas o defenderaó até á estrada encoberta sem perda,
ı dano, e amparados da Artilharia da praça o salvaraó
o, perdendo os Castelhanos muitos Soldados. Teve li-

cença Bernardo de Faria, Commiſſario Geral da Cavallaria para armar as Tropas de Badajós, e ſahindo com as Tropas de Elvas, e Campo-maior, antes de ſe emboſcar no Arronocal deſcobrio hum corpo de Cavallaria inimiga, e ſem examinar o ſeu poder, as carregou de ſorte, que ſe retiraraõ confuſas, deixando muitos mortos, e vinte e dous prizioneiros. O Marquez de Caracena deſejando algum deſpique de tantas perdas, mandou quinhentos Infantes com mil e quinhentos de cavallo a roubar o Landroal; foraõ ſentidos, recolheu-ſe ao Caſtello o Capitaõ Antonio Botelho com a ſua Companhia de cavallo, gaſtaraõ os Caſtelhanos *a noite* em deſpojar as caſas do arrabalde, e pela manhaã ſahio do Caſtello o Governador André Mendes Lobo com a Cavallaria, degollaraõ a mayor parte dos Caſtelhanos, que andavaõ pelas caſas extrahindo as alfayas, fizeraõ prizioneiro hum Coronel, e os mais fugiraõ. Governava Paymogo hum valeroſo Francez chamado Salamaõ, e para recompenſar as grandes perdas, que aquelle fórte nos tinha cauſado, em quanto foi dos Caſtelhanos, fazia muitas ſahidas com feliz ſucceſſo, e boas prezas; agora porèm tendo avizo de hum Comboy, ſó pelo ſimples dito de hum Caſtelhano, ſahio com cento e ſincoenta Infantes, e vinte e ſinco de cavallo; tomou a preza, e a conduzio ſem oppoſiçaõ, mas querendo paſſar a Malagaõ, achou o Baraõ de Santa Chriſtina com quinhentos Infantes, e duzentos e ſincoenta de cavallo; e Salamaõ vendo-ſe perdido, apurou o ouro do ſeu conhecido merecimento nos ultimos quilates do ſeu valor, ordenou ao ſeu Alferes, que retiraſſe para Paymogo os vinte e ſinco cavallos, e fizeſſe aviſo logo a Moura, para que com toda a diligencia acodiſſem ao fórte, porque elle ficava peleijando com a Infantaria, até dar a vida pelo ſerviço do Rey; apeou-ſe a amparar os Infantes de trás de huns penedos, e alli ſe defendeo peleijando quatro horas, até que lhe faltaraõ as cargas, e cahio elle moribundo com ſeis feridas, tendo já morrido a mayor parte dos Officiaes; e faltando a defeza ao

pene-

ènados, entráraõ os Castelhanos, e deraõ quartel a todos os Portuguezes em premio do valor,com que tinhaõ pelejado; retiráraõ Salamaõ ainda vivo, mas durou poucas horas, merecendo a sua memoria eternos elogios,de que a naçaõ Franceza se fez sempre acrédora em todo o mundo, e com muita especialidade na guerra de Portugal. O Baraõ de Santa Christina intentou ganhar Paymogo,mas quando chegou ao fórte já estava em defeza com o soccorro de gente, munições, e mantimentos que de Moura tinha conduzido D. Luiz da Costa, apenas chegou o aviso do Alferes, que mandou Salamaõ; á vista do que, se retiráraõ os Castelhanos sem opperaçaõ alguma, e o mesmo fez D. Luiz. O Conde de Schomberg sentio notavelmente a morte de Salamaõ; e desejando naõ dilatar mais a justa vingança della, sahio de Estremoz a 23. de Mayo,em Béja achou as Tropas, que alli mandára juntar, caminhou para S. Lucar de Guadiana,fronteiro a Alcoutim,tomou póstos sobre a praça,saqueou o lugar, que era rico,e o Governador com as Milicias,e paisanos se recolheo ao Castello,donde começou a jogar a artilharia sem damno nosso; levou o Governador prizioneiro hum Soldado nosso,q achou em huma casa, e por elle mandou ao Conde de Schomberg hum escrito, em que dizia,estimava muito lhe désse occasiaõ de honra na defeza daquelle Castello; e o Conde por hum Castelhano lhe respondeo logo,que se entregasse,senaõ queria morrer enforcado,e todos os mais que estavaõ no Castello. Abateo-lhe de forte o ardor este ameaço, que mandou logo hum Official a certificar-se se era o Conde o Governador daquellas Tropas;e desenganado pelo mensageiro que lhe fallou,mandou dizer queria render-se;concedeo-lhe o Conde que sahisse com a guarniçaõ para Ayamonte,e no dia seguinte,q eraõ 29. de Mayo, entrou no Castello onde nos dias que se deteve vieraõ dar obediencia ao nosso Rey todos os lugares vizinhos; porque os Andaluzes, nada costumados aos estragos da guerra,cõceberaõ tal medo,que chegou a Sevilha,aonde houve alte-

raçoẽs

raçoẽs perigofas; para o que concorreo muito a entra
neltes dias fizeraõ na mefma Andaluzia D. Luiz da Co
o Baraõ de Schomberg, em que faquearaõ as Villas d
gueiras, e Gibraleaõ, e os lugares de Cartaya, e Lepe,
fe extrahio o mais rico defpojo, que viraõ os Soldado
de o principio da guerra, fructo do defcuido, em que
tempo della viveo a Andaluzia. No fim do mez de Jun
1666. para coroar a infidelidade, e vileza, com que fe
ra contra o feu Rey, Senhor natural, e patria, o q neffe t
fe chamava Duque de Aveiro, depois do caftigo em e
de que vos dei noticia, quando referi a fua ignomiofa fu
tempo da Rainha D. Luiza, fahio de Cadiz com a Ar
de Caftella, cõpofta de quinze navios, governada pel
mo infiel, chamado Duque de Aveiro. Os progreffos
fimilhantes ao juizo, e brio do Governador; navegá
cofta do Algarve, e nella conquiftáraõ o forte da Bal
que tinha fó tres peças de artilharia; e querendo inte
der a importante fortaleza de Sagres, que domína o
cabo de S. Vicente, foraõ rebatidos pela artilharia os
atreveraõ a chegar perto nos bateis; daqui paffou a A
á pequena ilha da Berlenga, diftante de Peniche huma
onde lhe refiftiraõ dous dias trinta Soldados em hum
no forte, o qual rendêraõ, e defmantelaraõ, e contente
eftas façanhas fe recolhêraõ aos feus portos. O Co
Schomberg, antes de fe aquartelar em Extremoz, fez
entrada no Condado de Niebla, em que deftruio mui
gares, paffou a fortificar Arronches com brevidade,
to, com que difpunha todas as coufas, com que merec
lhe Portugal devedor eterno, de que o Rey o defemp
fazendo-o Conde de Mertola com dezoito mil cr
de renda, em que entravaõ os defpachos de feus filh
veniencias, que todos lográraõ em fuas vidas. A praç
Lucar ficou prezidiada, e a vifinhança do Algarve f
va todos os foccorros fe intentaffem reftauralla os ini
Diniz de Mello, já Meftre de Campo General, que go

r a Cavallaria em Villa-viçosa, derrotou duzentos e finco-
ita de cavallo junto a Terena. O Marquez de Caracena en-
rgonhado ajustou-se com o Duque de Medina-celi para
trarem ao mesmo tempo hum pelo Algarve, outro pelo
lemtejo; o Duque chegou á povoaçaõ, e Freguezia de A-
leite, tres legoas distante de Cestromarim, donde com avi-
sahiraõ logo os nossos Capitaẽs de cavallo, e achando os
astelhanos grande parte occupados em roubar as poucas,
pobres casas da povoaçaõ, os degollaraõ, e fizeraõ impe-
traveis as trincheiras, aos que estavaõ de fóra, de sorte que
Duque se retirou logo com esta perda; o Marquez rendeo
Castellejo de Cabeça de Vide passou a Alter do Chaõ, e
hando o Castello guarnecido o bateo dez horas, até que
ndo avizo, de que o grande Diniz de Mello marchava a
ccorrello, deixou a empreza, e recolheo-se a Badajoz com
archa apressada. Sedo fez outra entrada por Geromenha, e
onçarás com tal medo, que de mil e quinhentos cavallos
e morrêraõ a mayor parte em huma retirada; quizeraõ co-
ar quatro mil cruzados, que lhes tinhaõ promettido os mo-
dores de Alter, para que lhe naõ saqueassem o arrabalde,
Commissario Geral da Cavallaria Francisco Cabral Barre-
com as companhias do Conde de Marê, e outras Milicias
s fizeraõ retirar para Albuquerque, donde mandou o Mar-
uez interprender Campo-mayor no caso, que a sua guarni-
iõ sahisse a este rebate; mas vendo todos os seus intentos
ustrados, se recolheo com naõ pequenos sustos a Badajoz,
orque a nossa fortuna, e justiça a cada passo nos representa-
nas estradas com a espada vencedora levantada; menos
rtuna teve Diniz de Mello com a expediçaõ de Joaõ da
lva de Sousa, que servia de General da artilharia, em huma
bofcada, que fez ás Tropas de Badajoz, onde nos ficaraõ
zentos e fincoenta Soldados prisioneiros com muitos Of-
iaes, que entraraõ neste numero, effeitos da falta da obe-
encia, com que se portaraõ no conflicto, de que deo con-
ão Rey Diniz de Mello, e foraõ condemnados pelo Au-

ditor Geral muitos Officiaes,cujos nomes justamente cal[a]
Conde da Ericeira,porque tinhaõ procedido exemplarmen-
te na guerra;de cada batalhaõ foi hum Soldado por sórte
cabuzeado, e ficou em memoria para o futuro este castig[o]
no exercito. Para se executar veyo de Lisboa o Conde d[e]
Schomberg, em cuja ausencia succedeo esta disgraça,e pa-
ra dar lucro aos Soldados interprendeo logo Albuquerque
foi sentido antes de chegar,mas sempre foraõ saqueados o[s]
arrabaldes, que eraõ riquissimos, sem mais desconto, que [a]
morte do Duque Normontier,Mestre de Campo do Terço
de Castello de Vide, e alguns Soldados,que por muito va-
lorosos,ou pouco acautellados, para se utilisarem do saque
naõ tomaraõ a artilharia do Castello, que o Conde naõ in-
tentou ganhar, pela aspareza do sitio, e falta de instrumen-
tos de expugnaçaõ. Assim se alternavaõ as entradas, e sorti-
das para se dizer em ambas as Monarquias, que duravaõ as
guerras , se bem os Castelhanos a qualquer encontro , em
que se retiravaõ duas Companhias nossas,que andavaõ for-
rajando, chamavaõ victorias nas suas Gazetas, quando nós
apenas davamos nas nossas alguma leve noticia das que cer-
tamente mereciaõ esse nome,que no governo do *Conde de*
Schomberg foraõ innumeraveis em todas as praças, sendo
as ultimas emprezas suas neste Veraõ , huma entrada no
Condado de Niebla utilissima,como as outras; e nos fins de
Setembro se ajustou o Conde com Affonso Furtado para
expugnarem o Castello de Ferreita; o que fizeraõ unidas a[s]
Tropas do Alemtejo com as daquelle partido da Beira. A
poucos golpes de huma só bateria se rendêraõ os Castelha-
nos. Deixaraõ os nossos o Castello prezidiado, satisfeitos o[s]
povos , que delle recebiaõ grave damno , e retiraraõ-se os
Generaes sem opposiçaõ para os quarteis. Vinde logo,que
a materia he gostosa , e dilatada.

FIM DA QUADRAGESIMA PRIMEIRA PARTE

LISBOA : Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLII.

NEfte anno de 1666 (diffe o Soldado) teve a campanha do Minho as mefmas fortunas, que gozou no antecedente, fructos do fingular valor, e direcçaõ do feu General o Conde do Prado, o qual fabendo que tinha chegado novo Vice-Rey do Reyno de Galliza o Condeftavel de Caftella D. Inigo Fernande de Velafco, e que ja com a grandeza da fua peffoa, e bens, ja favorecido dos grandes amigos, que tinha no governo, fazia juntar naquella Fronteira hum grande exercito para vingar, e vindicar o que tinha perdido Galliza o anno paffado, preparou o Conde do Prado tudo o poffivel, e neceffario para lhe impedir o intento. Sahio com effeito o Condeftavel do fórte de S. Luiz com hum grande exercito, com o qual intentou paffar a ponte de S. Martinho; mas achando-a bem guarnecida, fe retirou fem obrar acçaõ alguma; pelo contrario o noffo General mandou Joaõ da Cunha Sotto mayor com trezentos cavallos, e duzentos Infantes, que na Freguezia de Veredo, vencida alguma refiftencia, derrotaraõ huma Companhia de cavallos; era ja nefte tempo o Conde do Prado moço D. Antonio Luiz de Soufa, Sargento mór de batalha do General feu pay, e fuccedendo paffar de Villa-nova para Valença intentaraõ os Gallegos cortar-lhe o paffo, mas elle tendo avifo, ordenou

de tal modo as Milicias de Valença para cortarem as do fórte de S. Luiz, que haviaõ de inveſtillo, que os inimigos vendo ſe perdidos rendêraõ toda a Infantaria, e nos de cavallo fôraõ mais os mortos do que os priſioneiros. No principio de Junho ſahio em campanha o Conde do Prado com quatorze mil Infantes, ſete mil de cavallo, e tudo o mais neceſſario, e preſumindo que o Condeſtavel intentava ſitiar o fórte da Guarda, mandou lançar huma ponte de barcas no Rio Minho, paſſou a outra parte todo o exercito, e tomou alojamento junto ao fórte, o que vendo o Condeſtavel ſe retirou; quiz depois inveſtir o fórte da *Conceiçaõ*, e baſtou ſahirem as Trópas, que o guarneciaõ, para mudar o intento; caminhou para a provincia de Trás os montes, e o Conde do Prado mandou cortar-lhe o paſſo; e porque impedio a jornada a paſſagem de hum Rio, deſtruiraõ os noſſos todas as terras vizinhas; e o Condeſtavel naõ querendo teſtimunhar mais eſtragos, nem peleijar para deſaggravo delles, foi alojar o exercito em S. Colmado, mas vendo que o noſſo caminhava para Gondomar, marcharaõ para Redondela, e Ponte de Sampayo, onde ſó ſe conſideraraõ ſeguros das noſſas armas; á viſta do que ſe recolheo o Conde do Prado á ſua provincia entre vivas, e applauſos de todos os moradores della ao meſmo tempo, em que o Condeſtavel era objecto da murmuraçaõ univerſal dos Gallegos, e mais Nações do Reyno, e exercito, que ſahindo formidavel em tudo ſó ſervio de deixar preparadas as terras por onde paſſou, e onde teve quarteis para as ſementeiras futuras com a grande abundancia de eſtercos de tantos animaes, que o acompanhavaõ; de ſorte que para lavrador ficou examinado; para General perdeo o credito, que para cortezaõ, dizem, tinha o neceſſario, diſgraça commua de ſe trocarem os empregos ſem ſe conhecerem os genios, e capacidades por experiencias menores; porque nem todos ſaõ para tudo, e cada hum naquillo, para que tem genio, e engenho, ſempre he o melhor; porém nem os Reys tendo
mais

s Anjos de guarda advinhaõ, nem Deos infpira os acer-
das eleições, fenaõ quando he fervido. No anno feguin-
le 1667 intentou outra vez o Condeftavel o defpique, e
Conde fe lhe oppôs com tal arte, que fe bem teve a dif-
ça de o fentirem, e por iffo naõ obrar o que defejava,
ipre queimou, e deftruio muitos lugares fem oppofiçaõ
ıma do exercito dos Gallegos. O Conde de S. Joaõ ne-
anno affiftio na Côrte obrigado de negocios politicos,
a feu tempo diremos, governou a provincia de Trás os
ntes o Meftre de Campo General Diogo de Brito Cou-
io, o qual foccorreo ao Conde do Prado, quando entrou
Galliza; e tendo avifo delle de que o Condeftavel que-
entrar na fua provincia, recolheo os gados aos fitios fe-
os, e fortaleceo os lugares abertos. A doze de Julho en-
a D. Balthafar Pantoja por Montalegre, deftruio, e quei-
u todos os lugares daquella Comarca, fem perdoar a ex-
aõ alguma tyranna, cruel, e indigna: a treze aviftou
aves, cuja guarniçaõ o recebeo com huma efcaramuça,
que de ambas as partes houve muitos feridos, e mortos;
inhou D. Balthafar para os lugares de Fayões, e Santo
evaõ, que achou defendidos pelos Cabos valorofos de
xiliares, e Ordenança; mas depois de larga refiftencia
aõ entrados: recolheraõ-fe ao caftello, depois de fer de-
lada a guarniçaõ, e ultimamente fe renderaõ capitulan-
ficarem livres as vidas dos defenfores; mas os Caftelha-
com vileza rara depois de affignada a capitulaçaõ, a
braraõ matando huns, ferindo outros, e deixando efte
iome, e efcandalo para fempre, que defpicou Diogo de
o, queimando Villaça, lugar rico, e doze mais abun-
tes de menos nome; e fahindo-lhe os inimigos ao en-
tro na retirada, perderaõ quarenta cavallos, e ficou pri-
eiro hum Capitaõ delles D. Luiz de Carrilho. Chegou
onde de Lisboa, e foi o mefmo, que amanhecer na fua
vincia; porque D. Balthafar fe retirou para Tui, o Con-
ganhou Mefquita, e fugeitou logo tantos lugares, que

com os subsidios delles sustentava a Cavallaria; e chegando neste tempo D. Diogo Gasconha por General da Cavallaria com intento de emendar os erros dos seus antecessores, foi miseravelmente derrotado pelo Conde de S. Joaõ com perda de trezentos e vinte e sete cavallos, e esta foi a ultima acçaõ da provincia de Trás os montes no anno de 1667. Pedro Jaques no seu partido, naõ podendo provocar á campanha os Cabos seus fronteiros, ganhou Redondo, e Umbrales, fez prisioneiro o General da artilharia D. Joaõ Salamanques, que cercado em Umbrales, capitulou por medo á vista de Trópas nossas, que, nem sombras de instrumentos de expugnaçaõ levaraõ; e Pedro Jaques tratou o General com taõ excessiva urbanidade, e cortezia, e os vencidos com tanta humanidade, e benevolencia, que ainda hoje naquella Fronteira há disso tradicçaõ, e memoria, sendo proverbio commum entre os Castelhanos: *Vencido de Portuguezes, he vencellos*; gloria, que só tem a nossa Naçaõ, e nunca os genios, humores, e creações das outras a souberaõ adquirir. No partido de Penamacor, que governou o General da artilharia Antonio Soares da Costa, houve successos felices, porque entrou na villa de Ferreira passando o Téjo sem ser sentido, destruio as trincheiras, vingou os insultos, e damnos que della nos tinhaõ vindo em outro tempo; em Rio Lagon tomou quarenta cavallos dos inimigos, e fez prisioneiro o Capitaõ delles D. Marcos de Rabanhales; queimou, e destruio outros muitos lugares, e villas, em que se utilisaraõ notavelmente as nossas Trópas. Em França neste anno de 1666 o Marquez de Sande vendo ajustado totalmente o casamento do Rey D. Affonso VI., procurava com a mayor brevidade conduzir a Portugal a Rainha, e aindaque huma doença lhe atalhou a pressa, convalescido brevemente, foi ella tanta que o Rey Luiz XIV. nomeou General da Armada que a havia de conduzir a Monsieur de Rouvigni, de quem fazia especial estimaçaõ; ao Bispo de Laon deo licença para acompanhar a Rainha, e fez a mesma

ma especial mercê a Monsieur de la Nauve, Conselheiro do Parlamento de Pariz, que fôra Tutor da mesma Senhora, e Officiaes muitos distinctos para Capitães da Armada. Neste meyo tempo se valeo o Rey do Marquez para o ajuste da paz com Inglaterra, desejando declarar guerra a Hespanha, mas aindaque o Marquez mandou logo seu subrinho Rui Telles, Fidalgo de rara capacidade, e comprehensaõ a tratar esse negocio, o naõ pôde conseguir, porque o impedio em Inglaterra a Rainha Mãy pouco satisfeita do casamento, que o Marquez tinha ajustado com a Princeza de Nemours, que ella naõ havia approvado, havendo preferido ajustar-se a beneplacito de Castella com a irmãa do Imperador, ou com a Princeza de Castella. Vendo o Rey Christianissimo desvanecida a sua idéa, mandou conduzir o Marquez de Sande pelo senhor Rouvigni ao Palacio de S. German a vinte de Abril, e com a mayor urbanidade, e excesso de honras, lhe fallou na galaria só sem guardas, Gentilhomens, nem pessoa alguma á vista, mercê a mais rara, e depois de fallarem nos interesses de ambas as Corôas nos ajustes de paz de França com Inglaterra, e Castella com Portugal, se despedio o Embaixador do Rey, recebendo da sua incomparavel urbanidade as mayores honras, e ficando-lhe só para vencer os desejos que o Marichal de Turena conservava de casar com o Infante D. Pedro sua subrinha; satisfez a tudo o que elle nesta materia lhe instou com a esperança bem fundada de que isto só o poderia vencer em Portugal a nova Rainha Franceza, para o que desejava apressar-lhe a jornada; o que elle fez por conselho do Marquez, mandando apprestar todo o necessario para ella com brevidade. No primeiro de Mayo se despedio do Rey, que lhe deo taõ obsequioso tratamento, que ficou em memoria, o mesmo experimentou na Rainha, e Princeza do sangue, que todas avisadas do Rey a tinhaõ vizitado; e estando signalado o dia quinze para a jornada, por lhe parecer ao Embaixador, que Rui Telles naõ podia tardar com o pas-

ſaporte do Rey de Inglaterra, e o ſeu fato, ſe dilatou até vinte e nove do mez, porque hum navio Francez priſionou Rui Telles, e com a embarcaçaõ o levou para Frecing em Zelanda, donde o fez reſtituir a França com o fato, e paſſaporte a incrivel efficacia, e diligencia do Marquez. Deſpedio-ſe a Rainha das Religioſas de Santa Maria, Carmelitas deſcalças, onde eſtivera recolhida depois da morte de ſua mãy, e começou a jornada em companhia de ſua avó materna, Duqueza de Vandoſma, viuva de poucos mezes, e de ſeu filho o Duque. Pouca diſtancia fóra de Pariz eſperavaõ a Rainha o Embaixador, Marquez de Sande, o Duque de Eſtrec, Marichal de França, aſſiſtido de ſeus filhos o Marquez de Cocuvres, e o Biſpo de Laon, Duque, Par de França, Monſieur de la Nauve, Conſelheiro do Rey no Parlamento de Pariz, curador da Rainha, e ſuperintendente da ſua caſa, e outros muitos Senhores com luzido acompanhamento todos. Continuaraõ a jornada para o porto de Arrochela, diſtante cento e vinte leguas de Pariz, e em vinte e dous dias as caminharaõ felizmente. Em todas as cidades, e villas por onde a Rainha paſſou ſe lhe fizeraõ por ordem do Rey Chriſtianiſſimo ſolemnes recebimentos. Fóra da cidade de Arrochela a eſtava eſperando o Duque de Naivalles, Par de França, e Governador com toda a Cavallaria, e Infantaria da ſua guarniçaõ, obſervando todas as ceremonias Militares, e politicas, que ſe coſtumaõ fazer nos recebimentos dos Reys de França em qualquer cidade do ſeu Reyno. Eſtava prevenido hum ſumptuoſo Palacio para a aſſiſtencia da Rainha, e depois de deſcançar do trabalho da jornada, deo audiencia ao Marquez de Sande Domingo á tarde vinte e ſete de Junho, acompanhavaõ-no tres carroças tiradas cada huma por ſeis cavallos, aſſiſtidas de deſaſeis lacayos veſtidos de panno verde com paſſamanes de prata, hiaõ nas carroças oito Gentís homens com varias, e cuſtoſas gallas, e oito pagens veſtidos de veludo verde, cuberto de paſſamanes de ouro, e as capas forradas

de

de tella branca, fazia mais luzido o acompanhamento o Conde de Maré, que com licença do noſſo Rey, a quem ſervia, tinha paſſado a caſar-ſe em França, e trazia cem Soldados, que haviaõ de montar neſte Reyno com fardas de panno verde, cubertas de paſſamanes de prata, ſincoenta delles com partazanas, e os outros ſincoenta com cravinas; chegou o Marquez ao Paço, em que a Rainha eſtava com a Duqueza de Vandoſma, e em audiencia publica, a que aſſiſtiraõ as Damas principaes de Arrochela, lhe deo a carta de crença, que levava do Rey; deſceo logo á Capella, onde eſtava o Biſpo de Laon, o Biſpo de Xaintes, o Biſpo de Luçou, o Vigario Géral do Biſpo de Arrochela, e o Parocho da Freguezia, que era de S. Bartholomeu, o Duque de Vandoſma, o de Naivalles, e outros muitos Principes, Senhores, e Damas, que das cidades vizinhas concorreraõ a eſta funçaõ; leo-ſe a procuraçaõ do Rey, que o Marquez levava, e a da Rainha, que deo ao Duque de Vandoſma, e em virtude della celebrou o matrimonio o Biſpo, Duque de Laon na fórma do ſagrado Concilio de Trento. Acabado o acto, ſubiraõ todos os que ſe acharaõ nelle a huma grande ſala, onde a Rainha eſtava ſentada debaixo de hum docel collocado ſobre huma tarima de quatro degráos, no ſegundo eſtava ſentado em hum tamorete o Duque de Vandoſma, que era o lugar que tinha diante da Rainha de França. O Marquez de Sande com as ceremonias coſtumadas em Portugal, chegou aos pés da Rainha, e depois de huma excellente oraçaõ lhe entregou huma carta do Rey D. Affonſo, beijou-lhe a maõ, e o meſmo fizeraõ os Gentîs-homens Francezes. Apartou ſe o Marquez, tomou o lugar, que lhe tocava, entrou o Duque de Naivalles com o titulo de Embaixador do Rey de França a dar o parabem á Rainha, ſeguio-ſe hum Gentil-homem do Rey de Inglaterra com huma carta ſua para o meſmo fim, e hum Enviado do Duque de Saboya; ultimamente chegou o Senado, e governo de Arrochela a dar-lhe o parabem, e

acabado o acto, se recolheo a Rainha, ordenando que estivesse prompa a Armada para se embarcar na Quarta feira seguinte trinta de Junho. Neste dia sahio do Paço em huma cadeira de tella verde, acompanhada em outra da Duqueza de Vandosma, hia a cadeira da Rainha debaixo de hum palio, cujas varas levavaõ os Magistrados da cidade, rodeada de toda a mais Côrte por entre duas alas de Cavallaria, e Infantaria. Chegou a Rainha ao Bergantim, onde se despedio de sua avó com ternas lagrimas, o Duque de Naivalles acompanhou a Rainha até o bordo da Capitania, e toda a Armada, que constava de dez navios, solemnizou com descargas a sua entrada. A Capitania era dedicada a S. Cosme, e jogava oitenta peças de bronze com setecentos homens de guarniçaõ, e a Camera, em que veyo a Rainha custosamente preparada; álem dos dez navios de guerra vinhaõ sinco de fogo, todos com passaportes do Rey de Inglaterra, que tinha (como dissemos) guerra com França, e do mesmo indulto gozaraõ os navios mercantes, que vieraõ nesta conserva, servindo-lhe o privilegio, naõ só até Portugal, mas na volta para Arrochela. Logo vos contarei a jornada, e recebimento da Rainha em Lisboa.

F I M

DA QUADRAGESIMASEGUNDA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIII.

HA poucos dias (disse o Ermitaõ) festejaraõ os Religiosos de Santo Agostinho tres Santos novos da sua Ordem, Santo Antonio de Aquila, Santo Agostinho Novello, e Santo Antonio de Amandula, e sedo festejaráõ S. Gonsalo de Lagos honra da nossa Monarquia, e o unico Santo do Reyno do Algarve de que ha noticia. Ha tempo que se prometteo em huma Conferencia contar a sua vida, e constando-me as diligencias, que os Religiosos faziaõ em Lisboa, Torres-Vedras, e Lagos, para impetrarem do Summo Pontifice a declaraçaõ de que se naõ entenderáõ com elle os Decretos do Santissimo Padre Urbano VIII., pedi a hum Ecclesiastico devotissimo do Santo hum caderno da sua vida, que elle compuzera para imprimir, e outro, que por certo disgosto deixou por depurar, e ambos lerei em varias Conferencias, porque mais haveis gostar do suave estylo do author, do que do meu. Diz pois este primeiro Vida de S. Gonsalo de Lagos da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho da Provincia de Portugal &c. Protestaçaõ. O Author desta obra protesta, que tudo o que nella está escritto sujeita á censura da Santa Igreja Catholica Romana, e se conforma com os Decretos dos Summos Pontifices, especialmente com os do Santissimo Padre Urbano VIII. de 13 de Janeiro de 1625. approvados em 25 de Junho de 1634, e a modificaçaõ feita pelo mesmo Summo Pontifice em 5 de

Junho de 1631, no que tudo declarou o Santiſſimo Padre, que naõ era tençaõ prohibir o culto publico, e o titulo de Santo aos que tiveſſem eſtas couſas por tempo imemorial antes dos ſeus Decretos, ou por conſentimento, e approvaçaõ dos Biſpos, ou por voz commua, e veneraçaõ dos Póvos, como tambem declarou que o tempo imemorial, que para iſſo requeria, eraõ cem annos antes dos ſeus Decretos: ao que obedientiſſimo o Clero, Nobreza, e Povo de Portugal, e Algarves conſervàraõ, e continuàraõ o culto publico total de Santo a S. Gonſalo de Lagos da meſma ſorte que antes dos Decretos do Santiſſimo Padre Urbano VIII. ſe lhe dava atè o preſente dia (como moſtraremos no fim deſta obra depois do tratado dos ſeus milagres) porque antes dos taes Decretos tinha o Santo cento e trinta e nove annos de culto de Padroeiro de Torres-Vedras com voto ſolemne do Senado, duzentos e doze annos do meſmo culto com Confraria, e approvaçaõ univerſal do Povo, e o meſmo de conſentimento, e approvaçaõ dos Excellentiſſimos e Reverendiſſimos Arcebiſpos de Lisboa, que o iaõ viſitar, e levar-lhe offertas concedendo Indulgencias a quem o venerava; razaõ, porque no anno de 1656. imprimio em Lisboa com todas as licenças o M. Fr. Antonio da Purificaçaõ a ſegunda parte da Chronica da ſua Provincia, e nella a vida de S. Gonſalo de Lagos com eſte nome, tratamento, e culto, que agora ſe lhe dá neſta obra, fiel, e ſuſtancialmente extrahida da ſua até ao fim do tratado dos milagres.

Agora começa o Author elegantemente a vida do Santo deſta ſorte.

CAPITULO I.

Patria, pays, e acçoens de S. Gonſalo até receber o Habito de Santo Agoſtinho no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa.

RΕnaſcem das cinzas do eſquecimento as memorias de S. Gonſalo, as acçoẽs do melhor Thaumaturgo antigamente venerado objecto dos cultos religioſos de hum, e outro Reyno, hoje entre os ſeus apenas conhecido, dos eſtranhos totalmente ignorado; diſgraça original da Naçaõ Portugue-

za; que até contrahe a virtude heroica, talvez porque os naturaes Santos até no Empireo, onde a gloria do mundo naõ faz damno, e o culto, e lembrança humana he premio, querem em seu lugar o desinteresse heroico, com que parece se gozaõ do nosso esquecimento, favorecendo-nos com excesso, quando nós mais ingratos, e adquirindo a sua virtude assim mayores creditos, quando nós os perdemos de agradecidos. Tudo veremos na brevidade summa, com que escrevemos esta admiravel vida.

Na Cidade de Lagos Reyno do Algarve nasceo S. Gonsalo de pays conhecidos pela virtude, mas ambos de geraçaõ humilde, de hum, e outro ignoramos o nome. Criaraõ a Gonsalo com aquelle ensino, que só pays santos sabem dar neste mundo, e cuja falta o tem arruinado: e para que só a Deos servisse nesta vida, e juntamente os melhorasse de fortuna com honras, e dignidade Ecclesiastica, o mandaraõ aprender a lêr, e escrever, singular prenda, em que naõ só levou aos bons daquelle seculo ventagem conhecida, mas aos bons até o presente causa inveja. Occuparaõ-no logo no estudo da Grammatica, de que resultou saber a lingua Latina com rara pericia nos annos, em que ainda os de melhor ingenho costumaõ ignoralla, ou dar os primeiros, e pouco adiantados passos em aprendella.

Cresceo Gonsalo, e com elle a virtude, fructo do ensino, e exemplo dos pays, que lha inspiravaõ sempre, cuidado especial da providencia, ventura em todos os seculos muito rara, que a ser menos, ou a ser commua, nenhum, ou poucos receberiaõ o Baptismo, sem que os visse Santos em breve tempo o mundo, porque para o serem lhes bastava o exemplo, e de faltar este nos pays se segue o damno, os vicios, insultos, e o castigo, ruina dos Imperios, povoaçaõ do inferno. Naõ temeu este pouco a Gonsalo vendo-o na adolescencia taõ bem instruido, e com exemplos domesticos taõ fortificado; e como sempre achou armas promptas nesta idade no vigor natural, e fervor do sangue, aproveitou-se deste, e daquelle, e presentou-lhe batalha com ardor insolente pelos Generaes melhores da deshonestidade. Sentio a guerra em todo o sentido o casto, temeroso, e feliz mancebo, e sem perder já mais a espe-

rança alentado, com tal excesso debilitou o corpo; e quebrou com a penitencia as armas do inimigo, que nunca mais até á idade consummada se atreveo a intentar a guerra mais, que huma vez, em que com assás vergonha achou as virtudes de Gonsalo por mercê da graça taõ unidas com huma prodigiosa innocencia, que, nem depois de conseguir a victoria, conheceu que lhe presentavaõ batalha. Taõ pouco lhe custou o vencella! tal era a fortaleza, que naõ sentio a luta! Nunca já mais desde o primeiro assalto, deu perfeito descanço ao corpo, na Oraçaõ occupava o tempo do somno, além do que no dia lhe permittia o estudo, a disciplina levava o do recreyo, e tudo coroava o cilicio continuo.

Nada fia de si o varaõ justo, e como se havia em si fiar Gonsalo? quanto mayores eraõ os triunfos, tanto mais receava os inimigos. Fugia das occasioẽs, ciladas certas, em que até agora só naõ cahiraõ disgraçadas as purezas que fugiraõ dellas. Jacte-se, e creia o contrario a malicia moderna mascarada de innocencia, nunca se hade mudar o dictame da virtude heroica para crer inflexiveis os vimes onde o naõ foraõ os cedros fortes. Affirmaõ todos os authores, que fallaõ neste Santo, que sempre conservara a graça do Baptismo, virgem saira do desterro. Deffinia Gonsalo este mundo hum immundo caos deste horrendo vicio; e tanto receava ser manchado, ao mesmo tempo, em que era intrepido, que só pedia a Deos na Oraçaõ fervoroso lhe mostrasse huma cova, em que felís arminho antes perdesse a vida seguro, que gozalla, e manchar-se no transito; huma Religiaõ em que delle mais perto, peleijasse sim fórte, mas seguro, vivesse puro sim á força de trabalho, mas com outro descanço tendo-o mais visinho; huma torre, em que sim vigiasse cada hora, mas tivesse reparos a pureza na clausura, nos votos, na vontade Divina.

Agradaraõ a Deos estes desejos santos, dispôs com alta providencia os meios, para Gonsalo os satisfazer todos. Tinha o santo mancebo huns parentes, que obrigados de negocios graves vieraõ a Lisboa tratar delles. Movido de superior impulso, sem dizer aos parentes o intento, offereceo-se Gonsalo a servillos no caminho, e ajudallos efficazmente em tudo, por-

que

que lhe dizia ao coraçaõ o Espirito Santo acharia o fim do seu desejo.

Sahio em fim de Lagos este Abrahaõ novo, chegou a Lisboa já mundo pequeno; e quando a grandeza, e o tumulto, a novidade, a delicia, e o palmo lhe podiaõ occupar o tempo, levar a attençaõ, e attrahir o animo, naõ teve Gonsalo outros cuidados, naõ deu passos, nem occupou os olhos mais que em vêr Mosteiros, e Templos, notando o modo de vida em todos, até algum lhe igualar aos desejos. Chegou em fim o venturoso dia, em que determinara a providencia dar a Santo Agostinho esta joya; entrou na Igreja de nossa Senhora da Graça, e estando em oraçaõ forvorosa ouvio huma locuçaõ interna, em que o Espirito Santo lhe dizia, aquella era a caza que buscava. Levantou-se da oraçaõ Gonsalo, buscou o Prior do Convento, pedio humildemente o Habito; e como os que a providencia manda, differem dos que a diligencia busca, assim o Prior como os Religiosos de sorte se lhe mostraraõ affectos, e a sua pratica os deixou attrahidos, que, dando-se parte ao Provincial logo, passados poucos dias tomou Gonsalo o Habito.

CAPITULO II.

Acçoens de S. Gonsalo desde que tomou o Habito até se ordenar Presbitero.

IGnoramos o dia, mez, e anno, em que recebeo o Habito S. Gonsalo, e o da Profissaõ tambem o descuido o sepultou em o esquecimento; defeito commum naquelle seculo de ouro, em que todos os cuidados levava o espirito: sabemos porém que S. Gonsalo era neste Convento noviço, sendo Provincial Fr. Joaõ de Famen, o qual governou o biennio de 1380, e 1381, sendo Summo Pontifice Urbano VI., Rey de Portugal D. Fernando, Geral de toda a Ordem (parece tem mysterio) o Beato Boaventura Patavino, depois Cardial da Igreja Romana do titulo de Santa Cecilia.

Sabemos tambem que Gonsalo desde o primeiro dia de noviço mostrou ser na perfeiçaõ taõ veterano, taõ pio, mortificado, austero, que o Mestre julgou escusava ensino, só necessitava moderado, para servir a todos de exemplo em estado

que

e o tempo, sem ter mais que Ordens até Diacono, attend
a extirpar vicios, instruir almas, e aperfeiçoar justos, de so
se disculpou humilde, e sem desobedecer esteve constan
que os Prelados o mandaraõ ordenar Presbitero, e lhe de
totalmente o emprêgo do Pulpito, poque já soava em tod
Reyno a virtude, e eloquencia de Gonsalo, publicada hu
cousa, e outra pelos que remedeava a sua douttrina.

CAPITULO III.

*Acçoens, e dignidades de S. Gonsalo até ser Prior do Conv
de nossa Senhora da Graça de Torres-Vedras.*

CUidou especialmente Gonsalo, depois que se vio Relig
so, em occultar ao mundo, e ao Convento o que obra
e recebia do Espirito Santo, de sorte que só nos ficou para
mirar o que a sua humildade naõ pôde encobrir. Dizia M
com piedade taõ rara, que o povo attrahido da noticia con
ria com excesso, e alvoroço a ouvilla, e vendo-o, adquiri
voçaõ com tal abundancia, que sempre lhes durava alé
Missa. Nunca teve outra cama, nem alfayas mais, que
molhos de vides seccas, sobre estas descançava tres horas a
de ir para Matinas, vestido, sem cobertor, nem travesseiro
ainda quando estava molesto, por mais que lhe insinuass
perigo. Depois de Matinas ficava no coro até pela ma

disciplinas, que tomava, diremos com verdade que era huma, porque ás vezes durava até nascer o dia. Cingio-se sendo ainda noviço com hum aspero cilicio de ferro, e este conservou toda a vida, sem o dispensar ainda em perigos della, de sorte que quando depois de moito lho quizeraõ tirar, estava taõ unido, entranhados na carne os bicos de tal modo, que pareceo impossivel tirar se, sem ser com a carne juntamente. Tal amizade fizera a penitencia com o deposito daquella alma ditosa, e, para o ser, taõ mortificada.

Ninguem mais, que elle, humilde, ninguem com igual caridade, ninguem mais no silencio observante. Fallava unicamente o preciso, e ainda entaõ o fallar lhe era tormento; assistia aos enfermos com disvelo taõ raro, que dalli a morrer de compassivo só faltava expirar junto ao enfermo quando o via, ou temia perigoso, naõ se diz o amor, e o cuidado, naõ cabe na explicaçaõ a constancia, e trabalho excessivo, a ternura, caridade, e o pranto, com que sem igual dispunha o moribundo, consolava até exhalar o espirito. Só officios humildes procurava, estes eraõ a sua alegria, e quanto mais publicos, como o pedir esmola, era tal o seu gosto, que cantava. Taõ alegre he a humildade verdadeira.

CAPITULO IV.

Dignidades, que teve S. Gonsalo nesta Provincia, e acçoens que fez no seu governo.

COmo S. Gonsalo era o exemplo, a quem todos desejavaõ imitar com assombro, julgaraõ os Prelados ser preciso expollo mais sobre o candieiro, para a muitos dar mais a luz do ensino. Elegeraõ-o Prior do Convento de S. Lourenço, o qual pouco depois foi extincto. Foi eleito no anno de 1394, era este entaõ dos mais antigos, situado junto a Lourinhaã e o mais pobre de todos; e só nos consta que no seu Priorado, além de vigorar a observancia, taõ pouco sentiraõ os effeitos da pobreza, que em quanto foi Prior conservamos a caza, intentando-se muito antes o extinguilla. Acabado o biennio com ventura, o chamaraõ a Lisboa com piedosa fadiga, e foi eleito Prior do Convento de nossa Senhora da Graça, Vigario Geral, e Reformador da Provincia, dignidades annexas á

pri-

primeira, como ſem controverſia conſta dos anteceſſores de que ha noticia. Privou-nos o tempo, e o deſcuido de ſabermos o que obrou neſte governo, cremos nunca nos privou de tanto; permittio porém Deos ficaſſe para ſempre hum padrão especial da ſua piedade na obſervancia dos Decretos da Ordem. Mandou que os Religioſos ajoelhaſſem no Coro, com pauſa maior na reza, ou canto, todas as vezes que no Hymno *Te Deum laudamus* ſe diceſſe o verſo *Te ergo quæſumus*, ceremonia ja na Ordem antiga decretada no Capitulo geral de Aquila, mas nunca obſervada na Provincia, ſenaõ quando Gonſalo Reformador della. Paſſados ſinco annos de governo, pedio Gonſalo lhe tiraſſem a cruz, chorando poſtrado diante dos Padres do Capitulo, que para iſſo convocou no meio do biennio; e elles para lhe darem allivio o fizeraõ Prior de Santarem, Convento novo, e depois de Torres-Vedras ja entaõ o mais antigo, onde, depois de dez annos de Priorado, falleceo, ſendo Prior, o noſſo Santo. As maximas, que uzava Gonſalo neſte ſeu Priorado ultimo (o meſmo cremos uzou ſempre que foi Prelado) eraõ, em tudo ſer menos que ſubdito, ſervir a todos, naõ como ſeu companheiro, mas com accidentes de eſcravo. Varria as officinas do Convento, fazia as camas de todo o dormitorio, e, acabado eſte grande trabalho, ſahia a pedir-lhes o ſuſtento: ja mais permittio que algum ſubdito pediſſe eſmola com outro companheiro; ſantamente ambicioſo eſpirito aſſim invejava o abatimento mais, que outros os ſcetros do mundo. Naõ ſó para o ſeu Convento pedia humilde Gonſalo, mas tambem para o de S. Lourenço. Succedia pelo commum que a eſmola ou era muito pouca, ou quaſi nada; entaõ era a alegria ſumma; quanto menos, maior alegria: tal era o eſpirito de pobreza, que ſó pouco, ou nada o contentava; virtude em que poucos homens hoje podem conhecer o quilate. Fatias de paõ, ou bocados era o que lhe davaõ quaſi todos, ja pobres, ja avarentos; e Gonſalo abſorto, alegre, vendo-ſe no eſtado mais pobre, de ſorte agradecia humilde, que o pobre chorava com inveja, o avarento penitente gemia. Logo vos lerei o mais goſtozo.

FIM DA QUADRAGESIMA TERCEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto. 1760.
Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.
CONFERENCIA XLIV.

SEgue-se o mais da vida de S. Gonsalo de Lagos, disse o Ermitaõ. Sendo Prior de Torres-Vedras com estas, e outras fadigas, determináraõ o Convento para fazer-se o Capitulo: só falta do necessario era to-o provimento, com que se achava Gonsalo; nem camas, õ, vinho, ou louça, nem cousa alguma preciosa, tinha S. onsalo em caza, só pobreza, e alegria, huma inseparavel da tra, em quem possue a primeira. Alegrou-se Gonsalo com ioticia: e para se prover com abundancia, tomou a saco-e huma almotolia, e caminhou a pé até Lisboa. Buscou go humilde o Arcebispo, de quem fora Mestre em outro mpo, deo-lhe noticia do Capitulo, e pedio esmola para o stento dos muitos que vinhaõ celebralo. Pasmou choran-o Arcebispo, vendo a seu mestre Fr. Gonsalo taõ humil-, vil, e abatido, taõ alegre, e necessitado: ordenou ao seu ordomo logo désse a Fr. Gonsalo seu mestre tudo quanto le pedisse. Ficou Gonsalo afflicto, vendo que lhe davaõ uito: despedio-se do Arcebispo agradecido: entrou afflicto o quarto do mordomo, e quando este temia naõ bastassem rendas do Arcebispo, para o que lhe pedisse Gonsalo, dis-elle que só queria na sacola o paõ, que podesse levar sem diga, queria azeite na almotolia, e hum pouco de vinho n huma borracha, de sorte que elle podesse levar tudo sem mui carregado, e opprimido. Pasmou com a petiçaõ o

mordomo, romperaõ as lagrimas o ſilencio, e mais quand
vio a alegria de Gonſalo depois de receber taõ pouco, co
feſſar-ſe devedor,e obrigado,como ſe lhe doaſſem hum Im
perio. Sahio Gonſalo do palacio cantando,porque hia po
co menos remediado,do que viera,para tal diſpendio;e ca
tando,paſſou o caminho,de ſete legoas até o Convento,e
de os ſubditos o receberaõ com pranto,naõ por verem po
co,mas o ſeu pouco eſcripto,no Prior hum taõ pobre,e d
latado, por iſſo meſmo que o mais pobre em tudo. Entre
tanto o mordomo chorando, deo conta logo ao Arcebiſpo
da exceſſiva pobreza de Gonſalo; paſmou o paſtor genero
ſo,dobrou o conceito altiſſimo,que ſempre fizera do Santo
e ordenou que de todo o preciſo lhe mandaſſem hum gra
de provimento;álem diſto eſcreveo a S.Gonſalo,obrigando
ſe aos gaſtos do Capitulo (o que fez com diſpendio gene
roſo,) e que ſó queria em premio o encommendaſſem á
Deos muito. Chegou a eſmola ao Convento, recebeu-a
Gonſalo afflicto,temendo que Deos lhe déſſe tanto,porque
tinha pouca fé, e eſpirito: em fim agradeceo a eſmola, e
oraçoẽs a pagáraõ toda a vida.

Nunca ſubdito ſeu teve falta de couſa,que lhe foſſe pre
ciza;porque a caridade do Prior era taõ rara,que á força de
trabalho a tinha prompta, antes que o ſubdito chegaſſe a
pedilla: e para evitar no futuro a outros Priores o trabalho,
no ſeu tempo adquirio rendas medianas para S. Lourenço,
e depois Torres-Vedras:e ſendo Prior de Santarem lhe ad-
quirio a herdade da Gocha,a melhor que hoje tem a Provin-
cia:prudencia rara,e ſanta,unir com o augmento a pobreza.

CAPITULO V.

Occupaçoens de S. Gonſalo em utilidade do proximo no tempo do ſeu ultimo Priorado.

NAõ póde o coraçaõ do Etna ter incendios, que naõ
abrazem os póvos vizinhos;aſſim o coraçaõ de Gon-
ſalo abrazando os coraçoẽs do proximo. Quando pedia eſ-
mola nas aldeas, prégava doutrina pelas portas,ſempre era

ſmolas pequenas,mas as praticas ſempre dilatadas. Todos
lias depois de Completas,hora,em que os trabalhadores
ecolhem ás cazas, hia indeffectivelmente S. Gonſalo eſ-
allos á porta do Convento, que ficava na eſtrada real do
ıpo,e alli á imitaçaõ de Chriſto, chamando para a refei-
os que vinhaõ do trabalho , enſinava a todos a doutri-
perſuadia-lhes a vida devota, reprehendia os vicios com
ereza, pintava-lhes a Gloria com doçura, perſuadia com
ror a pena,enſinava a reformar a vida; em fim de ſorte o
ro o eſcutava attento, concorrendo toda a villa a ouvil-
de ſorte reformou eſte povo, e os moradores do ſeu ter-
, que ao Reyno todo ſervio de paſmo, quando aos vizi-
os de exemplo: alli o tinhaõ a hora certa todos os mora-
res da villa para o conſelho, e ſoccorro, para a conſola-
, e allivio, de ſorte que de ordinario á eſmola, que pe-
prégando cada dia , dava Gonſalo aos pobres neſta ho-
, ſem jámais no Convento haver falta.

Quem ha de conter em pouco campo o fogo? Naõ cabia
le Gonſalo no adro do Convento,ſahia de tarde abrazado
ſorto, batia ás portas das cazas ordinarias, e ſem entrar já-
ııs dentro dellas, prégava Gonſalo a todas as portas, para
e as donzellas,e mãys de familias, e peſſoas habitualmen-
occupadas, ſem deixarem o trabalho a eſſa hora,gozaſſem
paſto da doutrina. Ainda (dizem) no ſeculo paſſado vene-
va com devoçaõ eſte povo os peáes,e pedras,em que pré-
ra o Santo aos ſeus progenitores algum tempo; hoje naõ
ja noticia das portas , menos ſe póde achar das pedras.
hia Gonſalo ſempre abrazado deſte ſanto, e penoſo exer-
cio , e era todo o ſeu refrigerio convocar os meninos do
vo, juntava a todos em ſitio, em que o rodeaſſem todo,e
ıra os ter com ſocego, e dar-lhes com elle o enſino, dava-
es paõ, frutta,regiſtros, que elle meſmo pintava para con-
ntallos dava a todos os que ouviaõ a doutrina,e para mais os
trahir brincava, qual Paulo todo para todos; tolerava con-
nças de meninos a fim de que o ouviſſem attentos quan-
do

do paſſava a enſinallos; e ſe alguem notava a confianç
que a innocencia o tratava, ja huns brincando com o I
to, outros com innocente orgulho, buſcando mangas, c
premio, outros perſuadindo-o ao brinco, todos com
tratamento, reputando-o irmaõ, ou amigo, levantava a
os olhos, punha as maõs nas cabeças dos meninos, e
aos eſcandalizados, o que diſſe Chriſto a outros: *L
deixai que me buſquem, deixai que aſſim me tratem, deſte
Reyno eterno, ſó neſtes acho allivio.* Nunca faltaõ á virtud
roica goſtos, porque ſó buſca allivio nos deſprezos,
ſó o podem achar os juſtos.

CAPITULO VI.

Ultimas acçoens de S. Gonſalo de Lagos até o ſeu glorioſo tr

PAſmará quem vir a ſumma brevidade com que eſc
mos a vida de hum heroe taõ grande. Nem diremc
paſma ſem motivo, nem podemos diminuir-lhe o paſmc
que he dar a entender dizemos muito, neſſe pouco qu
aqui eſtá eſcritto. Já diſſemos que o deſcuido, e o tem
mais que tudo a humildade de Gonſalo occultara das
acçoẽs tudo: Tanto julgamos ſer o que ſe ignora, *inſ*
do ſer tudo, deſte nada. Paſme quem o naõ pondera
diſculpa; para os que bem meditarem baſta, pois quai
humildade ſumma ſe empenha em occultar acçoẽs da
huma ſó, que appareça, baſta porque para inferir mil, ſo
bem como para o leaõ ſobeja a unha, para o gigante
do, ou a noticia; e quem julgar naõ tem de que inferi
to, medite agora, achará com exceſſo, motivos para o
ceito mais agigantado deſte heroe, que, para o ſer,
condeo todo, reduzio a nada, abatido.

Vivem os máos, e preverſos no mundo, diz o noſſo g
de pay Santo Agoſtinho, para exercitar o juſto: e comc
tre os juſtos S. Gonſalo avultava tanto mais diſtincto, c
Saul para ſima do hombro, (ſegundo parece pelo que
mos vendo) foy preciſo dar-lhe hum exercicio, em qu
mais robuſtos deraõ a vida no campo, os gigantes ven

gindo, e se algum naõ morreo, nem fugio, he porque
:e inimigo o naõ buscou.

Algumas mulheres de vida preversa, lasciva, publica, e
:andalosa,admiravaõ em Gonsalo a pureza, ninguem mais
e huma destas,quando a vê pasma,porque a julga impos-
el,ou taõ rara,como em si experimenta ser a emenda.Ad-
ravaõ a pureza de Gonsalo com duvida taõ grande no
zo,que chegaraõ a duvidar fosse tanto, quanto as persua-
a vida,e exemplo. Humas diziaõ que era casto,mas que
nuitos os faz naõ ter dinheiro:outras que lhes parecia ju-
, mas que naõ fiavaõ delle tanto, que posto na occasiaõ
rdesse tempo.Humas,que naõ cahia por temer discredito;
tras... mas para que me canço?Fez hum conciliabulo o in-
no,assentou-se nelle que S.Gonsalo,se tivesse mulher sem
cômodo,havia de cahir como qualquer tentado; assentou-
buscassem logo huma astuta,lasciva,desenvolta,assentaraõ
: entrasse na cella, e o mais, que elle obrasse, ella o diria.

Huma noite escura, e tenebrosa conduziraõ a mulher á
rtaria,e tanto que julgaraõ ser o tempo,em que todos dor-
aõ com descanço,bem instruida no meditado enredo,dei-
raõ-a para lhe dar principio. Tocou a mulher a campai-
a, acodio S. Gonsalo á porta, por ser o unico que estava
vigia orando como sempre costumava,perguntou no ra-
ho quem era,que negocio tinha, que pedia, (porque jul-
u ser chamado para confissaõ apressada,por tal mensagei-
a tal hora.) = Sou, disse a mulher, moça de servir (o dia-
devia dizer) a esta hora, terrivel com tal chuva, me ex-
lsou minha ama de caza, depois de lhe servir meu corpo
emprego á fereza do seu genio, até naõ excogitar a
ieldade outro martirio mais que este, e a morte. Vós Pa-
: sabeis o que he esta villa, que gente de noite nella an-
se fico na rua: sou violada: compadecei-vos de huma in-
iz donzella, martir, expulsa, e honesta: se amais a Deos,
ai-me do perigo; se ao proximo, acodi-me, que o mer[illegible]
em fim a caridade, compaixaõ, e justiça, a piedade
m.

mor, e continencia devem, e podem excitar-vos nesta h
e quando estes naõ movaõ, a politica dicta, persuade, e
ita para que, ainda a troco da vida, me eviteis a irrepai
perda do que me deo a natureza, e graça. =

Quem jamais sincero compassivo escondeo hum al
no seio, como agora Gonsalo enternecido, se resolveo ac
admira o pasmo. Filha descança, disse o Santo, cesse o v
temor, recuperai o alento, entrai, mas seja demansinho,
acordem os qüe estaõ descansando, vinde sem temor, v
commigo (que alviçaras naõ pediria ja o diabo, que o
tudo isto, e deo o conselho qüe na Junta se tomou co
Gonsalo) vinde, estareis sem perigo, á manhaã vos dare
medio a tudo, agora vos darei o que tenho. Entrou a
lher, fechou o Santo a porta, levou-a sinceramente p
cella (naõ se admire alguem por ignorancia, porque i
tempo a clausura, nem era, como depois se reformou, a
ra, nem o he ainda hoje em terras, onde naõ entraraõ
Leys santas.) Ja naõ admira hospedasse S. Macario a
pente fingida mulher lá no Ermo; maior fera hosp
Gonsalo, maior foi cá o perigo, e o veneno.

Deixou-a na cella o Santo, foi buscar-lhe á dispensa i
timento, pôs-lhe a meza; e em quanto comia, de pobres
nos lhe compôs a cama na mesma cella, em que a hos
va; e julgando viria molhada, foi buscar fogareiro á di
sa, accendeo o carvaõ com sincéra fadiga, e offerece
tudo para enxugar a roupa, Comeu, aquentou-se, bus
mulher a cama, e Gonsalo, vestido de candidez mais
cobrio-a com o seu manto depois de estar deitada; e
de joelhos, sem reflexaõ alguma, continuou a oraçaõ
interrompera quando ella lhe bateu á porta. Fingio a
lher que adormecera logo: levantou-se Gonsalo dep
ter orado, e querendo ir á cella a tomar descanço em
algum sitio do Convento, deo principio a mulher ao
to, fingio sonho de calma, sendo inverno, e com des
sto atrevimento, e impulso lançou fóra a roupa com t

oncerto, que, a naõ fer Gonfalo pedra o efpirito,qualquer fenfivel,ou eftar cego,fortemente fe viffe tentado. Vio o anto a acçaõ (pafme a Thebaida, pafme Scithia, Egypto, aleftina, pafmem todos, que fabem o que he guerra) deve os paffos cuidadofo, fincero, afflicto, e caritativo, fem mer, nem fentir mais que o damno, que podia fazer á mo. o frio; chegou-fe, vio, pegou na roupa, cobrio-a com a ridade a mais bem fuccedida, fingio ella entaõ que acorva: *Que quer, Padre*, (diffe) *que he iffo? Naõ quero filha* (diffo Santo) *quero fó que fe cubra, que faz muito frio, e temo que faça nojo.* Saõ palavras expreffas deffe tempo, que devemõ ao Senhor D. Fr. Aleixo o cuidado, e a nós a veneraõ, e affombro. Cobrio-fe ella fingindo novo fomno, fao a defcançar Gonfalo; acordou, veio á cella cuidadofo,e o que a moça com modo mais lafcivo fe defcobria,como foffe fonho. Gonfalo fem conhecer a guerra tornou a egar-fe, e a cobrilla: retirou-fe para hum canto da cella a ar, como tinha por coftume áquella hora, e fentio que fe ovia com exceffo a moça; olhou, e vio eftava defcober-, levantou-fe logo com o fufto de que lhe fizeffe mal o io,cobrio-a,e diffe-lhe fincero,temia lhe fizeffe o frio nojo. Que? foi á vifta de Gonfalo Adaõ antes da culpa, que rdemos naquella innocencia? fe dá efta a virtude conmmada?O certo he que chamou feliz á culpa quem foube que ella era,e o que era a graça.Chegou finalmente a maugada,vio a moça que fe chegava o dia,e que ella perdera noite inteira,o lucro da apofta, e da fua ouzadia; veftio-fe, vantou-fe envergonhada, e fahio com o Santo da cella. hegou com effeito á portaria,e intentou Gonfalo acompaalla para ferenar o diffabor da ama; mas apenas quiz fahir porta, embargou-lhe os paffos a moça com immodeftia, o-fe com geftos de quem zomba,retirou-fe delle apreffada. *õ venha Padre* (diffe) *naõ he precifo que me faça o bem que ha ntado, efcufo a fua interceffaõ agora, e nada quero de vós defde dia; porque fei que fois Santo, e eu me enganava.* Diffe, e apref-

fando

ſando os paſſos, deixou a Gonſalo duvidoſo entre ſu
Taõ de longe,e vagar chegaraõ os écos,que huma noii
teira ſizeraõ os aláridos de tantos inimigos bem arma‹

Paſmou Gonſalo ouvindo iſto á moça, vacillou
ſeria ainda a cauſa (pondere quem for Anjo eſta inn‹
cia,) e por mais que as acçóẽs, e o recado o perſuadi‹
ra máo o intento, e que a moça viera ſó tentallo, na
poſſivel aquelle juizo angelico, aquelle coraçaõ o *mais*
dido, habituado a julgar bem do proximo, aſſentar que
fora o intento: e voltando para a cella, confuſo diſſe
indifferença no conceito: *Deos te perdoe alma Chriſta‹
alguma maldade intentaſte*; ſaõ palavras formaes do S‹
referidas pelo ſenhor D. Fr. Aleixo.

Agora peço eu medida para eſte gigante nos do E
para eſte Soldado nos do eſpirito, para eſta arvore nas d
ſtico Libano. O certo he que eſte cedro he o mais alt‹
General o mais temido, eſte gigante he maior com ex‹
tanto poſſuia armas da graça, e eſtas lhe conſervavaõ
innocencia, que timidos os inimigos da alma, nem ſe
veraõ apreſentar batalha, de ſorte que elle conheceſſe
ſadia; nem, ſendo taõ grande, conheceo que o era,
que tinha vencido depois da victoria; peleijou ſem
que peleijava, venceo ignorando que vencêra, e cuſt‹
taõ pouco a victoria, que duvidou ſe o paſſado era g‹
depois de o inimigo lhe dizer triunfava. Se hum Anj‹
foſſe tentado, que mais havia de obrar que iſto? que n‹
caria illeſo? quanto o louvaria o Eſpirito Santo? Home‹
Gonſalo; e que conceito faria delle entaõ o Ceo todo? E
do que Deos criou Gonſalo para aſſombro univerſal d‹
do, vendo era impoſſivel para exemplo. He certo que l
mitavel niſto; a ninguem he licito outro tanto; o mai‹
ſerá temerario, ſe chegar ſó a ter o deſejo de imitar n‹
çaõ a Gonſalo; e o certo he q̃ nos naõ conſta de outro, ſend‹
e taõ forte o deſafio. Vinde ledo, que já deſte caderno da
falta o mais térno. FIM DA QUADRAGESIMA QUARTA R‹

LISBOA: Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto, 1760. Com todas as licenç‹

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLV.

OUvi com attençaõ,e pasmo(disse o Ermitaõ)o fim desta rara tragedia, em que ficou vẽcido o inferno, e triunfante a graça.Chegou a moça a casa das amigas, que a esperavaõ para rẽder-lhe as graças.Cheu,e levantando a voz com suspiro, disse que era S.Gonsanarrou o que lhe tinha succedido chamando-lhe a cada lavra justo.Pasmaraõ todas ouvindo o triunfo de quem julvaõ fragil,e vencido,hipocrita,ou acautelado. Nada tanto mira hum lascivo, como vêr que no mundo ha hum casto: xperiencia do precipicio proprio faz julgar impossivel que ja hum isento. Tocou-lhes Deos os coraçoẽs a todas, ao smo seguiraõ-se as lagrimas, e por serem de auxilio, verdeiras: ajustaraõ buscar o Santo todas, vieraõ,recebeo-as mpassivo, confessaraõ-lhe publicamente seu infernal intẽ,passinou a innocencia de Gonsalo:e conhecendo só entaõ e era certo, depois de agradecer a Deos o ajudallo,exhora-as á dor,e ao proposito, offereceo-lhes todo o seu trabao,para lhes adquirir sustento, com tanto que deixassem o cio:e despedio com lagrimas de caridade pura as que foraõ onstros da lascivia, inimigos fórtes da sua pureza.

Soube-se na villa logo o caso, porque o verdadeiro arrendimento das que tinhaõ cõmettido o delicto obrigou-as onfessallo em publico. Seguio-se o pasmo, o applauso,e o edito, e venerarem a Gonsalo por Santo. Os da villa, e dos vos visinhos traziaõ ao Convento os enfermos, pediaõ-lhe

 pozes

puzesse as maõs sobre elles,e tanto que as punha ficavaõ todos livres de todas,e quaesquer enfermidades.Outros visitava o Santo,sabendo naõ podiaõ vir sem perigo,e pondo-lhe as maõs orando ficavaõ saõs logo. Hũa velha,que desde menina servia sempre com fervor a nossa Igreja,no ultimo quartel da vida estava absolutamente cega;buscou afflita a Gonsalo,e entre lagrimas de hum grande sentimento,queixou-se do Santo a elle mesmo.He possivel (dizia) meu Santo Prior, que toda a vida gastasse eu em servir quẽ de mim se naõ quer compadecer, e podendo me naõ quer remediar? Toda a vida servi a esta Igreja,com dispendio, caridade,e fadiga(de muita parte sois vós testimunha) agora naõ posso, que estou cega: vós estais dando saude, e vista a quantos se chegaõ a esta porta sem outro merecimento,que o chegar a ella;e a muitos lha ides dar a casa: só eu, podendo vós por-me as maõs na cabeça,só eu, merecendo-vos isto de justiça, venho aqui suspirando,e vou cega,estando nas vossas maõs o ter vista. He escusado(respondeo o Santo)he escusado, filha,o vosso empenho,para vós teres vista perfeita;he preciso só que tinhaes fé viva, he escusado vos ponha eu as maõs na cabeça; *agua de sardinhas* basta; se lavares os olhos com ella, tendo em Deos perfeita confiança,com ella tereis vista sem falta.Ouvio com attençaõ o remedio a velha, aprehendeo materialmente a mesinha, despedio-se, foi depressa a casa, buscou sardinhas salgadas,lavou-as em agua fria,lavou os olhos hũa vez com a agua,tendo no dito de Gonsalo a fé mais viva:abriraõ-se-lhe os olhos (maravilha rara) ficou com melhor vista do que antes tivera,ainda no tempo de menina. Publicou-se o milagre na terra; e tanto este como os outros, que obrava cada hora se authenticaraõ depois naquella villa:mas perdeo-se o processo de todos,consentindo o levassem a casa dos enfermos disgraça, que lementa o Senhor D. Fr. Aleixo entre as mais que produzio o nosso descuido.

CAPITULO VII.

Feliz transito de S. Gonsalo de Lagos.

Hegou o tempo de sobir ao Empirio a alma ditosa de Gonsalo, chegou o dia de receber o premio o espirito te insigne justo. Exhaustas as forças com a penitẽcia, naõ le o corpo mais conservar a vida: a 2 de Outubro cahio ermo no anno de 1422. da redempçaõ do mundo. Deitou-estido sobre as vides, que sempre tinhaõ sido o seu leito lores, e alli absorto nas esperanças de huma feliz eterni-e, tolerava constante as dores, e a febre, sem que os rogos Religiosos, e devotos seculares o pudessem obrigar a pir-se, aceitar cama, e deixar as vides. O fastio, as dores, a re, e a seccura apostavaõ na brevidade em separar-lhe a ia; e Gonsalo, a quem só o naõ ter allivio tinha sido na vi-allivio unico, de sorte reprimia o desafogo á natureza, só chamar, e dar graças a Deos se lhe ouvia, como se zesse desmentir a sua constancia, as mudas vozes, com de noite, e dia, nos olhos gemia a natureza, por achar upado da invicta paciencia o desafogo unico da boca. Espectaculo era este taõ piedoso, que obrigava a chorar os com excesso; especialmente os Religiosos de casa, naõ tentes com a assistencia da cella, naõ havia mortificaçaõ uma, que naõ offerecessem ao Ceo pela sua vida; Oraçaõ coro, procissoẽs no claustro, disciplinas, abstinencia no eitorio, em fim naõ havia sitio no Convento, onde naõ gisse a mortificaçaõ altar, para conseguir de Deos a vida Prior. Multiplicava a caridade os remedios, buscava o or os exquisitos, e desejavaõ acertar os Medicos; só Gõ-o desenganava a todos, cuidava só em receber Sacramen-, sem repugnar aos remedios penosos, para coroar os seus rtirios. Confessou-se geralmente Gonsalo com tantas la-mas, e signaes de arrependido, aquelle ditoso homem an-ico, que nunca perdeo a graça do baptismo, como se fos-o mais dissoluto; pedio humildemente o Santo Viatico, e ebeo-o naquelle presepio com tantos signaes de alegria, e jubi-

e jubilo, que o julgariaõ de todo melhorado, vendo-
alegre,e vigoroſo, ſe a natureza nos pulſos os naõ deſ
nara,moſtrando que por inſtantes ſó detinha a vida.Pe
Unçaõ,e com os Religioſos foi dizendo as preces,e o
mos: acabado eſte acto,chamou a todos,qual outro ſel
cob neſta hora aos filhos. Naõ temos ouzadia para id
que Gonſalo lhes podia dizer;quem hade, ſem ter igu
pirito,imaginar a pratica de hum taõ abrazado,e na ho
que mais vizinho ao fogo,fallava naõ como viador,m
mo unido ao ſummo bem,que ſentia já perto. Pedio a
perdaõ por Jeſu Chriſto, pedio lhes por elle a ſepult
Habito; exhortou-os ao amor de Deos,e proximo, á
vancia da regra,e mortificaçaõ da vida,e exercicios d
a virtude ſolida,e lançou-lhes a bençaõ com ſumma a
pedindo rogaſſem a Deos pela ſua alma. Quem ha de l
grimas contar aquellas,que choraraõ todos ouvindo t
lavras? Quem vio a deſpedida de algum juſto, quem l
ditoſo,que lhe aſſiſtio ao tranſito,julgue qual ſeria n
ſentimento: e quem nunca teve eſſa fortuna,quando a
conhecerá a magoa,e os effeitos de huma tal *deſpedi*
Calou-ſe Gonſalo, prenderaõ-lhe as vozes o amor,
nura,as ſaudades,que ſoltaraõ as lagrimas dos circumſt
porèm vendo que hum taõ juſto pranto deſafiava a ca
para o allivio,deſejoſo de expirar neſſe acto,ſem co
os imperios da morte,ou com privilegios da immort
deſembaraçado,alegre,e feſtivo,chamando-os com v
ra,e affecto de pay, abraçou com ternura a cada hum
pois de aſſim dar a paz a todos,intrepido,e quaſi abſo
trou a conſolallos, alegre punha em cada filho os olh
no pedia moderaſſem os ſuſpiros,rogava deſſem a De
ças pela ventura de ſe ver no caminho já da patria.
Foi tal o jubilo pronunciando iſto,que ficou intei
te elevado, transformou-ſe em luz a pallidez do roſt
daraõ todos que exhalara o eſpirito vendo-o já com l
de bemaventurado; acodiraõ á experiencia do pulſo

ó que ainda eſtava Gonſalo no mundo ſim, mas ſó já de aminho para Deos, com quem ſó eſtava fallando em hum ktaſi total,e altiſſimo. Acordou, paſſado muito tempo, da-uelle doce amplexo,e ſomno miſtico, qual outro Moyſes tó abrazado, taõ cheyo de luz,e taõ formoſo,que a ſua vi-a naõ ſó acabou o pranto, porque ſuſpendeo em cada hum jubilo, mas parece os deixou incapazes de outro, occu-ando-lhes o aſſombro o juizo.

Chegou em fim o ultimo inſtante de paſſar Gonſalo da ida á eternidade, conheceo que era chegada a hora,deo a odos alegre a noticia taõ feſtivo ſatisfeito, e abſorto, que em as ſombras da morte, que o hiaõ cobrindo, aſſuſtavaõ s luzes que eſtava recebendo. Diſſe a proteſtaçaõ da fé cõ oz clara, começou alegre os pſalmos da agonia, extendeo braço, e pedio a véla. Aſſim eſpera a morte com invicta onſtancia quem ſoube morrer cada inſtante na vida,e mor-endo guardou a innocencia.Levantou alegre os olhos pa-a o Ceo como quem media o caminho que havia de andar, errou-os logo com tanto ſocego, como ſe os fechaſſe para onciliar ſomno, deſorte que ſó na pallidez, que eſcondeo le repente aquella luz, conheceraõ que tinha acabado, por-que a flexibilidade, e brandura do corpo, perſuadiaõ que ſtava ainda vivo.

Eſte foi Gonſalo milagre daquelle ſeculo, gloria do ſeu Reyno, credito do mundo; pizou eſte, venceo á natureza, ugio á ventura,vaidade, e fama,ignorou a delicia,abraçou penitencia, ſobio ao monte da contemplaçaõ mais alta levado nas azas da innocencia, dalli ſe avizinhou ſem fadi-ga ao bem ſummo, e paſſou finalmente a gozallo.

Conreſpondeo a magoa, e ſentimento ao golpe no Con-ento, e na villa ao meſmo inſtante, os de caſa abraçados om o cadaver, os de fóra deſejando abraçar-ſe com elle. Naõ ſe explica o ſentimento, e o pranto,e os exceſſos que obrava no Convento, e igualmente em todos do povo. Foi precizo abrir logo a porta antes que a devoçaõ chegaſſe a

quebralla,ou a fazer maior damno á claufura: entrou o Clero,Nobreza,e povo, todos porèm com tal fadiga,e pranto, tal ancia de chegar a beijallo , que nem rogos, nem forças reprimiaõ o tumulto; foava em todo o Convento o triste ecco *morréo nosso pay*, *morreo o Santo*; ouvia-fe em toda a villa o mefmo, fem que o fexo, e moderaçaõ das peffoas recolhidas podeffe cohibir vozes altas, e lagrimas. A's portas, nas ruas, nas janelas bufcavaõ o defafogo todas, *morreo nosso pay* , *meftre*, *e amparo*, eraõ as vozes que permittia ouvir o pranto, ecco das que foavaõ do Convento: laftimofos theatros fem differença eraõ o Mofteiro, e a villa em hum chorava o amor, em outro o defamparo,e fe as lagrimas daquelle naõ conhecem termo , as defte naõ admittem allivio.

Rompeo em difcriçoés a piedade,huns naõ fe querendo já mais apartar delle,outros querendo reliquias da carne: os domefticos roubaraõ logo as vides (roubo lhe chamamos pela utilidade, materia preciofa por terem gofado fempre contacto de hum taõ Santo homem) os eftranhos cortaraõ-lhe o Habito, Tunica,e o mais até o cilicio. Entaõ crefceo com mais exceffo o pranto, vendo quanto fe martirifa hum jufto para o fer,e confervar illezo;entaõ chegou ao feu auge o culto,vendo quanto viveo mortificado o depofito daquelle grande efpirito, para o fer,e dar luz apertado. Intentaraõ alguns,movidos da piedade,feparar o cilicio da carne,deteve-lhe as maõs invifivelmente : o refpeito infeparavel da fantidade vieraõ os Religiofos com o mefmo intento; o amor, e compaixaõ cohibio o impulfo, porque apenas defataraõ o cilicio,viraõ q elle,e o corpo era o mefmo, já porque eftava intimamente unido , já porque o mefmo he fer jufto,que mortificado, contra a idèa commua do mundo: e vendo que,fó tirando a carne com elle, podiaõ gofar aquella prenda com impiedade,naõ fó defiftiraõ da empreza, mas prohibiraõ aos mais a oufadia,e cuidaraõ em veftir-lhe novo Habito , em quanto aos circunftantes cohibia o affombro, vendo quanto julga o Ceo cuftofo hum jufto quando o julga taõ facil o mundano. En-

Entre lagrimas, e assombro amortalhado,foi exposto lo-
na Igreja ao povo, por evitar a ruina do Convento com
piedoso indiscreto tumulto, e deixallo gozar dos que o
ó tinhaó visto. Foi exposto com guardas no cruzeiro, e
e foi o primeiro culto publico, huns clamaraó *Pay santo*
de Empireo, lembrai-vos de nós,e deste povo; outros em vós alta,
Gonsalo, rogai por nós a Deos, taõ compassivo como o fostes em
la em todo o tempo; huns beijavaó os pés, outros cortavaó
Habito,huns clamavaó admirando a formosura do rosto,
tros... mas para que me canço?por evitar devotas impie-
des, e tumultos, entre lagrimas de todos, e gemidos,fize-
ó-lhe as exequias os Religiosos: e como o povo clamava
e puzessem a Gonsalo onde pudessem gosar do seu tumu-
,às mercês que lhes fizera vivo,mandaraó abrir a cova no
esbiterio da Capella mór da Igreja, e acabadas mais com
grimas, que vozes, as exequias,levaraó á sepultura as san-
s reliquias daquelle thesouro das virtudes todas, o feliz
mpanheiro daquelle espirito, que no Ceo estava sendo
stejado: entregaraó finalmente á terra o deposito,que foi
quella alma,q os Anjos entregaraó á Trindade Santissima.
Desde que expirou S.Gonsalo,até que foi conduzido ao
mulo, esteve obrando prodigios em todos os enfermos,
ie chegaraó a tocallo com piedosos rogos, porèm sendo
taó os milagres tantos, nenhum vemos entre os authen-
os, só nos consta que foraó saós todos,os que entaó rec-
rrêraó a S. Gonsalo afflictos; ou esqueceraó por serem
inítos, e naó pôde a memoria conservallos,ou o tumulto,
confusaó dos devotos naó deo lugar para se fazerem au-
enticos, ou tambem se perderaó com os outros, que já
sta historia lamentamos.

Como Gonsalo assim exposto estava fazendo tantos be-
ficios, e com estes lembrando os passados, tanto que o
vo de hum, e outro sexo vio que lho queriaó esconder
Sepulchro, foraó taes as lagrimas, tantos os suspiros, os
imores, soluços, e desmaios, que foi preciso apressar as
exe-

ceremonias, e dispensar as menos precisas, temendo que a devoçaõ obrasse loucuras. Cobriraõ-o de terra com pressa, puzeraõ-lhe por firme guarda a campa, correo o povo ancioso a ella, cada hum com desejos de arrancalla, e vendo-lhe naõ valia a força, chegou ao ultimo auge a saudade, e a pena, querendo antes alli perder a vida, que apartar-se de Gonsalo com ella. Aqui foi o clamor, aqui o excesso, o perigo evidente no tumulto, a naõ ser este junto a Gonsalo; de sorte que o maior prodigio, que assentamos obrou enterrado, foi conservar a vida ao povo, sahirem illesos do conflicto. Já as vozes, que até agora o pranto consentia dissessem em publico os bens, que fizera Gonsalo, agora suffocadas de todo apenas se ouviaõ já por ecco dizer do coraçaõ *Pai Santo*, muitos delles apenas *S. Gonsalo*, os mais nem podiaõ dizer isso, só chorar, e gemer sobre o tumulo. Naõ póde a caridade de Gonsalo, vendo este grande amor lá desde o Empireo, cohibir os influxos, com que em todo o tempo soubera merecer-lhe este affecto, e culto; e para isso começou logo a campa dar saude aos que vinhaõ tocalla, porque naõ tiveraõ a fortuna de tocar a Gonsalo antes de entrar na cova. Consolou-se com os milagres o povo; notando que vivia Gonsalo para o que o appeteciaõ vivo; e tanto que acabaraõ os prodigios, porque faltaraõ enfermos, e aleijados, poderaõ com trabalho os Religiosos desoccupar a Igreja, e despedillos.

Foi o transito de S. Gonsalo aos quinze do mez de Outubro do anno de 1422. do nascimento de Christo; sendo Summo Pontifice Martinho V., Rey de Portugal D. João o I., Geral da Ordem o Reverendissimo P. M. Fr. Agostinho Romano. Convido-vos para logo ouvires lêr as appariçoẽs, e milagres do Santo.

FIM DA QUADRAGESIMA QUINTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 1760.
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVI.

OUvistes a vida, e preciosa morte de S. Gonsalo de Lagos, (disse o Ermitaõ) ouvi agora gostozos os seus admiraveis prodigios, que certissimamente sereis todos seus devotos: mas antes os ler em outro caderno, em que os tinha resumidos o :or da sua vida, acabemos de ler este, que só pôz em ıpo, e já contèm pouco: diz elle: Nada corre com is velocidade do que a fama do justo quando morreo: ıbe-se logo a morte de Gonsalo naõ só em Torres Ve-ıs, e seu termo, mas com admiraçaõ no Reyno todo, e todo concorreraõ a venerallo. Extranhos, e domesti-s lhe deraõ logo culto, aquelles com romarias, votos, issas, e offertas, estes venerando-lhe de sorte até as som-ıs, que ordenaraõ se fechasse a sua cella, e ninguem nel-:ntrasse, ou fizesse assistencia; assim esteve annos fecha-, e nisto ao culto, e veneraçaõ exposta, até que hum ligioso pouco considerado, parecendo-lhe isto culto su-fluo, que naõ cedia em honra, e gloria do Santo, mas ı em discommodo proprio, pedio a cella, e chegou a ɔitalla; porém (cazo raro, divina vingança) na primei-noite, que intentou dormir nella, lhe deo huma enfer-dade aguda, e ainda que logo conheceo a causa, cho-ı arrependido a ouzadia, e foi logo conduzido para ou-, em breve tempo acabou a vida. Cresceo a veneraçaõ ista do castigo, deputaraõ a cella para Oratorio: tanto

zela Deos o lugar, em que o justo se occúpou em o servir. Naõ havia em todo o Reyno enfermo, que naõ reccorresse a S. Gonsalo, já vindo pessoalmente visitallo ao sepulcro, já promettendo vir em outro tempo, já mandando buscar terra do sitio, onde o Santo estava enterrado, e de huns, e outros só tardava o remedio o tempo que gastavaõ em pedillo; em fim era tal o concurso, a multidaõ de milagres, e devoçaõ do povo, que logo no mesmo anno, em que morreo o Santo, lhe erigiraõ Confraria com licença do Ordinario, e feita por ordem do Senado, a qual se fazia no dia do seu transito, *que foi* (como disse) a 15. de Outubro: como porèm a multidaõ do povo, que neste, e mais dias concorria a venerallo, impedia o uzo do Presbiterio, onde estava o sepulcro do Santo, resolveraõ trasladallo para hum arco, que se fez da parte do Evangelho; alli o collocaraõ em hum caixaõ precioso com duas chaves para maior resguardo, huma das quaes tinha o Prior, outra o Sachristaõ mór do Convento. Foi esta trasladaçaõ feita no anno de 1492. á custa da sua Confraria, que sabemos constava só da *principal* Nobreza. No anno de 1495. estando no Algarve o Principe perfeito o Senhor Rey D. Joaõ II. teve noticia dos milagres de Saõ Gonsalo pelos mesmos, que os tinhaõ visto quando o visitavaõ cada anno, e movido aquelle animo piissimo de huma ardente devoçaõ ao Santo, escreveo ao Senado de Torres Vedras huma notavel carta de parabens por taes venturas, de que elle agradecido, e bem considerado fez logo em corpo de Camera juramento publico, de que tomavaõ perante Deos por seu Padroeiro, depois da Virgem nossa Senhora, a Saõ Gonsalo, com obrigaçaõ de ser Juiz perpetuo da Confraria, que já tinha o Santo, o vereador mais velho, e assistir ás vesperas Solemnes, e Missa da sua festa a 15. de Outubro todo o Senado. O original deste juramento se conserva em hum pergaminho antiquissimo no Cartorio do dito Con-
vento,

itõ, e nos livros da Camera o mesmo. Enganou-se em
ladar Saõ Gonsalo quem julgou desempedia assim o
sbiterio, porque os devotos, e necessitados buscavaõ
igar, onde estiveraõ os ossos, tirando a terra para si,
ara outros enfermos, de sorte que para evitar o dis-
nmodo foi necessario tirar do Presbiterio toda a terra
xima ao sepulcro do Santo, e mudalla em cestos para
ro sitio, e como a indiscriçaõ dos devotos toda a via
ır em pouco tempo, para que tivessem os romeiros o
ıedio prompto, e os avarentos pios algum impedimen-
mandaraõ fabricar hum meio tumulo de pedra, que
e parece barro, entaõ certamente obra mui pollida,
e a toda a luz a mais tosca, e nelle huma entrãda pe-
na, mas grande piscinia, por onde mettiaõ pernas os
os, braços os aleijados, e todos tiravaõ sem lezaõ os
nbros. Debaixo estava a terra, que tocou o Santo,
; o caminho para a tirarem era taõ pequeno, que sen-
o necessario para alcançarem alguma reliquia della,
ıedia a todos a avareza santa, com que cada hum de-
va levar toda. Padecia este antiquissimo Convento
sta segunda fundaçaõ em Torres Vedras, e fóra della
Mattacaens hoje Freguezia chamada por isso algum
o Mosteiro, certamente em toda a Europa o mais an-
)) graves inundaçoens cada anno; de que compade-
) o piissimo Rey D. Joaõ o III. pedio, e alcançou do
a Paulo III. indulto para se mudarem os Religiosos de
to Agostinho do Convento velho para o Hospital dos
aros no sitio mais alto dedicado a Santo André no
mo povo. Na Capella pois do Santo officiaraõ os Re-
osos em quanto se acabou a Igreja nova, e mais edifi-
, e para esta tal Capella trasladaraõ os ossos de S. Gon-
, e para ser com maior solemnidade deraõ conta ao
ebispo D. Fernando, o qual concedeo todas as Indul-
cias, que podia, aos que assistissem á trasladaçaõ das
uias, e que se dissesse Missa de todos os Santos nesse

em que foi acclamado o Senhor D. Joaõ IV, traslad
as reliquias de S. Gonsalo para hum arco, e nicho no
biterio da Epistola fechado com grades de ferro dou
e com tres cadeados, onde foi venerado com luzes
tos, offertas, e concurso dos póvos nestes dous sec
A perda do Rey D. Sebastiaõ em Africa; a sua mor
a de toda a Nobreza daquella villa na sua companhia
a causa de se extinguir a Confraria, e feira, a pobr
Convento dispensou a festa, o tempo consummio a
gem antiga, e só se conservou sempre huma de m
lêvo em a pedra, que no antigo Convento cobria a
que foi da sepultura, e a esta santa Imagem, ál
duas luzes cada dia á Missa Conventual, vi eu acc
quarenta cada anno no dia da sua festa, concorrendo
neralla toda a villa, está no mesmo arco, em que
as reliquias tapadas com cortinas, ornada com flore
cheiros, e velas. Até aqui o caderno da vida de S.
salo, que escreveo, e purificou o seu autor: agora
gundo, que intentava expender, e se intitula *Apon*

brinho do Santo cheio de feridas em todo o corpo ad-
iridas nos rochedos, aonde tantas vezes o arrojaraõ as
das, e já com forças quasi extinctas, gritou por seu tio
Gonsalo dizendo: *Tio santo valei-me*; appareceo-lhe el-
na praia, e disse-lhe tivesse animo, e viesse para a ter-
; entaõ replicou o sobrinho dizendo que estava taõ fe-
lo, e debilitado, que nem se podia já sustentar nas
uas: caminhou entaõ o Santo por ellas, tirou-o pelos
belos de entre as ondas, e o pôs na praia livre dellas,
zendo-lhe: *Vai logo visitar o meu sepulcro a Torres Vedras,
lá ficarás saõ das feridas: já que me naõ visitaste quando eu
i vivo, agora visita o meu tumulo*: animado, e fortaleci-
› com a voz do Santo caminhou o sobrinho novo Job,
ı Lazaro, o dilatado espaço de sincoenta legoas, en-
›u na Igreja clamando por seu tio S. Gonsalo, pasma-
› os Religiosos, e o povo de verem o miseravel estado,
ı que vinha chagado, e ferido, prostrou-se junto ao se-
lcro do tio, e alli dormio aquella noite com o maior
cego, e quando acordou pela manhaã nem sinaes de fe-
las, ou chagas vio no corpo; clamou alegre dando gra-
s ao tio, acodiraõ os Religiosos, e o povo, e auten-
:ou-se o prodigio. No anno de 1508. sahio de Lagos
ıma caravela com muita gente, mas perseguida logo de
ıma tempestade conheceraõ todos que hiaõ a pique,
nbraraõ-se do seu patricio santo, e milagre, que obra-
no sobrinho, clamaraõ todos por S. Gonsalo, appare-
o-lhes elle logo sobre as ondas junto á caravela com hum
jádo na maõ, e disse-lhe em voz alta: *Tenhaõ animo, cla-
m por nossa Senhora da Graça*, e apenas o disse ficou o mar
reniſſimo sem o menor signal de ondas, nem vento; per-
ıntaraõ lhe quem era, porque o Habito Augustiniano,
ıdo o primeiro que vestiraõ os naturaes daquelle excel-
ıte Reyno quando S. Guilherme Duque de Aquitania
mesma Ordem Sagrada fundou tres legoas fóra de La-
s o Convento da Mechilhoeira, de que só existe huma
Io

Imagem do Santo; que prodigiosamente apparece
huma lagôa vizinha, respondeo que era Fr. Gon
Prior que fora do Convento de nossa Senhora da (
de Torres Vedras, que fossem á dita Villa visitar
corpo, e dar-lhe graças pelo beneficio, que lhes fi
e a que Deos o mandara; apenas o invocaraő en
ondas. Vieraő com effeito todos logo, e authenti
tambem logo o prodigio. No anno de 1551. no Co
to de nossa Senhora da Graça de Lisboa assistia o V
vel Padre Fr. Alvaro Monteiro com mais de 80.
de idade, extraordinariamente achacado de gotta
da Conceiçaő lhe deo tal accidente della, que naő
levantar-se da cama, e como o dia era solemnissimo
ta a familia do Convento, e os enfermeiros naő
recado, ninguem notou no Coro, e Refeitorio
do veneravel velho; e como naő teve quem lhe ab
janela, que da noite antecedente estava fechada,
ás escuras todo o dia, e noite seguinte, excepto
po, que durou o milagre: era meia noite, e o V
vel Fr. Alvaro nem gemer podia já desfalecido po
de alimento, e vehemencia das dores, mas quando
afflicto se considerava vio a cella cheia de huma luz
rana, e nella dous Religiosos seus, que conhece
pelos ter visto pintados no Convento, hum era o
Joaő de Estremôs, cujas reliquias se veneraő no C
to de Penafirme, e outro S. Gonsalo de Lagos;
consolaraő o enfermo, ambos lhe disseraő os seus r
e a que vinhaő, extenderaő-lhe sobre a cama hum
lha, puzeraő-lhe hum paő, e sinco pecegos sobr
e o veneravel enfermo alegre com tal visita comeo
e recobrou extraordinaria força; levantada a mez
gou o Beato Joaő no braço do enfermo, em que p
a gotta, e o presentou a S. Gonsalo para que o be
o que elle fez, e ficou sem inchaçaő, nem dor no
instante; porèm ambos quando o abraçaraő ao de

lhe advertiraõ que cedo seria seu companheiro no Ceo; que brevemente se verificou, porque o Veneravel Frey lvaro com todos os signaes de santidade acabou dahi a ezasete dias em dia de Natal. No anno de 1569 entrou a Villa de Torres Vedras a péste; e hum Cavalheiro deoto de S. Gonsalo foi com toda a sua familia para huma uinta para evitar a morte: porèm chegando já ella ás izinhanças, intentou mudar-se para huma aldeia; nesta soluçaõ estava com o fato preparado para a jornada na anhaã seguinte, quando no melhor somno dessa noite io entrar na sua camera S. Gonsalo de Lagos muito resplandecente, o qual festivo, e alegre lhe disse: *Para que quietas a tua caza com outra mudança? Tua mulher tem por adgado a S. Nicoláo de Tolentino, tua mãy a S. Sebastiaõ, e tu a im; socega, que nós te livraremos*: deixou-se ficar o devo na Quinta, e ardendo toda a vizinhança em péste, foi enta a sua caza por milagre, que elle publicou, e a viiõ sempre, chama-se Joaõ de França de Brito de que nda ha illustres descendentes no termo, que conservaõ a familia a memoria do cazo, e de que a caza da Quin, em que appareceo o Santo, lha dedicaraõ para o seu ilto, e servirá de Oratorio até se arruinar o edificio. Na esma Villa Maria Serraõ Borges illustre, e grande bemitora do Convento do Santo, como ainda o testimunha excellente altar de nossa Senhora do Amparo, onde llocou a Imagem do seu Oratorio, tinha em Lisboa ima demanda de grande importancia com parte poderoa, e quasi que á revelia, porque o seu estado, e annos e impediaõ a assistencia fóra da sua caza, e os procuraires temiaõ a ira, e valimento do contendor: fiava-se la em S. Gonsalo de Lagos, de quem era devotissima; e ima noite, quando dormia mais socegada, lhe appareo o Santo com hum papel na maõ, e muito alegre lhe sse: *Eis-aqui a sentença da tua causa, que agora sahio a teu vor*: acordou a devota, e assentou que era sonho causa-

do

do da fé, com que antes de recolher-ſe, encommendou ao Santo o ſeu negocio, e elle na noite ſeguinte lhe tornou a apparecer, dizendo-lhe o meſmo: e como ella ſegunda vez julgou que era ſonho, na terceira noite a reprehendeo aſperamente de incredula; e ella, depois de pedir ao Santo perdaõ deſta culpa, deo para o ſeu ſepulchro, e culto huma grande eſmola, chegando-lhe logo de Lisboa a noticia de que tivera milagrozamente a ſeu favor a Sentença no dia, que ſe ſeguio á appariçaõ primeira, ſignal de que apenas a lançou o Juiz, lhe deo o Santo a noticia. Seguem-ſe a eſtas appariçoẽs os milagres autenticos todos admiraveis, e muitos. O primeiro he Joaõ Annes morador no termo de Lisboa entrevado, e com tremores continuos, e terriveis no corpo todo: veio por elle ſua mulher viſitar o ſepulchro do Santo, e delle levou a pequena reliquia de terra do Presbiterio, em que eſteve enterrado: apenas chegou a caza a deu a beber ao marido, e no meſmo inſtante, em que a engolio, ficou totalmente ſaõ. Logo vos contarei maiores prodigios, que ſe contém neſte caderno.

F I M.

DA QUADRAGESIMA SEXTA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVII.

D Segundo milagre autentico de S. Gonfalo de Lagos (diffe o Ermitaõ) he em Affonfo Annes, morador na Seiceira, o qual havia hum anno que padecia ce-ẽs: prometteo hir vifitar o Santo, lançou ao pefcoço ıma bolfinha com a terra do feu fepulcro, que lhe deo a ılher de Joaõ Annes: e para mais obrigar o Santo antes receber o beneficio em dia de cezaõ fe pôs a caminho ra Torres-Vedras, e nem teve cezaõ neffe dia, nem ou- ı alguma. Maria Rodrigues de Lisboa, moradora na Car- ira dos Cavalleiros, havia anno e meyo que eftava tolhi- , e fó fe movia com as maõs, e joelhos pelo chaõ: invo- u o Santo, lançou ao pefcoço reliquia do feu fepulcro, e mefmo inftante fe levantou faã totalmente. Foraõ au- nticados eftes tres prodigios a 23 de Julho de 1489. uarto; Joaõ Gonfalves, morador na villa de Póvos, pa- ceo hum anno colicas, e dôr de pedra: invocou o San- , adormeceo, e acordou fem moleftia alguma; autenti- a 2 de Junho de 1490. Quinto; Magdalena Luiz, mu- er de Diogo Lopes, moradora em Veiros, de hum fo- èparto ficou tolhida da cintura para baixo, e com hum onftruofo inchaço em hum peito, que lhe paffava por fi- ı do hombro até a efpadoa: prometteo por ella hum ir- ıõ feu levalla á fepultura do Santo, e dar-lhe huma ef- ola; e no mefmo inftante fe fumio o inchaço, e fe levan- u com faude perfeita; autentico a 7 de Julho do mefmo

anno de 1490. Sexto; Pedro de S. Tiago, homem re
morador na Azambuja, cegou de hum horrivel del
corrosivo, que lhe cahio nos olhos: prometteo visi
Santo, e fez que o levassem logo: apenas entrou na Ig
vio, e melhor, do que na sua mocidade; autentico a
Novembro do mesmo anno. Septimo; Leonor Fern
casada, moradora em Alda-Galega, tolhida totalm
muitos mezes: foi conduzida por seu marido ao sep
do Santo, onde adormeceo, e acordou saã, mando
cantar Missa, e foi autentico a 28 de Septembro de
Oitavo; Catharina Lopes, moradora na Cravoeira,
ceo na maõ esquerda hum apostema horrivel, que lh
negra a maõ, e braço todo com intensissimas dores,
mettimentos ao coraçaõ, e cerebro, deixada de Cirur
e Medicos veyo ao sepulcro do Santo, e querendo
a maõ pelo buraco do sepulcro, era tal a inchaçaõ
naõ cabia, mas sentio que de dentro lhe puxavaõ,
entrou a maõ, e braço, que tirou saõ, branco sem
çaõ, nem sombra da molestia passada, e para melho
publico o beneficio, se pôs a fiar no adro da Igreja;
concorreo todo o pôvo, como costumava todas as
que na villa se ouvia a voz: *Milagre de S. Gonsalo*; foi
ticado a 16 de Outubro de 1489. Nono; Affonso Pir
rador no Ameixial, carpinteiro carregado com hum
de excessivo pezo quebrou por ambas as vrilhas de
que lhe desceraõ as tripas até os joelhos, e desconfi
sua vida todos: fez que o levassem ao sepulcro do S
de repente apenas chegou subiraõ as tripas, e sold
roturas, que nunca mais se abriraõ; autentico a 18
vembro de 1489. Decimo; huma menina filha de
Gonsalves, morador em Torres-Vedras, esteve no
sem fallar nem comer julgada dos Medicos por mor
rèm levando-a ao sepulcro do Santo a Ama, que a
e lançando-lhe terra delle sobre o rosto, fallou, rio,
bebeo, e ficou sem sombras de lesaõ; autentico aos

vembro de 1489. Undecimo; Leonor Rodrigues mora-
a em Torres-Vedras expirando de hum fluxo de san-
continuo ficou saã, como se nunca tivesse padecido
lestia alguma, tanto que lhe lançaraõ sobre o rosto ter-
lo sepulcro do Santo; autentico aos 13 de Dezembro de
9. Duodecimo; Diogo Fernandes, natural de Torres-
dras, morador em Castella lhe naceo no dedo pollegar
pé esquerdo huma excreçaõ, a que chamaõ esponja,
espongia com horriveis dores: invocou nossa Senhora
Luz do lugar de Carnide em Portugal, promettendo-lhe
n pé de cera, e logo cessaraõ as dores, porèm esquecido
beneficio se deteve em Castella quatorze annos, e vindo
ortugal passou pelo lugar onde estava a Sagrada Imagem
Senhora sem a visitar, nem pagar-lhe o voto, chegou a
casa, e no mesmo instante lhe déraõ na esponja taes do-
, que se despedaçava: compadecidos os vizinhos, e pa-
tes o levaraõ assim ao sepulcro de S. Gonsalo de Lagos,
lo metteraõ o pé pelo buraco da pedra, que cobria a ter-
lelle, e no mesmo instante cessaraõ as dores, e se sumio
nte totalmente a excreçaõ, ficando o signal della, e do
agre; authentico no mesmo dia, mez, e anno, em que
oito precedente. Decimoterceiro; Filippa, de tres para
atro annos, filha de Affonso Pires, e de Catharina An-
s; moradores na Fonte Santa, termo de Lisboa com pa-
rlisia na boca, e meyo corpo, foi offerecida por seus pays
S. Gonsalo de Lagos, e no mesmo instante ficou boa, pe-
que a levaraõ a Torres-Vedras, e lhe mandaraõ cantar
ma Missa; authentico a 4 de Mayo de 1491. Decimo-
arto; Fernando, morador em Rio mayor, estando hum
mingo de madrugada moendo trigo em hum moinho
astradamente cahio no lugar do rodizio, o qual o des-
lou com tal violencia, que lhe quebrou ambas as pernas,
ocou hum braço, e maltratou de sorte todo o corpo,
tinha todos os signaes de morto; acodiraõ os domesti-
, e vendo este horrendo espectaculo, clamaraõ por Con-

 fessor

ió na sua Cronica, e vida do Santo a folhas 289. ver-
rimeiro he succedido no sacristaõ mór do Convento
rres-Vedras o Padre Fr. André Toscano, o qual in-
do ajustar os armadores para ornarem a Igreja na an-
era da festa de S. Gonsalo de Lagos subio por huma
alta a pregar hum panno no mais alto do arco da
a mór, donde cahio com a cabeça para baixo, e ba-
m ella no sepulcro do Santo, onde devendo pela na-
tural despedaçalla na pedra, no mesmo instante se le-
alegre sem lesaõ alguma, subio logo a escada, e con-
em armar a Igreja. No anno de 1558 estando em
-Vedras D. Joanna de Goes, que depois foi aya do
D. Sebastiaõ, e padecendo em hum peito a terrivel
ia de hum cancro, se foi encostar sobre o sepulcro de
nsalo, e apenas acabou de lhe pedir remedio, se su-
cancro sem deixar signal. No anno de 1576, em que
a peste em Torres-Vedras, e se ateou fortemente,
rreo pessoa alguma, que trazia comsigo terra do se-
do S. Gonsalo. No anno de 1758 Joaõ de França de
grande devoto do Santo, de que já fallamos, chegou
oa, e achou na sua casa em Torres-Vedras hum es-
expirando, e com a sentença horrivel do Medico de
tinha instantes de vida, lançou-lhe ao pescoço huma
a de terra da sepultura de S. Gonsalo, e prometteo
lhe desse vida, o mandaria trabalhar trinta dias nas
lo Convento novo, apenas acabou de proferir o vo-
io o escravo os olhos, sentou-se na cama, pedio os
s, dizendo queria ir trabalhar nas obras dos Religio-
Santo Agostinho; neste tempo arrebentou dentro
postema, que o matava, e foi cumprir o voto, que
hor fizera. No anno de 1579 o mesmo Joaõ de Fran-
ou a reliquia do Santo ao pescoço de hum enfermo,
ava expirando de vomitos de sangue, o qual parou
o enfermo convalesceo. No mesmo anno, o mesmo
França de Brito padeceo em huma perna hum apo-
stema,

[illegible]
accender o rolo, e que no mesmo instante, em que
cendeo arrebentou por si o apostema com pasmo do
giaõ, e de todos os assistentes, e sarou o enfermo
dias. No anno de 1583 morriaõ innumeraveis crian
bexigas em Torres-Vedras, entre ellas huma
Agostinho Lopes, a quem ficou outro com ellas cami
do para a morte, e huma menina, que temiaõ pa
communicou esto a Joaõ de França de Britto a sua
çolaçaõ, e elle lhe aconselhou fosse logo ao Conve
N. Senhora da Graça, pedisse ao P. Sacristaõ mór
sepulcro de S. Gonsalo, e a lançasse ao pescoço dos
lhos, que tinha vivos, porque lhe dava a sua palavra
me do Santo, que nenhum delles havia de ter perigo
o fez Agostinho Lopes, e apenas a lançou ao pesco
menino doente, pedio logo comer, e logo melhorou
menina naõ teve bexigas. Reparo (perdoai-me in
per liçaõ taõ excellente, disse o Filosofo) como m
tantas crianças de bexigas em Torres-Vedras tendo
[illegible]

vendo que o Convento velho, onde foi Prior, e morreo S. Gonsalo, padecia inundações todo o Inverno, o communicou ao Rey, o qual com licença do Papa Paulo III., como já ouvistes, lhe fez doação do hospital de S. Lazaro para fundação do Convento novo no anno de 1544, e o Veneravel Padre Fr. Francisco de Villa-franca tambem Reformador dos mesmos Religiosos, e Confessor da Rainha D. Catharina deo logo a execução a mercê: porèm como os moradores de Torres-Vedras comiaõ as rendas do hospital, que sendo hoje as mesmas, naõ sustentaõ hum homem, e naquelle tempo eraõ as minas dos que andavaõ no governo: foi tal o odio, que tomaraõ aos Religiosos, taes as injurias, perseguições, e vilezas, que lhes fizeraõ a fim de que deixassem a fundaçaõ, que foi necessario acodir o Rey; e, morto elle, continuaraõ de sorte os effeitos do odio, que lhes acodio a Rainha D. Catharina, e a Infante D. Maria; escrevendo á Camera cartas taõ vergonhosas, que por vergonha as calaõ os seus Cronistas, paraque se naõ saiba o que obraraõ tantos annos os moradores de Torres-Vedras contra huma Religiaõ taõ santa, e esclarecida, a quem deviaõ na vida, e morte todo o bem espiritual, e onde tinhaõ em S. Gonsalo de Lagos o seu universal remedio. Agora conhecereis a razaõ do vosso reparo. Era tal o odio, que muitos dos moradores de Torres-Vedras tinhaõ aos Religiosos de Santo Agostinho, porque o Papa, e o Rey lhe deraõ aquella fatia de paõ do hospital de S. Lazaro, que, por naõ hirem ao Convento pedir terra do sepulcro do Santo, ou tiralla, se deixaraõ morrer de peste, bexigas, e todas as enfermidades em trinta annos, que durou o odio, como refere o Mestre Purificaçaõ na segunda parte da sua Cronica desde folhas 182 atè o fim da seguinte. D. Leonor (diz mais o caderno) de Menezes, filha do Conde de Monsanto, senhora de Villa-verde, mulher de Gonsalo de Albuquerque, e mãy do grande Affonso de Albuquerque Conquistador da India Oriental, havia muitos a[illegible]

nos que era totalmente surda; porém sabendo as maravilhas, que Deos obrava pelos merecimentos de S. Gonsalo de Lagos, veyo de Lisboa a Torres-Vedras fazer huma novena de deprecaçoēs no sepulcro do Santo. Logo nó primeiro dia della, depois de orar, lançou nos ouvidos terra da sepultura, que lhe déraõ os Religiosos, e no mesmo instante ouvio perfeitissimamente; pelo que mandou cantar Missa ao Santo, acabou a novena com summo gosto, deixou huma grande esmola ao Convento, e de Lisboa mandou á sua Confraria quatro castiçaes primorosos de bronze para o sepulcro com vellas que nelle ardessem muito tempo. O devotissimo Joaõ de França de Britto foi com varios criados seus cassar á lagôa proxima ao Convento de Penafirme dos Religiosos de Santo Agostinho, legua e meya fóra de Torres-Vedras para a parte do mar, e estando encostado a huma parede perto de lagôa, se levantou huma adem da outra parte proxima ao lugar, onde estava hum criado com hum esmirilhaõ com duas cargas de muniçaõ grossa, a que chamaõ perdigotos, e absorto no emprego do tiro, disparou por linha recta ao amo, que sentio entrar-lhe a muniçaõ pelos peitos; ficou sem falla, e o criado correo ao Convento a pedir Confessor, veyo o Prelado, e Religiosos, pegaraõ-lhe, e fallou, viraõ-lhe o corpo, acharaõ-o sem lesaõ, mas na parede, que até entaõ cobrira com as costas, acharaõ sete perdigotos amassados; e pasmando todos á vista do caso, respondeo elle: *Como esses perdigotos passaraõ pelo meu corpo, e foraõ amassar na parede totalmente ignoro: só sey que trago comigo a reliquia de S. Gonsalo de Lagos, e que me encommendei de todo coraçaõ a elle quando vi disparar, e a morte infallivel diante dos olhos.* Vinde logo ouvir milagres modernos.

FIM DA QUADRAGESIMASETIMA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.
Anno de 176[illegible].
Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLVIII.

ACabemos (disse o Ermitaõ) este caderno dos milagres do insigne Taumaturgo do Algarve, e da nossa feliz monarquia. Duas filhas do grande devoto Joaõ de França de Brito compadescidas de huma visinha chamada Maria Fernandes, que padecia horrorosas terçans havia muito tempo, lhe aconcelaraõ visitasse o Sepulcro de S. Gonsalo de Lagos, offerecendo-se por fiadoras do milagre, foy a enferma á Igre- de nossa Senhora da Graça, e encontrando logo o Padre Sachristaõ mór, lhe pedio terra do Sepulcro do San-, e no mesmo instante em que a recebeo, se sentio sãa otalmente. Dous homens, e huma mulher visinhos de Lisboa, foraõ dar graças a S. Gonsalo, pela saude, que elle milagrosamente tinhaõ recebido, hum padecia achaue incognito no estomago, e tremores continuos em toos os membros, o outro febre continua, e a mulher havia ezoito mezes, que estava entrevada, e todos perfeitamente se viraõ saõs, tanto que invocaraõ o Santo, e lanaraõ ao pescoço a terra do seu Sepulcro. Aos 15 de Oubro dia do feliz transito de S. Gonsalo, e da sua festa no nno de 1634. na Cidade de Lisboa se atravessou na garanta de huma enferma debilitada hum osso de galinha ue estava comendo, com o que se pôs em estado de exirar, applicaraõ-lhe huma reliquia de S. Braz, e contiucu a afflicçaõ como antes, chamaraõ para a confessar o

Padre Mestre Fr. Antonio da Purificaçaõ Chronist
Eremitas de Santo Agostinho, que refere o cazo, e
maraõ Cirurgiaõ para tirar o osso, fez este o seu off
mas sem outro algum effeito mais do que padecer a e
ma nas operaçoẽs o mais cruel martyrio; o que ven
sobredito Religioso lhe contou alguns dôs muitos p
gios, que S. Gonsalo de Lagos fazia quotidianan
aos seus devotos, com o que movida a enferma, e toc
circunstantes prometteraõ juntamente com o Padre
Missa offertada a S. Gonsalo, se livrasse a enferma d
rigo; e apenas fizeraõ o voto, desceo o osso, clamou
ferma alegre por S.Gonsalo, ficou livre de todo o pe
e damno, mandou logo satisfazer o que tinha promet
remettendo ao Convento de Torres-Vedras a esmol
ra a Missa, e offerta para ella. No mesmo anno a 27 d
vembro foi o mesmo autor Fr. Antonio da Purific
chamado para confessar huma senhora de Lisboa ch
da Custodia de Almeida, que por instantes expirav
camaras, e dores taõ rebeldes, que nunca cederaõ a r
dio algum natural; contou-lhe o Confessor *alguns*
gres de S. Gonsalo, e disse-lhe que se encommendas
Santo de todo o coraçaõ, o que ella fez, e acabada a
çaõ, cessaraõ as dores, e camaras, que tudo era conti
deteve-se o Confessor para mais se capacitar do prod
e vendo que a enferma estava perfeitamente boa,
dou a dar graças ao Santo, e elles tiveraõ o cuidad
mandar a Torres-Vedras buscar terra do seu sepulcr
ra terem remedio prompto em qualquer perigo. N
seguinte 28 de Novembro do mesmo anno de 163
mesma cidade de Lisboa D. Filippa de Lancastro,
de D. Joaõ Lobo Baraõ de Alvito estando perigosan
enferma invocou S. Gonsalo de Lagos, promettend
huma Missa com offerta de cera para o seu sepulcro
lhorou logo; mas vendo-se livre naõ cumprio a pron
ao que se seguio adoecer outra vez com igual perig
com

conhecer a sua ingratidaõ, e descuido, que logo remedeou com o arrependimento, e pressa, com que satisfez o voto, a que o Santo correspondeo dando-lhe perfeita, e constante saude logo. No anno seguinte de 1635. estando proxima ao parto D. Maria de Lencastro, filha do sobredito Baraõ de Alvito, mulher de D. Alvaro de Abranches. e temendo nelle o que em todos lhe succedia, porque chegava aos artigos da morte, advertida de sua irmã D. Filippa, fez outro similhante voto ao Santo, que tomou por seu advogado, e chegada a hora, pario sem dores (como ella confessou) hum menino muito maior do que todos costumaõ nascer. Ninguem se admire (diz o autor) porque desde o anno de 1742. sou eu testimunha de que todas as mulheres pejadas de Torres-Vedras, e seu termo, que tocaraõ os ventres com o véo do tumulo de S. Gonsalo, pariraõ sem dores felizmente, e naõ tem numero os prodigios, que lhe vi obrar em partos publicos, occultos, perigosos, e em toda a sorte de enfermos, que todos podem contar, porque estaõ vivos. Quando se mudaraõ os Religiosos de Santo Agostinho do Convento velho da Varge para o novo do Hospital de S. Lazaro no anno de 1559. entre muitos, e graves descuidos foi o maior deixarem nas ruinas do Convento, e Igreja antiga a veneravel pedra, que cobria a terra do sepulcro de S. Gonsalo, e debaixo della toda a terra, que tinha obrado innumeraveis prodigios dos quaes temos referido muitos. O mais he que neste sitio esteve até o anno de 1570, em que passou por Torres-Vedras o Excellentissimo, e Reverendissimo D. Fr. Gaspar Caõ da mesma Ordem Bispo eleito de S. Thomé, o qual visitando o sepulcro, e Imagem de S. Gonsalo, procurou pelo tumulo de pedra, que tinha visto em outro tempo no lugar sobredito com a Imagem do Santo de relevo, e o letreiro: *Esta sepultura he do Bemaventurado Fr. Gonçalo de Lagos: feita no anno do Senhor de* 1518, e dizendo-lhe que estava nas ruinas do Convento velho, onde

era visitada dos Fieis, e obrava prodigios nos enfermos, a foi visitar elle com toda a sua familia, e vendo a indecencia, com que estava, se resolveo a conduzilla elle mesmo com os seus commensaes em seus hombros para o Convento novo. Havia entaõ péste no Reyno, e hum familiar seu chamado Pedro Caõ chegou a Torres-Vedras ferido della com o inchaço na vrilha, e febre, que era o principio daquelle contagio, e temendo, que o Bispo o lançasse logo fóra, se deitou na cama occultando o que tinha, como porem elle ordenou que toda a familia o acompanhasse para a conducçaõ da pedra, levantou-se o ferido para melhor encobrir o contagio, fingindo, que a febre se tinha despedido, e que fora só effeito do cançasso, e abalo do caminho, e quando todos puzeraõ a pedra aos hombros chegou elle tambem para ajudalos, e como S. Gonsalo costumava obrar prodigios ainda nos que naõ tinhaõ fé para merecer-lhos, apenas tocou a pedra, que cobrira a terra do seu sepulcro, e fora tantos annos publica, e maravilhosa piscina, sentio interiormente tantas forças, que sendo o seu animo fingir só que os ajudava, facilmente foi o que para a conduzir exercitou mais força, de que admirado acodio ao pulso, que achou sem febre, apalpou o inchaço, e vio que nem signal tinha delle, em fim conheceo o milagre, e o publicou logo em altas vozes, contando o que tinha encoberto, e o que naquelle instante lhe havia succedido, o Bispo ordenou se authenticasse o prodigio logo, e entre outros innumeraveis se perdeo o instrumento. No anno de 1500. mandou a camera de Lagos pedir ao Prior, Religiosos, e Senado de Torres-Vedras huma reliquia de S. Gonsalo, a qual se lhe mandou no mesmo relicario de prata que tinha vindo para isso acompanhada de Sacerdotes, que em todo o dilatado caminho de Torres até Lagos naõ despiraõ as sobrepelizes, a collocavaõ em altares portateis nas estalagens, rezavaõ diante della o Officio Divino, e pelo caminho para maior

culto,

culto, e decencia hiaõ psalmeando, em Lagos foi recebida pelo Clero, Senado, Nobreza, e povo todo com arcos triumphaes, altares pelas ruas, danças, perfumes, luzes, e repiques caprichando nas festas deste dia, e dos oito seguintes os mareantes naõ só de Lagos, mas de todo o Reyno do Algarve, porque o Santo era filho, neto, bisneto, terceiro neto, sobrinho, tio, primo, e parente de mareantes, e toda a sua ascendencia, e parentela era com elles, os quaes o tomaraõ por advogado, e por isso, e pelo que ja disse fez a seu sobrinho mareante, e aos que se hiaõ submergindo na caravela, o pintaraõ sempre com huma na maõ, ou hum Navio. Collocáraõ a reliquia na Igreja dos mareantes dedicada ao Corpo Santo, onde se conservou sempre com festas, e culto publico de Padroeiro, e quando se renovou a Igreja Matriz de Lagos se deputou hum altar para o Santo. Deraõ esta Igreja depois aos Religiosos de S. Joaõ de Deos, e o Védor Geral levou a reliquia para o seu Oratorio, porque tinha em caza hum enfermo de perigo, e costumavaõ dala para obrar prodigios, quando eraõ desta jerarquia os enfermos, daqui a levou para a Matriz o Prior della, e a tinha no altar mór todo o anno exposta junto ao Sacrario, recolhendose ao lugar dos vazos Sagrados nos dias em que naõ devem estar expostas reliquias de Santos. Em todos estes lugares foi sempre adorada, e venerada do Clero, Nobreza, povo, e com muitas especialidades pelos Generaes, e Governadores daquelle Reyno, que todos a pediaõ repetidas vezes para a beijarem, entre os quaes o Illustrissimo Excellentissimo Conde de Unhaõ que foi muitos annos General do Algarve, e sempre assistio em Lagos, e era devotissimo do Santo, naõ só a visitava na Igreja, mas a mandava buscar para o seu Oratorio todas as vezes que estava enfermo, ou alguem da sua familia, experimentando sempre o beneficio da melhora, como todos os mais que se valiaõ della. No horrivel terremoto do primeiro

de

de Novembro de 1755. eſtava a ſanta reliquia fechada no lugar ſobredito, e ficou debaixo do entulho de todo o edificio, paſſado o primeiro terror, e ſuſto clamou o povo de Lagos, Clero, e Nobreza pela reliquia de ſeu patricio, e natural S. Gonſalo, ſeu amparo, e quotidiano remedio, e com effeito a buſcaraõ logo, porèm como he incrivel a maquina de entulho, que ſe acha ſobre o ſitio, em que ella eſtava, deſiſtiraõ da empreza, eſperando para iſſo o tempo da reedificaçaõ da Igreja. Exiſtem em Lagos os alicerces, e pedaços das cazas dos pais de S. Gonſalo, onde elle naſceo, e ſe criou até que *veio para* Lisboa, como diſſe na ſua vida; e com tal veneraçaõ naquelle devoto povo, que nunca ſe attreveo ninguem a edificar habitaçaõ propria no tal ſitio, nem a profanar as ruinas do edificio com outro uzo, antes eſperavaõ tempo, em que nelle ſe edifique Igreja dedicada ao Santo, como em Lisboa ſe fez a Santo Antonio nas cazas, em que fora naſcido, e creado. No tempo da péſte ſe queimou o cartorio da camera de Lagos, e com elle os *inſtrumentos* authenticos de muitos prodigios do *Santo obrados* na ſua patria, a memoria dos parabens, que o Senhor Rey D. Joaõ II. mandou dar por hum Gentil-homem da ſua camera á dita Cidade, por ſer patria de hum taõ grande Santo, o diario das feſtas, e diſpendios, que o Senado fez na conducçaõ da reliquia de Torres-Vedras até Lagos, recebimento, e collocaçaõ della; aſſim como em Torres-Vedras ſe perdeo em huma innundaçaõ com todo o cartorio da camera a copia da carta de parabens que o meſmo Rey D. Joaõ o II. mandou ao Senado, Nobreza, e Povo da dita villa por gozarem o corpo de S. *Gonſalo*, eſcritta em Alvor, onde falleceo: muitas deſtas couzas ignorou inculpavelmente o grande Chroniſta, e devoto do Santo Fr. Antonio da Purificaçaõ; porèm eu, que as ouvi a homens decrepitos em Lagos, naõ poſſo deixalas em ſilencio. Naõ ſó o Principe perfeito, e Rey D. Joaõ

o II.,

II., e muitos Principes defte Reyno foraõ devotiffimos de S. Gonfalo de Lagos, mas os Arcebifpos de Lisboa, em cuja Diecefe eftá o Corpo do Santo, ferviaõ de exemplares para todos o ferem; porque o Senhor D. Fernando no Alvará, em que concedeo licença para a fua fegunda trasladaçaõ, diz eftas palavras: = Nos pediraõ licença para mudar o corpo de S. Gonfalo de Lagos da Igreja velha para a Igreja de Santo André... = Concedemos todos os perdoẽs, que em direito podemos, a todos os que fe acharem prefentes quando fe mudar o corpo do Bemaventurado S. Gonfalo de Lagos, como dito he, e fe dirá Miffa em louvor de S. Gonfalo &c. O Senhor D. Miguel de Caftro feu fucceffor no Arcebifpado vifitava o fepulcro do Santo muitas vezes cada anno, em todas as vifitas lhe deixava muitas tochas para arderem nelle. No anno de 1641, que faõ dezafeis annos depois da publicaçaõ dos Decretos do Santiffimo Padre Urbano VIII., foi vifitar o fepulcro de S. Gonfalo de Lagos o Excellentiffimo Reverendiffimo Arcebifpo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, e conftando-lhe que a Confraria do Santo eftava extincta defde a perda, e morte do Rey D. Sebaftiaõ em Africa, por ficar Torres-Vedras, como todo o Reyno, fem gente, fem cabedaes, fem confolaçaõ, fó povoado de viuvas, gemidos, e defamparos, eftranhou muito o Excellentiffimo Arcebifpo o defcuido dos Religiofos em a deixarem perder de todo; e defte fentimento foi teftimunha o mefmo Chronifta, que o deixou efcritto; e eu alcancei naquelle povo peffoas velhas, que neffe tempo tinhaõ pouca idade, mas ja tinhaõ a que baftava para fe lembrarem das muitas luzes, que fe accenderaõ no fepulcro do Santo quando a elle veio orar o Arcebifpo; e de feus pais ouviraõ fempre o muito que elle diffe na Igreja, fentia a falta da Confraria, e que eftava prompto para que erigiffem outra nova; o que entaõ naõ fizeraõ por fummo, e culpavel defcuido, fendo certo

que, se a restaurassem naquelle tempo, em que ainda e
stiaõ os livros, cortinados, tocheiros de bronze, e m
alfayas della, por terem passado só sessenta e tres ann
que a naõ havia, escuzavaõ as diligencias, que faz
agora; como tambem se evitariaõ se naõ deixassem c
sumir do tempo as muitas Imagens do Santo, de for
que em Torres-Vedras só existe a de pedra, e no C
vento da Graça de Lisboa huma na Igreja, e outra
Claustro grande, ambas antiquissimas, ambas com d
demas, e letreiros: *S. Gonsalo de Lagos*, ambas pintad
huma em taboa, outra em panno. Acabou-se o cadern
e isto sobeja para sermos todos devotos do Santo no
compatriota, honra, amparo, e advogado do nosso fe
Reyno.

FIM

DA QUADRAGESIMA OITAVA PARTE

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA XLIX.

PAra continuar os principios neceſſarios da Filoſofia natural (diſſe o Filoſofo), e a inſtrucçaõ, que delles neceſſitais, havemos hoje tratar dos diverſos pezos, e movimentos das couſas pezadas, de que ja tiveſtes baſtante noticia em outra Conferencia. A primeira couſa, que neſta materia ouvi tratar nas eſcolas em França, foi a cauſa porque a bola deſpedida da maõ corre conforme a força, com que cada hum a lança da maõ, ou a impurra no jogo do truque, de taco, ou bilhar: a ſegunda porque huma pedra deſce mais depreſſa lançada de huma janella, do que deſce huma pluma, ou hum pedaço de papel cahindo da meſma altura: e porque a pedra quanto mais perto vem do chaõ mais veloz, e apreſſado he o ſeu movimento. Para eſta ultima tendes ja baſtante noticia, porque o ar he muito, e muito pezado, e quanto mais perto da terra mais groſſo, e mais pezado; de ſorte que, ſe a pedra quando cahio da janella tinha ſobre ſi dez mil arrobas de ar em huma columna, que ſobre ella carregava deſde onde a regiaõ do ar começa, quando vem perto do chaõ tem muito mais ar, e mais groſſo, e pezado ſobre ſi, de que ſe ſegue que hade correr mais, e tem menos ar debaixo de ſi para romper, e como há menos, que vencer, e quem mais a poſſa empurrar, por iſſo corre mais quanto mais

perto do chaõ. Na calçada de S. Francifco, e ra de S
corro havia finco, e feis moradas de cafas, fuppon
que do telhado lançavaõ hum cefto com tres onças de
zo, e de cada janella lhe lançavaõ dentro outras tres, qu
do chegaffe á rua levava dezoito, ou vinte e huma; p
o mefmo pezo, e mais que das janellas lhes podiaõ acc
centar, lhes accrefcenta o ar, que de fima carrega fobr
que defce: iffo fe vê melhor no balde cheyo de agua, q
apenas cheyo defce logo; e quanto mais defce, com m
velocidade, e preffa defce até o fundo do poço; porq
além da agua, que leva dentro em fi, cada vez *leva fo*
fi huma columna de agua mayor, a qual ao principio tin
hum palmo, logo dous, logo tres &c.; e quanto ma
mais peza, e mais impurra o balde. No que refpeita á
locidade com que corre a bola, he certo que nefta fe v
contrario do que fe admira na pedra; porque efta qua
mais efpaço de ar defce, mais depréffa caminha, e a b
quanto mais caminha quanto mais de vagar anda: a ra
com que meus Meftres mais claramente explicavaõ e
fegredo, e com que evitavaõ impertinentes *duvidas*
queftoẽs de peffoas teimofas, e inflexiveis, era com o
emplo da agua gelada nos rios, e mares da Noruega,
ponia, Ruffia, e Alemanha. Gelaõ fe neftes paizes os
res, rios, lagoas &c. de tal forte, e em tal altura,
por fima do gélo caminhaõ carros, coches, toda a e
cie de animaes com cargas, ou fem ellas, homens a ca
lo, e a pé; e para fe poderem fegurar, ufaõ de huns fe
nos çapatos, com os quaes vaõ cortando fempre fup
cialmente o gelo, o qual, aindaque o cortaõ defta f
todos os homens, mulheres, meninos, e animaes,
fobre elle andaõ, de forte fe une, que fe naõ perc
cortadura alguma. Succede algumas vezes naõ eftar o
lo taõ alto, ou taõ folido como imaginaõ, e fubvert
fe nelle animaes, e homens, com a differença que os
maes apenas fe abre o gelo, defapparecem, e fica o

xxx

ido como antes, e os homens desapparece-lhe o corpo,
o gelo como antes unido, e as cabeças dos homens
tadas pelo pescoço, como se os degollassem com o me-
r cutello, ficaõ sobre o gelo; a razaõ disto he, por-
o gelo padece grande violencia em se abrir, e apenas
le ao pezo dos corpos, e se abre, logo fortissimamen-
procura unir-se; porque lhe falta nas ilhargas campo
a dilatar-se, entra pela abertura o corpo do homem,
nto que entraõ os hombros, acha o gelo os dous lu-
es entre o fim dos hombros, e nacente do pescoço va-
s, acode por elles a unir-se, e colhendo no meyo da
eça, a separa: pois o mesmo com a devida proporçaõ
iziaõ meus Mestres) que succede ao homem no gelo,
cede á bola no jogo dos páos, ou truque de taco;
nta mayor he a força, com que o jogador a lança,
yor he a violencia, com que ella rompe o ar, e que o
padece em se dividir; o ar, e o gelo saõ corpos uni-
s sem mais differença alguma do que ser o ar corpo mui-
fluido, e o gelo corpo mais solido, porèm a ambos he
eparaçaõ violentissima, como aos outros corpos, e quan-
mais violentamente, e com mais préssa os dividem, com
is préssa, e mais força se unem, e ao mesmo tempo
otai bem) que se vaõ unindo, vaõ empurrando o ou-
corpo, que os rompeu, opprimindo-o pelas costas, e
pondo-se-lhe o corpo unido pela frente, até que elle
ó podendo ja romper o muito, que lhe falta para divi-
, pára cercado por todas as partes do mesmo ar unido.
ra melhor intelligencia de tudo isto, e de innumeraveis
gredos curiosissimos, que dependem destes principios,
ei que Deos nosso Senhor dotou todos os corpos de
ma admiravel appetencia a estarem sempre com as suas
tes unidas, sem mistura de outras de outros corpos.
parai. O sangue admitte o soro para lhe entrar o qui-
, mas tanto que recebe o quilo, lança fóra o soro pela
na, saliva, suor &c., admitte a cólera para a circula-

Ccc 2 çaõ,

çaõ , calor , côr, &c. ; mas logo a vai expellindo pelos ouvidos, e outros muitos ductos, e vias ; em fim tudo o que por necessidade admitte, tudo separa, e lança fóra ; e se o naõ póde lançar, como appetece, para existir só, e com as suas partes unidas, ou porque he muito o que tem extranho, ou porque para lançar fóra o extranho, lhe faltaõ as forças, excita febre para com o fervor, calor, e fermentaçaõ expellir, e separar de si o que lá lhe entrou: o mesmo fazem os vinhos naõ só quando fervem ; mas o que faz admirar he, que nunca se unem com a agua, que lhe botaõ, aindaque lha misturem no lagar, e *menos* com o gesso, carne, flor de sabugo, &c., que em diversas partes lhe misturaõ para lhes dar côr, e os conservar. Verdade he esta que naõ admitte questaõ ; porque no Reyno do Algarve vi eu na Cidade de Faro fazer os vinhos, e em cada pipa de vinte e sinco almudes lançaõ sette, oito, ou dez de agua, e dez, doze arrates de gesso ; porèm todos os que por curiosidade lhe querem tirar a agua, mettem na vazilha huma torcida, ou cordaõ de algodaõ, que chegue ao fundo della, e da parte de fóra *tenha* outro tanto cumprimento, e pelo dito cordaõ sóbe da parte de dentro da vazilha, e desce da parte de fóra toda a agua, que misturáraõ com o vinho depois de hum, e muitos annos de mistura. O gesso se tira lançando no vinho ovos inteiros, ou as cascas ; e passados dias, se tiraõ com o gesso pegado na superficie exterior : em fim todas as outras misturas se lhe tiraõ com goma de peixe, batendo muito tempo o vinho depois della se derreter, desfazer, e communicar, e deixando-o assentar ; na falta da goma, fazem quasi o mesmo as claras de ovos batidas : e disto se colhe que todas as cousas sensiveis, e insensiveis repugnaõ, e rejeitaõ fortissimamente a mistura de outras, e fazem naturalmente toda a diligencia, e força para expellir, e lançar de si tudo o que se lhe communica extranho; *e se o conserva* muito, ou pouco tempo, he, porque lhe

faltaõ

ſtaõ as forças, e meyos para o expulſar, o que faz nto que as adquire, e para próva da violencia, que paeceo em quanto por falta de meyos para a ſeparaçaõ os onſervou, moſtra claramente que nunca com couſa exanha ſe unio; e quando o vinho ſe naõ une com a agua, endo certamente ſeu filho (como ja vos moſtramos claiſſimamente na Conferencia primeira pagina ſeptima) omo ſe ha de unir o ar com a bola de páo, ou marfim, erro, &c. De ſorte que conhecido eſte claro, e verdaeiro principio da Filoſofia natural, que he: = Todas s couſas appetecem natural, e fortiſſimamente por inlinaçaõ, de que Deos as dotou, para ſe conſervarem as uas partes ſempre unidas ſem miſtura alguma, ſe expliaõ, e conhecem admiravelmente infinitos ſegredos nauraes, e ſe eſcuſaõ as prodigioſas maquinas, que ſó polem ter as Univerſidades, e Academias ricas, que palpaelmente moſtraõ eſtas verdades =. Neſte noſſo Reyno ſó s doutiſſimos, e exemplariſſimos Padres da Congregaõ do Oratorio no Collegio de N. Senhora das Neceſſilades tem (como ja vos diſſe) todas as maquinas, que hes deo o Senhor Rey D. Joaõ o grande; eſtampas delas trazem muitos livros Francezes, e a Recreaçaõ Fioſofica; porèm eu, e vós, que nem maquinas, nem ſtampas temos, nem podemos ter neſte Ermo, eſtamos a forçoſa neceſſidade de explicar, e perceber ſem ellas oda a Filoſofia natural, e ſupprir com ſimilhanças, exmplos, e couſas ſabidas por termos claros, e ainda ruſticos, todos aquelles admiraveis artificios, que inventaõ com inexplicaveis trabalhos, diſvelos, e eſtudos os nayores ingenhos neſtes proximos ſeculos. O que ſuppoto, farei todo o poſſivel para vos dar a conhecer o que e maquina pneumatica, para que fazendo della o poſſirel conceito ſem a veres, nem pintada, percebais claranente tudo o que vos tenho dito, e o muito, e muito oſtoſo, que vos reſta para ouvires. Deveis ſaber pri-

meiro,

meiro, que assim como com huma siringa se mette á força de braço em huma pella, e em huma espingarda de vento tanto ar, como só cabia em huma grande borracha, ou em hum odre, assim tambem com huma siringa se póde tirar de qualquer vazilha todo o ar, que ella tem dentro em si. Sabei tambem que este ar he de duas especies distinctas, hum (notai bem) grosso, que naõ cabe pelos póros do vidro, ferro, aço, cobre, &c., e outro finissimo, que por todos os póros cabe, entra, e sahe; o grosso chama-se ar, o finissimo chama-se ether, por falta de palavra Portugueza, que o explique; *se bem* eu creyo naõ tem a nossa lingua esse defeito, mas só he capricho, com que muitos modernos abominaõ os nossos diminutivos, sendo certo, que nos criamos com elle na lingua Latina, como *ocelus*, *pupulus*, e outros innumeraveis, de que usáraõ Auctores, pays, e primeiros Mestres daquella admiravel lingua, que ainda hoje seria (como foi) a nossa commua, se os Godos, e Mouros a naõ prevaricassem, e depois da restauraçaõ de Hespanha se naõ permittisse em toda ella celebrar na lingua natural as escripturas, doaçoẽs, e testamentos, que se costumavaõ escrever em Latim, faculdade, de que se seguíraõ extraordinarios, e hoje irremediaveis damnos, que lamentaõ os nossos Escriptores, e os Hespanhóes igualmente sentidos; nós porém que somos huns ignorantes, e naõ temos, como taes, que temer censuras de pouco polidos, para melhor nos explicarmos, e percebermos, chamamos ar ao ar grosso, e ao ar subtilissimo chamamos arzinho. O que tudo supposto, a maquina pneumatica, invento o mais admiravel da Filosofia moderna, he hum grande copo de vidro emborcado sobre huma meza, de sorte unido a ella, que lhe naõ póde entrar de fóra ar grosso algum, e por baixo da tal meza se lhe tira todo o ar, que tem dentro, com huma grande siringa, e se lhe introduz novamente com toda a faci-

lidade

lidade abrindo huma entrada, que tapa huma chave. Efte corpo tem o feitio, que cada hum quer, e quanto mayor he, melhor. Efta maquina depois de dever ás Naçoẽs extrangeiras a invençaõ, e perfeiçoẽs baftantes, fempre ficou trabalhofa, e affás difficil nas operaçoẽs da extracçaõ do ar; porque depois que a firinga trabalhára duas vezes, ja eraõ neceffarias grandes forças para puxar abaixo o páo della chamado embolo, naõ obftante fe fazer ifto com rodas, e outras invençoẽs notaveis: porèm os noffos dous infignes, e memoraveis artifices Portuguezes Bento de Moura, e Manoel Angelo Villa, que nos Reynos extranhos, e na patria tem dado á Naçaõ efpecial gloria, reduzîraõ efta maquina, e o feu modo de laborar a huma tal perfeiçaõ, e facilidade, que nunca julgáraõ poffiveis os mayores ingenhos da Europa, de forte que hoje qualquer menino facilmente tira todo o ar groffo de qualquer peça de vidro proporcionada, que fe ajufta fobre o tal bufete. Ifto he o que bafta, e fubeja de noticia, nem mais havieis adquirir vendo-a pintada, nem mais he neceffario para entenderes o que próvaõ, e móftraõ claramente todas as experiencias della. Nefte vidro pois fem ar, ifto he, fem o ar groffo, penduraõ no alto, antes da extracçaõ delle, huma moéda de ouro, e huma pluma pequena, e fazendo cahir huma, e outra coufa ao mefmo tempo, ambas defcem iguaes, e chegaõ abaixo juntas, fendo a pluma a coufa mais leve, e o ouro a mais pezada depois do azougue; pelo contrario, tornaõ a pendurar a moéda, e a pluma, naõ tiraõ o ar do vidro, fazem cahir igualmente a hum tempo ambas as coufas, chega abaixo muito depreffa a moéda, e tarda muito tempo em chegar a pluma: neftes experimentos fe veyo a conhecer como a corpulencia do ar impede o movimento das coufas, e lhes retarda a defcida de forte, que he neceffario cortá-lo, dividî-lo, e vencê-lo com o pezo, ou com o impulfo

do

do braço. Aqui se conhece o grandissimo pezo, c
que este ar carrega sobre todas as cousas, e opprime
ar, que está dentro dellas; porque huma ameixa,
pera bem secca mettida nesta maquina, em lhe tiran
o ar incha disformemente, e fica liza sem rugas; p
que o ar, que estava dentro della, tanto que lhe
faltando o pezo do ar de fóra, se a larga monstruo
mente, e occupa todo o campo, que póde. *Brevem*
te vos direi as mais curiosidades, que saõ principios p
ra entrarmos no gostoso, e excellente, que desejais
ber.

F I M

DA QUADRAGESIMA NONA PARTE.

LISBOA:

Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças necessarias.

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA L.

DE'mos principio ás vidas dos Santos (disse o Ermitaõ) lendo a de S. Gonsalo de Lagos, e antes de vos contar as innumeraveis, que restaõ, julgo necessario advertir-vos que em todos os estados, e officios houve muitos Santos, e piamente cremos que os ha nos nossos tempos. No Cathalogo dos Summos Pontifices contei setenta e sinco delles Santos canonizados; e melhor averiguaremos o numero quando contarmos as vidas de todos: Santos Bispos, Cardiaes, Presbyteros Diaconos, Subdiaconos, Acolytos, Leitores, Exorcistas, Ostiarios, Clerigos, Anacoretas, Monges, Eremitas, Mendicantes, Virgens, cazados, viuvos, e solutos, já sabeis que saõ innumeraveis, os quaes todos se reduzem ás classes, e jerarquias seguintes, que saõ: Patriarcas, Profetas, Apostolos, Martyres, Pontifices, Confessores, Virgens, e naõ Virgens. Patriarcas saõ aquelles antigos Santos da ley Natural, e Escritta, pais de muitas, e dilatadissimas geraçoẽs, como Abrahaaõ, Isaac, Jacob, &c. e isso quer dizer o nome Patriarca, que vem a ser pai de pais, e por isso se dá aos fundadores das Religioẽs, e aos Arcebispos Primazes de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, e Jerusalem, e como diz o *Enchiridion juris* pag. 10. o mesmo nome ás vezes daõ aos outros Primazes, e a quem a Santa Sé Apostolica o conceder.

o que melhor vos dirá o Senhor Theologo a seu tempo. Profetas já sabeis que foraõ aquelles Santos da ley Natural, e Escritta, pelos quaes Deos fallou até á vinda de seu Santissimo Filho. Apostolos naõ ignorais que foraõ aquelles doze companheiros de Christo Senhor nosso eleitos por elle, e depois da sua Ascensaõ o foi S. Mathias por sorte eleito em lugar de Judas, e S. Paulo chamado, e eleito pela voz do mesmo Christo, como melhor direi a seu tempo. Martyres sabeis admiravelmente saõ aquelles, que ou morrêraõ pela defeza, e confissaõ da Fé Catholica Romana, ou pela mesma confissaõ, e defeza padecêraõ muitos trabalhos, e martyrios, aindaque naõ morressem nelles, nem logo depois délles, como Santo Euzebio Bispo Vercellense, e martyr, e outros, que foraõ muitas vezes martyrizados, e morrêraõ depois de doenças passados annos, ou muitos mezes: e adverti que os martyrios naõ saõ os que fazem os Santos martyres, mas sim a causa, porque os martyrizaõ que he a confissaõ, e defeza da Fé verdadeira: e eu me explico melhor com hum exemplo moderno, e pouco sabido no nosso Reyno. No anno de 1729. governava a notavel, e utilissima Praça de Mombaça Alvaro Caietano homem doutissimo, e universal, mas taõ bom, que naõ castigou, nem cohibio a perniciosa liberdade dos Soldados entre os Mouros, gente a mais zelosa de suas mulheres: daqui se originou o odio á naçaõ Portugueza; e considerando o meio unico para expulsalla da Praça, valeraõ-se da mesma bondade do Governador, que lhe entregou todo o arroz della paraque em suas casas o pilassem; e elles tanto que o viraõ sem mantimento o cercáraõ, e em fim perdemos aquella rica, e importante Praça, de cujos principios, conquistas, e utilidades vos dará a seu tempo noticia o senhor Soldado. Degolláraõ os Mouros negros os Soldados, e Religiosos, que se achavaõ na Fortaleza em Zanzibar, e Pate, porèm nenhum destes foi martyr, porque a todos matáraõ em odio da naçaõ, e naõ em odio da Fé. Os Mouros

ros nos chamárað para naõ soffrerem os Arabios tambem
uros, mas tirannos; os Mouros nos offerecêraõ Mom-
a, os Mouros nos conduziaõ, e offereciaõ o necessario
a restauraçaõ, e nova erecçaõ de Igrejas, os Mouros
renciavaõ os Religiosos, e Sacerdotes, e todo o odio
á naçaõ pelos depravados costumes de poucos Solda-
; entre todos estes porèm houve hum martyr verdadeiro,
por descuido de hum tio seu Religioso, e de muitos,
está declarado pela Sé Apostolica, foi este hum Alferes
osso chamado Joaquim natural de Lisboa de 20. annos,
menos de idade, gentil, e especialmente engraçado; pe-
ou valorosamente na defeza da Praça, e nenhum Mou-
e attreveo a tirar-lhe a vida, porque a sua formosura lhes
resentava a grande conveniencia, que tinhaõ nelle para
iabolico exercicio da sodomia, para o que o reserváraõ
o com todo o mimo, e regalo: mas vendo que a todos re-
a com maõs, dentes, e todos os movimentos com tal an-
que nenhum o pôde violar, intentáraõ com esperanças
premios, e dadivas, delicias deshonestas, e todos os at-
ctivos infernaes persuadillo a ser Mouro, na esperança
que, sendo-o, facilmente consentiria no peccado nefan-
; resistio a tudo valorosamente o glorioso Soldado de
risto: e os Mouros, perdidas as esperanças de o conqui-
em, o atáraõ a huma arvore nú, e untado todo com mel
eixáraõ exposto ás abelhas, vespas, e mosquitos horri-
s daquelle paiz, e outras sevandijas, que o matáraõ em
te e quatro horas, que durou com signaes de vivo, cla-
ndo até naõ poder articular palavra, por Jesus, Maria,
zé, Joaquim, e Anna Santissimos, e pedindo-lhes recebes-
n a sua alma. Seu corpo foi despedaçado depois pelos
ouros, foi lançado no rio, e nunca se soube onde o mar
e erigio tumulo, só consta que na costa de Angenga ap-
receu hum corpo sem corrupçaõ, nem damno, que os
atholicos sem o poderem conhecer, sepultáraõ com res-
ito. Este felicissimo Alferes foi martyr duas vezes (deixan-
Ddd 2

me explicar assim para me entenderes) huma por naõ querer violar a pureza sendo paciente na sodomia, porque todo, o que dá a vida pela defeza de qualquer virtude, que a nossa santissima Fé ensina, confessa, e defende a Fé, que tem, e manda observar a tal virtude;e outra vez martyr,porque o sollicitáraõ para deixar a Fé,e resistio até dar a vida, se o matassem só por naõ querer consentir na somodia, era verdadeiro martyr, se o mattassem por naõ querer mentir, jurar, praguejar, blasfemar, furtar, &c. era martyr, porque dando a vida em contestaçaõ, e defeza, e confissaõ de qualquer virtude, que a nossa santissima Fé ensina,a dava em defeza, e confissaõ da Fé. Meu senhor o Senhor S. Joaõ Nepomuceno morreo affogado por naõ revelar o inviolavel,e sagrado segredo da Confissaõ,ninguem lhe fallou em deixar a Fé,porque era Catholico Romano o Rey de Bohemia, e só queria saber o que a Rainha lhe dizia na Confissaõ: porèm como o sigillo della he huma virtude,que a Fé Catholica Romana ensina,e observa, dar a vida em defeza, e confissaõ do sigillo,he dalla em confissaõ,e defeza da Fé, e por isso he martyr verdadeiro meu senhor o Senhor S.Joaõ Nepomuceno. Pontifices saõ todos os Bispos, ou se chamem Papas, ou Patriarcas, Primazes, Arcebispos Metropolitanos, ou só Bispos, porque todos estes saõ Bispos, e todos Pontifices, todos iguaes no caracter, Sagraçaõ, e Ordens, e só differentes na jurisdicçaõ, de que procedem os differentes nomes: o Papa he Summo Pontifice,ou Summo Bispo, porque he o maior de todos os Pontifices, o maior de todos os Bispos, e tem summa jurisdicçaõ sobre elles, e sobre todos os Catholicos, por isso se chama Papa, que quer dizer o maior pai de pais, e o mesmo chamavaõ algum dia a todos os Bispos: os Patriarcas saõ Pontifices, saõ Bispos immediatos ao Summo Pontifice pela grandeza da jurisdicçaõ, o mesmo os Primazes, entre os quaes o maior será algum dia o Arcebispo de Goa, que he Primaz do Oriente; e se elle todo se reduzir á Fé, nenhum Patriarca, ou Primaz

o po-

o poderá igualar. Seguem-se os Metropolitanos chamados Arcebispos, porque para elles se appella dos Bispos suffraganeos; e depois os Bispos, mas todos Pontifices, todos, como disse, iguaes no caracter, Sagração, e Ordens, e ainda que só seja Bispo titular sem Bispado, ovelhas, nem dizimos, nem congrua, he tão Pontifice como o Summo Pontifice, e o Summo Pontifice tão Bispo como elle, mas desiguaes todos na jurisdicção. Basta (disse o Theologo) que isso me pertence a seu tempo, e he certo tudo o que tem dito, e sufficiente para todos perceberem o que são Santos Pontifices. Santos Confessores (continuou o Ermitão) são todos os Santos de todas as jerarquias, porque todos, ou fosse na ley Natural, ou na Escritta, ou na da Graça confessárão o verdadeiro Deos, e a verdadeira Lei, e de a crer, e confessar lhe veio o nome de Confessores: não costumamos porèm chamar Confessores senão aos Bispos Sacerdotes, Diaconos &c., e aos seculares: aos primeiros chama a Igreja Confessores Pontifices, e a todos os mais, que não forão Bispos, chama Confessores não Pontifices: todos os Patriarcas, Profetas, Apostolos, e martyres forão Confessores, porèm como o ser martyr he mais que ser Pontifice, como o ser Apostolo he mais que ser martyr, como a dignidade dos Profetas excede a estas todas, e a todas as dos Patriarcas, cala-se o nome de Confessores, e exprimem-se os das dignidades, e jerarquias maiores, assim como sendo o Papa, e os Bispos Presbyteros, Diaconos, Subdiaconos &c. ninguem nomea algum delles dizendo que assim o disse, ou fez o Presbytero, ou Diacono D. Ignacio de Santa Theresa, mas sim o Arcebispo Bispo o Excellentissimo Reverendissimo senhor D. Ignacio, que santa gloria haja, porque a dignidade maior he a que se nomea, e exprime, e todas as menores se calão. Virgens, e não Virgens sabeis quaes são, e que as segundas são as viuvas, e as Santas, que forão peccadoras, como na Ordem dos Santos, numerando os gráos do Sacramento da Ordem, depois dos menores

com di[illegible] *[illegible] Clerigos*, vos advirto que Clerigo sem mais ad[illegible], ou sobrenome, he aquelle, que só tem Prima tonsura, como se vê no Pontifical Romano no Capitulo della, cujo titulo he *de Clerico faciendo* modo de fazer hum homem Clerigo, o qual nome vertido em sete linguas pelo incomparavel Fr. Ambrosio Calepino Eremita de Santo Agostinho significa o que naõ he leigo, assim como o nome leigo, o que naõ he Clerigo, e esse he o effeito da *Prima* tonsura tirar o homem do estado de leigo, e deputallo para o serviço da Igreja, e por isso naõ he ordem, mas disposiçaõ para ellas, de sorte que desde a Prima tonsura até o Sacerdocio grande, que he o estado Pontifical do Papa, e Bispos, que he o mais que há, e póde haver no Sacramento da Ordem, todos saõ Clerigos, mas os Papas, e Bispos saõ Clerigos Pontifices, os Sacerdotes Clerigos Presbyteros, os Diaconos, e assim os Subdiaconos Clerigos Subdiaconos, os de menores, Clerigos de menores, e os de Prima *tonsura* Clerigos, sem mais sobrenome. Tambem vos advirto que, naõ obstante os Eminentissimos Reverendissimos Senhores Cardeaes uzarem de mitra sem bago, e celebrarem *Missa* Pontifical por concessoẽs de muitos Papas, assim como os Excellentissimos Reverendissimos Senhores Principaes, e os Illustrissimos e Reverendissimos Prelados da Santa Basilica Patriarcal de Lisboa, saõ Confessores naõ Pontifices, porque naõ saõ Bispos, mas [illegible] Presbyteros, e outros de outras ordens; os que porem saõ Cardiaes, e Bispos, como S. Carlos Borromeo, e outros, esses saõ Confessores Pontifices, e assim se reza delles. Ultimamente vos advirto que a dignidade sacrosanta dos Apostolos só elles a tiveraõ, e ninguem lhe succede nella. O Papa he verdadeiro successor de S. Pedro [illegible], excepto na dignidade de Apostolo, e o mesmo [illegible] dos Bispos, e dos Missionarios [illegible] que [illegible] dizer que S. Francisco Xavier foi Apostolo da India, S. Patricio Apostolo de Hybernia &c. naõ cuideis que elles foraõ Apostolos, e

que

iveraõ a dignidade Apoſtolica altiſſima dos Apoſtolos
hriſto, mas ſim que tiveraõ com elles muita ſimilhança
xercicio de prégar a Fé aos gentios, nos trabalhos, e
lo, por iſſo a minha, e muito minha ſenhora a Senho-
nta Maria Magdalena, de quem ſou eſcravo verdadei-
or modo eſpecialiſſimo chamaõ os Santos, e autores
elhor nota Apoſtola, porque no tempo dos Apoſto-
régou a Fé em Marſelha, e em outras partes, e Apo-
dos Apoſtolos, porque lhes annunciou a Reſurreiçaõ
hriſto. Tambem deveis ſaber que muitos Santos, e
is tiveraõ o dom de profecia, e o meſmo dom tiveraõ
os gentios, e idolatràs, e Caifás, por ſer Pontifice no
, em que morreo Chriſto; porque o dom de profecia
equer eſtado de graça, e Deos o póde dar a qualquer
io, Mouro, Herege, ou peccador. O que ſuppoſto,
uideis que os Santos, e Santas, que tiveraõ eſte dom,
a Igreja confeſſa, ſaõ Profetas da jerarquia, e claſſe,
Igreja nomea antes dos Apoſtolos, e depois dos Pa-
as, foraõ ſim Profetas, porque todo o que teve dom
ofecia, ſe póde chamar Profeta: porèm os Profetas,
ja altiſſima dignidade, e officio faz a Igreja jerarquia
cta, e taõ alta, ſaõ unicamente aquelles ſantiſſimos
s, orgaõs do Eſpirito Santo, que annos, e ſeculos
do nacimento de Chriſto profetizáraõ, diſſeraõ, en-
ó, e publicáraõ a ſua ſantiſſima vinda, nacimento,
morte, Paixaõ, Reſurreiçaõ, Sacramentos, e miſte-
a ley da Graça, e ſucceſſos futuros da Igreja, e do
o até o fim delle, cujas profecias a Igreja Romana, e
ilios admittíraõ por canonicas, e eſcritturas Sagradas,
taes unidas aos livros hiſtoriaes, e ſapienciaes de Bi-
agrada, e ao teſtamenro novo della, de ſorte que eſtes
tas foraõ huns Apoſtolos antes de Chriſto, e dos ſeus
olos, porque antes de vir, e naſcer annos, e ſeculos
raõ o que já diſſe, que foi o meſmo, que os Apoſto-
i vida de Chriſto prégáraõ aos Judeos, e de

ſua morte aos Gentios; eſtes foraõ aquelles Santos fortiſſimos, que prégando, e reprehendo com toda, e a maior liberdade os vicios, e pronoſticando os caſtigos delles ſuſtentáraõ nos ſeus hombros, iſto he nos ſeus coſtumes, e exercicios a Ley de Deos incorrupta, obſervada á riſca em gloſſa até a entregarem por S. Joaõ Baptiſta, e por S. Simeaõ a Chriſto Senhor noſſo para encher, e completar tudo, o que delle eſtava eſcritto, dito, prégado, e profetizado, nas figuras de tantos mil preceitos, e ceremonias, e para confirmar, e eſtabelecer a meſma Lei, q déra no monte Sinai, que ſaõ os dez preceitos do Decalogo *que em* duas taboas de pedra, (que ſe conſervaõ eſcondidas com a arca, e menza dos paens de propoſiçaõ, figura do Sacramento, em huma cova no deſerto, onde á viſta de todo o pôvo Iſraelitico, que hia cattivo para Babilonia, *a reſervou* o Santo Profeta Jeremias) eſtaõ eſcrittos por todos os lados das taboas, que ſaõ dous em cada huma, na primeira os primeiros tres preceitos que pertencem á honra de Deos, e por iſſo lhe chamamos (notai) preceitos da primeira taboa, porque eſtes tres eſtaõ eſcrittos na primeira, e a occupaõ toda por ambas as partes, e na ſegunda eſtaõ por ambas as partes os ſete, que pertencem ao proximo, ſendo o primeiro honrar os pais, em cujo nome ſe extendem os Papas, Biſpos, Reys, e ſeus Miniſtros grandes, e pequenos, Prelados, Parochos, Superiôres, e Sacerdotes, que todos ſaõ pais, que nos enſinaõ, e por iſſo lhe chamamos Padres palavra Eſpanhóla, que quer dizer pais. Vindo logo.

FIM DA QUINQUAGESIMA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xiſto.

Anno de 1760.

Com todas as licenças neceſſarias.

ACADEMIA DOS HUMILDES, E IGNORANTES.

CONFERENCIA LI.

PErtence-me (disse o Theologo) continuar a Historia Sagrada, e noticias do mundo no seu tempo. Acabada a guerra de Amalech, e havendo ja passado mez e meyo da jornada, chegou Moysés com o pôvo ao monte Sinai, onde plantaraõ os arraiaes em huma planicie. Daqui chamou Deos a Moysés ao mais alto, e mandou preparar o pôvo para o terceiro dia com a roupa lavada, modo especial de se purificarem para receberem os preceitos divinos, e álem disso que nenhum homem, mulher, ou animal tocasse a falda do monte, porque morreria certamente. Chegou a madrugada do terceiro dia, e começaraõ a ouvir sobre o monte horriveis trovoẽs, viaõ-se cahir rayos, e centelhas, sobia de todo elle fumo espesso, como de hum forno, soava huma trombeta rouca ao longe, e cada vez mais se ouvia, em fim tudo era espanto, horror, e respeito, porque descia hum Anjo Embaixador do Altissimo a communicar Moysés, e dar-lhe a ley para o pôvo. Subio Moysés alegre, e sem o menor susto por entre o fumo, e o mais, que disse, até o alto, onde esteve quarenta dias, e quarenta noites sem comer, nem beber, ouvindo absorto (como diz Philo) musicas celestiaes ao mesmo tempo, em que os Israelitas só ouviaõ trombetas, e trovoẽs. A vista deste maravilhoso espectaculo, o maior para conter todos os viciosos do mundo, foi tal a dureza, inconstancia, e cegueira do

povo, que vendo tardar Moysés tantos dias, cercaraõ todos a seu irmaõ Aaraõ, que os governava em seu lugar, pedindo-lhe que lhe fizesse hum bezerro para seu Deos, porque Moysés duvidavaõ estivesse vivo. Esta loucura, que comprehende em si mil milhoẽs dellas, intentou Aaraõ socegar com graves razoẽs; mas vendo a cega téima do pôvo, para o socegar-lhe pedio as joyas das mulheres até os brincos das orelhas, que no Oriente (segundo diz Plinio) sempre foraõ preciosos, julgando que as mulheres naõ haviaõ de querer dar o ouro, e desta sorte se frustrava a fundiçaõ do bezerro; mas succedeo o contrario, porque todas logo offereceraõ o ouro todo, do qual lhe fez hum bezerro, como os que adoravaõ os idolatras do Egypto, onde se criaraõ; e para o fazer, primeiro que tudo preparou a fôrma de barro, e depois vasou por ella o metal derretido entre as contraformas. Esta he a verdade, que diz o Sagrado texto, e naõ o que disse o mesmo Aaraõ depois para disculpar-se, e dizem os Rabbinos, que lançara no fogo todo o ouro, e sahira por acaso o bezerro, como superflciciosamente na India fazem os que tiraõ a fascinaçaõ, a que chamais *quebranto*, os quaes lançaõ pedra hume no fogo, e sempre por acaso sahe cousa, que se parece com homem, ou mulher neste, ou naquelle habito, ou com algum animal silvestre, ou domestico, e este dizem foi o que deo o quebranto: menos foi o bezerro fabricado por arte magica como pertende *Isidoro Clario*, mas sim muito de vagar fundido, e depois aperfeiçoado, o que feito, e collocado em lugar alto, e decente o saudou todo o pôvo por seu Deos verdadeiro, dizendo: *Este he oh Israel o Deos, que te tirou do Egypto, e depois de sacrificios, e banquetes*: o festejaraõ com danças. Quiz Deos matar logo a todo o pôvo, e o Anjo disse a Moysés o que tinha succedido; porèm elle de sorte intercedeo pelos culpados, que aplacou a ira divina tomando o castigo á sua conta: desceo logo do mais alto, e chegando onde estava Josué, que tinha levado comsigo até certa paragem, e estivera

a absorto, ou dormindo todo este tempo, ensayando-se a successor de Moysés deste modo, caminhou em sua npanhia para o arrayal, e de longe ouvirão a gritaria do tejo: Josué costumado aos estrondos da guerra disse a oysés que ouvia estrondo de batalha; porèm Moysés, e álem de saber o que era, só era costumado a compôr, ntar, e ouvir canticos, como se vio na sahida do mar ver-:lho, e vinha de ouvir Musica do Ceo, respondeo que ι festejo. Trazia Moysés nos braços as duas taboas de pe-a com os dez mandamentos escriptos por ambas as par-›, na primeira os tres primeiros, e na segunda os sete ul-nos., por isso quando nos pulpitos, livros, e conversações contrares, e ouvires dizer: *Preceitos da primeira tabua*, são tres primeiros mandamento da Ley de Deos, e os da se-ında tabua os outros sete. Chegou Moysés á falda do onte sem até então mostrar a Josué, seu amado compa-ıeiro, as tabuas da Ley, vio de perto o bezerro, e naõ po-:ndo tolerar a sua incrivel mansidaõ hum tal desacato, ati-u com as taboas de pedra, em que vinha a Ley, contra o imeiro penhasco que vio, onde se fizeraõ em migalhas, :rribou o bezerro, lançou-o no fogo, e depois de reduzi-) a pó o deo a beber a todo o pôvo, ou ja fosse, como jul-ou Theodoreto, para conhecer os culpados, tendo prin-pio a agua, e pós, com que depois se purificaõ as mu-ıeres, de quem se suspeitava adulterio, morrendo as que ebiaõ, se o tinhaõ commettido; ou ja fosse, como dizem utros, paraque de taõ horrenda insolencia naõ ficasse a inza para memoria: reprehendeo asperimamente a seu ir-ıaõ, e mandou lançar bando nos arraiaes, paraque se unis-:m com elle os que temiaõ a Deos; toda a Tribu de Levi oncorreo, aos quaes mandou que com as espadas fossem)go matar todos os vizinhos, amigos, e parentes: morre-ıõ nesse dia quasi vinte e tres mil homens; e Moysés agra-eceo aos Levitas o zelo, dizendo-lhes, que tinhaõ consa-rado as suas maõs a Deos na effusaõ do sangue dos idola-

tras. Depois disto exhortou o pôvo a penitencia, explicando-lhe o horrendo peccado, que tinhaõ commettido; fubio ao monte a pedir a Deos fe déffe por fatisfeito com o que tinha obrado com tal efficacia, e defejo de alcançar o perdaõ para aquelle pôvo ingratiffimo; que chegou a dizer que ou lhe perdoaffe, ou rifcaffe do livro dos predeftinados o feu nome, taõ abforto no amor do proximo tinha o coraçaõ, e entendimento aquelle varaõ fantiffimo! mas fallava feguro, como diz Santo Agoftinho, como hum amigo a outro. Condefcendeo o Senhor com os rogos de feu fervo, dizendo-lhe que do feu livro tiraria quem o offendeffe, mas elle, que em tudo lhe fazia a vontade, o naõ pronunciaffe: ordenou-lhe que continuaffe em guiar o pôvo, e elle mandaria, como antes, diante o Anjo; em fim que lavraffe outras duas tabuas como as primeiras para fegunda vez lhe dar a Ley efcripta; o que elle fez, e fubio ao monte fegunda vez recommendando a mefma cautella, paraque nada chegaffe á falda delle: defceo huma nuvem, que o cobrio, e paffaraõ outros quarenta dias, nos quaes fatisfez Deos a Moyfés a promeffa, que lhe tinha feito de lhe moftrar as fuas *coftas*: tinha-lhe elle pedido que lhe moftraffe o feu divino rofto, quando alcançou o perdaõ para o pôvo; refpondeo-lhe Deos que o naõ podia ver vivo; porèm que o poria na abertura de hum penhafco, e alli o fuftentaria com a fua maõ poderofa, quando paffaffe, e veria as fuas coftas. Paffou com effeito agora, e Moyfés, depois de lhe dizer o que feu ardente coraçaõ lhe dictou, poftrou-fe na pedra: o que efta vifaõ foi, fó Moyfés, que a gozou, o podia dizer; huns feguem que lhe revellou nella a Incarnaçaõ do Verbo, vida, morte, paixaõ, e refurreiçaõ, e que fe lhe manifeftara em fórma humana gloriofo; porque Deos puriffimo efpirito naõ tem coftas. Defceo Moyfés com as fegundas tabuas, e nellas os dez mandamentos da Ley, e com o rofto taõ refplandecente, lançando delle tantos, e taes rayos de luz, que naõ podiaõ os Ifraelitas olhar para elle; porque os cegava

fplandor, e elle ao mefmo tempo ignorava a luz, que
'ofto lhe fahia, até que vendo os extremos do pôvo at-
ito, e advertido por Jofué, Aaraõ, e outros, cobrio o
o com hum véo para todos poderem chegar perto a ou-
), e communicallo. Grandes mifterios tem naõ defcer
yfés com efte refplandor, quando trouxe as primeiras
ıas, e naõ ficar inteira para memoria a menor parte del-
vir porèm com tal refplandor com as fegundas, que ef-
deo até hoje no deferto com a arca o Profeta Jeremias
huma cova, quando foraõ captivos para Babilonia os If-
itas dahi a feculos; as primeiras tabuas, dizem os Santos
res, figuravaõ a Ley, que nos Ifraelitas havia ter fim na
da de Chrifto; e as fegundas a mefma Ley, que nos ficou
ı as luzes, e refplandores do Evangelho. Communicada
ey ao pôvo, começou Moyfés a fabrica do Tabernaculo
forme o modelo, que Deos lhe deo no monte; e para fe
r, exhortou o pôvo a que offereceffe para a fabrica delle,
s vafos, veftimentas Sacerdotaes, e culto, ouro, prata,
al, jacintho, purpura, linho finiffimo tecido, pedras
iofas, pelles de carneiro, azeite, e tudo o mais que po-
fervir para o Tabernaculo fe edificar, collocar-fe nelle
ca, e meza dos paens, altar do incenfo, vafos para os
ificios, altar do holocaufto, veftimentas para o Summo
tifice, e Levitas, candelabro de fete luzes, thuribulos,
ue tudo formaraõ excellentemente os artifices, que
s nomeou, e a quem deo efpecial graça para entende-
, e reduzirem a praxe o que Moyfés lhes dizia. Efte
o primeiro templo que Deos verdadeiro teve no mun-
e no qual foi adorado pelos verdadeiros Fieis, que fó o
heciaõ, quatrocentos e oitenta e feis annos, que tantos
ntaõ fegundo a Chronologia de Buffiers defde 2544 da
çaõ do mundo, em que foi feito o Tabernaculo, até o
de 3030 em que foi dedicado o Templo de Salamaõ.
efte primeiro Templo chamado Tabernaculo, que quer
r tenda de campanha, habitaçaõ pequena, move-

fustentado em columnas de madeira, tecto, e paredes por fóra de pelles, e por dentro de cortinas, tudo feito com taõ excellente idéa, que em poucos instantes se armava, ou desfazia, quando mudavaõ de arrayal os Israelitas, e tudo sem confusaõ, nem detrimento levavaõ os Levitas ás costas. Dedicou Moysés o Tabernaculo com a maior solemnidade, que podia ser no deserto, consagrou os vasos delle; e ao Summo Pontifice Aaraõ, e seus filhos, determinou os sitios, em que deviaõ pôr as tendas os Principes das Tribus, e as familias delles cercando de longe o Tabernaculo; publicou todo o ceremonial para os sacrificios, e purificaçoẽs, e todos os mais preceitos judiciaes para o governo politico; fez as trombetas para chamar os Principes das familias, e para dar signal para caminharem, publicar as festas, e outras funçoẽs religiosas. Desceo taõ soberana nuvem, e gloria de Deos sobre o Tabernaculo no dia da sua dedicaçaõ, que até Moysés naõ podia entrar nelle, e dahi por diante sempre a columna de nuvem de dia, e de fogo de noite assistio sobre o Tabernaculo, onde Moysés vivia retirado do pôvo, o qual das portas das suas Tendas em pé observava attenta, e religiosamente quando elle entrava, e viaõ logo baixar a columna, e que elle estava communicando com o Anjo os negocios do pôvo, que entaõ dava graças a Deos por este especialissimo beneficio. Antes de sahirem das faldas, e grande valle do monte Sinai veyo Jetro, Sacerdote de Madian, sogro de Moysés, com a mulher, e filhos visitallo; porque na sua terra lhe constou o governo que tinha, e as maravilhas, que Deos por elle obrava; sahio Moysés a recebello, festejou o sogro, mulher, e filhos com o maior agazalho, contou-lhes tudo o que Deos tinha por elle feito; e o sogro ouvindo os prodigios, e vendo a columna sobre o Tabernaculo, deixou a idolatria, e os idolos, de que era Sacerdote, e offereceo ao Deos verdadeiro holocaustos, e hostias pacificas com as ceremonias judaicas, pouco antes por Deos reveladas; todos os velhos do pôvo visitaraõ

Jetro

Jetro no Tabernaculo, onde eſtava com Moyſés, Araõ, Maria, filha, e netos: e depois das ſaudaçoẽs, comeraõ todos juntos. No dia ſeguinte ſahio Moyſés a dar audiencia ao pôvo na porta do Tabernaculo deſde o naſcer do Sol, até ſe achar a noite, julgando confórme os preceitos, e leys civis, que Deos lhe enſinara os ſeus pleitos, e duvidas: o que vendo o ſogro, como homem de grande talento, lhe diſſe que ſem fruto ſe matava com hum trabalho, para o qual naõ tinha forças elle ſó, que nomeaſſe varoẽs tementes a Deos, poderoſos, verdadeiros, deſintereſſados, os quaes fizeſſe Tribunos, Centurioẽs, Quinquagenarios, e Decanos; iſto he, que diſtribuiſſe o pôvo de dez em dez, de ſincoenta em ſincoenta, de cem em cem, e de mil em mil, e a cada numero deſſe hum governador, a quem deſſe mais, ou menos juriſdicçaõ confórme a gente que lhe fiaſſe, e que eſtes determinaſſem as cauſas de menos entidade em todo o tempo; e o que foſſe de maior importancia, lho conſultaſſem para elle o decidir; porque deſta ſorte ficava elle deſembaraçado para tratar nas couſas de Religiaõ, e enſinallas ao pôvo, que diſſo tinha grande neceſſidade, por ſerem tudo couſas novas, e muitas. Era Moyſés taõ docil, flexivel, e humilde, que logo executou o que lhe diſſe o ſogro, acçaõ, que os Santos PP. louvaõ ſummamente. Advirto-vos que eſta viſita de Jetro foi no tempo, que digo, como do meſmo texto o colhe com todos o Toſtado; e aindaque no meſmo texto ſe conta antes da entrega da Ley, foi antepoſiçaõ da hiſtoria; porque antes de Moyſés a receber, nem havia Tabernaculo, onde eſteve Jetro, nem os ſacrificios, que offereceo, como o meſmo Toſtado com muitos, e o doutiſſimo Marquez advertiraõ. Chegou o tempo de partir o pôvo das faldas de Sinai, deſpediraõ-ſe ſogro, e genro, e cada hum buſcou o ſeu caminho: intentou Moyſés que o acompanhaſſe ſeu cunhado Hobab, que tinha vindo com Jetro, para o que lhe prometteo repartir com elle os deſpojos da terra de Promiſſaõ, e dar-lhe a melhor parte della;

mas elle temeroso dos perigos do caminho, naõ quiz acompanhar o cunhado, o qual ainda persistio em rogallo, dizendo-lhes que era necessario ao pôvo para lhes ensinar o caminho, como pratico naquellas montanhas, e ermos; mas o texto naõ diz que elle assentisse, antes dá a entender que se foi, no capitulo 18 do Exodo num. 27. Todas estas instancias fez Moysés ao cunhado para o livrar do Paiz de Idolatras, em que habitava, e em que certamente havia seguir a idolatria; porque para guia do caminho estava certo o Anjo na columna de nuvem, e fogo. Chegou Moysés com o pôvo a outra parte do deserto chamada Haserot, onde *seus irmaõs* Aaraõ, e Maria murmuraraõ delle por ser casado com Sefora Etiopissa. A causa desta murmuraçaõ no texto está taõ obscura, que diz Marques mais a adivinhaõ do que explicaõ os Interpretes; dizem huns murmuraraõ, porque era morena, e Philo affirma, que era muito formosa; outros que por se ter casado com gentia sendo da Tribu de Levi, que era o mais nobre, huns que fora porque naõ communicava a mulher, para communicar no Tabernaculo com Deos, o que elles attribuiaõ a desprezo que della fazia; *outros* que fora por julgarem que a separaçaõ da mulher, e communicaçaõ continua com Deos, era paraque elles o naõ podessem communicar. Moysés naõ fez caso da murmuraçaõ, mas Deos os mandou sahir do Tabernaculo; e depois de huma horrorosissima reprehensaõ, que lhes deo o Anjo, Maria se cobrio de lepra com tal excesso que em poucos instantes tinha ja metade da carne do corpo comida. Era esta lepra castigo especial de Deos naquelle tempo, e para aquelle pôvo, e pertencia aos Sacerdotes a cura com muitos ritos, e era totalmente diversa da que sempre houve, e há, ainda que menos depois do uso do azeite, que entre milhoẽs de males, que fez aos homens, só este bem receberaõ delle: Aaraõ naõ teve lepra por ser Pontifice. Muito tenho que dizer-vos neste caso, e cousas de muito gosto na Conferencia seguinte.

FIM DA QUINQUAGESIMA PRIMEIRA PARTE.

LISBOA: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. [illegible]. Com todas as licenças *necessar.*

ACADEMIA
DOS
HUMILDES,
E
IGNORANTES.

CONFERENCIA LII.

HA' muito tempo (disse o Soldado) que desejais ouvir as ultimas acções do Senhor Rey D. Affonso VI., e do seu Reinado, e eu satisfazer ao vosso dezejo, resumindo quanto for possivel o muito que excellentemente escreveo nesta materia o Conde da Ericeira. No principio do anno de 1666 passou o Rey com a Côrte a Salvaterra, aonde o Embaixador de Inglaterra, que assistia em Madrid, foi propôr o ajuste da paz, que naõ teve effeito pela arrogancia, com que os Castelhanos, depois de tantas vezes vencidos, diziaõ havia ser o ajuste de Reyno a Reyno, e naõ de Rey a Rey; temeridade, de que sedo se arrependeraõ. No mesmo tempo chegou de França o Abbade de S. Romen com carta do Marichal de Turena, pelo qual o grande Rey Luiz XIV. nos dizia ajustassemos a paz como melhor nos fosse ventajoso o ajuste, porque aliàs elle estava prompto para nos dar todo o soccorro de dinheiro, e gente; fineza eternamente memoravel. Neste tempo se aggravou a hydropisia da Rainha D. Luiza; e conhecendo os Medicos o pouco tempo, que podia ter de vida, fez testamento: pela maõ do seu Secretario Melchior do Rego de Andrade mandou escrever ao Rey, e ao Infante dando-lhe conta do estado, em que ficava, e dezejo que tinha de os vêr antes de acabar a vida. O

Rey lhe refpondeo pelo Mordomo mór,e o Infante po
maó de Vafconcellos feu gentil-homem. Ouvio lêr an
as refpoftas,e no Sabbado 17 de Fevereiro, dizendo-fe
vinhaó feus filhos, ainda teve acordo para nomear o C
de de Santa Cruz para efperallos;e fruftrando-fe-lhe e
fto,porque o Rey caminhava com mais vagar do que e
fo pedia,lançou a bençaó para aquella parte por onde
haviaó de entrar na camera , e dizendo pedia a todos
lhe perdoaffem, lhe faltou a voz,e nefte tempo dando
horas,entrou o Rey,e o Infante com os dous irmãos C
de de Caftello melhor, e Simaó de Vafconcellos, e po
de joelhos lhe pediraó a bençaó os filhos, fó lha pôde
com a ternura dos olhos , e tirando-lhe a maó, que ef
coberta,D.Ifabel de Caftro,lha beijaraó,e fahiraó;e a I
nha,paffada huma hora,expirou,e com as mefmas cere
nias, e acompanhamento, que referimos na morte do I
D. Joaó IV. feu marido,foi conduzida,e fepultada no C
vento de Corpus Chrifti dos Religiofos Carmelitas def
ços na rua dos Torneiros, fundaçaó fua, como já ouvif
Naceo em S.Lucar de Barrameda a 13 de Outubro de 16
cafou com o Rey D. Joaó IV.,fendo Duque de Bragan
em 12 de Janeiro de 1633 , chamou-fe D. Luiza Franc
de Gufmaó, feus pays foraó D. Manoel de Gufmaó , e
Joanna de Sandoval, Duques de Medina Sidonia , de
regia , e efclarecida antiquiffima afcendencia vos darei
ticia nas vidas dos Reys de Hefpanha,entre cujas Rain
efta foi,e ferá fempre a mais celebrada pelas virtudes,e
lentos de que ja tendes noticia nas acções do feu gover
e vida. Com a falta della augmentou o Rey os defcon
tos da fua,e crefceraó as defattenções ao Infante,negan
lhe para gentis-homens os Fidalgos benemeritos que e
lhia. Chegou o dia trinta e hum de Julho,e nelle a Rai
á Berlenga depois de trinta dias de viagem enfadonha;
creveo logo ao Rey, que logo mandou a refpofta em h
barco do alto por Joaó da Caftanheira,Contador mór

co

contos: pouco depois chegou com outra carta Domingos Ferreira Laboraõ,moço da guardaroupa do Rey,que tinha paſſado a França, que logo voltou com a reſpoſta, e hum grande refreſco. A dous de Agoſto dia da Porciuncula entrou no rio de Lisboa a Armada Franceza,e deo fundo defronte da praya da Junqueira;foraõ grandes,e repetidas as ſalvas das torres,e navios,e logo chegou a bordo o Conde de Caſtello melhor com ſua mãy,a quem o Rey tinha nomeado Camareira mór da Rainha,que os recebeo com ſummo agrado:voltou logo o Conde ao Paço a buſcar o Rey, mas achou que Henrique Henriques com a maior deſtreza, e eloquencia o naõ podera naquelle tempo vencer,e vendo que ſe gaſtavaõ inutilmente as horas, o levou a Santo Antonio dos Capuchos em huma liteira com o disfarce de que hia ganhar o jubileo da Porciuncula,para evitar a murmuraçaõ de toda a Côrte, que o eſperava com luzidas galas. Hia-ſe acabando o dia, e creſcendo na Côrte o eſpanto:voltou o Rey para o Paço, e applicou o Conde de Caſtello-melhor,e Henrique Henriques taõ efficazes diligencias,que venceraõ o perigo eminente, em que ſe achavaõ, de ſe manifeſtar naquelle dia ao mundo a incapacidade do Rey para o eſtado do matrimonio. Sahio elle do Paço pelas ſeis horas da tarde, acompanhado do Infante cuſtoſamente veſtidos, embarcaraõ na Ribeira das náos em hum notavel bergantim com os Conſelheiros de Eſtado, ſeguia o outro do Infante de igual cuſto, hum do Védor da Fazenda,Marquez de Niza, que procedeo no mar a todos os officiaes da caſa por ſer da repartiçaõ dos Armazens,outro do Provedor deſtes,e mais outros dez quaſi todos com clarins,e timbales,embarcaraõ baſtantes Fidalgos,mais por curioſidade,que por ordem, e todos, os que o Secretario naõ chamou,foraõ em carroças eſperar a Rainha na ponte,que ſe fabricou na praya da Junqueira para o ſeu deſembarque. Chegou o bergantim do Rey á Capitania da Armada,em que eſtava a Rainha, abateo ella a bandeira, diſparou toda

a artilharia, e o mesmo todos os navios da sua conserva; desceo o Marquez de Sande a beijar a maõ ao Rey, e ao Infante, seguio-se o Bispo de Laon a significar-lhe a honra, que elle, e a sua casa recebia naquella funçaõ, e subio o Rey, e o Infante por huma escada larga excellente, e no primeiro degráo della estava o Marquez de Rouvigni, General da Armada, a quem o Rey (sendo interpetre o Marquez de Sande) agradeceo as finezas, que tinha obrado assim no ajuste do casamento, como na conducçaõ da Rainha; estava ella na porta da Camera, até onde se via formada desde o portaló a Infantaria Franceza, e a companhia *do Conde* de Mare. Entrou o Rey, e o Infante na Camera, e na primeira vista mostraraõ os Reys no sobresalto, que manifestaraõ nos semblantes, os funestos infortunios daquellas apparencias de matrimonio, estado para que certamente impossibilitou o Rey huma febre maligna, que padeceo em idade tenra, e lhe deixou toda a parte esquerda do corpo offendida. Na porta da Camera, aonde a Rainha veyo buscar o Rey, foi o cortejo breve explicado pelo Marquez de Sande, como tambem o que a Rainha discretam*ente disse*: chegou a beijar-lhe a maõ o Infante, e naõ consentio que ajoelhasse: fizeraõ a mesma ceremonia os Conselheiros, e mais Fidalgos, e sahio logo o Rey da Camera com a Rainha, embarcaraõ os Reys com o Infante, e Madama de Puy, e Marqueza Camereira mór, que de França viera com esse cargo; o Bispo Duque de Laon naõ desembarcou nesse dia por estar indisposto: repetiraõ-se as salvas dos navios, e torres, chegou o bergantim á ponte da Junqueira, e os mesmos, que vinhaõ nelle, entraraõ na carroça, que acompanhada das outras caminhou até a Igreja das Religio*sas* Flamengas, Recoletas de S. Francisco, Convento unido á quinta do Rey em Alcantara, onde os Reys se haviaõ dilatar em quanto se preparava a sua entrada em Lisboa. Esperavaõ a Rainha na Igreja as Damas, Meninas, Guarda ma*yor, e Don*as de Honor; era já noite fechada quando chega-

raõ,

raõ, deo-lhes as bençãos o Bifpo de Targa, eleito de Lamego, Capellaõ mór: paffaraõ logo o breve efpaço até a quinta na carroça, acompanhou o Infante os Reys até a porta da fegunda antecamera, e recolheo-fe para a quinta de Luiz Cefar de Menezes, que eftava preparada para a fua affiftencia. O Rey, depois de poucas palavras, deixou a Rainha no feu quarto, e paffou (diz o Conde da Ericeira) a outro, em que o efperavaõ os feus continuos affiftentes, com os quaes defabafou a afflicçaõ, e ancia, que havia padecido o tempo que durou a funçaõ daquelle dia: e chegadas as horas, em que devia voltar para o quarto da Rainha, naõ houve diligencia, nem perfuafaõ alguma, que o obrigaffe, tomando varios pretextos de indifpofições, que acabaraõ de deftruir todas as mal fundadas efperanças, que a fua familia domeftica podia ter da fua fucceffaõ. Poucos dias depois deo o Rey audiencia ao Bifpo Duque, e ao Marquez de Rouvigni, que tambem a tiveraõ do Infante. Partio a Armada de França, e nella com o Bifpo, e Marquez, Madama de Puy, todos grandemente prendados de joyas pelo Rey. A 29 de Agofto foi a entrada em Lisboa; déraõ principio a ella os Procuradores do Senado com os miniftros da fua jurifdicçaõ; feguiaõ-fe os Porteiros do Rey com as maças aos hombros, logo os Reys de Armas Arautos, e Paffavantes com as cotas, e cadeas de ouro, a eftes os Corregedores do Crime da Côrte com granachas forradas de tela branca, os Juizes do Crime, e mais Juftiças, logo todas as liteiras, e carroças com os Titulos, e mais Nobreza fem precedencia até o coche do Eftribeiro mór do Rey, a que feguiaõ os de refpeito do Infante, da Rainha, e do Rey: a carroça dos Principes era a ultima, hia o Rey fentado á maõ direita da Rainha, o Infante na cadeira de diante, e no eftribo da parte efquerda a Marqueza Camereira mór, naõ levava o coche tegadilho, e reparava o Sol hum chapeo de damafco carmefim, guarnecido de ouro, que em hum varaõ dourado fuftentava hum moço da Camera, de

Torre

forte que de todas as janellas foi vifta a Rainha com admiraçaõ, e laftima por ferem já notorios em toda a Côrte os eclypfes que padecia a fua formofura: feguiaõ-fe as carroças das Damas, Meninas, e Donas, Guarda real, e moços da eftribeira. As galas de todos os do acompanhamento naõ devem encarecer-fe aos que fabem o que gaftaõ os Portuguezes para moftrarem o que amaõ aos feus Principes. Eftavaõ fabricados com admiravel arquitectura, e cufto defafeis arcos á cufta das nações eftranhas, e Mifteres dos officios em diverfas, e proporcionadas diftancias, o primeiro era na porta de Santa Catharina, e perto delle o theatro, onde eftava o Senado de Lisboa; parou a carroça dos Reys, diffe a oraçaõ o Vereador mais velho, entregou o Prefidente ao Rey as chaves da cidade, e elle as mandou entregar á Rainha, que as aceitou, e tornou a dar ao Prefidente, dahi a pouca diftancia eftava o Marquez de Marialva, Governador das Armas de Lisboa, e Extremadura, o Conde da Torre, Meftre de Campo General com os Officiaes fubalternos, e começava em duas alas a Infantaria até a Sé, ficando no terreiro do Paço o réfto dos Terços, e a Cavallaria. Entraraõ os Principes na Sé, que eftava excellentemente armada, cantou-fe o Hymno *Te Deum*, e recolheraõ-fe ao Paço. A Rainha moftrou juftamente o gofto, e fatisfaçaõ, que recebera nefta plaufivel entrada. O Infante no dia feguinte fahio da Côrte para a fua quinta de Quéluz duas leguas fóra da cidade, refoluçaõ, que tomara em Alcantara obrigado das defattenções, com que fe lhe negaraõ os gentis-homens, e defacordo com que o irmaõ do Conde de Caftello melhor Simaõ de Vafconcellos fe retirou do feu ferviço por lhe dizer o Infante advertiffe a feu irmaõ os defcuidos, que tinha nos feus negocios. A Rainha adoeceo de pena: correraõ-fe canas, houve Torneos, e Juftas, Touros, e outras feftas com luminarias, e fogos nas vefperas de todas. Toda efta alegria elutaraõ as novas defattenções, que padeceo o Infante, o qual determinou hir para o exercito occupar o

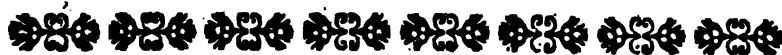
pofto

posto de Condestavel, e Capitaõ General, em que o nomeara a Rainha sua mãy.:, déraõ em huma noite tres tiros de bacamarte na carroça em que hiaõ os dous irmãos Condes da Ericeira, dos quaes D. Luiz de Menezes estivera prezo no Paço por vêr a casa de armas do Infante; o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo faltou ao respeito da Rainha, levantando a voz na sua presença, e pegando-lhe na roupa, paraque lhe ouvisse o que o seu descordo lhe dictava, crime, a que se naõ deo a satisfaçaõ competente. Dobraraõ-se as guardas no Paço sem dar parte ao Infante, a quem avizaraõ de que trazia a vida em perigo; pedio elle satisfaçaõ deste facto, e que sahisse da Côrte o Conde de Castello melhor; o que depois de muitos, e graves disgostos por intervençaõ da Rainha, e sem o menor pezar do Rey, se conseguio, sahindo o Conde voluntariamente com seguro de vida do Infante. Mas quando com esta mudança julgavaõ acabaria a discordia, como o Rey padecia grave lesaõ no juizo, de sorte se ateou a paixaõ, e odio, e cresceraõ as desordens no governo, fomentando a guerra civil occultamente os Castelhanos prezos no Limoeiro, e Castello de Lisboa, que a Rainha se retirou para o Convento da Esperança no dia 21 de Novembro de 1667, vendo que nem as instancias do Infante, nem outra alguma diligencia movia o Rey, e os seus adjuntos a castigar Antonio de Macedo, e evitar as desordens continuas contra o seu decoro, e bem do Reyno. Apenas entrou na clausura escreveo ao Rey a seguinte carta: *Deixei a casa, e patria, e os parentes, e vendi minha fazenda para vir acompanhar a V. Magestade com desejo de o fazer á sua satisfaçaõ, e tenho sentido muito a desgraça de o naõ poder conseguir, por mais que o procurei e obrigada da minha consciencia me resolvi em tornar para França nos navios de guerra, que aqui chegaraõ. Peço a V. Magestade me faça mercê de dar-me licença para isso, e de me mandar entregar o meu dote, pois V. Magestade sabe muito bem que naõ estou casada com elle: e espero da grandeza de V. Magestade me mande fazer as-*

sim

ſim entrega do meu dote, como tambem o favor, que merece huma Princeza extrangeira, e deſamparada neſtes Reynos, e que veyo buſcar a V. Mageſtade de parte taõ diſtante. O Rey intentou violar a clauſura do Convento com machados, o que impedio o Infante, a quem a Rainha communicou no dia ſeguinte com licença do Rey na grade a cauſa da ſua reſoluçaõ, e o meſmo fez aos Conſelheiros de Eſtado, e Titulos, e logo expôs em Juizo a cauſa do divorcio eſcrevendo neſta fórma ao Cabido de Lisboa: *Apartei-me da companhia de S. Mageſtade, que Deos guarde, por naõ haver tido effeito o matrimonio, em que nos concertamos, e por naõ poder ſoffrer mais tempo os eſcrupulos de minha conſciencia que me fez diſſimular ate agora o amor, que tenho, e me merecem eſtes Reynos. Eſpero que S. Mageſtade como melhor teſtimunha da minha razaõ, a declare para me recolher brevemente a França ſem embaraço da minha peſſoa: e rogo ao Cabido da Santa Sé deſta cidade, a quem por ſeus Miniſtros toca ſer Juiz deſta cauſa, a queiraõ mandar abbreviar quanto ſor poſſivel, favorecendo em tudo, o que for juſto a huma extrangeira maguada da diſgraça de naõ poder viver na terra, que veyo de taõ longe buſcar com tanto goſto &c. Maria Franciſca Iſabel de Saboya.* Reſpondeo o Cabido como devia: a Rainha mandou logo dar conta da ſua reſoluçaõ a França; os Conſelheiros de Eſtado, Nobreza, e pôvo rogaraõ muitas vezes ao Rey quizeſſe deixar ao Infante o governo do Reyno (que por inſtantes ſe perdia na ſua maõ) ficando elle em tudo o mais Rey. E vendo-ſe fruſtradas todas as diligencias, e cada inſtante mais proximas as ruinas, acompanhado dos meſmos, que tinhaõ feito as inſtancias, entrou no Paço o Infante na quarta feira vinte e tres de Novembro de 1667, fizeraõ os Conſelheiros de Eſtado ao Rey nova ſupplica; e vendo-ſe que naõ cedia, o Infante fechou a porta da Camera, ſeguraraõ-ſe as outras, fez voluntariamente ceſſaõ do Reyno por eſcripto, reſervando tudo o que foi ſervido, como melhor vos contarei logo.

FIM DA QUINQUAGESIMA SEGUNDA PARTE

LISBOA. Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. 1760. Com todas as licenças neceſſ.

INDEX

DE TUDO O MAIS NOTAVEL, que se contêm neste terceiro Tomo das Academías.

O primeiro numero denota a Conferencia, e o segundo a pagina.

A

Ali-

D. Ber-

Casa-

D

E

Esteios.

Fibras.

G

H

L

Livros.

M

Modul.

N

O

Pedro

Pre-

Q

R

S

T

U

Valeu-

FIM.

X

Z